

THE NEW YORK TIMES BESTSELLER

FREDRIK
BACKMAN

OS
VENCEDORES

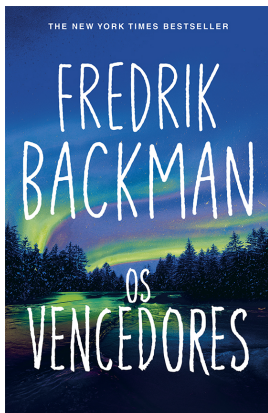
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

THE NEW YORK TIMES BESTSELLER

FREDRIK
BACKMAN

OS
VENCEDORES





© Linnéa Jonasson Bernholm

FREDRIK BACKMAN nasceu em 1981, na Suécia. Foi colunista e *blogger* antes de se aventurar como romancista. Estreou-se em 2012 com o fenómeno mundial *Um Homem Chamado Ove*. Bem-humorados, comoventes e astutos, os romances de Fredrik Backman são uma odisséia pelas vidas de homens e mulheres comuns. Escreveu até agora sete romances, duas novelas e um livro de não ficção sobre paternidade. Os seus livros já venderam mais de 19 milhões de exemplares e estão traduzidos em 46 línguas. Contam também com várias adaptações ao grande e pequeno ecrã, entre elas *Um Homem Chamado Ove*, *Beartown* e *Gente Ansiosa*.

Os Vencedores encerra com chave de ouro a trilogia «Beartown».

Os vencedores

Fredrik Backman

Publicado em Portugal por

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Lisboa

Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Vinnarna

© Fredrik Backman, 2021

Published by agreement with Salomonsson Agency

Tradução: Elsa T. S. Vieira

Design da capa: James Iacobelli

Imagens da capa: © Shutterstock.com; DEEPOL by plainpicture/Adam
Woodworth;

Stock.Adobe.com

1.^a edição em papel: maio de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-69271-9

*Para vocês, os que falam de mais e cantam demasiado alto e
choram muitas vezes e amam algo na vida mais do que
deviam.*

1

Histórias

Todos os que conheciam Benjamin Ovich, em especial aqueles que o conheciam bem o suficiente para o tratar por Benji, provavelmente sempre souberam, no fundo, que ele não era o tipo de pessoa que teria um final feliz.

Obviamente não era isso que nos tirava a esperança. Meu Deus, tínhamos tanta esperança! Os sonhos ingênuos são a última linha de defesa do amor, e por isso convencemo-nos sempre, de uma maneira ou de outra, que aqueles que amamos nunca serão vítimas de tragédias terríveis, que os nossos conseguirão escapar ao destino. Por eles, sonhamos com a vida eterna, desejamos ter superpoderes e tentamos construir máquinas do tempo. Temos esperança. Meu Deus, temos tanta esperança.

Mas a verdade é que as histórias sobre rapazes como Benji quase nunca acabam com eles a chegarem a velhos. São rapazes que não têm histórias longas e que não morrem tranquilamente em lares de terceira idade com as cabeças pousadas em almofadas fofas.

Os rapazes como Benji morrem jovens. Morrem de forma violenta.

2

Tempestades

«Não compliques.» É um conselho frequente no hóquei, assim como na vida. Nunca complicar as coisas mais do que elas já são, não pensar demasiado, de preferência não pensar de todo. Talvez isto deva aplicar-se também a histórias como esta, que não devia levar muito tempo a contar – começa agora mesmo e acaba em menos de duas semanas; afinal, o que pode acontecer em duas cidades de hóquei em tão pouco tempo? Não muito, com certeza.

*

Apenas tudo.

*

O problema, tanto no hóquei como na vida, é que os momentos simples são raros. Todos os outros são uma luta. Esta história não começa hoje: já se prolonga há dois anos, porque foi nessa altura que Maya Andersson se mudou. Saiu de Björnstad e passou por Hed na sua viagem em direção a sul. Essas duas comunidades na floresta ficam tão perto uma da outra, e tão longe de tudo o resto, que deixá-las é quase como emigrar. Um dia, Maya cantará que as pessoas que crescem assim tão perto de vastos ermos desolados talvez achem mais fácil aceder à desolação que há dentro de si, o que será porventura um exagero e, ao mesmo tempo, fica aquém da verdade, como quase tudo aquilo que se diz sobre nós. Porém, se vierem para estes lados e se perderem, e entrarem no bar Urso Pardo, e não levarem uma bofetada por serem estúpidos ao ponto de perguntar a Ramona quantos anos tem, ou por lhe pedirem uma rodela de limão com a bebida, talvez ela, de trás do balcão, vos diga algo importante: «Aqui, na floresta, as

peessoas dependem mais umas das outras do que nas cidades grandes. Aqui as pessoas estão presas umas às outras, quer gostem quer não, de tal maneira que, se um desgraçado se virar depressa de mais enquanto dorme, outro desgraçado qualquer fica sem mantas do lado oposto do distrito.»

Querem compreender este lugar? Então têm de compreender as suas ligações, a forma como tudo e todos estão ligados a tudo e todos por fios invisíveis de relações e lealdades e dívidas: o rinque de gelo e a fábrica, a equipa de hóquei e os políticos, a posição na liga e o dinheiro, o desporto e as oportunidades de emprego, os amigos de infância e os companheiros de equipa, os vizinhos e os colegas e as famílias. Isso fez com que as pessoas por aqui se unissem e sobrevivessem, mas fez-nos também cometer crimes terríveis, uns contra os outros. Ramona não vos dirá tudo, ninguém o fará, mas, se querem compreender, compreender mesmo... então precisam de saber o que nos trouxe até aqui.

Num inverno, há dois anos e meio, Maya foi violada numa festa por Kevin Erdahl. O melhor jogador de hóquei destas partes até esse momento. Hoje em dia já ninguém usa a palavra «violação», claro está; fala-se do «escândalo» ou «daquilo que aconteceu» ou de «enfim, tu sabes...». Mas todos têm vergonha, ninguém consegue esquecer. A sequência de acontecimentos que teve início nessa festa acabaria por afetar decisões políticas, e o dinheiro foi transferido de uma cidade para outra. Isso, por sua vez, levou a uma primavera e um verão de traições terríveis, a que se seguiu um outono e um inverno de violência. Começou com uma luta no rinque de gelo e quase terminou com uma guerra nas ruas: os homens de blusões pretos (que a polícia chama «*hooligans*», mas que toda a gente em Björnstad conhece apenas como «a Matilha») atacaram os seus inimigos em Hed, e os homens de Hed, como represália, incendiaram o Urso Pardo. Em busca de vingança, a Matilha perdeu um jovem que amava acima de tudo o resto, chamado Vidar, num acidente de viação. Foi o culminar de tudo, a consequência final de anos de agressões, e depois disso

ninguém aguentava mais. Vidar foi sepultado, dois homens de Hed acabaram na prisão e declarou-se uma trégua, não só entre os *hooligans* mas também entre as cidades. A trégua tem sido respeitada, de uma maneira geral, mas parece mais frágil a cada dia que passa.

Kevin e a sua família mudaram-se para longe daqui, nunca mais voltarão, ninguém o permitiria. Toda a cidade de Björnstad fez os possíveis por apagar quaisquer memórias de Kevin, o que se tornou muito mais fácil depois de Maya também fazer as malas, mesmo que ninguém o admita. Maya mudou-se para a capital, foi estudar para a Escola Superior de Música e tornou-se quase uma pessoa diferente, e assim todos os que ficaram para trás puderam falar cada vez menos do «escândalo», até que foi quase como se nunca tivesse acontecido.

Benji Ovich, outrora o melhor amigo de Kevin, fez também as malas. Uma mala, muito mais pequena do que a de Maya – ela partiu para outro lado, enquanto ele simplesmente partiu. Ela procurou respostas na luz e ele, na escuridão; ela, na arte e ele, no fundo de uma garrafa. Nenhum dos dois terá sido de todo bem-sucedido.

No sítio que deixaram para trás, o Hóquei de Björnstad estava à beira do colapso. Numa cidade que sempre sonhara com o impossível, já quase ninguém se atrevia a sonhar fosse o que fosse. Peter Andersson, o pai de Maya, demitiu-se do cargo de diretor-geral do clube e abandonou completamente o hóquei. Os patrocinadores fugiram e o conselho municipal chegou mesmo a discutir a possibilidade de acabar com o clube de vez e deixar o clube homónimo de Hed ficar com todos os recursos e subsídios. Na verdade, o clube de Björnstad foi salvo à última hora por dinheiro de fora e obstinados homens de negócios locais. Os novos proprietários da fábrica viram o apoio ao clube como uma forma de serem aceites pela comunidade, e um político otimista, chamado Richard Theo, viu nisso uma oportunidade de ganhar votos, e entre eles conseguiram reunir capital suficiente, mesmo a tempo de impedir a morte do clube. Em simultâneo, os antigos membros da direção foram substituídos, houve reuniões sobre a «marca» do clube e em breve estavam em

condições de apresentar orgulhosamente todo um novo «sistema de valores». Distribuíram-se brochuras com a mensagem adúladora: «Ser patrocinador do Hóquei de Björnstad não é apenas fácil, é também a coisa certa a fazer!» E, contra todas as probabilidades, as coisas acabaram mesmo por dar a volta, primeiro no gelo, depois fora do rinque. A treinadora de Björnstad, Elisabeth Zackell, candidatou-se a um emprego num clube maior, mas não o conseguiu – o lugar foi para o treinador do Hóquei de Hed, que assim deixou a floresta e levou consigo vários dos melhores jogadores de Hed. De súbito, o Hóquei de Hed viu-se sem treinador e não tardou a encontrar-se na mesma trincheira de maquinações e lutas de poder em que todos os clubes nessa situação parecem acabar. Entretanto, Zackell construiu uma nova equipa em Björnstad, nomeou um jovem chamado Bobo como treinador assistente e reuniu um bando de jogadores, encabeçado por um miúdo de dezasseis anos chamado Amat. Amat tem agora dezoito e é, sem qualquer dúvida, a maior estrela de todo o distrito, um talento tal que, no inverno passado, corriam boatos de que seria recrutado pela NHL e iria jogar como profissional na América do Norte. Dominou todos os jogos ao longo da última época até se lesionar, na primavera, e, se isso não tivesse acontecido, a cidade inteira estava convencida de que a equipa de Björnstad teria vencido o campeonato e sido promovida a uma liga mais elevada. E se Hed não tivesse conseguido recuperar alguns pontinhos miraculosos nos últimos jogos, teriam ficado em último e sido relegados para a divisão inferior.

Assim, o que parecia tão absolutamente improvável quando Maya e Benji deixaram a cidade parece agora, dois anos mais tarde, apenas uma questão de tempo: a cidade verde está em trajetória ascendente e a cidade vermelha no sentido oposto. Todos os meses, parece que Björnstad tem mais patrocinadores e Hed tem menos; o rinque de Björnstad foi renovado enquanto o telhado do rinque de Hed está prestes a desabar. Os maiores empregadores de Björnstad, a fábrica e o supermercado, estão de novo a publicar anúncios para contratar

peçoal. O maior empregador de Hed, o hospital, tem de reduzir funcionários todos os anos. Agora é Björnstad que tem dinheiro, é aqui que estão os empregos, somos nós os vencedores.

Querem compreender? Então têm de perceber que isto não tem a ver apenas com topografia. Vistas de cima, provavelmente parecemos apenas duas cidadezinhas vulgares na floresta, pouco mais do que aldeias, aos olhos de certas pessoas. A única coisa que realmente separa Björnstad de Hed é uma estrada serpenteante pelo meio das árvores. Nem sequer parece muito longa, mas se tentassem percorrê-la com vento de frente, quando as temperaturas estão abaixo de zero – e, por aqui, não há outros ventos nem outras temperaturas –, depressa perceberiam que é uma caminhada difícil. Nós odiamos Hed, e Hed odeia-nos a nós. Se ganharmos todos os outros jogos de hóquei da época mas perdermos um único jogo contra eles, parece-nos uma época perdida. Não basta que as coisas nos corram bem a nós, têm também de lhes correr mal a eles, e só assim seremos realmente felizes. Björnstad joga de equipamento verde, com o desenho de um urso, e Hed de equipamento vermelho, com o desenho de um touro, o que parece simples; porém, as cores tornam impossível perceber onde acabam os problemas do hóquei e começam os outros problemas todos. Não há uma única cerca pintada de vermelho em Björnstad, nem uma cerca pintada de verde em Hed, quer os proprietários das casas liguem ou não ao hóquei, pelo que ninguém sabe se os clubes de hóquei foram buscar as suas cores às cercas das casas ou vice-versa. Se foi o ódio que deu origem aos clubes, ou os clubes que deram origem ao ódio. Querem compreender as cidades de hóquei? Então têm de perceber que, aqui, o desporto tem a ver com muito mais do que um jogo.

Mas, se querem compreender as pessoas, compreendê-las realmente, então têm também de perceber que, muito em breve, um terrível desastre natural destruirá coisas que amamos. Porque, apesar de vivermos numa cidade de hóquei, em primeiro lugar e acima de tudo somos gente da floresta. Estamos cercados de árvores e rochas e

terra, numa região que viu espécies aparecerem e serem dizimadas ao longo de milhares de anos. Podemos fingir que somos grandes e fortes, mas não conseguimos lutar contra o meio ambiente. Aqui, um belo dia, o vento começa a soprar e durante a noite seguinte parece que nunca mais deixará de soprar.

Em breve, Maya cantará canções sobre nós, os que estamos próximos da desolação, por dentro e por fora. Ela cantará que o sítio onde cresceu se define pelas tragédias, as que nos atingem e as que nós, culpados, instigamos. Cantará sobre este outono, quando a floresta se virou contra nós com toda a força. Cantará que todas as comunidades são a soma das suas escolhas e que tudo o que nos une, no fundo, são as nossas histórias. Ela cantará:

Começou com uma tempestade.

É a pior tempestade das últimas décadas por estes lados. Se calhar dizemos o mesmo de todas as tempestades, mas esta não tem de facto comparação. Dizia-se que a neve talvez chegasse mais tarde este ano, mas que os ventos chegaram cedo. Agosto termina com um calor abafado e agoirente, antes de o outono entrar de rompante no final do mês e a temperatura desabar, em queda livre. O mundo natural à nossa volta torna-se errático e agressivo; os cães e os caçadores são os primeiros a dar conta disso, mas não tarda que toda a gente sinta o mesmo. Reparamos nos sinais de aviso, mas, mesmo assim, a tempestade chega com tal força que nos deixa sem fôlego. Arrasa com a floresta e encobre o céu, ataca as nossas casas e as nossas cidades como um homem a espancar uma criança. Os troncos de árvores antigas são derrubados – árvores que sempre estiveram de pé, imóveis como rochas, de súbito são como folhas de erva debaixo dos pés de alguém; o vento ruge tão alto aos nossos ouvidos que as pessoas só veem as árvores cair, sem chegar a ouvir o estrondo. Entre os edifícios, painéis dos telhados e telhas são arrancados e arremessados pelos ares, projéteis cortantes como lâminas à caça de pessoas que só

querem chegar a casa. A floresta tomba sobre as estradas até que é tão impossível cá chegar como sair, os cortes de energia que se seguem deixam as cidades cegas durante a noite, e os telemóveis funcionam apenas de forma intermitente. Qualquer pessoa que consegue contactar os seus entes queridos grita a mesma coisa ao telefone: «Não saiam de casa, não saiam de casa!»

Porém um homem jovem de Björnstad, em pânico, conduz o seu pequeno automóvel pelas estradas estreitas, tentando chegar ao hospital em Hed. Não queria sair de casa, mas também não pode lá ficar; ao seu lado, leva a mulher grávida, e a hora chegou, haja ou não haja tempestade. Reza a Deus como fazem os ateus nas trincheiras durante a guerra, e ela grita quando a árvore tomba implacavelmente sobre o capô e o metal se amolga com tamanha violência que ela é projetada contra o para-brisas. Ninguém os ouve.

3

Bombeiros

Querem compreender as pessoas que vivem em duas cidades de hóquei? Compreendê-las mesmo? Então precisam de conhecer o pior de que elas são capazes.

*

O vento não assobia dentro daquela habitação nos arredores de Hed: uiva. As paredes estão abauladas para fora, o chão vibra, as camisolas e galhardetes vermelhos do Hóquei de Hed pendurados nas paredes abanam. Em retrospectiva, as quatro crianças que lá vivem dirão que o universo parecia tentar matá-las. Tess é a mais velha, com dezassete anos, seguida por Tobias, de quinze, Ted, de treze, e Ture, com sete. Estão assustados, como qualquer criança estaria, mas estão também acordados e preparados, porque não são bem iguais às outras crianças. A mãe é parteira, o pai é bombeiro, e por vezes até parece que a família só funciona realmente como deve ser em ocasiões de crise. Assim que perceberam o que estava a acontecer, os miúdos foram para o jardim e recolheram as mobílias do pátio, os baloiços e a parede de escalada, para que os objetos soltos não fossem arremessados contra as janelas quando o vento os apanhasse. O pai, Johnny, saiu a correr para ir ajudar uns vizinhos ao fundo da rua. A mãe, Hannah, ligou a todas as pessoas que conheciam para perguntar se precisavam de alguma coisa. São muitos telefonemas, porque pareciam conhecer toda a gente, já que ambos haviam nascido e sido criados em Hed, e, tendo em conta que um trabalha no quartel dos bombeiros e o outro no hospital, não há ninguém que não saiba quem eles são. Esta é a sua comunidade; os filhos aprenderam a andar de bicicleta na mesma rua sem saída que eles, e estão a ser criados de acordo com princípios simples: amar a família, trabalhar arduamente,

ficarem felizes quando o Hóquei de Hed vence um jogo e ainda mais felizes quando o Hóquei de Björnstad sofre uma goleada. Ajudarem quem precisa de ajuda, serem bons vizinhos e nunca se esquecerem de onde vieram. Os pais não ensinam esta última parte aos filhos com palavras e sim pelo seu exemplo. Ensinam-lhes que podem discutir por tudo e por nada, mas que nas alturas verdadeiramente importantes têm de se unir, porque ninguém tem hipóteses sozinho.

A tempestade do lado de fora da janela interrompeu uma borrasca de outra espécie do lado de dentro: os pais estavam a ter mais uma das suas discussões, uma das piores. Hannah é uma mulher pequena e delgada e está agora de pé junto da janela da cozinha, a morder as bochechas e a esfregar as nódoas negras. Casou-se com um idiota. Johnny é alto e de ombros largos, com barba cerrada e punhos pesados. Quando jogava hóquei, era conhecido por ser o primeiro a tirar as luvas e começar à pancada. O touro enfurecido no emblema do Hóquei de Hed podia muito bem ser uma caricatura dele. É ardente e teimoso, antiquado e preconceituoso, um daqueles típicos rapazes atrevidos de liceu que nunca crescem realmente. Jogou hóquei enquanto o deixaram e depois foi para bombeiro, trocando um balneário por outro, mas continuou a competir em tudo: quem consegue levantar mais peso, correr mais depressa pela floresta, beber mais cerveja no churrasco. Ela soube, desde o primeiro dia com ele, que aquilo que o tornava charmoso podia bem torná-lo perigoso um dia, que os maus perdedores ficam agressivos, que um temperamento apaixonado pode resvalar para a violência. «Rastilho comprido, mas muita pólvora, são os piores», como dizia o sogro dela. No corredor, Hannah tem uma jarra que em tempos se desfez em cem cacos e que ela voltou a colar cuidadosamente, para não se esquecer.

Johnny entra, vindo do pátio. Olha para ela de soslaio, para ver se ainda está zangada. As discussões terminam sempre assim, porque ela é casada com um idiota que nunca ouve, e por isso há sempre qualquer coisa que acaba partida.

Ela pensa muitas vezes em como é curioso que ele tente convencer

toda a gente de que é muito duro, quando, na realidade, é incrivelmente sensível e melindroso. Quando o Hóquei de Hed é derrotado, é como se a derrota fosse dele. Na primavera, quando o jornal local publicou: «O Hóquei de Björnstad representa o futuro, enquanto o Hóquei de Hed é um símbolo de tudo o que está desatualizado e obsoleto», Johnny levou-o muito a peito, como se tivessem referido que toda a sua vida e todos os seus valores estavam errados. O clube é a cidade, e a cidade é a família de Johnny – ele é inabalavelmente leal a esse ponto, o que traz ao de cima os seus traços mais extremos. Tenta sempre agir como um valente, nunca mostrar medo, ser sempre o primeiro a correr ao encontro do desastre.

Alguns anos antes, o país foi assolado por uma vaga de incêndios florestais terríveis. Nem Hed nem Björnstad foram diretamente afetadas, mas a situação esteve bastante complicada a pouco mais de duas horas dali. Johnny, Hannah e os filhos estavam de férias, as primeiras que tinham há muito tempo, e iam para sul a caminho de um parque aquático quando ouviram a notícia no rádio. A discussão começou antes mesmo de o telemóvel dele tocar, porque Hannah sabia que, assim que tocasse, o marido daria meia-volta. Os filhos iam em silêncio nos seus lugares na carrinha, porque já tinham assistido àquilo antes: a mesma discussão, os mesmos gritos, os mesmos punhos cerrados. Hannah casara-se com um idiota.

Enquanto Johnny esteve fora, a combater os incêndios florestais, as imagens na televisão iam piorando de dia para dia. Todas as noites, Hannah tinha de fingir não estar nada preocupada enquanto os filhos choravam até adormecer. E, todas as noites, ela desfazia-se também em lágrimas, sozinha, à janela da cozinha. Então, por fim, ele voltou para casa, depois do que foi apenas uma semana mas lhes pareceu umas cem, macilento e tão sujo que nunca conseguiu livrar-se completamente da sujidade na pele, ou assim parecia. Da cozinha, Hannah viu-o sair de um carro ao fundo da rua e percorrer o resto do caminho sozinho, com passo vacilante, como se fosse cair e desfazer-se em poeira a qualquer instante. Hannah correu para a porta da

cozinha, mas os filhos já o tinham visto. Voaram escadas abaixo, passaram por ela e saíram, a tropeçarem uns nos outros. Hannah ficou à janela e viu-os atirarem-se para os braços de Johnny, até estarem os quatro pendurados no seu corpo possante como macaquinhos: Tobias e Ted ao pescoço, Tess nas costas e o pequeno Ture agarrado a um dos braços. O pai vinha imundo, transpirado e exausto, mas, mesmo assim, levantou os quatro filhos e entrou em casa com eles como se não lhe pesassem nada. Nessa noite, dormiu num colchão no quarto de Ture e os outros acabaram por arrastar os seus próprios colchões também para lá, e só quatro noites depois é que Hannah o teve de volta. Só quatro noites depois conseguiu sentir os braços dele à sua volta, voltar a inspirar o cheiro dele através da camisola. Na última manhã, estava tão ciumenta dos próprios filhos, e tão irritada consigo própria, e tão cansada de tentar esconder os sentimentos, que atirou a maldita jarra ao chão.

Voltou a colá-la, pedacinho a pedacinho, e ninguém na família ousou dirigir-lhe a palavra até ela terminar. Depois o marido sentou-se ao lado dela no chão, como de costume, e murmurou: «Não estejas zangada comigo, não aguento quando estás zangada comigo.»

Quando Hannah conseguiu responder, foi com voz embargada. «Nem sequer era o teu incêndio, meu querido, nem sequer era AQUI!»

Ele inclinou-se para a frente com delicadeza e ela sentiu-lhe a respiração nas palmas das mãos quando ele as beijou. Depois disse: «Todos os incêndios são os meus incêndios.»

Como ela odiou e adorou aquele idiota por isso.

«O teu dever é voltar para casa. Esse é o teu único dever », recordou-lhe, e ele sorriu.

«Estou aqui, não estou?»

Ela bateu-lhe com todas as suas forças no ombro. Conheceu tantos idiotas que diziam a si mesmos ser o tipo de homem que é o primeiro a entrar num edifício em chamas para salvar as outras pessoas, mas o idiota dela é o tipo que o faz mesmo. Assim, têm a mesma discussão de cada vez que ele sai, porque, de todas as vezes, Hannah fica

igualmente furiosa consigo própria por estar tão assustada. Acaba sempre com ela a partir alguma coisa. Dessa primeira vez foi uma jarra, e hoje foram os nós dos seus próprios dedos. Quando a tempestade começou e ele foi imediatamente pôr o telemóvel a carregar para estar preparado, ela deu um murro no lavatório. Agora esfrega a pele magoada e pragueja. Quer que ele vá, mas, ao mesmo tempo, detesta que ele vá, e é assim que manifesta esses sentimentos.

Johnny entra na cozinha e Hannah sente a barba a roçar-lhe na nuca. Ele acha-se tão duro e valente, mas, na realidade, é mais sensível do que qualquer um deles, e é por isso que nunca grita com ela quando ela grita com ele. A tempestade fustiga as janelas, e ambos sabem que o telemóvel tocará em breve e que ele terá de sair e ela ficará novamente zangada.

«Tens de ficar preocupado é quando ela deixar de se zangar contigo, porque significa que já não te ama», disse o pai de Johnny ao filho quando eles se casaram. «Aquela mulher tem um rastilho comprido, mas muita pólvora, por isso tem cuidado!», acrescentou, com uma gargalhada.

Hannah pode estar casada com um idiota, mas ela não é muito melhor. As suas mudanças de humor levam Johnny à beira da exaustão e o seu comportamento caótico dá com ele em doido. Johnny entra em pânico quando as coisas não estão nos seus devidos lugares, de modo que ele saiba onde tudo está – isso aplica-se ao carro de bombeiro, ao roupeiro e à gaveta da cozinha –, mas casou-se com alguém que nem sequer acha que as pessoas devem ter um lado habitual na cama. Hannah deitava-se de um lado uma noite, na noite seguinte do outro lado, e ele nem sabia por onde começar com a sua frustração. Quem é que não tem o seu lado fixo na *cama*? E ela entra em casa de sapatos, e não passa o lavatório por água depois de o usar, e está sempre a misturar as facas da manteiga e do queijo, ao ponto de cada pequeno-almoço ser uma caça ao tesouro. É pior do que os miúdos.

Mas agora, quando ela levanta a mão e lhe passa os dedos pela

barba, e ele cruza as mãos sobre a barriga dela, nada disso importa. Estão habituados um ao outro. Ela aceitou que a vida com um bombeiro tem um ritmo que os outros nunca compreenderão. Por exemplo, Hannah aprendeu a ir à casa de banho às escuras, porque, nas primeiras vezes que acendeu a luz a meio da noite depois de terem começado a viver juntos, ele acordou sobressaltado a pensar que era a luz do quartel a alertá-lo para uma chamada. Saltou da cama e vestiu-se e ia já a caminho do carro quando ela o apanhou, ainda de roupa interior, sem perceber que raio é que ele estava a fazer. Foram precisas mais algumas noites de confusão para ela aceitar que o marido não conseguia evitar ser assim e que, no fundo, também não queria que ele mudasse.

Ele é o tipo de pessoa que corre para um incêndio. Sem hesitar, sem fazer perguntas. Simplesmente corre. Pessoas assim são raras, mas sabemos quem são quando as vemos.

*

Ana tem dezoito anos de idade. Espreita pela janela da casa do pai nos arrabaldes de Björnstad. Coxeia ligeiramente porque há pouco tempo magoou-se no joelho durante o treino de artes marciais, depois de um rapaz da mesma idade ter dito que as raparigas não conseguiam dar pontapés como deve ser. Ana fraturou-lhe uma costela com um pontapé e deu-lhe uma joelhada na cabeça, e, embora ele tivesse a cabeça vazia, tinha o crânio duro, por isso agora ela está meio coxa. Sempre teve um corpo veloz como o relâmpago, mas o discernimento lento; é má a avaliar as pessoas, mas boa a avaliar a natureza. Vê agora as árvores a moverem-se do outro lado da janela; já tinha reparado nelas nessa manhã e percebeu que a tempestade vinha a caminho, muito antes da maioria das pessoas. Os filhos de pais que são bons caçadores acabam por aprender a sentir esse tipo de coisas, e não há melhor caçador por estes lados do que o pai dela. Aquele homem passou tanto tempo na floresta que se esquece amiúde

da diferença entre um rádio de caça e um telefone, e diz «over» no final de cada frase quando o telefone toca. Assim, Ana aprendeu a gatinhar e a andar naquela floresta, pois era a única forma que tinha de estar com ele. A floresta foi o seu parque infantil e a sua escola, o pai ensinou-lhe tudo sobre criaturas selvagens e as forças invisíveis da terra e do ar. Foi a sua dádiva de amor para a filha. Quando era pequena, ele ensinou-a a seguir a presa, a disparar, e, quando cresceu, levava-a consigo nas buscas após acidentes que envolviam animais e o município o contactava para encontrar os animais feridos e abatê-los. Quando uma pessoa vive rodeada pela floresta, aprende a protegê-la, mas aprende também como a floresta nos pode proteger a nós. No fundo, desejamos as mesmas coisas que as plantas – como a primavera e o calor –, mas também tememos as mesmas coisas – o fogo, claro, mas agora, quase mais ainda, o vento. Porque não há como travar ou extinguir o vento: troncos de árvores e pele não são obstáculos para ele, o vento esmaga e parte e mata aquilo que quiser.

Assim, Ana ouviu a tempestade nas copas das árvores e sentiu-a no peito, mesmo quando ainda estava tudo calmo e tranquilo lá fora. Encheu todas as banheiras e baldes de água, foi buscar o fogão de parafina à cave, colocou pilhas novas nas lanternas de cabeça, deixou a postos velas e fósforos. E, por fim, rachou lenha, de forma mecânica e determinada, durante horas, e trouxe-a depois para dentro. Agora, enquanto a tempestade chega a Björnstad, fecha janelas e portas, lava ruidosamente a louça na cozinha e põe a tocar na aparelhagem as suas canções preferidas da amiga Maya, porque a voz dela a acalma, e porque o som de Ana a fazer coisas mundanas acalma os cães. Quando era pequena, os cães protegiam-na, mas agora é o contrário. Se perguntarem a Maya quem é Ana, ela responderá: «Uma lutadora.» Mas não o diz apenas porque Ana é capaz de dar uma carga de porrada seja a quem for e sim porque a vida tentou dar porrada a Ana, desde que ela nasceu, e nunca teve a menor hipótese. Ana é inquebrável.

Está no último ano do liceu em Björnstad, mas já é adulta há muito

tempo; as filhas de pais que se refugiam no fundo de uma garrafa crescem mais depressa. Quando Ana era pequena, o pai ensinou-a a estar atenta ao lume na lareira, a pôr mais lenha precisamente na altura certa, para ter a certeza de que o fogo nunca se extinguia por completo. Quando ele tem um dos seus episódios, que às vezes duram dias e outras vezes duram meses, toma igual atenção à forma como ele bebe. Nunca fica agressivo, nunca faz espalhafato, mas também nunca está completamente sóbrio. Vai passar a tempestade a dormir, a ressonar no seu cadeirão na sala, rodeado dos troféus de artes marciais de Ana, de que ele tanto se orgulha, e das suas fotografias em pequena, das quais ela recortou meticulosamente a imagem da mãe. Está demasiado bêbado para ouvir o telefone tocar. Ana está a lavar a louça com a aparelhagem aos berros, e os cães estão aos seus pés. Também não ouvem. O telefone toca e toca e toca.

*

Por fim, toca a campainha da porta.

*

– Não há motivos para preocupações, é só um bocadinho de vento – murmura Johnny. Hannah tenta acreditar nele. Pelo menos desta vez não vai combater um incêndio. O marido e os outros bombeiros estão a preparar-se para abrirem caminho através das árvores caídas na estrada com as serras elétricas, de modo que os outros veículos de emergência e os socorristas consigam passar. Johnny queixa-se muitas vezes de que ser bombeiro é o mesmo que ser lenhador durante noventa por cento do tempo, mas ela sabe o quanto ele se orgulha disso. Johnny pertence à floresta.

Vira-se, estica-se em bicos de pés e dá-lhe uma dentadinha na bochecha, e ele sente os joelhos fraquejarem. É o maior e o mais forte praticamente em todo o lado, mas, por mais que as outras pessoas

pensem o contrário, sabe que, se os seus filhos estivessem do outro lado de um fogo, a mulher seria mais rápida do que ele. Hannah é complicada e insubmissa e contestatária e, na verdade, difícil de agradar, mas ele ama-a, acima de tudo, pelo seu instinto protetor brutalmente inabalável. «Ajudamos os que pudermos ajudar», diz-lhe sempre ela ao ouvido ao final dos dias piores, quando ele perdeu alguém no trabalho, ou ela perdeu alguém no seu. Como bombeiro, ele tem de estar preparado para ver a morte em qualquer fase da vida, mas, como parteira, ela vê-a sempre nos piores momentos possíveis: os primeiros segundos de vida. Quando Hannah diz aquelas palavras, são ao mesmo tempo um consolo e uma maneira de recordar a ambos qual é o seu dever. Ajudamos se pudermos, quando pudermos, até onde pudermos. É um tipo de trabalho peculiar, que requer um tipo de pessoa peculiar para o fazer.

Devagar, ele larga-a. Nunca conseguiu habituar-se ao facto de uma desordeira como ela conseguir deixá-lo virado do avesso. Vai confirmar se o telemóvel está a carregar e ela observa-o durante muito tempo. Nunca conseguiu habituar-se ao facto de um pedante chato como ele ainda ser, ao fim de vinte anos, o tipo de homem a quem ela tem vontade de arrancar as roupas assim que ele lhe lança um olhar.

Hannah ouve o telemóvel no corredor. Está na hora. Fecha os olhos e pragueja com os seus botões, jura a si mesma que não vai discutir com ele. Ele nunca promete que regressará são e salvo, porque isso daria azar. Diz apenas, sempre, que a ama, repete-o uma e outra vez, e ela responde: «Espero bem que sim.» O telemóvel continua a tocar e ela pensa que ele deve estar na casa de banho para ainda não ter atendido, e chama-o aos gritos porque as janelas já chocalham ruidosamente sob a força do vento. Os filhos estão alinhados nas escadas para darem um abraço de despedida ao pai. Tess tem os braços em torno dos irmãos mais novos: Tobias, Ted, Ture. O pai acha que é ridículo terem todos nomes começados pela mesma letra, mas, quando ele e Hannah se apaixonaram, ele concordou que ela podia dar os nomes aos filhos se ele pudesse dar os

nomes aos cães. Nunca chegaram a ter um cão. Ela sempre foi melhor negociadora.

Ture está a chorar, com a cara escondida na camisola de Tess, mas nenhum dos irmãos lhe diz para parar. Eles também choravam sempre quando eram mais pequenos, porque nunca é só um membro da família que é bombeiro, as coisas não funcionam assim, é a família toda que está de serviço. Não podem dar-se ao luxo de pensar «nunca nos acontecerá a nós»; sabem que não é bem assim. Portanto o que os pais combinaram é simples: nunca se colocarem os dois em perigo ao mesmo tempo. Os filhos têm de ter sempre um dos pais presente se o pior acontecer.

Johnny está de pé no corredor e levanta a voz ao atender o telemóvel até estar aos gritos, mas ninguém lhe responde. Pensa que carregou no botão errado sem querer e verifica a lista de chamadas, mas não recebeu qualquer telefonema desde que ligou para a mãe, dez minutos antes. Só depois de vários toques percebe que não é o telemóvel dele que está a tocar, mas sim o dela. Hannah pega-lhe, ligeiramente confusa, olha para o número, ouve a voz do chefe do outro lado da linha. Trinta segundos depois, desata a correr.

*

Querem compreender as pessoas? Compreendê-las mesmo? Então precisam de conhecer o melhor de que somos capazes.

Selvagens

Benji acordará com um estrondo. Não saberá onde está quando se sentar na cama, com a ressaca a afetar-lhe toda a noção de escala, ao ponto de se sentir demasiado grande para o quarto, como se tivesse acordado numa casinha de bonecas. Isso não é invulgar, há já muito tempo que acontece. Todas as manhãs, ultimamente, parece abrir os olhos surpreendido por ainda estar vivo.

Será o dia depois da tempestade, mas ele ainda não o saberá; de momento, não perceberá se se esqueceu daquilo com que estava a sonhar ou se ainda está a sonhar. Tem o cabelo comprido caído sobre os olhos, todos os membros e músculos doridos. O seu corpo ainda tem a musculatura rija de uma vida no hóquei, mas agora tem vinte anos e não calça um par de patins há quase dois. Fuma demasiado e não come tanto como devia. Tentará levantar-se da cama, mas cairá desequilibrado sobre um joelho, as garrafas de álcool rebolarão pelo chão entre as mortalhas de enrolar cigarros, os isqueiros e pedaços de prata, e a dor de cabeça cair-lhe-á em cima com tanta força que nem com as palmas das mãos apertadas sobre os ouvidos conseguirá dizer se o barulho vem do exterior ou de dentro de si mesmo. Depois outro estrondo, e as paredes abanarão de tal maneira que ele se agachará, com medo de que a janela por cima da cama se parta e o sepulte sob estilhaços de vidro. E, ao canto do quarto, o telemóvel tocará, e tocará, e tocará.

Há dois anos, Benji deixou Björnstad e tem viajado desde então. Deixou o lugar onde vivera a vida inteira, apanhou comboios e barcos e andou à boleia em camiões até as cidades pelo caminho já não terem equipas de hóquei. Perdeu-se de propósito e destruiu-se de todas as formas imagináveis, mas também encontrou coisas que não sabia que procurava. Olhares e mãos e uma respiração no pescoço. Pistas de dança onde ninguém faz perguntas. Foi preciso o caos para o

libertar, a solidão para o impedir de estar sozinho. Não lhe ocorreu uma única vez voltar para trás, regressar a casa; é como se esse lugar fosse agora um planeta diferente.

É feliz? Se têm de fazer essa pergunta, se calhar não o compreendem de todo. A felicidade nunca foi o que Benji esperou encontrar.

Acercar-se-á da janela do pequeno quarto de hotel, ressacado e ainda mal desperto, a olhar para o mundo lá fora sem fazer parte dele. Dois carros colidiram na estrada, lá em baixo, e foi esse o estrondo que o acordou. Há pessoas aos gritos. Benji sentirá os ouvidos a zumbir. Um zumbido constante, até por fim se dar conta de que é o toque do telemóvel.

– Estou? – conseguirá dizer, com a voz rouca por não ser usada há muitas horas e o ter sido em demasia antes disso.

– Sou eu – responderá a irmã mais velha do outro lado da linha, com uma voz pesada e cansada.

– Adri? Que aconteceu?

Ela escolherá cuidadosamente as palavras. Benji está demasiado longe para que ela possa abraçá-lo como uma irmã quer abraçar o irmão mais novo quando tem de lhe dizer uma coisa daquelas. Ele ouvirá em silêncio. Passou a vida inteira a treinar para não demonstrar quando algo morre dentro de si.

– Morreu? – conseguirá por fim dizer, e a irmã terá de se repetir, como se Benji tivesse esquecido partes da linguagem.

Por fim, ele murmurará apenas: «Está bem»; e o crepitar da linha ao soltar a respiração será a única indicação da pequena onda de pressão quando o seu coração se parte.

Desligará o telemóvel e fará a mala. Não demorará muito tempo, viaja com pouca coisa, sempre pronto para deixar tudo para trás.

– Que se passa? Que horas são? – perguntará outra voz, da cama.

– Tenho de ir – diz Benji, já a caminho da porta, ainda em tronco nu. A grande tatuagem de um urso no seu braço parece mais pálida, depois de meses ao sol, e as suas muitas cicatrizes brilham, rosadas,

contra a pele bronzeada, como acontece aos selvagens. Mais cicatrizes nos nós dos dedos do que no rosto, porque ele é melhor a ser selvagem do que a maioria das pessoas.

– Ir para onde?

– Para casa.

A voz gritará qualquer coisa nas costas dele, mas Benji já estará a meio das escadas. Podia responder, prometer ao homem lá em cima que lhe voltará a ligar, mas, se há coisa que Benji aprendeu onde cresceu, é que já não está para se dar ao trabalho de mentir a ninguém.

Parteiras

Uma tempestade varre duas cidades de hóquei esta noite, derrubando árvores e pessoas. Amanhã, um rapaz e uma rapariga, ele com um urso tatuado no braço, ela com uma guitarra e uma espingarda tatuadas no seu, voltarão para casa, para assistir a um funeral. É assim que tudo começa, desta vez. Em comunidades rodeadas por ermos desolados, as pessoas estão ligadas entre si por fios invisíveis, mas também por ganchos aguçados, de tal forma que, quando alguém se vira de repente, não é apenas uma manta que é arrancada a outra pessoa. Por vezes, arranca-nos o coração a todos.

*

Em Hed, Johnny vai atrás da mulher, escadas acima, até ao quarto, e ela explica-lhe o básico enquanto arruma a mala de trabalho: um jovem casal de uma quinta a norte de Björnstad está à espera do primeiro filho e, quando as águas dela rebentaram, puseram-se a caminho do hospital em Hed, sem terem noção da força que a tempestade ia ganhar. Tentaram cortar caminho pelas estradinhas a leste em vez de seguirem pela estrada principal. Iam a meio da floresta, entre as duas cidades, quando guinaram para evitar uma árvore tombada. Não viram outra árvore à frente a cair e agora têm o carro preso debaixo do tronco, algures no meio do caminho. Conseguiram ligar para o hospital, mas não havia ambulâncias por perto e ninguém sabe se as ambulâncias conseguiriam sequer ultrapassar o caos, agora que as estradas da floresta estão intransponíveis. A melhor esperança que a mulher e o seu bebé têm é uma parteira que não esteja de serviço nessa noite e que viva suficientemente perto para lá conseguir chegar, mesmo que tenha de fazer a última parte do caminho a pé.

Johnny fica parado à porta do quarto, com vontade de perguntar à mulher se enlouqueceu de vez, mas, ao fim de vinte anos, sabe muito bem qual seria a resposta. Ela vira-se tão abruptamente que bate com a testa no peito dele e o marido fecha carinhosamente os braços à volta dela e Hannah desaparece contra ele.

– Amo-te, amo-te tanto, seu idiota estúpido – murmura ela.

– Espero bem que sim – responde ele.

– Há mais mantas no sótão e as lanternas estão...

– Eu sei, não te preocupes connosco. Mas tens mesmo de?... Quer dizer, não podes?... – começa ele, e quando ela esconde o rosto na sua camisola, sente que ele está a tremer.

– Não te zangues comigo, meu amor. Eu é que me zango sempre, tu tens de ser o que tem juízo – murmura ela, com a boca encostada às costelas dele.

– Mas tens de levar alguém contigo. Alguém que conheça a floresta, querida. Vai estar escuro e...

– Não podes vir comigo. Sabes muito bem. Nunca os dois no mesmo avião, nunca lá fora durante uma tempestade ao mesmo tempo. As crianças precisam...

– Eu sei, eu sei – murmura ele, desconsolado. Nunca se sentiu tão impotente, e é um sentimento horrível para um bombeiro.

As superstições palermas do marido impedem sempre Hannah de dizer «volta são e salvo» quando ele sai em missão, e por isso costuma arranjar uma tarefa qualquer banal que ele tem de fazer no dia seguinte, para que seja obrigado a prometer que estará em casa para a concretizar: «Não te esqueças de que tens de ir à lixeira amanhã» ou «Vamos almoçar à tua mãe ao meio-dia». Tornou-se um ritual secreto deles.

Assim, ele agora não lhe diz «volta sã e salva». Nem sequer lhe pede para não ir, porque sabe bem o que ela responderia. Johnny pode ser forte, mas nem mesmo ele consegue impedir que o vento sopra. Hannah é capaz de fazer nascer bebés, e é ela que faz falta nesse momento. Ajudamos se pudermos, quando pudermos, até onde

pudermos. Quando saem do quarto, ele pega-lhe no braço e quer dizer-lhe qualquer coisa banal e quotidiana, para que ela se lembre de que há um amanhã, mas tudo o que lhe ocorre é:

– Amanhã vou fazer sexo contigo!

Ela desata a rir mesmo na cara dele.

– Não és bom da cabeça.

– Só quero que fique perfeitamente claro e definido que amanhã vou fazer sexo contigo!

Ele tem lágrimas nos olhos e ela também. Ouvem a força do vento lá fora e sabem que não vale a pena imaginarem-se imortais.

– Conheces alguém que possa ajudar-me a encontrar o local do acidente naquela parte da floresta? – pergunta ela, tentando controlar a voz.

– Sim, conheço. Vou telefonar-lhe e dizer que tu vais a caminho – responde, e escreve a morada, embora tenha a mão a tremer.

Ela leva a carrinha e arranca, desaparecendo na noite e no meio de uma tempestade que parte troncos de árvores e mata pessoas à sua vontade. Não promete regressar sã e salva. Ele fica à janela da cozinha com os filhos.

*

São os cães que por fim reagem ao facto de haver alguém à porta. Talvez seja mais o instinto do que o som da campainha que os faz desatar a ladrar. Ana sai desconfiada para o corredor e espreita pela janela. Quem diabo andarà na rua com um tempo destes? Vê uma mulher sozinha nos degraus, com o capuz da gabardina na cabeça, o corpo delgado dobrado ao meio pelo vento.

– O TEU PAI ESTÁ EM CASA? – grita a mulher quando Ana abre a porta com esforço, lutando contra o vento, com toda a floresta a rugir como se estivessem dentro de um frasco pontapeado por gigantes.

A carrinha da mulher está estacionada na relva a alguns metros, a abanar sob as rajadas. Que veículo tão estúpido para usar durante

uma tempestade, isto se a pessoa tiver mesmo impreterivelmente de sair durante uma tempestade, pensa Ana. E a mulher veste um casaco vermelho; terá conduzido até aqui desde *Hed*? Talvez não seja uma pessoa real? Ana está tão ocupada com os seus pensamentos que mal reage quando a mulher se aproxima mais e grita:

– Ficou um carro preso na floresta, e o meu marido diz que se alguém consegue levar-me até ele com este tempo é o teu pai!

Cospe as palavras e Ana pisca os olhos, ainda confusa.

– Oiça... O quê? Quer dizer, que raio está um carro sequer a fazer no meio da floresta a uma hora destas?

– A mulher no carro está a ter um BEBÉ! O teu pai está em casa ou NÃO? – responde a mulher com impaciência, e entra no vestíbulo.

Ana tenta impedi-la, mas a mulher não tem tempo para ver o pânico nos olhos dela. As latas de cerveja e garrafas de vodka vazias estão alinhadas no corredor da louça; a filha lavou-as cuidadosamente para que não se sinta o cheiro vindo do caixote e ela não tenha de sentir vergonha em frente dos vizinhos. O pai tem os braços caídos ao lado do cadeirão, na sala, mas os seus pulmões maltratados fazem-lhe subir e descer o peito com a respiração pesada de um alcoólico. A parteira está enervada e tem o coração na garganta, e assim, quando esse coração mergulha até ao fundo do seu estômago, a queda é abrupta e apanha-a desprevenida.

– Eu... eu compreendo. Desculpa... desculpa vir incomodar – pede a Ana num murmúrio, constrangida. Vira-se rapidamente para a porta, sai e dirige-se para a carrinha.

Ana não hesita um momento antes de correr atrás dela. Bate na janela da carrinha. A mulher abre-a, desconfiada.

– Onde é que vai? – grita Ana.

– Tenho de ir ter com a mulher na floresta! – grita ela, enquanto tenta ligar o motor, mas aquele monte de ferrugem limita-se a dar um soluço engasgado.

– Está doida, ou quê? Sabe como é perigoso, com este tempo?

– ELA VAI TER UM BEBÉ E EU SOU PARTEIRA! – grita a mulher

num súbito acesso de raiva, batendo com as mãos abertas no tabliê apagado da carrinha.

Mais tarde, Ana não conseguirá dizer exatamente o que se passa dentro dela nesse momento. Talvez seja algo poético, o tipo de coisa de que falam nos filmes, quando as pessoas dizem ter-se sentido «chamadas por um propósito maior». Mas provavelmente é, acima de tudo, o facto de a mulher parecer doida, exatamente da mesma forma que toda a gente diz sempre que Ana parece ser doida.

Entra a correr, dá comida aos cães e aumenta o volume da sua canção preferida de Maya, depois volta a sair com as chaves da carrinha na mão e um casaco demasiado grande a esvoaçar atrás de si como uma capa.

– PODEMOS LEVAR A CARRINHA DO MEU PAI!

– NÃO POSSO LEVAR-TE COMIGO! – grita a mulher.

– O SEU CARRO É UMA PORCARIA!

– ACHAS QUE NÃO SEI? – berra a mulher.

– ESTARÁ MUITO MAIS SEGURA SE EU FOR CONSIGO!

A mulher olha para aquela miúda maluca de dezoito anos. Não é o tipo de situação de que falem no curso de parteira. Por fim, solta um suspiro resignado, pega na mala e segue a rapariga até à carrinha do pai.

– CHAMO-ME HANNAH! – grita.

– ANA! – responde Ana no mesmo tom.

Até faz sentido que os seus nomes sejam tão parecidos, porque Hannah terá muitos momentos no futuro em que dirá, entre imprecações e risos, como aquela adolescente maluca a faz lembrar-se de si mesma. Sobem para os bancos da frente e esforçam-se por fechar bem as portas enquanto o vento fustiga o chassi como granizo. Depois Ana vê a espingarda no banco de trás. Fica vermelha como um tomate, de vergonha, pega na espingarda e volta a correr para dentro. Quando regressa, diz, sem fazer contacto visual:

– Às vezes ele deixa a espingarda na carrinha quando está... enfim. Já gritei com ele mais de mil vezes por causa disso.

A parteira acena com a cabeça, constrangida.

– O teu pai e o meu marido conheceram-se durante os incêndios florestais aqui há uns anos. Acho que chamaram o teu pai por ele conhecer bem a floresta. Já foram caçar juntos algumas vezes desde então. Acho que o teu pai é capaz de ser a única pessoa de Björnstad que o meu marido respeita.

É uma tentativa patética de aligeirar o ambiente, e ela própria tem noção disso.

– É fácil gostar do meu pai; só ele é que não gosta lá muito de si mesmo – observa Ana, com uma franqueza que causa um aperto no estômago da parteira.

– Se calhar devias ficar com ele, Ana.

– Para quê? Está bêbado. Nem dará pela minha falta.

– O meu marido disse-me que, se tivesse de me embrenhar na floresta, devia confiar só no teu pai, em mais ninguém, e não estou muito confortável com a perspectiva de tu...

Ana solta uma fungadela desdenhosa.

– O seu marido é estúpido se acha que os cotas são as únicas pessoas capazes de se orientar na floresta!

A parteira sorri, resignada.

– Se achas que essa é a única razão por que o meu marido é estúpido, parece-me que conheces poucos homens...

Passou o ano inteiro a dizer a Johnny que tinha de levar a carrinha à oficina, mas ele respondia sempre que os bombeiros sabem arranjar os seus próprios carros. Tentou fazê-lo ver que, na verdade, os bombeiros *pensam* que sabem arranjar os próprios carros. Ser casada é fácil, costuma ela pensar. É só escolher uma discussão em que ambos sejam mesmo bons, e depois repeti-la pelo menos uma vez por semana por toda a eternidade.

– Então onde é que está essa mulher que vai ter um bebé? – pergunta Ana, impaciente.

A parteira hesita, suspira, depois abre um mapa. Veio pela estrada principal de Hed até Björnstad, mas o seu carro foi o último que

passou; viu as árvores a caírem no caminho atrás de si. Devia ter sentido medo, mas a adrenalina não deixou. Aponta para o mapa.

– Estão aqui, algures nesta zona. Vês? Não seguiram pela estrada principal, tentaram apanhar um atalho pela floresta, mas a maioria destes caminhos já deve estar bloqueada. Será sequer possível chegar até lá?

– Vamos descobrir – responde Ana.

Hannah pigarreia.

– Desculpa lá perguntar, mas tens idade sequer para ter carta de condução?

– Sim! Quer dizer, sim, tenho idade para ter carta! – responde Ana de modo evasivo, e pisa o acelerador.

– Mas... mas *tens* carta de condução? – pergunta a parteira, ligeiramente ansiosa, enquanto Ana entra na estrada a derrapar com a carrinha.

– Bom, não, não propriamente. Mas o meu pai ensinou-me a conduzir. Ele está bêbado muitas vezes, por isso precisa de quem o leve e traga.

A resposta não ajuda nada a acalmar os nervos da parteira. De maneira nenhuma.

Super-heróis

Matteo tem apenas catorze anos de idade. Não é importante para esta história, por enquanto. É apenas o tipo de personagem que circula em fundo, um dos muitos milhares de rostos que compõem os habitantes de uma comunidade. Ninguém lhe presta atenção quando passa de bicicleta por Björnstad depois de a tempestade começar, não só porque toda a gente está preocupada a despachar-se para ir para casa, mas porque Matteo não é, pura e simplesmente, o tipo de pessoa em que os outros reparam. Se a invisibilidade é um superpoder, nunca foi aquele que ele sonhou possuir. Preferiria uma força sobre-humana, para conseguir proteger a família. Ou a capacidade de alterar o passado, para salvar a irmã mais velha. Mas não é um super-herói; é tão impotente quanto à sua própria existência como a cidade em que vive quanto à Natureza.

Está sozinho quando o vento começa a sacudir as árvores e a eletricidade falha na pequena habitação que os pais arrendam, mesmo no limiar entre os últimos edifícios e o princípio da floresta. Eles estão fora do país, foram buscar a irmã dele para a trazer para casa. Matteo está habituado a estar sozinho, mas não suporta ficar sem luz, por isso monta na bicicleta e arranca. O adolescente provocador dentro da sua cabeça não quer pedir ajuda, e, ao mesmo tempo, a criança assustada que sente no seu peito espera que alguém perceba: ele precisa que cuidem dele. Mas ninguém tem tempo para isso.

Um homem alto, de fato, passa apressado por ele em sentido contrário. Matteo não sabe o seu verdadeiro nome, apenas que toda a gente lhe chama Janota: é o dono do grande supermercado e um dos homens mais ricos da cidade. O homem nem sequer repara no rapaz com quem se cruza. Vai a caminho dos mastros de bandeira no exterior do ringue de gelo, quase em pânico, para tentar arriar as bandeiras verdes com o urso antes que fiquem feitas em farrapos. É o

seu primeiro instinto num momento de perigo: salvar as bandeiras, não as pessoas.

Enquanto Matteo atravessa Björnstad, vê vizinhos a ajudarem-se uns aos outros, a retirarem dos quintais os objetos soltos, a recolherem os *sticks* e redes que existem ao fundo de cada rua sem saída. Nesta altura do ano, os miúdos jogam no pavimento com bolas de ténis por aqui, mas, assim que começar a nevar, praticamente todos os pais regarão o quintal com água para que se torne um ringue de hóquei. Matteo já ouviu muitos vizinhos vangloriarem-se: «Nesta cidade, temos bons amigos e maus quintais.» Porque, mais a sul, as pessoas gabam-se de relvados perfeitos e canteiros floridos bem arrançados, enquanto aqui se ganha estatuto por ter pedaços de chão cobertos de gravilha e discos de hóquei espalhados pelo quintal quando a neve derrete. Isto mostra que os meses mais frios foram aproveitados para as atividades certas.

Matteo pergunta-se muitas vezes se seria tão diferente e solitário noutros lugares como é aqui. Se alguém falaria com ele, se teria amigos, se seria visível. O local onde nascemos e em quem nos tornamos lá é uma lotaria, pois aquilo que está certo num sítio está errado noutro. Em quase todo o mundo, ser obcecado por hóquei faria de qualquer pessoa uma criatura à parte, um excêntrico, mas aqui não. Aqui, é como o tempo: todas as conversas de circunstância em todas as situações sociais são sobre uma coisa ou outra. E, em Björnstad, não há como escapar às tempestades e ao desporto.

O tempo escurece e arrefece rapidamente. A neve ainda não chegou, mas o vento já trespassa pele e músculo. O rapaz não tem luvas e está a perder a sensação nos dedos das mãos. Pedala sem saber realmente para onde vai. Tira uma mão do guiador para reativar a circulação, desconcentra-se por um instante, vê o veículo demasiado tarde. Vem muito depressa e as luzes encandeiam-no. Trava com tanta força que a bicicleta derrapa de lado. Os faróis cegam-no e espera pelo impacto, e, quando ele não chega, a primeira coisa que pensa é que já está morto, mas, no último instante, consegue deslocar o peso e atirar-

se com a bicicleta para fora do caminho. Rebola pelo chão, raspando as mãos e os braços, e grita, mas ninguém o ouve por cima do barulho do vento.

Nem a rapariga que conduz nem a parteira sentada ao lado dela o veem na escuridão. É um acontecimento tão insignificante, passa tudo tão depressa, mas, se o para-choques tivesse sequer raspado no rapaz de catorze anos, ele teria sido projetado contra as árvores com uma violência terrível. Se ficasse inconsciente num sítio daqueles, no meio da tempestade, o seu corpo provavelmente não seria encontrado senão daí a vários dias, altura em que os fios invisíveis entre ele e tudo o que está prestes a acontecer já teriam sido cortados. Assim, levanta-se, cambaleante, dorido, mas vivo.

E é portanto ínfima a margem entre nunca termos ouvido falar de Matteo e, muito em breve, nunca mais podermos esquecer o seu nome.

Filhos

Björnstad e Hed são cidades antigas de uma floresta ainda mais antiga. As pessoas dizem que a idade traz sabedoria, mas, para a maior parte de nós, isso não é bem verdade; quando envelhecemos, acumulámos apenas mais experiências, boas e más. O resultado, muito provavelmente, será cinismo e não sabedoria. Quando somos novos, não sabemos nada sobre as piores coisas que nos podem acontecer, e ainda bem, caso contrário, nunca sairíamos de casa.

E decididamente nunca largaríamos aqueles que amamos.

*

– Sabes para... onde estás a ir? – pergunta Hannah, ansiosa.

Como parteira, quer chegar depressa, mas, como ser humano que quer continuar a sê-lo, não pode deixar de pensar que preferia que Ana não conduzisse como quem acabou de roubar a carrinha.

A rapariga não responde. Veste o casaco do pai, laranja-vivo e coberto de refletores, com as palavras «ACIDENTE COM ANIMAL» nas costas. É o que ele usa quando segue o rasto a animais que foram atingidos por viaturas; toda a carrinha está cheia de equipamento para o ajudar a deslocar-se pela floresta às escuras, e metade da infância de Ana consistiu em andar a correr atrás dele e dos cães pelos matos. Sempre achou que conseguiria orientar-se de olhos vendados, e a tempestade, obviamente, tenciona pô-la à prova.

– Então... sabes para onde estás a ir? – insiste Hannah, mas também não obtém resposta desta vez.

Há duas bolas de ténis a rebolar pelo chão junto dos pés da parteira. Ela apanha uma e faz um sorriso hesitante.

– Quantos cães tens?

Continua sem ter resposta, por isso, pigarreia e continua:

– Quer dizer, ninguém joga ténis por estes lados, e as únicas utilidades de que me lembro para bolas de ténis em Hed e em Björnstad são se tivermos cães, jogarmos hóquei de campo ou se as pusermos com um edredão na máquina de secar...

Ana continua a olhar para a frente, por cima do volante, e acelera ainda mais.

– Que espécie de cães são? – insiste a parteira, e a rapariga por fim suspira.

– Já vi que é o tipo de pessoa que fala quando está nervosa, não é?

– Sim... – admite a parteira.

– Também eu – declara Ana.

Depois não diz mais nada durante vários minutos. A parteira fecha os olhos e agarra-se com todas as forças. Esforça-se por não falar, mas, conforme o coração acelera, a boca deixa de lhe obedecer.

– O meu marido queria ter cães! Não se cala com isso desde que nos conhecemos. Para ser franca, não gosto muito de animais, mas estava a pensar fazer-lhe uma surpresa no aniversário e deixá-lo comprar um cão para ele levar quando for à caça! Até já falei com um criador! Pelos vistos é importante, para um bom cão de caça, ter um «botão de ligar e desligar» bem definido, para que seja sôfrego durante a caçada, mas consiga relaxar ao chegar a casa. É assim, não é? Fartei-me de rir quando ouvi isso, porque gostava que o mesmo se aplicasse a bombeiros e filhos que jogam hóquei...

A carrinha acelera. Ana lança-lhe um olhar de soslaio e murmura:

– Para quem não gosta de cães, sabe muito sobre eles.

– Obrigada! – exclama a parteira, e levanta os braços à frente da cara, porque está convencida de que vão colidir com uma árvore caída em torno da qual Ana guina no último instante.

Depois a rapariga resmunga:

– É muito corajosa por aparecer em Björnstad com esse casaco. Eu vesti este para não sermos atropeladas se estivermos no meio da estrada, e você escolheu um que vai fazer as pessoas apontarem os carros diretamente para nós...

– O quê? – questiona a parteira, quase aos gritos, antes de se dar conta de que vestiu o casaco do filho mais velho, o vermelho com o logótipo do Hóquei de Hed no peito; pegou-lhe sem pensar quando ia a sair de casa.

Já fica apertado a Tobias, mas ainda é grande de mais para ela. A vida passa tão depressa.

– Merdosos – declara Ana com tal firmeza que Hannah se insurge:

– Cuidado com a língua! É a equipa dos meus filhos!

– Os seus filhos não têm culpa de que os deixe jogar numa equipa tão merdosa – responde Ana, perfeitamente calma.

A parteira olha para ela. Depois sorri, contrariada.

– Então gostas de hóquei?

– Odeio hóquei, mas ainda odeio mais Hed – responde Ana.

– A nossa equipa principal provavelmente vai dar uma tarefa à vossa esta época – diz a parteira em tom esperançoso, grata por ter algo com que se distrair.

Ana solta uma risada desdenhosa e abranda alguns segundos, tentando orientar-se na escuridão.

– A vossa equipa não conseguiria bater num tapete. É preciso um calendário para medir o tempo que os vossos defesas demoram a mudar de zona... – murmura, espreitando de olhos semicerrados através do para-brisas.

A parteira revira os olhos.

– O meu marido tem razão. Realmente não há presunção maior do que a de Björnstad. Ainda há bem pouco tempo o vosso clube esteve à beira da bancarrota, e agora de repente já são os maiores? A época passada só vos correu bem porque encontraram aquele rapaz, o Amat. Sem ele, de certeza que não teriam ganhado com tanta facilidade...

– Ainda temos o Amat – gaba-se Ana, e deixa a carrinha avançar lentamente.

– Mas ele foi para os Estados Unidos, não foi? Jogar na NHL? Parece que o jornal local não falou de outra coisa a primavera toda. Que a equipa de juvenis de Björnstad é muito superior, que estão a

produzir jogadores talentosos, e que são o novo estilo do hóquei e nós estamos ultrapassados...

A parteira ouve o azedume do marido na sua própria voz, o que a surpreende, mas a vida em Hed é assim ultimamente: levam tudo muito a peito. Cada sucesso de Björnstad é uma derrota do outro lado da fronteira.

– O Amat não foi recrutado. Voltou para cá. Acho que se lesionou... – começa Ana, mas cala-se quando avista aquilo que procurava; um caminho estreito entre as árvores, se calhar estreito de mais para a carrinha.

– Para quem não gosta de hóquei, parece que sabes muito do assunto. – A parteira sorri.

Ana trava a carrinha, mede a entrada do trilho com os olhos e respira fundo. Depois diz:

– Não interessa se o Amat joga ou não, vamos vencer-vos na mesma. Sabe porquê?

– Porquê?

Ana morde o lábio inferior e levanta lentamente o pé da embraiagem.

– Porque vocês são uma equipa merdosa. **SEGURE-SE BEM!**

Sai da estrada a velocidade suficiente para não ficar presa na vala e guina pelo meio das árvores. A abertura tem largura que chegue para a carrinha, mas à justa, e ouve os troncos raspar nas laterais. A parteira fica sem ar e põe fim à tagarelice enquanto avançam aos solavancos pelo terreno irregular. Bate com a cabeça no para-brisas e parece-lhe que andaram horas até que Ana trava abruptamente. Abre a janela e mete a cabeça de fora, depois faz marcha atrás alguns metros para ficarem razoavelmente seguras no caso de alguma árvore cair.

– É aqui! – declara, indicando o mapa com um aceno e depois apontando para fora da janela.

A parteira mal consegue ver a própria mão à frente da cara quando saem da carrinha, mas Ana gesticula com o casaco e Hannah agarra-se

a ele, e a rapariga guia-a durante o último trecho do caminho pela floresta, curvada contra o vento. É espantoso que ela saiba onde está, quase como se farejasse o destino. De súbito chegam junto do carro e ouvem a mulher aos gritos lá dentro e o homem a bradar:

– VEM AÍ ALGUÉM, QUERIDA! A AMBULÂNCIA CHEGOU!

Fica furioso quando percebe que não há ambulância nenhuma; o medo transforma certas pessoas em heróis, mas, quando se é apanhado pela sombra do pavor, a maioria de nós só revela o seu lado pior. A parteira não consegue evitar a nítida sensação de que o homem não só está irritado com a categoria de veículo em que elas chegaram como, acima de tudo, teria preferido socorristas do sexo masculino.

– Tem a certeza de que sabe o que está a fazer? – pergunta quando Hannah sobe para o banco de trás do carro e começa a falar com a mulher grávida num murmúrio.

– Qual é a sua profissão? – pergunta a parteira em voz contida.

– Sou pintor – responde ele, pigarreando.

– Que tal se eu decidir como havemos de ajudar a sua mulher a dar à luz, e depois você pode tomar as decisões todas da próxima vez que pintarmos uma parede? – sugere, afastando-o com um empurrão suave.

Ana entra para o banco da frente e olha em volta, com uma expressão desvairada.

– Que posso fazer? – pergunta.

– Fala com ela – diz a parteira.

– Sobre o quê?

– Qualquer coisa.

Ana acena, confusa, depois espreita por cima das costas do banco para a mulher em trabalho de parto e diz:

– Olá!

A mulher consegue sorrir entre contrações.

– O-olá... Também és parteira?

O homem interrompe, exasperado.

– Estás a brincar, querida? Esta não deve ter mais do que doze anos!

– Vá pintar qualquer coisa, seu idiota! – riposta Ana, e a parteira solta uma gargalhada.

Por um momento, o homem sente-se tão insultado que sai do carro e tenta bater com a porta, mas o vento estraga-lhe o gesto dramático. Mal consegue aguentar-se de pé, mas, com o vento na cara, deve ser mais fácil convencer-se a si mesmo de que as lágrimas que lhe enchem os olhos não são de medo.

– Como te chamas? – pergunta a mulher no banco de trás, ofegante.

– Ana.

– Obrigada... obrigada por teres vindo, Ana. Desculpa se o meu marido...

– Ele está só zangado porque a ama e acha que você e o bebé vão morrer e não pode fazer nada para o evitar – declara Ana, sem rodeios.

A parteira lança-lhe um olhar desaprovador e Ana murmura, em tom defensivo:

– Mandou-me falar com ela!

A mulher no banco de trás abre um sorriso cansado.

– Percebes muito de homens, apesar de seres tão novinha.

– Eles acham que queremos que nos protejam o tempo todo, como se precisássemos do raio da proteção deles – responde Ana, em tom desdenhoso.

A parteira e a outra mulher riem-se ambas baixinho.

– Tens namorado? – pergunta a mulher.

– Não. Quer dizer, mais ou menos. Ele morreu!

A mulher olha para ela. Ana solta uma tossidela arrependida e acrescenta:

– Mas oiça, tenho a certeza de que você não vai morrer!

Depois a parteira diz, em tom amistoso mas firme, que talvez um bocadinho de silêncio não seja má ideia, afinal de contas. Então a

outra mulher grita e o marido corre de novo para o carro e segura-lhe a mão, e nessa altura começa a gritar também quando ela quase lhe parte os dedos.

*

Johnny passa a noite sentado junto da janela da cozinha. É uma posição insustentável para um bombeiro. Os quatro filhos dormem em colchões à sua volta. Ture, o mais pequeno, nos braços de Tess, a mais velha. Tobias e Ted, os dois rapazes do meio, começaram um pouco mais afastados, mas não tardaram a acabar tão perto dos outros quanto possível. Numa crise, procuramos instintivamente a única coisa que realmente importa, mesmo enquanto dormimos: a respiração dos outros, uma pulsação com a qual a nossa possa sincronizar-se. De vez em quando, o pai pousa a mão nas costas dos filhos e da filha, um de cada vez, para se certificar de que respiram. Não tem nenhum motivo lógico para temer o contrário, mas ser pai não tem nada de lógico. Quando estava prestes a ser pai pela primeira vez, toda a gente lhe dizia: «Não te preocupes.» Que coisa mais sem sentido. Há uma imensidão de amor que nos irrompe do peito da primeira vez que ouvimos um filho chorar, todas as emoções que jamais sentimos são ampliadas ao ponto do absurdo, os filhos abrem as comportas de uma represa dentro de nós, tanto para o melhor como para o pior. Nunca nos sentimos mais felizes, nunca nos sentimos mais assustados. Não digam «não te preocupes» a alguém nessa posição. Não se pode amar alguém dessa maneira sem nos preocuparmos com tudo, para sempre. Às vezes até sente um aperto no peito, uma dor real, física, que faz Johnny dobrar-se para a frente, sem fôlego. O esqueleto range, o corpo dói, o amor nunca tem espaço suficiente. Devia ter pensado melhor antes de ter quatro filhos, mas toda a gente lhe dizia: «Não te preocupes», e ele sempre foi um idiota que se deixa persuadir facilmente. E ainda bem. Enganamo-nos a nós mesmos, crentes de que somos capazes de proteger aqueles que amamos,

porque, se aceitássemos a verdade, nunca os deixaríamos sair da nossa vista.

Johnny passa a noite toda junto da janela da cozinha, e é a primeira vez que realmente sente na pele aquilo por que a mulher passou ao longo de todas as horas de todas as noites sem ele desde que se apaixonaram: o que é que eu vou fazer se tu nunca mais voltares?

*

Hannah sabe quando alguma coisa não está bem. É o resultado da formação e experiência, sim, mas, ao fim destes anos todos, é também algo mais. Se não soubesse que isso não tem lógica, diria que é algo quase espiritual. Por vezes são coisinhas ínfimas: a mais leve alteração no tom da pele, ou uma pequenina e frágil caixa torácica que sobe e desce uma fração de segundo mais devagar do que devia. Sabe quando está a acontecer, antes mesmo que aconteça. Dar à luz uma criança devia ser impossível – o oceano é tão vasto e a nossa embarcação, tão frágil, nenhum de nós devia ter qualquer hipótese.

Até Ana está assustada agora. Quando o vento parte uma árvore, um metro atrás deles, o som é como um tiro de pistola dentro do carro, e quando o tronco cai e passa a rasar a viatura, os ramos roçam no chassi com um guincho metálico tão estridente que o som lhe fica a ecoar na cabeça durante vários minutos. O chão estremece, e nas rajadas piores de vento eles pensam várias vezes que lhes caíam em cima mais árvores; depois, algo é projetado contra o vidro do para-brisas, que só por milagre não se quebra; provavelmente foi apenas uma pedra ou um pau grande, mas a força é tal que, pelo som, mais parece que foram contra um alce a cem quilómetros à hora.

Porém, no meio do caos e do barulho, a voz da parteira mantém-se calma, íntima, prometendo que vai correr tudo bem. O homem está agora sentado no banco da frente ao lado de Ana, branco como a cal. Depois, o bebé chora pela primeira vez e o mundo cessa de girar. A

parteira sorri afetuosamente à mãe e ao pai, e só quando olha de relance para Ana é que a rapariga se dá conta de que há algum problema. A parteira inclina-se para a frente e murmura:

– Consegues aproximar mais a carrinha do teu pai?

– Consigo! – assegura Ana.

– Que se passa? Porque é que estão aos segredinhos? – pergunta o homem, tomado pelo pânico. Pega no braço da parteira com força e ela solta um grito, e Ana, instintivamente, reage e dá-lhe um soco no queixo.

Ele tomba para trás, contra a janela lateral. A parteira olha para ele, depois para Ana. A rapariga pisca os olhos, embaraçada.

– Desculpe. Não queria bater-lhe com tanta força. Vou buscar a carrinha.

O homem está encolhido com dores, meio no banco, meio no chão, com um fio de sangue a escorrer-lhe do lábio. A voz da parteira é gentil, o que torna as suas palavras ainda mais duras de ouvir:

– O seu bebé e a sua mulher precisam de ir para o hospital. Imediatamente. Tenho quase a certeza de que as suas competências como pintor não conseguem pôr-nos lá. Aquela rapariga ali fora é doida, sim, mas é tudo o que temos neste momento. Compreende-me?

O homem faz que sim com a cabeça, desesperado.

– Mas vai... por favor, o bebé, vai?...

– Temos de ir já para o hospital – murmura a parteira, fitando-o nos olhos até o coração dele parar de bater.

Ana corre por entre as árvores com os braços esticados, para que as pontas dos dedos memorizem onde estão. Depois faz marcha atrás com a carrinha do pai, quase às cegas, por entre os troncos. Com muito, muito cuidado, a parteira e o novo pai transferem o bebé recém-nascido e a sua mãe de um veículo para outro. A seguir, Ana conduz instintivamente pela escuridão, sem ver mais do que uns metros à sua frente; é tudo do que precisa, alguns metros de cada vez, depois mais alguns. Não veem a grande árvore baloiçar e dobrar-se antes de cair com uma força tremenda sobre o carro que acabaram de

deixar para trás, entre as trevas. Se calhar, é o melhor. Nem sempre é uma bênção sabermos como estivemos perto da morte.

A mãe no banco de trás, fraca e aterrorizada, tenta murmurar alguma coisa, e a parteira tem de aproximar o ouvido dos lábios dela para perceber.

– Ela quer que saibas que lamenta muito o que aconteceu ao teu namorado – diz a parteira, pousando a mão gentilmente no ombro de Ana.

O homem no banco do passageiro tem o colarinho sujo de sangue e está desorientado com a vergonha.

– O que... o que aconteceu ao teu namorado?

– Bom, morreu, mas já foi há dois anos, por isso está tudo bem. Quer dizer, eu amava-o, mas às vezes era um chato de primeira! – diz Ana.

Guina entre dois troncos de árvore e, por alguns segundos, parece que as quatro rodas se levantaram do chão, e o homem não vê mais nada senão negridão do outro lado do para-brisas, mas de repente Ana vira para aquilo que parece ser um trilho.

– COMO SE CHAMAVA ELE? O TEU NAMORADO? – grita o homem, basicamente só para poder dizer alguma coisa.

– VIDAR! – grita Ana, e depois acelera e os outros agarram-se todos às portas, em pânico. E talvez não seja o melhor momento para ela acrescentar: – MORREU NUM ACIDENTE DE VIAÇÃO!

Caçadores

– CUIDADO! POR AMOR DE...

O carro trava abruptamente, os pneus agarram-se desesperadamente ao pavimento, o homem grita pela janela aberta e buzina com todas as forças. Porém a jovem em frente dele continua a atravessar calmamente a estrada como se não se tivesse passado nada. É noite, aqui na capital, não há quase vento nenhum, ninguém sabe nada de tempestades nas florestas do Norte. Nem sequer Maya Andersson.

Querem compreender Björnstad? Então precisam de a compreender a ela, a rapariga que se foi embora de lá.

O condutor do carro buzina de novo, agora mais resignado do que furioso, e ao princípio Maya nem percebe que é com ela. Atravessa, apesar de o semáforo estar vermelho para os peões, e salta para o passeio do outro lado, abrindo caminho entre os prédios e as obras na estrada. Demorou dois anos a tornar-se uma pessoa diferente. Uma pessoa da cidade grande.

O condutor do carro grita-lhe qualquer coisa, ela não ouve o quê, mas depois vira-se e repara na primeira metade da matrícula.

*

DES.

*

Parece-lhe ter passado uma vida inteira desde que pensou naquelas letras, de tal forma Maya mudou entretanto. O condutor do carro desiste e arranca, acelerando de forma eloquente, e ela dá-se conta, alguns segundos mais tarde, de estar parada no meio do passeio a

sonhar acordada, com as pessoas a acotovelarem-na para passar. Não sabe o que lhe deu hoje – tem estado tão bem-disposta a tarde toda que se sente... leve. Vai a caminho de uma festa ter os colegas da escola de música, impulsionada por uma leve vaga de antecipação, e parece-lhe que apenas agora aprendeu a não se sentir culpada por isso. Tem o direito de se sentir contente, repetiu a si mesma uma e outra vez ao longo dos últimos meses, tem o direito de se divertir. Daqui a algumas horas, odiar-se-á por isso. Sempre se perguntou até onde o seu talento musical a poderá levar, e esta é a resposta: longe o suficiente para nem sequer saber que toda a cidade de Björnstad está à beira de ser aniquilada enquanto ela vai a uma festa.

Tem uma chamada perdida no telemóvel, de Ana, mas pode ligar-lhe mais tarde. Hoje em dia, levam vidas tão distantes que ela não sente a necessidade de retribuir a chamada de imediato. Já não têm essa ligação tão próxima.

Recomeça a andar, mais depressa. Quando se mudou para aqui, ao princípio não percebia porque é que toda a gente andava sempre tão depressa, e agora dá em doida quando volta a Björnstad e o mundo inteiro é uma lentidão. Já se esqueceu do homem no carro, adaptou-se muito bem à vida na cidade grande: ali, uma pessoa tem de esquecer num instante as pessoas com quem se cruza, caso contrário o cérebro não tem espaço para tantas primeiras impressões. Ninguém pode significar nada.

Nas florestas a norte, onde cresceu, grassa uma tempestade, mas, aqui, ela nem sequer abotoou o casaco fino, ditosamente inconsciente dos ventos que sopram contra casas e pessoas. Recebe uma mensagem de texto dos colegas que já estão na festa e apercebe-se, pela pontuação, de que já está toda a gente bêbada. Ri-se, porque de vez em quando ainda lhe parece espantoso: em menos de quatro semestres na universidade, construiu toda uma vida nova. Da última vez que esteve em Björnstad, mencionou sem querer que ia regressar a «casa» quando se preparava para voltar à cidade. Viu como isso magoou o pai, e agora há uma espécie de silêncio entre eles. Ele não estava

preparado para a deixar ir; os pais nunca estão, mas não têm alternativa.

Maya sabe que toda a gente pensa que ela se mudou para cá porque queria crescer, mas, na realidade, é o inverso. Kevin roubou-lhe tanto, muito mais do que ela seria capaz de explicar. Para ele, a violação durou poucos minutos, mas, para ela, nunca mais acabou. Ele roubou-lhe todas as manhãs luminosas de verão, todo o ar fresco de outono, a neve debaixo dos pés, risos até lhe doer o peito. Tudo o que era simples. A maioria das pessoas não consegue identificar o momento exato em que deixa de ser criança, mas Maya consegue. Kevin roubou-lhe a infância e, quando se mudou para aqui, ela resgatou de novo, à força de muita garra, um pedacinho dessa infância, e reivindicou-o para si. Ensinou-se a si própria a ser novamente ingénua, porque ainda não quer ser adulta, não quer levar uma vida sem ilusões. Não quer saber que, um dia, não conseguirá proteger os próprios filhos. Que todas as raparigas são potenciais vítimas, e todos os rapazes, potenciais agressores.

No fim, ficou com a sensação de que apenas a mãe compreendera realmente o motivo para ela partir.

«Estou tão zangada contigo por me deixares, mas ainda ficarei mais se cá ficares», murmurou Kira ao ouvido da filha nessa última manhã em Björnstad. «Promete-me que terás sempre cuidado, mas também que... oh... que às vezes *não* terás cuidado. Mas sem exageros!» Maya riu-se e chorou e abraçou-a em penúltimo lugar, e ao pai em último, porque ele só a largou mesmo antes de o comboio começar a andar. Ela saltou para bordo e a floresta fechou-se à volta das janelas e Björnstad deixou de ser o seu lar.

Depressa se habituou às multidões e ao trânsito da hora de ponta e à liberdade oferecida pelo anonimato. Parecia-lhe ser a resposta para tudo.

«Se ninguém souber quem tu és, podes ser quem quiseres», disse por telemóvel a Ana, nessa primeira primavera.

«Estou-me a cagar. Gosto de quem tu és, por que raio queres

mudar?», retorqui Ana.

Não era um elogio de somenos, para uma rapariga que olhara para Maya da primeira vez que ela tentara fazer fogo, quando eram pequenas, e comentara: «Tantos milhões de espermatozoides, e TU é que levaste a melhor? Inacreditável!!!»

Ana nunca deixará a floresta, as suas raízes são mais profundas do que as das árvores. Maya acha isso ao mesmo tempo incompreensível e invejável. A bem da verdade, provavelmente já não sabe onde é a sua «casa»; até começou a usar aspas mentais quando pensa na palavra. Tentou explicar a Ana que se sente agora mais uma nómada, mas Ana não é capaz de compreender tal coisa; um nómada não sobreviveria ao inverno em Björnstad, quem não conseguir encontrar abrigo, morrerá congelado antes do amanhecer. Por fim, Maya disse-lhe: «Aqui, posso ser alguma coisa que fiz, mas em Björnstad sou apenas algo que me aconteceu.»

E, isso, Ana compreendeu.

Outra mensagem escrita dos colegas na festa. Maya atravessa a estrada para cortar caminho pelo parque, pensando apenas que será mais rápido e não naquilo que lá pode ocultar-se. Por isto se pode ver o quanto mudou.

*

DES.

*

Caminha pelo trilho de cascalho e já vai a meio do parque quando as letras da matrícula do carro se abatem de novo sobre a sua consciência. As memórias debatem-se com as emoções que hão de trazer ao de cima. Pensa em Ana e quase desata a rir, quase desata a chorar. Sente-se como se não pensasse nela há séculos, mas falaram ao telemóvel ainda no outro dia, não foi? Ou terá sido há uma semana?

A distância entre os candeeiros de rua no parque aumenta, o som do trânsito e da humanidade diminui à distância, e começa a andar mais devagar sem pensar muito nisso. Esquece-se de olhar em volta, não repara que o homem um pouco mais atrás também abrandou o passo. Quando ela volta a acelerar, ele faz o mesmo.

Quanto mais tempo passam separadas, menos devia sentir a falta de Ana, mas parece estar a acontecer o oposto. Lembra-se de cada pormenor no rosto dela daquela vez em que exclamou:

«Sabes? *Disparar... enterrar... silenciar?* DES?»

«O quê?», disse Maya. E Ana, que nunca conseguia disfarçar a estupefação perante todas as coisas que Maya não sabia sobre o mundo, exclamou: «A sério que *nunca* ouviste isso? Essa Toronto onde vivias antes de vir para cá fica no planeta Terra, certo? Às vezes parece que foste feita num laboratório: é por isso que és tão bonita, mas falta-te alguma coisa aqui!» Sorriu e deu uma pancadinha no alto da cabeça de Maya.

Maya sentia-se como uma extraterrestre. Lembra-se de estar confusa e assustada durante todo o seu primeiro ano em Björnstad, tanto pela vastidão desoladora como pelas pessoas, tanto por aquele lugar novo parecer ter sofrimento no coração como pelo facto de parecer haver sempre violência no ar. Não conseguia, por mais que tentasse, perceber como é que alguém optaria por ali viver de livre e espontânea vontade, num pequeno aglomerado de casas cercadas pela escuridão e pelo frio e por árvores, árvores, árvores, nada a não ser milhões de árvores em todas as direções. A estrada estreita pelo meio da floresta que era preciso percorrer para lá chegar parecia não ter fim, num mundo sem horizonte, tão longa e profunda que era como se, no seu término, descrevesse uma curva descendente e desaparecesse no abismo. Maya era apenas uma criança, e em todas as histórias que lera só as bruxas viviam em sítios assim. Achava que nunca se habituaria àquele lugar, mas as crianças conseguem habituar-se a quase tudo.

Durante os anos em que cresceu e se fez adolescente, nunca se

apercebeu realmente de como Björnstad a modificara. Nem sequer sabia que falava com o sotaque local até de lá sair. Na floresta, Ana gozava com ela por pronunciar mal as vogais, mas, depois de se mudar, sempre que os novos colegas de Maya na escola de música queriam meter-se com ela, gozavam com a sua gramática, com o facto de ela conjugar mal os verbos. Maya fingia achar graça, embora eles estivessem a imitar um dialeto de uma cidade que ficava a centenas de quilómetros dali.

Assim, tentava cantar como os professores queriam, suavizando as arestas mais ásperas, até soar igual a toda a gente. Os colegas, na sua maioria, frequentaram escolas de música e tiveram aulas particulares desde pequenos, conheciam todos os códigos secretos, sabiam exatamente o que se esperava deles. Maya chegara lá apenas graças a um talento em bruto. Chorou muito, à noite, nesses primeiros meses: ao início de insegurança, depois de raiva. Parecia-lhe que os outros só tinham precisado de ter pais ricos e de cantar minimamente bem para entrar na escola, enquanto Maya tivera de ser a melhor. A melhor de todos.

Quando um dos professores falou sobre a indústria musical, no primeiro semestre na escola, mencionou que era preciso ter em conta que «viviam num país pequeno». Maya pensara que só alguém que nunca reparara em dois terços do mapa nacional podia achar uma coisa dessas. Ficou atónita ao perceber que alguns dos seus colegas pensavam viver no centro do país, quando, na realidade, viviam bastante perto da zona inferior. Pensou no pai de Ana, que por vezes encontrava na floresta turistas vindos de sul, surpreendidos pela distância que era possível percorrer sem ver uma habitação, e lembrou-se de ele resmungar ao chegar a casa: «Açam que são donos deste país e nem sequer sabem que setenta por cento é composto por árvores? Só três por cento de todo o país está urbanizado. Três por cento!»

Uma vez, ele rugiu a Maya: «Há menos terras agrícolas do que turfeiras neste país, mas aquela gente provavelmente nem sabe o que

é uma turfeira!» E depois Ana teve de explicar num murmúrio a Maya o que era uma turfeira, para ela poder acenar em concordância. E agora ela própria vê-se rodeada por pessoas que não fazem a mais pequena ideia do que isso é. Acabou por chegar à conclusão de que eram os colegas, com as suas roupas caras e sorrisos complacentes, os verdadeiramente incultos, e não ela. Foi então que parou de chorar à noite. Parou de esperar e começou a criar um espaço para si mesma, parou de imitar as vozes dos outros e começou a cantar com a sua. E tudo mudou.

No inverno anterior, encontrara um pequeno rink de patinagem artificial no meio dos prédios e do trânsito da hora de ponta, e no dia seguinte levou lá alguns dos colegas. Lembra-se de como ficou chocada por alguns deles nem sequer saberem patinar. Todas as crianças em Björnstad sabem patinar; provavelmente, são mais do que as que sabem andar de bicicleta. Afinal, como é que alguém podia *não* saber patinar? Quando o outono chegou, os seus novos amigos queixaram-se do frio e disseram que os dias escuros os deixavam deprimidos. Maya teve vergonha de si mesma pela rapidez com que os julgou pela sua fraqueza. Deprimidos pela escuridão numa cidade onde as luzes estavam sempre acesas? Frio? Aquilo não era *frio*!

Lembra-se de ter ficado sem ar quando caiu através do gelo, aos seis anos de idade, enquanto patinava sozinha em Björnstad. Foi pouco depois de se terem mudado para lá: ninguém sabia sequer que ela estava no lago, e teria morrido se aquela mão não tivesse aparecido subitamente do nada para a puxar para fora. Ana, escanzelada como se ninguém lhe desse comida em casa, mas já extraordinariamente forte, sentou-se ao lado dela no gelo, de olhos arregalados, sem perceber que raio é que ela estava a fazer. Não tinha visto a variação na cor do gelo? Não percebia nada de nada? Ana achou que Maya era estúpida, e Maya achou que Ana era uma idiota, e ficaram melhores amigas instantaneamente. Ana ensinou Maya a usar uma espingarda, e o pai de Ana dizia que as duas eram «a parilha de caça mais pequena da região, e provavelmente a mais

perigosa». Por vezes, ainda que por meros instantes, Maya conseguia convencer-se de que o seu lugar era em Björnstad. Mas o sentimento nunca durava muito.

Uma vez, quando eram pequenas, ficou a dormir em casa de Ana. Quase todas as outras ocasiões durante a infância de ambas eram ao contrário, Ana em casa de Maya, mas, dessa vez, iam dormir na floresta, só que o tempo piorou e dirigiram-se para a casa mais próxima, que era a de Ana. Nessa noite, já tarde, ouviram o pai de Ana atender o telefone. Alguém vira um lobo. O pai de Ana perguntou secamente: «Ainda não participaste a ninguém, pois não?»

Maya não compreendeu o que isso significava e Ana explicou-lhe, em voz baixa: «Temos de participar os avistamentos de lobos às autoridades, mas, se o fizermos, isso significa que o lobo existe. Percebes?» Maya não percebia, e Ana suspirou: «Se o lobo existir, as autoridades darão pela sua falta se desaparecer. Mas uma coisa que não existe não pode desaparecer. Portanto... DES.»

Um homem veio então buscar o pai de Ana, com uma espingarda no banco da frente da carrinha e um par de pás na parte de trás. Quando regressaram, ao raiar do sol no dia seguinte, tinham terra e sangue nas botas. Disparar, enterrar, silenciar. Foi assim que Maya ficou a saber o que isso era.

Quando Kira a veio buscar, horas depois, Maya fingiu que não acontecera nada e só vários anos mais tarde percebeu que a mãe também estava a fingir. Ela sabia perfeitamente o que acontecera ao lobo, como todos em Björnstad. Maya pergunta-se se a mãe ainda se lembrará disso, da forma como aquele silêncio refletia todos os outros silêncios que Björnstad ensinava aos seus filhos.

A única pessoa que não ficava calada era Ramona. Maya só se lembrou disso há pouco tempo: é o tipo de memória que o cérebro arquiva, apenas para vir inesperadamente ao de cima, um dia, quando ela está na outra ponta do país. Alguns dias depois de Maya ficar a saber o que era DES, teve de ir com Ana ao Urso Pardo buscar as chaves do carro do pai da amiga, porque às vezes ele embebedava-se

ao ponto de trocar o carro por mais duas cervejas, e Ramona deixava-o fazê-lo porque era melhor para ele ir a pé para casa depois de mais duas cervejas do que não as beber e tentar meter-se atrás do volante. Infelizmente, a mochila de Ana estava no carro e ela precisava do livro de Matemática na manhã seguinte, por isso as raparigas não tiveram escolha senão palmilhar até ao bar. Naturalmente, os pais de Maya teriam perdido a cabeça se soubessem que ela lá estivera, já que o bar estava cheio dos tais homens de blusões pretos que lutavam com os apoiantes da equipa adversária nas noites de hóquei, e uns com os outros praticamente em todas as outras noites. Ramona deu as chaves a Ana por cima do balcão e disse-lhe para não se esquecer de levar também a espingarda, porque o pai deixara-a na carrinha, como de costume. Ana prometeu. Depois Ramona olhou para Maya, e a velha mulher parecia-se demasiado com uma bruxa para que a rapariga conseguisse fitá-la nos olhos.

«Ouvi dizer que viste as pás. Aqueles estúpidos podiam ter-te poupado a isso. Mas suponho que, mais cedo ou mais tarde, terias de aprender que é preciso lidar com os predadores. Talvez não seja assim em todo o lado, mas é assim por aqui», sussurrou Ramona entre dentes, e então deu uma bolacha de chocolate a cada uma, tossindo de tal maneira que quase não conseguiu continuar a fumar. Quase.

Depois rebentou uma luta mesmo ao lado do balcão, entre dois homens e dezasseis cervejas. Ramona praguejou e brandiu a vassoura e Maya, aterrorizada, puxou Ana para a afastar da confusão. Ana, claro, estava tão despreocupada com a violência que ficou apenas aborrecida por ter deixado cair um bocado da bolacha de chocolate à saída. As raparigas tinham pais muito diferentes, pelo que estavam habituadas a esperar coisas completamente diferentes dos adultos. Maya aprendeu mais devagar, mas aprendeu.

*

Disparar. Enterrar.

*

Ramona estava enganada, pensa Maya agora. Não era dos predadores que as pessoas de Björnstad se livravam, mas sim dos problemas. Quando Maya fugiu a correr do quarto de Kevin, anos mais tarde, não foi o predador que a maioria das pessoas quis atacar, mas sim a ela. Porque seria muito mais fácil para todos se ela desaparecesse em vez de Kevin. Ela é que era o problema.

*

Silenciar.

*

Abranda o passo. O parque está tão silencioso que consegue ouvir o movimento de cada pedrinha de cascalho debaixo dos sapatos. Olha para trás por cima do ombro. Não, não é imaginação sua, aquele homem vem atrás dela. Raios. De súbito sente-se tão estúpida que, por um momento, deixa de se sentir assustada. Como pôde deixar o cérebro perder-se em memórias e não dar pelo perigo?

«Concentra-te, Maya! Pensa!», ralha consigo própria. Uma das luzes do parque não está a funcionar. Ela tem estado a andar entre círculos de luz, mas agora é engolida pelas sombras. «Que raio estou a fazer? Porque é que cortei caminho pelo parque? Se há alguém que devia ter mais bom senso, sou eu!», grita dentro da sua cabeça. Por isto se pode ver o quanto ela mudou, como reaprendeu a ser ingénua. Pelo canto do olho, vê o homem um pouco atrás de si, agora ligeiramente mais próximo do que antes, de blusão preto, o capuz puxado sobre a cabeça.

*

Raios raios raios.

*

Tem tempo para pensar na mãe. Tem tempo para pensar que gostava de estar em casa.

«Casa.»

*

Na verdade, devia haver palavras diferentes para isso, uma para o sítio e outra para as pessoas, porque, ao fim de anos suficientes, a relação de uma pessoa com a sua cidade torna-se cada vez mais parecida com um casamento. Ambas as relações são sustentadas por aquilo que temos em comum, as pequenas coisas que mais ninguém sabe, as piadas privadas que só nós achamos engraçadas, e aquele riso especial que surge só para nós. Apaixonarmo-nos por um sítio e apaixonarmo-nos por uma pessoa são aventuras relacionadas. Ao princípio, contornamos as esquinas, perdidos de riso, e exploramos todos os centímetros do corpo um do outro, e, ao longo dos anos, vamos conhecendo cada pedra da calçada e cada fio de cabelo e cada ronco, e as águas do tempo suavizam a paixão, transformando-a num amor inabalável, e, por fim, os olhos ao nosso lado quando acordamos e o horizonte do outro lado da janela são a mesma coisa: a nossa casa.

Assim, devia haver duas palavras para isso, uma, para a casa que consegue apoiar-nos nos nossos momentos mais sombrios e, outra, para a casa que nos prende. Porque, às vezes, deixamo-nos ficar em cidades e em casamentos apenas porque, de outra forma, não teríamos história. Há demasiado em comum. Achamos que mais ninguém conseguiria compreender-nos.

*

Kira Andersson está sozinha no seu escritório em Hed quando a tempestade rebenta com força. Mandou os empregados todos para

casa assim que a rádio começou a falar em árvores caídas nas estradas. Por fim até a colega e melhor amiga de Kira, a sua sócia no negócio, se foi embora. Ao princípio recusou-se, claro está, declarando que «esses velhadas da rádio ficam incontinentes ao primeiro sopro de vento», mas Kira recordou-lhe que, quando há uma tempestade, as pessoas costumam abastecer-se dos artigos de mercearia mais importantes, e que talvez o vinho se esgotasse, e foi então que a colega entrou em pânico e saiu.

O marido de Kira, Peter, queria ficar também, claro, mas Kira insistiu que ele regressasse a casa, em Björnstad, para que Leo não ficasse lá sozinho. Não era que fizesse grande diferença: o adolescente estará o tempo todo sentado ao computador, escondido por baixo dos auscultadores, e, desde que haja eletricidade, a tempestade até podia ser uma invasão extraterrestre que ele não daria por nada. Vivem na mesma casa, mas os pais mal o veem: ele já tem catorze anos, o que significa que deixaram de ter um filho e passaram a ter um hóspede.

Peter desistiu e fez-se ao caminho antes que a conversa com a mulher se transformasse numa discussão, e Kira não sabe bem se foi desilusão ou alívio que lhe viu nos olhos. Há dois anos, ele deixou o cargo de diretor-geral do Hóquei de Björnstad para vir trabalhar com ela, traçando uma linha divisória sobre uma vida que, até então, girara apenas à volta do desporto. Agora é seu marido quando estão em casa, mas é seu funcionário quando estão no escritório, e, por vezes, ambos se esquecem de que existe uma diferença. De quando em quando, Kira pergunta-lhe se está tudo bem, e ele sorri e acena afirmativamente. Mas ela nota que ele está infeliz. E fica furiosa consigo mesma por ficar tão furiosa com ele por causa disso.

Hoje, prometeu-lhe que vai só acabar umas coisas antes de ir para casa, mas, na verdade, nem ligou o computador desde que a porta se fechou atrás dele. A natureza está a aniquilar-se a si própria do outro lado da janela e ela está sentada do lado de dentro, com as pontas dos dedos pousadas numa fotografia emoldurada dos filhos.

O psicólogo disse-lhe, não há muito tempo, que ela regressa

frequentemente à ideia de que é má mãe. Não que se *sente* mal, mas que *é* má. Ela respondeu-lhe que é verdade, porque podia ter-se limitado a arranjar um emprego, mas optou por construir uma carreira. As pessoas têm empregos pelo bem das famílias, mas constroem carreiras por si mesmas. Ela é egoísta com o seu tempo. Podia ter vivido para eles, mas isso não lhe bastava.

«Já falámos sobre a sua necessidade extrema de controlar as coisas...»

«Não é extrema!»

Só começou a ir a este psicólogo há uns dois meses. Não contou nada a ninguém, porque não é nada de sério, mas recomeçou a ter ataques de pânico. Paga ao psicólogo em dinheiro para que Peter não encontre as faturas no correio e não pense que ela tem algum problema. Porque não tem problema nenhum.

«Está bem. Mas os seus filhos já são crescidos. O Leo tem... catorze, não é? E a Maya, dezoito? Ela até já saiu de casa, não foi?», considerou o psicólogo.

«Não saiu de casa! Está a estudar numa escola de música e vive numa residência de estudantes; não é a mesma coisa!», retorquiu Kira, à beira das lágrimas. Apeteceu-lhe gritar que não tem só dois filhos, mas sim três: Isak, Maya, Leo. Um no Céu e dois que mal lhe atendem o telefone. Mas, em vez disso, murmurou: «Por favor, podemos concentrar-nos no motivo que me trouxe aqui?»

«Os ataques de pânico? Estou inclinado a pensar que estão relacionados com o facto de ser...»

«O quê? De ser mãe? Quer que deixe de ser mãe só porque tenho um negócio para gerir?»

O psicólogo sorriu.

«Acha que os seus filhos diriam que a mãe é excessivamente protetora?»

Kira ficou em silêncio, amuada. Apeteceu-lhe gritar, perguntar ao psicólogo se sabia qual era a parte pior de ser uma mãe excessivamente protetora. É que, às vezes, tinha *motivos* para o ser!

Mas não disse nada, porque nunca contara ao psicólogo o que aconteceu a Isak, nem o que aconteceu a Maya. Não quer falar sobre isso: quer apenas resolver o problema dos ataques de pânico, tomar qualquer coisa, o que tiver de ser. Mesmo com os psicólogos, quer mostrar-se eficiente e inteligente.

No entanto, ele tem razão. Os miúdos são pequenos em todas as fotografias que ela tem sobre a secretária no escritório, para a ajudar a esquecer-se de como já são crescidos. Leo é um adolescente e Maya será uma adulta em breve. Há dois anos que se mudou para a cidade grande, para estudar na sua adorada escola de música. Dois *anos*! É quase tão incompreensível a filha estar longe dela há tanto tempo como Kira ter começado a usar a expressão «cidade grande». Ao princípio, quando ela, Peter e as crianças vieram para Björnstad, costumava rir-se, achando que era tão provinciano quando as pessoas da região diziam essas coisas. Entretanto tornou-se uma delas. Gente da floresta. O tipo de pessoa que resmunga: «Até os alces são preguiçosos no Sul», e está só meio a brincar quando afirma: «Não há nada de errado na cidade grande, é só que é tão difícil lá chegar.»

«Todos os adolescentes acham que as mães são demasiado protetoras. Eu podia estar na prisão e eles ainda achariam que não precisavam de me ver tanto», respondeu por fim ao psicólogo, entre dentes.

Ele cruzou as mãos no colo, porque já aprendeu que, se escrever alguma coisa, Kira exigirá de imediato saber exatamente o que foi que ele escreveu. Não que ela tenha alguma necessidade de controlar tudo, obviamente. De modo nenhum.

«Parece a minha mãe a falar», observou ele, em tom suave.

As pestanas de Kira estremeceram.

«Isso é porque você não compreende. Nós somos as vossas mães. Fomos as primeiras a amar-vos. Talvez haja mais pessoas que vos amam agora, mas nós fomos as primeiras.»

«E sentir-se assim não faz de si uma boa mãe?»

«Faz de mim uma mãe, simplesmente.»

O psicólogo riu-se.

«Bom, tem toda a razão quanto a isso, claro. Eu tenho quase sessenta anos e a minha mãe ainda se preocupa com a possibilidade de eu não estar a alimentar-me como deve ser.»

Kira levantou o queixo, mas baixou a voz.

«Somos as vossas mães. Não conseguem impedir-nos.»

E o psicólogo ficou mesmo com pena de não ter escrito aquilo.

«E o seu marido, o Peter? A Kira prescindiu de muito pela carreira dele, durante vários anos, e agora ele prescindiu da carreira por si, durante algum tempo. Ainda se sente culpada por isso?»

Ela soltou a respiração num sopro pelo nariz.

«Não percebo porque temos de falar nisso. Já lhe disse que... bom... sim, sinto-me culpada! Porque não sei como o fazer feliz. É a única coisa que nunca tive de fazer por ele em todos os anos em que ele se dedicou ao hóquei. Fazia tudo em casa, e adaptei toda a minha vida à carreira dele, mas nunca precisei de o fazer *feliz*. O hóquei é que tratava disso. E agora não sei se sou capaz.»

O psicólogo perguntou, como os psicólogos costumam fazer: «Mas será mesmo responsabilidade sua fazê-lo feliz?»

A voz de Kira talvez tenha vacilado, mas a sua resposta foi firme: «Ele é o meu marido. Não pode impedir-me.»

E foi sincera ao dizê-lo. Ainda pensa da mesma maneira e, no entanto, está sentada no escritório sozinha, neste momento. Ainda tem tempo de chegar a casa, mas não sai. Olha pela janela e vê a tempestade aproximar-se; não está assustada, embora saiba que devia estar.

*

É possível ficar a saber tudo o que é preciso saber sobre Ana pela forma como ela conduz a carrinha nessa noite. Conduz como se temesse ser ela a culpada caso não se salvem todos, se não estiverem todos felizes, se alguma coisa correr mal. Seja o que for. A parteira

apercebe-se, estica o braço e toca no ombro da jovem, e afasta-lhe o cabelo que estava caído sobre os olhos. Ana provavelmente nem dá conta; está concentrada no vidro do para-brisas, com os nós dos dedos brancos a apertar o volante e os pés a bailarem sobre os pedais. A carrinha precipita-se pela escuridão. Mais tarde, os outros mal se lembrarão de como saíram da floresta, mas de repente a carrinha está numa estrada e pouco depois avistam as luzes do hospital.

Ana trava mesmo em frente à entrada e então acontece tudo extraordinariamente depressa: o pessoal hospitalar parece surgir de todas as direções a correr para os ajudar. As portas da carrinha estão todas abertas, o vento ruga lá fora, enfermeiras gritam umas para as outras e Ana fica sentada no meio do caos com a sensação de estar a estorvar, de tal maneira que nem ousa mexer-se. Hannah, o pai, a mãe e o bebé desaparecem na maré de pessoas, as portas da carrinha fecham-se atrás deles e de súbito impera o silêncio. Um silêncio insuportável.

Ana pega no telemóvel e liga a Maya. Quer falar com alguém sobre o que aconteceu, mas por onde há de sequer começar? No entanto não precisa de se preocupar com isso, porque Maya não atende. Ana enfia o telemóvel no compartimento da porta e apoia a cabeça no volante.

Só ao fim de uma hora a mãe e o bebé estão suficientemente estabilizados para que Hannah se lembre de que talvez Ana ainda esteja lá fora, no parque de estacionamento. Quando sai, a rapariga continua sentada com a testa apoiada no volante, de olhos bem abertos. A parteira sobe para o banco do passageiro e tem de recorrer a todas as suas forças para fechar a porta, e impedir que o vento rebente com as dobradiças, e a arranque e jogue fora como uma folha de papel. A carrinha baloiça de um lado para o outro, a chuva chega, e ficam sentadas em silêncio no meio do tamborilar no capô, até que Hannah diz:

– Portaste-te muito bem, Ana.

Ana pisca os olhos.

– O bebé está bem?

– Sim, estão todos bem. Graças a ti. E *tu*, estás bem?

– Sim... sim. Aquilo foi... quando fez o parto do bebé no carro e ele chorou pela primeira vez, nem sei como descrever... foi como apanhar uma moca! Sabe o que quero dizer? Não que eu costume consumir drogas! Mas sabe? Quer dizer... sabe?

– Acho que sim.

– É sempre assim?

– Nem sempre.

– Porque acaba por se habituar?

As rugas finas em torno dos lábios da parteira são cicatrizes de alívio e não linhas de riso quando ela responde:

– Porque nem toda a gente se salva. Temos de aproveitar ao máximo os finais felizes quando há a oportunidade.

O silêncio que se segue parece pressioná-las contra os bancos.

– Tenho de voltar para casa, para junto do meu pai – murmura Ana.

– A tua mãe está em casa?

– Ela não vive connosco.

A rapariga di-lo com tanta naturalidade que a parteira não faz mais perguntas. Não há uma mãe presente. Houve uma mulher que deu à luz Ana, em tempos que já lá vão, e agora vive noutro lado e tem outra vida, mas já não existe uma mãe presente. Quando a parteira toca cuidadosamente com as pontas dos dedos na face da jovem, ela parece despertar do choque e as suas lágrimas deslizam sobre a mão de Hannah.

– Jura que o bebé está bem?

– Juro, Ana.

– Peço desculpa por ter dado um soco no estúpido do pintor. E por ter conduzido tão depressa. E por...

A parteira manda-a calar com carinho.

– Salvaste a vida de um bebé esta noite, Ana. És um bocadinho irresponsável, sim, não vou fingir que não. Nem sequer te deixaria usar a minha máquina de costura se não fosse a tempestade, podes ter

a certeza disso. Mas também és muito, muito corajosa. És o tipo de pessoa que corre para o fogo. Acredita em mim, eu reconheço esse tipo de pessoa.

Ana tenta acenar como se acreditasse. O pai ainda dorme no cadeirão com uma garrafa na mão quando ela chega a casa, nem se deu conta de que o mundo está a desabar do lado de fora das janelas. Ana acaba de lavar a louça e depois verifica as pilhas das lanternas antes de se deitar em frente da lareira, debaixo de uma manta, com os cães aninhados à sua volta. Deixou o telemóvel na carrinha, onde toca, e toca, e toca.

No dia seguinte, Ana não conta a ninguém o que fez na véspera, nem mesmo a Maya.

*

No hospital, há uma mulher deitada numa cama. Ninguém lhe explicou como seria mesmo ser mãe de alguém. E ainda bem. Daqui em diante, estará sempre com medo.

– Vidar é um bom nome – murmura.

– É um excelente nome – funga o pai.

E é mesmo. Um nome para um rapaz nascido no meio da floresta, entre duas cidades que se odeiam, numa noite de loucos, durante a pior tempestade de que alguém se lembra. Um filho do vento, salvo pela filha de um caçador. Se esse rapaz algum dia começar a jogar hóquei, este será um dos nossos melhores contos de fadas de sempre.

E vamos precisar deles. São os contos de fadas que nos ajudam a lidar com os funerais.

*

Hannah volta a entrar no hospital e dirige-se para os balneários, onde muda de roupa e encosta a testa à porta. Depois cede a um pequeno colapso, ínfimo, só por um instante. Deixa que tudo o que é

mais luminoso e tudo o que é mais sombrio cante dentro de si, sem tentar resistir. Depois fecha todas as portas e escotilhas dentro dela e abre os olhos, para não levar tais sentimentos para casa. Ninguém aguenta sentir tudo ao mesmo tempo. Está a poucos quilómetros de casa, mas, quando sai para o parque de estacionamento, de repente lembra-se de que a sua carrinha ficou estacionada à porta de Ana em Björnstad. É demasiado perigoso ir a pé para casa no meio da tempestade, principalmente quando está tão cansada, por isso liga ao marido e diz-lhe, quase sem conseguir falar:

– Correu tudo bem, querido, mas não trouxe o carro, por isso vou ficar aqui no hospital até a tempestade...

Mas Johnny já desligou. Leva os quatro filhos adormecidos ao colo para os vizinhos e pede-lhes o carro emprestado para ir ao hospital buscar a mulher. Nem um desastre natural consegue impedir aquele idiota de o fazer.

*

Kira está sentada à secretária, sozinha no escritório, e não vê nada senão o seu próprio reflexo na janela, pois do outro lado a escuridão é de breu, o céu engoliu a terra. Pensa mil vezes em telefonar à filha, mas é tão tarde e ela deve estar numa festa qualquer com os amigos, e Kira não quer preocupá-la. Principalmente, não quer que Maya oiça na sua voz como está assustada. Como está perdida.

A tempestade vai ser pior do que comunicaram nas notícias, muito, muito pior. Mas Kira não vai para casa. Devia ir, mas não vai.

As cidades e os casamentos são feitos de histórias. Quando uma começa, outra acaba.

Aves migratórias

Maya ouviu dizer muitas vezes em Björnstad que «é nos momentos de crise que descobrimos quem realmente somos». Nas cidades de hóquei, as pessoas adoram os seus malditos aforismos. «Quando estamos encurralados é que sabemos do que somos capazes», declaram, sem nunca questionar o que isso realmente significa. Afinal de contas, a grande maioria nunca chega a descobrir aquilo de que é capaz, nem sabe se é o tipo de animal que foge ou o tipo de animal que caça. Maya inveja-as. Inveja-as tanto.

Caminha um pouco mais depressa pelo parque, mas sem desatar a correr, pois sabe que o homem atrás dela a apanharia em segundos se o fizesse. Está a tentar ganhar tempo, chegar tão perto quanto possível da saída antes de tentar fugir, na esperança de que ele esteja a subestimá-la.

*

Idiota.

*

Maya costumava ver as aves migratórias a passarem sobre a floresta entre Hed e Björnstad, na primavera, e perguntava-se porque o fariam.

«Quer dizer, compreendo porque é que se vão embora, mas não porque é que voltam», disse ela uma vez a Ana, que se limitou a encolher os ombros e respondeu: «Estão fora durante toda a época de hóquei. São espertas!»

Ana costumava rir-se para disfarçar sempre que alguma coisa a magoava, mas quando Maya partiu para a escola de música

murmurou-lhe: «Agora és como aquelas aves. Vais voar para longe.»

Maya desejava ardentemente que tivesse sido assim tão fácil.

Passaram a primeira noite em lados opostos do país a falar ao telefone, até o sol nascer. Maya fazia um esforço fenomenal para fingir que era normal à frente dos colegas, mas tudo isso caía por terra quando telefonava a Ana. Admitiu-lhe, em voz baixa, que se calhar era uma psicopata, já que nem sequer se arrependia de ter apontado a espingarda à cabeça de Kevin. Ana, do outro lado da linha, respondeu com um suspiro: «Céus, já eras uma psicopata *muito* antes disso!»

Maya sorriu. A conversa acabava sempre com uma delas a fazer uma piada, para não terem de aprofundar esse assunto. Maya odiava-se a si própria por ter estado naquele quarto com Kevin, Ana odiava-se a si própria por não ter estado lá. Maya poupava-o naquele trilho de corrida, ao passo que Ana nunca o teria feito.

«Todos os animais lutam primeiro pela própria sobrevivência: caçam se for essa a sua natureza, e morrem se tiverem de morrer», continuou Ana, e Maya pensou um pouco antes de responder: «Mas nem todos os animais querem vingança. Nós somos os únicos. Ficamos à espera na escuridão a noite toda para nos vingarmos de alguém por alguma coisa. Só nós fazemos isso.»

Ana soltou uma fungadela desdenhosa e contou-lhe que a mãe uma vez dera uma palmada no focinho de um dos cães de caça do pai; algumas semanas mais tarde, o cão saiu à socapa de casa e arrancou toda a roupa branca que a mãe pusera a secar no estendal.

«Foi a vingança dele», sorriu Ana.

Continuaram a falar ao telefone, mas cada vez com menos frequência, e cada vez menos sobre animais. Maya tentou mesmo esquecer-se de tudo. Os novos colegas não sabiam nada sobre ela, por isso decidiu tornar-se outra pessoa, alguém a quem nunca acontecera nada. E quase funcionou.

Idiota idiota.

*

«Nunca nos contas nada sobre ti! Conhecemos-te há dois anos, mas parece que não sabemos nada de ti!», exclamou recentemente uma das colegas quando estavam a estudar na biblioteca. Maya ficou chocada ao ver que todos os outros sentados à volta da mesa concordavam. O comentário não fora feito com maldade, apenas curiosidade: eles não faziam ideia das portas que estavam a tentar abrir. Tentou levar na brincadeira e, no seu sotaque mais carregado de Björnstad, disse-lhes que era uma assassina contratada pela máfia, porque sabia que isso os faria rir. Que outra coisa havia de lhes dizer? Por onde começar? O mundo deles era demasiado pequeno para que fossem capazes de compreender, ainda eram crianças; embriagavam-se em todas as festas porque não temiam perder o controlo, porque nunca lhes acontecera nada de mal. Nunca se tinham odiado a si próprios ao ponto de se quererem matar, como ela, simplesmente por ter ido a uma festa aos quinze anos de idade numa cidade onde, a seguir, toda a gente desejou que ela não existisse, porque, se não existisse, não podia ter sido violada. Os colegas nunca se tinham perguntado, como ela, o que teria acontecido se não tivesse ido à polícia, se não o tivesse denunciado, se deixasse que a vida prosseguisse sem virar de pernas para o ar o mundo das pessoas que amava. Nunca sonhavam com uma espingarda encostada a uma testa, nem acordavam aliviados, como Maya acorda, porque antes quer sonhar com aquilo que fez a Kevin do que sonhar com aquilo que ele lhe fez a ela. Nunca se perguntaram se teria sido melhor seguir o conselho que a cidade lhe dera: Disparar. Enterrar. Silenciar.

Numa festa, há alguns meses, um tipo perguntou a Maya porque é que nunca bebia mais de um ou dois copos de vinho, e o que podia ela responder-lhe? «Por causa de tipos como tu. Porque vocês estão por todo o lado.»

Mas *quase* conseguiu tornar-se uma pessoa diferente ali na cidade. *Quase* conseguiu mudar. Ao ponto de, uma noite, decidir cortar caminho pelo parque, na escuridão, sem sequer pensar nisso.

*

Idiota idiota idiota.

*

Acelera o passo no caminho de cascalho, só um pouco, e o homem atrás dela acelera também. Talvez esteja enganada? Talvez seja apenas imaginação sua? Assim, abrandando, e ele quase estaca nesse momento. Quando recomeça a andar, Maya já não tem qualquer dúvida quanto ao que ele quer, e nessa altura já é tarde demais. Remexe dentro da mala, mas atrapalha-se e o telemóvel escorrega-lhe dos dedos e cai no chão. Ele aproxima-se muito depressa. Ouve-lhe a respiração, e, no segundo seguinte, sente o hálito dele na sua face.

Tem tempo para ficar furiosa consigo própria – furiosa com tudo e com todos, mas principalmente consigo própria. Porque já tem a faca na mão. Era isso que procurava na mala quando o telemóvel caiu — sabia que não teria tempo para ligar a ninguém, apenas para se defender. A lâmina é fina e não especialmente longa, e Maya planeia atingi-lo nas mãos: ele não tem luvas, portanto talvez a dor seja suficiente para lhe dar um bom avanço quando ela começar a correr. São tão pequenas, as mãos dele, dá por si a pensar. A última coisa que lhe passa pela cabeça é que devia ter apertado melhor os atacadores dos ténis. Por isto se pode ver o quanto ela mudou: tornou-se o tipo de pessoa que não anda bem os sapatos quando sai de casa. Como se o mundo não estivesse cheio de homens.

*

Ele move-se. Ela ataca.

*

Ouve o seu próprio grito, um grito não de medo, mas de raiva. Dois anos. Quase conseguiu tornar-se outra pessoa, aqui. Mas, num momento de crise, descobre a verdade sobre si própria, e depois lembra-se do hálito de Kevin, da força com que a agarrou, dos batimentos descompassados do seu próprio coração. Mas lembra-se também dele ofegante, com as mãos a tremer ao ver a espingarda, do cheiro a urina quando se mijou com o medo. Será que ele ainda está naquele trilho de corrida, à noite, tal como ela ainda está no quarto onde ele a violou? Será que ele alguma vez saiu da floresta e voltou para casa? Será que ainda tem medo do escuro? Maya espera que sim.

*

O homem à frente dela no parque grita, um gritinho patético. Será que o atingiu com a faca? Céus, espera que sim.

*

Foi Ramona que lhe deu a faca, na manhã do último dia de Maya em Björnstad, antes de partir.

«Toma, guarda-a e anda sempre com ela na mala. Lá na capital as pessoas são tão sensíveis que o mais certo é que não te deixem levar uma espingarda se fores sair. Mas, por amor de Deus, não fales nisto a...», começou, e Maya percebeu mal e apressou-se a prometer: «Esteja descansada, não digo nada ao meu pai!»

E, em resposta, Ramona soltou uma fungadela desdenhosa tão convicta que apagou as velas do outro lado do balcão com a deslocação de ar.

«O que te leva a pensar que eu tenho medo do teu pai? Já da tua

mãe, por outro lado... Se ela sonha que te dei uma faca, o mais certo é que ma espete no cu. Literalmente.»

Ramona não tinha jeito para abraços, por isso foi Maya que fez a maior parte do trabalho, mas pelo menos fora um abraço. Maya já pensou mais de mil vezes em ver-se livre da faca, mas foi ficando na sua mala.

«Imagino que já toda a gente te perguntou por que raio te vais embora», foram as palavras de despedida de Ramona, «portanto faço apenas questão de deixar bem claro que quem se vai embora de Björnstad são só filhos da mãe presunçosos que se acham muito importantes. E isso é bom. Quero que te aches muito importante, rapariga.»

*

– Espera. ESPERA!

*

Ao princípio, Maya não se apercebe de que é o homem que está a gritar, a sua voz parece demasiado jovem, demasiado aguda. Ele saltou para trás e Maya travou o movimento da faca no último instante. Ele tem uma mão no ar e, na outra, o telemóvel dela, e treme de tal maneira que o aparelho quase cai de novo para o chão. A vergonha invade Maya quando se dá conta de que nem sequer é um homem e sim uma miúda, dos seus treze anos de idade. Uma criança. Ela olha para a faca na mão de Maya com as lágrimas a deslizarem-lhe pelas faces.

– Desculpa! Peço desculpa!

– Mas que RAIO? – grita Maya, atirando a faca para dentro da mala, em pânico. Também ela treme agora descontroladamente e a rapariga balbucia, nervosa:

– Posso... posso ir contigo até sairmos do parque? Elas tiraram-me

o telemóvel e eu não quis dizer-lhes o código, por isso perseguiram-me e quando te vi pensei...

Só então é que Maya vê as outras três raparigas, da mesma idade, mais ao fundo do parque. O coração de Maya bate com tanta força que tem os ouvidos a zumbir, e só consegue pensar naquilo que a mãe lhe disse sobre a diferença entre mudar-se de Toronto, com os seus milhões de habitantes, para a pequena Björnstad: «Em Björnstad, só precisas de te preocupar com os animais selvagens se saíres à noite, Maya, mas, numa cidade grande, tens de ter medo de tudo.» Estava enganada e provavelmente sabia-o já nessa altura, era apenas uma mentira para tranquilizar a filha e também a si própria. Há predadores por todo o lado, apenas de espécies diferentes.

– Toma... o teu telemóvel... – murmura a rapariga à frente dela.

Maya vê-lhe as marcas vermelhas nos pulsos e sabe como é que aparecem aquelas marcas: quando a pessoa se liberta à força, quando luta pela vida. Pega no telemóvel, e as raparigas ao fundo do parque veem o ecrã iluminar-lhe o rosto e talvez pensem que ela está a ligar para a polícia, porque dão meia-volta e desaparecem tão depressa como apareceram.

– Anda, depressa! – murmura Maya, puxando a rapariga consigo em sentido contrário.

A rapariga corre ao lado dela até chegarem ao fim do parque.

– Onde... onde é que arranjaste essa faca? – pergunta ela, quando por fim se atreve a falar.

Maya está inclinada para a frente, sem fôlego, com as mãos nos joelhos, e deseja que Ana ali estivesse para fazer pouco de como está em baixo de forma. Evita o olhar da rapariga mais nova e murmura:

– Foi uma bruxa na floresta que ma deu.

– O quê?

– Esquece. Não deves arranjar uma faca.

– Porque não?

– Porque só deves ter uma faca se estiveres preparada para a usar – murmura Maya, rezando para que a outra rapariga nunca esteja tão

preparada como ela.

Estende-lhe o telemóvel e diz-lhe que ligue para os pais, e a rapariga faz o que ela mandou. Maya ouve-a explicar o que aconteceu e jurar uma e outra vez que está bem, e percebe que ela está a esforçar-se por não chorar, não por si própria, mas pelos pais. A maior parte das pessoas não sabe quando é que a sua infância chegou ao fim, mas aquela rapariga saberá sempre o momento exato.

Maya lembra-se do hospital, depois da violação, quando a mãe queria assassinar a cidade inteira e o pai murmurara: «Que posso fazer?», e tudo o que Maya conseguira dizer fora: «Podes amar-me.» É um momento terrível para todas as crianças, aquele em que se apercebem de que os pais não as conseguem proteger. Que um dia não conseguirão proteger os seus próprios filhos. Que o mundo inteiro pode apanhar-nos à sua vontade.

A rapariga devolve o telemóvel, diz que a mãe quer falar com ela, e Maya ouve uma mulher do outro lado da linha a chorar.

– Obrigada, oh, *obrigada!* Estou tão feliz por a minha filha ter tido a sorte de a encontrar! Sempre lhe ensinámos que, se acontecesse alguma coisa, devia correr para junto de um adulto!

É a primeira vez que alguém chama isso a Maya. Esperam juntas até verem o carro dos pais da outra rapariga virar a esquina. Ela desvia os olhos de Maya por um instante e, quando a procura, ela já desapareceu. Desapareceu na cidade onde ninguém sabe quem ela é e onde pode ser quem quiser.

*

Mas quem é que ela quer ser?

*

A dois quarteirões, Maya senta-se num banco gelado e, exausta, desfaz-se em lágrimas. Chora tanto, que mal consegue respirar. Tudo o

que nesses meses tentou esquecer regressa numa torrente: o som dos botões da sua blusa a saltitarem no chão, os *posters* nas paredes do quarto de Kevin, o peso do seu corpo, o pânico, o pânico, o pânico. O cheiro dele na sua pele a seguir, que ela tentou esfregar até sangrar.

Dizem que é nos nossos piores momentos que vemos quem são os nossos verdadeiros amigos, mas é claro que, acima de tudo, vemos quem verdadeiramente somos. Maya pega no telemóvel. Podia ligar a qualquer uma das colegas, mas o que lhes diria? Elas não têm facas na mala. Não compreenderiam.

Mais do que qualquer outra coisa, quer ligar à mãe, quer ouvi-la perguntar: «Está tudo bem, querida?», e responder num sussurro: «Não, mãe, não, não estou bem, não estou bem, não estou bem.» Quer gritar-lhe para que pegue no carro e atravesse o país e venha buscá-la, como fez tantas vezes quando ela era pequena e ia acampar na floresta com Ana e ficava com medo do escuro. A mãe estava sempre no carro antes que Maya tivesse tempo de terminar a frase; dormia sempre vestida quando os filhos não estavam em casa. É a única coisa que impede Maya de lhe ligar agora. A mãe sairia imediatamente de casa, conduziria a noite inteira, o caminho todo, sem hesitação. Porém, Maya acaba de ouvir alguém chamar-lhe adulta. Assim, é o que tenta ser.

Portanto, em vez disso, liga à única pessoa que tem, a única pessoa que sempre teve, porque é essa a pergunta que se coloca em momentos de crise: quem é a tua pessoa?

Maya liga a Ana.

Ela não atende. Maya volta a ligar-lhe, uma e outra vez, e por fim manda uma mensagem: «Atende! Preciso de ti!» Dentro de poucas horas, sentir-se-á tão envergonhada. Vai odiar-se tanto, quando descobrir o que tem estado a acontecer em Björnstad.

Bandeiras

Casa. Para Matteo, nunca lhe pareceu ser a sua casa. Esta cidade nunca se interessou por ele.

Está sentado na vala, encolhido. Quando voou da bicicleta, caiu em cima do braço, e agora dói-lhe tanto que, durante alguns segundos, pensa que foi mesmo atropelado. Solta um gemido quando se levanta; o carro há muito desapareceu nas trevas. Ana, que ia ao volante, e Hannah, sentada ao seu lado, nem sequer o viram. As árvores gritam sob o vento e é como metal a raspar em porcelana. É um mero piscar de olhos numa vida inteira, mas talvez tenha sido ali, naquele preciso momento, que Matteo decide finalmente que chega de ser impotente. Chega de ser fraco. Decide dar com a mesma força que leva, seja a quem for, como puder.

Regressa à estrada, dobrado contra o vento, a arrastar a bicicleta. Desorienta-se e, quando levanta a cara, vê que se pôs a caminhar na direção errada. Está nos Montes, onde ficam as casas mais caras da cidade; não fica a mais de meia hora de caminho a pé da sua própria casa, mas é como se fosse outro país. As casas aqui são tão grandes que duas pessoas podiam provavelmente gritar uma com a outra de lados opostos sem se ouvirem; as janelas são tão altas que Matteo não imagina como é que alguém as limpa. Há dois carros estacionados no caminho de acesso de cada casa, e um trampolim em cada quintal. Esta cidade é muito boa a mostrar-nos aquilo que não podemos dar-nos ao luxo de ter.

Detém-se no trilho de corrida, de onde tem vista para o lago todo; se seguir a margem com os olhos, vê até ao rinque de gelo. Em frente deste, há doze mastros de bandeira dispostos em duas filas muito direitas nos quais esvoaçam sempre bandeiras verdes com o urso, mas agora alguém está a arriá-las, uma a uma, para que não fiquem feitas em farrapos pela tempestade. Com tanto cuidado e ternura como se

cada uma fosse extraordinariamente valiosa.

A corrente da bicicleta de Matteo saltou. Tenta voltar a encaixá-la, mas os dedos gelados tremem-lhe demasiado. Leva a bicicleta pela mão quase o caminho todo até ao centro de Björnstad, mas por fim desiste e abandona-a.

Ninguém o vê, ninguém lhe oferece ajuda. Tudo o que lhes interessa são as bandeiras.

Telhados

Nesta floresta, tudo e todos estão ligados. Estamos tão ligados que, quando o telhado desaba no ringue de gelo em Hed, um homem começa a correr em Björnstad. Um dos antigos treinadores desse homem disse uma vez: «O sucesso é ter níveis extremamente elevados de integridade e nenhum prestígio. Porque a integridade é aquilo que somos, enquanto o prestígio tem a ver apenas com o que os outros pensam de nós.» O homem pensa muitas vezes que isso pode ser verdade no desporto, mas, quando falamos da sobrevivência de uma cidade, é o contrário: o prestígio é tudo. É por isso que ele corre.

A dada altura nos últimos dois anos, quase ninguém sabe exatamente quando, porque nem sequer foi noticiado no jornal local, alguns homens e mulheres reuniram-se numa pequena sala no edifício municipal e tomaram uma decisão política que na altura lhes pareceu uma mera formalidade: foi proposto que se adiasse a renovação do ringue de gelo de Hed e se avançasse com a renovação do ringue de gelo de Björnstad. Mais tarde, ninguém se lembraria ao certo quais os argumentos por detrás dessa tomada de decisão, mas é a história do costume: a política, por aqui, nem sempre é decidida pelos políticos.

O que realmente aconteceu foi que uma «parte interessada» em Björnstad, pequena mas muito ativa, passou meses a cultivar os detentores do poder, em salas de reuniões e clubes de caça e no supermercado, enquanto a direção do Hóquei de Hed estava tão atarefada a tentar recrutar um treinador novo que não tinha tempo para levantar objeções. Naturalmente, nem todos os políticos estavam convencidos de que o ringue de gelo de Björnstad era mais importante do que o de Hed, mas acabaram por se sujeitar, por medo de perder aliados. A realidade política é dura: os períodos entre eleições parecem ser cada vez mais curtos e as campanhas eleitorais cada vez mais longas.

A parte interessada conseguiu apresentar o relatório de uma inspeção na qual se concluíra que o risco de desmoronamento do rinkue de gelo de Björnstad era, de súbito, «imminente», o que era ainda mais preocupante pelo facto de o clube ter um vasto programa juvenil. Com certeza que tinham de pensar nas crianças, não? O facto de a inspeção ter sido levada a cabo pelo irmão de um dos membros da direcção do Hóquei de Björnstad não foi sequer discutido. Quando alguém pediu para ver o relatório, semanas mais tarde, ninguém o encontrou. Porém, nessa altura, a decisão estava tomada e um rinkue de gelo recebeu prioridade sobre o outro.

A rubrica da renovação que implicava maiores gastos era o novo telhado para o rinkue de gelo de Björnstad. Assim que os trabalhos foram concluídos, um único patrocinador pagou por doze mastros no parque de estacionamento, com enormes bandeiras de Björnstad a adejar no cimo, como que em celebração. Esse mesmo patrocinador, por mero acaso, era o líder da «parte interessada», que naturalmente não contribuíra com um cêntimo para os custos do telhado, porque é claro que os telhados não são tão divertidos como as bandeiras. As pessoas veem as bandeiras sempre que vão ao jogo, mas ninguém presta atenção ao telhado a menos que seja destruído.

Na altura, quase ninguém reparou nas decisões políticas, mas agora a tempestade chegou e a primeira coisa a desmoronar-se em Hed é o telhado do rinkue de gelo. Ao mesmo tempo, um homem corre por Björnstad para ir salvar doze mastros de bandeira. Parece ridículo, claro, até analisarmos as consequências. Uma tempestade atinge uma floresta, um rinkue de gelo desmorona-se e outro fica em pé, o que em breve levará os habitantes das duas cidades a embarcar numa nova batalha por recursos, que terminará como tudo parece terminar por estes lados: em violência. Nessa altura, já terá acontecido tanta coisa que nos teremos esquecido de como tudo começou, mas começa aqui. Agora.

O homem que corre para os mastros das bandeiras tem um metro e oitenta de altura, pesa bem mais de cem quilos, e o casaco esvoaça

atrás de si, ao vento. Tenta desatar os nós para arriar as bandeiras, mas estão apertados e ele tem os dedos frios, e acaba aos gritos de frustração. Quem não o conhecesse, pensaria que enlouquecera, mas se perguntassem a qualquer pessoa daqui, a resposta seria: «Louco já ele era.»

É conhecido por Janota, mas tem outro nome, claro, o verdadeiro. Muitos homens adultos nesta cidade têm dois nomes: aquele com que os pais os batizaram e o que o hóquei lhes deu. Em jovem, para tentar destacar-se da multidão, andava sempre de fato quando os outros usavam calças de ganga e *T-shirts*, e numa ocasião, quando toda a equipa foi a um funeral e todos vestiram fatos, ele foi de fraque para se destacar. Desde então, ninguém lhe chama outra coisa.

Os sapatos escorregam-lhe no chão e precisa de estar sempre a puxar as calças para cima, mas isso não o demove de lutar contra os nós. No caminho cruzou-se com um rapaz, mas não sabe que ele se chama Matteo, nem sequer o viu. Só consegue pensar nos pedaços de pano verde que esvoaçam no cimo de alguns mastros. Por amor de Deus, são só bandeiras, pensariam as pessoas de outras terras, é só o raio de um clube de hóquei. Mas não para o Janota.

Toda a sua vida ele foi subestimado e posto de parte, declarado estúpido e gozado. O seu supermercado esteve prestes a fechar, já por várias vezes esteve à beira da falência, mas os seus inimigos dizem que ele é como uma erva daninha: não conseguem livrar-se dele. Já foi perseguido pela Autoridade Tributária, e é tão conhecido por vigarices financeiras e por aldrabar as contas que ser «capaz de encontrar um atalho numa linha reta» é, na verdade, uma das coisas mais simpáticas que se pode dizer sobre ele nos dias que correm. No entanto o Janota continua, continua sempre, com um sorriso e os punhos cerrados e o grito de batalha constante: «Vamos a isto!» Sobreviveu a todas as batalhas e, nos últimos anos, acumulou uma pequena fortuna. Se lhe perguntarem, dirá que é porque sempre viu um pouco mais além do que os outros, e, se não lhe perguntarem, dirá-lo na mesma. A seguir ao hospital em Hed e à fábrica em Björnstad,

o seu supermercado é a entidade patronal que mais empregos assegura em todo o distrito. É também um dos maiores patrocinadores do Hóquei de Björnstad, e um dos segredos mais mal guardados na cidade é que ele selecionou pessoalmente vários membros da direção. Se uma pessoa quiser controlar esta cidade, primeiro tem de controlar os empregos e a seguir o hóquei, e, hoje em dia, quem quiser envolver-se em qualquer uma dessas coisas tem de passar pelo Janota. Ninguém faz ideia de como raio tem tempo para gerir o supermercado, porque parece passar mais tempo no ringue do que os jogadores, e mais tempo no edifício municipal do que os políticos. Toda a gente tem uma opinião sobre ele, mas ninguém o consegue ignorar. Tentaram-no há coisa de dois anos e ele nunca mais os deixará esquecer-se disso.

Foi depois daquilo a que ele chama «o escândalo» porque não consegue forçar-se a dizer «a violação». Também nunca diz «Maya», apesar de conhecer o pai dela praticamente desde sempre; diz apenas «a jovem». Obviamente, foi um ano terrível para todos, mas, como de costume, ninguém parece compreender quem foi a verdadeira vítima: um homem de meia-idade com vastos interesses financeiros. O Janota esteve perto de perder tudo.

São poucas as pessoas por aqui que têm provavelmente a noção de quão perto os políticos estiveram de fechar o Hóquei de Björnstad e deixar o Hóquei de Hed ficar com tudo. Björnstad foi salvo apenas no último instante, pelos seus apoiantes e pelos novos membros da direção e pelo novo dinheiro para patrocínios vindo da fábrica, mas toda a gente sabe que o Janota trabalhou incansavelmente nos bastidores. E, no caso de alguém não o saber até então, quando foi entrevistado pelo jornal local na primavera anterior, ele revelou ao repórter: «Eu trabalho nos *bastidores*, percebe, sem ninguém me ver!» Depois deu ao repórter alguns conselhos muito úteis sobre a melhor maneira de o fotografar e o tamanho que a fotografia devia ter, e por fim mostrou-lhe a brochura que mandara imprimir para todos os negócios locais: «Ser patrocinador do Hóquei de Björnstad não é

apenas *fácil*, é também a coisa *certa* a fazer!» Porque quando Björnstad enfrentava a pior crise da sua história, depois do «escândalo», o Janota ergueu os olhos para o horizonte e viu mais longe.

Björnstad era apenas um clube como os outros, afirmou, mas ia passar a ser um clube como nenhum outro. De súbito, ele abraçou tudo aquilo de que antes desdenhara por serem inovações do politicamente correto, com tamanha convicção que quase ninguém o conseguia acompanhar. Declarou ao jornal local, com orgulho: «Há muitos clubes que não reconhecem as suas responsabilidades sociais, mas o Hóquei de Björnstad é diferente! Já mencionei o enorme investimento que fizemos no hóquei feminino? Pioneiro!»

Algumas pessoas talvez vejam as suas ações como um oportunismo despudorado, mas o Janota considerá-lo-ia um elogio: ser oportunista significa ver uma oportunidade e agarrá-la. Durante o seu tempo enquanto jogador de hóquei, aprendeu que todas as decisões táticas são vistas em retrospectiva ou como um ato de génio ou de estupidez, dependendo unicamente do resultado.

Naturalmente que o Janota apresentou também Amat, que vinha da parte mais pobre de Björnstad, mas se tornara a maior estrela do clube, como prova de que o hóquei «está aberto a toda a gente». Obviamente que não tem os números exatos de quantos outros jogadores do Covão alguma vez jogaram na equipa principal, mas a mãe de Benjamin Ovich não vivia *quase* no Covão? Com certeza que ele também contava. Sim, Benjamin foi para fora há dois anos e já não joga hóquei, mas era *homossexual*, caso o repórter não soubesse. «Não que faça qualquer diferença para nós, claro está, neste clube todos são tratados da mesma maneira!» asseverou o Janota, sem explicar realmente porque é que não sentia necessidade de identificar todos os outros jogadores da equipa pela sua orientação sexual.

Claro que o Janota não quis falar do «escândalo» com o repórter, «por respeito aos envolvidos», porque o respeito era muito importante para o Janota. Todavia, na brochura, o Janota certificou-se de que havia uma fotografia de Peter Andersson em lugar de destaque, apesar

de ele já não trabalhar no clube, e, ao lado de Peter, adicionou a fotografia de uma das meninas da equipa infantil. Não se via o rosto dela, mas via-se o cabelo comprido da mesma cor que o de Maya, numa subtil alusão, para que os patrocinadores se lembrassem de quem era o clube de Björnstad. Não era de Kevin, mas sim de Maya. Bom, «subtil» para o Janota, pelo menos. E era «a coisa *certa* a fazer»!

Foi ele que pagou os doze mastros de bandeira em frente do rinque, do seu próprio bolso, e agora toda a gente que ia a caminho de um jogo passava por uma majestosa alameda ladeada de enormes bandeiras verdes com o urso no centro. E como o jornal local escreveu sobre isso, e as pessoas em geral gostam muito mais de bandeiras do que de telhados, muitos ficaram com a ideia de que fora o Janota que pagara toda a renovação, e não o município.

O próprio Janota, obviamente, era demasiado modesto para se vangloriar, portanto limitou-se a transmiti-lo a título confidencial a umas duzentas pessoas, além do repórter. Oportunismo despudorado? Só se o considerarmos uma coisa má.

Claro que Ramona, no Urso Pardo, aproveita sempre todas as oportunidades para recordar ao Janota como ele é estúpido. Porém, nas suas costas, porque é a única ocasião em que Ramona *não* está a zombar dele, até já admitiu: «É muito fácil gozar com alguém como o Janota, mas sabem o que ele é? É um homem com o tipo certo de paixão. Esta cidade é o trabalho da vida dele. Podem rir-se disso, mas o que é que vocês criaram, afinal? O que é que construíram nesta cidade? O que é que o Estado alguma vez construiu? Açam que o governo vai aparecer aqui, a arranjar empregos e habitação? Nem sabem que nós existimos!» Depois Ramona bebeu o seu segundo pequeno-almoço e acrescentou: «O Janota pode ser um tremendo idiota, mas, sem tremendos idiotas como ele, sítios como este não sobrevivem.»

Talvez fosse um exagero, mas não era de maneira nenhuma mentira. O Janota sabe que está tudo ligado, que as bandeiras são o símbolo do clube; se ficarem esfarrapadas na tempestade, amanhã as

peessoas pensarão que o hóquei é fraco. Mas, se estiveram a esvoaçar tão orgulhosamente como sempre, como se Björnstad fosse imortal, as pessoas sentirão que esta é a verdade. Foi por isso que o Janota desatou a correr, porque vê um bocadinho mais além de todos os outros.

*

E porque é um tremendo idiota.

*

A tempestade faz tanto barulho aos seus ouvidos que nem sequer sabe se grita ou não quando a ponta do dedo fica presa no nó de uma das cordas e lhe arranca a unha. A dor é tão imediata e insuportável que cai de joelhos e sente a mão e as faces molhadas.

Levanta-se com esforço e esmurra a porta do ringue de gelo. Quando ninguém abre, pontapeia o metal, desesperado.

*

Bang-bang-bang.

13

Reis

Matteo corta caminho por uma área residencial elegante na esperança de que o vento não sopra com tanta força no meio das casas. Agarra-se a muros e cercas quando pode, sempre de olhos fechados, mas o vento enfia-se na mesma pela fenda entre as suas pálpebras, como se quisesse forçá-lo a ver a destruição. Passa por uma casa com um cartaz de madeira na porta, escrito há muito tempo por uma criança que é hoje adolescente: «AQUI VIVEM LEO E MAYA E PETER E KIRA ANDERSSON.» Matteo aproxima-se um pouco de mais da entrada e um detetor de movimentos ativa a luz exterior. A eletricidade ainda não foi cortada nessa parte da cidade, apenas nos arredores, na orla da floresta, onde Matteo vive. O homem dentro da casa levanta-se de um salto na sala e espreita pela janela. Matteo sabe quem ele é, toda a gente sabe – chama-se Peter Andersson e era o diretor-geral do Hóquei de Björnstad. Outrora, foi jogador profissional na NHL. Todas as cidades de hóquei são monarquias e Peter costumava ser o rei por estes lados. Mas agora parece mais velho, mais sozinho, mais infeliz, e isso deixa Matteo contente. O rapaz deseja que todos os homens do hóquei na cidade, sem exceção, percam tudo o que amam para também eles saberem como é.

Peter espreita pela janela e tenta ver o que fez com que a luz da entrada se acendesse, na esperança de ver um carro, o que significaria que alguém chegou a casa. Mas não vê nada. Matteo já fugiu a correr, com o vento. Peter nunca saberá que ele ali esteve. Na verdade, nem sequer sabe quem o rapaz é. Por enquanto.

Bolas de chocolate

Bang bang bang.

*

Bang-bang-bang-bang-bang.

*

Por um momento, parece o som de discos de hóquei a baterem na parede da casa, mas é só o vento a sacudir um ramo da sebe do jardim contra um caixote caído. Peter Andersson olha para ele através da janela, decepcionado. A tempestade varre a cidade, mas ele está seco e seguro dentro de portas, não tem de ir salvar ninguém porque ninguém precisa da sua ajuda. Tem pena de si próprio por causa disso, como aliás lhe acontece uma boa parte do tempo nos dias que correm, mas, principalmente, tem pena de si próprio por ter pena de si próprio. É uma forma de ódio interiorizado para o qual não vê fim.

Passaram apenas dois anos desde que Peter se demitiu do cargo de diretor-geral do Hóquei de Björnstad, mas parece que envelheceu uma década. Cada vez precisa de menos tempo para se pentear de manhã e de mais tempo para urinar. Hoje, limpou a casa e cozinhou e fez pão – começa a tornar-se bom nisso, como acontece com quem tem muito tempo para praticar. Maya está na escola de música do outro lado do país e Leo, embora esteja no seu quarto, é como se estivesse igualmente distante. Kira ainda está no escritório, em Hed, e Peter tem o jantar dela no forno para não arrefecer, embora saiba que não vale a pena. Pequenos rituais na guerra contra a solidão, ilusões fugazes, para acreditar que ainda faz falta a alguém.

«Pai, já pensaste em... quer dizer, se calhar devias falar com

alguém. Pareces tão abatido!», observou Maya quando veio a casa, no verão.

Foi na mesma altura em que, sem querer, ela deixou escapar que ia para «casa» quando saísse de Björnstad e notou como isso o deixara triste. Peter mentiu, claro, disse-lhe que estava apenas cansado. Com quem é que havia de falar? Com um psicólogo? Isso seria como pagar a alguém para se queixar do tempo. Como poderia explicar fosse a quem fosse? No Canadá, tinha um treinador que gostava de repetir que «é a velocidade que mata» no gelo; o que é perigoso não é o tamanho do jogador com quem colidimos, mas sim a velocidade a que ele se aproxima. Peter só se apercebeu de que isso era mentira no dia em que deixou o rink pela última vez. O que mata é o silêncio. Já não fazer parte de algo. Ele deixou o cargo de diretor-geral do Hóquei de Björnstad de livre vontade e começou a trabalhar com a mulher porque queria ser um marido melhor, um pai melhor, e está bastante certo de que foi bem-sucedido. É muito melhor agora. Então como poderia explicar que não se arrepende mesmo de o ter feito, mas que, ainda assim, se arrepende? Que não estava preparado para ser esquecido tão depressa?

O clube está em melhor forma do que nunca. Têm novos patrocinadores e o apoio dos políticos locais; há anos que as finanças não eram tão sólidas e a equipa é boa. Mesmo, mesmo boa. Na época passada, arrasaram com o Hóquei de Hed de todas as vezes que se enfrentaram, por margens tão grandes que raiavam a humilhação. As cidades já não são equiparadas: Björnstad quase venceu o campeonato e Hed quase desceu de escalão. Os clubes reencontrar-se-ão este ano, mas tudo indica que será a última vez que isso acontece, já que Hed parece estar numa trajetória de queda inexorável, enquanto Björnstad está a subir. Um clube fica mais pobre; o outro, mais rico. Mudou tudo tão depressa; ainda há bem poucos anos as suas posições estavam invertidas.

Assim, como pode Peter admitir que o sucesso com que toda a gente sonhava o trespassa como um punhal? Que parece que ele é que

era o problema? Viveu uma vida inteira no Hóquei de Björnstad, mas, quando o deixou, foi como tirar uma bota de dentro de um balde de água: não deixou vestígios, como se nunca lá tivesse estado. Para quem está de fora, o hóquei pode ser um jogo ridículo, mas nunca o é para quem esteve envolvido nele. É tão impossível de explicar a sensação de estar no gelo como de explicar o que é voar a quem viveu a vida toda no chão. Que importa o céu a quem nunca o viu?

Portanto, o que poderia ele admitir a um psicólogo? Que gostava que precisassem dele? Que a sua vida não é suficiente? Não. A vida que leva é suficiente. Tem de ser.

A tempestade agita as janelas e os algerozes, à caça de alguma coisa solta que possa arrancar. Peter espreita pela janela quando a luz da entrada se acende, na esperança de que Kira tenha voltado. Mas não há nada lá fora senão sombras e um vento absurdo.

Olha para o telemóvel e pensa em ligar-lhe, mas não quer ser chato. Pensa também em ligar para Maya, mas não quer incomodar.

*

Assim, fica parado à janela e odeia-se por ter pena de si próprio.

*

Bang bang bang.

*

Maya ainda está ofegante e tem o coração a bater com tanta força que se sente maldisposta. Dirige-se para o apartamento onde os colegas estão, numa festa, mas detém-se na rua em frente ao prédio, sozinha, e não consegue forçar-se a entrar, em pânico por lhe poderem fazer perguntas e conseguirem ver-lhe nos olhos aquilo que ela fez. Nunca compreenderiam; nunca pensaram em animais que ou caçam

ou fogem: os únicos animais que conhecem estão no zoológico ou acondicionados em caixas no frigorífico. São crianças doces e ingênuas. Ao contrário de Maya.

Olha em volta. Há um pequeno bar do outro lado da rua, com um sinal de néon partido sobre a porta e uma fila de bêbados em bancos altos em frente de um empregado farto da vida. Maya ainda não se habituou a ter dezoito anos e esquece-se muitas vezes de que já pode ir a bares. Lutou tanto para não crescer que nem deu por isso quando aconteceu, mas agora, em vez de ir ter com os amigos à festa, atravessa a rua e abre a porta e deixa a penumbra engoli-la. É recebida pelo cheiro de cerveja entornada, mas ninguém olha para ela; os clientes continuam a olhar para os próprios copos mesmo quando falam uns com os outros. É o tipo de lugar onde a ausência de espelhos nas casas de banho é um ato de misericórdia.

Bang bang bang. Senta-se no canto mais distante, pede um copo de vinho, bebe-o de um trago. O empregado pede-lhe a identificação mas, quando Maya começa a remexer na mala, ele suspira e agita a mão.

– Deixa estar, era só para saber que a tinhas – resmunga.

Maya emborça o segundo copo também. O seu coração ainda bate com força, em parte porque teve de correr, e agora porque se dá conta de como esteve perto de esfaquear aquela rapariga no parque. Agora sabe do que é capaz. Ter essa consciência fá-la sentir-se mais sozinha do que nunca.

Bang. Bang. Bang. Aos poucos, apercebe-se de que não é o seu coração que faz aquele barulho, mas que este vem da televisão na parede. Sabe o que é antes mesmo de levantar a cabeça, reconheceria aquele som em qualquer lado; o hóquei é, acima de tudo, um desporto de sons. Os patins no gelo, um corpo pesado a ser empurrado por outro contra as barreiras de acrílico, o eco do rink, o disco a atingir as laterais com a força de uma bala: *bang-bang-bang-bang-bang*. Olha para cima e vê o jogo no ecrã por cima do balcão, o mesmo tipo de homens de sempre, ainda que pareçam mais novos de ano para ano.

Ouve o comentador dizer que é um jogo de treino, a época a sério ainda não começou. Maya lembra-se de o pai lhe tentar explicar isso quando ela era pequena, e de lhe responder: «Queres levar-nos a ver um *jogo de treino*? Isso é como assistir às aulas de Educação Física de outra pessoa, pai!» Nunca se esquecerá de como a mãe se riu ao ouvir aquilo.

Bebe o terceiro copo de vinho, agora mais devagar. Ainda com o coração aos saltos, pensa na psicóloga a que os pais a levaram há dois anos, que lhe disse que, por vezes, o corpo humano tinha dificuldade em compreender a diferença entre esforço físico e esforço mental, ou seja, se estamos ofegantes porque corremos ou porque estamos a ter um ataque de pânico. «Talvez seja por esse motivo que alguns desportistas jogam como se as suas vidas dependessem disso, porque é assim que se sentem», considerou a psicóloga com um sorriso, sem pensar, porque onde Maya cresceu até os psicólogos usam o hóquei nas suas analogias. Mesmo depois daquilo que lhe aconteceu.

*

Bang-bang-bang.

*

O hóquei não deixa Maya furiosa pela primeira vez em muito tempo. Talvez seja o vinho, ou a adrenalina, ou a solidão. Mas está sentada num bar, numa cidade do outro lado do país, e o hóquei soa-lhe a... a casa. *Bang. Bang. Bang.* Soa-lhe a ter oito anos e estar de mão dada com o pai.

*

Truz. Truz. Truz.

Peter bate levemente na porta do quarto de Leo. Quando não obtém resposta, enfia na mesma a cabeça na porta e pergunta ao filho adolescente se quer comer alguma coisa. Os filhos nunca compreendem que é a maneira mais fácil de nos sentirmos úteis: quando os alimentamos. Mas claro que o filho apenas solta uma imprecisão quando o pai o distrai e o faz perder o jogo. Antes era mais fácil ser pai, pensa Peter; era possível oferecer um sanduíche sem que alguém na Internet desse um tiro na cabeça do filho. Ninguém nos diz, antes de procriarmos, que o mais difícil de ser um bom pai é que nunca nos sentimos como tal. Se estamos ausentes, cometemos um grande erro, mas se estamos sempre presentes, cometemos um milhão de pequenos erros, e os adolescentes contabilizam-nos. Oh, podem acreditar nisso.

– FECHA A PORTA, PAI! – grita Leo, irritado.

Peter obedece e vai afundar-se no sofá. As fotografias emolduradas na parede ao lado da janela estremecem de tempos a tempos, a tempestade está a atingir o auge lá fora; a casa fica no meio da cidade, mas nem ali estarão seguros. Come o sanduíche que tinha feito para o filho, pensa uma vez mais em mandar uma mensagem a Kira ou a Maya, mas não o faz. Está a dar hóquei na televisão e ele levanta o som, mas já não gosta tanto como antigamente. Antes, o desporto recordava-o de quem era, mas agora só lhe lembra de quem já não é. Até muda de canal, a dada altura, mas depressa volta para trás, forçando-se a concentrar-se no jogo para não se poder preocupar tanto com o resto.

O jogo é entre duas equipas da cidade grande, no Sul, lá onde não há vento, por isso estão-se borrifando para o facto de a floresta mais acima estar a tombar, pensa ele. «Desde que não haja árvores nas autoestradas, a comunicação social nacional não quer saber que a província seja destruída, mas, se caírem cinco centímetros de neve ao pé deles, os comboios são suprimidos e os jornais falam como se o

país estivesse a ser invadido», costumava Ramona dizer, e há muita verdade nas suas palavras.

As fotografias na parede abanam de novo, por isso Peter levanta-se e tira-as. São quase todas dos filhos, claro. Tiveram três, sepultaram um. Maya e Leo nem sequer têm memórias do irmão mais velho, Isak, que morreu tão novo, mas o pai ainda sente um baque no peito de cada vez que vê o sorriso do seu primeiro filho. Há impressões digitais nos vidros das molduras porque Peter se encosta a elas por vezes, à noite, quando sente que não tem identidade. Pode já não ser um jogador de hóquei nem o diretor-geral de um clube de hóquei, mas pertence aos filhos.

Segura uma fotografia por mais tempo do que as outras, tirada quando Maya e Leo eram pequenos, a patinarem no lago. Na memória de Peter, é como se costumassem fazê-lo todos os fins de semana, ainda que não fosse mais do que meia dúzia de vezes em cada inverno. Ele não tinha tempo para mais do que isso durante a época de hóquei, mas tudo o que acontece na infância é um postal ilustrado que os pais enviam a si próprios. As coisas nunca são bem como as recordamos.

Uma vez, quando Maya era pequena, ainda na escola primária, levou uns patins novos para o lago e, ao fim de dez minutos, começou a queixar-se de que lhe faziam bolhas. Peter ralhou com a filha por desistir tão facilmente, e foi tão severo que ela desatou a chorar e ele ficou furioso consigo mesmo. Maya tentou continuar a patinar, mas caiu e magoou-se, e depois foi ele que quase desatou a chorar. «A culpa não foi tua, papá», murmurou ela, e ele abraçou-a e pediu-lhe desculpa e respondeu, também num murmúrio: «Tudo o que acontece é culpa minha, joaninha.» Depois sentaram-se num pontão e comeram bolas de chocolate, e ela enfiou a mão na dele e Peter não se lembra de nenhum momento melhor do que esse na sua vida.

A porta do bar abre-se e Maya não precisa de levantar a cabeça para ouvir os jovens que entram num tropel, o tipo de rapazes que se fazem sempre ouvir onde quer que seja. Eles não tiram os cachecóis, apesar de já não estarem na rua, e pedem ao empregado que recite toda a variedade de cervejas disponíveis. Um deles ergue os olhos para a televisão, esperançoso, e solta um suspiro dramático quando repara no que está a dar.

– Raios, pensei que fosse futebol! Por que diabo estamos a ver hóquei?

Maya esvazia o copo de vinho e pensa em atirá-lo à cabeça do rapaz. Quando se mudou para cá, julgava que encontraria mil tipos de homens diferentes, mas aqui também são todos iguais, embora de uma forma diferente dos do lugar de onde veio. Gostam de futebol e não de hóquei, votam em partidos políticos diferentes, mas estão igualmente convencidos de que a sua visão do mundo é a única que existe; consideram-se cosmopolitas quando, na verdade, vivem na mesma pequenina aldeia de vistas estreitas em que toda a gente vive.

Lembra-se de uma história que os vizinhos lhe costumavam contar quando era pequena, de quando o pai era capitão da equipa do Hóquei de Björnstad e tinham vindo disputar uma partida decisiva aqui, na capital, e como os jornais menosprezaram o clube da cidadezinha da floresta chamando-lhe «o apelo da vida selvagem». O pai de Maya, que quase nunca levantava a voz, soube disso e gritou aos companheiros de equipa, no balneário: «Eles podem ter o dinheiro, mas o hóquei? O hóquei é NOSSO!»

Quando era mais nova, Maya achava a história disparatada, mas agora está sentada num bar e apetece-lhe gritar o mesmo a desconhecidos. O jovem encostado ao balcão pede ao empregado que mude de canal e, ao invés, o empregado levanta o volume. Maya decide dar-lhe o dobro da gorjeta só por causa disso.

O pai dela deu tudo o que tinha no gelo, nesse jogo vinte anos antes, mas perderam na mesma. Ele nunca recuperou realmente, e foi como se Björnstad, a comunidade, também nunca tivesse recuperado.

Provavelmente foi uma das razões que o levaram a persuadir a mãe de Maya a deixar o Canadá para regressar a casa, tantos anos mais tarde: a vontade de tentar recuperar, de os compensar por aquilo que não conseguira alcançar da primeira vez.

Maya olha para o copo de vinho e tenta abrandar o ritmo do coração com a força de vontade. *Bang bang bang*, chega-lhe da televisão. Soa-lhe à infância. Em pequena, adorava joaninhas e o pai começou a chamar-lhe «joaninha», mas, quando tinha nove anos, obrigou o pai a deixar de a tratar assim, e desde então que sente falta disso, em segredo. Gostava do lago no inverno porque o pai ficava tão feliz quando calçava os patins, tão calmo; os patins eram para ele o mesmo que a guitarra é para ela.

– Cristo, que desporto de atrasados mentais. Vão mas é acasalar com um lince ou coisa que o valha, seus campónios ignorantes! – lança um dos rapazes na direção da televisão, com a voz empastada, e os amigos riem-se num dialeto que nem sequer o chega a ser, é apenas um grande nada nascido da ansiedade.

Maya sente o álcool queimar-lhe as sinapses como fogo de artifício no cérebro. Pensa num inverno, quando era pequena, e num daqueles dias perfeitos e serenos, com a família toda a patinar no lago, e a mãe a comentar: «Que sítio incrível, este, apesar de tudo.» O pai respondeu: «O que é incrível é que ainda exista. Que ainda vivam aqui pessoas.» E parecia tão triste. Maya não o compreendeu na altura, mas agora compreende: tudo acaba por fechar, na floresta, toda a gente se muda para as cidades grandes, até as filhas. É incrível que ainda reste alguma coisa. As pessoas de Björnstad dizem dos habitantes da cidade grande que «não têm vergonha nenhuma». Maya não concordava, mas agora concorda.

– Olá? Terra para Rapariga! Queres uma bebida ou não?

Os jovens sentados ali perto estão a acenar-lhe. Ela abana a cabeça.

– Mas que raio? Não estejas tão carrancuda! Mostra lá um sorriso! – diz um deles, em tom mal-intencionado.

Ela vira a cara. Ele continua a falar, mas ela não o ouve, porque o empregado já recolheu a gorjeta que ela colocou em cima do balcão e agora põe-lhe o comando da televisão à frente, com uma piscadela de olho amistosa. Maya levanta o volume: *BANG BANG BANG BANG BANG BANG*.

Lembra-se da bola de chocolate, que estava tão congelada quando a tirou do saco que teve de descalçar a luva para a descongelar com o calor da mão, e depois ficou com a mão tão fria que teve de a enfiar na do pai, com a sua grande luva, para a aquecer. Lembra-se dos rapazes, uns anos mais velhos, a jogarem hóquei no gelo ali perto. Sempre hóquei, em todo o lado, sempre. *Bang-bang-bang*. Quando um dos rapazes marcou golo e o festejou, ela perguntou ao pai: «Quem é que marcou?» Não por se interessar, mas porque sabia que ele se interessava. E o pai respondeu tão depressa que corou de vergonha: «O Isak! Não... quer dizer...» Silenciou-se. «Chamaste-lhe Isak», disse Maya baixinho. «Desculpa, às vezes... às vezes aquele rapaz é tão parecido com o teu irmão, não sei porquê...», confessou ele.

Maya mastigou lentamente a sua bola de chocolate durante muito tempo antes de arranjar coragem para perguntar: «Tens saudades do Isak todos os dias?» Peter beijou-lhe o cabelo. «Sim, constantemente», admitiu. «Eu também queria ter saudades, mas acho que nem me lembro dele», respondeu Maya, infeliz. «Acho que podes ter saudades dele na mesma», assegurou-lhe o pai. «Qual é a sensação?», quis ela saber. «É como ter bolhas no coração», explicou ele.

Maya descongelou uma bola de chocolate entre os dedos e comeu-a devagar, depois enfiou a mão fria na luva do pai, sem imaginar sequer durante quanto tempo ele se lembraria disso. Quando metade dos rapazes no gelo levantaram os *sticks* e festejaram de novo, ela perguntou: «Quem marcou desta vez?» O pai sorriu e respondeu, sem imaginar durante quanto tempo ela se lembraria disso: «Aquele chama-se Kevin.»

Maya lembra-se de ser a primeira vez que ouve esse nome, e foi o pai que lho disse, com admiração na voz.

*

Bang bang bang.

*

Os jovens encostados ao balcão aproximaram-se.

Matteo detém-se em frente ao Urso Pardo. Uma mulher já velha arruma copos de cerveja lá dentro, sozinha. As luzes estão acesas e, quando Matteo se aproxima mais da porta, sente o cheiro a fritos e a fumo de cigarro. Tem apenas catorze anos de idade, mas pergunta-se se a dona abrirá uma exceção às regras hoje; só quer um sítio onde possa sentar-se e esperar que a tempestade passe, qualquer sítio que não seja a sua casa. Tenta abrir a porta, mas está trancada. Bate com força, mas a velha mulher não o ouve.

Depois a eletricidade vai-se abaixo ali também. A mulher sobe as escadas e o barulho do vento sobre os telhados abafa todos os gritos do rapaz. Talvez as coisas tivessem acabado de maneira diferente se ela tivesse aberto a porta. Nunca o saberemos.

A tremer, Matteo dirige-se para casa. Todos os edifícios na rua onde vive estão agora sem eletricidade, mas vê os círculos de luz de lanternas a movimentarem-se no piso de cima da casa ao lado. É um casal de idade que lá mora, mas não se atreve a bater-lhes à porta. Sabe que eles não gostam da sua família, pela mesma razão que muitas outras pessoas não gostam da sua família: são considerados estranhos. Um pouco esquisitos e diferentes, embora não perigosos nem desagradáveis. Quando somos considerados estranhos durante tempo suficiente, as pessoas começam a sentir-se pouco à vontade connosco, e, quando isso acontece, ninguém quer acolher-nos debaixo do seu teto mesmo durante uma tempestade.

Assim, Matteo desencanta uma barra de ferro no telheiro das ferramentas dos vizinhos e força a janela da cave deles. Está tão escuro lá dentro como na sua própria casa, mas aqui consegue ouvir as vozes do velho casal e sabe, pelo menos, que não está morto. O pequeno espaço é uma mistura de quarto de hóspedes e escritório, e, embora pareça não ser usado como tal há muito tempo, Matteo

encontra numa gaveta um saquinho com pequenas velas e fósforos. Casais idosos como este, que já viviam em Björnstad muito antes da rede elétrica moderna, estão sempre preparados para cortes de energia e têm fósforos em quase todas as divisões.

À luz tremeluzente das velas, Matteo passa ali a noite, como um ladrão. As vozes lá em cima já se silenciaram, ou se calhar foram apenas abafadas pelo rugido da tempestade, quando o rapaz encontra o armário das armas.

Não consegue abri-lo. Nessa noite.

Violência

A noite cai no exterior da janela da sala de estar, enquanto Peter deixa impressões digitais no vidro das fotografias. A vida passou tão depressa, mas ele devia estar preparado para isso, porque o hóquei avisou-o, afinal de contas. Uma das primeiras lições que os jovens jogadores aprendem é a rematar mal vejam uma abertura, porque, caso contrário, podem acontecer mil outras coisas e a oportunidade de acertar na baliza vai-se, num abrir e fechar de olhos. É preciso ser-se oportunista.

Na estante da sala, vê duas baquetas. Não sabe porque as deixou ali, mas sabe exatamente quando foi: no dia em que Maya saiu de casa, da última vez que tocaram juntos. Peter não era muito bom baterista, infelizmente, conseguiu apenas enganá-la durante alguns anos quando ela era pequena, mas Maya depressa se tornou tão boa com a guitarra que ele mal conseguia acompanhá-la. É o fado de um pai: ao princípio, tudo o que fazemos é pelos filhos, e, no fim, por nós. Mais cedo ou mais tarde, damos-nos conta de que só queremos estar onde eles estão, o mais possível, enquanto eles nos permitirem. Peter sopesa as baquetas na mão. Maya odiava hóquei, e ele estava desesperado para que a música os aproximasse, mas depois ela cresceu e a música levou-a dali.

O problema é esse, na verdade: tudo tem a ver com ele, mesmo quando tem a ver com ela. É terrível para um homem adulto ter de admitir a si próprio que nem tudo o que fez foi, na realidade, pelos filhos. A bem da verdade, muito pouco foi.

Ficou tão orgulhoso de si mesmo quando se demitiu do clube e começou a trabalhar para Kira. Antes disso, tinham passado tantos anos em que toda a casa dormia quando ele chegava à noite, que até gostava quando agora era Kira que ficava a trabalhar até tarde e se sentia mal por isso. Peter era o que vinha para casa primeiro, levava

Leo às suas várias atividades e deixava um bilhete na mesa da cozinha a dizer: «O teu jantar está no frigorífico, amo-te» quando se ia deitar. Fora ele que se metera no carro e atravessara o país até ao quarto de Maya na residência da escola nova para a ajudar a fazer furos na parede para as prateleiras. Ficaram um bocadinho tortas, era verdade, mas ainda assim. Era ele que lá estava, não a mãe, e ficou tão feliz consigo próprio quando a filha murmurou: «Obrigado, pai, que seria de mim sem ti?»

Quando Peter a voltou a visitar, as prateleiras já estavam direitas. Maya comprara um berbequim e arranjara-as sozinha. Naturalmente que nunca lho disse, porque não queria ferir-lhe os sentimentos, e ele tossiu para desfazer o nó na garganta e fingiu não ter reparado. Os nossos filhos nunca nos avisam de que planeiam crescer: um dia estão simplesmente grandes de mais para nos querer dar a mão, e ainda bem que nunca sabemos qual será a última vez, ou nunca mais os largaríamos. Quando são pequenos, gritam de cada vez que saímos de uma sala e dão-nos cabo da cabeça, porque não nos apercebemos então que sempre que alguém grita: «Papá!», significa que somos importantes. E custa muito uma pessoa habituar-se a não ser importante.

Peter sacrificou o hóquei para se tornar um pai melhor. Mas agora os filhos já não precisam de um pai. Ele já não é nada para ninguém. O pior de ter deixado o hóquei foi compreender, apenas nessa altura, que nunca fora tão bom em mais nada, nem de longe. Dera ao jogo os melhores anos da sua vida e chegara a ser um dos melhores do mundo. Jogara apenas quatro partidas na NHL e, na quinta, lesionara-se num pé. Quando os médicos o informaram de que não conseguiria voltar a jogar, bem podiam ter-lhe arrancado os pulmões do peito, porque, durante anos, Peter não conseguiu respirar. No entanto, esteve lá. De todos os milhões de miúdos jogadores de hóquei, foi *ele* que teve oportunidade de jogar com os melhores do mundo. Quantas pessoas conseguem chegar tão longe, seja naquilo que for?

Depois regressou a casa e tornou-se o diretor-geral do clube da sua

terra, construiu todo o programa juvenil, assumiu como seus os sucessos dos rapazes. E agora já ninguém lhe liga, nem sequer a pedir uma opinião. Nada nos mostra melhor o que ficou para trás do que o hóquei e os filhos; fazem de nós velhos em menos de nada.

Então o que diria ele a um psicólogo? Que sente falta das emoções, até das desilusões, porque ninguém salta da cadeira aos gritos de alegria ou de frustração num escritório? Que, agora, os dias são todos iguais, o trabalho é só um trabalho, enquanto o hóquei era uma obsessão, e uma vida sem obsessões é como estar sentado numa sala de espera sem portas. Ninguém vai chamar o nome dele. Está à espera para nada.

Deu a vida ao jogo, o mal foi esse, não precisa de um psicólogo para o saber. Olhou na direção errada. Reivindicou os sucessos dos miúdos errados. Quando se demitiu do cargo e deixou o hóquei, já era demasiado tarde: Maya e Leo passavam bem sem ele. A infância passa a correr; se não aproveitarmos o momento, mil coisas podem acontecer e a oportunidade vai-se num abrir e fechar de olhos.

Uma vez, ele comentou, num tom carregado de amargura: «Que pode o desporto dar-nos? Dedicamos-lhe as nossas vidas, e o que podemos esperar em troca na melhor das hipóteses? Alguns momentos... umas poucas vitórias, uns segundos em que nos sentimos maiores do que realmente somos.» E esta foi a resposta que teve: «E que raio é a vida, Peter, senão momentos?» Estava a falar com Ramona, claro. A velhota não dá descontos nem na cerveja nem nas respostas.

Às vezes passa pelo Urso Pardo no regresso a casa, depois do trabalho, como o pai fazia sempre, mas sem se embriagar como ele. «É sempre assim com os filhos de pais que gostam muito de uísque: ou bebem constantemente ou não lhe tocam», costuma dizer Ramona enquanto lhe serve café queimado num copo de cerveja. Porém, numa ocasião em que ela já bebera o dobro do pequeno-almoço habitual e calhou deixar-se dominar pelas emoções, deu-lhe um encontrão e resmungou: «É sempre assim, com os filhos de maus pais: ou se

tornam maus pais também ou muito bons. Mas como é que o teu pai, que era um pai inacreditavelmente terrível, não te passou nem um bocadinho dessa maldade é a porra de um autêntico mistério para mim.»

Peter fixou os olhos no balcão com tanta intensidade que quase o perfurou. Ramona julgou que era por ele estar a pensar em todas as vezes que o pai chegara a casa, vindo daquele mesmo bar, à procura de motivos para bater na mulher e no filho, portanto calou-se. Peter bebeu o café e sentiu-se uma fraude, mais do que nunca, porque, na realidade, não estava a pensar no pai, apenas em si mesmo. E no som de discos de hóquei.

Um inverno, pouco depois de a família ter regressado a Björnstad, Maya ainda nem sequer começara a escola, uma criança poucos anos mais velha desapareceu na floresta quando as temperaturas estavam bem abaixo de zero. Era um rapaz, que estivera a jogar hóquei nos infantis e falhara um remate nos últimos segundos. Tal como todos os outros jogadores de hóquei em Björnstad, ele já aprendera que nada era suficiente senão a perfeição total, e por isso ficou inconsolável e furioso e nessa noite fugiu de casa. Toda a gente sabia com que rapidez um pequeno corpo pode enregelar até à morte na escuridão por aqui, e por isso toda a cidade de Björnstad andava à procura dele. Encontraram-no no lago. Arrastara para lá uma baliza, alguns discos e todas as lanternas que encontrara, e ali estava, a rematar do mesmo ângulo de que falhara aquele último remate no jogo. Chorava de raiva e lutou como um animal ferido com todos os que tentaram aproximar-se dele, e só se acalmou quando Peter lhe pegou nas mãos e o abraçou. Naquele tempo, todos na cidade admiravam de tal forma o diretor-geral que jogara na NHL que, aos olhos do rapaz, ele era como um rei. «Sei que queres ser o melhor, e prometo que farei tudo o que puder para te ajudar a lá chegar, mas, por hoje, o treino já acabou», murmurou Peter ao ouvido do rapaz. Ele ainda soluçava, desconsolado, quando Peter pegou nele e o levou para casa. Nos anos seguintes, Peter cumpriu a sua promessa: liderou o clube que ajudou

Kevin Erdahl a tornar-se o melhor jogador que a cidade já vira, e ensinou-lhe que era invencível, que nunca devia tolerar a derrota. Nunca devia tolerar um *não*. Fora Peter que, no lago, o erguera nos braços. Fora Peter que o levava para casa.

Dez anos mais tarde, Peter estava sentado num quarto de hospital com a filha de quinze anos, e murmurou-lhe: «Que posso fazer?», e ela respondeu: «Podes amar-me.»

Então, o que poderia um psicólogo dizer-lhe agora? Nada. Ele já sabe que tudo o que acontece aos filhos é culpa dele.

*

Tudo.

*

– Maya?

Maya não ouve; está ocupada com o vinho e o hóquei e o barulho, tanto na televisão como dentro de si.

– *Somos os ursos...* – Sorri consigo própria, embriagada e incapaz de distinguir aquilo que pensa do que está a cantar mesmo em voz alta: – *Os ursoos de Björnstad...*

Pensa em como a mãe costumava dizer que «este raio deste lugar é uma cidade de hóquei com problemas de álcool durante seis meses do ano, e uma cidade alcoólica com problemas de hóquei durante os outros seis». Sente falta da mãe e de casa. Pelo menos da forma como se lembra delas. As coisas agora são diferentes.

Lembra-se de quando foi passar o verão anterior a Björnstad e viu por acaso uma daquelas brochuras que o Janota, o amigo de infância do pai, mandara imprimir para atrair novos patrocinadores para o clube. Estava no chão do supermercado, onde alguém a deixara cair sem querer ou a deitara fora, e ela leu o título várias vezes: «Ser patrocinador do Hóquei de Björnstad não é apenas *fácil*, é também a

coisa *certa* a fazer!» No interior, havia uma fotografia do pai de Maya e, ao seu lado, a fotografia de uma menina do programa de hóquei infantil. Maya nunca comentou com o pai que vira a brochura, mas compreendeu exatamente o que o clube pretendia com aquilo: de repente, Björnstad era o clube *dela*, agora que podia ser-lhes útil. Agora que havia dinheiro a ganhar, de um momento para o outro eram o clube desportivo mais esclarecido e promotor da igualdade do país inteiro. Ela tinha planeado ficar mais alguns dias em Björnstad, mas deitou a brochura ao chão, alterou a data do bilhete e partiu na manhã seguinte.

– Maya? – chama-a a voz no bar de novo, seguida imediatamente de outra voz:

– És mesmo tu! Porque é que não subiste? Que fazes aqui sentada como... como uma alcoólica?

Surpreendida, Maya arranca os olhos do hóquei e vira-os para as duas colegas. Estão a rir, nervosas, como se a tivessem apanhado a ver pornografia. Têm o cabelo perfeitamente arranjado, apesar de estarem tocadas, e Maya odeia-as por isso. Deixaram a festa só para vir perguntar ao empregado se pode vender-lhes gelo. Pagar por *gelo*, pensa Maya. A que raio de planeta é que veio parar?

– Estás bem? – pergunta uma das colegas de cabelo perfeito.

– Sim, sim, estou só cansada, precisava de estar sozinha e pensar um bocadinho... – murmura Maya.

– Pensar? – A outra rapariga de cabelo ainda mais perfeito sorri, como se a palavra fosse tremendamente exótica.

Os rapazes ao balcão reparam no que está a acontecer e um deles exclama imediatamente, deliciado:

– Miúdas! Conhecem-se? Agora podemos fazer uma festa! Conseguem alegrar aí a Rabugenta?

As colegas de Maya reviram-lhes os olhos, mas Maya nem sequer os ouve. Tornou a aumentar o volume da televisão.

– Maya, volta para a festa connosco. Nós... – começam as raparigas, mas Maya manda-as calar.

– Esperem aí... eu disse ESPEREM!

O comentador na televisão está a falar sobre os jogos de preparação que deviam ter sido disputados nessa noite, mas foram adiados. «Por causa da tempestade», esclarece, e de seguida nomeia uma série de clubes de cidades no Norte e Maya leva a mão à testa enquanto tenta organizar as referências geográficas. Björnstad fica mesmo no centro de todos os locais que ele mencionou. Pega no telemóvel para ver as notícias e os dedos tremem-lhe quando chega ao boletim meteorológico: «Aviso de tempestade!» Foi por isso que Ana não atendeu. Maya tem estado ali sentada, cheia de pena de si própria, enquanto o mundo desaba em casa.

– Ouve, vens ou não? Para a festa? – pergunta uma das colegas, impaciente.

– Não percebo, estás aqui a ver... hóquei? Quer dizer... é alguma afirmação irónica? Não sabia que gostavas dessas coisas! – diz a outra rapariga.

Um dos rapazes aplaude quando ela diz isso e salta de cima do banco. O cachecol fica preso e quase o estrangula, mas, enquanto faz uma pirueta involuntária, consegue dizer:

– Precisamente o que eu disse! Que tipo de rapariga gosta de hóquei? Hã? Não é um desporto, é apenas *violência*!

– É mesmo! – concorda a colega de Maya.

Maya ouve-os desta vez, mas não responde e continua a olhar para o telemóvel. «Esta tempestade pode ser o pior desastre natural da região desde os incêndios florestais», lê no *site* do jornal local de Björnstad, e sente-se como se estivesse noutro país. O vinho chocalha-lhe na cabeça, como a bolha de ar num nível partido, quando tenta levantar-se demasiado depressa; dá dois passos cambaleantes e quase se desequilibra. O rapaz puxa o cachecol e estende a mão para a amparar, mas ela consegue endireitar-se e enxota-o com tal força que ele dá um salto para trás, mas não consegue escapar por completo. Maya já está tão furiosa que, instintivamente, dá um passo em frente e empurra-o no peito, projetando-o contra os bancos. As colegas

balbuciam o seu nome e fazem menção de se aproximar dela, mas, quando veem a expressão funesta nos seus olhos, encolhem-se e recuam.

– Violência? Que raio sabem vocês de violência? – cospe Maya, e passa por eles, saindo para o meio da rua.

As colegas estão demasiado chocadas para a chamar. Há dois anos que querem saber mais sobre ela, e agora sabem tudo. Agora ela mostrou-lhes que tipo de animal é.

*

Peter apoia os cotovelos na mesinha de centro e a testa nas palmas das mãos e reza com todas as suas forças para ver a luz da entrada lá fora acender-se. Pediu ao seu amigo Javali que lhe instalasse um sensor de movimento que acendesse a luz quando Kira entra no caminho de acesso. Peter diz que é para ela, para ver melhor, mas na realidade é para ele. Para poder contar os minutos que ela fica no carro antes de entrar em casa. O número vai aumentando cada vez mais. Muitas vezes, ele finge estar a dormir quando ouve a chave na fechadura, porque sabe que é isso que ela espera encontrar.

Manda-lhe uma mensagem. A resposta dela é breve. É assim que comunicam ultimamente, duas ou três palavras de cada vez.

VENS A CAMINHO?

SIM. E TU?

EM CASA.

TUDO BEM COM O LEO?

TUDO BEM. CONTIGO?

TAMBÉM.

Mas a luz não se acende. Peter fecha os olhos, esfrega as pálpebras com toda a força e, quando as volta a abrir, vê tudo escuro. Pisca os olhos, primeiro surpreso, depois horrorizado. Atrapalhado, às escuras, afasta-se da mesa aos tropeções. Depois uma fonte de luz encandeia-o e ouve a voz de Leo:

– Que raio estás a fazer, pai?

Aponta a lanterna do telemóvel para Peter.

– Nada. Porque é que apagaste as luzes todas? – pergunta Peter, sem fôlego.

Leo solta uma exclamação impaciente.

– É uma falha de energia! Tiveste algum ataque?

Peter pisca os olhos e afasta todos os pensamentos. Conduz Leo até à garagem, para irem buscar lanternas. Leo pega numa e, primeiro, volta para o quarto, mas depois volta a sair. Tem catorze anos, portanto é claro que não tem medo do escuro, obviamente, mas se calhar vai ficar ali sentado no sofá ao pé do pai.

Joga no telemóvel até ficar sem bateria, depois joga com o telemóvel de Peter até este ficar também sem bateria. A última coisa que Peter vê é uma mensagem de Kira: «Vou sair daqui a nada.» Responde-lhe com um simples: «OK», e, assim que o ecrã se apaga, arrepende-se de não ter escrito: «Amo-te.»

*

De regresso ao seu quarto na residência de estudantes, Maya está sentada no chão por baixo das prateleiras de livros, a atualizar os *sites* noticiosos e as previsões meteorológicas uma e outra vez, para estar a par das notícias sobre a tempestade. Vai chorando e tentando ligar a Ana, até que por fim está apenas a chorar. Passa uma eternidade a pensar em ligar aos pais, mas eles perceberão que está bêbada: a mãe ficará zangada; o pai, desiludido. Por fim, liga para o irmão, mas ele tem o telemóvel desligado.

– Raios, Leo, atende, por favor... – murmura na escuridão, mas ele

não verá sequer que ela lhe ligou senão na manhã seguinte, quando a eletricidade voltar e puder carregar o telemóvel. É por isso que acaba por ser ele quem liga à irmã, a acorda e lhe conta o que aconteceu.

– Morreu? Co-como assim, morreu? – questionará Maya com a voz entaramelada, meio a dormir e ressacada.

Depois comprará um bilhete de comboio, fará a mala e regressará a casa. Pensará no pai durante o caminho todo.

Morte

«Casa.» Devia mesmo haver mais palavras para isso. Uma para abranger as pessoas que ainda lá estão, outra com espaço para aquelas que perdemos.

Kira está no escritório, em Hed, a contemplar a noite, até a tempestade pressionar de tal forma as vidraças que ela se sente claustrofóbica e começa a entrar em pânico. Vira-se para a secretária, mas de repente a escuridão também se estende ao interior; a eletricidade falha tão subitamente que parece quase um ataque. Sobressaltada, pragueja em voz alta quando bate com o joelho numa cadeira e depois deixa-se cair no meio do chão, sozinha, dominada por um sentimento de impotência. A escuridão parece tornar o escritório vazio gigantesco.

Ela e a colega mudaram a firma para ali no ano anterior, quando o negócio estava em expansão e meteram mais pessoal. Na verdade, o espaço era demasiado grande, mas Kira apaixonara-se pelas instalações, num edifício antigo, com mais de cem anos. Começara a apreciar coisas antigas, embora sempre tenha sonhado com interiores frescos e modernos; talvez seja sinal de já ser mais uma pessoa da floresta do que outra coisa qualquer. «Só me faltam os esquis e conjugar mal os verbos», pensa, amargamente.

Deita-se no chão de olhos fechados enquanto as janelas abanam cada vez mais. Pondera que devia ter ido para casa, para junto de Peter, e sente-se envergonhada porque devia *querer* ir para casa mais do que de facto quer. Sabe que há algo errado, algures dentro de si, para preferir ficar ali.

A dada altura, enquanto dormita e quase adormece, lembra-se de quando Peter, há relativamente pouco tempo, pegou no carro e foi ter com Maya à cidade onde ela vive agora, o seu novo lar, para a ajudar a montar umas prateleiras no quarto da residência estudantil. E como

Kira, enquanto isso, ficou ali no escritório e o seu telemóvel vibrou com uma mensagem dele. Era uma fotografia do carro, estacionado perto de um cruzamento, com a pergunta: «Achas que posso estacionar aqui sem ser multado?» Kira desata a rir, na escuridão, com a parvoíce. A história de amor entre eles é tão peculiar que Peter achou mesmo que ela conseguia avaliar, *por uma fotografia*, o que eram dez metros, e determinar se o carro estava ou não demasiado perto do cruzamento. Talvez tenha sido por isso que Kira ousou montar este negócio, porque ele acredita genuinamente que ela é capaz de tudo, e às vezes isso torna-se contagioso.

Talvez, pensa com os seus botões, algures entre o pensamento e o sonho, na verdade, tudo se resume ao facto de ela não lhe ter falado da extensão dos problemas financeiros por que a firma está a passar de momento. Perderam alguns clientes importantes e estão a afundar-se em contas por pagar, mas ela continua sem dizer nada a Peter porque não suporta a ideia de o dececionar, depois de ele ter sacrificado tanto. Quando somos jovens e apaixonados, achamos que a parte mais difícil de uma relação é admitir que precisamos de ajuda, mas, depois de estarmos casados metade da vida, sabemos que o mais difícil é admitir o contrário: que não precisamos da ajuda de ninguém para nos sentirmos incapazes, fracassados, inúteis. Porque ninguém nos faz sentir todas essas coisas melhor do que nós próprios. Kira vê-o nos olhos de Peter de cada vez que calha criticá-lo. «Não preciso de ajuda», é o que ele quer gritar-lhe, mas tudo o que Kira recebe é silêncio. Sabe exatamente como ele se sente, porque também ela é a melhor nisso.

Adora o escritório: o único problema do edifício antigo é ficar em Hed, não em Björnstad. Tem sido obrigada a conviver com a fúria silenciosa de Peter por essa razão, de tal forma que já chegou a perguntar a si mesma se não terá sido esse um motivo inconsciente para o ter escolhido, para obrigar Peter a distanciar-se ainda mais do hóquei, para que o desporto não conseguisse arrastá-lo de volta. Mas para quê? Em benefício de quem? Não salvou o casamento deles;

possivelmente apenas o prolongou. Se ela nem sequer vai para casa quando há uma tempestade a caminho, então, quando é que quererá *ir* para casa? De qualquer maneira, o que poderá considerar-se a sua «casa», se hoje em dia passa mais tempo em Hed do que em Björnstad? O que é que isso faz dela?

O raio destas cidades, pensa, provavelmente apenas para sentir que pode pôr a culpa em alguém que não neles os dois. *O raio destas cidades e os seus sentimentos mesquinhos e infantis de inveja e ódio, que forcem sempre toda a gente a tomar partido em tudo.* Porque é claro que Peter não fora a única pessoa que ficara aborrecida por ela ter os escritórios em Hed. O amigo de infância dele, o Janota, aparecera-lhe à porta do escritório ainda há poucas semanas, com mais quatro homens, e com o cuidado de explicar que não se tratava de uma «visita oficial» e que «não representavam o clube nem o município», eram apenas «uma parte interessada», por assim dizer. Björnstad e as suas partes interessadas da treta, pensara Kira enquanto os ouvia falar. Aquela cidade patética e aquele jogo idiota. O Janota, fazendo jus ao nome, vinha estupidamente bem vestido, dessa vez com um fato de risca fina, de colete e gravata, enquanto os outros quatro envergavam o habitual uniforme dos *cowboys* empresariais do distrito: calças de ganga, camisa, casaco justo e delírios de grandeza. Kira pensou no que a colega dissera quando fundaram a firma: «A única coisa de que duas mulheres como nós precisam para ter sucesso no mundo dos negócios é: os dez anos dos nossos cursos de Direito, os trinta anos de experiência profissional entre as duas, e a autoconfiança e compostura de um homem de meia-idade muito medíocre.»

Os cinco homens eram todos empresários de sucesso da região, patrocinadores do Hóquei de Björnstad e «residentes preocupados» que publicavam regularmente nas páginas de opinião do jornal local. Reuniram-se em torno da secretária de Kira como se fosse uma instalação artística, porque é claro que parecia uma secretária de homem, só que com uma mulher sentada por trás, e isso,

aparentemente, fascinava-os. Um deles pensou que a colega de Kira fosse a sua assistente e pediu-lhe um *cappucino*, ao que a colega dela respondeu que lhe dava com um *cappucino* nas trombas se não tivesse cuidado, e Kira teve de lhe segurar no braço para a impedir de mostrar que não era só garganta. Um dos outros homens perguntou se Peter não ia participar na reunião, ao que a colega de Kira respondeu: «Claro que sim, ele é que faz um bom *cappucino*!» O Janota percebeu a indireta e abriu os braços num gesto conciliatório. «Minhas senhoras, não queremos ocupar o vosso precioso tempo», tratando em seguida de ocupar quarenta minutos do mesmo.

«Isto não dá muito bom aspeto», disse, com um sorriso, referindo-se ao facto de Kira, na sua capacidade de senhora Andersson, esposa do antigo diretor-geral do Hóquei de Björnstad, ter escolhido instalar o seu negócio de sucesso em Hed. «Temos de nos unir, as gentes de Björnstad, não acham? Numa cidade pequena, está tudo ligado, Kira: os negócios e as políticas e os habitantes...», declarou, impedindo-se de acrescentar: «e o hóquei!», uma vez que viu a colega de Kira sopesar a caneca de café como se estivesse a tentar avaliar a força com que conseguiria arremessá-la. Em vez disso, o Janota apresentou orgulhosamente, como se fosse um quadro do Renascimento, um documento que revelou ser um contrato de arrendamento muito favorável para uns escritórios recentemente remodelados em Björnstad. Eram propriedade municipal, mas isso não representaria qualquer problema, assegurou-lhes o Janota, porque ele negociara a redução na renda diretamente com os políticos. «E claro que é apenas *temporário*, porque daqui a uns dois anos poderão transferir a empresa para *aqui*!» Mais documentos foram espalhados sobre a secretária. «O Parque Empresarial de Björnstad!», declarou o Janota em tom triunfante.

«Aqueles homens pomposos com os seus planos grandiosos», pensou Kira. Havia sempre alguma coisa. Nos últimos anos já fantasiaram, sucessivamente, com um aeroporto, uma galeria de arte, a organização de um campeonato mundial de esqui e agora isto.

Novos edifícios para escritórios mesmo ao lado do supermercado do Janota, um núcleo da vida empresarial do distrito, construído com verbas municipais e com o próprio Janota no centro. E serão construídas, ao mesmo tempo, novas instalações de treino junto do rink de gelo, explicou o Janota, acrescentando com orgulho: «Estamos a investir nas crianças, Kira, isto é tudo pelas crianças!» Nunca é, claro está. As crianças são sempre apenas o álibi. *Parque Empresarial de Björnstad* – até o nome era perfeito, na sua estupidez cintilante. Ela nunca deixa de se surpreender por aqueles homens de uma certa idade nunca deixarem de a surpreender. O Janota entendeu o silêncio dela como admiração e sorriu, da maneira que só os homens que não sabem a diferença entre um diálogo e um monólogo conseguem sorrir. «Temos de estar unidos, Kira, não é? O que é bom para a cidade, é bom para nós!»

Instintivamente, claro, Kira teve vontade de o atirar janela fora sem a abrir primeiro, mas infelizmente reparou, no contrato em cima da secretária, que a renda que lhe ofereciam em Björnstad era metade do que pagavam pelo escritório naquele edifício antigo em Hed. As finanças da firma agradeceriam a folga. Nem mesmo a colega tem conhecimento da gravidade da situação. Kira escondera tudo de toda a gente, pensando obstinadamente que vai encontrar uma forma de resolver o problema, sozinha. Está errado, e ela sabe-o, mas já se prolonga há demasiado tempo para agora poder voltar atrás. Assim, quando a colega a mirou, desconfiada, ao ver que Kira estava a ponderar a oferta do contrato, ela sentiu-se obrigada a ripostar com dureza e perguntou: «Então e vocês, Janota? O que é que vocês e o clube querem em troca?»

O Janota abriu os braços num gesto tão dramático que derrubou uma pilha de pastas. «O que queremos? Ajudamo-nos uns aos outros, Kira, não é? Somos amigos. Vizinhos, mesmo!»

Só então é que um dos outros homens se inclinou para a frente e sugeriu, em boa-fé e para «juntar os meus pensamentos à conversa», que Kira e a colega podiam pensar em patrocinar o Hóquei de

Björnstad, com um montante que, por mera coincidência, seria equivalente à redução na renda que o Janota conseguira negociar com o município. «E é claro que o patrocínio tem benefícios fiscais, os nossos contabilistas tratarão disso. Todos ficam a ganhar, vocês e nós!»

Então era isso. Claro. Havia sempre um motivo ulterior, um plano. Vigarices, vigarices, vigarices, nunca têm fim. Se Björnstad é uma família, o rinque de gelo é a criancinha mimada que acaba por deixar toda a gente na miséria com as suas exigências.

«Bom... enfim... é apenas uma sugestão», disse o Janota, pigarreando, e Kira percebe que ele não gostou que o outro homem falasse tão francamente.

O Janota adora segredos, compreende que são poderosos, por isso, quando o homem ao seu lado abriu a boca, é quase certo que não foi planeado. O outro estava apenas a ficar impaciente e a fazer aquilo que todos os homens de uma certa idade fazem quando conhecem mulheres como Kira e a colega: subestimá-las.

«Dentro em breve, não haverá negócio *nenhum* em Hed, sabe, porque, em breve, não haverá aqui nada! Hed não terá sequer uma equipa de hóquei!»

Irritado, o Janota deu-lhe uma forte cotovelada, mas fora demasiado tarde. Kira ergueu uma sobrancelha, arvorou o seu sorriso mais inocente e perguntou: «A sério?»

Naturalmente, o homem de uma certa idade não foi capaz de resistir: «O município quer fechar o Hóquei de Hed! Querem ter só um clube no distrito; foi por isso que passaram anos a tentar encerrar o Hóquei de Björnstad, mas agora Björnstad é o irmão mais velho e Hed o irmão mais novo. Não vê? Temos a melhor equipa e a situação financeira mais favorável e os maiores patrocinadores! Por isso será o Hóquei de Hed a fechar portas, e o resto não tardará a seguir o mesmo destino! Quando estiver tudo concluído, Björnstad será uma grande cidade e Hed, um arrabalde atrasado, portanto aproveite a oportunidade para regressar enquanto pode, pois qualquer dia será

demasiado caro para si!» O homem de uma certa idade riu-se tanto que a sua barriga abanou, como lona molhada a sacudir ao vento. O Janota tinha um sorriso fixo no rosto e evitou o olhar de Kira quando murmurou, quase embaraçado: «Bom... obviamente... nada disto é oficial. Essa conversa dos clubes de hóquei. Ninguém sabe que discussões estão a decorrer, nem mesmo o... o teu marido.»

Nem conseguia proferir o nome de Peter. Kira e a colega levantaram-se para indicar que a reunião terminara. Inclinarão diplomaticamente a cabeça, ou pelo menos Kira fê-lo, apertaram mãos e prometeram pensar na oferta para mudar de morada.

Enquanto os calça-de-ganga-e-casaco saíam do escritório, o Janota ergueu a mão num cumprimento abatido a Peter, que estava sozinho no seu gabinete, atrás de uma porta envidraçada, ali sentado na sua caixa de vidro como um leão que perdeu a juba, e Kira sentiu-se como uma mulher que perdera o seu homem. Em tempos idos, Peter costumava estar a par de todos os segredos da floresta, mas agora Kira sabia mais sobre o clube de hóquei do que ele. Agora, ela era mais importante do que ele.

A porta fechou-se atrás do Janota e dos outros homens de uma certa idade. Kira ficou sentada à secretária, a olhar para as fotografias. Nas semanas decorridas desde essa reunião, Peter começou a ir para casa cada vez mais cedo, para ir buscar Leo, e Kira tem chegado a casa cada vez mais tarde, e fica cada vez mais tempo sentada dentro do carro depois de estacionar à porta. Ele é que tivera a ideia de vir trabalhar com ela, mas talvez o tenha feito apenas por pensar que era o que ela queria, e agora Kira já não sabe bem o que quer. O que é mais adverso num casamento é que, mesmo quando fazemos tudo bem, o trabalho nunca tem fim.

Peter não tem culpa de que o trabalho acabasse por ser o que era, e Kira também não. A firma simplesmente cresceu demasiado, e demasiado depressa. Quando Peter começou a trabalhar com ela, Kira prometeu-lhe que lidaria com «recursos humanos» e «questões de pessoal», o que correu bem enquanto não tinham muitos funcionários,

mas agora são demasiados e ele é como o jogador mais fraco numa equipa de hóquei que foi promovida à liga principal. Não está talhado para funcionar a este nível. Todos os outros têm formação e experiência, ele é apenas o marido da patroa. Kira tenta disfarçar com papelada o facto de ele não ter nada relevante para fazer, mas a situação está cada vez pior. Peter não encolheu com o sucesso de Kira, mas ela cresceu tanto que, ao seu lado, ele parece agora mais pequeno.

«Não tarda terás de criar uma empresa fictícia e contratar atores para fingirem que são funcionários, só para ele pensar que está a fazer alguma coisa importante», disse-lhe a colega a brincar no outro dia.

«Que exagero!», retorquiu Kira.

A colega encolheu os ombros. Ela mete-se muito com Peter, de tal maneira que ele está convencido de que ela o odeia, o que acabou por fazer com que ela simpatizasse com ele. Quando Peter começou a trabalhar na firma, foi a primeira vez na vida em que teve de usar gravata todos os dias, o que se revelou um desafio por si só: quando era ele a fazer o nó, a gravata parecia sempre ficar comprida de mais ou curta de mais. Assim, começou a usar uma versão que já vinha com o nó feito, até que a colega de Kira se apercebeu da tira de *velcro* por baixo da gola dele e exclamou: «Não sabia que faziam disso para adultos!» Peter corou e tentou defender-se, dizendo que não era uma gravata de criança, mas sim uma «gravata de segurança», como as que os guarda-costas usam para não serem estrangulados se alguém as puxar. A colega de Kira desfez-se num sorriso deliciado. «Guarda-costas? Como o Kevin Costner naquele filme?» Peter apercebeu-se do seu erro tarde de mais, e agora tem de a ouvir cantar «*I will always love youuu*» de cada vez que passa pelo gabinete dele, o que faz mais vezes por dia do que seria provável, tendo em conta que o escritório dela fica do lado oposto do edifício. Kira fingiu não reparar quando Peter começou a praticar o nó da gravata todas as manhãs, mas, mesmo assim, fica sempre com a gravata demasiado comprida ou demasiado curta. Ele nunca se sentirá completamente à vontade no

mundo dela.

Assim, por fim, a colega de Kira fitou-a nos olhos há uns dias e disse: «Ouve, pela minha experiência com homens, a maioria quer apenas duas coisas de uma mulher: que ela reforce a autoconfiança dele e que o deixe em paz. Quando um homem começa a ser parvo, geralmente é por ter pouca confiança em si mesmo ou porque se sente sufocado. Mas no caso do Peter?... Raios, acho que se calhar o deixaste em paz mais do que devias...»

Kira retorquiu com maus modos, dizendo-lhe que uma mulher que não consegue manter uma relação a menos que se cole ao homem quando ele está a dormir provavelmente não seria a melhor especialista no assunto. A colega respondeu calmamente que Kira estava casada há uma eternidade e isso também não parecia servir-lhe de muito. Depois Kira fechou os olhos e disse, com os dentes cerrados: «Raios. Já chegámos mesmo a esse ponto?»

«O quê?»

«Ao ponto de até tu estares do lado do Peter?»

A colega não disse nada durante algum tempo, antes de responder, com sinceridade: «Não percebo nada de casamentos. Mas parece-me que não é suposto haver lados.»

*

Raios, pensa Kira agora, sozinha no chão do escritório. Raios, raios, raios!

*

Sabe o que as pessoas pensam, claro: porque é que ela não deixa Peter voltar a trabalhar no clube? Porque não lhe devolve o hóquei?

Porque, como passou metade da vida a viver no mundo de Peter, sabe como acabaria por ser. É impossível uma pessoa envolver-se apenas um bocadinho com aquele clube: é um monstro, consome

relações como um amante ciumento. O hóquei nunca se dará por satisfeito, e isso aplica-se também à vida fora do rink.

Dois anos antes, depois de todos os horrores do mundo se abaterem sobre Maya, durante alguns instantes Kira e Peter esqueceram-se de estar atentos a Leo. Então o filho fez amigos novos, da pior espécie, amigos de blusões pretos que trouxeram ao de cima toda a escuridão que havia nele. Kira e Peter tiveram um vislumbre de como a vida de Leo podia vir a ser se o deixassem por sua conta, com os seus demónios e o transtorno do controlo dos impulsos. Depois disso, prometeram um ao outro que um deles tinha de passar mais tempo em casa. Para *ver* o filho.

Não fora um pedido razoável? Não fizera já Kira a sua parte, durante todos aqueles anos, não seria agora a sua vez de se dedicar ao trabalho? Começa a escrever dez mensagens diferentes a Peter, mas apaga-as todas, e acaba por escrever apenas: «Vou sair daqui a nada.» Quase queria que ele lhe ligasse e gritasse com ela, porque é uma mentira descarada, mas ele responde apenas: «OK.»

*

Raios.

*

Há uma lanterna na gaveta da secretária, mas ela não a tira. A chuva embate contra as janelas e a luz do ecrã do telemóvel ilumina-lhe o rosto enquanto passa anos de fotografias guardadas dos filhos, de festas de aniversário e batalhas de bolas de neve e domingos a patinar no lago gelado. Parecem uma família perfeita e, como tantas vezes antes, ela pergunta-se se alguma vez o foram realmente.

Passa pelas brasas, enroscada em cima da carpete, mas não chega mesmo a adormecer. Aos poucos, o seu cérebro habitua-se ao estrondo e ao rugido lá fora e o seu corpo deixa de tremer. Não ouve Peter

entrar; ele consegue caminhar tão silenciosamente, tocar-lhe com tanta gentileza. Sente-lhe a respiração na nuca e as mãos ásperas, com os dedos tortos, que se partiram em todo o tipo de rinques de gelo, contornarem-lhe a cintura. Sorri, mas mantém os olhos fechados, apertando-os ainda mais porque não quer acordar e perceber que estava apenas a sonhar com ele.

– Temos mesmo de ficar deitados no chão? – murmura-lhe ele por fim ao ouvido.

– O quê? – responde ela, também em voz baixa.

– Temos mesmo de ficar deitados no chão, querida? – repete ele.

Ela não sabe se há de abraçá-lo ou gritar com ele, e tudo o que consegue dizer é:

– Como é que conseguiste cá chegar, afinal?

– A pé.

– A pé?

– Sim. Pela floresta, com uma lanterna.

– Oh, querido, porquê?

– O Leo foi ter com os filhos dos vizinhos. E eu não queria ficar sozinho.

– És doido – diz ela, entrelaçando os dedos nos dele.

– Já me têm dito – responde Peter, e ela sente-o sorrir, com a cara encostada à sua omoplata.

Ficam ali deitados a ouvir o vento e, pela primeira vez em muito tempo, ela sente que talvez não seja demasiado tarde para corrigir as coisas. Dormita. Quase se esquece.

Acorda quando o seu telemóvel começa a tocar. Ao princípio, senta-se no chão, confusa e ainda meio a dormir, e tenta assimilar o facto de o dia estar a nascer do outro lado das janelas. Dormiu a noite toda durante uma *tempestade*. É preciso estar muito exausta para isso. O telemóvel toca e toca e o seu coração falha e afunda-se quando vê o nome de Peter no ecrã. Ele nunca ali esteve. Ela tem dez mil coisas que lhe quer dizer, mas, quando atende, não consegue dizer nenhuma. Mais ninguém ouve o soluço contido na garganta de Peter; quem leva

pancada em criança aprende a conter o choro, mas não com ela. Nunca com a mulher.

– Morreu? Como assim, morreu? – é tudo o que Kira consegue repetir depois de ele lhe dar a notícia, porque com certeza que ela não pode estar morta. *Ela*, não.

Durante vários dias, depois da tempestade, Peter passará muito tempo no quarto, a tentar fazer o nó da gravata e deixá-la com o comprimento perfeito para um funeral. Kira, do lado de fora da porta, nunca conseguirá respirar fundo o suficiente para quebrar o silêncio. A floresta perdeu tantas das suas mais belas árvores naquela noite, mas o que torna tudo ainda mais insuportável é saber que perdeu também uma das suas melhores pessoas.

Escuridão

Dentro de menos de uma hora, Fatima estará caída numa vala, mas neste momento limpa o rinque de gelo. Aproxima-se a passos largos da meia-idade e, embora pareça bastante mais nova, sente-se muito mais velha quando endireita as costas, nas bancadas. Tem dores, mas disfarça bem, é boa a guardar segredos, tanto os dos outros como os seus. Todos os dias limpa o rinque e no dia seguinte recomeça, seguindo sempre a mesma rotina rigorosa. Não se queixa, é uma pessoa grata, sempre grata, grata, grata. Ao emprego, à cidade, ao país que a acolheu, a ela e ao filho, tantos anos antes, quando ele ainda era pequeno. Grata, grata, grata, por tudo o que ele recebeu aqui. Tudo aquilo em que conseguiu tornar-se.

– Fatima!

É o vigilante, a gritar outra vez. Passou a tarde toda aos gritos com ela; acha que Fatima devia ir para casa antes que a tempestade piore e os autocarros para o Covão sejam cancelados. Mas ela recusa-se a deixar as coisas a meio, o velho pateta sabe muito bem. Todavia não tem outra maneira de comunicar a sua preocupação senão com queixumes. Uma vez, ele sorriu-lhe e disse-lhe que uma pessoa podia ser muitas coisas boas num clube de hóquei, mas nenhuma delas era melhor do que ser considerado de confiança. Era um pensamento muito bonito, claro está – nem as empregadas de limpeza nem os vigilantes veem as suas fardas serem penduradas no teto do rinque no final da carreira, mas permanecem mais tempo do que todos aqueles a quem é concedida essa honra. Treinadores e jogadores vêm e vão, e uma equipa inteira pode ser substituída em duas ou três épocas, mas as pessoas nos bastidores continuam a ir trabalhar à segunda-feira, como de costume. Se fizerem o que lhes compete na perfeição, ninguém reparará sequer em como são importantes, exceto no dia em que desaparecerem. E, muitas vezes, nem mesmo então, infelizmente.

No dia em que Fatima for enterrada, será recordada sobretudo não por quem era, mas por ter sido mãe de quem foi. É a mãe de Amat, claro, o rapaz que se tornou o melhor. E isso é tudo o que conta nas cidades de hóquei.

*

O vento bate na porta, mas o vigilante nem dá por isso. Seria preciso mais do que um pouco de vento para o assustar ao ponto de ir para casa.

– Tens de ir para casa depressa, mulher sem juízo! Podes acabar de limpar amanhã! – grita para Fatima da lateral do rinque.

– Há quem tenha trabalho a sério para fazer, seu velho jarreta, não andamos todos a fingir que trabalhamos! – responde ela das bancadas.

– *Velho?* Vai mas é saltar para o lago!

– Oh, está calado!

Só há uma pessoa a quem Fatima levanta a voz, além do filho, e é o vigilante. Por isto se vê como são íntimos, ao fim de tanto tempo, a mulher e o velho. Ele toda a vida ali trabalhou e ela em breve estará lá há tanto tempo que ninguém se lembrará de quando começou, e, ao longo dos anos, foram criando uma amizade confidencial, baseada em poucas palavras e num humor singelo. Ainda há pouco tempo, o vigilante trouxe uma fotografia de uma estátua que fica noutra parte do país e que, por baixo, tem escrito: «Áspera pelo trabalho, suave pelo amor.» E fê-lo lembrar-se dela.

– Deixaste ali uma mancha! – grita ele.

– Só estás a ver manchas porque precisas de óculos! – responde ela.

Ele ri-se alegremente, e são poucas as pessoas que o conseguem fazer rir assim. Costuma dizer-se que «crianças e bêbados dizem sempre a verdade», mas, se forem a uma cidade de hóquei e quiserem saber o que realmente se passa, o melhor é irem ao rinque e perguntarem ao vigilante. O único problema é que ele não vos dirá absolutamente nada, porque os clubes de hóquei precisam de «tetos

altos e paredes grossas», e o vigilante leva esse ditado muito a sério. Já viu treinadores e dirigentes entrarem e saírem, viu o clube quando foi o segundo melhor do país e viu-o há dois anos quando esteve à beira da falência. Sabe bem quando deve fechar portas e ligar o amolador de patins para não ouvir patrocinadores e políticos a concluírem negócios duvidosos pelos corredores. Não passou nem mais um dia do que o estritamente necessário na escola, mas percebe o suficiente de números para saber que nenhum clube do país teria sobrevivido se seguisse todas as regras de boa contabilidade; aqui, cada um faz o que pode para subsistir. E fica de boca fechada. O vigilante já assistiu a contos de fadas e catástrofes neste rink de gelo, viu rapazes fazerem-se homens e homens fazerem-se estrelas, mas também os viu muitas vezes desaparecer com igual rapidez. Viu Peter Andersson chegar ao rink com os olhos negros da pancada que levava em casa, mas nunca o viu pôr ninguém com um olho negro; viu-o crescer até ser capitão da equipa principal; despediu-se dele quando partiu para o Canadá para jogar a nível profissional na NHL; e ainda aqui estava quando ele voltou e se tornou diretor-geral. Até há coisa de dois invernos, nunca teria ocorrido ao vigilante dizer outro nome senão o de Peter caso lhe perguntassem quem era o melhor jogador que Björnstad já tivera. Mas depois apareceu Amat. Diz-se muitas vezes que um jogador foi «um sucesso repentino» ou «apareceu do nada», mas isso nunca é verdade, claro está. Amat teve de passar todos os dias de toda a sua vida a lutar para ser melhor do que os outros, porque nada mais é suficiente para quem é um miúdo pobre num rink de miúdos ricos. É preciso ser o melhor de todos. O vigilante sabe-o porque, quando se ama um clube há tanto tempo como ele, a dada altura o clube já não lhe consegue esconder nada.

Quando Fatima chegou com o filho, há tantos anos, vindos de um sítio qualquer no outro lado do planeta, ela nunca vira sequer um rink de gelo, mas depressa aprendeu que, fosse qual fosse a sua língua natal, aqui, «hóquei» era a palavra mais importante do dialeto local. O vigilante e o próprio Peter trataram de tudo para que Amat

tivesse acesso a uns patins emprestados, concordando que seria melhor isso do que aulas de línguas se ele quisesse integrar-se. Amat cresceu, e o velho vigilante teve de pagar pela sua generosidade quando o rapaz começou a vir treinar fora de horas, antes de o dia nascer ou depois de o sol se pôr, e o seu dia de trabalho ganhou pelo menos mais quatro horas entre a abertura e o fecho de portas. Ele e Peter ficaram quase tão orgulhosos como Fatima quando Amat se estreou pela equipa principal. «Rápido como um gato a fugir de dentro de um saco, aquele rapaz», observou o vigilante com uma risada, e Fatima explodia por dentro sempre que o filho marcava um golo. Os rapazes nunca compreendem isso, a forma como as mães os veem, mas como poderiam compreender? Ainda não tiveram de dividir o próprio coração.

Assim, não compreendem quando as mães desabam também por causa deles, não sabem que os sonhos destruídos podem doer mais àqueles que nos amam do que a nós próprios. Fatima adorava o outono, porque o vigilante e Peter lhe ensinaram que é aí que começa o ano em Björnstad, quando tem início a época de hóquei. Mas este ano não, para o filho não.

Ninguém sabe realmente o que lhe aconteceu, nem sequer o vigilante. Não tem coragem de perguntar diretamente a Fatima, porque todos os dias vê nos seus olhos que ela está de rastos. Na primavera passada, Amat era a estrela mais brilhante da cidade, a caminho de vencer o campeonato com a equipa de Björnstad, mas depois lesionou-se, e tiveram de disputar os últimos jogos sem ele: perderam e não conseguiram subir de escalão. Na altura, correram boatos de que ele não estava mesmo lesionado, que só não queria correr o risco de se magoar, que a possibilidade de ser recrutado pela NHL no verão era mais importante para ele do que Björnstad. O sangue do vigilante ferve só de pensar nisso. Ninguém – absolutamente *ninguém* – sacrificou mais por Björnstad do que Amat! Mas esta cidade consegue ser ao mesmo tempo a melhor e a pior.

Amat ficou ofendido com os boatos, bem como Fatima; o vigilante

percebeu-o muito bem, apesar de eles não terem dito nada. Assim, não sabe como há de perguntar-lhe aquilo que toda a gente quer saber: o que aconteceu a Amat quando foi à época de contratações da NHL no verão? Não foi selecionado, toda a gente sabe disso, mas porquê? Ele voltou para casa, e correram boatos de que se lesionara de novo, e outros boatos de que isso era apenas uma desculpa; mas uma desculpa para quê? Quando os treinos de pré-época do Hóquei de Björnstad começaram, ele não apareceu, mas também não assinou contrato com nenhum outro clube. Está metido em casa, no seu apartamento no Covão. Amat foi o conto de fadas mais mágico da cidade, e vai agora a caminho de se tornar o seu mistério mais impenetrável e, no meio de tudo isso, está a mãe, a mulher que morreria por ele.

O vigilante olha para o gelo sem ninguém e suspira com a tristeza de um homem que não tem netos. O vento bate na porta do rink até que ele se dá conta de que não é o vento. Há alguém aos gritos lá fora.

*

– ESTOU A BATER HÁ QUINZE MINUTOS! – berra o Janota quando a porta se abre de rompante e quase o atira ao chão.

– BAMBI? O QUE FAZES NA RUA COM ESTE TEMPO, MEU IDIOTA? – grita o vigilante, irritado.

É a única pessoa que trata o Janota por Bambi. Trabalha ali há tanto tempo que, trinta anos antes, um brincalhão qualquer esculpiu uma pequena figura de madeira a representá-lo, sentado numa máquina de gelo, com um balão de fala por cima da cabeça a gritar furiosamente: «SAIAM DAÍ PARA EU LIMPAR O GELO!», e depois colocou-a atrás do presépio na igreja como se estivesse a gritar para os pais de Jesus e os três Reis Magos. Naturalmente que o vigilante descobriu de imediato quem era o responsável, porque o vigilante descobre tudo, mas nunca contou a ninguém, nem mesmo ao vigário. Tetos altos, paredes grossas. Porém, quando o engraçadinho em questão se preparava para o próximo jogo, o vigilante deu-se ao

trabalho de afiar as lâminas dos patins dele de forma irregular, de modo que ele nunca conseguisse patinar a direito, e, de cada vez que ele caía, o vigilante gritava-lhe: «Bambi!» das bancadas. Claro que hoje em dia é conhecido como Janota por toda a gente, mas o vigilante nunca o deixou esquecer-se da sua primeira alcunha. O brincalhão cresceu e é um merceeiro gordo de meia-idade, mas, para o vigilante, nunca será senão um juvenil imberbe.

– AS BANDEIRAS! TEM DE ME AJUDAR A TIRAR AS BANDEIRAS!
– exclama o Janota, ofegante.

– VIESTE AQUI NO MEIO DE UMA TEMPESTADE DESTAS POR CAUSA DAS... DAS BANDEIRAS? – grita o vigilante, em tom de troça.

O Janota sempre foi um homem com uma noção peculiar das prioridades, mas esta ganha a taça, de certeza.

– SÃO DEMASIADO GRANDES! SE APANHAREM O VENTO, PARTEM OS MASTROS!

Só então é que o vigilante vê que a mão do Janota está a sangrar. Puxa-o para dentro e resmunga:

– Parece que só tens serradura dentro dessa cabeça! Que é que eu te disse quando compraste as bandeiras? Hã? Não te avisei que eram muito grandes? Não te disse que?...

O Janota, embora estejam agora no interior, grita como se o vento o tivesse ensurdecido:

– SIM, SIM, TINHA RAZÃO! AJUDE-ME LÁ!

O vigilante fica de tal maneira chocado por o Janota estar disposto a admitir tão depressa que estava errado, que se esquece de o azucrinar.

– Bom, então deixa lá ver... – murmura, e depois vai buscar um penso para a mão do Janota e uma faca para cortar as cordas.

Os dois homens saem para a tempestade. Não é que não seja uma ideia estúpida, porque é, mas às vezes a estupidez é a única opção lógica. As bandeiras têm de ser retiradas para poderem ser hasteadas de novo no dia seguinte. Pode não ser importante noutros sítios, mas é importante aqui. Enquanto aquelas bandeiras esvoaçarem em frente

do rinkue, toda a gente sabe que o rinkue está aberto, e, enquanto o rinkue estiver aberto, a vida continua, e não há altura em que isso seja mais necessário do que na manhã depois de uma tempestade. O vigilante pode ser teimoso, e o Janota pode ter serradura na cabeça, mas ambos compreendem isso. O Janota vive para Björnstad. Já era um péssimo patinador mesmo antes de ter os patins mal afiados, mas, mesmo assim, lutou tão arduamente que chegou à equipa principal, onde Peter era a grande estrela e o único talento do Janota era provocar os adversários para os fazer perder a cabeça e sofrer faltas. Quando uma equipa adversária do Sul veio jogar a Björnstad, certo inverno, com vinte graus abaixo de zero, o Janota persuadiu o vigilante a desligar o aquecimento no balneário dos visitantes, e, se tivesse oportunidade, escondia-lhes o equipamento e estragava-lhes os *sticks*; quanto mais sujo o truque, melhor, dentro do gelo e fora dele. Se perguntassem ao Janota, ele diria: «Não acham que eu preferia ser a estrela da equipa e marcar os golos todos? Claro que preferia! Mas se não podemos fazer aquilo que queremos, temos de contribuir como podemos. Somos um clube pequeno, numa cidade pequena, e, se jogarmos pelas regras das cidades grandes, não temos qualquer hipótese!» Depois sorria. «Batota? Só é batota se formos apanhados! Querem ganhar ou não querem?» E foi assim que ele e o vigilante embarcaram na sua amizade longa e disfuncional. Porque o vigilante detesta batota, como toda a gente em Björnstad, mas gosta muito mais de vencer.

Quando a carreira do Janota no hóquei chegou ao fim, ele tornou-se parte da «elite invisível no poder» do distrito, como o jornal local lhes chamou. É óbvio que não é propriamente invisível, e infelizmente também não é lá muito silenciosa; o Janota foi corrido de todas as equipas de caça do distrito porque fala tanto que espanta os animais. Está todos os dias no rinkue, mesmo quando não tem assuntos oficiais a tratar lá, com o intuito primário de discutir o calendário de tempo no gelo, que quer sempre que o vigilante altere de modo a favorecer uma das equipas de juvenis onde joga o familiar de algum tipo rico

que o Janota quer convencer a tornar-se patrocinador. E o vigilante tira-lhe a caneta da mão quando ele conta mal as horas e suspira. «Não me admira nada que um tipo que não sabe fazer contas acabe como homem de negócios, quando nunca soube patinar e mesmo assim foi jogador de hóquei...»

Mas, no fim, chegam sempre a acordo, apesar de tudo, porque querem os dois o mesmo: o melhor para o clube. Sempre. O Janota promete que o «Parque Empresarial de Björnstad» não tardará a ser construído, incluindo planos para instalações de treino novas e ultramodernas ao lado do rink, e, nessa altura, haverá tempo no gelo para todos. Tem a mão metida em todos os cozinhados, o miolos-de-serradura, para o bem e para o mal. Oficialmente, pode ter sido Peter Andersson que arranjou lugar para Ramona na direção do clube, há dois anos, mas foi o Janota que lhe deu a ideia, conquistando assim o respeito do vigilante. E o de Ramona também, se ela alguma vez o admitisse. Uma vez, depois de onze ou doze cervejas no Urso Pardo, ela confidenciou ao vigilante: «As pessoas acham que o Janota gosta da *equipa*. Uma ova... ele não quer saber de equipa nenhuma. Ele gosta é do *clube*. Qualquer pessoa pode gostar de uma equipa, mas esse é um amor egoísta, exigente e sensível, fácil de pôr de lado... agora amar um clube, um clube inteiro, desde a equipa dos infantis até à equipa principal, passando pelos rebites que seguram o telhado e que unem as pessoas... esse tipo de amor não dá margem para egoísmos.»

– ESPERO BEM QUE ISTO SEJA MESMO IMPORTANTE, BAMBI! – grita o vigilante por cima do vento, depois de arriarem todas as bandeiras. Também ele tem agora as mãos a sangrar.

– JURO! – grita o Janota.

Na verdade, não está tão certo disso como quer parecer, mas acabará por se provar que tinha razão, embora não da maneira que ele pensava.

Nem um dos mastros se parte durante a tempestade. Amanhã, o Janota e o vigilante içarão de novo as bandeiras todas nos seus mastros. O que não sabem ainda é que as içarão a meia-haste.

Dizem que as más notícias correm mais depressa do que as boas, que, quando morre alguém, as pessoas na cidade saberão mais depressa do que se nascer alguém, mas, se perguntarem a Ramona no Urso Pardo, é certo que ela resmungará: «Tretas! Só parece que é assim porque ultimamente há muito mais gente a morrer do que a nascer nesta cidade, mais funerais do que batizados.» E ela lá saberá, já que o Urso Pardo é o tasco mais popular do distrito, mas é também o gabinete não oficial de censos, onde qualquer alteração, num sentido ou noutro, é celebrada ou lamentada por alguém sentado ao balcão. Quase todos aprenderam a celebrar com o dobro da intensidade com que se lamentam, para compensar, e se calhar é por isso que gostam cada vez mais de hóquei nos últimos anos. São novamente uma cidade vencedora, que vive mais do que morre.

Se acharem que isto parece um exagero e perguntarem diretamente a Ramona se o hóquei é mesmo assim tão importante, ela provavelmente responderá: «Não. Mas que raio é que é *importante* na vida, afinal?» É verdade que não lhe costumam pedir que faça discursos em muitos funerais, mas é possível que ela tenha alguma razão.

Há uma história que as pessoas costumam contar, sobre ela e um turista da cidade grande de passagem por Björnstad, certo verão, que parou o carro em frente ao Urso Pardo. Pela janela, viu que havia uma televisão lá dentro e por isso entrou apressadamente e perguntou: «Posso ver o jogo de futebol aqui?» A televisão passava uma gravação de má qualidade de um jogo de hóquei antigo, e alguns homens de idade avançada assistiam e iam dizendo uns aos outros o que aconteceria a seguir; era evidente que não se tratava da primeira vez que o faziam. Ramona, atrás do balcão, fulminou o turista com o olhar e murmurou: «Futebol? Qual futebol?» O homem exclamou, com

igual dose de surpresa e divertimento: «Qual... qual futebol? É a *final* do Campeonato do Mundo!» Ramona encolheu os ombros. «Nesta cidade, só vemos hóquei. Vai pedir alguma coisa? Isto não é o autocarro, não pode ficar aí em pé com cara de estúpido sem consumir.»

É apenas uma história, e se calhar nem é verdadeira, mas não significa que seja improvável. Este é o tipo de bar que, de uma maneira ou de outra, diz tudo sobre uma cidade e os seus habitantes, sobre o lugar que ocupam no mundo e a sua visão do resto. O Urso Pardo está tão perto da fábrica como do rink de gelo, e a maioria das pessoas que ali bebe vive as suas vidas entre esses três lugares. A sugestão de que o Urso Pardo está ali há mais tempo do que a cidade, e de que as casas foram construídas à sua volta como antigamente eram construídas em volta de um poço, é uma mentira tão antiga que parece verdade. Há dois anos, o edifício quase foi destruído por um fogo, e agora, após ser reconstruído, as pessoas costumam dizer, a brincar, que cheirava melhor logo a seguir ao incêndio do que antes.

As paredes estão cobertas de fotografias de jogadores de hóquei. Alguns, como Benji e Vidar, provavelmente passavam mais tempo no Urso Pardo do que no rink em algumas épocas, o que diz muito sobre eles. Outros, como Amat, nunca ali meteram os pés, e isso diz ainda mais sobre eles. Ramona tem lugar no coração para aqueles que tiveram sucesso na vida, mas o espaço que guarda para aqueles cujas vidas foram por água abaixo será sempre infinitamente maior.

O Urso Pardo fica numa cave. Pelas janelas estreitas, vê-se apenas o céu. Porém, se nos posicionarmos nos degraus, com a porta aberta, onde Ramona costuma fumar quando o tempo está mesmo mau e não se consegue acender o isqueiro lá fora, vemos até aos mastros das bandeiras em frente ao rink de gelo. Ela nunca o admitiria ao Janota, mas até começou a engraçar com as bandeiras. Sempre que vai a uma reunião da direção, passa por baixo delas especialmente devagar, deliciada com a oportunidade de irritar uma vez mais os velhos na sala de reuniões.

Mas agora alguém está a arriar as bandeiras e a tempestade não deixa Ramona sequer acender o isqueiro à entrada, por isso ela fuma dentro do bar nessa noite. De qualquer maneira, o vento provavelmente arrancaria a porta das dobradiças se tentasse abri-la. É por isso que não vê Fatima sair do ringue, pouco tempo depois, e parar na paragem de autocarro na estrada principal, antes de desistir e começar a dirigir-se para o Covão a pé, sozinha. Ramona também não vê o rapaz de catorze anos, Matteo, que toda a noite tem deambulado pela cidade sozinho. Não o ouve gritar e bater à porta do Urso Pardo, pois é quase certo que teria aberto se o tivesse ouvido. Ao longo dos anos, deixou entrar toda a espécie de idiotas, até turistas que gostam de futebol, portanto é provável que tivesse lugar para um miúdo de catorze anos, gelado e assustado. Mas não o vê. Porém, não é assim que Matteo recordará esse momento; para ele, a memória é muito mais simples.

*

«Nesta cidade, eles só veem o hóquei.»

A última coisa que Fatima faz é limpar o piso superior do rinque, antes dominado por gabinetes e pela sala da direção, que foram entretanto enfiados num espaço mais pequeno ao fundo. A maior parte desse piso superior é agora ocupada pelo jardim de infância. Algumas crianças por estes lados aprendem a equilibrar-se em cima dos patins antes de saberem andar, o que na verdade diz tudo o que é preciso saber sobre a relação que a cidade tem com o hóquei. Aqui, o desporto obriga sempre a vida a ceder-lhe passagem, por mais terrível que isso possa ser.

Fatima começou a evitar as pessoas no supermercado, ultimamente, porque todos querem saber o que aconteceu ao filho e ela não tem resposta. Na primavera passada, tudo parecia um sonho, ele estava a vencer e toda a gente o adorava, mas depois lesionou-se e desiludiu-os a todos. A seguir viajou até à América do Norte para tentar ser selecionado no recrutamento para a NHL, algo de que Fatima mal percebe. Sentado à mesa da cozinha, Amat explicou-lhe como se ela fosse uma criança e ele o adulto: «A NHL é a melhor liga, mãe, onde jogam os profissionais, na América do Norte. Todos os verões, a liga abre o recrutamento, onde os clubes escolhem duzentos jovens jogadores que têm assim a oportunidade de se juntar aos profissionais. E é isso que pode acontecer-me. Como aconteceu ao Peter!» Amat prometeu à mãe que, quando conseguisse o primeiro contrato profissional, lhe compraria uma grande casa nos Montes e um *Mercedes*. Ela riu-se. «Para que quero eu isso? Se queres dar-me alguma coisa, dá-me uma máquina de lavar louça nova e um bocadinho de paz e sossego.»

Amat tinha sonhos tão grandes, na primavera, que mal cabiam no apartamento acanhado onde viviam. Agora, tudo o que resta deles é uma máquina de lavar louça avariada. Ele fechou-se no quarto e mal

saiu de lá nestes meses todos, e que tipo de mãe é ela, se nem sequer consegue explicar às pessoas o que se passa? O vigilante ensinou-lhe que, no hóquei, nunca se diz exatamente onde é que um jogador se lesionou, porque os adversários aproveitarão essa oportunidade para o voltar a magoar no mesmo sítio, por isso só se pode dizer «lesão na parte superior do corpo» ou «lesão na parte inferior do corpo». Mas Fatima nem sequer sabe qual delas é que Amat tem. Se partiu uma perna ou o coração.

Apaga as luzes, sai para as bancadas e olha para o círculo central lá em baixo, lutando para conter as lágrimas. Novos jogadores ali triunfarão e perderão, muito depois de Amat, e o gelo não quer saber. É tão fácil para as outras pessoas pensarem que basta olhar para o sorriso de um adolescente que acabou de conseguir tornar-se profissional para saberem o que é o desporto juvenil, porque, todos os anos, Fatima vê centenas de pais dedicarem milhares de horas àquele rink de gelo, na esperança de alcançarem precisamente isso. Chegam stressados e saem exaustos, a suarem nos carros e a congelarem nas sessões de treino, pagando uma pequena fortuna em quotas de sócio e ainda mais por todo o equipamento necessário, mas, mesmo assim, têm de vender rifas e trabalhar de graça nos quiosques sempre que o clube lhes pede. Espera-se que tenham todo o tempo do mundo, que nunca se queixem, que sequem patins molhados e limpem lágrimas e, principalmente, que lavem roupa. Deus do Céu, a quantidade de roupa suja! Naturalmente que se espera que todos se sacrifiquem de boa vontade em busca de um sonho para os filhos, mas, se querem saber alguma coisa sobre o desporto juvenil, saber mesmo, não basta conhecer o nome do jovem que chegou ao topo. É preciso também conhecer aqueles que *quase* lá chegaram.

Fatima passa os olhos pelo gelo, de um lado ao outro, e tenta recordar-se da rapidez com que Amat conseguia patinar aquela distância. «Rápido como um gato a fugir de dentro de um saco», costumava observar o vigilante. «Um dia, aquele rapaz vai chegar até lá acima.» Significava ser profissional, descobriu Fatima. «Até lá

acima» significava ganhar dinheiro para jogar. Por isso é que ninguém por aqui via o hóquei como apenas um jogo, porque não era apenas Amat que beneficiaria disso, mas sim todos. «No hóquei nada é de graça, mãe, é preciso darmos tudo o que temos!», dizia Amat quando era pequeno, e tinha razão. Jogou a infância toda com equipamento em segunda mão, sempre dependente da caridade de pessoas como Peter Andersson. «Não lhe chame caridade, é um investimento», contrapunha Peter, e tinha boas intenções; mas, quando Amat se tornou o melhor, Fatima percebeu o que isso significava: eles queriam o retorno.

Pisca os olhos para afastar as lágrimas, respira fundo, de olhos fechados, e desce até à porta principal do rinque. Vê o vigilante, que hesita por um momento, olha para a tempestade lá fora e lhe diz, em tom pouco convencido:

– O Janota está cá, posso pedir-lhe que te dê boleia...

– Não preciso de nada desse homem. Vou de autocarro – responde Fatima.

Não fala com ódio declarado na voz, mas é o máximo que o seu tom se aproxima disso. O vigilante tenta convencê-la, mas é impossível. Assim, suspira e deixa-a ir.

O Janota está lá fora, com o cabelo todo no ar e os punhos da camisa sujos de sangue. O vento quase os atira um contra o outro, mas o Janota desvia-se com um salto e Fatima passa antes que ele tenha tempo de abrir a boca. Sabe que ele lhe quer perguntar como está Amat, porque toda a gente na cidade pergunta o mesmo, mas ninguém quer realmente saber. Não se importam se ele é feliz ou não. Só querem saber se ele consegue jogar, se consegue vencer, se podem usá-lo nas suas brochuras. Mas nem mesmo a própria mãe sabe já o que Amat pode ou não fazer.

Caminha até à paragem de autocarro, dobrada contra o vento, um passo em frente, meio passo para trás. Espera, mas o autocarro não aparece. A tempestade esvaziou a comunidade. Podia ter voltado para o rinque e pedido boleia ao Janota, apesar de tudo, mas não consegue

evitar o sentimento de que preferia morrer a pedir ajuda àquele homem.

Assim, começa a longa caminhada para casa, no Covão, ao longo da estrada principal, sozinha. O vento puxa-lhe pelo cabelo, mas ela vai avançando, alguns passos de cada vez. As pernas doem-lhe sempre, mas a dor nas costas vem em pontadas, sem aviso, por vezes tão forte que a faz cambalear.

As árvores inclinam-se sobre a estrada, fazendo desaparecer o céu, e ela lembra-se de como a natureza aqui a assustava quando ela e Amat chegaram, tantos anos antes. O vento e o frio e o gelo e a floresta sem fim, tudo parecia estar à espera de uma oportunidade de os matar. O frio era tanto que ela achou que não sobreviveria àquele primeiro inverno. Agora, não consegue pensar em nada mais belo. Por vezes a natureza ainda a deixa de cabeça à roda, quando a neve é tão branca que os seus olhos não conseguem contemplá-la mais do que alguns segundos de cada vez, quando o gelo brilha de tal forma que, da beira do lago, por trás do rince de gelo, a paisagem se estende sem interrupções até se unir ao céu. O mundo sem formas pode deixar uma pessoa tonta e a floresta consegue ser tão silenciosa que os ouvidos estalam, como se as árvores sugassem todo o som do mundo. Antes, ela gostava de pessoas e queria proteger o filho da natureza, mas agora é o contrário.

Detém-se à beira da estrada. No fundo, sabe que não devia, que é perigoso, tem de chegar a casa antes que a tempestade fique ainda mais violenta. Mas as pernas não conseguem levá-la mais longe, doem-lhe as costas, tem os pulmões a mirrar. Está a meio caminho entre o rince e o Covão, a parte pior do caminho para estar sozinha, já que, nessa extensão de estrada, não há nada senão pavimento e solidão. Apoiar as mãos nos joelhos, tenta recuperar o fôlego. Pensa em hóquei. Não é assim tão estranho: quando estamos assustados, procuramos refúgio nos nossos momentos mais felizes, e os momentos mais felizes de Fatima são os do filho. Os filhos nunca compreendem isso.

Amat é tão parecido com o pai, a mesma voz suave, a mesma expressão determinada no olhar. Para Fatima, é ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição que cada momento de orgulho venha acompanhado de uma pontada de desgosto. O pai de Amat morreu antes de virem para este país e nunca chegou a ver o filho tornar-se tão bom num desporto que ele nem sabia que existia; o rapaz nasceu numa cidade perto do deserto, mas encontrou uma casa num lugar feito de gelo.

É tudo culpa dela, pensa, porque foi ela que o ensinou a ser grato por tudo. Foi esta cidade que o destruiu, mas foi por culpa dela que o conseguiu fazer. «Temos de ser gratos», repetia ela, até as palavras se tornarem tatuagens invisíveis no interior das pálpebras do filho. Ele tornou-se o melhor e ela ficou feliz, porque finalmente o tratavam como se fosse este o seu lugar. Como se fosse o clube dele, a sua cidade, o seu país. Só não sabia que a única coisa mais pesada do que os preconceitos de Björnstad eram as suas expectativas. Amat ainda é só um rapaz, é apenas o seu décimo oitavo ano no planeta, mas o hóquei colocou-lhe em cima um fardo que nenhum homem adulto conseguiria suportar.

Ainda há poucos anos ele parecia ser demasiado pequeno e fraco para jogar hóquei. A fraqueza era o pior, claro, porque aqui ninguém pode ser fraco. Foi Peter que, na altura, consolou Fatima, e ela já tinha ouvido contar como ele se levantara no balneário antes do jogo mais importante para a equipa e gritara aos companheiros que as cidades grandes podiam ter o dinheiro, mas «o hóquei é nosso!», e por isso deu-lhe ouvidos. Peter disse que aquilo que os outros consideravam fraqueza era, na realidade, o grande trunfo do seu rapaz: ele era ágil, quando patinava parecia que nem tinha de se esforçar, e foi por isso que as coisas aconteceram mais depressa para ele do que para os outros. Fatima pensou consigo mesma que isso podia ser verdade, mas também era possível que Amat estivesse apenas a tentar fugir dos outros rapazes, que tinham o dobro do tamanho dele e estavam a tentar matá-lo. O hóquei é um desporto tão

violento, e ela nunca se habituou a isso, quer nos jovens ursos no gelo quer nos grandes ursos fora do gelo, porque era isso que os pais dos outros rapazes pareciam quando estavam em torno do ringue, durante os jogos, a gritar: lentos e pesados à primeira vista, mas velozes como o relâmpago e igualmente brutais assim que encontravam o alvo. Ela aprendeu que, por aqui, o hóquei é como a nobreza, era assim que eles queriam que fosse: só quem nascesse na família certa devia ter acesso ao mesmo. Por esse motivo, inventavam tantas tradições e códigos, toda uma linguagem com a sua própria terminologia, para que até os mais pequenos percebessem a diferença entre os que aqui pertenciam e os outros. Uma vez, Fatima ouviu um dos homens reclamar, a brincar, que «há demasiado desporto no desporto!» e percebeu o que ele queria dizer. Eles não queriam um desporto puro; na realidade, queriam um jogo viciado onde podiam comprar um lugar para si próprios e para os seus filhos.

Fora o Janota que fizera esse comentário; durante todo o tempo que Fatima ali trabalhara, ele mal lhe dirigira a palavra, até Amat chegar à equipa principal. Então, de repente, começou a querer dar conselhos a Fatima sobre «o futuro», a dizer-lhe o que era «melhor para o rapaz», a discutir a NHL e agentes e contratos. Fatima podia não perceber as palavras caras, mas compreendeu que o Janota achava que o filho dela era propriedade da cidade. O Janota mandou imprimir uma brochura na qual incluiu uma fotografia de Amat, com um texto onde se lia que «ser patrocinador do Hóquei de Björnstad não era apenas *fácil*, era também a coisa *certa* a fazer», porque, de um momento para o outro, o facto de Amat ser do Covão era perfeitamente aceitável. O Janota até queria uma fotografia de Fatima, que mostrasse ela e Amat a apanharem as latas de bebidas vazias nas bancadas, porque ouvira dizer que faziam isso para as vender, o que ajudava a pagar a renda, mas o vigilante gritou tanto com ele que as janelas do ringue até estremeceram. Fatima não disse nada; tentou sentir-se grata, mas era cada vez mais difícil.

Abre os olhos. Agacha-se no meio da estrada, entre o ringue e o

Covão. Lentamente, firma os calcanhares no chão, levanta-se e recomeça a andar, mas quase não tem forças. O vento atinge-a por trás, como um pontapé nas costas, e ela tenta aguentar, mas não consegue, tropeça e cai de cabeça na vala. Fica deitada no chão, com o vento a rugir-lhe aos ouvidos, e perde a consciência.

Na primavera, o Janota deu uma entrevista ao jornal local e ela leu tudo o que ele disse sobre Amat, que era uma «história da Cinderela» e que ele provara que «em Björnstad, qualquer pessoa pode jogar hóquei». Não, pensou Fatima, é precisamente por isso que é uma história da Cinderela: porque raramente acontece. Leu o Janota a vangloriar-se também de «investir nas equipas femininas», apesar de Fatima saber que, todas as semanas, ele tentava persuadir o vigilante a dar sempre as piores horas no gelo às raparigas e a guardar as melhores para os filhinhos dos papás ricos. Eles não queriam raparigas no clube, tal como não queriam miúdos do Covão, pois todos eles concorriam pelo tempo no gelo. Porque o hóquei era deles, tal como Peter dissera.

Os pensamentos de Fatima regressam aos seus primeiros anos na cidade. Ela não sabia nada sobre ursos, mas havia imagens de ursos por todo o rink, por isso foi buscar um livro à biblioteca e começou a ler, na esperança de compreender melhor a cidade se compreendesse o animal. E resultou. Uma das primeiras coisas que aprendeu foi que até quarenta por cento de todas as crias de urso morrem no primeiro ano de vida, e que a causa de morte mais comum era serem mortos por um urso macho adulto que não era o pai deles. Foi então que Fatima compreendeu que, um dia, ela própria teria de ser um urso, quando alguém ameaçasse a sua cria. Assim, lutou pelo direito de Amat ser um urso despreocupado, inocente e sem problemas, como todos os outros. De poder jogar e divertir-se. Porque, para ser franca, nem mesmo ela acreditava que Amat viria a tornar-se tão bom como se tornou, que chegaria «até lá acima». Ela só ficava feliz porque, no gelo, ele não tinha de pensar. No gelo, não havia sofrimento, ele era livre, e isso bastava. Mas, aos poucos, quanto mais ele crescia, mais

justo o hóquei parecia ir ficando. Quando eram pequenos, os miúdos ricos tinham vantagem, mas, quando Amat era adolescente, já ninguém queria saber quem eram os seus pais, só queriam saber do seu talento. Desde que a equipa ganhasse, toda a gente o adorava. E ele depressa se habituou a isso. E Fatima também, talvez. Agora envergonha-se, teme ter desafiado Deus e o universo, e tomado o que tinham como garantido, quando tudo o que nos é dado pode ser retirado com a mesma rapidez. Ela foi a primeira a reparar, na primavera, que havia algo errado. Amat continuava a marcar golos em todas as partidas, mas já não era tão ágil. Parecia tenso, porque jogava com o peso do mundo sobre os ombros, até que o corpo não aguentou mais.

Pouco depois disso, um dos seus vizinhos no Covão disse a Fatima que eles estavam preocupados com os «boatos», e que estavam todos do lado de Amat. «Que boatos?», quis saber Fatima, e foi informada de que as pessoas da cidade andavam a dizer na Internet que achavam que Amat estava a fingir a lesão. Que estava só interessado na possibilidade de ficar na NHL e que não era «leal». Leal? A quê? Como se o corpo dele lhes pertencesse.

Tantos homens apareceram no rink e no supermercado, todos ansiosos por dar conselhos a Fatima, até que, por fim, ela deixou de os ouvir, até mesmo Peter. Amat viajou até à América do Norte e perdeu tudo e voltou para casa, vazio.

Fatima não faz ideia de quanto tempo ali fica deitada no chão, mas, quando finalmente reúne forças uma última vez e se levanta a custo, está tão dorida que o vento lhe magoa a pele. Por um momento, arrepende-se de ter sido tão orgulhosa quando o autocarro não apareceu; devia ter voltado para o rink e pedido uma boleia ao Janota. O facto de estar a pensar isso mostra bem o quão assustada está.

A tempestade assobia-lhe aos ouvidos com tanta intensidade que mal ouve Amat a gritar:

– Mãe!

Os filhos nunca compreendem que essa é a maior palavra do mundo.

– Mãe... Mãe... MÃE!

Ela demora muito tempo a ver que o filho vem a correr pela estrada fora, em direção a ela. Mal parece ele. Sempre foi magro como um palito, mas agora está roliço, não fez a barba e cheira a álcool. Mas as suas mãos são fortes como as de um homem quando a levanta e ampara.

– Que fazes aqui? – pergunta ela, ansiosa.

– Que é que TU fazes aqui, mãe? Porque é que vais A PÉ para casa? – ruge Amat por cima do vento.

O vigilante do rink de gelo é o melhor que se pode ser num clube de hóquei, e por isso não é tão estúpido que tome Fatima como garantida. Quando ela saiu do rink, ele telefonou para a companhia dos autocarros e pediu para falar com o condutor, para ter a certeza de que ela apanhara o autocarro. Quando foi informado de que a carreira fora cancelada por causa da tempestade, o vigilante ligou imediatamente para Amat. O velho estava quase a pôr-se ele próprio a caminho, à procura de Fatima, mas Amat lá o convenceu a não o fazer, ou ainda se veria obrigado a procurar por ele também. Foi uma conversa constrangedora; o vigilante costumava ver Amat no rink todos os dias, mas o rapaz não voltou a aparecer desde que lesionou o pé na primavera e perdeu o final da época. Nem sequer saiu do Covão desde que regressou do recrutamento da NHL, no verão, e mal pôs os pés fora do apartamento. Na verdade, desde que se lesionou, esta é a primeira vez que corre.

*

Mas como corre! Como um gato a fugir de dentro de um saco.

*

Do Covão, pela estrada fora, no meio da tempestade, até ver a mãe. Despe o blusão e envolve-a com ele. Depois caminham até casa, encolhidos contra as forças da natureza, ela com o braço enfiado no dele.

– Tens fome? Queres ir comprar aquele pão de que tu gostas? – grita ela por cima do vento.

– O supermercado está fechado, mãe! Não fales mais, temos é de chegar a casa! – grita ele em resposta.

– Não devias ter vindo a correr até aqui, tens de cuidar desse pé! – grita ela.

– Não te preocupes comigo! – clama ele.

Pode dizê-lo tantas vezes quanto quiser, claro está, mas ela é a sua mãe. Não tem como impedi-la de se preocupar.

Quando o Urso Pardo foi reconstruído, depois do incêndio de há dois anos, Ramona não se deu ao trabalho de voltar a pôr um letreiro. Não faz qualquer diferença, bem vistas as coisas, porque toda a gente sabe onde é o Urso Pardo, toda a gente sabe onde Ramona está.

Ninguém acharia que ela é «encantadora», ninguém diria que o bar é «acolhedor», não é para isso que serve este tipo de estabelecimento. Ramona insulta os clientes se demorarem muito tempo a pedir, porque não há assim tanto por onde escolher de qualquer modo, e insulta-os da mesma maneira se tentarem apressá-la. Uma pessoa não se sente bem-vinda, mas sabe bem onde está, porque há cachecóis verdes pelas paredes que mostram que, nesta cidade, somos unidos. Há um envelope atrás do balcão com as palavras «Fundo Comum» escritas à frente, onde qualquer pessoa que tenha algum dinheirinho de sobra no final do mês deixa uma nota ou duas, para que Ramona possa depois entregar a quem está nas lonas. Correm muitos mexericos sobre a velha rezingona atrás do balcão, mas a pior mentira que se pode dizer sobre ela é que perdeu o juízo nos últimos tempos. Ramona não tem juízo nenhum há pelo menos trinta anos. Já o seu coração, por outro lado, continua bem firme no lugar certo.

Ela e Holger geriam o Urso Pardo juntos, faziam tudo juntos, iam a todos os jogos de hóquei juntos. «Letal na floresta e inútil em qualquer outro lugar», costumava ela resmungar em relação a Holger quando ele arrumava os copos de cerveja no sítio errado, e ele sorria e respondia «Amo-te», porque nada a deixava mais furiosa do que isso quando já estava furiosa. Mas ele amava-a mesmo, de uma forma que só um homem mesmo bom consegue amar, calma mas incomensuravelmente. A única coisa que Holger exigiu dela foi que deixasse de fumar. «Tens de viver mais do que eu, porque não suportaria cá ficar depois de tu partires», dizia ele, e ela dava-lhe uma

palmadinha carinhosa na bochecha e murmurava: «Cala-te!»

Um dos clientes regulares do Urso Pardo costumava contar uma velha anedota sobre um homem que estava sentado num pavilhão esgotado, durante um jogo de hóquei, com um lugar vazio ao lado, e a pessoa do outro lado perguntou-lhe porque estava aquele lugar desocupado e o homem respondeu, com tristeza: «É o lugar da minha mulher, que faleceu há pouco tempo.» Visivelmente comovido, o outro homem disse: «Os meus sentimentos. Mas não tem outra pessoa qualquer de família, ou um amigo, que pudesse vir ao jogo consigo?» E o homem respondeu: «Não, estão todos no funeral.» A piada, claro, era que Holger seria esse homem no dia em que Ramona fosse enterrada, por isso ninguém voltou a contar a anedota desde o dia em que ele morreu, há já vários anos. Ela é que fumava, ele é que teve cancro. Ramona nunca diz que ele morreu, diz que ele a deixou, e, de alguma forma, isso revela bem que ela é a pior perdedora numa cidade cheia deles. Ainda não perdoou àquele velho filho da mãe por se ter ido primeiro. «Os homens deitam-se e as mulheres continuam a trabalhar», dizia ela sempre que alguém tocava no assunto, e ninguém tocou no assunto durante uns tempos.

Ramona continua a fumar tanto como antes, a beber ainda mais, a única coisa que deixou de fazer foi ver hóquei, porque os seus pulmões não aguentariam. Foram mirrando sem ele. Durante muito, muito tempo, nem conseguia ir ao supermercado sem sentir a mão dele na sua, sem ouvir a sua voz a azucrinar-lhe os ouvidos, e eram os jovens de blusões pretos que consideravam o Urso Pardo como uma segunda casa que iam fazer as compras por ela, que a ajudaram a continuar a viver, para que ela pudesse continuar a ajudar toda a gente a fazer o mesmo. Escreveram as palavras do obituário de Holger no jornal quando ela chorava tanto que era incapaz de o fazer. «Raios te partam, Holger! Como é que os jogadores vão saber quando rematar, agora que já lá não estás para lhes gritar?», dizia o obituário. Ela riu-se baixinho e serviu-lhes mais cerveja. Quando o fogo consumiu o Urso Pardo, o obituário ainda estava pendurado na parede

do bar, entre camisolas e cachecóis do Hóquei de Björnstad, a equipa que Holger tanto amava e odiava, aquele clube inútil e maravilhoso. O incêndio quase levou também Ramona, e às vezes ela até deseja ter ido. Uma pessoa pode enterrar uns tantos entes queridos ao longo da vida e continuar a levantar-se na manhã seguinte, mas algo dentro de si vai ficando mais pesado de dia para dia. Ramona já teve várias manhãs em que acordou e pensou se valeria a pena sair da cama.

Depois, de repente, num dia do verão passado, ela aumentou o preço da cerveja. Naturalmente, isso causou reboição entre os clientes habituais, num bar onde não há clientes de outro tipo, porque a última vez que ela subira os preços fora só há quinze anos. «Está sempre a aumentar as coisas, o raio da velha», repetiam.

Os únicos que não se queixaram, na verdade, foram os homens dos blusões pretos. Porque Teemu, o maior idiota daquele bando de idiotas, há muito tempo que não parecia tão feliz.

«Estás a rir-te do quê?», perguntou-lhe Ramona com maus modos, e Teemu admitiu: «Se estás a subir os preços, é porque estás a pensar no futuro.»

Pessoas como ele e ela precisam de um futuro, caso contrário vão ao fundo. Na mesma noite do incêndio no Urso Pardo, perderam o irmão mais novo de Teemu, Vidar, num acidente de viação. O rapaz costumava fazer os trabalhos de casa no Urso Pardo quando era pequeno, obrigado pelo irmão mais velho, que nunca fizera trabalhos de casa na vida porque ninguém o obrigara a isso. Os pais de um e outro há muito tinham desaparecido, e a mãe de ambos estava em casa, mas noutro mundo, por causa dos comprimidos. Teemu e Vidar tinham visto tanta violência e maus-tratos, antes sequer de entrarem na escola, que o bar era um refúgio para eles. No Urso Pardo estavam seguros, foi onde encontraram todos os seus amigos. E Teemu descobriu um novo sentimento de pertença entre os homens de blusões pretos que lá se reuniam e que protegiam sempre o seu irmãozinho. Ramona nunca tivera filhos, mas aqueles rapazes eram como se fossem seus – quando Vidar morreu, ela e Teemu pareciam

árvores velhas arrancadas pelas raízes, e deixaram de conseguir encontrar sentido em viver para o dia seguinte. Exceto pelo hóquei. O hóquei fez com que a vida seguisse em frente, um jogo de cada vez, uma discussão ruidosa no Urso Pardo a seguir a outra, sobre qual dos jogadores devia ter tentado rematar e em que momento. Na cidade, não há duas pessoas capazes de discutir como Ramona e Teemu, porque a maioria não tem a energia para gostar uma da outra tanto como isso exige. Raramente o dizem em palavras, porque não é preciso: a velha rezingona atrás do balcão aumentou o preço da cerveja e o *hooligan* quase desatou a chorar, e é quanto basta. Pertenciam um ao outro.

Quando a tempestade varre Björnstad e a escuridão envolve os edifícios, Ramona pensa nele. E nos seus rapazes. Provavelmente pensa também em Holger, claro, porque pensa sempre nele quando a tarde dá lugar à noite. Ele gostava muito de ir para a cama, Holger, aquele desgraçado preguiçoso. Quando o vento começa a sacudir as janelas e as luzes se apagam todas, ela arruma os copos de cerveja no devido lugar, atrás do balcão, e procura a lanterna às apalpadelas na escuridão. Atrás de um raio de luz fraco e trémulo, sobe até ao seu quarto, lentamente, sobre as velhas pernas, passando por galhardetes e cachecóis e centenas de fotografias que as pessoas da cidade reuniram para ela depois do incêndio. Saudações silenciosas de uma vida inteira vivida à volta de um clube de hóquei.

Ramona esteve entre os primeiros patrocinadores. Nos últimos anos, fez parte da direção. Oh, como discutiu com aqueles velhos da direção, e, oh, como se divertiu ao fazê-lo! Há muitos anos que o Hóquei de Björnstad não estava tão bem, e o de Hed está pelas ruas da amargura, e, na opinião de Ramona, há pouca coisa que dê mais satisfação sem que uma pessoa tenha de se despir. Vai para a cama com a fotografia de Holger nos braços. A tempestade fustiga o edifício e embala-a até adormecer.

A alguma distância, na floresta, a mesma tempestade sacudia algum tempo antes um pequeno carro a caminho do hospital em Hed.

A mulher grávida dentro dele gritara: «Está na hora, está na hora, vai nascer agora!» ao marido, e tinham-se posto a caminho. Uma árvore que caiu atingiu o carro no meio da floresta e foram salvos por uma parteira e uma miúda de dezoito anos meio doida chamada Ana. Acabarão por dar ao bebé o nome de um rapaz que tanto Ana como Ramona amavam. Vidar. O fim da vida é tão imparável como o princípio, não podemos travar os primeiros nem os últimos suspiros, tal como não conseguimos deter o vento.

Ramona não veste a camisa de dormir, dorme com as roupas normais para estar decente quando tiverem de a tirar dali. E, enquanto o pequeno Vidar nasce na floresta, ela morre no Urso Pardo. Não há nada de nefasto nisso: simplesmente chegou a sua hora.

Quando for sepultada, as pessoas colocarão tantos cachecóis verdes na campa que o nome gravado na lápide de pedra ficará escondido. Não importa, todos sabem quem ela é. Tudo o que nos une na floresta são as nossas histórias, e nunca deixaremos de contar a dela.

Perdas

O mais insuportável da morte é que o mundo continua a girar. O tempo não se importa. Na manhã depois da tempestade, o sol nasce como se troçasse de nós, sobre uma floresta arrasada e uma cidade maltratada. Duas, na verdade. Se ainda estivesse connosco, Ramona diria sem dúvida que há sempre dois de tudo, «um que vence e outro, que são os restantes desgraçados». Há duas cidades e dois clubes e sempre dois jogadores de hóquei: um que ocupa um lugar na equipa e outro que ocupa um lugar ao balcão do Urso Pardo. «Dois de tudo, um que vemos e um que não vemos, um positivo e um negativo», resmungava ela, e poder-se-á alegar que, por essa altura, já tinha muitas vezes bebido uma boa dose de pequeno-almoço, e que, por vezes, ainda acrescentava mais umas gotinhas de maneira tão disfarçada que era quase constrangedor. Porém, quando estava concentrada, conseguia esticar o braço por cima do balcão, dar umas palmadinhas carinhosas na cara de alguém e dizer: «Por aqui, tudo e todos estão ligados entre si, quer queiram quer não.» E tinha razão – há ganchos e fios invisíveis –, e foi por isso que tudo e todos pararam quando ela morreu.

«Um viva para as mulheres fiéis e os homens de confiança, onde quer que estejam, mas para vocês, seus imprestáveis, está na hora de irem para casa!» costumava ela gritar quando tocava a sineta a avisar que era hora dos últimos pedidos. O pequeno oásis de álcool entre o crepúsculo e a madrugada terminava, o ponteiro dos segundos recomeçava a andar e os telemóveis saíam com relutância dos bolsos para que fossem lidas as mensagens irritadas. A caminho de casa, no meio da escuridão, os opostos de vencedores e de positivos tropeçavam, de regresso à realidade, certos de que podiam sempre voltar no dia seguinte. Porém, um dia seguinte, Ramona deixou de lá estar, e era incompreensível que o sol nascesse na mesma. Que

conseguisse fazê-lo. Que tivesse essa ousadia.

*

Muitos telefonemas são feitos no dia a seguir à tempestade, para partilhar o sucedido, e é um choque para todos os que atendem e recebem a mensagem, mas o telefonema mais inesperado é provavelmente o primeiro de todos.

É Teemu que encontra Ramona, porque é ele a primeira pessoa a dar pela falta dela. Diremos que foi bem cedo, na manhã depois da tempestade, mas, na verdade, a tempestade ainda não acabou. Teemu estava a meio dia de carro dali quando a tempestade se abateu sobre a região, envolvido no tipo de negócio que Ramona não o deixava fazer em Björnstad. Ela sabia como ele ganhava a vida e sabia que não podia permitir que o fizesse perto dela, caso contrário, como todos os miúdos, ele arranjaría algo ainda pior para fazer pelas suas costas. Teemu nunca teve pai ou mãe que se visse, e Ramona recusava-se a tentar ocupar o lugar de um ou outro, mas, para exprimir os sentimentos que nutria por Teemu, ela estabelecia certas regras, e ele correspondia, cumprindo-as sem exceções.

Quando viu a previsão meteorológica, Teemu ligou a Ramona, e, quando ela não atendeu, percebeu logo que havia algo errado. Ela nunca o admitiria, mas tinha sempre o telemóvel por perto quando ele andava em viagem. Teemu deu a volta ao seu velho *Saab* e conduziu a noite toda, por estradas quase intransitáveis, contra o vento, o mais depressa que conseguiu, e forçou a porta do Urso Pardo. E ao nascer do dia, quando a tempestade finalmente levantou a mão pesada das cidades arrasadas, e tudo o que restava era a chuva a embater nas janelas, ele sentou-se à beira da cama de Ramona e chorou como uma criança e como um homem feito. Quando somos pequenos, choramos pela pessoa que perdemos, mas, quando crescemos, choramos ainda mais por nós próprios. Teemu chorou pela solidão dela, mas também pela sua.

«Toda a gente que eu conheço com dois dedos de testa tem duas famílias, aquela que lhes calhou em sorte e a que escolheram. Não podemos fazer nada quanto à primeira, mas temos de assumir a responsabilidade pela segunda!», gritava-lhe Ramona sempre que alguém da Matilha arranjava sarilhos depois de um jogo de hóquei, ou roubava uma mota de neve da loja errada, ou esmurrava a pessoa errada sem que Teemu o tivesse impedido. Ela considerava-o sempre pessoalmente responsável por todos os idiotas que o seguiam, e, quando ele se enfurecia e lhe perguntava porquê, ela rugia: «Porque espero melhor de ti!»

Nunca o deixava ser menos do que aquilo que podia ser. Todas as outras pessoas viam apenas um louco violento, um *hooligan* e um criminoso, mas Ramona via um líder. Sente afeto pelos seus rapazes da Matilha, mas tem de os orientar. Ama a mãe, mas é sempre responsável por ela. A mãe de Teemu gosta de comprimidos que lhe permitem não sentir nada, portanto ele tem de sentir tudo em seu lugar. Quando o irmão mais novo de Teemu, Vidar, morreu, a mãe disse que por vezes via famílias felizes no lago, no inverno, mãe e pai e filho, a patinar e a rir, o tipo de família que funcionava e que vivia numa casa onde estava tudo intacto. «Finjo que aquele miúdo é o Vidar, que ele teve uma família assim», murmurou ela, num nevoeiro de estupefacientes, ao filho mais velho. Não disse que desejava isso para Teemu, apenas para Vidar; precisa demasiado de Teemu para poder sequer fantasiar com uma vida diferente para ele.

Ramona compreendia que ser constantemente responsável pelos outros sobrecarrega uma pessoa; pode não ser visível por fora, mas, por dentro, ele está a encher-se lentamente de chumbo. Teemu é o primeiro telefonema de demasiadas pessoas quando algo corre mal. Era apenas no Urso Pardo, ao final da noite, antes de as luzes se apagarem e a porta se fechar, que ele conseguia relaxar e deixar os ombros descair alguns centímetros. Descontrair os punhos. Ramona dava-lhe uma última cerveja e uma palmadinha na cara e perguntava-lhe como ele estava. Mais ninguém o fazia.

Assim, nessa madrugada, com a tempestade finalmente a passar, ele senta-se na beira da cama dela e deseja ter-lhe dito que ela tinha razão. Temos duas famílias. E ela era a que ele escolhera.

Tira um cigarro do maço em cima da mesa de cabeceira e fuma com ela uma última vez. De súbito, desata a rir, porque ela está com um ar tão zangado, mesmo depois de morta. Se ela estiver agora numa espécie de Céu, Vidar estará lá também, a ouvir um raspanete *daqueles* por se ter atrevido a morrer antes dela, pensa ele. Depois fecha carinhosamente os olhos da velha mulher e dá-lhe uma palmadinha na cara e murmura:

– Diz olá àquele cabrãozinho. E ao Holger.

E depois Teemu fica ali sentado, sem saber o que fazer com o corpo ou a quem telefonar. Ramona era o mais parecido com um adulto normal que ele tinha na sua vida, por isso não sabe o que fazem os adultos normais quando perdem outros adultos normais. Por fim, liga para Peter Andersson.

Talvez seja uma decisão tão incompreensível como óbvia. Odiaram-se durante anos, quando Peter era o diretor-geral do Hóquei de Björnstad e o principal símbolo de tudo aquilo que a Matilha odiava: a pequena elite privilegiada de homens ricos que governava o clube como se este lhes pertencesse. As coisas chegaram mesmo ao ponto de a Matilha ter colocado no jornal um anúncio a informar da morte de Peter, e contactado uma empresa de mudanças que ligou para a mulher dele a querer marcar o dia para esvaziar a casa.

Foi ao balcão do Urso Pardo que Teemu e Peter finalmente deixaram de ser inimigos, sob o olhar atento de Ramona, depois de Peter se demitir do cargo de diretor-geral, mas nunca ficaram amigos. Ainda assim, Teemu não tem mais ninguém neste momento. Quase espera que Peter desligue imediatamente, mas, ao invés, ele responde em voz calma:

– Espera, espera; o que estás a dizer, Teemu?

As palavras brotam uma vez mais dos lábios de Teemu.

– Ela está morta... Merda... – soluça.

– Morta? – murmura Peter.

– Mmm – consegue Teemu dizer, como se lhe restassem apenas consoantes.

– Raios. Raios me partam, Teemu. Estás bem? – pergunta Peter.

Teemu não sabe o que responder, porque nunca outro homem lhe perguntou tal coisa.

– Mmm.

– Onde estás? – pergunta Peter, cuidadosamente, como se tentasse não espantar um veado do jardim.

– No carro com ela – soluça Teemu, em voz quase inaudível.

– Com... com quem? – pergunta Peter.

– Com a Ramona!

Peter respira ao telemóvel, em silêncio, à espera de o ouvir dizer que está a brincar. Não está.

– Puseste-a no *carro*, Teemu?

– Não sabia o que havia de fazer, por isso estou a caminho de tua casa, mas não quis deixá-la sozinha! – funga Teemu, na defensiva.

Peter suspira muito, muito, muito profundamente do outro lado da linha. Depois, indica a Teemu que pare o carro na berma da estrada. Não sabe bem que tipo de crime será conduzir com um cadáver num *Saab* velho, mas tem quase a certeza de que algum é.

– Fica onde estás, eu vou buscar-te.

Teemu assim faz, o que é estranho, não só por ter Ramona sentada ao seu lado, morta, mas porque nunca, em toda a sua vida, alguém o foi buscar onde quer que fosse.

*

Fazem-se tantos telefonemas, primeiro de um vizinho para outro, depois outro, e outro, até que um chega a Adri Oovich, no canil. Quando sabe o que aconteceu a Ramona, ela tem de fazer um telefonema para um lugar tão distante quanto possível.

– Benji – murmura, e conta-lhe tudo, com todo o carinho, e ouve-o

desfazer-se do outro lado.

Benji levanta-se e faz a mala e põe-se a caminho, e agora está a dormir num banco num aeroporto do outro lado do planeta. Tem um olho completamente negro e roxo, e as narinas sujas de terra e sangue seco. Tem vinte anos de idade, e passou os últimos dois a viver bêbado e livre, de uma forma que apenas um mentiroso sob o efeito de substâncias conseguiria viver, jovem e imortal. Fora das janelas, nesta parte do mundo, o sol sobe em direção a mais um dia quente o suficiente para andar de tronco nu em praias intermináveis, mas Benji vai a caminho do extremo norte, e de um mundo de hóquei e temperaturas abaixo de zero.

A prova de que as máquinas do tempo nunca existirão é que, se uma fosse inventada a dada altura no futuro, alguma pessoa que gostasse de Benji a usaria de imediato para regressar a este preciso momento e detê-lo. Alguém apareceria no aeroporto, pegar-lhe-ia no braço e diria, com um sorriso: «Oh, que se lixe o avião! Anda, vamos para a praia, beber uma cerveja! Vamos comprar um barco!» Porque, assim, tudo o que vai acontecer nunca teria acontecido. Se pelo menos alguém tivesse aparecido naquele momento para o impedir de regressar a casa. É por isso que sabemos que não existem máquinas do tempo. Porque, em Björnstad, as pessoas que gostam de Benji são bem mais do que ele pensa.

*

Leo Andersson não se lembra da última vez que sentiu uma alegria tão pura e descomplicada como quando a eletricidade volta, na casa no centro de Björnstad, no dia depois da tempestade, e o seu computador se liga de novo. A vida recomeça. O pai recebe um telefonema de alguém e Leo não quer saber o teor da conversa, mas ouve o pai desligar, depois ligar logo de seguida para a mãe e contar-lhe que alguém morreu. Leo não consegue ouvir quem. A mãe volta imediatamente do escritório em Hed, onde passou a noite, e Peter sai

assim que ela entra em casa. Entreolham-se muito fugazmente, como se o amor pudesse esperar enquanto estão ocupados, como se achassem que todo o tempo de que precisam para dizer tudo o que desejam dizer fosse aparecer, como que por magia, um belo dia. Leo não contou a ninguém da frequência com que pensa em como irá resolver todos os problemas práticos depois de eles se divorciarem, como passarão a viver, e como há de deslocar o computador de um lado para o outro. Porque tem a sensação de que estão em contagem decrescente para esse momento.

A porta de casa fecha-se atrás do pai, e a mãe vai para a cozinha e começa a fazer mais telefonemas. Leo fecha a porta do quarto, regressa ao jogo de computador e respira fundo de alívio, como se lhe tivessem dado alguma coisa para as dores, por fim livre de deixar de pensar. O tremeluzir do ecrã e os sons de disparos nos auscultadores seriam insuportáveis para outras pessoas, mas, para ele, são uma espécie de meditação. Tira os olhos do ecrã por um instante quando recebe uma mensagem de texto. É da irmã. «Estou a caminho de casa», começa a mensagem. Leo sorri.

Noutra parte de Björnstad, numa casa muito mais pequena, Matteo está também sentado em frente do seu computador. Os dois rapazes são da mesma idade, estão a jogar o mesmo jogo e a irmã de Matteo também está a caminho de casa. Mas ele não sorri.

*

«Estou a caminho de casa», começa a mensagem de Maya. A mãe acabou de lhe ligar para dar a notícia e explicou-lhe que não precisa de vir, que está tudo bem. Assim, Maya faz a mala e escreve numa mensagem para o irmão: «Não digas nada à mãe e ao pai, senão eles querem vir buscar-me. Eu vou de comboio. Sê simpático com o pai porque ele está mais triste do que parece com a morte da Ramona, está bem? Amo-te!» Leo responde apenas: «OK», mas sorri. Tem saudades da irmã. Ficou com o quarto de Maya quando ela saiu de

casa, e organizou-o completamente em torno do computador: uma cadeira ergonómica que pediu como prenda de Natal, auscultadores novos, ecrã novo. Aprendeu a aproveitar-se do facto de os pais preferirem a violência do mundo dos jogos, embora não a apreciem, a ele andar fora de casa a noite toda na violência do mundo real.

Matteo está sentado no chão, num pequeno quarto do outro lado da cidade, ligado ao *wi-fi* dos vizinhos, e o seu computador é formado por várias partes desirmanadas que salvou de máquinas postas de lado quando o departamento administrativo da fábrica onde os pais trabalham as foi colocar na lixeira. Naturalmente, os pais não sabem que ele o tem, pois nunca teriam permitido tal coisa. Ninguém joga na família de Matteo, mal veem televisão; ainda que Matteo nunca tenha compreendido exatamente o que é que Deus tem contra isso, não questiona os pais. A sua família vive no silêncio e no terror. Não é que Matteo tenha medo dos pais, eles nunca lhe bateram; o controlo que exercem sobre os filhos é de uma espécie diferente. Vergonha e culpa e desilusão, os instrumentos mais eficazes do Diabo.

Do outro lado da cidade, Leo tira os olhos do ecrã por uns segundos enquanto lê a mensagem de Maya. O sorriso dissipa-se do seu rosto quando se vira de novo para o computador e vê que alguém lhe deu um tiro na cabeça.

Matteo fecha o punho num gesto de triunfo quando dispara. Anda na mesma escola de Leo, mas tem quase a certeza de que o rapaz nem sequer sabe quem ele é. São da mesma idade, mas vivem em realidades diferentes. Um tem quem lhe faça sanduíches sem ser preciso pedir, o outro passa fome numa casa vazia. Os pais de um praticamente não são religiosos, e mesmo assim ele recebeu uma cadeira ergonómica cara no Natal, enquanto os pais do outro não fazem senão falar de Deus e Jesus, mas nem sequer festejam o Natal. Leo tem tudo o que Matteo não tem, em todos os sentidos, e por isso os jogos de computador são justos de uma forma que o mundo real nunca é. Aí, um rapaz com um computador feito de peças em segunda mão, sentado no chão, pode procurar um rapaz rodeado pela

tecnologia mais cara e mais recente, esperar que ele se desconcentre e dar-lhe um tiro na cabeça.

Por um segundo, Matteo pode fechar o punho e sentir-se vitorioso. Depois a luz vai-se abaixo outra vez.

*

Peter aproxima-se com passos rápidos pela berma da estrada, de cabelo todo desgrenhado, vestido com calças de ganga coçadas e uma camisola de capuz verde com o urso estampado. Teemu abre a janela do *Saab*, tão envergonhado como se tivesse sido mandado parar em excesso de velocidade.

– A segurança sempre em primeiro lugar, estou a ver – diz Peter com um laivo de ironia quando vê que Teemu pôs o cinto de segurança a Ramona.

Teemu não sabe como interpretar o comentário e murmura apenas:

– Não sabia o que fazer. Pareceu-me errado enfiá-la no porta-bagagens.

Ramona está sentada no banco do passageiro e parece capaz de acordar a qualquer momento e desatar a gritar com Teemu por conduzir como uma velha. Peter fecha rapidamente os olhos, abre-os devagar e, por um momento, parece que gostaria de pousar suavemente a mão no rosto dela, mas resiste.

– Não faz mal, Teemu. Vamos lá resolver o assunto – murmura.

Teemu passou toda a infância a aprender a não chorar em frente de outras pessoas, tal como Peter, e ambos dão bom uso a esse conhecimento hoje. Peter faz todos os telefonemas que um adulto normal faria, deitam cuidadosamente Ramona no banco de trás e conduzem devagar até ao centro da cidade. A agência funerária não tem hora certa para abrir, apenas um cartaz na porta com um número de telefone. Por estes lados, quem trabalha com a morte só aparece quando é preciso. Têm de esperar várias horas até que chegue alguém, devido à dificuldade de percorrer as estradas pela floresta.

Enquanto esperam, Peter começa a ouvir um zumbido, primeiro à distância, como um inseto irritante preso dentro de uma cúpula de vidro, mas que aos poucos aumenta até ser um rugido. Pressiona os ouvidos no caso de ser imaginação sua. Só quando ouve gritos e vê uma árvore cair não muito longe do carro é que se dá conta do que é: serras elétricas. Uma sinfonia de zumbidos que sobe e desce em todas as direções. O dia ainda mal nasceu, a tempestade só agora começou a acalmar, mas a floresta já está cheia de pessoas que limpam árvores caídas e outros escombros. Peter repara que muitos são bombeiros, e que nenhum deles precisou de receber ordens para ir ajudar. As equipas são sempre desiguais, as tempestades contra a humanidade, mas a persistência da humanidade acaba por levar a melhor.

– Não sabia que a Ramona estava doente. Quem me dera ter estado lá – diz Teemu de súbito, hesitante.

Peter faz um aceno seco e deseja saber que palavras usar para o consolar.

– Ela era velha, Teemu. Não é culpa de ninguém. A Ramona gostava muito de ti – é tudo o que consegue dizer.

A ponta do nariz de Teemu sobe e desce quase impercetivelmente.

– De ti também.

– Mas era diferente contigo e com o Vidar, Teemu. Vocês os dois eram como filhos para ela.

Teemu levanta as sobranceiras.

– Estás a brincar? Fazes ideia de como a velha rezingona estava sempre a falar de ti? Raios, eu nem a podia ouvir. Na minha maneira de ver, eras apenas um filho da mãe arrogante que se achava melhor do que nós por não beber e essas coisas. Mas ela... bom, sabes... até ela me explicar como era o teu pai. Depois percebi. Tiveste uma infância de caca e mesmo assim não te saíste mal. Era por isso que ela estava sempre a elogiar-te.

– Foi há muito tempo, as coisas eram diferentes, os pais eram... diferentes – diz Peter baixinho, embora saiba que não é verdade; Teemu tem metade da sua idade e o pai dele era a mesma coisa.

– Podes dizer que o teu pai era um cabrão, sabes – sugere Teemu, não surpreendido, mas no tom de um rapaz que, em pequeno, nunca conheceu um homem adulto que não fosse violento.

Peter olha para ele e fica atônito, como sempre, ao ver como Teemu é magro. É bem possível que seja o homem mais temido desta floresta, mas, à distância, passaria por um rapaz de classe alta num colégio interno. Cabelo bem arranjado, postura relaxada, olhos que não são poços de trevas. Pelo contrário, aparenta amiúde estar divertido, como um bom malandro. É engraçado como funciona o potencial de violência, pensa Peter. Não é nada que se veja numa pessoa, apenas o sentimos na sua presença.

A geração mais velha de fãs de hóquei em Björnstad fala muitas vezes de jogadores que têm «o cão dentro deles». Peter sabe o que é, por causa da ausência desse comentário nas descrições que eram feitas de si próprio na juventude. «O Peter Andersson? Sim, é bom com o *stick*, mas não tem o cão dentro dele.» Peter recusava-se a lutar, mesmo quando era atacado no gelo, o que significava que um bom número de homens não confiava nele, enquanto outros o desafiavam. Peter aprendeu a reconhecer a diferença. Há muitos homens que se afirmam capazes de lutar se for preciso, porém, quando chega a hora da verdade, todos temos uma ponte a atravessar que nos leva da criatura pacífica que aprendemos a ser ao animal que temos de ser para atacar fisicamente outra pessoa. O comprimento dessa ponte varia, de pessoa para pessoa. Os que têm a ponte mais curta agem como o pai de Peter, mas Teemu? Peter nunca esteve sentado ao lado de alguém assim. Ele não tem ponte, as duas margens diferentes dentro dele estão apenas a um passo de distância. Por fora, ninguém o distinguiria de uma centena de outros homens, mas, por dentro, ele tem apenas o cão.

Assim, Peter esfrega a barba por fazer, atrapalhado, e admite de forma vaga:

– Oh, havia pais piores. Agora que tenho filhos, muitas vezes me parece que também não sou lá grande coisa...

Teemu vira-se para a janela, e talvez devesse ter dito aquilo em que pensava: que já vira muitos pais maus e Peter não é um deles. Talvez Peter devesse ter dito também alguma coisa a Teemu, perguntado como é que ele se sente. Mas nenhum dos dois consegue formular os seus pensamentos, e assim acabam a falar de hóquei.

– Que achas da equipa este ano? – pergunta Peter, quase como uma formalidade, mas em parte com genuína curiosidade. Houve tempos em que toda a gente insistia em dar-lhe a sua opinião, e não consegue evitar sentir falta disso, de certa maneira.

– Tu é que me devias dizer, não? – Teemu ri-se, antes de perceber que, na verdade, Peter deve saber menos sobre a equipa do que ele. Quase tem vontade de lhe pedir desculpa.

Peter abana lentamente a cabeça.

– Sabes como as pessoas gostam de mexericos nesta cidade, Teemu, e quando lhes perguntamos: «Como é que sabe?», respondem apenas: «Oh, as pessoas falam.» Mas eu nunca mais ouvi isso. Nunca era comigo que as pessoas falavam, era sempre com o diretor-geral.

Teemu acena, com alguma simpatia. Peter saiu há dois anos e o clube ainda não nomeou um novo diretor-geral. Substituíram a posição dele por um «comité de chefia», que consiste do treinador e de meia dúzia de membros da direção, o que devia ter sido um desastre, mas acabou por coincidir com as melhores épocas que o clube tinha há anos. É difícil para alguém como Peter não pensar que talvez o problema fosse ele. Teemu compreende isso, porque sabe como é amar um clube que, se pudesse, não teria qualquer relação com ele.

– Posso perguntar... o que é que... o que é que *fazes* o dia inteiro? Sem o hóquei? – pergunta Teemu.

– Faço pão – responde Peter.

– Pão?

Peter confirma com um aceno. Olha para o relógio, depois para a rua deserta.

– E, para ser muito honesto, nem sequer gosto assim tanto de pão. Portanto, se queres falar de alguma coisa, mais vale dizeres-me o que

achas da equipa, porque agora que a Ramona se foi não tenho mais ninguém a quem o perguntar.

Por um momento, Teemu sente-se encurralado.

– Bom... acho que a equipa tem dois problemas. O primeiro é que o Amat é um grande jogador, mas ninguém parece saber o que se passa com ele. O segundo é que... oh, que se lixe... sabes, quase ganhámos o campeonato na primavera, mas, na hora da verdade, fraquejámos. Precisamos de alguém que não recue. Alguém que... alguém com...

Procura as palavras certas, como um pai a tentar evitar praguejar em frente dos filhos.

– Alguém que tenha o cão dentro de si – sugere Peter, em tom prestável.

Teemu ri-se.

– Pareces a Ramona a falar.

Peter abana a cabeça.

– Não. Pareço apenas velho.

Teemu sorri.

– Mas tens razão. É isso que nos falta. O número dezasseis.

*

Não precisa de dizer o nome. Peter sabe. A cidade inteira sabe.

– *BENJAMIN OVICH* – crepita uma voz cansada no altifalante do aeroporto. – *BENJAMIN OVICH, DIRIJA-SE À PORTA 74.*

Benji acorda no banco, em parte porque estão a chamar pelo seu nome, e em parte porque as lágrimas lhe fazem arder as feridas do rosto. Não sabe que horas são em Björnstad, não se lembra se a diferença horária são seis ou oito horas, mas presume que uma das vantagens de beber a noite toda e dormir o dia inteiro, como fez nos últimos meses, é que estará imune ao *jet-lag*. Endireita-se e geme com as dores no corpo.

Ramona disse-lhe uma vez que o seu maior problema era que tinha um cérebro sem uso nenhum e um coração gasto, e que os seus pés só sabiam andar numa direção. E tinha razão, claro. No aeroporto, as pessoas desviam-se do banco onde ele está deitado, com o nariz e a boca mais ensanguentados do que os punhos. A caminho do aeroporto, envolveu-se numa situação em que os seus pés se deviam ter mexido em direção oposta, e isto é o que lhe acontece sempre porque nunca aprendeu a fazê-lo.

O quadro das partidas pisca quando arrasta o corpo e a mala do banco e coxeia até ao avião. Há muitas coisas que as pessoas lhe ensinaram ao longo dos anos e que se revelaram erradas, mas, se Ramona ainda estivesse por cá, teria provavelmente dito que não há mentira maior do que a ideia de que este rapaz tem o cão dentro dele. Se alguma vez lá houve algum cão, há muito que se assustou e fugiu. Agora Benjamin Ovich tem apenas demónios dentro de si.

*

É quase hora de almoço no dia a seguir à tempestade quando Ana liga à melhor amiga. Ela não atende, por isso Ana faz a única coisa

lógica. Volta a ligar, uma e outra e outra vez. Por fim, Maya atende, com voz irritada. Vai no comboio, o que obviamente não seria problema noutras circunstâncias, mas está sentada na casa de banho, o que, uma vez mais, poderia não ser um problema se Ana não insistisse sempre em fazer videochamadas.

– Não percebes a dica quando uma pessoa rejeita a chamada? – diz Maya com maus modos, tentando equilibrar o telemóvel no lavatório.

– Estás a fazer cocó? – pergunta Ana, despreocupadamente, com a boca cheia de batatas fritas.

– Bom, se estivesse, e tu estivesse a comer batatas fritas ao mesmo tempo, aposto que eu seria a única pessoa agoniada.

– Porque é que havia de ficar agoniada? Nem sequer consigo ver o cocó daqui! – responde Ana, levando mais batatas fritas à boca.

– Tu não és boa, decididamente.

– Eu? Tu é que estás para aí a falar de cocó. Passa-se alguma coisa com o teu cocó? Estás doente?

– Cala-te!

– É mole? Olha que não é bom que seja mole.

– Que é que *queres*, Ana?

– A sério? Peço desculpa por existir... Só queria saber se queres que te vá buscar à estação.

– Não tens carta de condução.

– E depois?

– Não tenho energia para ter esta discussão contigo. Não te preocupes, eu apanho o autocarro.

– Porque não ligas aos teus pais?

– Porque eles iriam buscar-me.

– Sim?

– Sim!

– E não é esse o objetivo?

– Não quero incomodá-los. Já têm muito em que pensar... O que estás a fazer? Sentes-te bem?

– Tenho um pedaço de batata frita colado à garganta. Agora sujei o

ecrã todo. Espera aí, deixa-me limpá-lo.

– Que classe, Ana. A sério.

– Isso é a tua guitarra, aí ao lado? Levas a guitarra contigo quando vais fazer cocó?

– Estou no comboio, idiota, não quero que alguém a roube!

– Ninguém quer a tua guitarra inútil, parva!

– Estou mesmo contente por voltar para casa, acredita.

– Hum, deixa-te de tretas, bem sentiste a minha falta.

Maya sorri.

– Sinto falta da minha melhor amiga.

A expressão de Ana suaviza-se e murmura para o ecrã:

– Também tenho saudades tuas.

Naturalmente, Maya não resiste a acrescentar:

– Tenho de ta apresentar, a minha melhor amiga; é muito mais engraçada que tu!

Felizmente para ela, estão a falar por videochamada, porque assim Ana só pode bater no ecrã, mas, mesmo assim, Maya encolhe-se. Da primeira vez que voltou a Björnstad, depois de ter saído de casa, Ana deu-lhe uma palmada a sério sem querer, quando queria apenas acertar-lhe a brincar, e Maya não conseguiu dormir em cima desse ombro durante uma semana.

– Toca-me lá qualquer coisa – pede Ana num murmúrio, indicando o estojo da guitarra.

– Só toco para a minha melhor amiga – riposta Maya com um sorriso malicioso.

– Ah! Se eu tivesse coração, tinha ficado muito magoada – responde Ana, e ambas se riem.

Depois Maya abre o estojo e tira a guitarra e toca para a sua melhor amiga, sentada numa casa de banho apertada num comboio aos solavancos. Ana ama-a por isso. A canção é nova, as palavras antigas:

Eu e tu, tu e eu

*Que o mundo inteiro venha ver
Não sabem quem eu posso ser
Nunca viram o meu verdadeiro eu
São símbolos de estatuto, ninharias sem valor
Os teus olhos são espingardas carregadas, ar desafiador
Eles que falem, deixa-os falar
Nós somos um exército, podem-nos odiar
Eles que gritem, eles que partam
Eles que lutem, que desapareçam
Nenhum me conhece, apenas o meu nome
Nunca precisei de mais ninguém para me matar a fome
O que tiver de ser, assim há de passar
Somos nós as duas contra tudo o resto, a lutar
Seja difícil ou fácil de ultrapassar
Sempre, sempre, contra a maré remar,
Eu e tu, tu e eu
O mundo inteiro que venha ver
Não sabem quem nós podemos ser*

As últimas notas das cordas da guitarra ressaltam entre os dois ecrãs até que o espaço engole todos os ecos. O comboio ronca debaixo do rabo de Maya, a máquina de secar ronca nas costas de Ana, que está a lavar os lençóis do pai. Maya não precisa de perguntar para perceber que ele teve uma recaída. Ana liga sempre quando trata da roupa, para não ter de estar sozinha. Não dizem nada durante quase uns dez minutos, até que Ana quebra o silêncio.

– Bela canção. A tua nova melhor amiga deve gostar muito dela.

Maya ri-se, baloiçando a guitarra no colo.

– És tão totó.

– Hum... diz a miúda que anda numa escola de música. Se houvesse um campeonato do mundo de totós, nem sequer poderias participar porque estás para além do limite de totózice. O júri diria: «Não, infelizmente todos os outros concorrentes trabalharam muito

para serem totós, mas é evidente que a menina caiu numa banheira de *compota de totó* quando era pequena, portanto não seria uma competição justa se aceitássemos a sua participação!»

Maya ri-se tanto que acredita que a ouviram no comboio inteiro. Não se importa. Ela e Ana estão em pontas opostas do país durante meses seguidos, mas um único telefonema basta para que pareça que nunca estiveram longe uma da outra. Como se nunca tivesse acontecido nada terrível.

– Desculpa não me ter apercebido da tempestade por aí, devia ter sabido... – começa Maya, mas Ana interrompe-a:

– Cala-te. Como havias de saber?

– Tenho saudades tuas – murmura Maya.

– Liga-me assim que chegares a casa – murmura Ana.

Maya promete, e a ideia de haver tantas pessoas sem Ana nas suas vidas e mesmo assim conseguirem sobreviver é tão incompreensível que lhe causa uma dor de cabeça.

Desligam e Maya sai da casa de banho do comboio, atrapalhada com o estojo da guitarra. É o mesmo estojo que levou consigo quando saiu de Björnstad; tinha dezasseis anos nessa altura, tem dezoito agora. Partiu pouco depois do funeral de Vidar e regressa para o funeral de Ramona. Não sabe se está triste porque está de luto ou porque se sente nostálgica. Mal conhecia Ramona, na verdade, mas, quando certas pessoas morrem, é como ver o fio de um balão partir-se. Não sentimos falta daquilo que eram, mas do que perdemos com a sua ausência.

Maya pergunta-se quem estará no funeral. Uma coisa é certa, Benji estará lá. No fundo de um bolso, dentro do velho estojo da guitarra, tem a letra da última canção que compôs antes de ambos deixarem a cidade.

Amor descontrolado

As aventuras mais intensas

Espero que descubras o teu caminho

*Espero que sejas o tipo de pessoa
Que encontra um final feliz*

Tem pensado tanto nele. A pessoa mais selvagem e solitária que conhece.

*

Benji fez os possíveis por não pensar em absolutamente ninguém, mas o escudo de álcool e fumo torna-se mais quebradiço quando o seu coração bate por baixo do bilhete de avião no bolso de peito da camisa. Tem um postal na mão, o último que ia mandar a Ramona. Sempre houve mais silêncio do que palavras entre eles, mas achou que ela iria gostar de colar o postal na parede do bar, apesar disso. Há muito que desistiu de querer que alguém se orgulhe dele, mas espera pelo menos nunca ter envergonhado Ramona.

A caminho do aeroporto, encontrou um bar que lhe fez lembrar o Urso Pardo. Se querem saber como ele mudou pouco, basta saber que só precisou de quatro bebidas para se envolver numa luta com dois tipos que atiraram algumas bocas por causa do seu cabelo comprido e das tatuagens. Se querem saber o quanto ele mudou, basta saber que perdeu a luta. Já não é tão forte como era, nem tão rápido, se calhar nem tão selvagem.

Tem um olho negro e sangue nas narinas, mas a dor não o incomoda. Pelo menos consegue senti-la, e há muito tempo que sente pouco ou nada.

Pergunta-se como a sua cidade natal o verá quando voltar. Era um jogador de hóquei e um paneleiro quando partiu, e não sabe se irão tolerar o facto de ainda ser a segunda coisa não sendo a primeira. Em Björnstad, somos amados enquanto vencemos, e vencemos, e vencemos. Mas agora? Já não tem valor nenhum para ninguém.

Viajou até muito longe, durante tanto tempo, à procura de respostas, mas nunca ninguém as consegue encontrar todas. Encontra

apenas mais corpos, mais pistas de dança, mais manhãs de ressacas tão fortes que até pestanejar dói. Não há vidas novas, apenas versões diferentes da antiga. As pessoas falam em «sair do armário» como se fosse algo que só se faz uma vez, mas é claro que as pessoas novas nunca se esgotam, portanto é preciso continuar a sair do armário, uma e outra vez, até perder a cabeça. Noite após noite, ele sonha que ficou com Kevin naquela festa. Já passaram quase dois anos e meio, mas, de cada vez que fecha os olhos, ainda consegue impedir que o pior aconteça, uma e outra vez.

Quando eram pequenos, faziam tudo juntos; Benji nunca saía de perto de Kevin. Para alguns rapazes, o primeiro melhor amigo é o verdadeiro primeiro amor da sua vida, só que ainda não sabem o que é estar apaixonado e por isso aprendem o amor dessa maneira: é como trepar às árvores, é como saltar nas poças, é como ter uma única pessoa na vida com quem não querem sequer brincar às escondidas porque não suportam estar sem ela por um minuto que seja. Para a maioria dos rapazes, essa paixoneta desaparece com o passar dos anos, obviamente, mas, para outros, não. Benji atravessou o mundo, mas não encontrou um único lugar onde conseguisse deixar de se odiar por ainda amar Kevin.

Quando eram pequenos, os rapazes fartavam-se de dormir em casa um do outro. Liam bandas desenhadas de super-heróis e falavam de pesadelos que nunca tinham contado a mais ninguém. Por vezes, Benji acordava de um pesadelo muito mau a abanar os braços, e Kevin tinha de se desviar para não acabar com o nariz partido. Quando saíam em torneios e tinham de dormir com outros rapazes nos ginásios, Kevin escapulia-se da sua cama a meio da noite para puxar o fecho de correr do saco-cama de Benji até lhe chegar ao queixo; assim, se fosse outra pessoa qualquer a acordá-lo, não levaria um soco na cara antes de Kevin ter tempo de intervir. No verão, os dois iam sozinhos para a floresta, nadavam nus nos lagos e passavam semanas seguidas acampados numa ilha cuja existência só eles conheciam. No inverno, Kevin era o herói do hóquei de toda a cidade e Benji era

aquele que os velhos nas bancadas chamavam de «apólice de seguro», porque, se alguém atacasse Kevin, Benji ia atrás dele e era capaz de o perseguir até ao fim do mundo. Benji era o melhor amigo de Kevin, e Kevin era o amor da vida de Benji.

Assim, a culpa é de Benji, e ele sabe-o. O seu trabalho era proteger Kevin dos outros, e os outros de Kevin. Se Benji tivesse ficado naquela festa, Kevin não teria violado Maya e tudo teria continuado como até então. Se Benji não tivesse ficado cheio de ciúmes quando Maya apareceu na festa e viu Kevin olhar para ela, se tivesse ficado quando Kevin lho pediu, então a vida de Maya não teria sido destruída. Ela teria sido feliz. Kevin estaria quase de certeza a jogar na NHL por esta altura. E talvez ninguém tivesse ficado a saber a verdade sobre Benji, mas ele não se importava com isso; prescindiria de boa vontade de poder ser ele próprio para que tudo ficasse como antes. Podia ter continuado a jogar hóquei, e talvez tivesse valido a pena. Porque sente falta da simplicidade do jogo: só é preciso ganhar. Se ganhares, gostaremos de ti. Sente falta de lutar pelos outros, de significar alguma coisa num grupo, de ser a pessoa que os adversários temem que salte por cima das laterais se alguém tocar nos seus companheiros de equipa. Sente falta do balneário e da espuma de barbear nos sapatos e de se sentar ao fundo do autocarro a atirar amendoads às cabeças de Bobo e dos outros idiotas. Sente falta de sentir a palma da mão do treinador bater-lhe no capacete como o dono de um cão bate na cabeça do animal, porque, nessas alturas, Benji sabia que fizera algo bem. Sente falta de ter um lugar de pertença, mesmo que fosse mentira – antes disso do que perder-se na verdade.

Todos temos mil personalidades falsas, consoante as pessoas com quem estamos. Fingimos e desmontamo-nos e sufocamos aquilo que somos só para nos integrarmos. As últimas palavras que Benji dirigiu a Kevin, da última vez que se viram, foram: «Espero que o encontres, Kev. O Kevin que procuras.» Não sabe se Kevin o encontrou ou não. Benji tem andado à procura de um Kevin que consiga tolerar, mas ainda não teve êxito.

Quando finalmente entra no avião, aperta o cinto de segurança o mais que consegue e enfia as mãos debaixo dele, para não bater em ninguém se o acordarem.

Depois dorme e sonha com máquinas do tempo. São os seus piores pesadelos.

*

Quando a eletricidade falha de novo, Leo vai para a cozinha e senta-se à mesa com a mãe durante um bocado. Na cadeira ao lado dela, não em frente. Comem sanduíches e bebem leite com chocolate, e até um rapaz de catorze anos tem dificuldade em negar como sabe bem, como algo tão simples pode deixar alguém tão feliz.

Matteo esgueira-se pela janela da cave dos vizinhos e deita-se no chão, às escuras, a ouvir o som das vozes deles. Tenta uma vez mais abrir o armário das armas, mas falha de novo.

Leo não conta nada à mãe sobre a vinda da irmã. Será uma surpresa.

Matteo deseja poder ligar à irmã e pedir-lhe para ficar onde está, seja lá onde for. Não quer que ela venha para aqui. Pode estar onde quiser, em qualquer ponto do mundo, desde que não venha para casa. A alegria que sentiu ao atingir Leo na cabeça, no jogo, depressa lhe abandona o corpo. Leo ainda tem tudo o que Matteo perdeu.

«Dois de tudo, um que vemos e um que não vemos», como Ramona costumava dizer. Dois funerais. Dois rapazes de catorze anos em duas casas à espera das irmãs mais velhas. Duas jovens a caminho de casa, de regresso à cidade que nunca conseguiram deixar completamente para trás. Uma vem de comboio; a outra, numa urna.

Sonhos

Um erro comum é acreditar que as pessoas perigosas não sentem emoções. Que não são sentimentais. Quase nunca é verdade. Muitas vezes, as pessoas mais sentimentais e sensíveis são as mais perigosas, porque não só são capazes de infligir maus-tratos mas também de os justificar. As pessoas sensíveis nunca acham que estão a fazer mal, porque os seus sentimentos convencem-nas sempre de que estão do lado certo.

«Tipos da *Guerra das Estrelas*», era como Ramona costumava chamar-lhes. «Se exibirem esses filmes a cem homens, com cem opiniões políticas diferentes, todos vão achar que são o Luke Skywalker. Nenhum filho da mãe acha ser o Darth Vader.» Ela não ligava muito a filmes, mas, quando Vidar era pequeno, tinha o hábito de os ver com ele; não gostava de filmes, mas adorava Vidar. E também adorava ter razão, mas até ela teria provavelmente detestado ver como os próximos dias provarão que estava certa.

O Janota já se encontra a pé e em atividade quando a notícia da morte dela lhe chega aos ouvidos. Vai ao ringue de gelo e ajuda o vigilante a içar as bandeiras a meia-haste. Depois começa a fazer telefonemas. Tem lágrimas nos olhos, o que faz com que seja fácil subestimá-lo, porque na realidade já está a olhar mais longe do que toda a gente. Ramona não deixa apenas um bar vazio, deixa também um lugar vazio na direção do Hóquei de Björnstad.

Em anos vindouros, quando olharmos para os dias após a tempestade, não conseguiremos contar as histórias pela ordem certa. É por isso que os psicólogos pedem aos pacientes que passaram por traumas que comecem por criar uma cronologia, que tentem encontrar uma linha temporal composta de fragmentos, porque o terror confunde as datas. E as pessoas também, às vezes. Mas a memória que partilhamos, a que toda a gente em Björnstad e em Hed

recorda mais claramente é, quase de certeza, o silêncio. Chega assim que o vento passa e as árvores param de baloiçar, e é quase tão gritante aos nossos ouvidos como o caos que o precedeu. Os centros de Björnstad e Hed parecem ter sido bombardeados, mas isso não é o pior: sentados às mesas em cozinhas nos arredores de ambas as cidades, homens e mulheres que são proprietários de extensões de floresta há várias gerações pegam nas calculadoras e calculam o preço da sobrevivência, com toda a herança que tinham para deixar aos filhos e netos destruída do outro lado das janelas; o vento arrasou-lhes as vidas e deixou para trás apenas as ruínas de tragédias silenciosas. Nem todas as pessoas tinham os seguros em dia, e é claro que as companhias de seguros farão os possíveis e os impossíveis para evitar pagar, mesmo àqueles com o seguro válido. Nas semanas a seguir à tempestade, os membros mais jovens dessas famílias farão turnos durante a noite, acordados enquanto os mais velhos dormem, para se certificarem de que estes não pegam nas caçadeiras e não se embrenham pela floresta. É como os caçadores dizem por estes lados. Aqui, ninguém usa o termo «suicídio».

Todas as fronteiras entre Björnstad e Hed ficam menos definidas logo após a tempestade, não só entre lotes de terreno mas até entre vizinhos. Por vezes isso é bom, e por vezes é terrível. Passaremos muitos anos, daqui em diante, a pensar no que nos atingiu e naquilo que nós próprios causámos nos dias que se seguiram, naquilo que foi coincidência e no que foi conspiração. Mas começa como sempre: com política.

É o Janota que se certifica de que todos os homens e mulheres mais poderosos do município se reúnem à hora de almoço, no dia a seguir à tempestade. «Para formular um plano de crise», repete ele ao telefone. Obviamente que os políticos terão muitas reuniões com os negócios locais nos dias seguintes, mesmo em Hed, mas a primeira de todas tem lugar nos escritórios do supermercado em Björnstad. Em retrospectiva, saberemos que isso foi má ideia, e que as pessoas em Hed consideraram que se tratava de um gesto simbólico. As vozes

mais fortes de todo o distrito comparecem à reunião, mas a pessoa que mais fala é o Janota. Nunca foi eleito para nenhum cargo oficial, mas, seja como for, parece dirigir tudo, e a seu tempo veremos que também isso foi uma má ideia.

O primeiro ponto da agenda são as prioridades para os trabalhos de limpeza. Os bombeiros e voluntários estão já a tentar tornar as estradas transitáveis, mas alguém tem de decidir que estradas devem ser limpas primeiro. Todos esperam que o Janota, com a habitual falta de modéstia, sugira que a estrada para o seu supermercado deve ser colocada perto do cimo da lista, mas, em vez disso, ele levanta-se e diz:

– O que é importante agora, o *mais* importante de tudo, é pensar nas *crianças*! Não concordam? Por essa razão, penso que devíamos determinar que todas as equipas do Hóquei de Hed, que tão tragicamente perdeu o seu rink, devem poder vir treinar no rink de Björnstad. É um gesto óbvio de solidariedade, não acham? Estamos todos de acordo?

Assim que começa a ouvir murmúrios de assentimento, acrescenta:

– Portanto é lógico que as primeiras estradas a serem desimpedidas sejam as que levam ao rink de gelo de Björnstad! De acordo?

Os murmúrios são menos entusiásticos desta vez; toda a gente sabe que as estradas para o rink são, por acaso, as mesmas que levam ao supermercado do Janota, mas quem fizer esse comentário agora parecerá estar contra as crianças. Ou pior ainda: contra o hóquei. Para silenciar quaisquer potenciais críticos antes que consigam abrir a boca, o Janota faz um discurso didático em sua própria defesa:

– Sabem o que se esgota sempre primeiro no meu supermercado em situações de crise? O papel higiénico! Sabem porquê? Porque nos dá a sensação de ter controlo sobre o caos. Quando o mundo não parece seguro, as pessoas vão comprar em quantidade porque sentem estar a *fazer* alguma coisa. Mas não sabem o que hão de comprar. Leite? Não se pode comprar cem litros de leite, que acabará por se estragar. Enlatados? Massa? As pessoas correm de um lado para o

outro, como galinhas sem cabeça, a comprar mil coisas diferentes, mas sabem o que todas elas sem exceção compram? Papel higiénico! Porque é o tipo de coisa que se compra sempre que vamos às compras e que a família toda usa, todos os dias. Se podemos viver sem ele? Claro que sim! Mas ficou-nos gravado como um artigo do dia a dia, como um sinal de normalidade, e por isso, quando estamos assustados, levamos pacotes gigantes de papel higiénico para casa, não por precisarmos, mas porque nos dá a sensação de assumir o controlo da situação. Percebem onde quero chegar? Em tempos de crise, as pessoas precisam de normalidade. E aqui, para pessoas como nós, o hóquei é o papel higiénico. Tem de estar presente. Não pode esgotar-se. Aquilo de que precisamos no distrito neste momento, mais do que eletricidade e do que aquecimento, é de símbolos e sonhos. Ontem houve uma tempestade, mas hoje a vida continua. E a vida começa pelo hóquei!

Ninguém consegue discutir contra esses argumentos, na verdade, e assim a decisão sobre quais as estradas a desimpedir prioritariamente é aprovada, bem como a decisão de autorizar que Hed e Björnstad partilhem o tempo no gelo, no rinque de Björnstad.

Recordaremos essa reunião de maneiras diferentes, conforme a cidade onde vivemos. Com o passar dos anos, alguns dos envolvidos nem se lembrarão se estiveram de facto presentes ou se já ouviram a história tantas vezes que *parece* que lá estiveram.

A única coisa em que todos estaremos de acordo é que ambas as decisões foram um desastre. Fomos mexer num vespeiro. Talvez tenha sido culpa do Janota, talvez tenha sido a intenção dele.

*

Mas ninguém, absolutamente ninguém, gostava da *Guerra das Estrelas* mais do que ele quando era miúdo.

Amat acorda cedo na manhã depois da tempestade. Ata os atacadores dos ténis de corrida, quase como se tivesse esquecido de como se faz, sai silenciosamente do apartamento e esgueira-se nas sombras junto às paredes dos prédios, como uma ratazana, como se aquilo que está prestes a fazer fosse um pecado horrendo. Na verdade, é o oposto, mas ele não quer que ninguém o veja, no caso de correr mal.

Fatima vê-o sair de casa, mas finge não reparar; está a cantar por dentro, mas tentando impedir-se de dançar. Quando chegaram a casa na noite anterior, depois de ele a ter ido buscar, no meio da tempestade, Amat murmurou: «Desculpa ter-te desapontado, mãe.» Ela respondeu como sempre: «Nunca me desapontarás enquanto não desistires.»

Assim, ele voltou a correr. Alguns passos hesitantes e constrangidos, ao princípio, mas a toda a velocidade pouco depois. A ansiedade e o álcool fizeram com que os quilos se acumulassem desde o verão, mas os seus pés estavam ansiosos por isto. Só precisam de reaprender tudo, de se tornar novamente uma máquina, para que o cérebro se possa desligar sem que o corpo pare. Ao longo dos últimos anos, ouviu muitos comentários sobre o seu grande «talento», mas quem usa essa palavra não percebe nada de hóquei. Dizem «talento» como se aparecesse do nada. Como se Amat não fosse o primeiro a chegar ao rink todas as manhãs e o último a sair todas as noites desde que entrou para o liceu aos doze anos, como se não tivesse treinado mais do que qualquer um, ano após ano, percorrendo milhares de quilómetros em cima dos patins, correndo até vomitar, driblando latas vazias em casa até deixar as mãos cheias de bolhas e os vizinhos furiosos. Como se o hóquei não lhe tivesse custado precisamente aquilo que custa a qualquer pessoa que queira ser boa

no que faz: tudo.

O que ele aprendeu em relação ao talento é que o único talento que vale de alguma coisa é sujeitar-se completamente ao treino. Aguentar quando é duro. Hoje, ficou sem fôlego mal começou a correr, mas, assim que se afasta da zona urbanizada, corre a toda a velocidade para longe do Covão, sobe a colina em direção à floresta, embrenha-se pelo emaranhado de árvores tombadas. Tem de saltar para o lado algumas vezes, com medo de raízes arrancadas à terra e de ramos que caem, porque a floresta pode ser ainda mais perigosa depois de uma tempestade do que durante, mas não tem mais sítio nenhum para onde ir. Não suportaria os olhares críticos que receberia se corresse pela cidade, e nem sabe se será bem-vindo no ringue depois de tudo o que aconteceu na primavera. Está por sua conta. Detém-se numa clareira no ponto mais alto da colina. Não havia ali nenhuma clareira antes da tempestade, mas agora é como se um punho invisível tivesse desferido um soco por entre as árvores. Dali, conseguiria ver toda a cidade se não tivesse os olhos cheios de lágrimas, depois de vomitar de cansaço. Antes, conseguia correr para cima e para baixo cem vezes sem sequer ficar ofegante, e agora sente-se como um velho alcoólico que não consegue subir dois lanços de escadas sem ter um ataque cardíaco.

Porém está ali. Voltou a correr. Vai correr até voltar a ser a pessoa que era.

*

– O que estão a dizer? Ela está no *carro*!? – exclama o homem da agência funerária quando finalmente chega.

É o dia a seguir à tempestade, a cidade está num caos, mas o agente veste um fato elegante e calça sapatos reluzentes. É um homem grisalho que dá a impressão de ter sessenta anos desde que tinha quinze.

– As circunstâncias foram invulgares – explica Peter.

– Por amor de Deus, ela trazia o cinto de segurança – murmura Teemu.

Se fosse um homem diferente, noutra cidade, o agente funerário podia bem ter algumas palavras ríspidas para dizer a esse respeito, mas está a falar com o conhecido Teemu Rinnius e estão em Björnstad, por isso o homem pigarreia e diz calmamente a Peter:

– Normalmente não é assim que as coisas se passam. Não é mesmo assim que as coisas se passam, normalmente.

Peter acena com ar compreensivo e diz que a tempestade e os cortes de energia e o choque o fizeram tomar uma decisão irrefletida. Não põe as culpas em Teemu, assume toda a responsabilidade. Numa vã tentativa de procurar um tema de conversa mais confortável, pergunta então ao homem:

– Que acha da equipa de hóquei este ano?

– Não acompanho o desporto – responde ele secamente.

Teemu revira os olhos de tal maneira que mais parece que vai desmaiar. O agente funerário entra no edifício, e Peter suspira e segue-o. O homem faz alguns telefonemas referentes a cuidar do corpo de Ramona, e Peter e Teemu sentam-se, como dois rapazinhos malcomportados chamados ao gabinete do diretor. Para passar o tempo, leem os excertos de poemas populares em obituários que estão emoldurados nas paredes. «*Nunca se diga que nada resta da mais bela vida concedida a uma borboleta*», anuncia um, e Teemu dá uma cotovelada a Peter e comenta, com um sorriso:

– Ela havia de detestar isto, não achas? Vamos pô-lo na lápide!

Peter desata a rir e tem de passar alguns minutos a pedir desculpa ao agente funerário, que olha para eles e murmura «*hooligans*» quando pensa que não o conseguem ouvir. Teemu ri-se tanto que lhe falta o ar.

Peter lê outros versos emoldurados: «*Quando uma mãe morre, perde-se um ponto cardeal, perde-se metade do nosso ar, perde-se uma clareira na floresta. Quando uma mãe morre, nascem ervas daninhas por todo o lado.*»

– Esse nem sequer rima! – protesta Teemu.

– Fala-me mais sobre os teus conhecimentos de poesia – provoca-o Peter.

– *As rosas são vermelhas, as violetas são anis. Dá-me uma cerveja e eu não te dou um soco no nariz!* – responde Teemu com um sorriso malicioso.

Peter indica com a cabeça uma citação ao fundo da parede e diz:

– Acho que ela gostaria daquela.

Teemu lê e, para variar, não diz nada. «*Um dia, todos seremos alguém que viveu há muito tempo*», lê-se. Acena com a cabeça. Quando os velhos no Urso Pardo se queixavam de Ramona subir o preço da cerveja, como era costume, e se ela já estava embriagada de mais para engendrar insultos novos, respondia-lhes: «Sim, sim, vamos morrer todos e, antes de morrermos, perderemos tudo o que amamos. Deixem-se de ter pena de vocês mesmos, seus cabrões desgraçados!» Isso ficaria bem numa moldura.

O agente funerário grisalho pigarreia, obviamente tão ansioso por se ver livre dos visitantes como eles estão por sair dali, e pergunta-lhes quando gostariam que o funeral tivesse lugar. Peter nem sequer tinha pensado nisso, mas conta os dias e responde, instintivamente:

– Tem de ser este domingo.

O agente fita-o, horrorizado.

– Depois de amanhã? Impossível! O habitual é esperar pelo menos...

– Não pode ser na semana a seguir porque começa a época da caça ao alce – explica Peter muito sério.

– Nem na outra a seguir, porque é quando começa a época do hóquei – acrescenta Teemu, ainda mais sério.

– Portanto, tem de ser neste domingo – reitera Peter.

O agente olha para a sua agenda e consegue dizer:

– Já temos um funeral marcado para domingo. Dois no mesmo dia? Em Björnstad? Não é assim que as coisas se passam, normalmente!

Teemu dá um pontapé na canela de Peter, entusiasmado, e diz com uma risada:

– Sabes o que devíamos pôr no obituário? «A Ramona deixou-nos. Agora a cerveja no Céu será mais cara.»

Peter olha para ele de lado. De súbito, sente-se maldoso, como há anos não se sentia, e concede:

– Bom, realmente os obituários são uma especialidade tua. Que é que dizia o meu?

– Por amor de Deus, não fui *eu* que... – riposta Teemu, ofendido, e Peter ri-se tão alto que o homem grisalho da agência funerária parece mesmo, mesmo arrependido de ter atendido o telefone nessa manhã.

*

Amat jogou hóquei a vida inteira, e todos os balneários são uma fábrica de *clichés*, de tal forma que uma pessoa se habitua à maioria deles e deixa de os ouvir, mas uma coisa que Sune, o antigo treinador da equipa principal, costumava gritar, ficou-lhe na memória: «O único dia que podem influenciar é o dia de hoje. Não podem fazer absolutamente nada em relação ao dia de ontem ou ao dia de amanhã, mas podem fazer alguma coisa HOJE!» Amat repete baixinho essas palavras, de forma maníaca, com a garganta a arder e as pernas a dobrarem-se debaixo de si, e só consegue pensar em como é longo o caminho de regresso. Hoje, apenas hoje.

Levanta-se na clareira e olha para o Covão, o aglomerado de prédios lá bem em baixo. Sobreviveram melhor à tempestade do que outras partes da cidade porque foram construídos nas encostas que descem para a velha pedreira. As coisas não correram tão bem nos Montes, a zona mais abastada, no cimo da colina do lado oposto da cidade, com vistas desimpedidas para o lago. Quando o vento chegou, não quis saber se eles tinham dinheiro: arrancou os telhados das casas maiores e atirou aquelas churrasqueiras a gás ridiculamente caras contra as grandes janelas panorâmicas. É a primeira vez que Amat se

lembra de uma injustiça em Björnstad atingir os que ocupam o topo da hierarquia. Quando sente o calor da satisfação com a desgraça alheia a percorrer-lhe o corpo, ocorre-lhe que deve ter sido assim que os outros se sentiram no verão quando as coisas caíram por terra para ele.

Corre colina abaixo, faz uma pausa para recuperar o fôlego, com as mãos nos joelhos, e depois vira-se e volta a subir até lá acima. «O desporto mostra-nos sempre a verdade», era o que todos os homens adultos de Björnstad lhe costumavam dizer quando era criança. «Ninguém consegue esconder-se na tabela classificativa.» Adoram as suas frases feitas, os homens daqui. «A pressão é um privilégio.» «Só os falhados têm desculpas.» «A atitude vence a classe.» O apito no final do jogo é para eles uma libertação simples, quando outros aspetos da vida estão cheios de áreas cinzentas. No hóquei, sabemos quem são os vencedores, porque os vencedores vencem. Por isso era fácil viver dentro do desporto, mesmo para Amat, até ao ponto em que se tornou insuportável.

Por esta altura, no ano passado, ele tinha dezassete anos e toda a gente sabia que revelava ser uma grande promessa, mas ninguém falara ainda na NHL. Björnstad é um clube pequeno numa das ligas inferiores, é preciso algo extraordinário para arrastar agentes e olheiros até cá acima. Alguém ouviu falar dele no outono, depois mais pessoas ouviram falar dele durante o inverno, e por fim toda a gente ouvira falar dele em janeiro. Amat crescera vários centímetros, ganhara alguns quilos de músculo, e de súbito era tudo muito simples. Conseguia fazer o que queria no gelo, como se o tempo se movesse mais devagar para ele do que para os outros, e sentia-se imortal. Apenas três anos antes, quando tinha somente quinze, até a mera perspectiva de jogar nos juniores, com Kevin, Benji, Bobo e os outros, parecia um sonho impossível. E de repente estava lá, e a equipa principal parecia inalcançável, e depois, de repente, estava *lá*. Tudo é tão rápido no hóquei: uma jogada, uma partida, toda uma época, as coisas passam a correr. No inverno passado, tudo girava tão depressa

que, no fim, ele perdeu o equilíbrio.

Começou com amor, como começa sempre. Ele marcava golos em todos os jogos e os velhos no supermercado detinham-no quando ia com a mãe para lhe apertarem a mão e lhe dizerem como a cidade estava orgulhosa dele; os mesmos homens que costumavam levar a mão ao bolso da carteira se ele se aproximasse demasiado agiam agora como se fossem família. Naturalmente que gostavam de lhe apertar o braço e sugerir, entre risos, que ele «precisava de mais músculos», e por vezes metiam-se com ele, comentando que: «Noutros tempos, havia sempre cinco metros de linha cirúrgica preparada em cada jogo de Björnstad, e às vezes não era suficiente e tinham de nos pôr um pedaço de fita adesiva no sobrolho e estávamos prontos para continuar a jogar!» Não lhes agradava que ele preferisse desviar-se a ser derrubado no gelo – consideravam-no um pouco fracote por isso –, mas adoravam-no quando ganhava. Torceram o nariz quando os seus amigos do Covão começaram a ir assistir aos jogos, mas ele continuou a vencer e a vencer e a vencer. Primeiro eram os miúdos do Covão que gritavam: «Eu sou o Amat!», quando jogavam na rua, depois os miúdos dos Montes começaram a fazer o mesmo. Por fim, até em Hed os miúdos o faziam, embora não deixassem os pais ouvir.

De súbito, toda a gente começou a falar da NHL, da vida como jogador profissional, de todos os milhões. Amat tentou não dar ouvidos. «Sê grato e humilde», dizia-lhe a mãe quando ele a ajudava a limpar o rink de gelo ao final do dia, mas quando bastantes pessoas estão convencidas de que somos capazes de chegar ao topo, acaba por ser difícil não acreditarmos em nós próprios. Então o «pode acontecer» transforma-se em «vai acontecer» e em «tem de acontecer». De repente, *temos* de chegar ao topo. A esperança torna-se pressão, a felicidade torna-se *stress*. Os velhos no supermercado deixaram de o elogiar por ter marcado dois golos quando podia ter marcado três. No início da época, dar-se-iam por felizes se ele conseguisse ajudar a salvar Björnstad da despromoção, mas quando chegaram ao primeiro lugar do campeonato, por altura do Ano Novo, eis que isso já não era

suficiente: já se falava sobre a possibilidade de o clube ser promovido. Em poucos meses, deixaram de falar no que Amat dera à cidade para começarem a falar daquilo que ele devia à cidade. Assim, ele baixou a cabeça e treinou ainda mais. Grato, grato, grato. Humilde, humilde, humilde.

Fez tudo o que lhe pediram. Fez tudo bem. E, mesmo assim, correu tudo mal.

*

Peter e Teemu saem da agência funerária depois de o homem grisalho perguntar «como tencionavam fazer o pagamento» e de Peter descobrir como Teemu conseguia escapular-se, rápida e sub-repticiamente, quando alguém fala em pagamentos. Está encostado ao carro, a fumar, quando Peter sai.

– Podes dar-me boleia até casa? – pede Peter.

Teemu acena, de olhos postos no chão.

– Claro, claro. Mas importas-te de... enfim, se puderes... As papeladas do Urso Pardo. As burocracias e o banco e... essas coisas de adulto. Podes ajudar-me com isso? E com o funeral? Podes... sabes o que fazer?

Peter tosse baixinho, atrapalhado.

– Não devias pedir isso a alguém mais próximo da Ramona?

– Quem diabo achas que era mais próximo da Ramona? – pergunta Teemu com maus modos.

Peter fica chocado ao perceber que não tem resposta. Portanto, não recusa, não diz absolutamente nada. Vão para o Urso Pardo e ele manda uma mensagem a Kira para a informar de que vai demorar mais umas horas, e ela responde apenas: «OK.» Peter revira o telemóvel nas mãos alguns minutos, mas não escreve mais nada.

Os livros de contas de Ramona parecem escritos em código, para esconder quaisquer pistas que possam conduzir a um tesouro

escondido, mas a única coisa a que conduzem, na realidade, é a dívidas fiscais e declarações de impostos em falta. Peter faz um telefonema após outro, para resolver uma coisa de cada vez, surpreendido ao perceber como isso o faz sentir-se bem, poder uma vez mais organizar algo. Por instantes, recorda-lhe tanto de como era ser diretor-geral, que quase imagina que Ramona morreu de propósito só para o deixar neste estado.

– Já viste? Claro que a tua fotografia tinha de estar no melhor lugar, Senhor Perfeição! – observa Teemu, apontando para uma fila de fotografias de ex-jogadores de Björnstad na parede.

Peter relanceia a fotografia em que era ainda jovem. Nunca gostou daquela foto, é da época em que ficaram em segundo lugar a nível nacional. Segundo lugar. Faz-lhe lembrar que nunca alcançou verdadeiramente aquilo que todos esperavam dele. *Um dia, serás alguém que viveu há muito tempo*, pensa com os seus botões, e pergunta distraidamente:

– Que queres dizer com isso do «Senhor Perfeição»?

Teemu ri-se.

– Era o que os cotas no bar te chamavam, porque a Ramona estava sempre a gabar-te, a dizer como eras bom em tudo. Tu és a razão pela qual sonhamos sonhos impossíveis nesta cidade... Meu Deus, a quantidade de vezes que a ouvi dizer isso! Porque vieste do nada e tornaste-te o melhor!

Peter cora tão violentamente que fica a arder até ao pescoço. Nunca ouviu uma alcunha menos apropriada para ninguém em toda a sua vida.

– O segundo melhor – murmura.

Teemu vê-lhe os ombros descair e cala-se. Encontra uma fotografia na parte inferior de uma das paredes, tira-a do gancho e coloca-a cuidadosamente no balcão. É Ramona ao lado de Vidar, ambos a rir. Peter vê-a e também não abre a boca. Limpam o bar e organizam a papelada durante várias horas, e, quando finalmente recomeçam a falar, é sobre hóquei. É outono, e é essa a altura em que o novo ano

começa por aqui, uma nova época em que tudo é uma vez mais possível. Em que podemos esquecer tudo o que já passou e discutir as nossas grandes esperanças para o que aí vem. Sonhar sonhos impossíveis.

Teemu vai à casa de banho e deixa o telemóvel em cima do balcão. O aparelho vibra com uma mensagem e Peter não reage, nem sequer quando o aparelho vibra mais dez vezes. Os boatos começaram, as pessoas desataram a falar, mas não com Peter, ainda não. Portanto não sabe o que foi combinado na reunião entre o Janota e os políticos nesse dia. Não sabe que, de cada vez que o telemóvel de Teemu se desloca alguns centímetros em cima do balcão, toda a comunidade se movimenta também. Na direção errada.

Boatos

Num corredor no hospital de Hed, estão uma parteira e um bombeiro. Hannah sente-se mentalmente exausta, Johnny sente-se fisicamente exausto. Estão a fazer o que podem para não descarregar um no outro, mas sem grande êxito. É o dia depois da tempestade e ele tem estado a trabalhar sem parar na floresta, por isso ela teve de trabalhar sem parar em tudo o resto. O pessoal hospitalar que reside em Björnstad está impedido de chegar ao trabalho porque a estrada ficou bloqueada pelas árvores, portanto Hannah e o resto do pessoal que vive em Hed têm de fazer turnos duplos, mas alguém tem de tomar conta dos filhos, e veem-se perante uma equação impossível: Hannah não pode ir para casa até a estrada ficar desimpedida, mas Johnny não pode ir para casa porque é ele que está a trabalhar para desimpedir a estrada. Basicamente, é um retrato da sua relação, tanto aos olhos deles como da comunidade. Hannah ouviu em tempos um terapeuta conjugal na televisão declarar que «o mais importante, num casamento, é ter objetivos partilhados e continuarem ambos a olhar na mesma direção», mas ela pensa muitas vezes que o problema, nesse caso, é que, se estiverem ambos a olhar na mesma direção, nunca se veem um ao outro.

– Então o que queres que eu faça? – pergunta Johnny, suado e sujo.

Hannah suspira, na ausência de uma boa maneira de explicar. Ele saiu de casa mal o vento começou a amainar, é o trabalho dele, mas também se ofereceu para ajudar o pai de outro bombeiro a limpar os seus terrenos nessa noite, depois do trabalho, e a ajudar a cabeleireira em Hed a substituir uma grande vidraça da montra. Hannah vê a obsessão nos olhos do marido. Ele sente que tem de voltar a salvar o mundo, que pode salvá-lo. Ela odeia ser a pessoa que lhe põe travão, mas mais ninguém o fará. Toda a gente acha que ele é o super-

homem.

– Uma pausa? Que vás a casa passar uma hora com os teus filhos para que eles vejam que ainda estás vivo? Talvez que pares de pensar que tens de fazer tudo sozinho? – sugere Hannah, abatida e desesperada e mesmo a precisar de um banho, um copo de vinho e dezasseis horas de sono.

Vê que o último comentário o magoou, porque sabe que ele está a trabalhar o dobro de todos os outros, nas estradas com a serra elétrica, para compensar o facto de não ter lá estado no dia anterior. Teve de ficar em casa quando Hannah saiu com aquela rapariga louca, Ana, para ir fazer o parto de um bebé no meio da floresta, enquanto os seus colegas do quartel já estavam na cidade a tentar ajudar as pessoas. Caiu uma árvore em cima de um deles, Bengt, e partiu-lhe a perna. É por isso que todos os bombeiros estão no hospital, o que não passa despercebido a ninguém porque, de dez em dez segundos, sai do quarto de Bengt o som de uma dúzia de homens às gargalhadas. É um chefe popular, sempre de piada pronta e comedido nas críticas, vinte anos mais velho do que Johnny. Foi ele que o ajudou a arranjar emprego como bombeiro, no tempo em que os quartéis tratavam eles próprios do recrutamento, ao contrário do complexo processo de candidatura dos dias de hoje. Johnny costuma resmungar que o novo sistema «pretende promover a igualdade e obrigar-nos a contratar tantos bombeiros bons como maus, para que nenhum grupo na sociedade se sinta excluído». No tempo dele, eram recrutados diretamente, mal deixavam a equipa de hóquei, porque assim os homens que tinham passado metade da vida ao lado deles no balneário podiam garantir que eram a pessoa certa para o cargo. É possível aprender a ser bombeiro, mas ou se é a pessoa certa ou não. Bengt sabia-o, e agora Johnny sente ter desiludido o seu mentor. Devia lá ter estado na noite anterior. Todas as árvores que caem são as suas árvores. Todas as pernas partidas são culpa sua.

– Devia lá ter estado. Podia... – começa Johnny, aborrecido.

– Não terias alterado nada! – interrompe Hannah.

Era o pior que lhe podia ter dito e sabe-o, afirmar que alguém que dedicou toda a sua vida profissional a fazer a diferença nada poderia ter feito por mais que quisesse.

– Mas eu devia... – murmura ele.

– Eu sei, eu sei, desculpa – responde ela, e ambos se sentem envergonhados.

Quando se juntaram, há uma centena de anos, Johnny disse-lhe uma vez: «Não posso estar sempre a falar do que sinto, porque não sou uma pessoa emocional como tu.» Pode muito bem ter sido a maior idiotice que Hannah já o ouviu dizer. Johnny não é uma pessoa emocional? É tudo o que ele é, praticamente! Talvez ela fale mais dos seus sentimentos, mas Johnny é completamente *governado* por eles, aí é que está a diferença. Porém é isso que faz dele um bom bombeiro, e um bom pai também, e foi por essas emoções que Hannah se apaixonou. E são as emoções que fazem dos filhos bons jogadores de hóquei e da filha uma fantástica patinadora artística, porque ninguém pode ser bom num desporto se não for sensível o suficiente para que esse desporto signifique tudo para si, se não levar cada obstáculo muito a peito, se cada derrota não parecer uma morte. Assim, não tentem falar com Hannah sobre «pessoas emocionais», porque tem uma casa cheia delas.

– Eu tenho cuidado, não há motivo para preocupações, vamos estar só a serrar árvores e a orientar o trânsito... – começa Johnny, hesitante.

– Não me digas isso! Que é que dizes sempre aos miúdos quando há um incêndio? Que, estatisticamente, é maior o risco de seres atropelado a responder a um acidente na autoestrada do que de morreres num incêndio! – recorda-lhe ela.

– Estarei em casa à hora de jantar, prometo. E posso levar os miúdos ao hóquei amanhã – diz, com a voz trémula do sentimento de culpa.

– Levá-los como? Temos de ir buscar a carrinha... – Ela suspira, irritada consigo própria por estar irritada com ele.

A carrinha ainda está estacionada em frente da casa de Ana, onde Hannah a deixou durante a tempestade.

– Eu vou buscá-la logo. Um dos rapazes pode deixar-me lá assim que desimpedirmos a estrada – sugere Johnny. Nem se tinha lembrado do raio da carrinha.

Ela concorda com um aceno lento.

– Desculpa, estou tão cansada, tem sido um dia stressante. Está tudo tão... desorientado. Recebeste o *e-mail* dos treinadores? Os miúdos vão treinar todos em...

Morde a língua, mas tarde de mais. Ele explode instantaneamente.

– No ringue de BJÖRNSTAD, sim! Ouvi falarem disso no quartel! Que descaramento monumental! Então agora querem que fiquemos muito gratos pela sua amabilidade, por nos emprestarem o ringue? Claro que aguentou a tempestade, uma vez que foi recentemente renovado, por milhões, enquanto o nosso foi deixado ao abandono! O município devia ter feito obras no NOSSO ringue antes de...

Detém-se; sabe que ela detesta quando ele fica assim, mas Björnstad traz ao de cima o pior dele, em todos os aspetos.

– Sim, sim, eu sei, mas as coisas são como são – conclui ela com rispidez.

– São como são porque nós deixamos! Já viste onde nos mandaram desimpedir primeiro as estradas? Em Björnstad, a estrada que leva ao ringue e ao supermercado daquele filho da mãe do Janota. Como se não houvesse estradas para limpar em Hed! Como se aqui não vivesse ninguém!

Resmunga o final da frase entre dentes. Na verdade, a estrada que tem sempre prioridade é a que conduz ali ao hospital, mas Hannah percebe-o. Se o conselho municipal insiste em mostrar que uma cidade é mais importante do que a outra, a dada altura os habitantes começam a acreditar. Especialmente os mais emocionais. Inclina-se, encosta a mão ao rosto dele e murmura:

– Fazemos o que pudemos. Está bem? Temos de ignorar as coisas que não podemos controlar e concentrar-nos naquelas que podemos

realmente afetar.

Ele assente e os cantos da sua boca estremecem por trás da barba por fazer.

– Está bem, «Dalai Lama».

Ela dá-lhe um sopapo no braço e ele beija-a um pouco mais demoradamente do que talvez seja apropriado no local de trabalho. Murmura-lhe que a ama e Hannah murmura-lhe várias coisas indecentes que o deixam tão aturdido que ela desata a rir.

– Vá, vai lá brincar com os teus amiguinhos para a floresta, leva-os daqui antes que me desorientem o hospital todo – diz ela, indicando com um aceno o corredor de onde se ouvem as vozes provenientes do quarto de Bengt.

Johnny obedece. Porém, antes de ir, pergunta-lhe com entusiasmo:

– Queres ouvir uma anedota engraçada? É uma das do Bengt!

– Não tenho tempo para isso, querido... – começa ela, mas claro que é tarde de mais.

– Havia um caçador chamado Allan que morreu num incêndio. Já ouviste esta? Não? Bom, então o Allan ficou com a cara tão queimada que não conseguiram identificá-lo, e por isso o hospital ligou para os seus dois melhores amigos e pediu-lhes que passassem pela morgue. Eles olham para o cadáver, mas pela cara não conseguem dizer se é ele ou não, por isso pedem aos médicos para destaparem o corpo. Os médicos ficam surpreendidos, mas fazem-no, e quando o corpo de Allan está ali deitado, todo nu, um dos amigos diz: «Não, esse não é o Allan.» E o outro amigo aprova: «Pois não. Decididamente, não é o Allan!» O médico coça a cabeça e pergunta: «Como é que têm tanta certeza?» Os amigos, atrapalhados, lá respondem: «Bom, o Allan tinha um certo... defeito físico. Tinha dois caralhos, sabe.» O médico olha para os amigos. «Dois caralhos?» Eles confirmam: «Sim, dois caralhos.» O médico abana a cabeça e insiste: «Têm a *certeza* disso?» Os amigos agora parecem hesitar, mas por fim dizem: «Bom... nunca os *vimos*... mas desde que éramos pequenos que as pessoas comentavam sempre: “Olha, lá vem o Allan com aqueles dois

caralhos!”»

Hannah já conhecia a anedota mas ri-se na mesma, não com Johnny mas de Johnny.

– É boa, não é? – ri-se ele, com tanta vontade que é contagiante.

– Vai-te embora! – suspira ela, e o ar transforma-se em riso ao sair.

Por fim, ele lá deixa o hospital, levando consigo todos os outros bombeiros, e os risos pairam no ar muito tempo depois de eles partirem. São como irmãos, o que dá com Hannah em doida, mas também lhe causa alguma inveja, o facto de terem toda uma segunda família. A maior parte deles são amigos desde pequenos; quem tem amigos assim, nunca precisa de crescer realmente. Andaram na escola juntos e jogaram hóquei juntos, e agora pescam e caçam e falam de carros que não conseguem arranjar e de mulheres que não compreendem, e competem para ver quem levanta mais peso no ginásio, e são colegas e pais e bombeiros juntos. Um grupo.

– Queres vir fumar um cigarro? – pergunta uma enfermeira ao passar com passo apressado, obviamente na brincadeira porque sabe que Hannah deixou de fumar há anos.

– Se alguma vez voltar a fumar, prometo que te faço companhia! – diz Hannah com um sorriso.

Em vez disso, enfia-se no atoleiro dos mexericos, ou «sala de pessoal», como ainda há quem lhe chame. Como de costume, tem tempo para encher uma caneca de café, mas não de o beber antes que alguém a chame e tenha de voltar a sair. Porém, consegue lá estar tempo suficiente para ouvir do que os outros estão a falar. De hóquei, claro está, e que mais? Hoje, a conversa tem um tom diferente. Este é um local de trabalho misto – metade das pessoas vive em Björnstad, a outra metade em Hed –, e todos aprendem logo a evitar o tema do desporto, do mesmo modo que se fará com assuntos melindrosos como religião e política noutros sítios pelo mundo fora. Hoje, no entanto, a metade de Björnstad não está presente, e por isso muitas pessoas estão a dizer o que realmente pensam.

Começa com uma queixa sobre o facto de os juvenis de Hed terem

de ir treinar em Björnstad. Depois alguém menciona que ouviu um boato de que o município não tenciona sequer reconstruir o rinkue de Hed. Segue-se outra pessoa, que ouviu dizer que os políticos têm um plano secreto para juntar os dois clubes num só, agora que surgiu a oportunidade.

– Qual dos dois fecharão? – pergunta alguém.

– Que é que achas? O que tem menos dinheiro! – exclama outro em resposta.

– E afinal de onde é que vem o dinheiro de Björnstad? Não foi o município que pagou as renovações do rinkue deles? Querem que nós, em Hed, continuemos a pagar impostos para financiar o clube *deles*?

Hannah senta-se em silêncio ao pé da máquina de café. Sabe para onde é que a discussão se encaminha, é uma polémica que já vem muito de trás, mas que se agravou nos últimos tempos. Gostava de não concordar com eles, gostava de poder ser a voz da razão na conversa, mas a verdade é que se limita a guardar silêncio. Porque compreende. O hospital está sempre sobrecarregado com boatos de mais cortes, talvez até de encerramento total, portanto, se o município ameaçar acabar até com o clube de hóquei em Hed, provavelmente seria melhor para todos ali se parassem de desimpedir a estrada para Björnstad. E construíssem um muro, talvez.

Hannah é uma hipócrita, claro, e sabe-o. O dinheiro todo dos contribuintes que foi enterrado no Hóquei de Hed ao longo dos anos não teria sido melhor empregue ali, no hospital? Claro que sim. Mas quando os seus próprios filhos estão no gelo não existe mais nada, o mundo perde os contornos, e o que estaria ela disposta a sacrificar por isso? Que pergunta estúpida. Sacrificaria tudo, obviamente. Além do mais, o dinheiro dos contribuintes investido no hóquei nunca teria chegado ao hospital de qualquer maneira, nunca chega; teria ido parar às quintas eólicas ou a alguma investigação política sobre como ensinar os texugos a exprimir os seus sentimentos por intermédio de aguarelas ou uma parvoíce qualquer do género. Pelo menos o hóquei dá algum retorno. Algo para toda a cidade, novos e velhos, que é

capaz de os apaixonar, de os unir: o ódio comum por Björnstad. Naturalmente que há pessoas em Hed que não gostam de hóquei, mas isso é considerado quase uma tara sexual por estes lados: aquilo que cada um faz no recato do lar é consigo, mas por favor guarde essas opiniões para si.

Alguém na sala de pessoal tem um cunhado que falou no «Parque Empresarial de Björnstad», ouve Hannah.

– Estão a tentar guardar segredo, mas já começaram a oferecer escritórios lá a todos os negócios de Hed! E depois o que sobra aqui?

– Viram que a federação de hóquei alterou o calendário de jogos da equipa principal por causa da tempestade? Não sabem se as equipas do Sul conseguirão cá chegar a tempo, portanto adivinhem lá quem vamos defrontar primeiro? Björnstad!

– Raios me partam.

– No entanto, é uma boa oportunidade! Não podem fechar um clube vencedor, por isso, se *ganharmos* esse jogo, então...

– Não basta ganhar, com um clube merdoso como aquele! Temos de os *esmagar*!

– Será guerra!

– Espero bem que o cabrão do Amat não jogue...

– E se ele partisse uma perna? Talvez possa ter um acidente...

Riem-se como se fosse engraçado, e continuam nesse tom. Hannah não tem tempo para ouvir mais, alguém a chama e sai à pressa, deixando o café intacto em cima da bancada. Tem tempo para desejar que os idiotas dos filhos não oiçam aqueles boatos todos antes do treino do dia seguinte em Björnstad, porque isso causaria sem qualquer dúvida os problemas do costume. E, acima de tudo, espera que Johnny, o maior idiota de todos, não oiça os boatos.

*

Mas claro que é tarde de mais para isso.

País

O comboio da capital abre caminho para norte, lentamente, parando em estação após estação, após estação, em comunidades que podiam bem ser Hed ou Björnstad, como as que existem pelo país fora. A maioria dos nomes aparece e desaparece com igual rapidez, mas alguns deles colaram-se à consciência nacional graças a uma qualquer particularidade local: um bolo, um festival de música, um parque aquático, quiçá uma prisão. Ou uma equipa de hóquei. Qualquer coisa que faça as pessoas inquirir: «Ah, vocês são os que têm...», quando lhes dizemos onde nascemos. Qualquer coisa que coloque uma localidade no mapa.

Quanto mais o comboio avança para norte, maiores são os estragos da tempestade, e, quanto mais densa é a floresta, mais óbvia é a destruição. Numa estação a algumas horas para o interior, cujo nome toda a gente já esqueceu antes mesmo que o comboio saia da plataforma, sobe a bordo um homem de certa idade. Ninguém lhe presta atenção exceto a rapariga de dezoito anos no lugar em frente ao dele, que se levanta de imediato e, educadamente, o ajuda a colocar a mala no suporte da bagagem sem que ele precise de pedir.

– Obrigado, minha jovem, fico-lhe muitíssimo agradecido! – diz ele, como uma relíquia de uma matiné a preto e branco.

O sorriso dela fá-la parecer mais jovem do que é. O modo como ele se apoia no guarda-chuva, à laia de bengala, tem o efeito oposto nele.

– Avise quando chegar à sua estação que eu ajudo-o a tirá-la para baixo – disponibiliza-se Maya, com um sorriso simpático.

– Obrigado, é muito amável da sua parte. O comboio se calhar não pode ir até ao fim da linha, por causa da tempestade, portanto devo ter de sair na mesma estação que a menina e apanhar um autocarro de lá...

Ela fica tensa e o homem percebe que a assustou, por isso indica o

seu gorro de lã com um aceno e explica:

– Reconheci o urso de Björnstad. Presumo que seja esse o seu destino?

Maya solta a respiração, um pouco atrapalhada e envergonhada da sua paranoia.

– Sim, sim, claro... É do meu pai. Não costumo usá-lo. Mas pensei que seria uma boa ideia, agora que vou... para casa. Está mais frio lá em cima.

Um sorriso embaraçado ilumina-lhe o rosto. O homem acena com ar compreensivo.

– Quanto mais longe de casa estamos, mais patrióticos ficamos.

Ela passa os dedos pelo gorro.

– Sim, suponho que é verdade. Só nunca pensei que isso se aplicasse a mim.

Anos antes, a mãe costumava dizer-lhe que nunca devia confiar em ninguém que não tivesse algo na vida que amasse mais do que tudo. Cada vez compreende melhor o que ela queria dizer.

O homem sentado à sua frente inclina-se e murmura, como se fosse um grande segredo:

– Eu vou visitar a minha filha, que vive em Hed, mas não pense mal de mim por isso.

Maya ri-se alto.

– Bom, aí está uma coisa de que não sinto falta, acredite. Essa ideia de que temos de odiar Hed e eles têm de nos odiar a nós. Ridículo.

– Sim, pelo que me conta a minha filha, sei que o hóquei no gelo tem grande influência nas coisas lá por cima...

Ela revira os olhos.

– Grande não. Total e absoluta.

– Para ser franco, acho que as pessoas de Hed têm alguma inveja. As coisas parecem estar a correr melhor a Björnstad do que a Hed de momento, não é? E não falo só do hóquei. A fábrica expandiu-se e contratou mais pessoal, pelo que li. E os negócios estão a instalar-se em vez de saírem de lá. Não há muitas cidades dessa dimensão que

possam vangloriar-se do mesmo.

Maya concorda com um aceno, embora seja tão invulgar ouvir alguém falar assim da sua cidade, como um sítio em trajetória ascendente. «As coisas no hóquei mudam num instante», costumava o pai dizer-lhe se alguma coisa lhe corria mal quando ela era pequena, «e na vida também, mas temos de continuar em frente!»

– As pessoas de Björnstad são trabalhadoras, esforçam-se muito! – dá por si a dizer ao homem, surpreendida com o orgulho na própria voz.

O homem repara que o sotaque dela está a ficar mais carregado. Olha para a floresta que se adensa do outro lado da janela, até parecer que viajam por um túnel.

– É a tempestade que a traz de volta a casa? A minha filha diz que foi terrível.

– Não... Bom, sim, de certa forma. Vou a um funeral.

– Os meus sentimentos. Alguém muito próximo?

Antes de responder, Maya tem tempo para recordar o ano em que fez dezasseis anos. O pai a levá-la à esquadra, ela a contar-lhes tudo o que aconteceu, como ele quase foi despedido do Hóquei de Björnstad quando Kevin não pôde jogar na partida mais importante do ano, por causa dela. A reunião que teve lugar, na qual todos os membros do clube tinham de decidir o futuro do pai, e a sensação de que era a família de Maya contra toda a cidade. A primeira pessoa que se levantou para falar em defesa deles foi Ramona. Tinha a Matilha do seu lado, e Maya sabe como isso incomodou o pai, mas nem ele nem Maya esquecerão alguma vez o que Ramona fez: acreditou numa garota de quinze anos quando mais ninguém foi capaz disso. Defendeu-a quando mais ninguém ousou fazê-lo. Sorri tristemente ao homem sentado à sua frente.

– O meu pai conhecia-a melhor do que eu. Eram... velhos amigos. Ela era proprietária de um bar e o meu pai costumava ter de lá ir buscar o meu avô quando ele bebia de mais.

O homem ri-se.

– Ah, a velha história. E a menina, nunca teve de lá ir buscar o seu pai?

– O meu pai não bebe!

Di-lo demasiado depressa, na sofreguidão de o defender. O homem levanta as mãos num gesto conciliatório.

– Peço desculpa. Não foi minha intenção ofendê-la.

Ela suspira.

– Não... não, eu compreendo. É só que, se o conhecesse ... O meu pai é daqueles que nunca quebram qualquer regra. É o homem mais certinho do mundo.

– E gosta tanto de hóquei como toda a gente em Björnstad?

Ela solta uma gargalhada sonora.

– Pode dizer-se que sim. Na verdade, foi diretor-geral do clube. Mas agora trabalha na firma da minha mãe.

– Ah, então a sua mãezinha é uma dessas «pessoas trabalhadoras» de Björnstad que mencionou – nota o homem em tom de brincadeira.

Maya sorri.

– Na verdade, a firma dela fica em Hed. O meu pai não gosta nada disso.

– Imagino. Porque é que ele deixou de ser o diretor-geral do clube?

– Porque ama a minha mãe.

Responde de forma tão instintiva, que o seu interlocutor perde o fio à meada por um instante. Depois sorri tristemente e baixa os olhos para as mãos; Maya não lhe vê qualquer aliança nos dedos. Ele abre a pasta, tira um molho grosso de papéis e coloca-os no colo.

– Nesse caso, têm os dois muita sorte – diz, sem levantar os olhos dos papéis.

Maya acena afirmativamente. O homem fica calado durante tanto tempo, que ela teme tê-lo insultado de alguma forma, e por fim pergunta:

– O que está a ler?

– Relatórios anuais.

– Uau... Parece muito... empolgante.

– E pode ser, se soubermos para onde olhar – assegura-lhe ele.
Ela não acredita. É um erro.

*

Está um velho carro americano estacionado em frente ao Urso Pardo. Peter parou à porta a olhar para ele. Não sabe a quem pertence e não se interessa lá muito por carros, mas, por acaso, sabe exatamente de que ano é este modelo. Quando chegou à NHL, ia para as primeiras sessões de treino com um companheiro de equipa que comprara um carro exatamente igual. Na altura, era novinho em folha, mas o que vê agora parado ali na rua está enferrujado e batido. Peter sente-se mais ou menos na mesma.

Teemu saiu da casa de banho e está a ler as mensagens no telemóvel, lá em baixo junto ao balcão. Muito mais tarde, Peter pensará como é estranho que um homem como Teemu não expluda com as más notícias. Ao contrário do que as pessoas dizem em relação a ele, não ferve em pouca água. Pelo contrário, é como se aquilo que lê no telemóvel lhe fosse arrefecendo a temperatura corporal, grau a grau, deixando-o cada vez mais frio e silencioso, enquanto Peter se sente cada vez mais desconfortável. Aprendeu a saber avaliar de que homens deve ter medo, não pelo comportamento que têm junto de si, mas pela forma como ele próprio reage à companhia deles.

– Tenho de ir. Podemos continuar com isto amanhã? – pergunta Teemu, ainda de olhos postos no telemóvel.

Peter assente, sem saber o que mais há de dizer. Quando apagam as luzes e se preparam para fechar a porta, os olhos dele batem numa fotografia perto da saída: uma menina de pé no gelo, com uma camisola verde e expressão séria, tão pequena que nem há luvas para o tamanho dela.

– Essa miúda vai ser melhor do que tu – comenta Teemu atrás dele, e Peter estranha o amor que lhe ouve na voz.

Na verdade, o próprio Teemu parece surpreendido, quase

envergonhado. Evitam olhar um para o outro, pigarreiam e saem para a rua. Peter ouviu falar na criança, claro. Tem seis ou sete anos, chama-se Alicia e passa muito tempo no quintal de Sune – que agora está velho, mas foi em tempos o treinador da equipa principal de Björnstad –, onde tenta por todos os meios abrir buracos na parede da casa dele com os discos. É o tipo de criança que leva uma vida terrível, mas não o suficiente para ter ajuda; está a crescer numa casa cheia de armários vazios e punhos cerrados, mas nunca vazios ou violentos o bastante para que as autoridades a tirem de lá. Assim, o quintal de Sune é o refúgio dela, o seu recreio, e Ramona pediu a Teemu que fizesse o melhor que podia por ela. Cerca de dois anos antes, uns homens de preto apareceram em casa de Alicia, certa noite enquanto ela dormia, entraram pela cozinha adentro e puseram um saco cheio de equipamento de hóquei em cima da mesa, explicando aos adultos presentes que a menina passava a estar sob a proteção da Matilha. Desde então, ela tem trazido muito menos olhos negros de casa e muito mais nódoas negras do rinque. E, um dia, será a melhor.

Teemu dirige-se para o carro. Peter segue-o e apercebe-se de como isso teria parecido mal não assim há tanto tempo, se alguém o visse a entrar num carro com o pior *hooligan* do distrito. Agora, porém? Já ninguém quer saber do que Peter faz, nem mesmo ele. A floresta arrasa com todas as ilusões, se lhe derem tempo para isso, até as de Peter. Porque ele sabe tudo sobre a violência de Teemu, mas também se lembra bem, assim como toda a gente, de a polícia não ter tido tempo para aparecer quando houve um surto de assaltos no distrito há alguns anos, mas a mesma polícia já ter recursos para enviar uma unidade de resposta armada e um helicóptero sempre que havia um simples *boato* de alguém andar a caçar lobos ilegalmente. Foi a Matilha que resolveu o assunto dos assaltos, Peter nem quer saber como, mas pelo menos reconhece de onde vem a autoridade de Teemu. Não é a violência que o distingue da polícia, mas sim a fiabilidade. Perguntem a Alicia.

O carro americano continua estacionado na rua quando passam. O

telemóvel de Teemu vibra com mais mensagens, mas ele não reage; dizem todas o mesmo.

– Estás muito concorrido hoje – comenta Peter.

– É só o falatório do costume – responde Teemu em tom inexpressivo.

– Os meus filhos também estão sempre a mandar mensagens. Nem sequer escrevem nada, é só uma data daqueles bonequinhos. Será que já ninguém fala ao telefone?

Teemu solta uma risada.

– Raios, Peter! Quantos anos tens, cem?

– Às vezes é como me sinto.

Entram no *Saab* de Teemu e percorrem algumas ruas em silêncio. Quando o silêncio se torna desconfortável, Teemu quebra-o com uma pergunta sobre hóquei, claro.

– Então achas que ele vai jogar este ano ou não?

– Quem? – pergunta Peter.

– O Amat! Dizem que ele anda a beber muito...

– Quem é que disse isso?

Teemu encolhe os ombros.

– Sabes como é. As pessoas falam.

E falam mesmo, mas não com Peter. O tempo não espera por ninguém, os rapazes tornam-se homens e os talentos ficam ultrapassados e os demónios conseguem apanhar qualquer um. Talvez até mesmo o patinador mais rápido da cidade. Sune disse, uma vez, que a melhor característica de Peter como diretor-geral era «ver todos os miúdos do clube como se fossem seus filhos», o que pretendia ser um elogio; quando Kira disse o mesmo, alguns anos depois, já era uma acusação. Na primavera, Peter tentara falar com Amat e dar-lhe alguns conselhos sobre o recrutamento da NHL, mas, nessa altura, o rapaz já se tornara um homem, e o homem era já um velho.

– Não sei – Peter tem de confessar.

Teemu suspira.

– Ele foi um selvagem, na época passada. Um autêntico selvagem.

Melhor do que o Kevin. Melhor do que... do que tu.

– Nunca me viste jogar – diz Peter com uma risada, para disfarçar o embaraço. E Teemu, titubeante como um pónei assustado, insurge-se:

– A Ramona mostrou-me os teus jogos todos em vídeo! Até os da NHL!

– Não foram muitos, não deve ter demorado muito tempo – murmurou Peter.

– Raios! Achavas mesmo que eu nunca os tinha visto? Mais de cem vezes! Julgas que sou só um *hooligan* estúpido, mas olha que eu gosto tanto de hóquei como tu, meu cabrão. É a única razão para nunca ter dado um murro no focinho enquanto eras o diretor-geral, com as decisões de caca que tomaste, como acabar com a bancada em pé. Sempre soube que tu gostas tanto de hóquei como eu. E sempre te respeitei por isso. Mesmo quando agias como um palhaço!

Peter demora alguns segundos a assimilar ter sido chamado de «palhaço» por um tipo que, uma vez, entrou à socapa no autocarro da equipa visitante e pegou fogo a trinta sacos de plástico cheios de fezes caninas. Só o planeamento e a logística envolvidos nisso... Trinta sacos! Santo Deus! Se aquele rapaz tivesse aplicado as suas capacidades em alguma coisa de jeito, podia ter conquistado o mundo.

– Estás enganado – diz Peter, por fim, com um sorriso.

– Não estou nada!

– Só joguei quatro partidas. E lesionei-me no princípio da quinta. E não acho que sejas um *hooligan* estúpido.

– Claro que não – resmunga Teemu.

Peter ri-se baixinho.

– Bom, pelo menos não acho que sejas só um *hooligan* estúpido...

Teemu desata a rir, de tal maneira que quase guina para fora da estrada, e por um momento Peter compreende o que toda a gente vê nele. Por que razão o seguem. Quando ele se ri, é impossível não rir com ele. Teemu lança-lhe um olhar de soslaio e diz:

– Devias ter falado com o Amat na primavera, antes de ele ir à

NHL. Acho que andou a ouvir conselhos das pessoas erradas. Tinha-lhe feito falta alguém como tu.

Peter baixa os olhos, sem querer admitir que tentou, porque Teemu o tem obviamente em elevada consideração e há muito tempo que isso não acontecia.

*

Se tiver de dar um palpite, a maioria das pessoas acha sempre que Maya tem menos de dezoito anos. Isso costuma irritá-la, mas a verdade é que também não tem muito jeito para adivinhar a idade dos outros. Por exemplo, acha que o homem sentado à sua frente no comboio está já reformado há algum tempo, mas, de facto, ele tem pouco mais de sessenta. Os corpos de alguns homens têm tendência para castigar os seus proprietários por uma vida pecaminosa, atacando-os com todas as maleitas da idade ao mesmo tempo. Este homem tem a camisa de xadrez esticada sobre o estômago saliente e respira em sopros ruidosos pelas narinas. Traz um chapéu castanho e o cabelo por debaixo tornou-se fino, a barba ficou grisalha e os traços faciais perderam a definição devido a anos de excesso de álcool e pouco juízo. As dores nas articulações obrigam-no a caminhar com algum tipo de apoio, por isso anda sempre com um chapéu de chuva, esteja o tempo como estiver, porque nem pensar que tem idade para andar de bengala. Mas o seu olhar é penetrante e a sua mente ainda arguta, e é bom naquilo que faz; possivelmente, agora que parece tão em baixo de forma, ainda é melhor. As pessoas têm mais tendência a subestimá-lo, e ele sabe muito bem como aproveitar-se disso.

Fazem conversa de circunstância ao longo de toda a viagem, com tanta naturalidade que Maya nem se dá conta da perícia do seu interlocutor. Uma perguntinha inocente leva a outra, e, em pouco tempo, ela já lhe contou muito sobre si própria e ele pouco lhe disse sobre si.

Quando ela se levanta para ir outra vez à casa de banho, faz

menção de pegar no estojo da guitarra.

– Devo conseguir ficar de olho nisso – oferece-se o homem.

Ela sorri, atrapalhada, porque a guitarra é tão importante para si que nem é só o medo de que seja roubada, mas sim o facto de não querer estar separada dela. Porém, cede e afasta-se. Assim que ela desaparece, o homem abre imediatamente o estojo. No interior da tampa há uma fotografia colada, de Maya com a família: irmão mais novo, mãe, pai. Dá ideia de ser bastante recente, embora a camisola do pai pareça velha, de um verde desbotado, com o logótipo do clube de hóquei à frente. «Depois de tudo o que aconteceu a esta família, ainda usam roupas com o urso», pensa o homem, e fecha o estojo da guitarra. Tira da sua pasta um pequeno bloco de notas e escreve o que a rapariga lhe disse há pouco sobre o pai: *O meu pai é daqueles que nunca quebram qualquer regra*. Maya mudou nestes últimos dois anos: tem um novo corte de cabelo, um corpo mais maduro, está mais alta e mais forte. Ao princípio, o homem mal a reconheceu, apesar de se ter dado a grande trabalho, cobrando favores que lhe eram devidos e recorrendo a um velho contacto na companhia ferroviária, para descobrir que comboio é que ela ia apanhar. As fotografias mais recentes que viu dela são de quando tinha quinze anos, quase dezasseis; daí em diante, Maya tornou-se mais difícil de investigar. Depois desse ano, após a violação, deixou de publicar imagens de si própria *online*.

O homem sabe que a sua filha dirá que foi um exagero abordar Maya desta maneira. Possivelmente até mesmo pouco ético. Mas uma vida inteira enquanto jornalista ensinou-lhe que, se quer revelar um grande escândalo, tem de contar uma boa história; caso contrário, os leitores perdem o interesse rapidamente, e uma boa história é como um conjunto de relatórios anuais: consegue ser muito enfadonha se não soubermos para onde olhar. Ele sempre tentou ensinar isso à filha; a relação entre eles tem sido turbulenta, mas tem a certeza de que fez um bom trabalho a iniciá-la no jornalismo. Se assim não fosse, ela não se teria mudado para Hed, no ano anterior, para ser editora-

chefe do jornal local.

Assim, quando ela lhe ligou há pouco tempo, contando-lhe as histórias que descobrira sobre o clube de hóquei e pedindo-lhe ajuda, ele perguntou-lhe porque não podia usar os seus próprios repórteres. «Por favor, pai, não estamos a falar de duas cidades quaisquer. Tenho repórteres com filhos que andam na escola em Björnstad, a mesma escola dos filhos dos homens que podem ir parar à prisão se publicarmos isto. Como esperas que os meus repórteres tenham a coragem de escrever seja o que for?»

O pai compreendeu, claro, e por isso está agora sentado num comboio. Pela filha, mas também por si próprio. Perdeu a infância toda dela, levada pela bebida, e, mesmo assim, ela quis seguir-lhe os passos no ofício. Nunca subestimem um pai à procura de perdão, porque ele é capaz de tudo.

O monte de papéis no seu colo são os relatórios de contas anuais do Hóquei de Björnstad dos últimos dez anos. Os instintos da filha estavam certos: toda a existência do clube assenta em criminalidade financeira. A fraude é tão sistémica que nunca poderia ter tido lugar sem o conhecimento da direção, dos patrocinadores e dos políticos. Fizeram os possíveis por encobrir o rasto, repara ele, e muitos jornalistas com menos experiência nem saberiam por onde começar a procurar. «Ninguém escava melhor do que tu, pai, és um autêntico louco», disse-lhe a filha ao telefone, e ele ouviu-lhe o sorriso na voz. Portanto começou a escavar. Por trás dos relatórios anuais há contratos e transferências bancárias e documentos, pequenas peças do *puzzle* de uma associação desportiva totalmente corrupta. Muitos dos homens culpados foram, obviamente, demasiado espertos para colocar o seu nome seja onde for, mas há um nome que teima em vir ao de cima, a mesma assinatura em documento após documento: Peter Andersson.

No seu bloco de notas, o homem escreve: *Maya tem um gorro verde, com o desenho de um urso. É demasiado grande para ela.*

Homens de Deus

Matteo não se recordará mais tarde de como ficou a saber que a velhota que era dona do bar morreu. Não fala com ninguém, mas talvez tenha lido sobre o assunto algures, *online*, quando a eletricidade volta, ou talvez tenha ouvido o velho casal falar sobre isso no piso de cima enquanto está deitado, dobrado sobre si mesmo, no chão da cave deles, na manhã depois da tempestade. Acorda de um sonho com a irmã e, durante alguns instantes, sente o coração como sentimos as mãos geladas quando as aproximamos do lume. Ao princípio estamos dormentes, depois dói um bocadinho por causa do frio, e só então vem a dor a sério: quando começamos a aquecer. É só quando o entorpecimento do frio e do sono se dissipa, e o corpo sabe que está a são e salvo, que nos deixa sentir quão horríveis são as coisas. Matteo encontra uma pequena garrafa de uma bebida alcoólica forte num cesto ao lado do armário das armas, possivelmente ali escondida pelo homem da casa para quando vai à caça, ou se calhar apenas para a ocultar da mulher. Bebe um pouco, devagar, com os olhos fechados, e começa a sentir a cabeça quente e o coração de novo frio.

Matteo esgueira-se pela janela da cave e corre para casa. Está vazia. Os pais ainda não chegaram a Björnstad com a irmã, e Matteo presume que a mãe tem de parar em todas as igrejas pelo caminho. A irmã, mais velha, costumava discutir sobre Deus com a mãe, mas Matteo nunca o faz. Tem tão pouca fé em Deus como a irmã tinha, mas nunca quis magoar a mãe, que é demasiado frágil.

«És a única pessoa boa que eu conheço», costumava a irmã dizer-lhe enquanto lhe despenteava os cabelos.

Ela era a única pessoa que falava com ele. Ninguém na escola o fazia, e os pais passavam tanto tempo a falar com Deus que já nem sequer conversavam um com o outro. Matteo e a irmã eram os seus milagres; depois de quatro perdas gestacionais, a mãe rezara e pedira

a Deus um filho saudável, e tivera a filha. Alguns anos depois, chegara Matteo. A mãe tinha tanto medo de os perder, que nem ousava sentir-se feliz. O Céu já lhe havia demonstrado o seu poder, e depois disso passou o resto da vida com o medo implacável de tudo lhe ser tirado de um momento para o outro. Repetia constantemente ao filho: «Tens de ser um grande homem de Deus quando cresceres! Não um pecador! Um homem de Deus!»

Matteo nunca discordava, mas, uma noite, quando estavam sozinhos, a irmã perdeu a paciência: «Sabes que a mãe sofre de uma doença mental, não sabes?»

Matteo nunca se sentira mais zangado do que nesse momento, mas não com a irmã. Mais do que tudo, estava zangado com o pai, que nada fazia para ajudar a mulher e que se mantinha, também ele, silencioso. Ia trabalhar, vinha para casa, jantava, lia livros, ia dormir. Silêncio, apenas silêncio.

«Sabes que eu tenho de desaparecer daqui, não sabes? Preciso de viver, Matteo!», murmurou-lhe a irmã, na noite em que deixou Björnstad.

Prometeu que seria rica, um dia, e o viria buscar. Ele esperou. E agora ela vem a caminho de casa, mas não para o vir buscar, e, uma vez mais, o principal alvo da raiva de Matteo é o pai. Se o pai tivesse sido diferente, tudo teria sido diferente. Se ele fosse um homem poderoso, um homem rico, um homem do hóquei, a irmã de Matteo também teria tido ajuda. As pessoas teriam acreditado nela, teriam ficado do seu lado. E ela ainda estaria viva.

*

Os homens de Deus não conseguem salvar ninguém. Pelo menos aqui.

Tipos do hóquei

Amat corre pela floresta, o mais longe que consegue, mas não faz qualquer diferença. Nunca está sozinho.

No hóquei, toda a gente adora falar sobre as cabeças dos jogadores: é preciso ter uma «mentalidade vencedora», uma «cabeça forte». Quem joga hóquei desde pequeno, cresceu com certeza a ouvir que tem de ser «mentalmente forte», mas disseram-lhe pouco sobre o que isso realmente significa. Ouvirá falar muito sobre lesões e dor, mas nada sobre o tipo de dor que não se vê nas radiografias. Aprenderá como funcionam as várias partes do corpo, exceto a parte que controla tudo o resto.

Amat embrenha-se mais e mais na floresta, mas não consegue, apesar disso, escapar às vozes na sua cabeça.

Sim, é bom jogador, mas não é muito pequeno?

E a mentalidade dele? Nunca se sabe. Afinal, ele não é de... bom, vocês sabem... não vem propriamente de uma família de hóquei.

Mas tem boas mãos! E é mais veloz do que o Kevin!

Talvez, mas o Kevin tem uma cabeça forte. Tem uma mentalidade vencedora.

Amat ouvia-os em todo o lado, no rinque de gelo e no supermercado e na escola, e sabia perfeitamente o que significava, no código deles, «família de hóquei». Gostavam quando ele marcava golos para a equipa, mas gostariam mais se ele se parecesse com todos os outros tipos do hóquei, que vivesse na mesma zona residencial elegante, que se risse das mesmas piadas. Gostariam mais se ele fosse Kevin, e só o deixariam ser Amat enquanto continuasse a ganhar. Assim, foi o que fez. Ganhou e ganhou e ganhou.

Quando chegou o Ano Novo, Björnstad estava no topo da classificação e Hed no fundo. Ao longo de toda a infância de Amat, Hed fora melhor, mais rica, maior e mais poderosa, mas ele foi o rosto

da mudança. Os ombros doíam-lhe todos os dias, no começo pelo esforço dos treinos, mais tarde do peso das expectativas. O vigilante deixava-o entrar no ringue todas as manhãs, mas Amat cada vez passava menos tempo no gelo e mais no ginásio. Sabia que toda a gente dizia que ele era demasiado pequeno para a NHL, por isso lutou com os halteres até mal conseguir caminhar para casa, sempre com os *clichés* que ouvira de treinadores e diretores-gerais e outros homens mais velhos às voltas na cabeça: «O que interessa não é como começa, mas sim como acaba! A atitude vence a classe! A vontade vale mais do que o talento!»

Uma noite, estava tão exausto ao sair do ringue que, quando começou a andar entre os bancos de neve, tropeçou e caiu, na escuridão. Ao início, o pulso não lhe doía muito, mas, quanto mais treinava, mais ia inchando. Não disse nada a ninguém. Nenhum clube na NHL recruta um jogador lesionado. Ele tem de jogar, tem de vencer, não pode dececionar toda a gente agora. E não eram só os velhos no supermercado, mas todos os amigos dele no Covão, os que o obrigaram a prometer que lhes compraria relógios caros quando fosse profissional. Sem eles, Amat não estaria onde está. Um verão, há alguns anos, os amigos fizeram turnos a correr com ele, colina acima, atrás dos prédios onde viviam, para que ele não desistisse. Os sonhos dele passaram a ser de todos. E Amat tem de lhes pagar por isso. Tem de pagar à mãe. Ao treinador. À cidade. A toda a gente.

Num jogo, marcou três golos, mas evitou uma colisão. No balneário, os outros jogadores meteram-se com ele: «Sabes que na NHL ainda vai ser pior, certo, *princesa?*»

Quando saiu do duche, tinha uma caixa de tampões ao pé do cacifo. Era só uma piada, claro, mas é sempre assim que começa.

No jogo seguinte, Amat sofreu outro golpe no pulso. A dor foi tão intensa que se tornou claustrofóbica. Tomou analgésicos, mas não o aliviavam minimamente, por isso nessa noite foi à procura de uma rapariga que conhecia no Covão, cujo irmão vendia bebidas fortes. Quando ela apareceu com uma garrafa, disse-lhe: «Se eu disser ao meu

irmão que é para ti, não tens de pagar nada! Ele adora-te! Não se cala com a possibilidade de alguém do Covão ir jogar na NHL!»

Amat abanou a cabeça e ela acrescentou, mais a sério: «O meu irmão diz que todas as pessoas ricas da cidade querem explorar-te. Só se preocupam contigo porque lhes dás dinheiro a ganhar. Não deixes ninguém dar-te a volta à cabeça, está bem?»

«Está bem», prometeu Amat.

«Não digas isso se não for a sério!» retorquiu ela.

«Está bem, está bem, está bem!»

Amat sorriu tristemente e ela sorriu-lhe também tristemente, e disse algo que ele nunca mais esqueceu: «Sabes que todos os miúdos do Covão olham para ti e pensam que, se tu conseguiste ser alguém, eles também podem conseguir? Portanto não faças porcarias, ouviste? Tens de ser alguém!»

Falou assim para o animar, sem poder adivinhar que isso só o sobrecarregava mais ainda. Não fora uma conversa de incentivo, era mais uma pedra às costas dele. Amat foi para casa e bebeu até atordoar a dor no pulso e conseguir dormir, e escondeu a garrafa meio vazia no saco do hóquei dentro do roupeiro, para que a mãe não a encontrasse, e ao fim de duas semanas já era mais difícil arranjar onde esconder as garrafas vazias do que as cheias.

Não se lembra exatamente de quando o telefone começou a tocar. Ao princípio, eram apenas um ou dois agentes, e de repente parecia que todos os dias havia uma voz diferente. Disseram-lhe que podia ser recrutado. «Podia» passou a «seria», que não tardou a passar a «será». Amat não frequentara a academia do hóquei no gelo, não fora descoberto por um grande clube, mas tinha talento em bruto. Diziam que era uma história da Cinderela. «Vieste do nada, mas podes ir até lá acima!» «Podes» ir transformou-se em «tens» de ir. Os agentes propuseram que assinasse contrato com eles, não precisava de se preocupar com mais nada, «deixa o resto connosco». Amat já conhecera homens assim antes. Quando Kevin era a grande estrela da cidade e Amat sabia a verdade sobre a violação, o pai de Kevin

apareceu, no seu carro vistoso, e tentou comprar o seu silêncio. Os homens que lhe ligavam agora falavam como ele; um ano antes nem sabiam quem era Amat, e agora, de repente, era uma mercadoria comercializável. Procurou-lhes os nomes *online* e encontrou centenas de boatos sobre atividades duvidosas: agentes que assinavam contratos com miúdos antes de serem sequer adolescentes, outros que ofereciam aos treinadores mais jovens, em pequenos clubes, empregos bem pagos se concordassem em trazer certos jogadores para as suas agências, pais que recebiam pagamentos em segredo. Todos os homens ao telefone soavam ao mesmo quando lhe garantiam que tudo isso se aplicava apenas aos outros agentes, nunca a eles, por isso como havia Amat de saber quem era de confiança e quem estava a enganá-lo?

Não tardou que tivesse de tirar os patins do saco do hóquei para ter espaço para mais garrafas vazias. O pulso doía-lhe à noite, a cabeça doía-lhe de manhã, e por fim deixou de atender o telefone por completo.

O jornal local falou sobre as suas possibilidades no recrutamento da NHL: o ambiente no balneário mudou, as piadas tornaram-se mais sérias. Se ele perdia o disco ou falhava um remate, havia troças. Já não bastava ser o melhor em jogo, tinha de ser invencível. As vozes na sua cabeça gritavam: *És uma fraude, tiveste apenas sorte, apanhaste defesas fracos, mais nada!*

O gelo tornou-se areia movediça e, quanto mais ele se esforçava, mais lento ficava. Uma noite, já tarde, depois de ter estado a treinar sozinho no ginásio, com a camisola encharcada em suor, o vigilante entrou e pediu desculpa, mas tinha de fechar tudo e ir para casa. Pediu-lhe *desculpa*. «Estou orgulhoso de ti», disse o velhote quando se despediram no parque de estacionamento. Para ele, era apenas um comentário amável, mas, para Amat, era mais uma pedra a juntar às centenas que já carregava às costas.

A primavera chegou, a neve derreteu, e, a cada centímetro de pavimento que aparecia, estavam um dia mais perto do recrutamento,

em junho. Amat tinha pesadelos: por vezes acordava a sangrar do nariz, começou a ter enxaquecas. E se descobrissem que ele mentira sobre a lesão? Começou a marcar dois golos em jogos em que devia ter marcado três, depois um quando devia ter marcado dois, até que por fim deixou de marcar. Toda a gente se sentia no direito de lhe dar conselhos, todos os filhos da mãe sabiam o que ele tinha de fazer. No jornal, o Hóquei de Björnstad era descrito como uma «fábrica de talentos» e Amat como um «produto local». Um dia, a mãe chegou a casa do supermercado e contou-lhe que o Janota, o dono, lhe dissera: «Tem de dizer ao Amat que, mesmo que seja recrutado, devia exigir que o deixassem jogar mais uma ou duas épocas por Björnstad! Seria no interesse dele! Pode ficar aqui para se *desenvolver*, Fatima. Diga-lhe isso!» A mãe de Amat parecia quase assustada ao transmitir a mensagem ao filho. «Falou de ti como se fosses um... um produto na loja... Como se tivesses um código de barras.»

Nessa noite, Amat deitou-se na cama com o computador e viu, algures *online*, que alguém declarara que, se ele fosse recrutado, Björnstad receberia trezentos mil dólares da NHL. *Trezentos mil dólares*. Mas leu também: «De acordo com o agente do jogador, após o recrutamento, o clube da NHL deixa muitas vezes este ter ainda uma ou mais épocas numa liga inferior, para se desenvolver antes de ser transferido para a América do Norte.» Fora àquilo que o Janota se referira: Björnstad queria o dinheiro por Amat, mas queria também que ele continuasse a jogar e a vencer por eles. A mãe tinha razão. Ele era apenas um código de barras.

*

O comboio chega a uma estação e um grupo de rapazes com os seus quinze anos entra. Maya volta da casa de banho e olha para eles um pouco mais demoradamente do que pretendia, corando quando se dá conta. O homem no banco da frente mira-a com curiosidade, por cima dos relatórios anuais, quando ela se senta.

– Conhece-os? Posso mudar de sítio, se quiser sentar-se com...

– Não, não, não os conheço. Conheço só milhares de rapazes exatamente iguais a eles. Sabe, tipos do hóquei...

– Como sabe que o são?

– Está a brincar? Os mesmos ténis, os mesmos fatos de treino, os mesmos bonés virados para trás. A mesma expressão confusa porque todos levaram com demasiados discos na cabeça. Os tipos do hóquei reconhecem-se seja onde for...

O homem ri-se. Depois pergunta, como se estivesse apenas a pensar em voz alta e a questão não tivesse segundas intenções:

– Então o seu pai também é assim? Um tipo do hóquei?

Vê as pálpebras dela estremecerem brevemente. O seu sorriso torna-se menos genuíno e mais um mecanismo de defesa.

– Provavelmente foi assim. Mas agora está velho.

– Então é um... um velho do hóquei? – O homem sorri-lhe.

Ela abana a cabeça, quase como se sentisse culpada.

– Não, não, ele já não está envolvido no hóquei. Agora trabalha só com a minha mãe.

O homem acena e volta a baixar os olhos para os relatórios de contas. Lança um olhar rápido aos rapazes um pouco mais à frente. Já são tão grandes, tão ruidosos, tão habituados ao privilégio físico: todos os lugares são deles.

– Posso fazer uma pergunta, que se calhar é estúpida?

– Claro – acede Maya.

– Acha que todos os tipos do hóquei são parecidos para que seja mais difícil a quem é diferente entrar para o grupo? Ou acha que são parecidos porque eles próprios têm medo de ser diferentes?

Maya fica em silêncio tanto tempo que o homem começa a temer ter ido longe de mais, ter-se denunciado. Talvez seja obviamente uma pergunta jornalística. Porém, quando se prepara para aliviar o ambiente com uma piada, ela olha pela janela e responde:

– Todos os envolvidos no hóquei falam em «lutar». Aprendem-no desde pequenos: «Entra no ringue e luta.» E fica-lhes na cabeça; por

isso, quando são mais velhos, ainda se comportam como se estivessem sob ataque. Continuam a ser agressivos, como se quisessem... compensar.

– Compensar o quê? – pergunta ele.

Maya olha para ele.

– Já estive alguma vez num jogo de hóquei? Já se sentou lá em baixo, ao pé do gelo, e viu a rapidez com que tudo se move? A violência das colisões? As lesões que eles arranjam? Se os adversários veem que um jogador está com medo, atacam-no com dez vezes mais força. Assim, eles aprendem a mostrar que não têm medo de nada. Como...

Silencia-se. O homem termina por ela, hesitante:

– Guerreiros?

– Sim. Mais ou menos.

– Talvez seja então por isso que querem também ser parecidos uns com os outros fora do gelo. Para se recordarem, a si próprios e aos outros, de que são um exército?

A rapariga baixa os olhos com um sorriso distraído.

– Oh, não sei. Estou para aqui a dizer disparates.

O homem receia ter sido demasiado insistente, por isso muda de assunto e pede-lhe se pode ajudá-lo a tirar a mala do suporte. Tem lá a medicação, explica, exagerando o esforço da respiração para lhe recordar que não é mais do que um velhote inofensivo. Resulta.

– Sente-se bem? – pergunta ela.

– Estou vivo há demasiado tempo, só isso – geme ele.

– Parece a Ramona a falar – comenta ela com um sorriso triste.

– Quem é essa? – pergunta ele, como se não soubesse.

– É a pessoa que morreu, a cujo funeral vou.

– Oh, a amiga do seu pai? Ela também se interessava por hóquei?

– Se se interessava? Era obcecada! Agora no fim até pertencia à direção do clube.

– A sério? Então trabalhava com o seu pai?

– Não. Ele deixou de ser o diretor-geral no mesmo ano em que ela

foi eleita. Mas provavelmente ainda a via mais depois disso do que antes. A minha mãe diz que ele passava pelo Urso Pardo quase todos os dias, a seguir ao trabalho e antes de ir para casa. Se calhar tinha saudades de ter com quem falar sobre hóquei, porque no escritório da minha mãe ninguém liga a desporto...

Maya ri-se. O homem em frente dela ri-se também. Pede licença e dirige-se para a casa de banho, a coxear mais do que o necessário. Depois de fechar a porta, escreve no seu bloco de notas: *Através de Ramona, Peter ainda tinha influência no clube, mesmo depois de deixar oficialmente o cargo de diretor-geral.*

Mais abaixo, escreve: *Quando Maya fala sobre os tipos do hóquei serem como guerreiros, penso no soldado que entrevistei no Afeganistão, que me disse que o seu maior medo não era morrer, que o pior de tudo seria não o deixarem continuar a ser soldado. O seu pior medo era ser excluído. O que é um soldado sem um exército?*

Bate com a caneta no bloco, pensativo, durante muito tempo, antes de escrever ao fundo da página:

O que é um homem em Björnstad sem o seu clube de hóquei?

*

Um dia, no início da primavera, o jornal local escreveu que a polícia levava a cabo rusgas e apreendera drogas do outro lado do pátio que Amat e Fatima veem da janela da cozinha. Quando Amat comprou mais bebida à rapariga do costume, nessa noite, ela contou-lhe que tinham levado o irmão. «Quando o aquecimento central não funciona e ligamos para a associação de habitação social, demoram seis meses a mandar alguém, mas, se venderes dois gramas de haxixe, a polícia aparece em cinco minutos, com cães e tudo», diz ela, a tremer igualmente de desespero e raiva.

Na noite seguinte, Peter Andersson estava sentado na cozinha com a mãe de Amat quando este chegou a casa. Era evidente que Peter não estava ali por vontade própria; Amat percebeu logo que o Janota e os

outros patrocinadores o tinham mandado lá por acharem que ele conseguiria «meter algum juízo» na cabeça de Amat. Como se Amat lhes devesse alguma coisa. Peter disse estar «preocupado». De olhos postos no chão, Amat asseverou-lhe que não tinha motivos para tal. «O Peter acha que devias falar com um dos agentes que te ligou, um que ele conhece...», interveio a mãe, mas que sabia ela? O que lhe teria Peter dito? Teria feito com que ela se sentisse culpada, porque Peter costumava arranjar equipamento à borla para Amat quando ele era pequeno? Esperariam que Amat agora pagasse a sua dívida, era isso? «Está bem, vou pensar», prometeu Amat secamente, só para que a mãe não ficasse triste.

Podia ter ficado por aí, mas, quando Peter estava prestes a sair, disse-lhe, baixinho para que a mãe não ouvisse: «Consigo sentir o cheiro a álcool, Amat... Só quero ajudar...» A culpa não era de Peter, mas foi a gota de água para Amat. Olhou nos olhos de Peter e explodiu: «Quantas mais pessoas do Covão está a tentar ajudar? Tem intenção de ajudar alguém que não seja bom jogador de hóquei? Deixe-se de mentiras! Só quer lucrar comigo, como os outros todos!» Continuou a olhar fixamente para Peter depois de ficar sem fôlego. O antigo diretor-geral saiu lentamente e Amat bateu com a porta atrás dele. Nessa noite, pediu à rapariga do Covão se lhe arranjava mais alguma coisa além de álcool. Ela voltou com comprimidos. Amat dormiu a noite toda e, ao acordar, o pulso não lhe doía tanto.

*

Os rapazes no comboio estão a fazer um desafio qualquer, a mostrar uns aos outros qualquer coisa nos telefones e a rir desbragadamente de piadas privadas. Maya sabe que, para eles, tudo é uma competição, porque Björnstad está cheia de homens que já foram rapazes de quinze anos como aqueles e nunca cresceram realmente. Em adultos, competem para ver quem tem a maior casa, o carro mais recente, o equipamento de caça e pesca mais caro, ou o filho que joga

melhor na equipa de juvenis. Ana costumava dizer que todos aqueles tipos do hóquei, na verdade, só jogam para os pais, para corresponder às expectativas deles ou para lhes provarem que estavam errados, para os deixar orgulhosos ou para lhes dar cabo da cabeça. Talvez os compreendesse, porque ela própria tinha em casa todos esses pais juntos num só homem.

Maya olha para os rapazes e espanta-se ao perceber como se sente tão mais velha do que eles, quanta vida passou entretanto. Vê pelos seus sorrisos confiantes que o treinador já lhes ensinou o valor da confiança, mas pergunta-se se saberão que isso só se aplica se estiverem a vencer, se compreenderão que são como bens, que podem ser postos de lado num instante por agentes e clubes maiores caso se lesionem ou joguem mal ou apenas se destaquem um pouco do grupo. Se forem diferentes. Se não forem máquinas.

Pondera se eles ainda gostarão tanto do jogo como quando eram crianças e jogavam no lago ou em frente de casa. Se ainda se lançarão contra o acrílico no rinque, esfuziantes, quando marcam um golo. Ana imitava-os tão bem: jurava sempre que todos os tipos do hóquei faziam exatamente a mesma cara quando se vinham e quando marcavam um golo no gelo. Uma vez, quando ela e Maya estavam sozinhas no balneário depois da aula de Educação Física, Ana encostou-se à parede do chuveiro e murmurou, em desespero e com um esgar no rosto: «Vê-me! Aprova-me! Diz-me que sou um homem a sério, papá!» Maya lembra-se de como se riu. Eram crianças na altura, ainda nada era mortalmente sério.

Os rapazes no comboio riem-se e ela pergunta-se o que terá tanta graça. Que fotografias estarão a ver. Se usarão os nomes das raparigas quando falam delas ou se recorrem a outras palavras. Se os melhores entre eles ousarão falar quando os piores passarem os limites. Consegue ver um Benji e um Bobo e um Amat neste grupo, e pergunta-se se haverá também um Kevin entre eles. Se houver, espera que aqueles rapazes saibam quem ele é, porque, quanto mais as outras pessoas não os conseguem distinguir uns dos outros, mais importante

é que eles próprios vejam as diferenças entre si.

Olha pela janela e dá-se conta de reconhecer onde estão. Os miúdos do Sul veriam apenas floresta, mas ela sabe exatamente quão perto está já de casa. Fecha os olhos, e todas as coisas que não consegue esquecer tornam-se mais nítidas a cada quilómetro percorrido. Os pormenores do quarto. A disposição da mobília. Cada som. A respiração dele. A violação nunca termina, pelo menos para ela. Será que ele sente o mesmo em relação à espingarda na pista de corrida? Lembrar-se-á da urina pelas pernas abaixo? Quando fecha os olhos, ainda sentirá o metal frio contra a pele de quando ela lhe encostou o cano da arma à testa? Ainda lhe ecoará na cabeça o estalido de quando ela pressionou o gatilho? Pergunta-se onde estará ele agora, e se ainda terá tanto medo que só consegue dormir de luz acesa.

Espera que sim. Deus do céu, espera mesmo que sim.

Borboletas

A irmã de Matteo tinha uma borboleta tatuada no ombro, em segredo, claro está, porque os pais teriam perdido a cabeça se soubessem. Escolheu o desenho depois de ler que o bater de asas de uma borboleta pode causar uma tempestade do outro lado do planeta. Ela sentia-se tão impotente que era a coisa mais poderosa que conseguia sonhar ser: um inseto.

A borboleta é visível na fotografia da irmã que Matteo tem escondida por trás de outra fotografia pendurada na parede do quarto, para que os pais não a vejam se lá entrarem. Provavelmente teriam odiado a tatuagem ainda mais do que as drogas e o álcool, já que profanar o corpo era obra do Diabo. Havia tantas coisas no mundo que eram obra do Diabo que, quando a irmã de Matteo queria mesmo magoar a mãe, exclamava: «Então quando é que DEUS faz alguma coisa?» E só não era ainda mais bruta porque Matteo também ficava triste quando a mãe estava triste, e a irmã nunca queria entristecê-lo. Era a única arma que ele possuía: defendia os membros da família uns dos outros, usando o próprio coração como escudo. Quando a irmã deixou Björnstad, foi esperta: disse aos pais que contactara uma paróquia e os convencera a recebê-la. Já tinham acolhido «crianças problemáticas» noutras ocasiões. Os pais acharam que a filha finalmente encontrara o caminho da verdade, a mãe chorou, até que a paróquia lhes telefonou a informar que ela nunca lá aparecera, já ela saía do país. Passaram dois anos e meio.

Quando o outro telefonema chegou, muito recentemente a meio da noite, e um agente da polícia estrangeiro pronunciou o nome dela com dificuldade, foi como se os pais nem conseguissem chorar a sua morte, porque já tinham feito o luto pela perda da filha muito tempo antes. «O Diabo levou-a», foi tudo o que a mãe de Matteo murmurou, e Matteo não quis magoá-la, mas teve vontade de perguntar: «Então

porque é que Deus não a salvou? Ela não merecia que lutassem por ela?»

Agora os pais vêm a caminho de casa com as cinzas da filha e Matteo está a olhar para o ecrã apagado do computador. O sítio onde nascemos e a pessoa em que nos tornamos é uma cruel lotaria. Pergunta-se o que, em concreto, os terá separado da felicidade, a ele e à irmã, e se será sequer possível medir todos os «se fosse assim» e «se não fosse assim» porque, ao fim e ao cabo, a vida não é mais do que isso.

Se Björnstad e Hed não fossem sítios tão merdosos. Se as pessoas de lá não fossem tão horríveis. Se os pais tivessem acreditado tanto nas palavras da filha como na palavra de Deus. Se Matteo e a irmã tivessem nascido noutro lugar, onde valessem alguma coisa. Se tivessem nascido na família Andersson, por exemplo. Se Matteo fosse Leo e a irmã dele fosse Maya. Se a mãe deles fosse advogada e o pai, o diretor-geral do clube de hóquei.

*

Se assim fosse, alguém teria lutado por ela também.

Máquinas de lavar louça

Um dia, na primavera, aparecera inesperadamente um homem solitário nas bancadas do ringue de gelo durante os treinos. Era baixo e gordo, com cabelo ralo, e tinha ao pescoço um grosso fio de ouro, por cima de uma camisola de gola alta e por baixo de um fino blusão de cabedal. «Quem é o taxista?», brincaram alguns dos jogadores recém-chegados à equipa, mas depressa se silenciaram quando viram que nenhum dos jogadores locais se estava a rir. O homem nas bancadas não tirou os olhos de Amat durante todo o treino, não disse uma palavra a ninguém a seguir, e voltou a aparecer no treino seguinte. E no outro, e no outro. Por fim, um dos novos jogadores voltou a perguntar: «A sério, quem é o cota?» Tal como a maioria, Amat fingiu não saber. Porém, um dos jogadores que crescera nos Montes e estava, portanto, convencido da sua própria imortalidade, respondeu com um risinho maldoso: «É o Lev! Um dos bandidos da lixeira perto de Hed! Nunca ouviste falar desses vagabundos?» O jogador não era assim tão valente no gelo, pensou Amat, mas o balneário parecia sempre um sítio seguro para homens pequeninos. Naturalmente, Amat também conhecia os boatos sobre Lev, mas a mãe ensinara-o desde cedo a não falar mal de ninguém, uma vez que nunca se sabia quando um «ninguém» podia revelar-se um «alguém».

O companheiro de equipa, por outro lado, estava a explicar alegremente a outro tudo o que sabia sobre os bandidos da lixeira, assim chamados porque se tinham apoderado do antigo ferro-velho no sopé da colina nos arrabaldes de Hed, alguns anos antes. Ninguém sabia bem de onde tinham vindo; ao princípio, era apenas Lev e mais uns poucos, mas agora dizia-se que viviam umas vinte pessoas por lá, em caravanas. Uns afirmavam que eles vendiam carros roubados, outros, que vendiam drogas e havia até quem dissesse que faziam coisas bem piores. A atmosfera no balneário tornou-se gradualmente

mais jovial, porque é um sítio onde todos os músculos relaxam, principalmente os da língua. Assim, um dos recém-chegados arriscou de novo a piada do taxista e dessa vez muitos se riram. Encorajado, o primeiro jogador fez outra piada, sugerindo que as coisas tinham sido complicadas para os bandidos da lixeira quando se instalaram no ferro-velho, porque não percebiam como haviam de enfiar os camelos debaixo do capô dos carros. Já não foram tantos os que se riram, mas ele estava lançado e continuou: «A sucata provavelmente é o maior negócio de família da região, porque aqueles macacos devem ser todos parentes uns dos outros, não é?» De súbito, todos se calaram, com olhares ansiosos na direção de Amat, como se receassem tê-lo aborrecido. O outro jogador ficou vermelho como um tomate, o que provavelmente dizia muito sobre o tipo de piadas que costumava proferir quando Amat não estava presente, mas claro que dizia ainda mais sobre os outros jogadores, que se limitaram a ficar calados. Assim, Amat fingiu não ter ouvido nada, arrumou as suas coisas e foi para casa, dizendo a si mesmo que tinha mais com que se preocupar do que com parvoíces daquelas.

Lev voltou no treino seguinte, e no outro, sem nunca dirigir a palavra a ninguém e de olhos postos apenas num jogador. Ninguém fez mais piadas a respeito dele, pelo menos em frente de Amat, mas uma sensação de silêncio cresceu dentro do pavilhão. Os velhotes que costumavam assistir a todos os treinos mudaram de lugar, para mais longe, e os jogadores relanceavam mais frequentemente para as bancadas. Ninguém disse nada a Amat, presumivelmente por estarem à espera que fosse ele a falar, como se achassem que devia pedir desculpa à equipa pelo tipo de pessoa que atraía ao rinque. Geralmente, Amat era bom nisso, a desculpar-se, mas dessa vez, por alguma razão, não o fez. Talvez estivesse cansado das piadas, ou apenas farto de se sentir responsável por tudo.

Assim se passaram quase duas semanas, até que, um dia, Amat foi ter com a rapariga do Covão para comprar comprimidos e ela abanou a cabeça. «Desculpa, não posso vender-te mais nada.» Amat,

surpreendido, perguntou: «Quem disse?» A resposta dela foi curta e direta: «O Lev.» Amat perguntou: «É ele o teu fornecedor?» Quando ela fez que não com a cabeça, Amat explodiu: «Que raio tem esse tipo a ver com o assunto, então?» Ela simplesmente encolheu os ombros: «Não quero saber. Achas que tenho vontade de me suicidar? Se o Lev diz não, é não. Não vou ficar na lista negra dos bandidos da lixeira. Fala tu com ele, se quiseres.»

Assim, no dia seguinte depois do treino, para grande surpresa dos companheiros de equipa, Amat subiu às bancadas, olhou para Lev e berrou: «TAMBÉM ACHA QUE É MEU PAI, COMO TODOS OS OUTROS TIPOS NESTA CIDADE?»

Lev estava recostado no banco; olhou diretamente para Amat, abanou a cabeça e ajeitou o fio de ouro, deixando Amat à espera tanto tempo que o rapaz já conseguia ouvir a própria pulsação nos ouvidos.

«Não sou pai de ninguém. Não precisas de um pai. És um homem feito, sim? Não precisas de um pai», repetiu, por fim. Amat não respondeu durante muito tempo e depois perguntou, em tom consideravelmente mais cauteloso: «Que é que estás a fazer aqui, nesse caso?» Lev respondeu: «Quero ajudar-te, sim?» O sotaque não deixava perceber bem se era uma pergunta ou não, e Amat murmurou: «Você e os outros cotas todos da cidade...» O rosto de Lev abriu-se num sorriso rasgado: «Achas que me pareço com os outros cotas da cidade?» Falou na língua materna da mãe de Amat, embora não parecesse ser do mesmo país que ela. «De onde é você?», perguntou Amat também na língua da mãe, embaraçado porque a falava muito mal, uma vez que a mãe era a única pessoa com quem a usava. «Não sou de lado nenhum, falo muitas línguas. Por vezes também te sentes assim, não é? Como se não fosses de lado nenhum, sim?» Lev sorriu.

De início, foi uma relação de desconfiança. Lev ofereceu a Amat boleia para casa depois do treino. Amat hesitou muito tempo e acabou por aceitar, mais por curiosidade do que por outra coisa. «Não deves usar aqueles comprimidos de caca que se comprem no Covão. Se tens dores, eu arranjo-te medicação como deve ser, sim?», disse Lev com ar

sério. Amat assentiu com um aceno de cabeça. Lev fitou-o nos olhos e perguntou: «Então tens dores, é?» Amat assentiu de novo. Era a primeira vez que o admitia, fosse a quem fosse. Lev não tocou mais no assunto e começou a fazer outras perguntas, não sobre hóquei, como toda a gente, mas sobre Amat e a mãe e como fora crescer em Björnstad. Amat começou por dar apenas respostas breves, que aos poucos se transformaram em monólogos mais longos. Falou-lhe sobre o ódio entre Hed e Björnstad, e Lev respondeu-lhe que era um ódio por pessoas com dinheiro. «A diferença entre os habitantes não é por serem de Hed ou Björnstad. Apenas há diferença entre ricos e pobres, meu amigo. Eu vivo em Hed, sim? Mas tu não és mais parecido comigo do que com um tipo dos Montes? Porque, aos olhos dele, somos iguais, tu e eu. Somos pobres. Somos seus escravos. Homens assim exigem que te sintas grato, não é, Amat? Mas grato pelo quê? Achas que esses homens ricos queriam saber de ti se não fosses bom jogador de hóquei? Eles não são como nós, Amat. Nunca faremos parte da cidade deles.»

Há muito tempo que Amat não se sentia tão compreendido por alguém.

*

– Cuidado com aquela árvore! – exclama Peter, apontando para a árvore que bloqueia metade da estrada.

Há árvores por todo o lado, como um jogo gigante de *Mikado*, e Teemu tem de abrandar constantemente, e por várias ocasiões quase se vê obrigado a sair da estrada. O telemóvel vibra novamente no seu bolso.

– Segura no volante – pede-lhe Teemu, e larga-o, obrigando Peter a debruçar-se sobre o banco.

Teemu começa a responder à mensagem enquanto Peter tenta manobrar entre os obstáculos.

– Estás a... podes... TEEMU! – grita Peter, por fim, e Teemu trava

no último instante, antes de colidirem com o que parece ser metade de uma cerca e uma banheira que fugiram de algum quintal.

Com o carro parado, Teemu continua a escrever no telemóvel.

– Parece que as pessoas hoje estão muito faladoras – murmura Peter.

– Alteraram o calendário dos jogos. Adivinha lá com quem vamos jogar na primeira jornada? Com Hed! – responde Teemu.

– Oh – diz Peter, à falta de melhor palavra.

– Há montes de boatos a circular, preciso de... – continua Teemu, e depois parece mudar de ideias.

– Boatos sobre o quê? – pergunta Peter, ainda que não queira mesmo saber.

Teemu olha para ele de lado e parece estar a debater o que deve e não deve partilhar, até que suspira e explica:

– O conselho municipal teve uma reunião esta manhã com o teu amigo Janota. O rinque de Hed abateu na tempestade e as equipas deles vão treinar todas no nosso rinque.

Peter não fala durante longos minutos. As janelas do carro estão fechadas, mas imagina sentir o vento vindo do lago, do outro lado do pavilhão onde as bandeiras estão a meia-haste, como se as suas roupas fossem demasiado finas.

– Com certeza não passa de uma medida temporária, Teemu; tu e os teus rapazes não podem...

– O conselho municipal vai aproveitar esta desculpa para unir os clubes, sabes muito bem! – interrompe-o Teemu.

Peter acena com a cabeça, hesita, estremece.

– Já tentaram juntar os clubes antes, Teemu. Eu estive nessas reuniões. Nunca será...

– Desta vez é diferente.

– Como?

Teemu franze o sobrolho.

– Porque desta vez é Björnstad que tem o dinheiro. As pessoas como o Janota têm algo a ganhar com a união dos clubes.

Assim que as palavras seguintes lhe saem dos lábios, Peter arrepende-se imediatamente de ter dito algo tão ridículo:

– Seria mesmo assim tão mau? Todos os recursos municipais dedicados a um único clube, talvez isso...

A resposta de Teemu não é agressiva, o que, de certa forma, ainda torna tudo pior.

– Este clube não pertence ao Janota, pertence-nos a nós. Se querem fundir o nosso clube com aqueles filhos da mãe de vermelho, terão de o fazer por cima do meu cadáver.

Peter olha para o colo e acena, incapaz de responder porque sabe que não é verdade. Acontecerá por cima dos cadáveres de outras pessoas, de qualquer um que se achesse no caminho. É isso que Teemu quer dizer com «pertence-nos a nós», porque ou se faz parte do «nós» ou não, e Peter sabe muito bem, por experiência própria, que o sítio mais perigoso para se estar, nesta floresta, é entre os homens e o poder. Não dizem mais nada até o carro parar em frente da casa de Peter. Agradece a boleia a Teemu, que responde com um aceno seco, e Peter diz-lhe, sem olhar para ele:

– Teemu, sei que isto não significará nada para ti porque sou eu a falar, mas tem havido paz entre vocês e os tipos de Hed há já bastante tempo, não é? Os teus rapazes seguem-te, faças o que fizeres, portanto podes optar por... bem... podes ser um instrumento ao serviço da cidade ou uma arma. E isso fará toda a diferença.

Teemu sorri, mostrando todos os dentes.

– Falas mesmo como ela.

– Obrigado – agradece Peter, baixinho.

– Mas estás enganado. Nunca houve paz. Apenas uma trégua – acrescenta Teemu, quase com tristeza.

– Qual é a diferença?

– As tréguas são temporárias.

Estende a mão e Peter aperta-a. Depois Teemu diz algo muito invulgar, para ele:

– Obrigado.

– Não tens de quê – murmura Peter.

– A sério. Obrigado por tudo o que fizeste hoje – insiste Teemu, de olhos postos no volante.

Peter não se mexe enquanto o homem mais novo arranca e se afasta, envergonhado de como as palavras dele o deixaram feliz. Quando ele e Kira se mudaram para ali, tantos anos antes, vindos do Canadá, ele prometeu-lhe que as relações com as pessoas da cidade se tornariam menos complicadas com o tempo. O que aconteceu, todavia, foi o oposto. Tudo e todos estão ligados por laços ainda mais fortes, ao ponto de as pessoas mal se conseguirem mexer.

*

Uma noite, quando Lev levava Amat a casa, perguntou-lhe o que planeava comprar depois de se tornar profissional. «Um *Mercedes* e uma casa para a minha mãe», respondeu o rapaz. Lev sorriu. «É isso que ela quer?» Amat riu-se e abanou a cabeça. «Não, ela só quer uma máquina de lavar louça que funcione.» Lev riu-se perdidamente, com o riso a sacudir-lhe a barriga. «Prometo-te que te ajudo a conseguires um contrato com a NHL para poderes contratar empregados para a tua mãe. Ela nunca mais terá de lavar um prato, sim?» Entregou a Amat uma caixa pequena de comprimidos de farmácia para as dores do pulso. Amat hesitou, depois deu-lhe o telemóvel. A partir daí, sempre que algum agente ligava, era Lev que atendia.

Da vez seguinte que o foi levar, Lev comentou durante o caminho: «Dizem que o hóquei é um desporto de contacto, sim? Que é por causa da violência no gelo. Tretas! Fora do gelo é que é violento! Um desporto de contacto? Todo o desporto se baseia em ter contactos! Quantos jogadores da NHL se parecem contigo, Amat? Quase nenhum! Porquê? Porque nenhum dos treinadores se parece contigo. Porque aqueles ricalhaços só querem dar trabalho uns aos outros. Eles unem-se, sim? É por isso que vencem. É por isso que mantêm pessoas como nós afastadas do poder e do dinheiro.» Amat concordou com um

aceno. Lev continuou a assistir a todos os treinos e tiveram a mesma discussão vezes sem conta enquanto ele o levava a casa, no Covão, depois do treino. Os dias foram crescendo, a luz do dia ficando mais generosa, e o verão vinha a caminho. Da sua varanda, certa noite, Amat viu um grupo de pessoas a acenderem velas na colina. No dia seguinte, descobriu que o irmão da rapariga a quem comprava a bebida se metera numa luta, noutra cidade, e acabara esfaqueado. Estava no hospital, em estado grave. No dia seguinte, Björnstad tinha um jogo fora e, na parte de trás do autocarro, a caminho do jogo, os companheiros de equipa de Amat, que nunca tinham posto os pés no Covão, falaram sobre o caso. «Foi por causa de drogas», disse um. «Como sabes?», perguntou outro. «Achas que foi esfaqueado por coincidência? Quer dizer, sabes de onde ele é, e como é o ambiente por lá...»

Amat não disse nada, mas ouviu tudo.

Bobo, o melhor amigo de Amat na equipa e que, por essa altura, era assistente de Zackell, a treinadora, estava sentado na parte da frente do autocarro e não ouviu nada. Não era por sua culpa que já não estava a par das conversas de balneário, pois andava ocupado com o trabalho. Ele e Amat cada vez passavam menos tempo juntos fora do gelo. Amat não sabia se era culpa sua ou de Bobo, mas sentia que já não tinham nada em comum. Porém, mesmo antes do jogo, Bobo perguntou a Amat se estava tudo bem, e talvez Amat devesse ter-lhe contado a verdade nessa altura, mas, em vez disso, respondeu: «Sim, tudo.» Bobo sorriu. «Ainda bem... Parecias-me zangado. Se houver algum problema, diz-me. Estamos a contar contigo hoje, superestrela!» Não o disse por mal. Ainda assim, Amat ficou furioso.

A um minuto do final do jogo, as equipas estavam empatadas e Björnstad beneficiou de uma falta na zona ofensiva. Zackell pediu uma pausa para falar com os jogadores e reuniu toda a equipa junto do banco. Todos esperaram pelas instruções táticas da treinadora mas, em vez disso, ela olhou para Amat e perguntou: «O que achas?»

Amat devia ter percebido que a intenção da treinadora era pô-lo à

prova, mas estava demasiado cansado, demasiado zangado. Assim, respondeu à bruta: «O que é que eu acho? Sobre a tática? A tática é darem-me o disco e saírem-me da frente!»

Virou-lhes costas antes que alguém tivesse tempo de intervir. Deram-lhe o disco, ele marcou e ninguém festejou com ele. Nem sequer Bobo.

Depois do jogo, Zackell reuniu a equipa, mas Amat já lá não estava; subira para as bancadas ao encontro de Lev e apanhara boleia com ele para casa em vez de ir no autocarro da equipa. E foi assim que ganhou um jogo e perdeu um balneário.

*

O comboio finalmente chega à estação e Maya levanta-se e ajuda o homem mais velho a tirar uma vez mais a mala para baixo. Ele enfia os relatórios anuais na pasta, põe o chapéu castanho na cabeça, pega no chapéu de chuva e faz uma pequena vénia. Ela ri-se e retribui da mesma maneira. Despedem-se na plataforma e Maya não volta a pensar nele, mas ele pensa mais nela do que nunca.

Uma mulher de trinta e poucos anos espera-o ali perto, com um casaco grosso e um gorro de lã enterrado até aos olhos, como as pessoas que não são da região costumam fazer nesta época do ano. Esperam que Maya se afaste antes de se abraçarem.

– Olá, pai – cumprimenta-o a mulher.

– Olá, senhora editora-chefe – responde ele, com uma risada e uma vénia.

Mas ela percebe o orgulho por trás do tom sarcástico. Quando era pequena, sempre disse que queria ser jornalista como ele, e ele sempre resmungou que não se matara a trabalhar uma vida inteira para ela ser uma coisa tão pouco civilizada! Mas, no fundo, é óbvio que adora que ela tenha saído a ele e não à mãe.

– Fizeste boa viagem? – pergunta ela.

– Porque pareces tão preocupada?

Tinha saudades de ver aquela ruga na testa da filha.

– Sabes muito bem, pai! Falaste com a rapariga? Com a Maya?

– O caminho todo – responde ele alegremente.

A filha solta um suspiro. Dois minutos com ele, e o pai já lhe está a arranjar dores de cabeça, como de costume.

– E não lhe disseste que és jornalista? Nem o que estavas a fazer aqui?

– Isso teria sido contraproducente – ri-se ele.

– Não é ético, pai, pode prejudicar toda a investigação...

Ele agita o chapéu de chuva com indiferença e começa a caminhar pela plataforma.

– Ético? Disparate. Ela é filha do Peter Andersson. Sabes o que me disse? «O meu pai é daqueles que nunca quebram qualquer regra.» É a citação perfeita para iniciar toda a série de artigos! Que é que eu sempre te disse sobre quantos pensamentos as pessoas têm na cabeça ao mesmo tempo?

– Pai, por favor... – queixa-se ela, mas não consegue conter o riso.

– Quantos?

– Um. As pessoas só conseguem ter um pensamento na cabeça, pai.

Ele assente com um aceno tão convicto que o chapéu castanho quase escorrega. Ela desata a rir porque é tão típico dele; há sempre um pormenorzinho estúpido que o distingue da multidão. Quando era pequena, o pai usava uma gravata de laço quando toda a gente usava uma gravata normal, tinha um relógio de bolso em vez de relógio de pulso, andava sempre contra a maré de uma maneira qualquer. Ele fixa os olhos nela.

– Exatamente. E o Hóquei de Björnstad só escapou impune durante tanto tempo porque pessoas como o Peter são consideradas acima de qualquer suspeita. Especialmente depois do que aconteceu à filha dele! As pessoas só conseguem seguir um pensamento de cada vez, e, neste momento, o Hóquei de Björnstad está do lado de tudo o que é bom, decente e honesto. É o clube da família Andersson, o clube que teve um jogador abertamente homossexual, o clube com a maior

estrela do lado mais pobre da cidade, que só foi descoberto para o hóquei porque a mãe limpava o rinque de gelo. Já *leste* aquela brochura que me mandaste? «Ser patrocinador do Hóquei de Björnstad não é apenas fácil, é também a coisa certa a fazer!» A sério, já ouviste alguma coisa mais arrogante?

A filha respira fundo, recorrendo a toda a sua paciência.

– Pai, ouve: estou grata por teres vindo. A sério. E quero o mesmo que tu, mas temos de fazer isto... bom, tu sabes ... segundo as regras. Tenho uma fonte no município que me diz que os políticos estão a considerar seriamente a possibilidade de unir os clubes de Hed e Björnstad, e isso dar-lhes-ia a oportunidade de estabelecer todo um novo processo financeiro e enterrar quaisquer vestígios de desfalques e corrupção... mas tenho de fazer isto *como deve ser*, pai. Não quero que se torne... pessoal.

Ele ergue os braços para o céu, com a barriga a abanar por baixo da camisa de xadrez. Tem pelo menos mais dez quilos do que da última vez que ela o viu. A barba está mais grisalha, a tosse de fumador parece pior.

– Como pode *não* ser pessoal? O Hóquei de Björnstad está a usar a sua imagem politicamente correta como escudo para se proteger de todo o escrutínio. Afinal de contas, nem mesmo os teus repórteres se atrevem a ir contra eles!

Uma sombra passa-lhe pelos olhos e, mesmo ao fim de tantos anos, o pai ainda se surpreende com a rapidez com que o estado de espírito dela muda.

– São bons jornalistas, pai. Mas tu não vives aqui. Não sabes como é. Não vamos atacar apenas um clube de hóquei, mas toda a economia local. O ganha-pão das pessoas.

Ele levanta a cabeça, subitamente mais compreensivo.

– Está bem, está bem, tens razão. Desculpa.

– Tens de ser cuidadoso. E se vamos *começar* logo com um ataque ao Peter Andersson, tens de perceber... e isto é sério... que ele não é só uma pessoa qualquer por estes lados. Tem amigos poderosos. E...

violentos.

O pai agita o chapéu de chuva.

– Não valia a pena ter vindo se fosse para estar com medo, pois não? Se queremos desmascarar um escândalo, precisamos de uma boa história! E sabes quem é uma boa história? O Peter Andersson!

– Ah, as saudades que eu tinha dos teus sermões... – diz ela com um sorriso.

Ele interrompe-a bruscamente.

– Não sejas ridícula. Não me chamaste por ser teu pai, chamaste-me porque queres arruinar as vidas destes filhos da mãe e ninguém o faz melhor do que eu!

Parece tão satisfeito com essa última frase que se esquece de apoiar o chapéu de chuva no chão quando dá o próximo passo e quase cai. Ela segura-o. Sente como ele envelheceu. Murmura:

– Estavas doido por isto, não estavas? Por voltar a ter um inimigo?

Ele coça a barba.

– É assim tão óbvio?

Foi em tempos o melhor repórter do seu jornal, o jornalista que derrubava celebridades e políticos, aquele que os ricos e poderosos temiam encontrar a remexer nas suas vidas. Mas isso é passado; agora o jornal dá os trabalhos melhores aos talentos mais jovens e, hoje em dia, ele é mais uma mascote do que um repórter.

– Isto vai ser muito difícil, pai, a sério.

– É assim que sabemos quando uma coisa vale a pena, miúda.

Detesta que ele a trate por «miúda», mas já tinha saudades de o ouvir.

Johnny cumpre a promessa de chegar a casa a horas de jantar, desde que Hannah e os miúdos estejam dispostos a fingir que dez e meia da noite é uma hora normal para jantar. Veem que ele está envergonhado, portanto não dizem nada, porque veem também que ele tem estado a trabalhar arduamente na floresta e que está exausto. A estrada entre as duas cidades continua um caos de árvores e detritos, mas já está desimpedida o suficiente para que o pessoal hospitalar que reside em Björnstad possa ir trabalhar em Hed. Hannah, em bicos de pés na cozinha, beija a nuca do marido.

– Foste buscar a carrinha? – pergunta, e todo o sangue se esvai do rosto dele.

– Eu... raios! Amanhã! Peço a um dos rapazes que me deixe lá logo de manhã, e depois venho a casa e levo os miúdos ao treino!

Ela não tem energia para discutir.

– Está bem, resolvemos esse assunto amanhã. Vou só pôr a roupa a lavar e já venho tratar do jantar... – diz com as pálpebras a fecharem-se.

Mas Tess, a filha mais velha e super-irmã, aproxima-se, põe o braço à volta dela e diz:

– Está sossegada, mãe. Vai tomar um banho quente. Eu trato da roupa e o pai pode orientar o jantar.

Tess já limpou a casa enquanto a mãe ajudava os irmãos com os trabalhos de casa. Por vezes, Hannah desata a chorar do nada, de tão culpada se sente pelas responsabilidades que é obrigada a impor à filha de dezassete anos. Tess é prejudicada por ser tão organizada – quando uma pessoa mostra que tem capacidades, ainda lhe dão mais coisas para fazer. É o lado mau de ser uma rapariga inteligente.

– Obrigada, querida, mas eu... – começa Hannah a dizer.

– Esta oferta expira dentro de cinco, quatro, três, dois... –

interrompe-a Tess, e a mãe ri-se e dá-lhe um beijo no cabelo.

– Está bem, está bem, obrigada! Vou só tomar um duche rápido.

Johnny reivindica o fogão e frita *schnitzels*, o prato preferido dos rapazes. Ture, de sete anos, está deleitado por ainda estar a pé, tanto tempo depois da hora habitual de ir para a cama. Tess põe a mesa e coloca o seu próprio prato numa das cabeceiras, não porque faça questão de lá se sentar, mas porque se Tobias e Ted tiverem oportunidade de discutir para ver quem fica com o lugar ainda se matam um ao outro. Tobias pode ter quinze anos e Ted apenas treze, mas Ted já é quase tão alto e forte como o irmão. E já é melhor jogador de hóquei também, embora ninguém na família demonstre ter-se apercebido disso para não ferir os sentimentos de Tobias. Não tem nada a ver com genes ou talento, é apenas porque Tobias não é fanático por hóquei e gosta também de outras coisas: raparigas e festas e jogos de computador. A única coisa em que Ted pensa, excluindo tudo o resto, é em hóquei. Se não tem treino com a equipa, remata discos contra as paredes da cave até abrir buracos, ou treina no caminho de acesso à casa durante horas seguidas. Por vezes, é preciso obrigar Tobias a ir treinar, enquanto com Ted o problema é arrancá-lo dos treinos. Assim que o lago congela, lá está ele todas as manhãs, a limpar a neve à pazada, para poder jogar com os amigos antes da escola.

– A estrada já está limpa, pai? Podemos ir treinar amanhã? – pergunta agora, ansioso.

– Sim, já se deve conseguir passar – confirma o pai com um aceno, cansado mas orgulhoso.

Tobias não consegue conter um gemido.

– Temos mesmo de treinar naquele rinque horrível em Björnstad?

Tess riposta:

– És estúpido, ou quê? Viste bem o estado em que ficou o nosso rinque? O teto abateu todo!

Johnny lança-lhe um olhar de gratidão. Ultimamente, a filha assume cada vez mais amiúde o papel de adulto responsável da casa,

salvando-lhe o couro.

– Não chames «estúpido» ao teu irmão – murmura.

– Desculpa. Toby, és uma centelha rutilante! – declara a filha.

– Que é que isso quer dizer? – pergunta Tobias, desconfiado.

O pai ri-se até que Ture exclama de repente, da sua cadeira:

– Temos de usar o rinque de Björnstad porque o rinque de Hed é uma *merda*!

Tess manda-o calar, mas Ture, com ar surpreendido, insiste:

– Foi o que o pai disse!

Johnny esfrega a testa com as pontas dos dedos.

– Não foi... não era isso que eu queria dizer. Estava só arreliado esta manhã, ao telefone.

Todos os filhos pensam com os seus botões que «arreliado» é muito pouco para a cena de manhã, mas – inesperadamente – é Ted que fala:

– Por acaso, o nosso rinque é *mesmo* uma merda. O de Björnstad é mil vezes melhor. Sabias que têm lá um jardim de infância? Imagina só como devem ter mais tempo no gelo do que nós, em Hed.

Johnny descarrega toda a sua frustração na frigideira, virando os *schnitzels* com tal violência que a margarina salpica e queima-lhe o pulso sem que ele reaja. No mundo de Ted, é só isso que interessa: tempo no gelo. Ano após ano, a equipa dele tem de lutar cada vez mais para o conseguir, no meio dos treinos de todas as outras equipas e dos patinadores artísticos, sem falar nas sessões abertas ao público em geral, que o conselho municipal insiste em ter todos os fins de semana. E agora, como será?

– Alguém devia largar uma bomba em Björnstad e rebentar com aquela cidade de merda toda – resmunga Tobias.

É dois anos mais velho do que Ted e já tem idade para começar a encontrar rapazes de Björnstad em festas. Já tem idade para se envolver em lutas com eles com bastante frequência também.

– TOBY! – ralha Tess, para que o pai não tenha de o fazer.

– Que é? Toda a gente nos odeia em Björnstad. E nós também os

odiamos. Não vale a pena mentir.

– Está calado, Toby. Nós não odiamos ninguém – opõe-se Johnny, sem grande convicção.

– Mas foste tu que o disseste, pai!

– Só quando... só no hóquei... quando as equipas de hóquei se enfrentam... É só uma maneira de falar... – balbucia Johnny.

– Nós *jogamos* na equipa de hóquei, pai!

Johnny não tem resposta para isso. Aquele patifezinho tem razão.

– Achas que veremos a equipa principal treinar amanhã? – interrompe Ted, de súbito, em tom esperançoso.

– Não sei se a equipa principal de Hed vai... – começa Johnny, que não percebeu.

– Ele está a falar da equipa principal de Björnstad. Quer ver o Amat – explica Tess, delicadamente.

– O Amat? Esse rapaz joga na equipa errada! – responde Johnny instintivamente.

– Ele vai jogar na NHL! – exclama Ted, no tom de absoluta certeza de que só um rapaz de treze anos é capaz.

Johnny devia ter ficado de boca fechada. Se Hannah não estivesse a demorar tanto tempo no duche, ter-lhe-ia dado uma palmada na perna antes de o marido dizer, com uma risada:

– O Amat? Na NHL? Nem sequer foi recrutado! Houve muita conversa em Björnstad na primavera, até parecia que o Amat era o melhor jogador do mundo! E o que aconteceu? Nada! Voltou para casa e agora, ao que parece, está «lesionado». Se calhar foi um bocadinho inflacionado o valor dele, como o de Björnstad em geral!

Odeia-se a si mesmo ainda enquanto as palavras lhe saem da boca. Hannah diz que o hóquei traz ao de cima o pior nele, por vezes, mas é claro que isso não é verdade. É apenas o Hóquei de *Björnstad* que traz ao de cima o pior nele. Tobias exclama, perdido de riso:

– Caraças, o Amat é do pior!

– Ele vai jogar na NHL! É melhor do que qualquer jogador de Hed! – insiste Ted num murmúrio, em tom de desafio.

– Bolas, estás mesmo apaixonado por ele – troça Tobias, e um segundo depois estão enrolados um no outro, em cima da mesa da cozinha, com Tess aos gritos e Ture a incentivá-los.

Johnny deixa a frigideira e corre para agarrar num dos filhos, qualquer um, e pôr fim à confusão. Hannah, lá em cima no duche, ouve-os e pensa consigo própria que realmente faz todo o sentido Johnny dizer que ela é que é a mais «sensível» da família. Claro que sim.

Lá em baixo, na cozinha, Johnny berra:

– ACABEM COM A LUTA! Por amor de Deus, estou a tentar cozinhar... TOBY! Acaba com isso e pede desculpa ao teu irmão. Claro que o Ted não está apaixonado pelo Amat. Francamente, ele nem sequer é...

Johnny detém-se e pigarreia quando sente o olhar desaprovador da filha sobre si. Assim, corrige-se, meio atrapalhado:

– Quer dizer, se fosse, não tinha mal nenhum. Mas... não é. Pois não?

Olha para a filha, para confirmar se disse a coisa certa. Ela revira os olhos. Não é fácil não dizer disparates, nos tempos que correm, pensa ele. Respira fundo e continua:

– Se continuarem a lutar, estás proibido de jogar no computador, Toby. E tu não podes ir ao treino amanhã, Ted!

É a única coisa que resulta. Ambos se acalmam imediatamente, Ted ainda primeiro que o irmão. Tess revira os olhos outra vez. Johnny pensa em contar uma piada para fazer rir Ture, que é o único da família que ainda aprecia as suas graçolas, mas, antes que tenha tempo de o fazer, o telemóvel de Tess vibra com uma mensagem. Depois outra. Logo em seguida, o de Tobias começa também a vibrar. Johnny inclina-se sobre o ombro de Tess quando ela abre a imagem que toda a gente da escola está a fazer circular *online*. É uma fotografia da placa que assinala a entrada na cidade de Björnstad, na estrada da floresta, mesmo na fronteira com Hed, e alguém a enrolou em cachecóis verdes. Por baixo, penduraram uma grande folha de

chapa com uma mensagem pintada em *spray*: «O NOSSO RINQUE É NOSSO! VÃO PARA CASA, CABRÕES!»

*

Amanhã, todas as equipas de juvenis e infantis de Hed terão de passar por ali, os mais novos são da idade de Ture, e essas são as palavras que os receberão. Tess apaga a fotografia. Johnny não diz uma palavra, mas pensa em como gostaria de ligar a um dos repórteres do jornal local, que ultimamente estão sempre a escrever coisas bonitinhas sobre o amoroso Hóquei de Björnstad e o seu bonito e adorável «sistema de valores», e perguntar-lhes se é a isto que se referem. Serve o jantar de maxilar apertado, depois senta-se à mesa. Comem em silêncio até que Tess tenta pedir a Tobias que largue o telemóvel com uma série de gestos secos. Ele obedece, mas não sem antes resmungar:

– Já acreditam em mim? Eu não disse? Eles odeiam-nos!

*

Dessa vez, ninguém protesta.

Regressar a casa

«É tão fácil enganar as pessoas. Estão tão dispostas a acreditar em toda a merda, que é possível fazê-las acreditar seja no que for com um bocadinho de esforço.»

Foi o que Adri Ovich explicou ao irmão mais novo muitos anos antes, depois de o pai deles se ter embrenhado pela floresta com a espingarda, quando alguns dos miúdos mais velhos da rua onde eles tinham crescido começaram a espalhar boatos sobre o motivo. Cada boato era mais ridículo do que o anterior, claro está, sugerindo que Alan Ovich devia dinheiro à máfia, ou que tinha na realidade sido assassinado por ser um criminoso de guerra em fuga que finalmente fora descoberto pelos seus inimigos. «As pessoas são estúpidas. Não lhes dê ouvidos. Dá-lhes um soco na cara, se quiseres, mas não lhes dê ouvidos», sugeriu Adri ao irmão, e ele assim fez, e ambas as sugestões resultaram bem.

Porém as pessoas continuam mesmo a ser estúpidas, na opinião de Adri, e é por isso que ela prefere animais. É também por isso que vive na floresta e não na cidade, o que normalmente é uma bênção, mas não nos dias depois de uma tempestade. Teve a ajuda das irmãs, Gaby e Katia, mas mal conseguiram começar a limpar a destruição. Repararam a cerca em torno do canil e retiraram os detritos do pátio, mas o celeiro, que foi convertido num estúdio de artes marciais, levou uma boa tarefa e vai precisar de muito trabalho. A eletricidade ainda vai e vem, e as estradas continuam intransponíveis em muitos sítios. Adri, no entanto, não se queixa e diz a si própria que, mesmo assim, ela está melhor do que muitas pessoas. Os caçadores que lhe compram os cães, e atualmente isso inclui quase todos os caçadores de Björnstad e Hed, conhecem cada árvore nas imediações. Disseram-lhe de antemão quais as que precisava de deitar abaixo. Salvaram-na, a ela, à casa e aos cães.

Ouve-os a ladrar. Estão sempre a ladrar, claro, mas, desta vez, ela interrompe o que está a fazer e endireita-se. Sabe o que se passa antes mesmo de o ver aproximar-se. Quando uma pessoa dedica a vida toda aos cães, sabe reconhecer todas as *nuances* dos seus latidos. Adri percebe de imediato quando estão a ladrar a um animal ou a uma pessoa, e se o fazem para marcar território, por proteção ou por medo. Muitas vezes são os mais novos que sentem a necessidade de se afirmar, mas desta vez só os cães mais velhos estão a ladrar, aqueles que ela nunca vendeu, os que fazem parte da família desde cachorrinhos. E estão a ladrar de alegria.

É tão fácil enganar as pessoas, pensa Adri enquanto começa a correr. Benji vem a pedalar pelo caminho de cascalho e a irmã sabe que é ele antes de lhe ver a silhueta, reconhece-o pelos latidos alegres, esfuziantes e eufóricos e pelo raspar sôfrego das patas dos cães contra a cerca. Correram tantos boatos sobre o irmão mais novo nos últimos dois anos, porque é muito fácil enganar as pessoas: diziam que ele era uma decepção, que não estava preparado para defender quem era, que desistiu do hóquei e se foi embora por ser um covarde. Que não é mais do que um bêbado e um drogado nos dias que correm, que não vale nada. Mas é impossível enganar os cães.

*

Os cães conhecem tudo o que há de melhor em nós.

*

Maya nem sequer pensou em como irá da estação de comboio para casa, em Björnstad. Fica alguns segundos parada na plataforma, confusa, a pensar que afinal foi estúpida por ter dito a Ana que não era preciso ir buscá-la, mas depois ouve alguém a chamá-la da estrada.

– Maya! Que bom ver-te! Queres boleia?

É um dos vizinhos da sua rua, com a cabeça de fora do carro, e Maya lembra-se de como é viver aqui; há sempre alguém que vai na mesma direção. Onde quer que uma pessoa esteja, corre sempre tudo pelo melhor, há sempre alguém disposto a ajudar. Não sabia que sentiria falta disso.

Faz conversa de circunstância com o vizinho pelo caminho, mas, quanto mais se aproximam de Björnstad, mais calada fica. Quando atravessam Hed, Maya mal consegue respirar.

– Incrível, não é? Parece que houve uma guerra... – comenta o vizinho com um aceno.

Maya já acordou em dias depois de tempestades, mas nenhuma como esta. Não imagina como é que será tudo reparado e não faz sequer ideia de quanto isso custará.

*

Benji pedala pelo caminho de terra na floresta, dois anos mais velho do que era quando as irmãs o viram pela última vez, e muito mais magro. Tem a pele mais morena e o cabelo comprido e mais claro, mas o sorriso é o mesmo. Adri larga tudo e corre, arranca-o da bicicleta e beija-lhe o cabelo e diz-lhe que é um imbecil sem juízo e que o adora.

– Como é que chegaste até aqui? Porque não ligaste? De quem é essa bicicleta? – pergunta.

Ele encolhe os ombros, sem deixar claro a qual das perguntas está a responder. Os cães conseguem escapar-se do pátio e atiram-se para os braços dele, rapidamente seguidos por Gaby e Katia. Quando a mãe ouve a agitação lá fora e sai de casa, primeiro quase perde as forças nas pernas, e depois corre pelo pátio, já com um ralhete nos lábios, na língua da sua terra natal, uma vez que este país não tem, nem de longe nem de perto, adjetivos suficientes para descrever as imprecações e ameaças que o filho merece depois de ter andado por esse mundo fora como um vagabundo, sem telefonar à mãe tantas

vezes como devia. Depois abraça-o com tanta força que as suas costelas estalam, e murmura-lhe que morreria sem sentir o coração dele, e que mal ousou respirar desde que ele partiu porque não queria soltar dos pulmões o último ar que ele respirara. Benji sorri, como se só tivesse estado fora duas ou três horas, e sussurra-lhe que a ama, e depois as irmãs caem-lhe em cima porque está tão escanzelado e, se morresse à fome, a mãe nunca mais se calaria com isso, e como haviam elas de aguentar, por que raio é que só pensa nele, o raio do miúdo mimado? Depois choram com os rostos no cabelo dele, e a seguir vão comer.

*

O vizinho deixa Maya em frente de casa e ela agradece-lhe tão efusivamente que ele responde:

– Não deu trabalho nenhum, não é preciso estares com esses disparates da cidade grande.

Maya pensa com os seus botões que ainda bem que não se ofereceu para pagar a gasolina, caso contrário teria provavelmente levado um sopapo, e não consegue conter um sorriso. Apanha uns pedaços de madeira e outros detritos do canteiro das flores, antes de abrir a porta da casa da sua infância. A porta está só no trinco, como é costume. Costumava achar isso perfeitamente natural, mas agora pensa que é uma daquelas coisas loucas e excêntricas que as pessoas só fazem em Björnstad.

Lá dentro, parece tudo igual. As mesmas mobílias, o mesmo papel de parede, a mesma vida de todos os dias. Como se os pais achassem que podiam enganar o tempo, se se recusassem a admitir a sua passagem. Maya detém-se nas escadas e inspira os cheiros do lar, passando os dedos pelas fotografias nas paredes, dela e dos irmãos. A fotografia mais antiga é de Isak. Os pais que perdem um filho nunca mais voltam a confiar no universo. Uma vez, Maya ouviu o pai admitir isso ao telefone; não sabia com quem ele estava a falar, mas

disse que por vezes pensava que todas as bênçãos que lhe haviam sido concedidas tinham sido a causa pela qual Deus, ou quem quer que fosse, achara necessário repor o equilíbrio, levando-lhe Isak. Peter Andersson tinha uma mulher que o amava e três filhos lindos e uma carreira como jogador de hóquei profissional na NHL, e depois como diretor-geral no clube que o formara, e ninguém pode ter tudo – devia ser isso que ele estava a pensar. É, ao mesmo tempo, de um altruísmo admirável e de um egocentrismo absurdo, Maya lembra-se de ter pensado. Como se os filhos só tivessem vidas boas ou passassem maus bocados porque os pais estavam em dívida ou em crédito em algum sistema de regras cósmicas. Mas talvez ter filhos seja assim, ela não sabe – se calhar, quem tem filhos não consegue evitar ficar completamente estúpido.

Respira fundo, ali, sozinha nas escadas. Por vezes as memórias de tudo o que aconteceu são como choques elétricos, às vezes acorda aos gritos no meio da noite, mas, sempre que vem a casa, é-lhe um pouco mais fácil não pensar em Kevin. De cada vez cresce mais um bocadinho, e a sua armadura torna-se mais forte e mais resistente. Sempre que liga aos pais, ainda ouve nas suas vozes que o mesmo não se aplica a eles. Estão presos naquele momento, continuam convencidos de que é tudo culpa deles. Quando o pai de Maya estava sentado com ela no hospital, depois da violação, perguntou-lhe o que podia fazer por ela e a única coisa que Maya conseguiu responder, no seu desespero, foi: «Podes amar-me.» E ele assim fez. Toda a família o fez. Por vezes, sente que os arrastou consigo para um buraco negro, e que, quando ela se içou para fora, eles ficaram lá no fundo. Não importa que saiba não ser verdade. O sentimento de culpa é sempre mais forte do que a lógica.

Sobe silenciosamente as escadas que só ela e Leo conseguem subir até acima sem fazer os degraus ranger. Entra no quarto dos pais. O pai está em frente do espelho, a praticar o nó da gravata, mas os dedos não lhe obedecem e tem o rosto ensombrado pela tristeza.

– Olá, pai.

A sua palavra preferida. «Pai.» Ele nem se vira, porque pensa que está a imaginar coisas. Ela tem de repetir, mais alto. Peter olha para ela pelo espelho e pisca os olhos, confuso.

– Querida?... *Querida!* Mas o que... o que estás a fazer aqui?

– Quero ir ao funeral da Ramona no domingo.

– Mas como... como é que vieste?

– De comboio. Bom, até onde consegui. Depois apanhei boleia. As estradas estão um caos, deve ter sido completamente insuportável durante a tempestade. Como estás, pai?

Todas as palavras se derramam num ímpeto e ele ainda não conseguiu assimilar que ela está mesmo ali.

– Então e... e a escola? – consegue perguntar enquanto a abraça, sem conseguir deixar de ser pai.

– Não te preocupes com a escola – diz ela, com um sorriso.

– Mas como... como é que sabias que o funeral é este fim de semana?

Maya sorri com condescendência da ingenuidade dele.

– A época da caça ao alce começa para a semana. E depois o hóquei. Quando é que haviam de a enterrar?

Ele coça o cabelo com a gravata.

– Oh, querida, não precisavas de vir por causa do funeral da Ramona. Ela...

– Estou aqui por ti, pai – murmura ela.

Sente-o quase desfazer-se num montinho de poeira.

– Obrigado – diz ele, com dificuldade.

– Que posso fazer, pai?

Ele tenta sorrir e encolhe os ombros, num gesto tão lento e abatido que é como se fossem portas de um celeiro penduradas em dobradiças gastas. Quando se voltam a abraçar, ela é a adulta e ele, a criança.

– Podes amar-me, joaninha.

– Sempre, pai.

Ouvem o som da porta a abrir-se lá em baixo. Kira entra em casa e estaca por uma fração de segundo ao ver os sapatos da filha no chão,

e o seu coração de mãe dá um salto. Lá em cima, Maya larga o pai com um sorriso quando ouve os estrondos e gritos, e espera-a de costas para a cama, porque, quando a mãe subir as escadas a correr e irromper pelo quarto e atirar os braços à volta do pescoço da filha, Maya quer ter um sítio macio onde aterrar.

*

Nessa noite, antes que qualquer outra pessoa além da família saiba que ele está de volta, Benji sai sorrateiramente de casa da irmã e pedala até ao ringue de gelo. As estradas estão cheias de árvores tombadas e o parque de estacionamento coberto de detritos, mas o ringue parece quase completamente incólume. Como se Deus, Ele próprio, tivesse revelado de que lado está. Benji força uma das janelas das casas de banho, na parte de trás, e entra. Depois deambula pelo pavilhão, acometido por recordações de infância. Quantas horas passou ali? Conseguirá um dia voltar a ser tão feliz como nessa altura? Alguma coisa lhe voltará a saber tão bem como deslizar pelo gelo com o melhor amigo e jogar contra todo o mundo? Não parece possível.

Às apalpadelas, encontra o interruptor das luzes junto das laterais do gelo. Não acende as luzes principais do teto porque o vigilante as veria de casa e correria para cá e seria uma grande confusão. Ao fundo da sala de material, Benji encontra um velho par de patins do seu tamanho. Calça-os e aperta-os tanto que fica com os pés dormentes, e depois dirige-se para a luz. Sabe exatamente quantos passos pode dar antes de ter de levantar o pé do chão para descer para o gelo. De todas as coisas que adorava no hóquei, não há provavelmente nenhuma que adorasse mais do que essa. Após mil jogos e um milhão de treinos, os seus pulmões e o seu estômago ainda sentem sempre que estão a saltar de uma falésia. Tudo o mais desaparece com aquele primeiro deslizar pelo gelo, onde encontrou a liberdade durante toda a infância. E apenas ali. Era o único sítio no mundo inteiro onde sempre soube exatamente quem era e o que se

esperava dele. Sem confusão, sem medo.

Desliza agora, em círculos penosos, cada vez mais largos e mais rápidos. Trava junto da marca de penálti, bate com o patim no gelo, nostálgico. Era tudo tão simples quando chegou ao rinké pela primeira vez, em criança, tudo tão óbvio; o desporto era como uma língua mágica que ele fora especialmente escolhido para compreender. Adorava o ritmo dos outros corpos, as colisões, as respirações ofegantes, os cortes no gelo, os gritos desesperados do público quando a partida dava uma volta inesperada. O bater frenético dos *sticks*, o rugido nos seus ouvidos quando voavam juntos, em frente: imparáveis, inseparáveis, imortais. Não sabe o que é feito dessa parte dele, quando é que se perdeu tão completamente, mas nunca voltou a ser o mesmo sem Kevin.

E Benji nunca se perdoou de facto por continuar a sentir-se assim.

Por isso, dois anos antes, pôs um disco no saco e continuou a viajar, e só parou quando conseguiu pousar o disco em cima do balcão de um bar numa parte do mundo onde ninguém sabia o que raio era aquilo. Não havia lá turistas. Deixou um lugar onde sempre fora diferente por dentro, e encontrou outro onde era diferente por fora. Não sabe o que esperava alcançar. Nada, talvez. Se calhar tinha apenas esperança de silenciar o ruído na sua cabeça. O caos no seu peito. De certa forma, talvez até tenha sido bem-sucedido, porque agora, enquanto olha para o desenho enorme do urso furioso pintado no círculo central, espera sentir alguma coisa, seja o que for, mas não surge nada. Nem desejo, nem ódio, nem um sentimento de pertença ou de exclusão. Está simplesmente cansado. Muito, muito cansado.

Descalça os patins, arruma-os onde os encontrou, apaga as luzes e sai pela mesma janela por onde entrou. Depois atravessa lentamente o parque de estacionamento, deixa a cidade para trás e mete-se pela floresta. O chão está levantado, a terra revolta. Deixou a bicicleta no rinké, não é sua; já nada aqui é seu, na verdade. Quando o vento vira costas à cidade, ele está sentado no cimo de uma árvore, como costumava fazer quando era pequeno.

*

Matteo passa o dia todo à procura da sua bicicleta na parte da cidade onde a deixou durante a tempestade, depois de a corrente saltar. Só a encontra na manhã seguinte, muito mais longe do que o vento a poderia ter levado: muito bem arrumada, contra a parede do ringue de gelo. Alguém a encontrou, arranjou a corrente e depois usou-a sem se sentir culpado, ao ponto de nem a tentar esconder a seguir. Matteo não fica surpreendido, tendo em conta onde a encontrou, no ringue. Os tipos do hóquei aprendem desde pequenos que todas as coisas lhes pertencem. Que todas as pessoas lhes pertencem.

*

O primeiro gelo chega a Björnstad e a Hed nessa noite. O silenciador do universo. Traz consigo um estupor que as palavras nunca conseguirão descrever. Se perguntarem a qualquer pessoa que tenha deixado a região do que é que sente mais falta da floresta, provavelmente dirá que é desse primeiro gostinho do inverno, a melancolia de um verão que passa, de um outono que, aqui, parece não durar mais do que um instante. Os pássaros tornam-se ariscos, o lago congela, em breve veremos o nosso hálito à frente do rosto e os nossos passos atrás de nós. O ar arrefece, tudo range a cada manhã, a neve ainda não chegou a sério, mas é preciso limpar a primeira leve camada de flocos brancos das lápides no cemitério para se ver a quem pertencem as campas. Uma delas em breve dirá «Ramona», sem apelido, porque não é preciso – toda a gente sabe quem é. Outra, um pouco mais além, num canto quase esquecido junto do muro, tem inscrito «Alan Ovich». O nome completo, porque é consideravelmente menor o número de pessoas que se lembra dele. Por vezes passam-se semanas sem que receba visitas, mas hoje, quando o sol nasce, o filho está lá sentado, a fumar.

As histórias dos rapazes e dos seus pais são sempre as mesmas em qualquer era, em qualquer lugar. Amamo-nos, odiamo-nos, sentimos falta uns dos outros, abraçamo-nos; mas nunca conseguimos viver sem que o outro nos afete. Tentamos ser homens, sem nunca sabermos bem como. As histórias sobre nós, os que aqui vivemos, são as mesmas que se contam sobre toda a gente, em todo o lado: achamos que controlamos como se desenrolam, mas, claro, isso acontece apenas muito raramente. As histórias levam-nos para onde querem ir. Algumas terão finais felizes, outras acabarão exatamente como sempre tememos que acabariam.

Pessoas competitivas

«As coisas acontecem depressa no hóquei.» «Cabeça para cima.» «A arrogância é sempre castigada.» Os *clichés* podem bem sê-lo, mas começam muitas vezes por ser verdades. Este é um desporto que encontra constantemente formas cada vez mais imaginativas de humilhar até os mais confiantes, mas, mesmo assim, conseguimos esquecer que cada vitória é apenas parte da contagem decrescente até à derrota seguinte.

Quando a época se aproximava do final, na primavera anterior, Björnstad estava no topo da tabela classificativa, mas Lev via como estava inchado o pulso de Amat, sabia que piorava de dia para dia. «Não devias jogar», advertiu. «Tenho de jogar, precisamos de ganhar os últimos jogos», contrapôs Amat. Lev pousou-lhe a mão no ombro e perguntou, seriamente: «Se agravares ainda mais a lesão e não fores recrutado para a NHL, quem é que vai comprar a máquina de lavar louça à tua mãe?» Amat não tinha resposta para aquilo. Nesse treino, o mesmo tipo que fizera piadas sobre Lev no balneário atingiu-o no braço, num gesto fútil de frustração. Talvez não tivesse sido intencional: Amat ia a passar por ele a toda a velocidade e era tão mais rápido que o outro tipo perdeu a cabeça, farto de ser humilhado. Amat explodiu e envolveram-se numa escaramuça séria, e, se Bobo não tivesse metido o corpanzil entre eles, podia ter acabado com algo muito pior do que umas nódoas negras e egos feridos. «O que estás a fazer? Ele não te atingiu assim com tanta força, pois não?», perguntou Bobo a Amat, com alguma hesitação, quando saíam do gelo, e como Amat não sabia o que havia de dizer, respondeu com o que de pior tinha dentro de si: «Achas que isto é jogar? Achas que esta porcaria de equipa seria alguma coisa sem mim? Aquele inútil não devia sequer tocar-me! Vou jogar na NHL, e ele, o que vai fazer? Arranjar emprego no armazém do supermercado? Trabalhar na fábrica? Acabar como

um... um...»

Conseguiu parar antes de dizer «um mecânico miserável qualquer», porque era isso que o pai de Bobo era e o que Bobo ia ser. Amat devia ter pedido desculpa imediatamente, mas estava demasiado zangado, naqueles primeiros segundos, e depois era tarde de mais. Bobo virou-lhe costas e afastou-se, com os ombros largos tão abatidos que quase tocavam no chão, e Amat partiu o *stick*. Ninguém da equipa olhou sequer para ele enquanto arrumava as suas coisas no balneário e saía intempestivamente do rinque.

Não jogou a partida seguinte. Zackell limitou-se a informar a equipa de que ele estava «lesionado». Se a lesão era grave, e quanto tempo o afastaria do gelo, ninguém sabia. Ficou sentado na bancada, nesse jogo e no seguinte, mas nem sequer apareceu para as últimas partidas. Começaram a correr boatos de que ele estava a fingir, de que já tinha a cabeça na NHL, de que se estava borrifando para o clube que lhe dera tudo.

«Querem que eu vá lá mostrar-lhes o pulso, ou quê?», disse Amat a Lev, quase a chorar, sentado no carro com ele. Björnstad acabara de perder o último jogo, não conseguindo assim a promoção com que todos sonhavam, à liga superior. Nunca teriam subido tanto na classificação sem Amat, mas agora, de repente, a culpa era dele? «Não importa. Nunca conseguirás fazer o suficiente. É o jogo deles, eles é que fazem as regras, e tu nunca serás um deles. As pessoas como tu e eu têm de fazer as suas próprias regras, sim?», respondeu Lev.

Amat não foi aos últimos treinos e não apareceu no jantar de encerramento de época do clube. Bobo ligou-lhe algumas vezes para perguntar porquê, mas Amat não atendeu. Sabia que Bobo queria um pedido de desculpas, mas sentia que já não devia desculpas a ninguém. Já as pedira vezes que chegassem, já demonstrara a sua gratidão mais do que era suficiente. Treinava sozinho, na floresta, mas, tirando isso, mal saía da zona onde vivia, e a única pessoa com quem falava ao telefone era Lev, e tudo o que Lev dizia tinha ecos de verdade: «Acredita em mim, Amat, eles não se importam contigo. Se

te lesionasses outra vez, se nunca mais pudesses jogar hóquei, achas que queriam saber de ti para alguma coisa? Que pagavam a renda da tua mãe? Nem pensar! Só querem ser teus donos. Verás! Os homens ricos vão dizer-te que não vás ao recrutamento. Tentarão convencer-te de que não és assim tão bom, porque isso lhes dará poder sobre ti, porque assim ficarás e jogarás pelo clubezinho merdoso deles! Não querem que sejas profissional, porque isso provaria que estavam todos errados a teu respeito!»

No final da primavera, provou-se que ele tinha razão. Fatima abriu a porta do apartamento e ali estava outra vez Peter Andersson. O antigo diretor-geral parecia patético quando começou, pesando muito bem as palavras: «Não quero envolver-me, Amat...» E Amat retorquiu de imediato: «Então não se envolva!» Peter olhou rapidamente para Fatima, que não fez qualquer tentativa de acalmar a fúria do filho, possivelmente por saber que não valia a pena, mas se calhar também porque achava que ele tinha um certo direito a sentir-se assim.

Peter respirou fundo e fez uma última tentativa: «Não sei o que as outras pessoas te disseram, Amat... nem o que aquele tipo... o Lev... te prometeu... mas contactei o agente que conheço lá, Amat, e acho que devias falar com ele. Também falei com o olheiro de um dos clubes da NHL, um ex-jogador do meu tempo. Ele já faz isto há muito tempo, Amat, e... tens de compreender que não te estou a dizer isto para ser cruel... mas ele diz que terás uma posição muito inferior no recrutamento. Na sexta ou sétima ronda. Deves estar para aí na posição cento e oitenta.»

Amat respondeu, desdenhoso: «Obrigadinho pelo voto de confiança!» Peter parecia desesperado. «Só quero dizer que... normalmente, os jogadores que estão tão para baixo nem sequer são entrevistados em pessoa pelos clubes. Não quero que vás de tão longe para acabares desapontado. Se calhar, o melhor era ficares em casa, recuperares da lesão, ires treinando... Não deixarão de te recrutar se te considerarem suficientemente bom, e podes acompanhar o processo todo *online*. Acho mesmo que...»

Amat interrompeu-o com uma sombra escura nos olhos. «A diferença entre os agentes que você conhece e o Lev, é que o Lev acredita em mim o suficiente para me pagar os voos e um hotel!» Peter pestanejou tristemente e desistiu. Virou-se para sair, mas parou e acrescentou: «Muito bem. És um homem feito, Amat. Faz o que quiseres. Mas... posso dar-te mais um conselho?» Amat encolheu os ombros e Peter continuou: «Quando chegares ao hotel, vai logo para o ginásio. E come um pequeno-almoço como deve ser. Os olheiros das equipas verificam essas coisas. Repararam em quem se alimenta de dónutes e refrigerantes, e quem leva a dieta a sério. Se te virem no ginásio na noite antes do recrutamento, em vez de estares a jogar no computador ou a beber copos no bar, saberão que estás disposto a fazer o que for preciso para seres o melhor.»

Amat fechou a porta sem uma palavra. Na manhã seguinte, acordou com alguém a bater-lhe à porta. Do outro lado, encontrou um transportador com uma máquina de lavar louça nova e um bilhete: *«Não é um presente! Diz à tua mãe que a vais pagar com o primeiro salário da NHL. Lev.»*

Naturalmente, a mãe murmurou que era demasiado, porque, para ela, será sempre tudo demasiado, mas aceitou porque viu que era importante para Amat. «Quando eu voltar para casa, terás um castelo», prometeu ele, e ela deu-lhe um beijo na face e murmurou: «Que disparate! Não te preocupes comigo!» Mas era seu filho, e ela não conseguia impedi-lo de se preocupar.

Só quando chegaram ao aeroporto é que Amat percebeu que Lev não atravessaria o Atlântico com ele. «Não dão vistos a tipos como eu. Tenho um pequeno cadastro criminal e adoram controlar pessoas como nós, sim? Não te preocupes, tenho lá um amigo, sim? Está tudo organizado! Serás entrevistado pelos melhores clubes. Achas que te entrevistariam se não quisessem recrutar-te acima da sexta ou sétima ronda? Não liguês ao Peter! Ele não quer que sejas melhor do que ele foi, porque assim já não precisavas de lhe ser grato, e pessoas como ele não teriam qualquer poder sobre ti! Sim?»

À chegada, Amat encontrou-se com o amigo de Lev no aeroporto. Era um homem de meia-idade e ar irritável, com um letreiro na mão com o nome de Amat mal escrito. Amat teve de pagar o táxi e o amigo mal tirou os olhos do telemóvel o caminho todo, e disse apenas: «Até amanhã!» quando se despediram junto da receção do hotel. Nessa noite, Amat ficou sentado no quarto, sozinho, tão nervoso que ainda pensou em esvaziar o minibar, mas acabou por ir para o ginásio. Levantou pesos enquanto conseguiu, muito contente ao perceber que o pulso não lhe doía. Estava lá há uma hora quando um homem em grande forma, já na casa dos sessenta, entrou e correu um bocado na passadeira, sem prestar atenção a mais ninguém. Ao sair, virou-se subitamente para Amat e disse-lhe: «Boa sorte amanhã, rapaz!» Peter, afinal de contas, sempre tinha razão em alguma coisa.

Na manhã seguinte, o amigo de Lev bateu à porta e pediu a Amat dinheiro para pagar a uma criada de quarto. Quando Amat perguntou porquê, o amigo respondeu, irritado: «Achas mesmo que conseguíamos entrar no hotel onde as grandes equipas estão a fazer as entrevistas sem pagar a alguém?» Amat titubeou: «O Lev disse que as entrevistas já estavam combinadas...» O amigo revirou os olhos. «O Lev disse que eras uma estrela, mas pareces mais um menino mimado! Queres fazer isto ou não?» Com alguma relutância, Amat foi com ele até ao hotel maior, onde o amigo de Lev desapareceu. Amat passou horas sentado no átrio, à espera dele. O outro homem não voltou a aparecer. Amat ficou onde estava o dia todo. O homem que vira no ginásio na véspera apareceu no átrio, vestido com um fato caro, mas nem sequer reparou em Amat. Estava ocupado com outros jovens jogadores e os seus pais, todos muito confiantes e seguros, o tipo de pessoa que sabia que o mundo lhe pertencia. Ao final da tarde, o homem de fato voltou a sair sozinho e parou em frente de Amat.

«És o Amat, certo?», perguntou. Amat olhou para ele, aterrorizado, convencido de que estava prestes a ser expulso do hotel, mas o homem perguntou-lhe: «Tens tempo para uma entrevista?» Amat fez que sim com um aceno distraído, tão chocado por Lev ter mesmo

conseguido fazer o que prometera, que ficou sem palavras. O homem conduziu-o por um corredor comprido até uma sala de reuniões onde estavam vários homens, todos de uma das melhores equipes do campeonato. Amat tinha a cabeça a andar à roda. O seu inglês tremia quase tanto como as suas mãos, mas respondeu a todas as perguntas o melhor que conseguiu. Falou-se menos de hóquei do que esperava, e não fazia ideia de como eles sabiam tanto a seu respeito: perguntaram-lhe como tinha sido crescer só com a mãe, como era a sua relação com os companheiros de equipa em Björnstad, porque é que não jogara nas últimas partidas da época. Parecia um interrogatório policial. Amat suava por todos os poros. Só quando terminaram é que o homem de fato disse: «Manda cumprimentos meus ao Peter Andersson, está bem? Somos velhos amigos. Ele pediu-me que ficasse de olho em ti.» Os outros homens já estavam a remexer nos seus papéis e a falar sobre outro jogador, e nem sequer se despediram. Amat piscou os olhos, aturdido, levantou-se com as pernas bambas e saiu da sala, arrasado. Então tinham-no recebido apenas como um favor a Peter. Lev e o amigo tinham tentado subornar metade do hotel para lhe conseguir uma entrevista, e Peter só precisara de pegar no telefone em Björnstad. «O Lev tinha razão», pensou ele. «O jogo é deles, eles é que fazem as regras.»

O amigo de Lev reapareceu na manhã seguinte e perguntou a Amat se tinha dinheiro, voltando a desaparecer. Quando o recrutamento da NHL começou, Amat esteve sozinho nas bancadas durante toda a primeira ronda a ver cada equipa seleccionar as suas novas estrelas. Nessa noite, treinou no ginásio até não aguentar mais. No dia seguinte, voltou às bancadas, onde esteve das dez da manhã às seis da tarde, e viu mais de duzentos outros jovens de dezoito anos abraçarem os pais ao serem seleccionados, mas ninguém o seleccionou a ele. O ringue de gelo esvaziou-se e ele ficou ali sentado. O amigo de Lev não apareceu mais.

Amat ligou a Lev e chorou ao telefone, mas Lev parecia muito calmo. «Não te rales, sim? Os americanos não percebem nada de

negócios! Tenho um amigo na Rússia! Ele consegue meter-te numa equipa lá, sim? Ganharemos mais dinheiro do que na...» Continuou a falar, mas tudo o que Amat ouvia era um zumbido. Então era o fim? Fingiu que a ligação estava a falhar, desligou e foi-se abaixo.

Quando chegou ao hotel, o homem de fato esperava-o no átrio. Apertou a mão de Amat e mostrou-lhe um sorriso genuíno. «Lamento muito que não tenha corrido bem, rapaz. Gostámos muito de ti, mas não fazemos negócios como o teu tio quer, está bem? Volta para casa, trabalha, pede ao Peter que te arranje um agente a sério e volta para o ano. Está bem?» Amat gaguejou: «O que... o que quer dizer... tio? Qual tio? Que negócios?» O homem de fato não respondeu, deu-lhe uma palmadinha no ombro e saiu. Amat ligou de novo para Lev e gritou: «QUE RAIO É QUE FIZESTE?» A voz de Lev assumiu um tom ameaçador. «Quem é que pensas que és, Amat? A gritar comigo depois de tudo o que fiz por ti? Achas que te pagaria as passagens e o hotel sem esperar nada em troca? Não és tu que me pagas, como funciona com os outros agentes; quem me paga é o clube que ficar contigo! Mas os americanos acham que são melhores que nós, sim? Não querem negociar, acham que podem ficar contigo de graça! Ouve bem, os meus amigos na Rússia...»

Amat atirou o telemóvel ao chão, despedaçando-o. Teve de usar o telefone da receção para ligar para casa e pedir à mãe que lhe mandasse dinheiro para comprar um bilhete de avião. Ela teve de pedir emprestado a um vizinho e Amat odiou-se a si próprio por isso. Nessa noite, bebeu e chorou, metido no quarto. Bebeu, bebeu, bebeu. Na manhã seguinte, bem cedo, bateram-lhe à porta. Ele ainda estava horivelmente bêbado quando abriu. Era o homem de fato, ali ao pé das malas dele, e recuou ao sentir os vapores do álcool. Amat abriu a boca para se explicar, mas percebeu que era tarde de mais. Peter contactara o homem outra vez e, ao que parecia, pedira-lhe que dessem a Amat uma derradeira oportunidade num dos campos de treino onde se reuniam os jogadores que não tinham sido recrutados, mas agora estava fora de questão, no estado em que ele se encontrava.

O homem suspirou. «Diz ao Peter que eu fiz o que pude. Espero que te recomponhas, miúdo. O Peter diz que és o melhor que ele já viu. Não faças dele um mentiroso.»

O homem deixou-o. Amat não se mexeu. E, assim, acabou tudo. Apanhou o avião e um autocarro até casa e fechou-se no apartamento no Covão. Pontapeou a máquina de lavar louça tanto e com tanta força que julgou que partira o pé. No dia seguinte, tinha o pé inchado e não voltou a correr durante meses.

*

E agora? O que acontece agora?

*

Quando Björnstad começou os treinos da pré-época, Bobo ligou a Amat, várias vezes por dia. Amat não atendeu e limitou-se a mandar-lhe uma mensagem, dizendo que estava lesionado. Ao fim de uma semana, Bobo já ligava apenas duas vezes por dia em vez de três, depois passou para uma em vez de duas, até que, por fim, deixou de lhe ligar. O silêncio instalou-se no apartamento no Covão. Amat passava o dia a dormir e a noite a beber. O caixote da reciclagem de garrafas na cave enchia-se mais depressa do que nunca, e os dias voaram no calendário até ele ter desperdiçado o verão todo.

Só voltou a correr na noite em que a mãe se viu sozinha na rua, no meio da tempestade. O corpo aguentou, o pé aguentou. Na manhã a seguir, recomeça a correr, sozinho na floresta, e corre até vomitar. No sábado de manhã, bem cedo, finalmente reúne coragem para mandar uma mensagem a Bobo. Apenas três palavras: «Preciso de ajuda.» Bobo responde com duas palavras: «Onde estás?»

Quando ouve os galhos a partirem-se por baixo dos enormes ténis número quarenta e oito do amigo, na clareira atrás de si, Amat tem mil desculpas engatilhadas, mas não precisa de nenhuma. O sorriso de

Bobo diz-lhe que já está tudo esquecido.

– Viste por aqui o meu amigo Amat? É parecido contigo, mas tem menos quinze quilos!

Amat belisca a própria barriga com ar trocista.

– Estive na América e aprendi a tomar pequenos-almoços como os teus!

– Sempre foste rodinhas baixas, mas agora estás mais largo do que alto – ri-se Bobo.

– Eu sou gordo e tu és feio... mas eu consigo emagrecer, se quiser!

– Tu és rápido e eu sou forte... vê lá se não partes as pernas!

– Mesmo que eu pesasse duzentos quilos não me conseguirias apanhar, seu elefante!

Bobo ri-se com vontade.

– Sentimos a tua falta nos treinos, companheiro.

Amat olha para o chão.

– Desculpa não te atender. Eu... sabes... estive um bocado estúpido, durante uns tempos.

Bobo estica o pescoço até estalar.

– Que se lixe isso tudo. Estamos aqui para correr ou para dar à língua?

Não é preciso mais para recuperar um amigo como Bobo. O melhor tipo de amigo. Começam a correr juntos, para cima e para baixo. Amat vomita primeiro, mas Bobo não demora a juntar-se a ele. Agora que é treinador está em pior forma do que quando jogava, e mesmo nessa altura não estava em grande forma. Continuam a correr, para cima e para baixo, mais dez vezes. A seguir, enquanto regressam a casa com as pernas bambas, Bobo vomita uma última vez na vala ao lado da estrada.

– Tremoceiros – diz, ofegante, depois de terminar.

– O quê? – geme Amat. Está deitado no chão a pouca distância, demasiado cansado para ficar à espera em pé.

Bobo repete a palavra e, com a cabeça, indica a planta de flores roxas sobre a qual vomitou o pequeno-almoço.

– Tremoceiros. A minha mãe gostava destas plantas. Mas não devia, porque são uma «espécie invasora».

Amat consegue exprimir todos os seus sentimentos:

– O... o quê?

Bobo parece irritado, o que não acontece muito.

– Tremoceiros, não te disse já? A minha mãe achava que eram plantas muito bonitas, mas uma das vizinhas, uma velha bruxa que trabalha na câmara, disse-lhe que são ervas daninhas. O município está a tentar erradicá-los, sabes, porque «concorrem com a flora local», ou lá o que é. Mas é impossível erradicá-los, porque continuam a aparecer. São fortes como tudo.

Amat solta uma risada desconfiada.

– Que é que andaste a snifar?

Bobo endireita-se. Estende a mão ao amigo, que é muito mais pequeno do que ele e tem metade do seu peso, e põe-no em pé com um puxão.

– São como tu.

Amat sorri-lhe, ainda sem perceber.

– Como eu? O quê?

Bobo encolhe os ombros e começa a andar.

– Os tremoceiros. São como tu. Cresceste numa valeta e também não há nada que consiga travar-te.

Não falam até se despedirem à porta de Amat. Envergonhado, Amat dá-se conta de esperar que Bobo lhe peça que vá treinar com a equipa principal nessa tarde. Bobo está envergonhado por não poder fazê-lo. Não há nada que queira mais do que isso, mas Zackell não funciona assim. Se Amat quer jogar, terá de ir pessoalmente ao ringue falar com ela. E Amat sabe-o, no fundo.

– Queres correr amanhã outra vez? – pergunta.

– Claro que sim – responde Bobo com um aceno.

Trocam um abraço rápido, e depois Amat fica a ver o grande matulão arrastar-se pela estrada fora, exausto. Espera que Bobo seja pai, um dia, porque tem todas as melhores qualidades para o ser: um

grande coração e uma memória curta.

Amat sobe até ao apartamento e senta-se com o telemóvel na mão, o número de Zackell no ecrã. Mas tem vergonha do seu peso, tem medo de aparecer e ser lento e jogar mal, e assim não faz o telefonema. Ata de novo os ténis e volta a sair, porque esse é outro dos *clichés* que recorda do balneário: «Se queres alcançar o que mais ninguém consegue, tens de fazer o que mais ninguém quer fazer.» Ele costumava rir-se dessas palavras, mas agora repete-as para si enquanto sobe a colina, aos tropeções. Quando acaba de vomitar na clareira no cimo da colina, embora já não tenha nada no estômago, ergue o olhar na direção do rinque. Dali, consegue ver exatamente a que distância está de tudo aquilo com que sempre sonhou. Faltam dez meses para o próximo recrutamento da NHL, mas, até lá, só há um dia que ele pode alterar.

*

O dia de hoje.

Esconderijos

Matteo pedala até casa e senta-se ao computador. Começa um jogo e concentra-se totalmente em cada movimento, com a arma no ecrã, como alguém que quer obrigar-se a esquecer. Ainda consegue ouvir tão bem a voz da irmã: «Não te envolvas com eles, com esses tipos do hóquei!» Foi o conselho mais importante que ela lhe deu no seu primeiro dia de escola, com apenas seis anos. A irmã sabia que esses miúdos se meteriam com ele por ser pequeno e fraco e diferente. Sabia que ele não era capaz de se defender, não havia nada a fazer quanto a isso, portanto tentou ensinar-lhe o que pôde para o ajudar a ultrapassar o tempo de escola mais ou menos incólume: onde eram os melhores escondерijos, quais os professores que o deixariam ficar na sala nos intervalos, o caminho mais seguro para casa. «Daqui, até ao teu último ano de liceu, são apenas treze anos, e depois nós os dois podemos fazer-nos ao mundo!», disse-lhe ela na noite antes do primeiro dia de escola. «Só não te envolvas com aqueles tipos do hóquei.»

Matteo amava a irmã mais velha e confiava nela, por isso obedeceu. Não se envolveu com eles. Ela é que não seguiu o seu próprio conselho.

Músculos

Peter levanta-se cedo no sábado de manhã. Caiu geada de noite e o quintal, do outro lado da janela, está coberto por um manto branco, fino e ainda intacto. Passaram dois dias desde a tempestade e falta um dia para o funeral; tem a cabeça pesada com o desgosto da morte de Ramona, mas o peito tão leve por Maya estar em casa que os seus pés quase tropeçam um no outro, sem saberem se hão de caminhar ou dançar. Leva o gira-discos para a cozinha e põe a tocar um disco antigo. Sozinho, faz um belo pão na bancada enquanto o resto da família dorme. Por um breve momento, consegue ressuscitar de novo a fachada de normalidade.

Porém, quando abre a porta para ir pôr o lixo, é forçado a recordar aquilo que a tempestade deixou para trás: janelas partidas na casa do lado, cercas caídas, a porta de um barracão que foi arrancada das dobradiças como uma folha de papel, e, por todo o lado, lixo, lixo, lixo. Peter encontra o seu caixote umas centenas de metros ao fundo da rua, e só depois de o ter arrastado de novo para junto de casa é que repara no carro americano estacionado do outro lado da estrada. O mesmo do dia anterior. O homem atrás do volante tem um boné e óculos escuros, e os seus ombros são demasiado largos para o banco. «Não é musculado, tem é muitos músculos», costumava dizer o antigo treinador de Peter, ao falar de alguns dos loucos mais perigosos das equipas adversárias. «Um corpo daqueles não se faz no ginásio, faz-se a carregar lenha o verão inteiro e a palmilhar pela neve para ir à casa de banho durante o inverno.» O homem está a olhar para Peter, mas não se mexe. A porta do lado do passageiro abre-se então e um homem consideravelmente mais velho e mais gordo sai, vestido com um blusão de cabedal coçado e com um fio de ouro grosso por cima de uma camisola de gola alta. O corpo de Peter fica tenso, involuntariamente. Lev apercebe-se disso à distância, sabe o efeito que

tem nas pessoas. Peter pode já não estar a par de todos os boatos, mas até ele ouviu falar daquele homem. Assim, Lev caminha devagar, obrigando Peter a esperar antes de estabelecer contacto visual, com o tipo de sorriso que pode dar-se ao luxo de fazer quando tem consigo um tipo como aquele que deixou no carro.

– Peter Andersson? O meu nome é Lev, sou...

– Sei muito bem quem você é – interrompe Peter, mais abruptamente do que pretendia, e espera que não se note na sua voz o bater acelerado do coração.

– Ah, sim? – Lev sorri.

– Posso ajudá-lo? – ouve-se Peter perguntar, sem se conseguir conter.

Com um sorriso ainda mais rasgado, Lev aproxima-se de Peter até este se sentir pouco à vontade com a proximidade.

– Quero agradecer-lhe! Ligou aos seus amigos, sim? Quando o Amat esteve no recrutamento da NHL! – diz, e estende a mão. Quando Peter a aceita, com relutância, Lev prolonga o aperto de mão até Peter não conseguir suportar mais.

– Não tem de quê – murmura, puxando rapidamente a mão.

Lev fica onde está, demasiado perto. O seu tom é levemente trocista:

– Não, não, nada de modéstias! O grande Peter Andersson! O seu nome é importante por aqueles lados, sim? Toda a gente ficou impressionada, meu Deus, impressionados por o Amat o conhecer! Todos ficaram muito, muito impressionados. Foi uma pena não ter servido de nada, sim?

Peter morde o interior da bochecha. Lembra-se das conversas telefónicas depois do recrutamento, com os seus velhos amigos e contactos na NHL, sobre o idiota do «tio» que andou a apresentar-se em todo o lado como «agente» de Amat e a pedir pagamentos por fora aos clubes que estavam a ponderar contratá-lo.

– Sim, uma pena – anui Peter, com um aceno austero, e sente o hálito do outro homem. Tudo o que quer é empurrá-lo, mas não se

atreve a tal.

Lev fita-o nos olhos e desata a rir à gargalhada. Por fim, recua um passo e levanta os braços.

– Bom! Já chega disso, sim? Não é como se costuma dizer? Chega de falar no Amat. Quero falar consigo. Vi-o com o Teemu ontem, no Urso Pardo. Tenho um... como é que se diz? Um «assunto sensível» para discutir consigo. Não posso falar com o Teemu porque... bom... compreende, sim?

– Não, não, não estou a compreender – consegue Peter dizer, em tom irritado, para disfarçar o facto de estar assustado.

As sobranceiras de Lev sobem por uma fração de segundo, numa expressão quase divertida.

– O Teemu é um homem violento. Você é mais diplomático. Por isso venho falar consigo, sim?

– E que espécie de homem é você? – questiona Peter, com um olhar de relance para o homem no carro.

Lev ri-se.

– Posso ser as duas coisas, Peter, mas prefiro ser como você, sim? Já não somos jovens, não? Eu levanto-me a meio da noite para ir à casa de banho, estou demasiado velho para lutas, sabe? Mas a Ramona devia-me dinheiro. Muito dinheiro.

Cala-se, como se esperasse alguma resposta de Peter. É uma armadilha tão óbvia que Peter fica de boca seca, ao ponto de mal conseguir mexer a língua.

– Que tenho eu a ver com isso?

Leo levanta as mãos e encolhe os ombros com eloquência.

– As dívidas têm de ser pagas, sim?

– Como? Ela morreu! – responde Peter, e depressa se dá conta de que era precisamente disso que Lev estava à espera.

– Mas o Urso Pardo será vendido, sim?

É uma ideia tão ridícula que Peter não consegue conter uma exclamação:

– Vender o Urso Pardo? Está malu... Vendê-lo a quem?

Lev sorri com uma afabilidade exagerada.

– A mim. Eu fico com ele. Dívida saldada. Toda a gente ganha, sim?

Peter abre ligeiramente a boca, o bastante para uma palavra apenas sair.

– Des... desculpe?

Lev volta a sorrir, agora com alguma impaciência.

– Eu fico com o Urso Pardo. Dívida saldada. Problemas resolvidos. Já tive um bar antes.

– Mas não em... em Björnstad. Nunca teve um bar aqui, não sabe o que está a... – começa Peter.

– Bêbados são bêbados seja onde for, sim? Vai ajudar-me?

Não parece uma pergunta. Peter está agora menos assustado e mais zangado.

– Ajudá-lo? Com o quê? Pode ao menos... como é que eu sei... consegue sequer provar que a Ramona lhe devia dinheiro?

Lev ainda sorri, mas a sua expressão é mais dura e arreganha os dentes ao explicar:

– Assinámos documentos. Mas isso não importa para pessoas como você, sim?

– Pessoas como... eu?

– Leis, regras, contratos, só se aplicam a pessoas como você, sim? É o vosso jogo, vocês fazem as regras, não? Se calhar nem ajudou o Amat. Talvez... o contrário? Se calhar ele não foi recrutado por sua causa?

Peter está tão chocado pela acusação inesperada que se esquece do que estavam a discutir e, principalmente, com quem está a falar.

– Você mandou um... um... um *gângster* ao recrutamento, tentar extorquir dinheiro aos clubes da NHL! Pensou mesmo que isso ia resultar?

Os pés de Lev não se movem, mas ele inclina-se alguns centímetros para Peter.

– Eu quero dinheiro do clube. Você quer dinheiro do Amat. A

diferença é essa, sim?

– Eu não quero nada do Amat!

Lev ri-se.

– Vocês têm uma expressão que aprendi quando cá cheguei e de que gosto muito. «Ele tem sempre a mão no bolso», não é assim? Uma pessoa generosa, sempre pronta a ajudar os outros, sim?

– Você não tem a mão no bolso. Só se for no bolso do Amat – riposta Peter com os dentes cerrados, e ao mesmo tempo recua meio passo.

– E você, Peter? Se não é o dinheiro do rapaz, o que quer encontrar no bolso? – questiona Lev em tom trocista.

– Estava a tentar ajudá-lo!

– Como ajudou os outros rapazes do Covão? Sim? Porque com certeza que não ajuda só os rapazes que são bons no hóquei, pois não? Isso seria uma estranha coincidência, sim? As pessoas como você são sempre muito caridosas quando os rapazes pobres podem dar algo em troca. Mas eu não sou um rapaz, Peter. E só quero aquilo a que tenho direito: fico com o Urso Pardo e esqueço a dívida da Ramona, sim? Mas se calhar não era consigo que devia estar a falar? Se calhar devia falar com a sua mulher?

Peter nunca conseguirá explicar exatamente o que acontece dentro de si naquele momento, mas explode.

– QUE RAIO ESTÁ PARA AÍ A DIZER? – ruge, e para surpresa sua e de Lev, encosta as mãos ao peito do outro homem com tanta força, que ele cambaleia para trás.

É apenas um segundo, mas Peter conseguiria narrar cada fração dele: o homem mais novo salta do carro, com a mão no bolso interior do casaco, e Peter tem demasiado tempo para imaginar o que ele lá terá. Leva as mãos ao rosto, mas não é necessário proteger-se, Lev já recuperou o equilíbrio, levanta dois dedos e o outro homem estaca abruptamente atrás dele, a meio de um passo. Lev ajeita calmamente o blusão, como se nada tivesse acontecido, e vira-se para Peter.

– Ela é advogada, sim? A sua mulher? Assinei um contrato com a

Ramona. Tenho, como é que se diz, a letra da lei do meu lado. Se calhar devia arranjar um advogado?

– Arranje os advogados que quiser, mas não se aproxime da minha família, ouviu bem? E nunca conseguirá ficar com o Urso Pardo. As pessoas daqui nunca... – diz Peter, as palavras jorrando numa torrente de fúria, com o sangue a latejar-lhe nos ouvidos, antes de morder o lábio.

Lev espera que ele se silencie, e depois volta a sorrir e conclui, aparentemente tranquilo:

– Pense nisto, sim? Eu voltarei! É assim que se diz? Não! Voltarei a entrar em contacto, sim? Voltarei a entrar em contacto!

Lança um olhar demorado à casa de Peter. Uma luz acendeu-se no piso de cima. Kira e os miúdos estão a acordar e Peter sente o corpo todo a tremer, mas não tem oportunidade de formular uma resposta. Lev já está a meter-se no seu carro americano e, sem pressas, o homem atrás do volante arranca e afasta-se. Assim que o perde de vista, Peter tira o telemóvel do bolso sem saber a quem ligar. Fica ali parado no meio da rua, de punhos apertados, a cabeça vazia, e por fim liga a Teemu.

*

Não à polícia, não aos seus amigos. A Teemu. Assim se vê como tudo e todos estão fortemente ligados em Björnstad, nesse outono.

*

Maya levanta-se da cama, enfia uma velha camisola verde de capuz e sai do quarto, ainda ensonada. A mãe está sentada numa secretária improvisada no corredor. Acabou de acordar, mas já está a meio de uma chamada de vídeo com algum cliente ou funcionário. A tempestade virou o negócio dela de pernas para o ar, e era mesmo o que a mãe precisava, pensa Maya: mais *stress*. Na cozinha, Leo tem a

cabeça tão enfiada no frigorífico que parece estar a tentar encontrar uma bruxa e um leão do outro lado. Toda a casa cheira a pão quente, acabado de fazer.

– Quem é que fez pão? – pergunta Maya, surpreendida.

– O pai – responde Leo, com toda a naturalidade, como se não fosse a coisa mais estranha que poderia dizer.

– O pai? – repete Maya.

– Hum-hum. Ele agora faz pão. Está, tipo, obcecado – responde o irmão mais novo.

Maya olha pela janela da cozinha e vê-o. Está de pé junto da caixa de correio. Um carro estaciona na rua e dele sai um homem que Maya reconhece, só que nunca o imaginaria na companhia do pai.

– Aquele é o... o Teemu? – pergunta, chocada.

– Hum-hum – confirma Leo depois de um rápido olhar para a janela, antes de se virar de novo para o frigorífico.

– Com... com o pai?

– Hum-hum. Acho que são amigos, agora.

Maya olha para Leo, depois para a janela, depois novamente para Leo.

– Desculpa, quanto *tempo* é que eu estive a dormir!?

*

Teemu sai do carro e olha em volta, não tanto como quem procura algo, mais como se estivesse a memorizar as coisas.

– Então o Lev esteve aqui? – pergunta, indo direto ao assunto.

Peter tem duas canecas de café nas mãos e estende uma a Teemu, uma caneca tão usada e tantas vezes lavada que o urso verde quase já nem se vê. Teemu agradece com um aceno e aceita.

– Diz que a Ramona lhe devia dinheiro. Não sei quanto, mas talvez o consigamos pagar, se...

Teemu abana a cabeça, não com fúria, apenas com frieza.

– Ele não quer dinheiro. Quer o Urso Pardo. Já tinha tentado

comprar-lho quando ela era viva. O Lev está metido em cenas do arco da velha. Precisa de uma fachada legal, e não há nada melhor para isso do que um bar.

– Então porque é que a Ramona lhe pediu dinheiro emprestado a *ele*!? – questiona Peter, e arrepende-se de imediato do tom acusador.

Teemu suspira e bebe um gole de café.

– Um dos meus rapazes foi parar à cadeia no inverno passado. A mãe dele não conseguia pagar a renda e as contas, e a Ramona deu-me o dinheiro todo que estava no fundo comum. Eu não sabia que ela...

Bebe mais café. Não diz mais nada. É a primeira vez que Peter se lembra de ver Teemu envergonhado.

– Ela usou o seu próprio dinheiro?

– Sim.

– Porque é que ele foi preso? O teu amigo? – pergunta Peter.

– Agressão agravada – é a resposta.

Agora é Peter que está envergonhado. Porque, ao que parece, são estas as suas companhias nos dias que correm.

– Que vamos fazer em relação ao Lev? – pergunta, com um suspiro derrotado.

– Tu não vais fazer nada. Os bandidos da lixeira não são o tipo de pessoa com quem queiras meter-te, acredita.

Peter fica surpreendido com a convicção da resposta.

– Então ele pode vir aqui e ameaçar a minha família? Apoderar-se do Urso Pardo? A Ramona nunca...

Teemu levanta a mão para o silenciar.

– Eu trato do Lev.

– Pensei que tinhas dito...

Teemu acaba o café e devolve a caneca.

– Eu disse que eles não são o tipo de pessoa com quem *tu* queiras meter-te.

Peter, atrapalhado ao dar-se conta daquilo que pôs em movimento, procura alguma coisa para dizer.

– Está bem... mas tem cuidado, não comeces...

– Queres que *eu* tenha cuidado? – declara Teemu dramaticamente, como se tivesse sofrido uma grande ofensa, e Peter geme e quase dá com a caneca de café na testa.

– Está bem, está bem. Vemo-nos amanhã no funeral? Uma hora mais cedo, como combinámos com o padre?

Teemu acena e promete que lá estará, e Peter não pergunta mais nada. Terá de viver com isso. Quando se vira para regressar a casa, Teemu chama-o e pergunta, curioso:

– Que disse o Lev para te deixar tão furioso?

– Furioso? O que queres dizer? – resmunga Peter.

Teemu sorri.

– Estás a tentar mostrar-te calmo, mas tens uma sombra nos olhos. Não acredito que te importes assim tanto com o Urso Pardo. Que é que ele disse?

– Ele... mencionou a Kira.

Teemu solta uma risada triunfante que se prolonga mais tempo do que Peter gostaria. Depois o *hooligan* diz ao antigo diretor-geral:

– Ainda que as pessoas não acreditem nisso, Senhor Perfeição, afinal sempre tens um bocadinho do cão aí dentro.

Mulas

Johnny boceja e olha com irritação para as horas. Está em frente de casa, a praguejar sob a luz fraca da alvorada, porque o colega que prometeu levá-lo a Björnstad para ir buscar a carrinha está atrasado. Ted já tem o saco pronto e está à espera no vestíbulo, enquanto o irmão mais velho, Tobias, ainda nem acordou, claro. Tess ajuda o irmão mais novo, Ture, a arrumar os patins, depois põe-lhe bolos de arroz e pacotes de sumo na bolsa de fora do saco e obriga-o a prometer que só os abrirá depois do treino. Ele tem de ficar várias horas à espera no ringue, enquanto os irmãos treinam e a própria Tess dá aulas de patinagem artística às crianças mais pequenas de Hed. É assim quando se faz parte de uma família que passa mais tempo no gelo do que fora dele.

– Tens tudo? Recebi um telefonema do trabalho, tenho de... – explica a mãe atrás dela, e Tess fita-a, ansiosa.

– Estás com um ar tão cansado, mãe. Não devias ficar em casa?

– Temos tantas pessoas de baixa, e outros que têm de ficar a organizar-se depois da tempestade, por isso tenho mesmo de...

– Tens de dormir mais esta noite, mãe! Promete!

Hannah murmura à filha:

– Prometo, querida. Cuida dos teus irmãos... Já sabes como são as coisas às vezes, em Björnstad...

– Não te preocupes, mãe. São só treinos.

– Sim, sim, só treinos. E desculpa, sei que não devia ser responsabilidade tua, devias era... Oh, céus, só devias ter de te preocupar contigo própria. Ainda nem te perguntei como correu o teste de Matemática!

– Tive tudo certo.

– Claro que sim. É incrível. Acho que nunca tive tudo certo num teste em toda a minha vida. Temos a certeza de que és minha filha?

É uma velha piada, mas o riso de Tess parece sempre novo. Ela é mesmo demasiado boa para esta família, pensa Hannah. Tem notas altas em todas as disciplinas, nunca se mete em sarilhos, cuida dos irmãos. Nem sequer se sujava quando era pequena, era a única criança que podia ir para a escola com roupas brancas e chegar em casa com elas da mesma cor. Enquanto os outros miúdos trepavam às árvores e lutavam em poças de lama, ela ficava sentada em casa a ler. Até o cabelo parece sempre acabado de pentear, em contraste com o da mãe, que parece sempre como se alguém tivesse enfiado um esfregão de arame numa destruidora de papel.

– Adoro que estejas a crescer, mas odeio que cresças – murmura a mãe.

– Não sejas palerma. – A filha sorri.

– Devias... sabes, não devias ter de levar tudo sempre tão a sério. Devias ir a festas, conhecer rapazes...

– Rapazes? Em Hed? É preciso passar três meses a investigar a árvore genealógica das pessoas antes de correr o risco de namorar seja com quem for por estes lados – ri-se Tess.

– Quem é que está a ser palerma agora? – A mãe sorri.

– A sério! Os rapazes daqui são tão imaturos! – insiste Tess, e, nesse momento, um grito vindo do quarto de Tobias invade a casa, porque Ted e Ture correram até lá acima e acordaram-no com bisnagas de água. Tess encolhe os ombros à mãe como quem diz «estás a ver?», mas Hannah não repara porque está a olhar para a janela.

– Mas que?... – começa.

– MAS QUE RAIOS? – termina Johnny lá de baixo.

Na estrada, veem a carrinha deles a aproximar-se a toda a velocidade. Hannah e Tess descem e saem para os degraus precisamente quando o veículo trava com um chiar de pneus junto da cerca e uma rapariga doida de dezoito anos salta de trás do volante.

– Ana! – exclama Hannah, tão contente que Tess fica espantada.

– Mas que raio? – repete Johnny.

Hannah abraça a rapariga e apresenta-a.

– Esta é a Ana! Foi ela que me ajudou na floresta, durante a tempestade!

A expressão de Johnny suaviza-se.

– Ah! Conheço o teu pai. Como está ele?

Ana não responde e atira-lhe as chaves da carrinha.

– Pensei que mais valia trazer-vos a carrinha, já que o meu quintal não é propriamente um parque de estacionamento. Dei uma olhadela ao motor esta manhã; se calhar era melhor levá-la à oficina antes que...

– ESTÁ BEM! OBRIGADO! – interrompe Johnny, tão ofendido que Hannah solta uma gargalhada.

– Entra, Ana! Queres um café?

Mas Ana olha para Tess e vê a desconfiança nos olhos dela – Tess é o tipo de rapariga que não gosta de raparigas como Ana; por isso, responde apenas:

– Não, tenho de voltar por causa dos cães.

– Podemos... dar-te boleia até casa. Espera aqui, vou só chamar os rapazes – oferece-se Johnny educadamente, mas ainda um bocadinho ofendido.

– Não é preciso. Eu vou a correr – diz Ana.

– A correr?! Até Björnstad? – repete ele.

– Não é assim tão longe. De qualquer maneira, preciso de exercitar o joelho. Magoei-o.

– Que é que aconteceu ao teu joelho? – pergunta Hannah.

– Bati com ele.

– Onde?

– Na testa de um rapaz.

– Fizeste *o quê?* – exclama Johnny.

– Ele estava a ser um imbecil e foi bem merecido! – defende-se Ana.

Hannah ri-se outra vez, dá-lhe mais um abraço e insiste que ela tem de vir jantar com eles em breve. Ana promete sem grande

convicção e olha de novo para Tess. A outra rapariga é um ano mais nova e tem calças brancas e cabelo que parece saído de uma banda desenhada. Ana veste um par de calças de ganga tão esfarrapadas que mal se podem considerar já calças, e não toma duche há dois dias. Sente-se como uma vagabunda de visita a um castelo. Assim, dá meia-volta e desata a correr.

*

Hannah fica a olhar para ela durante muito tempo e Tess observa a mãe durante muito tempo. Era uma filha assim que ela devia ter tido, pensa Tess.

*

Bobo bate à porta da casa de Zackell. A treinadora da equipa principal abre a porta entre uma nuvem de fumo de charuto, com um roupão tão imundo que já nem sequer ondula quando ela se mexe. Tem três ecrãs diferentes na cozinha, nos quais passam três jogos de hóquei diferentes, e a mesa coberta de blocos de notas. Bobo nunca conheceu ninguém que soubesse mais sobre este desporto e menos sobre os indivíduos que o praticam. Quando ela o nomeou treinador assistente, foi muito franca quanto aos motivos pelos quais precisava dele: «Tudo o que tenha a ver com pessoas, falar com pessoas, coisas desse género.» Zackell só se interessa por hóquei.

– O Amat ligou-me esta manhã. Estive a correr com ele na floresta. Acho que ele quer voltar a treinar... – começa Bobo.

– Quanto é que ele pesa? – pergunta Zackell sem sentimentalismos.

– Demasiado – admite Bobo.

– Vomitou?

– Como uma mangueira.

Ela acena com a cabeça, fuma o seu charuto e de súbito parece surpreendida.

– E?...

– E?... – repete Bobo.

– Mais alguma coisa? – conclui ela.

– Não, não, acho que não, é só...

– Muito bem! Ouvi dizer que todas as equipas de Hed vão treinar no nosso rinque, portanto preciso que remarques a nossa sessão de treino para ser a última do dia.

– A última? Os tipos da equipa não vão ficar contentes por terem de treinar tão tarde... – começa Bobo, mas depois percebe que é precisamente isso que ela quer. Uma das primeiras coisas que pergunta aos novos jogadores na equipa é sempre: «Queres divertir-te ou ganhar jogos?»

– Até logo! – despede-se Zackell, e prepara-se para fechar a porta.

Bobo fala rapidamente:

– Se calhar podia ligar ao Amat... Ele está envergonhado! Talvez tenha receio de ser ele a ligar, eu...

Zackell fita-o como se as palavras não fizessem qualquer sentido.

– Ligar-lhe?

– Oiça, sei que não acredita em *motivar* os jogadores, já me explicou isso, que todos temos de querer fazê-lo por nós próprios. Como é que era, aquela história das mulas? Podemos levar uma mula à beira de água, mas não podemos obrigá-la a beber? Eu percebo! Mas o Amat é... quer dizer, é o *Amat*! Tudo o que ele precisa é de algum encorajamento... por isso talvez possa...

Zackell fuma em silêncio, como se estivesse à espera de que ele continuasse. Bobo tem a boca aberta, mas as palavras esgotaram-se. Assim, com ênfase no «nós», Zackell explica tão pacientemente quanto consegue:

– Nós não treinamos jogadores, *nós* treinamos uma equipa! O Amat não precisa de provar que sabe jogar hóquei, tem é de provar que não é estúpido. Porque conseguimos ganhar com jogadores inteligentes medíocres, mas nunca conseguiremos ganhar com jogadores excecionais estúpidos. Porque os jogadores inteligentes às vezes fazem

coisas estúpidas, mas os jogadores estúpidos nunca fazem coisas inteligentes.

– Eu... – geme Bobo, porque fica sempre com uma dor de cabeça quando ela fala assim.

– Qualquer pessoa consegue aprender a ser um idiota, mas um idiota não é capaz de aprender seja o que for – resume Zackell, numa rara tentativa de ser um pouco pedagógica.

– O Amat não é nenhum idiota – declara Bobo, magoado.

Zackell sacode a cinza do charuto para o bolso do roupão; se estivesse minimamente limpo, tê-lo-ia queimado, mas está tão manchado e encardido que é à prova de fogo.

– Isso ainda está para se ver. Primeiro, precisamos de descobrir que espécie de mula é que ele é.

E fecha a porta sem se despedir. Provavelmente nem sequer tem noção de que isso é falta de educação.

*

Johnny precisa de doze tentativas para pôr a carrinha a trabalhar. Resmunga entre dentes que Ana deve ter mexido em alguma coisa. Os filhos trazem os sacos, até Tobias finalmente se despachou, e arrancam para Björnstad. Johnny vai o caminho todo amuado porque o banco não está ajustado como ele gosta, e porque Ana mudou a estação de rádio.

– Por favor, pai, temos mesmo de ouvir essa música de velhos? – pergunta Tess quando ele finalmente encontra a estação certa.

Vai sentada à frente, claro, para impedir que Tobias e Ted discutam pelo lugar.

– Como ousas insultar o Springsteen!? É a única coisa que me resta na vida que não me aborrece.

Tess suspira.

– És tão dramático.

O pai levanta o volume.

– O Bruce compreende-me.

Tess revira os olhos e vira-se para o banco de trás.

– Acabaste o trabalho de Inglês, Ted?

– Hum-hum – murmura Ted.

– Posso lê-lo?

Ele tira o computador portátil do saco de hóquei. Partilham um computador para fazerem os trabalhos de casa nas bancadas do ringue enquanto esperam que os treinos uns dos outros acabem.

– Importas-te... de corrigir a gramática e essas coisas? – pede ele.

– Tens de aprender a fazer isso sozinho – responde a irmã mais velha, mas é claro que vai corrigir-lhe a gramática.

Quando se aproximam da entrada de Björnstad, o pai pigarreia, e Ted e Tobias e Tess, como bons irmãos mais velhos, começam a rir e a fazer piadas e até a cantar para distrair Ture, para que ele não olhe pela janela e veja o que está escrito na placa da cidade.

*

Elisabeth Zackell acende outro charuto na cozinha, come batatas cozidas diretamente do tacho e vê hóquei nos três ecrãs. Quando as pessoas elogiam as suas capacidades como treinadora, falam muitas vezes das suas competências estratégicas e analíticas, mas o seu maior talento é, na verdade, raramente ficar surpreendida. Isso acontece porque interpreta a informação como ela é, não como quer que seja. Já viu demasiados treinadores darem demasiadas oportunidades a um jogador, ou não lhe darem oportunidade nenhuma, conforme aquilo que achavam que podia acontecer. Esses mesmos treinadores falam em «instinto» e «sentir nas entranhas», mas a única coisa que preocupa Zackell relativamente às suas entranhas é a diarreia. É na cabeça que guarda tudo o que tem a ver com o hóquei. É por isso que consegue afastar jogadores da equipa mesmo que sejam muito boas pessoas, e nem sequer está em causa serem ou não bons jogadores – tudo o que interessa é que sejam o jogador certo.

As pessoas chamam-lhe «cínica», mas ela não compreende como alguém pode vencer jogos de hóquei de outra maneira. Queriam que ela ficasse apenas à espera de vencer? Que chegasse à vitória por intermédio de conversas, de argumentos justos e persuasivos? Está convencida de que a maior parte das épocas está decidida antes mesmo de começar: as equipas vencedoras são-no com base na seleção de jogadores, não por terem um treinador que berra do banco até ter uma apoplexia. Na primavera, quando Björnstad estava na melhor fase, os repórteres começaram de súbito a chamar ao clube uma «fábrica de talentos» e a Zackell «genial». Ela acha que os repórteres deviam decidir-se: com certeza só pode ser uma das duas coisas, ou é o talento ou é ela. Além do mais, o que é que ela fez, na verdade? Não transformou Amat numa estrela, simplesmente deixou-o jogar. Não o ensinou a ser melhor, limitou-se a colocá-lo em situações em que ele cometeu menos erros. As pessoas da cidade dizem que ela gosta de «testar» os jogadores, que os sujeita a «experiências psicológicas», mas não é verdade, obviamente. Ela tenta apenas perceber com que tipo de mulas está a lidar para saber de quais pode desistir logo à partida.

Assim, depois de Bobo aparecer em casa dela e lhe falar sobre Amat, passou o resto do dia na cozinha, a fumar e a tirar apontamentos em frente dos seus ecrãs. Talvez não tenha tantos sentimentos como outras pessoas, mas não é desprovida de empatia; compreende que o grande coração de Bobo quer o melhor para todos os jogadores, e especialmente para Amat. Mas, ao fim e ao cabo, o trabalho do treinador não é acalantar indivíduos, por mais brochuras bonitas e «declarações de valores» bem formuladas que um clube apresente à comunicação social. O trabalho do treinador é vencer jogos de hóquei. Os resultados não se medem em sentimentos, mas em tabelas. Portanto, num ecrã, Zackell põe os jogos de Amat da última época e, nos outros dois, põe jogos de outros jogadores e outras equipas, para comparação. Costumava fazê-lo para compreender os adversários e tentar perceber de antemão que jogadores podiam ser mais problemáticos para Amat. Agora fá-lo porque anda à procura de

quem o possa substituir.

Talvez seja uma atitude cínica, talvez até de grande frieza, mas ela está apenas a interpretar a informação que tem disponível: Bobo é um dos melhores amigos de Amat, e ninguém acredita mais nos seus amigos do que Bobo. Se até ele acha que Amat é frágil ao ponto de precisar de um telefonema encorajador da treinadora para jogar hóquei em vez de ficar em casa a beber, então já é tarde de mais. Zackell sabe que Bobo veio com a intenção de pedir uma última oportunidade para o amigo, mas o que fez, na realidade, foi tirar-lha.

*

Quando temos filhos, ninguém nos diz que é uma armadilha, uma ratoeira, uma piada cruel: nunca se é o suficiente, e é impossível vencer.

Johnny trava a carrinha em frente do ringue de gelo de Björnstad. O telemóvel dele não parou de tocar, os colegas esperam-no na floresta, no entanto ainda está a pensar em entrar com os filhos. A filha apercebe-se.

– Não te preocupes, pai. Foram só uns miúdos estúpidos que pintaram a placa. Eu fico de olho no Toby para ele não se meter em sarilhos.

– Tens a certeza? Não me parece... quer dizer, eu podia entrar um bocadinho... – começa o pai.

Tobias e Ted tiram os sacos da parte de trás da carrinha. Nasceram com dois anos de diferença, dos mesmos pais, mas podiam bem ser de espécies diferentes. Johnny teme exigir muito de um e pouco do outro. Esteve num dos jogos de Ted na primavera e, como de costume, tiveram de o mandar sentar na bancada mais de cem vezes. Ted não jogou o seu melhor, embora fosse, ainda assim, o melhor jogador no gelo, só não foi tão bom como *podia* ser. «É por causa dos gritos», explicou Tess, por fim. Como de costume, Johnny compreendeu mal e lançou um olhar furioso para os pais da equipa adversária: «Sim, eu

sei, eles gritam muito, mas o Ted tem de se habituar ao barulho e jogar bem na mesma!» Tess suspirou baixinho e depois contou-lhe a verdade: «Pai, os gritos dos outros não o afetam nada. Os teus é que sim.» Johnny nem conseguiu encará-la; ficou ali sentado na bancada com as mãos enfiadas com tanta força nos bolsos que os descoseu. Por fim, murmurou: «Sempre gritei da mesma maneira com o Toby, e ele...» Tess abanou a cabeça e respondeu em voz baixa, com honestidade: «Não. Sabes bem que não gritas da mesma maneira com ele.»

Johnny ficou sentado o resto da partida. Era verdade, afinal de contas. Grita mais com Ted porque vê o potencial do rapaz, de apenas treze anos, e grita menos com Toby porque vê que ele já atingiu o máximo do seu.

– Está tudo bem, pai, a sério! – insiste Tess agora.

Ajuda Ture a tirar o cinto de segurança. O menino mais novo ri-se, entusiasmado com a perspectiva de ver os amigos. Parece fofinho e querido, mas é um furacão. A última vez que Johnny perdeu a calma, depois de Ture fazer um disparate qualquer, Hannah perguntou-lhe porque estava tão frustrado e Johnny respondeu, desesperado: «Porque ele é o nosso *quarto* filho e eu já devia ser *bom* nisto!» Hannah riu-se perdidamente, depois beijou-o e declarou: «Querido, no dia em que te aches um bom pai, é o dia em que és um pai terrível.» Johnny fica aborrecido sempre que se lembra disso. Que raio queria ela dizer? Não estava preparado para Ture, pensava que já estavam despachados, ainda insiste que lhe deviam ter chamado «Surpresa». Quando contou a Bengt, no trabalho, ele sorriu como só um homem com filhos já adultos pode sorrir e disse a Johnny que não se preocupasse: desde que os miúdos estivessem vivos e com roupa interior mais ou menos limpa, ninguém podia achar que ele era um mau pai. É fácil de dizer, mais difícil de acreditar.

Tess tira Ture da carrinha, fecha a porta e depois enfia a cabeça na janela do condutor e dá um beijo na face do pai.

– Não podes vigiar-nos a cada segundo das nossas vidas. Nós

ficamos bem. O treinador dos rapazes está cá e há montes de adultos. Vai e tem cuidado na floresta!

– Não te preocupes comigo! – diz ele, ultrajado.

– Tem cuidado, pai, a sério. O Bruce Springsteen precisa de ti vivo, para ter alguém que ainda o ouça!

Ele ri-se. É em relação a Tess que se sente mais culpado. Nunca se sente suficientemente bom para nenhum dos filhos, mas é ainda pior com a filha. Não consegue ajudá-la com os trabalhos de casa desde que ela tinha nove anos de idade, e agora ela está no liceu e a sonhar em ir para a universidade, estudar para ser advogada, e esse é um mundo totalmente estranho para ele. Assim, quando ela lhe fala sobre cidades onde gostaria de viver e estudar, ele defende-se com sentimentos ridículos: porque é que ela quer sair dali? Acha-se boa de mais para Hed? Terá tido uma infância assim tão horrível que só quer fugir? E se escolher a universidade errada? E se a culpa for dele? E se tivesse tido outros pais? Mais parecidos com ela? Sair-se-ia melhor? Teria ido mais longe? Seria mais feliz? E quanto a Tobias, Ted e Ture? Terá Johnny gritado demasiado? Ou menos do que devia? Será que fez mesmo tudo o que podia?

– Vai-te embora, pai – murmura Tess.

O pai recompõe-se.

– Venho buscar-vos assim que puder. Fica de olho no Tobias e não o deixes ser muito... enfim, tu sabes... muito como eu.

A filha sorri e promete. Johnny não quer saber dos carros que buzina atrás de si; espera no parque de estacionamento até os filhos terem entrado, e só depois arranca.

*

Uma verdade simples e penosa para todos os adolescentes é que as suas vidas raramente se definem por aquilo que fazem; o que realmente importa é aquilo que *quase* fazem.

Há neve no chão quando Amat sai de casa. É quase inverno, quase

noite, e ele quase telefona para Zackell mais de mil vezes. Quase consegue silenciar as vozes na sua cabeça. Sai do Covão e caminha quase até ao ringue de gelo, mas detém-se a uns duzentos metros do parque de estacionamento. Está cheio de crianças que os pais vieram trazer aos treinos, que saltam dos carros com energia, a rir e a brincar com os amigos. Amat reconhece muitos deles, já os viu a aplaudi-lo, deliciados, por trás da barreira de acrílico, sempre que ele marcava pela equipa principal. Sabe que muitos ainda fingem que são ele quando jogam na rua, porque só se lembram de Amat como ele era quando estava no seu melhor, a superestrela, o ídolo. Mas agora? Se for para o gelo hoje e falhar, quem será ele então? Apenas mais um tipo que quase chegou a ser alguma coisa, que quase venceu o campeonato com Björnstad na primavera, que quase foi recrutado para a NHL. Quase liga a Bobo. Quase atravessa o parque de estacionamento. Quase entra, quase pede a Zackell que o deixe voltar para a equipa. A maioria dos adolescentes não sabe que a sua vida é determinada por essa pequena palavra, mas ela ecoa dentro de Amat todo o caminho de regresso a casa. *Quase quase quase*. Não quer nada a não ser solidão, mas as vozes na sua cabeça nunca se calam: «Exageraram o teu valor. És uma fraude. Toda a gente sabe. Mais vale ires para casa e embebedares-te outra vez. Assim não terás de sentir nada. Deixa de tentar. Deixa de falhar. Deixa de sentir dor.»

No apartamento, encontra uma última garrafa de álcool por abrir, no fundo do roupeiro. Embrenha-se pela floresta, mas não corre. Senta-se na clareira com vista para o ringue, com a garrafa no colo. O resto da sua vida começará com o momento em que ele quase a abre, ou quase não o faz.

Radicalização

Os sacos da reciclagem tilintam quando Ana lhes pega, apesar de ter tentado enfiar pacotes de leite no meio das garrafas; não consegue dar conta de leite que chegue para fornecer isolante suficiente de modo a esconder as provas do que o pai bebe, neste momento, a menos que despejasse o leite diretamente para o ralo. Abre a porta e sai para o pátio. Maya vem a subir a estrada, de guitarra às costas, e as duas amigas de infância veem-se uma à outra ao mesmo tempo. Uma das coisas que Maya adora mesmo, mesmo, em Ana é que ela nunca se dá ao trabalho de dizer olá.

– Ajuda-me com os sacos! – exclama, com uma risada, e passa um dos sacos a Maya como se tivessem passado meras horas e não meses desde a última vez que se viram.

Dirigem-se para os contentores da reciclagem.

– Tinha saudades tuas. – Maya sorri.

– Que raio de sapatos são esses? Vais a algum baile, ou quê? – responde Ana.

– E tu? És alguma sem-abrigo, ou quê?

Ana ergue as sobranceiras.

– Eu sempre me vesti assim. Tu é que estás a ficar uma snobe.

– Uma snobe? Só porque não pareço uma figurante num filme de zombies?

– Parece que te maquilhaste no meio de um tremor de terra!

Riem-se a bandeiras despregadas, as duas. Dois minutos e está tudo normal. As mesmas piadas, os mesmos risos, as mesmas tatuagens nos braços: guitarras e espingardas. A música e a caçadora. Nunca duas raparigas com tão pouco em comum foram tão inseparáveis. Falam ao mesmo tempo, com a capacidade de simultaneidade que as irmãs têm; nenhuma precisa de se calar para ouvir a outra. Maya só fica sem palavras quando abre o saco que Ana lhe deu e vê todas as garrafas.

– Hoje está sóbrio, uma vez que o funeral é amanhã e não quer perder o convívio a seguir – diz Ana, porque Maya é a única pessoa a quem nunca tem de se desculpar.

Maya acena com ar sério e começa a enfiar as garrafas no contentor. Na véspera do funeral, as pessoas mantêm-se sóbrias, «por uma questão de respeito», e assim que Ramona estiver debaixo do chão beberão até cair, pelo mesmo motivo.

– Pensei que o teu pai estivesse melhor – afirma, em voz baixa.

– E esteve, durante uns tempos. Depois eu venci aquela competição e liguei para lhe contar, e ele só sabe festejar com a bebida – explica Ana, como se fosse culpa dela.

– Desculpa, eu... – começa Maya, mas Ana suspira.

– Cala-te. As coisas são como são. Podemos mudar de assunto?

Ana está mais dura, pensa Maya. Ou talvez apenas mais crescida. Ou talvez tenha começado a fechar portas e janelas em torno dos seus sentimentos, porque é o que os adultos fazem. Só as crianças conseguem viver num turbilhão emocional.

– Desculpa não te ter ligado mais vezes. Tenho andado tão ocupada com a escola, mas devia ter vindo visitar-te com mais frequência apesar disso.

– Estás aqui agora – declara Ana.

– Sim, mas sabes o que quero dizer.

Ana ri-se e, de repente, abraça Maya.

– Gosto tanto de ti, minha burra! És a única pessoa que conheço que pede desculpa por não estar aqui quando está aqui! A sério? Não podias estar mais aqui do que *aqui*, pois não?

Maya aperta a amiga com tanta força que lhe doem os pulmões.

– Tenho tantas saudades tuas.

– Estás *agarrada* a mim, sua burra!

– Cala-te!

Como é que as outras pessoas aguentam, pensa Maya, como é que podem viver sem uma Ana? Como raio é que sobrevivem? As duas amigas regressam a casa, de braço dado. Ainda há árvores caídas aqui

e ali, e os estragos causados pela tempestade são visíveis nos quintais. É muito fácil para o vento arrasar com a ilusão de que somos nós que tomamos as decisões.

– Quanto dinheiro achas que vai ser preciso para reparar todos os estragos? – pergunta Maya, pensativa.

– Deves estar a confundir-me com os teus novos amigos que são professores de Economia – responde Ana, com um sorriso.

Maya sorri também, mas sente os cantos da boca tensos.

– Ainda assim, isto não é o pior. Viste como está Hed?

Ana fica séria.

– Sim. Estive lá esta manhã. E ouvi o meu pai a falar com os amigos da caça. Ao que parece, o rinkue de gelo ficou completamente destruído e todas as equipas de Hed têm de vir treinar no nosso. Toda a gente está chateada por causa disso. E o meu pai diz que só vai piorar.

Maya repara que ela diz «o nosso rinkue». É outra coisa que mudou em Ana: começou a odiar mais Hed após a morte de Vidar.

– Esta manhã, vi o meu pai com o Teemu... – conta-lhe Maya, só para ver como a amiga reage.

– Devem estar a planear o funeral da Ramona – responde Ana, encolhendo os ombros como se não fosse nada.

– Hum – diz Maya, como se quisesse convencer-se a si própria.

Não sabe como avançar com a conversa, porque prescindiu do direito de criticar Ana quando foi viver para fora. Isso deixou Ana sem ninguém com quem falar sobre Vidar a não ser os tipos da Matilha, que compreendiam o que ela estava a passar. Eles agora vão assistir às competições em que Ana participa, os blusões pretos no meio do público, enquanto Maya está demasiado ocupada com a sua nova vida.

– Imagino que o Teemu também quer falar com o teu pai por causa dos boatos sobre os clubes. O meu pai diz que os amigos da caça estão constantemente a falar sobre o município querer fechar o Hóquei de Hed e ficar só com o clube de Björnstad.

– O quê?

– Bom, sabes como é: Hed já não tem patrocinadores, não tem dinheiro, é o município que os está a aguentar à tona de água. Achas que vão usar o dinheiro dos nossos impostos para reconstruir o rinque deles? Uma ova! Faz muito mais sentido haver só um clube!

Não são palavras dela, vieram do pai e dos outros tipos, Maya apercebe-se disso. Mas não pode discutir com eles porque esta já não é a sua cidade.

– Ainda há bem pouco tempo era Björnstad que não tinha patrocinadores... – lembra, baixinho.

– Sim, claro. Mas antes é antes e agora é agora – contrapõe Ana, com um encolher de ombros.

– Hum – diz Maya, e Ana lança-lhe subitamente um olhar culpado e pergunta-lhe, para evitar uma discussão:

– Vais arrastar essa guitarra de um lado para o outro como se fosse um enfeite, ou vais tocar alguma coisa para eu ouvir?

Assim, entram em casa e vão para o quarto de Ana e, aí, Maya toca para a melhor amiga e para os cães, como se tudo estivesse na mesma. A seguir, deitam-se lado a lado na cama de Ana e olham para o teto. Ana quer saber em que está Maya a pensar, e Maya não consegue responder-lhe senão com a verdade:

– Estudámos as seitas religiosas, na escola. Falámos sobre radicalização. É igual com os terroristas. Depois de se envolverem, as pessoas deixam-se arrastar num instante. Ninguém nasce louco, ninguém nasce violento; começam apenas por fazer uma coisinha, depois outra. Radicalização é quando todas as cenas doentias são normalizadas e as pessoas se vão tornando um bocadinho mais perigosas, um passo de cada vez. E esta cidade é assim, de certa forma. Toda a gente acha estar a lutar pelas coisas certas. Todos pensam que estão a agir em... em legítima defesa.

Ana fica em silêncio, a olhar para o teto, durante muito tempo. Depois pega na mão de Maya sem se virar para ela e murmura:

– Que raio havemos de fazer, então, se acontece o mesmo em todo

o lado?

– Não sei.

– Então não penses nisso.

– Tu tens mais jeito do que eu para não pensar.

– É porque sou tão inteligente que já pensei tudo o que havia para pensar.

– A sério? A sério? Deve mesmo ser!

Ana ri-se.

– Gosto das tuas canções novas, idiota.

Maya ri-se também.

– Obrigadinha, vagabunda.

Adormecem, ali deitadas na cama, e nenhuma delas dormia um sono tão reparador há muito tempo. Costas com costas, como sempre.

Buracos de bala

A oficina de automóveis de Björnstad está vazia nessa manhã, e por isso o seu proprietário ficou a beber café e a ler o jornal durante mais tempo do que o habitual, na sua garagem. Chamam-lhe «Javali», porque era assim que jogava hóquei muitos anos antes, como um porco selvagem, mas as suas mãos enormes são inesperadamente gentis e delicadas quando repara coisas estragadas. Por isso as pessoas não lhe trazem apenas os carros, aparecem com todo o tipo de coisas: motas de neve e corta-relvas e máquinas de café e, de vez em quando, um alambique ilegal. Ao longo dos últimos dois anos, têm aparecido de forma mais regular, depois de a mulher dele morrer, porque é assim que as pessoas mostram que se preocupam a um homem que não gosta muito de ouvir que também precisa de ser cuidado.

O filho, Bobo, está no rinque. É o assistente da treinadora da equipa principal, e por vezes o pai tem de enfiar a cabeça no motor de algum carro, durante mais tempo do que seria necessário, para não mostrar quão amiúde pensa como a mulher teria ficado orgulhosa disso. O irmão e a irmã mais novos de Bobo lidaram relativamente bem com o desgosto, dadas as circunstâncias: já voltaram a rir e deixaram de fazer perguntas constantes. Hoje, foram brincar para casa de uns amigos.

Teemu foi informado de antemão; respeita demasiado o Javali para aparecer quando as crianças lá estão. Os filhos merecem pensar que o pai não tem qualquer relação com homens como ele.

– Estás de férias, ou quê? – grita do pátio.

O Javali levanta a cabeça. Apertam as mãos. O Javali é um homem de meia-idade, nunca fez parte do grupo de Teemu, mas também não tem vergonha da amizade que os une. Quando a mulher dele morreu, Peter, seu amigo de infância, foi obviamente o primeiro a aparecer e a oferecer ajuda, mas logo a seguir chegaram os homens dos blusões

pretos. Repararam o telhado do Javali, pintaram a casa, e, na fase de maior caos com os miúdos, fizeram turnos a ajudá-lo na oficina durante semanas, de graça. É o tipo de coisa que não se esquece. Sorri a Teemu e aponta para o parque de estacionamento meio vazio.

– Ninguém por estes lados põe os motores a arranjar na semana antes da caça ao alce, sabes muito bem. Metade dos carros vai acabar com buracos de bala no tejadilho, porque vão meter-se pelos caminhos da floresta, bêbados, esquecidos de que têm as espingardas na mão...

Teemu desata a rir.

– Nestas florestas, atingem-se mais pássaros por acidente do que alces de propósito.

O Javali junta-se aos risos. É o tipo de piada que os caçadores da região gostam de contar entre si, mas que jamais tolerariam vinda de outras pessoas. Nem o Javali nem Teemu alguma vez iriam para a floresta com alguém que não fosse responsável com a sua arma. Os caçadores têm de poder confiar cegamente na pessoa que têm ao seu lado, mas, principalmente, na pessoa que têm atrás de si.

– Café?

– Se faz favor.

Bebem. Fazem conversa de circunstância sobre motas de neve e hóquei. O Javali espera que esvaziem duas canecas antes de perguntar:

– Então, do que precisas?

Teemu parece quase envergonhado, mas apenas quase.

– De um favor. Não precisas de o fazer, se preferires não te...

– Quem é que me está a pedir o favor: tu ou os teus amigos?

– Sou eu.

– Nesse caso, já sabes que faço o que quiseses.

Teemu acena, agradecido. Depois aponta para um dos poucos veículos que ainda estão parados em frente à oficina.

– Preciso daquilo.

Ameaças

Lev vive numa pequena casa arrendada, à vista da cerca alta que rodeia o ferro-velho. Os homens que trabalham para ele vivem em autocaravanas no interior da cerca. Ele é o patrão, portanto não pode ser amigo deles. Esta pequena distância é necessária, para que eles possam desabafar sobre os seus agravos sem que Lev oiça tudo. O trabalho que lhes oferece não é simples, portanto os homens simples nunca se candidatam.

– Lev! LEV! – chama um deles, do pátio.

Bate na porta da casa. Lev abre, irritado.

– Sim?

– Está aqui um tipo de fato! Parece polícia! – anuncia o homem, numa das línguas que Lev arranha.

Espreita pela fresta da porta, para a entrada do ferro-velho, e é verdade, está lá um homem de fato. No entanto parece aterrorizado.

– Aquele tipo não é polícia – murmura Lev, e vai buscar o casaco.

O homem de fato aguarda, nervoso, enquanto ele se aproxima. Lev fecha a porta de casa à chave e demora o seu tempo.

– Sim? – inquire, quando está realmente perto.

– Sim... hã... acho que o meu carro está aqui? Deixei-o a arranjar na oficina em Björnstad e, quando liguei esta manhã para saber se estava pronto, disseram-me que alguém já o tinha ido buscar para o deixar... aqui.

Lev olha em volta, com alguma prudência.

– Alguém foi buscar o seu carro e veio deixá-lo aqui?

– Sim, sim, foi o que ele disse.

– Quem?

– O homem da oficina.

– Em Björnstad?

– Sim.

Lev não tira os olhos do homem de fato.

– Que carro é?

– É... preto – diz o homem de fato, e tosse delicadamente.

Lev acena com a cabeça, inexpressivo.

– Está bem. Vamos lá dar uma vista de olhos, sim? – sugere, conduzindo o homem para o portão.

– Não... não, deixe estar, posso voltar depois, eu... – balbucia o homem, mas Lev insiste.

– Venha lá. Não há nada a temer. Não somos assassinos nem ladrões, como deve ter ouvido, sim?

Só há uma entrada; a cerca é alta, encimada por várias câmaras de segurança, e cheira a queimado no interior. Lev caminha sobre a neve recente, com o homem de fato atrás de si. Encontram um homem corpulento de barba cerrada e com uma *T-shirt* fina, e Lev murmura-lhe algumas instruções numa língua que o homem de fato não consegue identificar. O de *T-shirt* desaparece numa caravana e Lev conduz o homem de fato à volta do ferro-velho. É maior do que parece visto de fora, mas, ainda assim, o homem de fato vê apenas uma fração daquilo que lá existe.

– Está aqui? – pergunta Lev, depois de terem dado a volta pelo interior da cerca, passando por filas de carros acidentados e pilhas de sucata impossível de identificar.

O homem de fato abana a cabeça, ansioso. Lev semicerra mais os olhos e sente o pescoço tenso. O homem de *T-shirt* volta a sair da caravana.

– Esteve aqui alguém durante a noite? O alarme disparou? – pergunta-lhe Lev.

O homem da *T-shirt* abana a cabeça. Lev vira-se para o homem de fato.

– Qual é a sua profissão?

– Desculpe?

– A sua profissão!

O homem engole em seco.

– Sou o proprietário da agência funerária de Björnstad.

Lev aproxima-se mais.

– Repita o que ele disse, sim? O homem com quem falou ao telefone. Ele disse-lhe para vir buscar o carro *aqui*?

O homem encolhe-se mais a cada sílaba e por fim abana a cabeça.

– Não, não, ele disse... o seu nome. Disse: «Está com o Lev».

Lev já recomeçou a andar.

– Espere aqui, sim?

O homem de fato faz o que lhe mandam. Lev sai do ferro-velho e percorre a curta distância que o separa da sua casa. A porta está aberta, embora ele tenha a certeza de a ter trancado antes de sair. Na mesa da cozinha está um copo de cerveja do bar de Björnstad, vazio, e, ao lado, as chaves de um carro. Lev olha pela janela para o pequeno quintal atrás da casa. Uma secção da cerca foi removida, o que deve ter exigido vários homens, a trabalhar extremamente depressa. É assim que dão a entender que estão em todo o lado, que conseguem alcançar qualquer pessoa, seja onde for, quando quiserem. Não é uma ameaça subtil. Teemu não é um homem subtil.

*

Deixou o carro funerário no meio do quintal de Lev.

Problemas

Mais tarde, haverá uma centena de versões diferentes daquilo que se passou, claro, conforme a pessoa a quem perguntarmos. Como de costume, a maioria das histórias não será sobre o que realmente aconteceu, mas sobre o que as pessoas sentiram ter acontecido. O que sentiram foi que todos os conflitos entre as duas cidades, ao longo dos últimos cinquenta anos, explodiram de repente. Por essa razão, não é possível determinar o que foi planeado, o que foi vingança e o que foi somente coincidência. Por fim, as histórias tornar-se-ão tão interligadas que, se puxarmos por um pequeno fio de um lado, arrancamos os pontos que unem todas as nossas feridas do outro lado. Porém, independentemente de quem a contar e de que lado cada um está, todos concordarão numa coisa: as tréguas entre Björnstad e Hed, se é que alguma vez existiram, chegam ao fim hoje, sem a menor dúvida.

A entrada está apinhada de gente quando Tess e os irmãos entram, e já há murmúrios de problemas, tal como, no fundo, ela temia. Mas, se tivesse sido franca, o pai teria insistido em ir com eles, e aí o caos seria *garantido*. Assim, Tess pensou que conseguiria lidar com a situação. Foi uma decisão estúpida.

Puxa os irmãos consigo na direção dos balneários. Uma equipa de rapazes de Björnstad acabou o treino e os jogadores estão a sair do gelo, lá em baixo, enquanto outra equipa de Hed entra, e mães e pais de ambos os lados puxam e empurram os seus filhos com o respetivo equipamento. Tess e os irmãos têm de abrir caminho à força, não porque as pessoas estejam a fazer fila para alguma coisa, mas porque muitos decidiram escolher o dia de hoje para marcar o seu território. Como de costume, os piores nem são os jovens, mas sim os pais, em grupos por todo o lado, com as suas garrafas-termos e pacotes de guloseimas, fingindo não se dar conta de que estão a atrapalhar o

caminho aos miúdos de Hed, embora tenham plena consciência disso. «Como é que alguém pode comportar-se desta maneira contra crianças, quando eles próprios têm filhos?», pensa Tess, precisamente quando alguém grita qualquer coisa e algo atinge Ture na cabeça. O menino começa a chorar. Momentos depois, um bando de jogadores de Hed principia a cantar alguma coisa, e todos os pais de Björnstad irrompem em gritos histéricos.

– Que aconteceu, Ture? O QUE FOI? – grita Tess por cima do barulho, agarrando em Tobias e Ted para não os perder.

O aperto intensifica-se de súbito, os pais começam a ficar agressivos e Ture está aterrorizado. Tess tenta pegar-lhe ao colo, mas não consegue, porque já carrega também o saco dele e o dela. Adultos tropeçam nela e Tess grita quando as suas pernas cedem e, em poucos segundos, está completamente em pânico. É então que vê um punho do tamanho de uma pá de limpar a neve enfiar-se no meio da confusão de corpos e pegar em Ture, nos sacos e nela.

– Venham! – diz o rosto redondo e descontraído por trás do punho, e puxa os quatro irmãos atrás de si assim como todas as outras crianças de vermelho que encontra.

Abre caminho entre a multidão de pais como se fossem meras cortinas à sua frente, e enfia os miúdos todos num dos balneários. Lá dentro, Tess, ofegante da falta de ar e da fúria, olha para ele e retira duas conclusões: primeira, aquele rapaz é gigante; segunda, veste uma camisola *verde*.

– Estão todos bem? – pergunta aos irmãos.

Eles fazem que sim com a cabeça. Ture está assustado, Tobias está zangado, mas Ted limita-se a olhar para o gigante com uma expressão de admiração.

– Eu conheço-te! Chamas-te Bobo, não é?

O gigante enrubesce, provavelmente convencido de que a sua fama como jogador de hóquei chegou até mesmo a Hed.

– Hã... sim...

– Conheces o Amat, não conheces? Ele está aqui? – interrompe

Ted, tão empolgado que começa aos saltinhos.

O gigante agita-se com um ar tão constrangido que Tess tem pena dele. Olha de soslaio para ela e diz:

– Não... Bom, na verdade não sei, mas acho que o Amat não vem hoje. E a equipa principal trocou o horário do treino, por isso só vamos treinar mesmo ao final do dia...

– Podemos ficar a assistir? – quer saber Ted.

– És estúpido? Ficar aqui até à *noite* para ver *Björnstad*? – exclama Tobias.

Tess olha para Bobo, atrapalhada.

– Obrigada pela ajuda. Os meus irmãos também estão gratos, mas infelizmente não têm inteligência suficiente para o exprimir. Mas... mas a verdade é que nos salvaste.

O gigante cora de tal maneira que tem de se ajoelhar em frente de Ture para não olhar para Tess, com receio de irromper em chamas reais.

– Estás bem? Havia ali umas pessoas estúpidas, mas eu vou pô-los na rua, está bem? Nem toda a gente em Björnstad é assim, garanto que temos muita gente simpática no rinque que cuidará de vocês. Não precisas de ter medo, está bem? – assegura ao menino mais pequeno.

– Os estúpidos podem ir para o inferno! – responde Ture instantaneamente, e bate com a mão na de Bobo.

– TURE! – exclama Tess, e Bobo não consegue conter o riso.

Levanta-se e olha para ela. Depois diz:

– Também tenho um irmão e uma irmã mais novos.

– Vê-se – diz ela, com igual medida de admiração e crítica.

Ele coça o queixo distraidamente. É três anos mais velho do que Tess, mas sente-se mais novo. Nunca viu olhos como os dela; Tess olha para ele parecendo que tão depressa pode desatar a ralar-lhe como a rir-se. Bobo abre a boca, mas a voz falha-lhe.

– Se... ouve, se o Amat aparecer, prometo que venho buscar o teu irmão para o conhecer. E se tu... quer dizer, se algum de vocês precisar de alguma coisa, gritem por mim. Não estarei longe, a menos

que esteja no bar ou coisa do género, mas... bom, serei na mesma... – gagueja.

– Fácil de encontrar? Uma vez que tens cinco metros de altura e sete de largura? – sugere Tobias num tom de ligeira troça, o que lhe conquista um pontapé nas canelas dado pela irmã.

– Obrigada, mais uma vez! A sério! – reitera ela.

Bobo sorri e acena com a cabeça, de olhos postos no chão.

– Lamento muito que as pessoas tenham sido tão estúpidas. Mas... não somos todos assim – garante.

– E nós também não – responde ela.

Ambos se sentem uns mentirosos.

Ainda há muita gente no corredor, mas ao longo das horas seguintes todos se acalmam, primeiro os mais novos, depois os pais. Os grupos etários dos respetivos clubes partilham o tempo no gelo: Ted treina com a sua equipa em metade do rink enquanto os rapazes de Björnstad fazem o mesmo na outra metade. Depois Ture treina com os restantes miúdos de sete anos, e por fim Tobias com os de quinze. A seguir é a vez dos patinadores artísticos. A última coisa que Tess diz a Tobias antes de se dirigir para o gelo é:

– Leva o Ted e o Ture e esperem no balneário, e não se metam em sarilhos! Assim que o meu treino acabar, vamos para casa!

Minutos depois, Bobo está a comprar um gelado no bar quando alguém entra e grita:

– Bobo, rebentou uma luta enorme lá em baixo! Foi aquela maluca que começou!

*

Acontece tudo tão depressa.

*

Contar-se-ão tantas histórias diferentes sobre o que aconteceu no

rinque de gelo nesse dia, e nenhuma será inteiramente verdade. Em Björnstad, por exemplo, muitas pessoas deixarão de fora a parte sobre os quatro irmãos que entraram no rinque e em que alguém atirou uma tampa de garrafa à cabeça de Ture, e outra pessoa gritou: «Putas de Hed!» a Tess. Ela agarrou em Ture para que ele não fosse espezinhado, e tentou agarrar em Tobias para o impedir de lutar, e conseguiu segurá-los, mas por pouco, embora não tenha servido de muito, porque o corredor estava cheio de outros adolescentes de Hed. Alguns começaram a entoar a melodia de um cântico e depressa todos os outros se juntaram. Quando a história for contada em Hed, um número espantoso de pessoas omitirá o facto de o cântico ser o mesmo que os apoiantes do Hóquei de Hed entoavam dois anos antes, quando a verdade sobre Kevin acabara de se saber e o ódio entre os dois clubes nunca fora pior.

Muitas pessoas em Hed «esquecer-se-ão» também de mencionar que havia velas no corredor em frente dos balneários, por baixo de uma fotografia de Ramona, e que – cerca de duas horas depois da primeira escaramuça junto à entrada – um rapaz de Hed as espezinhou e derrubou. Em contrapartida, muitas pessoas em Björnstad saltam a parte em que a mãe de um rapaz da equipa de Björnstad já tinha deitado a mão a uma patinadora artística de dezassete anos de Hed, quando ela se preparava para conduzir as suas pequenas alunas para o gelo, porque entendia que não era ainda a vez delas. Em Hed, as pessoas rir-se-ão e dirão que a mulher escolheu a jovem errada com quem se meter, porque ela se chama Tess e é filha de Johnny e Hannah, e pode ter um rastilho maior do que o dos irmãos, mas isso não significa que não haja muita pólvora dentro dela. Em Björnstad, as pessoas fingir-se-ão chocadas e alegarão que Tess empurrou a mãe em questão. Em Hed, as pessoas dirão que a mãe a agarrou pelo pulso, e que Tess simplesmente se libertou, e a mãe desequilibrou-se e caiu de rabo no chão. Em Björnstad, as pessoas contarão que o irmão de Tess, de quinze anos de idade, saiu do balneário intempestivamente, furioso, e deitou abaixo as velas todas

por baixo da fotografia de Ramona. Em Hed, as pessoas irão argumentar que ele tinha acabado de ouvir que alguém atacara a irmã e saiu a correr para a defender, sem dar pelas velas.

*

Costuma dizer-se que a história é escrita pelos vencedores, mas aqui não há vencedores.

*

Quando Bobo ouve o que se passa, desce a correr do bar e esvazia o corredor de miúdos de quinze anos alvoraçados, esforçando-se tanto quanto possível por atirar os de verde para um lado e os de vermelho para outro, mas não é com eles que está mais preocupado. Depois da primeira escaramuça, alguém fez um telefonema, e pouco depois apareceram alguns tipos de blusões pretos que assumiram posição nas bancadas num dos extremos do ringue. Até agora só lá estão os membros mais novos da Matilha, os moços de recados, mas Bobo sabe que os membros mais velhos e mais perigosos estão a uma mensagem de distância. Se Teemu e os seus companheiros mais chegados aparecerem no meio desta confusão, Bobo não garante que toda a gente deixará o ringue pelo seu próprio pé.

– Anda, temos de sair daqui! – diz rapidamente a Tess, e ela vê-lhe nos olhos que não é por si próprio que está assustado.

– Toby! Ted! Ture! – grita ela de imediato para os irmãos, e puxa-os consigo através do pavilhão até ao parque de estacionamento enquanto envia uma mensagem ao pai: «O treino acabou mais cedo. Podes vir buscar-nos já?»

Sabe que é melhor não mencionar que houve problemas; fê-lo uma vez quando estava numa festa de aniversário, aos doze anos, e ele apareceu com mais seis bombeiros e parecia capaz de matar qualquer rapaz que se atrevesse sequer a olhar para ela. Ofegante, Tess vira-se

para Bobo, que parece embaraçado, como se o sucedido fosse culpa dele. Ela quase desata a rir.

– Eu... gostei de ver como acalmaste a situação, separando-os, mas sem bater em ninguém – elogia ela.

– Não gosto de lutas. Sou apenas grande – explica Bobo com um sorriso tímido.

– Ainda bem. Não gosto de pessoas que gostam de lutas – diz ela.

Bobo não sabe para onde há de olhar, e dá quase meia-volta para não ter de a fitar nos olhos. Dá-se então conta de que Tobias tem um olho negro com mau aspeto, e dá-lhe o gelado para pôr sobre o inchaço. Provavelmente diz muito sobre Bobo que tenha conseguido pôr fim à luta no ringue sem deixar cair o gelado. Também diz muito sobre ele, que gosta tanto de gelado, estar disposto a dar o seu ao irmão de Tess.

– Como está esse olho? – pergunta.

– Bem – resmunga Tobias, ainda encolerizado.

– E os nós dos dedos? – pergunta Bobo com a sombra de um sorriso, que se dissipa instantaneamente sob o olhar fulminante de Tess.

– Doem à brava – responde Tobias com um sorriso débil.

– Eu avisei-te para não te meteres em sarilhos! – repreende-o Tess.

– *Tu* é que te meteste em sarilhos, eu só te fui ajudar! – riposta Tobias.

Ted está completamente mudo, lançando de quando em quando um olhar rápido para a entrada do ringue. Todos os outros miúdos de Hed estão a sair para o parque de estacionamento. A entrada está apinhada de miúdos de verde que gritam: «Putas de Hed!» e coisas ainda piores. É evidente que gostariam muito de vir ter com Tobias e acabar o que começaram, mas não com Bobo por perto.

– Devias voltar para dentro – sugere Tess quando vê a carrinha a aproximar-se. Johnny vem a conduzi-la como se a tivesse roubado.

– Tens a certeza? Se calhar... – começa Bobo.

– Acredita em mim. Não estou com receio de que nos aconteça

alguma coisa depois de o meu pai chegar. O meu receio é o que o meu pai fará dentro do ringue se não o tirarmos imediatamente daqui – responde Tess.

Tem razão. Precisa de recorrer a todos os seus poderes de persuasão, usando como argumento o ar assustado de Ture, para impedir o pai de pegar na primeira arma que lhe vier à mão e se lançar contra todos os que atacaram os filhos. Embora Johnny pese o triplo de Tess, ela consegue segurá-lo.

Vê muito claramente nos olhos do pai aquela coisa que alguns homens têm, a incapacidade de ver os outros como pessoas quando está furioso, e assim, para o convencer, recorre à única coisa que sabe ser mais forte do que a sua violência: o seu instinto protetor.

– Pai! PAI! OUVI! Temos de levar os miúdos de Hed para casa, temos de os tirar a todos daqui antes que aconteça mais alguma coisa, estás a ouvir? Tens de proteger TODOS os miúdos!

Os ombros de Johnny finalmente baixam. Olha em volta, para todos os jovens assustados e confusos de camisolas vermelhas, espalhados pelo parque de estacionamento em pequenos grupos. Há também meia dúzia de adultos, treinadores e alguns pais, mas parecem quase tão assustados como as crianças. Johnny olha na direção da entrada do ringue. Um tipo de Björnstad, de cerca de vinte anos, está à porta, à frente do aglomerado de gente. Tem um rosto redondo e simpático, e é tão calmeirão que parece estar a conter sozinho o bando de idiotas de verde. Johnny pega no telemóvel e liga a todos os colegas, e pouco depois começam a chegar carros de Hed.

Nessa altura as coisas podiam ter ficado completamente descontroladas, mas, antes que algum homem desses carros tenha tempo de sair e pensar em arranjar mais problemas, Tess e Johnny começam a enfiar os miúdos de Hed nos bancos de trás e a mandá-los seguir caminho. Esvaziam rapidamente o parque de estacionamento. Johnny e os filhos ficam para último e só então seguem os outros. Tess põe a tocar Springsteen no rádio do carro e pousa a mão no braço do pai. Pelo espelho retrovisor, vê Bobo, ainda a bloquear a

entrada do rinque; nem uma única pessoa conseguiu passar por ele. Porém nem mesmo ele consegue impedir os telefonemas.

Johnny, Tess e os rapazes vão em silêncio até à fronteira entre Björnstad e a floresta. A luz do dia mal teve tempo para surgir antes de começar novamente a escurecer; os dias já diminuem rapidamente, no entanto as figuras ainda são claramente visíveis na penumbra. Ao lado das placas, de ambos os lados da estrada, estão cerca de uma dúzia de homens de blusões pretos, todos com máscaras exceto Teemu. Ele olha para a carrinha quando passa. Johnny nunca falou com ele, mas claro que sabe quem é, toda a gente em Hed sabe. É a pessoa contra quem avisam os filhos sempre que há um jogo local. E agora Teemu também sabe quem Johnny é.

Quando a carrinha passa e se afasta pela floresta, um dos homens ao lado de Teemu arremessa uma garrafa de vidro, que se estilhaça contra a porta da bagageira, um derradeiro presente de despedida. O som faz os irmãos dar um salto, e Ture começa a chorar, mas Tobias nem sequer pestaneja.

– Eu não disse? Toda a gente nos odeia lá! – declara simplesmente.

E, com estas palavras, encosta a cabeça para trás e fecha os olhos. Dois minutos depois está a risonhar. A mãe diz sempre que esse é o verdadeiro talento de Tobias na vida: conseguir adormecer em qualquer lugar, em qualquer circunstância. Tal e qual como o pai.

Guarda-redes

O Janota está ao telefone com os políticos do conselho municipal quando toma conhecimento da luta no ringue. Corre para lá mas, quando chega, o pavilhão está quase vazio. Todas as pessoas de Hed já se foram embora e os problemas parecem ter terminado tão depressa como começaram. Alguns pais de jogadores mais novos de Björnstad ainda andam por ali, a dizer uns aos outros o que fariam se «algum deles» ousasse voltar a dar a cara por aqueles lados, mas, como de costume, não é dos homens que falam muito que se deve ter medo. O vigilante corre com eles quando está quase na hora do treino da equipa principal; terão de ir para casa e armar-se em duros com as sombras pelo caminho. O Janota dá uma volta ao ringue, nervoso, sem saber bem o que procura, e depois senta-se no cimo das bancadas a ver o treino da equipa principal e pensa, pensa, pensa. Tem olheiras fundas e marcadas, como se alguém tivesse entornado uma bebida com gás num casaco de camurça; normalmente tem jeito para disfarçar a ansiedade, mas hoje está a falhar de tal maneira que o vigilante tem um ataque de simpatia e lhe leva um copo descartável com um café horrível, dizendo-lhe:

– Anima-te, Bambi! Parece que alguém te roubou a manteiga e te enfiou o dinheiro no rabo. Não é propriamente a primeira vez que há confusão no ringue, pois não?

O Janota alarga o nó da gravata para que as pregas do pescoço grosso assentem de modo mais confortável.

– Não, não. Mas isto é diferente. Há mais em risco.

– Oh, então os boatos são verdadeiros, para variar? Que segredo tão mal guardado... Os políticos sempre vão tentar juntar os dois clubes outra vez?

O Janota nem sequer tenta negar, já não faz qualquer sentido.

– Não. Não querem a fusão dos clubes, querem o encerramento de

um deles. Ou Hed ou Björnstad.

– Com certeza que não podemos ser nós, pois não? Quando eles nem sequer têm um rinque neste momento?

– Não. E, acima de tudo, nós temos patrocinadores e uma equipa muito melhor. – O Janota acena com a cabeça, mas sem grande convicção.

– Mas?... – incentiva o vigilante.

O Janota solta um queixume surdo.

– Mas há políticos envolvidos, e os políticos não sabem distinguir o rabo da cara! Antes, queixavam-se de que não tínhamos dinheiro, e agora que *temos* dinheiro, queixam-se dos *hooligans*. Receiam que, se nos deixarem ficar com todos os recursos de Hed, haja problemas entre as claques. Assim, contrataram uma agência publicitária e tiveram a ideia de encerrar *ambos* os clubes e fundar um *clube novo*, aqui em Björnstad, com um nome diferente!

O vigilante quase cospe o café.

– O quê... Vão acabar com o Hóquei de Hed *e* com o Hóquei de Björnstad? Nunca ouvi maior estupidez!

– Que é que acha que eu lhes disse? Já estive em mil reuniões com aqueles imbecis do município, para os tentar fazer ver que o melhor é salvar este clube, e *garanti-lhes* que não haverá mais violência! E o que fico a saber hoje? Que há um motim em curso aqui, e que o Teemu mandou o seu maldito exército de campónios pôr-se na estrada da floresta a atirar garrafas a carros com famílias lá dentro! Como espera que eu explique uma coisa dessas? Hã?

O vigilante não diz nada durante muito tempo. Depois exclama, com uma risada:

– Oh, queres que seja *eu* a responder-te?

Não, claro que não é nada disso. O Janota está apenas a tentar pensar, e por vezes isso resulta melhor se puder falar ao mesmo tempo, por isso levanta o copo e diz:

– Isto não é problema seu. Obrigado pelo café. Uma mistela intragável, como de costume. Que me diz da equipa?

O vigilante abana a cabeça de um lado para o outro e murmura:

– Sem o Amat? Bom, a Zackell tem de arranjar quem o substitua, caso contrário bem podemos dar graças por termos um bom guarda-redes, porque terá muito trabalho pela frente!

O Janota olha para o gelo e concorda. Se havia alguma estrela na equipa na época passada, além de Amat, era sem qualquer dúvida o rapaz de dezanove anos à baliza, o rapaz cujo nome metade da cidade nem sabia por estarem tão habituados a chamar-lhe «Murmúrio». Se ele não gostava da alcunha, ninguém o soube, claro está, mas não parece que se oponha. O seu silêncio e talento ajudaram a que fosse mais fácil para os fãs de Björnstad gostarem dele, o que não é coisa pouca, tendo em conta que o guarda-redes que ele veio substituir era Vidar, que cresceu na bancada do ringue ao lado do irmão, Teemu. E é uma proeza ainda maior se nos lembrarmos que o Murmúrio é de Hed. Teve de trocar de equipa depois de Vidar morrer naquele acidente automóvel. Na altura, Hed achava que ele não era suficientemente bom, mas agora dariam metade da equipa principal para o ter de volta. Janota sente a maior das satisfações com a desgraça alheia ao pensar em como os adversários estavam enganados quanto a Murmúrio. Há sempre homens que estão absolutamente convencidos de serem capazes de prever quais dos miúdos se revelarão os melhores jogadores quando crescerem, mas este desporto ainda nos consegue espantar quando quer.

– Sim, qualquer equipa que o tenha entre os postes tem boas hipóteses! Tem uma cabeça vencedora! – concorda o Janota.

O vigilante enfia um pedaço de tabaco de mascar na bochecha, tão grande que custa a acreditar que coubesse na caixa.

– Sim, já vi uma série de tipos diferentes em frente daquela baliza ao longo dos anos, mas diabos me levem se este não é capaz de levar a taça. Nunca diz uma palavra, nem mesmo quando ganham, nem sequer parece ficar contente. É como se jogasse apenas com uma grande... escuridão dentro dele.

– Todos os melhores jogadores têm isso – responde o Janota, como

se fosse óbvio.

– A sério? – questiona o vigilante.

O Janota observa o guarda-redes lá em baixo.

– O Peter costumava levar porrada em casa por tudo e por nada, bastava entornar o leite. O Benji andava a esconder que era gay. O Amat é filho da empregada de limpeza num desporto de ricos. Todos os melhores jogadores têm dentro de si uma escuridão: é assim que se tornam os melhores, porque acham que a escuridão se dissipará se conseguirem vencer e continuar a vencer...

O vigilante pensa se o Janota estará a falar dos jogadores ou de si mesmo, mas não diz nada. Pergunta-se ainda se o Janota irá mencionar Kevin como outro exemplo do mesmo, mas não em voz alta. Dá uma palmadinha no ombro do Janota e diz apenas:

– Cabeça levantada, Bambi! Hás de arranjar maneira de lidar com os políticos, como sempre!

O Janota fica ali sentado, sozinho, com o peso de uma cidade inteira nos ombros. Tem jeito para irradiar autoconfiança, mas hoje está em baixo. Há sempre uma luta por recursos nesta floresta, os políticos andam a falar em encerrar um dos clubes de hóquei há décadas, mas a ideia de os fechar a ambos para começar um novo é mais difícil de discutir. «Não era isso que queria?», perguntou um dos políticos, surpreendido, nessa manhã, e o Janota quase atirou com o telemóvel contra a parede. «O que eu queria era que fechassem Hed! Não Björnstad!», respondeu com um rugido, apenas para ouvir em seguida: «Qual é o problema? Não pensei que fosse assim tão sentimental!» Ainda bem que ele e o Janota estavam a falar ao telefone e não na mesma divisão, porque teria sido o político a ir contra a parede em vez do aparelho. Sentimental? O Janota viveu aqui a vida toda, jogou sempre para o mesmo clube, construiu esta mesma cidade. Se uma pessoa não sentir nada por um sítio específico no planeta, não importa onde vive. Sentimental? Tudo aquilo de que ele realmente se orgulha na vida está ligado, de uma maneira ou de outra, ao Hóquei de Björnstad. Se mudarem o nome do seu clube,

apagarão toda a identidade do Janota. Não pode permitir tal coisa, tem de lutar com todas as suas forças, e, como não tem tempo para congeminar um plano brilhante, fica-se por um plano simples.

Quando o treino acaba, desce até às laterais do ringue e espera que o Murmúrio saia. Então, com um sorriso de orelha a orelha, oferece ao rapaz boleia para Hed.

– Só para me certificar de que chegas bem a casa! – garante-lhe.

O Murmúrio não diz nada, mas provavelmente já sabe muito bem que isso não é verdade.

Irmãos

Nessa noite, já tarde, Johnny e Hannah estão sentados na cozinha, a discutir como só os pais de filhos pequenos conseguem discutir: muito zangados, mas sem fazer barulho.

Hannah está aborrecida por Tobias se ter envolvido numa luta no ringue, claro, mas está igualmente aborrecida por Johnny não estar tão aborrecido com o filho como ela. Toda a raiva dele foi direcionada para Björnstad; alega que Tobias lutou para se defender, como se isso justificasse tudo. No fundo, Hannah está provavelmente irritada por não conseguir deixar de pensar que ele tem razão.

Johnny e os outros bombeiros passaram duas horas na garagem a beber cerveja e a olhar para o motor da carrinha depois de voltarem de Björnstad. Não arranjam nada, claro está, mas olharam para o motor com ar severo, como se pudessem convencê-lo a portar-se melhor. Hannah ter-se-ia rido disso se não soubesse o teor da discussão, porque já ouviu conversas parecidas noutras ocasiões. Costuma dizer-se, por piada, que os bombeiros em Hed são recrutados diretamente do ringue, mas só é uma piada em certa medida, já que a maioria dos membros da corporação jogavam juntos e o quartel passou apenas a ser o balneário seguinte. Quem discute com um, discute com todos. Hannah diz muitas vezes a Johnny, para o arreliar, que ele morre de medo de qualquer tipo de mudança, e que por ele teria sempre a mesma comida e a mesma marca de cerveja e a mesma poltrona para o resto da vida, ao que ele geralmente responde num resmungo que, raio, ela devia dar-se por bem feliz com isso, porque homens que detestam mudanças também não costumam trocar de mulher. Isso fá-la rir e Hannah não resiste a propor: «Queres dar um salto ao Celeiro e ver quem tem mais propostas?», e isso cala-o sempre. Na verdade, ela gosta tão pouco de mudanças como ele, porque, quando as coisas não precisam de ser mudadas, sabemos que

funcionam, e Hannah precisa de confiar nos seus colegas do hospital, tanto como Johnny precisa de confiar nos dele. Precisam de confiar nos vizinhos, porque os deixam a tomar conta dos filhos, e precisam de confiar nos amigos de infância, porque é a quem ligam quando a vida se complica. Se eles nos defendem, temos de os defender também. Hannah não é parva, é a primeira a admitir que Johnny pode ser por vezes o estereótipo de um tipo de meia-idade conservador, preconceituoso e agarrado ao passado, mas às vezes tem razão. Às vezes, defende as coisas certas.

Assim, esta é a pior espécie de discussão, aquela em que ambos compreendem o lado do outro.

– Tens de garantir que os teus amigos não vão fazer nenhuma estupidez... – sussurra Hannah à mesa da cozinha.

Ele riposta tão depressa que até ela é apanhada desprevenida.

– Nós? Nós é que não podemos fazer nenhuma estupidez? Sabes que, hoje, um dos pais da equipa do Toby ligou para a polícia quando os problemas começaram? E sabes o que lhe responderam? Que não tinham recursos para mandar ninguém a menos que houvesse feridos! Foram os adultos que começaram isto, Hannah. Os adultos! Basta haver um único caçador ilegal na floresta e a polícia manda logo cinquenta guardas armados, mas os nossos *filhos* podem ser atacados e os atacantes ficam impunes!

Ela vê que ele está com dificuldade em dominar o tremor nas mãos com que segura a caneca de café. Hannah sempre disse que noventa por cento dos amigos de infância dele são autênticos idiotas, e a maioria deles tem filhos nas várias equipas de hóquei. E se esses idiotas não confiam na sociedade para proteger as famílias, eles próprios tratarão disso, e Deus ajude quem estiver do outro lado quando isso acontecer.

– Compreendo que estejas zangado, não achas que eu também tenho vontade de ir lá dar um murro na cara de todas as mães de Björnstad? Mas temos de pensar nos miúdos! – contrapõe ela.

– É precisamente o que estou a fazer! – protesta ele.

– Será? O Tobias não faz o que tu dizes, faz o que tu fazes! És o herói dele! Como queres que ele aprenda que não está certo meter-se em lutas se fores fazer o mesmo?

Quando chegaram a casa, Hannah gritou tanto com Tobias que até as vidraças estremeceram, enquanto Johnny assistia sem dizer nada.

– Por amor de Deus, não posso dizer-lhe que é errado defender a irmã...

– Não é essa a questão! Mas temos de o castigar, com certeza que percebes isso! Não podemos permitir que ele pense que pode meter-se em lutas sem consequências.

– Já ralhámos com ele...

– Não. Eu ralhei com ele. Só eu.

– Por amor de Deus, querida, ele vai ser suspenso da equipa de hóquei! Não podemos fazer-lhe nada que seja pior do que isso – responde Johnny, com uma expressão cada vez mais triste e o café cada vez mais frio.

Ficam ali sentados em silêncio uns vinte minutos. Depois, Johnny pega subitamente no telemóvel e deixa-a ouvir enquanto liga para os colegas e para outros pais da equipa e lhes aconselha calma. Pede-lhes que pensem bem. Que não arranjem problemas sem necessidade. Desliga e estende os braços para ela, como quem pergunta «já estás satisfeita?», e ela responde com irritação:

– Estou tão farta de ter *cinco* filhos! – e vai deitar-se. Ele segue-a meia hora depois, e Hannah percebe pelos seus passos que o marido está arrependido. Já passa da meia-noite quando ela adormece, bem afastada dele, mas, quando acorda na manhã seguinte, Johnny tem um braço forte à volta dela. Hannah espera ter conseguido ensinar ao menos isso aos filhos: podemos discutir, mas estamos sempre unidos. Muito, muito, muito unidos.

*

Amat não aparece no treino da equipa principal nessa tarde.

Zackell não fica surpreendida. Bobo fica de rastos, mas, mesmo assim, regressa a casa com passo ligeiro depois do treino, de telemóvel na mão, para ver a mensagem de Tess, que já leu mais de cem vezes. «Encontrei o teu número *online*. Foi uma forma horrível de nos conhecermos, mas ainda bem que nos conhecemos. Liga-me se quiseres.»

Ele liga-lhe. Sentada na cama, ela fala baixinho para não acordar a família. Ele fá-la rir. É o melhor telefonema da vida dele.

*

Já é tarde e a casa está completamente silenciosa quando a porta do quarto de Tobias se abre devagar. Ted espreguiça e sussurra o nome do irmão, sem resultado, até que por fim entra e lhe torce os dedos do pé até ele acordar.

– Mas que raio?... – resmunga Tobias, ainda meio a dormir.

– Queria só... sabes... agradecer-te pelo que fizeste – murmura Ted.

Tobias boceja e senta-se na cama, encostado à parede, abrindo espaço para o irmão mais novo. O corpo de Ted é maior do que os seus treze anos, mas os olhos são consideravelmente mais jovens. Por dentro, é apenas um miúdo assustado. Tobias dá-lhe um soco ao de leve no ombro.

– Não tens de agradecer, Teddy. Agora volta para a cama.

– Não precisavas de o ter feito – murmura Ted, olhando com tristeza para o olho negro do irmão.

– Claro que precisava. – Tobias boceja.

A mãe ralhou-lhe a sério, como só ela era capaz de fazer, mas valeu a pena. Toda a gente parte sempre do princípio de que Tobias provoca as lutas, porque geralmente é verdade, mas não foi o caso desta vez. Não foi ele que saiu a correr do balneário numa fúria cega quando lhe chegou aos ouvidos que Tess estava em sarilhos; na verdade, fez o que a irmã lhe tinha dito: manteve a calma e certificou-

se de que Ture estava em segurança. Foi Ted que perdeu a cabeça e correu para o corredor, colidindo de imediato com dois tipos de Björnstad. Tobias gritou-lhe que parasse, mas Ted, o querido, doce, bondoso e desastrado Teddy, empurrou um dos tipos de Björnstad com todas as suas forças, por puro instinto. Naturalmente, o outro empurrou-o também ainda com mais força, e Ted cambaleou e caiu e, sem querer, derrubou as velas que estavam no chão por baixo da fotografia de Ramona. Levantou-se de imediato e, apesar de ser um inútil em lutas, ainda tentou dar um soco na cara do tipo de Björnstad. O segundo juntou-se de imediato à refrega, claro, mas deu por si estirado no chão antes mesmo de começar. Tobias saíra do balneário e, ao contrário do irmão, ele não tinha problema nenhum em andar à pancada. Deitou por terra também o outro tipo, quando correu para ele, plenamente consciente já na altura de que bem podiam perder as esperanças de tentar explicar o sucedido à mãe. «Vai para o balneário e tranca a porta e toma conta do Ture! Eu vou buscar a Tess!», gritou ele a Ted.

Ted obedeceu, e Tobias começou a colecionar olhos negros e nós dos dedos feridos. E depois aconteceu tudo o que aconteceu.

– Não era preciso – repete Ted, ao lado dele na cama.

– Claro que era, porque, se alguém descobrir que foste tudo que deste o primeiro soco, serás suspenso da equipa – explica Tobias com um bocejo.

– Mas assim foste *tu* suspenso – insiste Ted, infeliz.

– Esquece. Eles safam-se bem sem mim. Tu és mais importante porque és o melhor jogador da tua equipa. Eu sou apenas... sou como o pai – considera Tobias calmamente, colocando uma das suas almofadas no chão ao lado da cama, como se o assunto estivesse encerrado.

– E eu não sou? – murmura Ted, magoado, porque pensa que Tobias está a dizer que ele não é corajoso como o pai.

Tobias olha para o irmão mais novo com ar sério, estende a mão e aperta-lhe a orelha com carinho, mas firmeza.

– A sério, Ted? Estou só a dizer que, tal como o pai, vou jogar hóquei mais alguns anos e depois arranjurei um emprego normal. Casarei com alguém destes lados e serei o tipo de homem que arranja as coisas em casa e mexe no motor do carro e bebe cerveja e conta patranhas no Celeiro aos fins de semana. É suficiente para mim.

– E o que serei eu, então? – pergunta Ted.

Tobias deita-se no chão, deixando o irmão mais novo dormir na sua cama, como já fez mil vezes, e adormece instantaneamente, como de costume, mas, mesmo antes de mergulhar no sono, boceja e murmura a verdade:

– Tu podes ser tudo o que quiseres, Teddy. Tudo o que quiseres.

Lobos

Quem ama o desporto nem sempre gosta de desportistas e de mulheres. O nosso amor é condicional e depende de estarem do nosso lado, jogarem na nossa equipa, competirem com as nossas cores. Podemos admirar um adversário, mas nunca gostamos deles da mesma forma que amamos aqueles que nos representam, porque quando os nossos vencem, sentimo-nos como se vencêssemos também. Eles tornam-se símbolos de tudo o que queremos ser.

O único problema é que os desportistas e as mulheres nunca têm a possibilidade de escolher se é isso que querem.

*

O Murmúrio preferia muito mais ter apanhado o autocarro para Hed, mas o Janota é um homem demasiado importante no clube para que o rapaz se atreva a recusar quando ele lhe oferece boleia. Atravessam lentamente o centro de Björnstad, na medida em que se pode dizer que Björnstad tem um centro.

– Pode parecer degradado agora, mas é preciso ver o potencial! Garanto-te, qualquer pessoa que invista em propriedades aqui fará um bom negócio! Daqui a uns anos será uma localização de primeira! – explica o Janota animadamente, como se o Murmúrio tivesse algum dinheiro para investir onde quer que fosse.

O rapaz de dezanove anos acena cautelosamente e espera que seja isso que se espera dele. O Janota interpreta o gesto como uma indicação de grande interesse e aponta com entusiasmo para a janela.

– Ali, perto do meu supermercado, é onde vamos construir o Parque Empresarial de Björnstad. Já ouviste falar? Serão escritórios, mas vamos construir também prédios de habitação. Posso arranjar um belo apartamento para ti e para a tua mãe; que achas? Está na altura

de saírem de Hed, não te parece? Já és um dos nossos!

O Murmúrio não tem coragem de o contradizer e o Janota prossegue, com todo o ímpeto:

– Sabes, uso-te sempre como exemplo quando estou a tentar convencer os negócios de Hed a mudarem-se para instalações em Björnstad. «Em Björnstad tudo se torna melhor», costumo dizer, «vejam só o nosso guarda-redes!» Em Hed, ninguém viu o teu talento, mas connosco tornaste-te uma superestrela. Às vezes as pessoas só precisam de uma oportunidade, não é? Um pouco de confiança em si próprias! É espantoso o que se pode alcançar assim. Olha para Björnstad! Há uns anos, estávamos à beira da falência, e agora temos um rinque renovado e em breve teremos um dos maiores projetos de construção de escritórios e habitação da região! Eventualmente, teremos também um aeroporto e uma galeria de arte, verás! Grandes competições de esqui e uma grande academia de hóquei. As pessoas não acreditam em mim, mas sabes o que lhes digo? Pela lei das probabilidades, já devíamos estar mortos! Nem sequer devíamos existir! Mas ainda aqui estamos, e sabes porquê? Porque só as cidades com ambição sobrevivem!

O Murmúrio ouviu os outros jogadores da equipa fazerem piadas à custa do seu patrocinador, mas também notou que a maioria nutre um certo respeito por ele. O Janota tem muita garganta, mas também consegue fazer muita coisa, e essa é uma qualidade que todos respeitam. O facto de ele vencer.

Assim, talvez tenha razão com aquela conversa sobre ambição, pensa o Murmúrio. Que se pensarmos no mundo de forma diferente, ele se tornará diferente. O Murmúrio pergunta-se se isso também funcionará com o passado, se será possível apagá-lo por intermédio de pura força de vontade. Gostaria muito de o perguntar ao Janota, mas não lhe sai nada. O Janota, contudo, tem muito mais a dizer:

– Ouviste falar da confusão hoje no rinque?

O Murmúrio faz que sim com a cabeça, cauteloso. O Janota abre um sorriso tão rasgado que os seus vários queixos estremecem.

– Foi por isso que achei melhor dar-te boleia, para termos a certeza de que a nossa estrela chega a casa em segurança!

O Murmúrio não consegue deixar de pensar que seria mais seguro apanhar o autocarro para Hed do que aparecer lá num carro com autocolantes do Hóquei de Björnstad na janela traseira.

– Os jogadores têm falado sobre os boatos de fusão dos dois clubes? – pergunta o Janota.

O Murmúrio assente com um aceno breve, sem ver motivos para mentir. Os dedos do Janota apertam um pouco mais o volante e fala mais devagar. Isto é, devagar tendo em conta a sua velocidade habitual.

– Talvez seja difícil de compreender para os jogadores, mas, na verdade, podíamos ser bem mais fortes juntos. Compreendes?

O Murmúrio acena afirmativamente embora não esteja certo de compreender. Tudo o que quer é jogar hóquei. Só gostava que isso não fosse tão complicado. O Janota dá uma palmada no volante, subitamente animado:

– Eles têm de ter medo de nós, percebes? Os clubes grandes, das cidades grandes! No meu tempo, quando eu jogava, adorávamos saber que eles nos odiavam. Achavam que éramos campónios que não sabíamos jogar, e nós decidimos assumi-lo. Jogávamos com mais agressividade do que eles poderiam imaginar, jogo feio, recorriamos a todos os truques de que nos lembrávamos... Quando os treinadores deles percorriam esta estrada pelo meio da floresta... rodeados de escuridão... iam cheios de medo. Sentiam-se sozinhos no planeta. Era por isso que ganhávamos. E sabes que mais? Vamos recuperar esses dias de novo! Imagina como podíamos ser bons, com os nossos melhores jogadores unidos aos melhores de Hed, e o apoio total do município! Podemos voltar a ser um grande clube!

O Murmúrio assente com um aceno, apesar de estar aterrorizado, porque nem sequer sabe se haveria lugar para ele numa equipa assim. Já esteve perto de perder o hóquei uma vez, e sabe como as margens são reduzidas. Teve sempre um desenvolvimento tardio: foi o último

da rua a aprender a andar de bicicleta, o último da turma a aprender a ler. Sentiu-se como o último miúdo em Hed a aprender a patinar, e foi por isso que acabou na baliza. Dois anos antes, era demasiado fraco para merecer sequer essa posição, e por isso, quando Zackell decidiu dar-lhe uma oportunidade em Björnstad, julgou que era alguma espécie de brincadeira de mau gosto. Acima de tudo, achou que todos o odiariam por ir substituir Vidar. Estava tão nervoso nos primeiros jogos que deixou passar remates incrivelmente fáceis. Numa ocasião, Zackell fez um gesto e ele depreendeu que ia ser substituído, mas, quando patinou até ao banco, ela disse-lhe, com uma risada surpreendida: «Substituir-te? Quando estás a jogar desta maneira? Nem pensar, tens de lá ficar e sentir a vergonha!» Talvez seja assim que ela forma todos os melhores jogadores, reflete o Murmúrio agora que consegue olhar para trás: fazendo-os compreender que na maioria dos outros clubes os jogadores não sentem vergonha suficiente.

No dia seguinte, Amat era o único jogador no rinque quando o Murmúrio chegou, e o único que lá ficou depois de ele sair, ao final do dia, e não demorou muito a que comessem a treinar ao mesmo tempo, ambos igualmente obcecados. O Murmúrio nunca ousou perguntar a Amat se queria treinar com ele, mas o próprio Amat fez essa sugestão. Todas as manhãs e todos os finais de tarde, ele rematava milhares de discos de todos os ângulos possíveis, e o Murmúrio não poderia ter evitado tornar-se um bom guarda-redes mesmo que quisesse. Pouco tempo depois, os apoiantes gritavam o nome dele, primeiro os mais velhos nos lugares sentados, depois até as claque mais jovens nas bancadas em pé, onde ficava o irmão de Vidar. Zackell ofereceu ao Murmúrio a possibilidade de jogar com o número de Vidar e ele recusou, e esse caso chegou aos ouvidos da Matilha, que o admirou tanto por isso como pelo facto de ele conseguir não sofrer qualquer golo em várias partidas. Quando fez dezoito anos, o ano passado, deram-lhe uma máscara pintada à mão, com o urso de um lado e as iniciais de Vidar do outro. O Murmúrio nunca recebera um presente de outros homens em toda a sua vida.

Depois disso, com a Matilha nas bancadas atrás de si, ninguém conseguiria marcar contra ele, nem que viesse armado até aos dentes.

– Que dizes? – pergunta o Janota em voz alta ao seu lado, e o Murmúrio não tem ideia do que deve responder, por isso arrisca um aceno, o que parece ser a decisão certa. – Exatamente! – declara o Janota.

Atravessam a floresta e ele começa a falar sobre que zonas pertencem a que pessoas por ali. Mas é quase tudo propriedade do Estado, ressalva.

– Nem sequer somos donos da floresta onde vivemos! Portanto quem é que vai olhar por nós se não formos nós próprios a fazê-lo? Já viste? Para aquele lado, a alguns quilómetros daqui, os políticos estão a pensar construir uma quinta eólica! Duzentos metros de altura! Fazes ideia de como são barulhentas aquelas monstruosidades? E julgas que algum dinheiro da venda dessa eletricidade ficará na região? Raios, nem sequer a própria eletricidade! O governo adora eletricidade verde, mas sabes onde é que não querem construir turbinas eólicas? Onde eles vivem! É por isso que temos de desenvolver as nossas próprias infraestruturas por aqui; precisamos de crescer, de criar empregos e capital para podermos opor-nos a essas decisões! As pessoas dizem que eu sou um capitalista, mas não sou, sou apenas realista. Sabes que o capitalismo é como um lobo?

O Murmúrio não sabe, mas não importa. O Janota já não precisa de incentivo para continuar.

– Sabes qual é o pior mito em relação aos lobos? Que só levam aquilo de que precisam. Quem acredita em tal coisa, nunca viu o que um lobo faz quando entra dentro de um espaço fechado. Não leva só aquilo de que precisa, mata tudo o que puder até alguém conseguir afugentá-lo. O governo não compreende isso porque não se apercebe de que os lobos não são a nossa maior ameaça... eles é que são! Proibir caçar predadores? Claro que sim, e quem é que paga? Não são as cidades grandes, de certeza! Construir quintas eólicas? Claro, e onde é que as vão construir? Era a isso que me referia quando falei na

fusão dos dois clubes: juntos, ainda temos alguma hipótese! Somos um distrito com touros de um lado e ursos do outro, mas os lobos estão por toda a parte, podes ter a certeza disso!

O Murmúrio olha através da janela do carro. Quando era pequeno e percorria esta estrada no autocarro, costumava contar as árvores. Havia algo de reconfortante, achava ele na altura, no facto de serem demasiadas para se poderem contar. Demasiadas para serem contidas em números. Se ele fosse melhor com palavras, talvez tivesse dito ao Janota aquilo que realmente aprendeu ao crescer em Hed e ao jogar hóquei em Björnstad: que, para as pessoas em Hed, o Janota é o lobo. Para os de Hed, Björnstad é agora a cidade grande.

O Janota continua a falar, mas está essencialmente a repetir-se. O Murmúrio ainda não sabe por que raio ele lhe ofereceu boleia. Não sabe que, na verdade, não teve rigorosamente nada a ver com ele: o Janota só precisava de uma desculpa para aparecer de carro em Hed.

A floresta torna-se menos densa à medida que se aproximam do fim da estrada. O carro do Janota entra em Hed e ele percorre esta última parte do caminho em silêncio. Durante vários minutos. Deve ser um recorde pessoal. As ruas estão escuras e desertas, para alívio do Murmúrio. Espera que as pessoas erradas por estes lados não notem os autocolantes do urso no para-brisas traseiro. O Janota abranda em frente da casa da mãe do Murmúrio, mas não está com muita pressa, porque se vira para o rapaz e reitera a oferta de lhes arranjar um apartamento melhor e maior em Björnstad.

– Obrigado – agradece o Murmúrio, a primeira palavra que conseguiu proferir durante toda a conversa.

O Janota abre um sorriso radiante.

– Agora vai descansar! Amanhã há treino!

O Murmúrio acena, pega no saco e sai. Vê que vários dos vizinhos já estão à espreita detrás das cortinas. Espera que o Janota arranque depressa.

Naturalmente, o Janota não se apressa. Na verdade, faz um desvio extraordinário, como se tivesse coisas que fazer em várias partes diferentes de Hed. Passa por um quiosque para comprar o jornal, depois conduz até uma pizaria e pede para usar a casa de banho. Vai até beber um café a casa de um homem de negócios que conhece. São velhos amigos, já fizeram vários negócios juntos, e, por coincidência, o homem de negócios recebeu há pouco tempo uma proposta muito vantajosa para arrendar um escritório em Björnstad, graças à ajuda do seu bom amigo. Agora o Janota precisa de um favor em troca. Estaciona ao fim de uma rua sem saída mal iluminada, perto da casa do homem de negócios. Durante algum tempo, bebem café na cozinha dele, até terem a certeza de que a área está calma e deserta, e depois saem sorrateiramente, juntos, e procuram uma pedra de bom tamanho. O homem de negócios fica de atalaia e o Janota atira-a. Pouco depois, o Janota liga para a polícia e diz que o seu carro foi vandalizado. Naturalmente, a polícia não tem tempo nem recursos para se dirigir para o local, mas regista a queixa. O jornal local demora uma hora a ter conhecimento do sucedido e a ligar-lhe; na verdade, mais quarenta e cinco minutos do que o Janota esperava.

Vespeiro

A noite da véspera do funeral de Ramona é a primeira noite realmente fria do outono. Não é a primeira em que a temperatura cai abaixo de zero, nem sequer a primeira noite de neve, apenas a primeira que não se pode realmente descrever em palavras, por muitos anos que uma pessoa tenha passado por isso: a primeira em que já estamos acostumados, em que o frio parece a norma e não a exceção. O verão já morreu há muito, mas essa noite é aquela em que perdemos a memória dele, em que a última luz se desvanece e um manto cai sobre a cidade. Amanhã, de súbito, os nossos dedos não se lembrarão da vida sem luvas, os nossos ouvidos não se lembrarão do som do canto dos pássaros, e as solas dos nossos pés ter-se-ão esquecido das poças que não rangem quando as pisamos.

A editora-chefe do jornal local já passou frio em muitos outros lugares, mas, por alguma razão, o frio parece-lhe mais agreste aqui, na floresta; infiltra-se por debaixo da pele de uma pessoa e sentimos nunca derreter completamente. Se ela não detestasse *clichés*, diria o mesmo em relação às pessoas. Os seus ex-colegas lá em baixo, para sul, acharam que ela era louca por ter aceitado este emprego, e é verdade que não tem argumentos para discutir com eles. Uma operação reduzida, com recursos inexistentes, localizada no meio do nada e rodeada por uma população que parece nutrir um ódio inato por toda a profissão jornalística. Então por que razão o fez? Bom, porque é que alguém faz seja o que for? Era um desafio. Era difícil. Quando toda a nossa identidade está ligada ao facto de sermos jornalistas, talvez seja natural chegar a um ponto na vida em que só as batalhas impossíveis parecem valer a pena.

Ela pousa o telemóvel. O escritório está escuro, a única pessoa que ainda trabalha é o pai. Ele continua sentado onde esteve o dia todo, apertado a um canto ao pé da janela, com os seus papéis e o seu

marcador.

– Que se passa? – pergunta ele, curioso.

– A polícia recebeu uma queixa de um carro vandalizado em Hed. Pelos vistos, pertence ao Janota – responde ela.

Ele não lhe pergunta como descobriu: as pessoas falam e os boatos correm, seja onde for; aqui acontece apenas um pouco mais depressa do que noutros sítios.

– O patrocinador?

– Sim.

Ele solta um assobio sarcástico que lhe distorce as bochechas.

– Que *grande* coincidência que ele, logo *ele*, seja vítima de uma coisa dessas, e logo hoje!

Ela inclina a cabeça com uma expressão sarcástica.

– Pai! Estás a acusar o Janota, que é um cidadão de bem e um contribuinte honesto e cumpridor, de *mentir*?

O pai solta uma risada.

– Não sei se será mentira... Suponho que, se passares por casa dele, verás que o seu carro foi mesmo vandalizado. Como é que isso aconteceu já é outra questão. Mas não me estás a perguntar se é mentira, pois não, miúda? Estás a perguntar-me se devias publicar a notícia.

Ela sorri com um suspiro, um som que aperfeiçoou melhor do que qualquer outra pessoa que ele tenha conhecido.

– São notícias. Somos um jornal.

– És tal e qual eu a falar.

Não percebe bem se o pai tem orgulho ou remorsos.

– Não, só um bocadinho.

– Agora pareces a tua mãe.

Ela sorri e volta a suspirar.

– Então tu, que me ensinaste que «o único dever do jornalismo é dizer a verdade», achas que eu devo publicar algo que estou bastante certa de não o ser?

– Deixa-te de disparates e de pôr palavras na minha boca! Já

ligaste para esse tal de Janota?

– Não.

– Então liga-lhe. Assim não estarás a publicar algo que não aconteceu, mas sim a versão dele daquilo que aconteceu.

Ela recosta-se na cadeira.

– Não sei mesmo se devia estar a aceitar conselhos teus sobre ética, pai – considera.

O pai ri-se, e, apesar de ela ainda estar zangada por ele ter manipulado Maya Andersson de modo a fazê-la falar consigo no comboio, compreende as intenções dele. Quando era pequena, costumava ouvir falar de como ele revelava escândalos e arruinava as carreiras de homens poderosos, mas também as suas vidas, as vidas das suas famílias e dos seus filhos. O trabalho dele era sujeitar aqueles que detinham o poder a um escrutínio avassalador, mas era tão bom no que fazia que as consequências eram enormes mesmo para os inocentes, e ela muitas vezes se perguntara como é que o pai era capaz de dormir. A resposta era, ao mesmo tempo, simples e complicada: a única lealdade dele era para com a história que ia contar. Para uma pessoa ser verdadeiramente implacável, é sempre necessário que acredite em algum poder superior. E ela francamente não sabe se pode dizer o mesmo de si própria.

A mãe costumava dizer-lhe: «És tal e qual o teu pai!», sempre que queria magoar a filha, quando ela era pequena, mas, com o passar dos anos, foi-se tornando cada vez mais um elogio. «És o tipo de pessoa que tem sempre de provocar lutas!», diziam-lhe os professores. Com o tempo, deixou de ter vergonha disso. Uma vez, foi expulsa da equipa de futebol por ter começado uma discussão com uma colega de equipa que se recusava a admitir ter tocado na bola com a mão. A seguir, a mãe disse-lhe, com um suspiro: «Não sabes lidar com a batota. O teu problema é esse. Recusas-te a aceitar que o mundo é feito de áreas cinzentas.» Não deve haver melhor descrição para a rapariga que um dia cresceu e se tornou editora-chefe de um jornal.

– Achas que pergunte diretamente ao Janota sobre as contas, já

que vou falar com ele? Como é que tu costumavas dizer? «Mexer num vespeiro»? Se calhar não teremos uma oportunidade melhor, pois não? – pergunta ao pai.

Desde que ele chegou que têm estado a discutir os meandros dos relatórios de contas. Ele leu cada linha de cada relatório de contas anual do Hóquei de Björnstad e está constantemente a repetir: «Falta aqui alguma coisa... e aqui... e aqui...» Se querem cair em cima de um clube de hóquei, não basta encontrar pequenas inconsistências, é preciso provar criminalidade declarada, portanto têm de começar por perceber quem é, em última análise, o responsável. O município é proprietário do pavilhão, o clube de hóquei é dos sócios, mas quem tem o dinheiro são os patrocinadores. E a culpa encontra-se algures no meio de todos eles.

– Mas só no fim da conversa; deixa lá o pobre coitado falar primeiro do carro vandalizado! – responde o pai, com um aceno.

Ela marca o número do Janota. É evidente que ele está à espera do telefonema, plenamente ciente daquilo que pôs em andamento quando apresentou a queixa do ato de vandalismo à polícia, mas, ainda assim, fica surpreendido ao ouvir a voz dela.

– A editora-chefe em pessoa?

Já lidaram algumas vezes um com o outro, dado que o Janota não é homem de se abster de ligar regularmente para a redação com o intuito de «corrigir» histórias que considera estarem «completamente erradas».

– Queria apenas confirmar um boato – responde ela.

– Que boato? – indaga o Janota, bem versado na arte de se fazer de parvo, mas também com uma sugestão de nervosismo na voz que não passa despercebida à editora-chefe; ele estava à espera de ser um dos repórteres menos experientes a ligar.

– Que o seu carro foi vandalizado por *hooligans* em Hed.

O pai sorri ao ouvir a pergunta ardilosa e ela põe o telemóvel em alta-voz, para que ele possa ouvir a resposta humilde e magnânima do Janota.

– Alguém... bom, sim... alguém atirou uma pedra ao para-brisas, sim. Mas creio que seria irresponsável tecer especulações quanto a quem foi.

– Mas tinha um autocolante do Hóquei de Björnstad no vidro, e acabara de dar boleia a um jogador de Björnstad que vive em Hed? – insiste ela.

O Janota finge pensar por um instante antes de responder:

– Sim, é verdade. Estava com receio de que o nosso jogador... é muito jovem, é o guarda-redes... fosse atacado no autocarro.

– O que o fez pensar que isso poderia acontecer?

– Infelizmente, algumas partes do nosso rinkue foram vandalizadas quando os jovens de Hed lá estiveram a treinar, e dois rapazes da nossa equipa de juniores foram mesmo atacados!

Ela tira apontamentos. Olha para o pai de soslaio. Depois pergunta:

– Está a dizer que os pais em Björnstad têm motivos para estar preocupados com a segurança dos filhos?

O Janota baixa dramaticamente o tom de voz.

– Não quero que nenhum pai ou mãe tenha de se preocupar com a segurança dos filhos, onde quer que vivam. E acho que nenhum cidadão devia ter de se preocupar com a possibilidade de o seu carro ser vandalizado por causa de um autocolante no vidro. Em Björnstad, não acreditamos em violência e ameaças; acreditamos, sim, em cooperação e solidariedade... Isto aplica-se aos negócios locais e ao desporto. Gostaria muito de pensar que os habitantes de Hed querem o mesmo. Pode publicar o que lhe estou a dizer!

A jornalista faz a pergunta que sabe que ele espera.

– Correm vários boatos de que o município quer encerrar tanto o Hóquei de Hed como o Hóquei de Björnstad e criar em lugar deles um clube totalmente novo. Pensa que estes ataques têm alguma coisa a ver com os boatos?

O Janota finge pensar durante muito tempo.

– O município não pode encerrar uma associação desportiva. Pertence aos sócios.

Ela finge fazer uma pergunta crítica que, na realidade, serve apenas para lhe dar uma oportunidade de se sentir importante.

– Está então a dizer que o Hóquei de Björnstad, que joga num rinkue que é propriedade do município, não precisa de dinheiro municipal? Acho que muitos contribuintes ficarão felizes por saber disso!

O Janota adota um tom de pesar fingido.

– Sabe tão bem como eu que o hóquei no gelo dá muito mais ao município do que aquilo que lhe custa. Basta olhar para o nosso programa de juvenis! E o nosso investimento no hóquei feminino! Acha bem que essas coisas sejam prejudicadas no meio de tudo isto? Não, tudo o que posso dizer é que espero que as pessoas em posições de poder no município não permitam que alguns elementos violentos afetem as suas decisões sobre o nosso desporto. Haveria mais do que indícios de atitudes mafiosas se os nossos políticos eleitos decidissem castigar Björnstad quando nós é que somos *vítimas* de vandalismo e ameaças. Não creio que as pessoas por estes lados aceitassem tal coisa.

E com essas palavras ele pensa que estão despachados, que a colocou onde queria, mas ela tira mais alguns apontamentos e olha de novo para o pai. Ele acena com a cabeça, indicando-lhe que está na altura.

– Janota, já que estou a falar consigo... temos estado aqui a analisar os relatórios de contas do Hóquei de Björnstad dos últimos anos...

O Janota fica tão silencioso que ela diz: «Estou sim?», só para se certificar de que ele não caiu da cadeira.

– Bom... isso... o que... porque estão a fazer isso, se não se importa que pergunte?

– Somos um jornal. O nosso negócio são as notícias.

– Sim... sim... mas o que pensam que vão encontrar? Foi tudo feito corretamente, posso garantir-lhe!

Assim, ela começa a encurralá-lo nas suas próprias palavras.

– A sério? E como sabe? Não faz parte da direção, pois não? Os

patrocinadores decerto que não podem ter informações sobre as finanças de um clube cujos proprietários são os sócios, não é assim? Muito menos o senhor, tendo em conta que foi recentemente investigado pela Autoridade Tributária.

O Janota perde momentaneamente a compostura, o que é invulgar.

– Oiça lá! Primeiro, não fui considerado culpado de uma *única* transgressão fiscal, e segundo, não tenho *nada* a ver com as contas do clube!

– Então porque está a ficar tão irritado?

– Não estou a ficar *irrit*... Eu... Oiça, já percebi que estão a tentar desenterrar alguma coisa negativa! Porque é que não escreve um artigo positivo, para variar? Hã? Sobre o nosso investimento no hóquei feminino? Integração! A nossa nova declaração de valores fundamentais!

– Já escrevemos sobre tudo isso. Todos os artigos publicados nos últimos meses têm sido positivos. Mas agora quero fazer algumas perguntas sobre as contas.

O Janota fica em silêncio mais tempo do que ela alguma vez o ouviu ficar. Depois rosna:

– Não sei de nada sobre esse assunto, como muito bem me recordou. Sou apenas um patrocinador!

A voz dela é calma, mas intransigente:

– Talvez possa então saber, junto da direção, com quem é que eu devo falar? Se forem verdadeiros os boatos sobre a intenção de o município criar um clube completamente novo com base na posição de Björnstad no campeonato, tenho quase a certeza de que terão de ser levadas a cabo auditorias externas e uma análise minuciosa de todas as finanças do clu...

– Sim, sim, eu pergunto! – grita o Janota, mas ela percebe que se arrependeu de imediato, que revelou uma data de pontos fracos ao perder a calma.

A editora-chefe sorri.

– Muito obrigada. Lamento o que aconteceu ao seu carro. Eu

própria vou redigir o artigo. Deve estar *online* amanhã de manhã, portanto, se se lembrar de mais alguma coisa que queira acrescentar, pode entrar em contacto diretamente comigo.

O Janota termina a chamada com um: «Está bem!» abrupto. Ela desliga.

– Que energúmeno! – resmunga o pai.

– Oh, não é tão mau como isso. Até tem um certo charme. Surpreendentemente, é algo comum a muitos destes tipos do hóquei. Quase que simpatizo um bocadinho com eles.

– Estás a falar a sério?

– Sim. Fazem-me lembrar de ti – explica ela com uma risada.

É uma piada, mas apenas em parte. Na verdade, ela nutre algum respeito pelo Janota, bem como por Peter Andersson, que estão a lutar por algo invisível, homens apaixonados pelo seu clube e pela sua cidade. É difícil não sentir uma certa solidariedade com isso. Para o bem e para o mal, é sempre com o outro tipo de pessoas, que não são loucas por absolutamente nada, que ela tem dificuldade em se identificar.

– Energúmeno! – repete o pai.

– Então o que achas? – pergunta ela.

– Sobre que parte?

– Achas que devo escrever sobre o carro dele?

– Claro que sim. É uma notícia.

Ela tamborila com os dedos nas têmporas, pensativa.

– Que pensas do Janota?

O pai cruza as mãos sobre a barriga.

– Penso que ele está metido num aperto complicado. Não me parece que esteja habituado a perder. E filhos da mãe como ele podem ser perigosos quando se veem encurralados. Mas agora já mexeste no vespeiro, veremos o que de lá sai...

– Tu é que me aconselhaste a fazê-lo!

– Por que diabo me dás ouvidos? Já sabes que sou maluco!

Ela desata a rir e ele também.

– Quanto dinheiro há em falta nos relatórios de contas? – pergunta ela.

Ele empurra os óculos para a testa e indica os papéis com um gesto.

– Montes dele! Não há nada muito óbvio, a menos que uma pessoa se dê ao trabalho de analisar tudo ao pormenor, cobriram bastante bem o rasto, mas... só por aquilo que encontrei até agora, diria que o Hóquei de Björnstad gastou várias centenas de milhares, nos últimos dois anos, cujas origens ninguém consegue explicar bem. A fábrica tornou-se patrocinador, claro, mas verifiquei as transferências bancárias e são muito inferiores ao que dizem os relatórios. Portanto há dinheiro a entrar, mas vem de outro lado qualquer. Estás a acompanhar?

– Achas que é dinheiro do mercado negro?

– Bom, pelo menos muito cinzento é de certeza! Parte disto parece lavagem de capital. Várias pessoas no comité de gestão de propriedades do município também fizeram parte da direção do Hóquei de Björnstad, e agora estão a fazer negócios uns com os outros. Há uma firma de consultoria metida ao barulho, os proprietários são uma empresa de construção local que tem negócios com o município, e que transferiu espontaneamente dinheiro para o Hóquei de Björnstad de uma forma que parece muitíssimo duvidosa. Tenho de escavar mais fundo, mas... vê isto... acho que este é que é o negócio maior: já ouviste falar destas «instalações de treino»?

– Que instalações de treino?

– Pois, era o que eu estava a pensar! O município comprou-as ao Hóquei de Björnstad há uns dois anos. Encontrei um *e-mail* que alguém em posição elevada no município mandou para o clube a esse respeito, mas não encontro mais informação nenhuma sobre a compra. Toda a documentação desapareceu.

A editora-chefe franze mais a testa.

– Lavagem de dinheiro... corrupção... Se metade do que estás para aí a dizer for verdade, o clube pode ser despromovido pela Federação

de Hóquei, pode até enfrentar a bancarrota...

O pai fita-a com ar sério.

– Miúda, se isto for verdade, vai haver gente na prisão. O Peter Andersson, logo à cabeça, porque o nome dele está em todos os documentos. E, por alguma enorme coincidência, é amigo de infância do Janota... Precisas de muito mais fumo para acreditar que aqui há fogo?

Ela recosta-se na cadeira e olha para o teto. Depois murmura:

– Temos de escavar mais fundo.

O pai faz algo muito, muito invulgar nele. Hesita.

– Primeiro, tenho de te perguntar, miúda... Tens a certeza de que estás a fazer isto pelas razões certas?

– A sério que me estás a perguntar isso, logo tu?

Ele assente lentamente. Não tocou em álcool desde que chegou e a sobriedade está a dar cabo dele, mas decidiu que tem de dar à filha tudo o que tem, uma última vez.

– Tu não és como eu. Não consegues simplesmente desligar a consciência. Portanto, se estás a fazer isto apenas porque queres vencer, esquece. Porque, se eu mergulhar a fundo, o Peter e o Janota estão na fila da frente e vão ficar cobertos de merda... e penso que disseste que até gostas deles, não foi?

A voz dela falha, de tal maneira que fica embaraçada e percebe que parece uma miúda pequena a cerrar os punhos depois de um jogo de futebol quando diz:

– E gosto! Sim... Claro que eles fizeram muita coisa boa pelo desporto, pela cidade... mas que importa o desporto se não houver justiça? O que é uma comunidade, afinal? Se construíram o clube com base em mentiras e negócios duvidosos, então é... é *batota*, pai! E se os deixarmos escapar impunes, que diz isso de nós?

Não há justiça. Quer isto dizer, não já justiça que se aplique a toda a gente, pelo menos aqui. Matteo aprendeu-o bem cedo.

Tem agora catorze anos e a irmã sempre lhe disse que é a idade pior, é quando as pessoas estão na fase pior. Ela dizia-lhe que só tinha de sobreviver a esses anos. Mas, claro, ela é que não sobreviveu. Dizia-lhe que podia ser o que quisesse ser, mas já não pode. Porque o que ele quer é ser feliz.

Matteo adorava desenhar quando era mais novo, e nos últimos dias tem tentado desenhar a irmã, mas já não se lembra das inconsistências dela. Só consegue vê-la como se fosse feita de porcelana: cabelo esculpido em madeira, olhos como os de uma boneca. Desenha-a como se alguém a estivesse a descrever.

Os pais chegam a casa já tarde, na véspera do funeral de Ramona, e não dizem nada; limitam-se a entrar como se tivessem ido apenas à igreja ou ao supermercado. A irmã está dentro de uma caixa em cima da cómoda, no vestíbulo. Matteo esgueira-se até lá e pega-lhe cuidadosamente, mas é demasiado leve, é impossível que haja espaço para ela lá dentro. Ela era grande, com uma gargalhada que enchia os corredores, um sentido de humor capaz de levantar telhados. A mãe chama-o da cozinha e Matteo quase deixa cair a caixa.

– Não queres ligar a um dos teus amigos da escola para irem dar uma volta de bicicleta, Matteo?

Matteo engole em seco e sente-se como se tivesse blocos de gelo nos pulmões. A irmã costumava dizer que a mãe vivia num mundo de fantasia, que era como uma daquelas fotografias engraçadas em que nos pomos atrás de uma tábua e enfiámos a cabeça num buraco e ficamos com a cara num *cartoon* de um leão ou de uma velhota gorda. «Para ela a vida é assim, basta-lhe espetar as nossas cabeças naquilo que imagina que nós somos», observava a irmã, e Matteo costumava

ficar tão zangado. Não com a irmã, mas com a injustiça. Ele nunca teve um amigo, nunca ligou a um único colega da escola; a mãe simplesmente viu outros miúdos a andarem de bicicleta juntos pela rua e parte do princípio de que é o tipo de coisa que ele também faz.

– Sim, mãe – responde-lhe.

Neva lá fora e está um frio gelado dentro de casa, porque de vez em quando a mãe mete na cabeça que o ar está abafado e escancara as janelas todas durante dias. Como se estivesse a arejar tudo o que está errado. Matteo vê que ela está na cozinha a fazer bolos, como faz sempre que não quer olhar para ninguém, e o pai está sentado noutra divisão com os seus livros, porque ele vive numa fantasia diferente, na qual pode desligar-se e não ter de sentir absolutamente nada. «Dizem que temos de ser servos de Deus, mas isso significa o mesmo que sermos escravos!», gritou-lhes a filha uma vez, e a mãe ficou tão chocada com isso que todo o seu corpo tremeu e tapou os ouvidos com as mãos e gritou. Matteo passou a noite toda abraçado a ela e, na manhã seguinte, a irmã pediu-lhe desculpa. Nessa noite, ela murmurou: «Eles não discutem nada com ninguém, Matteo. Nem com os chefes, nem com as pessoas na igreja, nem com Deus! Baixam a cabeça e obedecem e aceitam que temos de viver desta maneira! Tantas regras e proibições, e sempre sem dinheiro, é assim que queres viver? Não queres mais do que isso?» Matteo não sabia o que responder, nunca levava em consideração que podia haver alternativas, mas compreendeu por que razão a irmã começou a beber: porque era uma maneira de escapar. Pouco depois, a mãe encontrou álcool e roupa interior reduzida no quarto dela, e foi a primeira vez que Matteo ouviu a palavra «puta» dentro de casa. A mãe rezava pela alma da filha todas as noites, bem alto para ela ouvir, até que a filha deixou de vir a casa. Matteo era demasiado novo para compreender tudo o que acontecera naqueles últimos meses, todas as coisas a que a irmã fora sujeita, mas, depois de ela desaparecer no estrangeiro, fechou-se dentro do roupeiro dela e inspirou o seu cheiro até que adormeceu. Quando acordou, encolhido a um canto, sentiu

qualquer coisa no chão do roupeiro a arranhar-lhe a cara. Era o diário da irmã. E foi assim que descobriu tudo. É por isso que sabe que, embora ela tenha morrido noutra país e a polícia diga que a causa foram as drogas, isso não é realmente verdade. Ela foi assassinada aqui, em Björnstad. Foram as pessoas daqui que a mataram. O coração dela estilhaçou-se em milhões de pedaços, que se espalharam pelo mundo inteiro.

Agora os pais nem sequer a vão enterrar na igreja que frequentam, que fica a algumas horas de distância; vão sepultá-la aqui, em Björnstad, na igreja de que sempre desdenharam. Assim não terão de contar a ninguém da sua congregação que a filha morreu de uma *overdose* no estrangeiro; podem continuar a fingir que ela está viva, que anda em viagem, que lhes envia postais.

Matteo escondeu o diário da irmã no mesmo sítio onde esconde o computador, atrás da máquina de secar avariada, na cave. Só o leu uma vez, mas lembra-se de cada palavra, de cada ponto de exclamação, de cada mancha no papel deixada pelas lágrimas que ela derramou enquanto escrevia: *Ninguém acredita em mim, porque, aqui, depois de irmos para a cama com um tipo, todos acham que têm o mesmo direito! Democracia sexual à maneira de Björnstad! Aqui, só as virgens é que podem ser violadas! Porque havia a polícia de acreditar em mim se a minha própria mãe não acredita?? Puta puta puta puta; é tudo o que sou para ela e para os outros, e por isso não posso ser violada, porque as putas não são violadas! Pelo menos aqui.*

Passaram dois anos e meio desde que ela fez a mala, mentiu sobre o local para onde ia e simplesmente desapareceu. Na verdade, deixou Björnstad pouco depois de Maya Andersson ter sido violada por Kevin Erdhal, mas nem mesmo nessa altura, quando toda a cidade parecia de repente falar em violência sexual a cada segundo de cada dia, Matteo ouviu os seus próprios pais proferir uma palavra sequer a esse respeito. Durante algum tempo, pensou que talvez estivessem envergonhados, que se arrependessem de não ter acreditado na filha, mas isso passou-lhe quando viu o que aconteceu a Maya. Ela teve

justiça, desforra, vingança, não foi? E não foi preciso muito, pois não? Não. Quase nada, na verdade. Apenas uma testemunha, esse tal de Amat, que arranhou coragem para contar o que de facto acontecera numa cidade onde isso significou ser imediatamente atacado e espancado pelos amigos do violador. Só foi preciso a família Andersson unir-se quando a cidade inteira se virou contra eles. Só foi preciso Maya ir ao hospital e sujeitar-se a todo o tipo de exames horríveis, e apresentar uma queixa na polícia que deu origem a especulações humilhantes de que ela consumira drogas, e que talvez estivesse a enviar sinais ambíguos, e compreenderia mesmo que isto podia arruinar a carreira de Kevin?! Foi preciso centenas de comentários *online* a garantir que ela estava claramente a mentir e que só queria atenção, e que toda a gente sabia que ela é que gostava de Kevin e não o contrário, e que, além disso, estava demasiado bêbada para ser violada, e que não passava de uma puta que merecia ser violada e que alguém devia era matá-la. Não foi preciso mais nada! Só foi preciso o pai de Maya quase perder o emprego e todo o clube de hóquei quase ir à falência. Só foi preciso provas e testemunhas e dinheiro e amigos poderosos e um processo. E depois disso tudo, depois disso *tudo*, ainda assim Kevin não foi condenado! A família dele mudou-se para outra cidade e toda a gente fingiu que não acontecera nada e, de alguma forma, era suposto que isso fosse considerado justiça. Uma dose ínfima de vingança, foi com o que Maya teve de se contentar, e só foi preciso tudo.

*

Absolutamente tudo.

*

Então que hipótese teria a irmã de Matteo? Nenhuma. Matteo só compreendeu por que razão ela saía de casa quando encontrou o

diário, e agora gostaria de nunca o ter encontrado, de não se ver forçado a viver nas trevas da irmã. Desejara tão desesperadamente que ela pudesse ser livre longe dali, mas agora sabe que os tipos nesta cidade já lhe tinham criado uma prisão, deixaram dentro da irmã grilhões a que ela nunca conseguiria escapar. Matteo tem apenas catorze anos, mas os seus pais são servos; nunca a vingarão, portanto terá de ser ele a fazê-lo.

Tira uma caneta da mochila da escola e desenha com muito, muito cuidado, uma pequena borboleta na caixa onde a irmã jaz. Depois sai e pedala de bicicleta pelo meio da neve, à luz dos candeeiros. Quando a mãe o vê da janela, acena-lhe; e ele acena também.

Guerreiros

Por fim, é domingo. O funeral de Ramona não honra de maneira nenhuma a sua memória. Ela dissera expressamente àqueles filhos da mãe que, quando deixasse este mundo terreno, podiam usá-la para alimentar os porcos ou fertilizar as flores, desde que não fizessem espalhafato nenhum e não se pusessem a convidar mais filhos da mãe para ali ficarem a fingir que estavam tristes. Como de costume, ninguém lhe deu ouvidos. Toda a cidade comparece ao funeral.

*

Adri acorda Benji bem cedo. Os cães comem primeiro, depois os humanos, em silêncio, em pé junto à bancada da cozinha. Benji mal consegue comer; o seu corpo não está habituado a acordar ao nascer do dia, geralmente essa é a hora a que se deita. Adri obriga-o a beber café e prepara-lhe o seu único fato. Mal lhe servia nos ombros e no peito quando deixou Björnstad, dois anos antes, mas agora fica-lhe grande. Adri engraxou os sapatos de cerimónia que eram do pai e deixou-os no vestíbulo; dá ao irmão uma gravata branca que comprou de propósito para a ocasião e Benji nem se dá ao trabalho de protestar. Gravata branca é só para funerais de familiares, mas Adri não quer saber o que Benji pensa disso, nem de qualquer outra coisa, a bem da verdade. Nem sequer lhe perguntaram onde queria ficar quando chegou; as irmãs tomaram essa decisão por ele. Acabou por ficar em casa de Adri porque Katia tem um apartamento pequeno e Gaby não tem espaço porque a mãe está doente e mudou-se para casa dela. A ideia de Benji ficar a viver sozinho nem se colocou. Pode dar a volta ao mundo quantas vezes quiser, mas quem tem três irmãs mais velhas nunca é realmente adulto.

Quando a luz do dia surge acima das copas das árvores, Gaby e

Katia chegam, com a mãe no banco de trás do carro, e Adri e Benji apertam-se ao lado dela. A mãe passa a viagem toda a pentear o cabelo de Benji, contra vontade dele, e as irmãs riem-se tanto que o carro abana. Aquele rapaz consegue aguentar muita dor, mas até os cavalos são escovados com mais meiguice.

*

O tempo não é de fiar quando se trata daqueles que amamos. Quando nos deixam, parece ter sido há uma vida, como se se tornassem desconhecidos, mas na primeira manhã depois de regressarem é como se nunca dali tivessem saído. O problema para Benji é serem tantas as pessoas que estão prestes a revê-lo pela primeira vez. Tantas pessoas cujas reações não consegue prever.

Quando chega à igreja, com a mãe e as irmãs, ainda não está muita gente. A mãe tira do porta-bagagens uma dúzia de tigelas embrulhadas em papel de alumínio porque leva sempre comida, onde quer que vá. Ela e as irmãs de Benji dirigem-se para os portões e fazem o que costumam fazer sempre: procurar alguma coisa em que possam ajudar. Por alguns segundos, esquecem-se de Benji e dos olhares que toda a gente lhe lança, esquecem-se do que ele foi outrora nesta cidade e daquilo em que se tornou. Assim, ele fica parado ao pé do carro, sem saber bem o que fazer, ciente de que todas as pessoas que passam por ele lhe lançam olhares de fugida e trocam murmúrios. As palmas das mãos suadas procuram desesperadamente algo com que se ocupar, mas mal consegue acender um cigarro. De repente, deseja nunca ter vindo. Céus, não está preparado para isto. Vê homens de blusões pretos junto do portão, o Aranha e mais alguns, os homens mais chegados a Teemu. Estão ali para se certificar de que não aparece no funeral ninguém que não deva lá estar, e Benji não sabe se é um deles ou dos outros. Costumava ser melhor a não deixar que notassem a sua insegurança, mas os quilos não foram a única coisa que perdeu nestes anos que esteve fora. O cigarro apaga-se entre os

seus dedos.

– Aquele não é o Benji? – murmura um miúdo a outro, ali perto.

– Bolas, está tão magro, apanhou sida, ou coisa parecida? – responde o outro, e riem-se ambos histericamente. Um adulto manda-os calar, zangado, e os rapazes levantam os braços e dizem entre dentes:

– Que foi? É ele que é *gay*, não é? Foste *tu* que disseste...

Benji não espera para ouvir o resto; dá meia-volta e afasta-se na direção contrária, escorregando na leve camada de gelo com os melhores sapatos do pai. Não sabe para onde vai, procura apenas algum lugar onde não haja pessoas. A frase «Andas à procura de alguma coisa ou a fugir de alguma coisa?» ecoa-lhe na mente. Um empregado de bar do outro lado do mundo fez-lhe essa pergunta logo no princípio das suas viagens, e ele não soube o que dizer, por isso respondeu: «As duas coisas.» Quase se apaixonou por esse empregado de bar, quase se apaixonou por tantos homens ao longo de tantas noites, mas, quando o sol nascia, dava sempre por si à procura das roupas pelo chão, à procura de uma saída. Conheceu também uma mulher, uma instrutora de mergulho que o encontrou a dormir num molhe certa manhã. Não conseguiu identificar logo o sotaque com que ela falava inglês, mas ficaram amigos. Tão bons amigos que, uma noite, depois de terem passado muito tempo a olhar para o fundo de uma garrafa, ela sorriu e lhe disse, em sueco: «É tão fácil uma pessoa apaixonar-se miseravelmente por ti, porque tu não te apaixonas, és apenas miserável.» Era a primeira vez em vários meses que Benji ouvia a sua língua, e só então ficou a saber que ela crescera a uns meros quinhentos quilómetros de Björnstad, praticamente ao virar da esquina. «Porque é que não disseste que eras da minha terra?», perguntou ele. «Se tivesse dito, tu não terias falado comigo, porque não queres lembrar-te de lá», respondeu ela. Era verdade. Passaram a noite toda a conversar na língua que ele quase esquecera, ela juntou-se às canções que a banda de *covers* cantava no palco, e Benji estava tão bêbado que, se fechasse os olhos, quase acreditaria estar de novo

na floresta e não junto ao mar. Não era a primeira vez que sentia saudades de casa, mas era a primeira vez que o admitia. A mulher obrigou-o a prometer que ficaria algum tempo com ela, e Benji prometeu, mas pouco depois já estava a fazer outra vez a mala – cada vez era mais fácil – e a seguir caminho. Noutra cidade, conheceu um jovem atraente que tinha um velho barco, e viveram durante semanas na água, mas assim que o homem conseguiu pôr Benji a falar de si, perdeu-o também. Na última noite que passaram juntos, Benji deitou-se no convés, sob as estrelas, com uma pedrada descomunal, e disse-lhe qual era a sensação de jogar hóquei no gelo. A verdadeira sensação.

Ser um daqueles homens lá em baixo, no gelo. Não um dos impotentes nas bancadas, os que só podiam gritar e ter esperança, mas um dos que realmente podiam mudar as coisas. Alguém capaz de lutar e sangrar e vencer ou perder tudo. O homem atraente, deitado ao seu lado, tocou ao de leve na tatuagem do urso no braço de Benji. «Alguma vez viste um urso verdadeiro?», perguntou. Benji virou-se e beijou-o. Na manhã seguinte, o homem acordou e o barco estava vazio.

– BENJI! – grita uma voz furiosa do outro lado do parque de estacionamento.

Benji continua a andar.

– BENJI! – ruge a voz de novo, e o seu próprio nome é como chumbos de uma arma na nuca dele.

Detém-se, como um rato encurralado a um canto, e vira-se, preparado para tudo. Os homens de blusões pretos já não estão ao portão e dirigem-se para ele. Outrora, foi adorado por eles, mas também odiado, como só alguém que foi adorado pode ser depois de revelados os seus segredos. Em tempos, Benji simbolizou tudo o que eles queriam que Björnstad fosse: toda a gente o temia e ele não temia ninguém. Não passava de um rapaz, na altura, mas era o homem deles no gelo. O seu guerreiro. Deles. O rugido que se erguia de uma bancada repleta de homens de blusão preto, quando ele, cheio de

adrenalina, se atirava contra o acrílico, é algo que Benji nunca sentiu em mais lado nenhum, porque não existe em mais lado nenhum. Quantas vezes desejou poder ter ficado? Que a verdade nunca tivesse vindo ao de cima? Dos guerreiros, espera-se que amem outros homens, mas não que se apaixonem por eles. Benji achava já conhecer todo o tipo de silêncios do planeta, até ao dia em que entrou pela primeira vez numa sala cheia de homens a fazerem piadas sobre paineleiros e toda a gente se calou ao vê-lo. Pensou que conhecia todo o tipo de ódio, até os apoiantes de Hed começarem a arremessar *dildos* para o gelo quando ele jogava, e viu nos olhos dos apoiantes mais ferrenhos de Björnstad que os envergonhara. Odiam-no por isso e ele não os censura, compreende que nunca lhe conseguiram perdoar. «És um de nós», pode ter sido a última coisa que Teemu lhe disse, dois anos antes, mas que significa isso agora? Nada. Benji ainda era um jogador de hóquei nessa altura, ainda lhes servia de alguma coisa, era especial. Agora não é absolutamente ninguém. Nunca devia ter voltado para casa.

– BENJI! – brada o Aranha, o mais louco de todos eles, e não é um pedido, mas sim uma ordem para ficar onde está.

Benji não se mexe. Deixa os homens aproximarem-se. O primeiro levanta as mãos, depois o segundo, acontece tudo horrivelmente depressa e dói-lhe tanto quando o abraçam, porque o seu corpo ainda está coberto de nódoas negras da sessão de pancadaria no aeroporto.

– Como estás, CARAÇAS? Raios, é bom ver-te de volta! Raios, estás um pau de virar tripas, não me digas que agora também deste em anoréxico, meu cabrão? – exclama o Aranha, e os outros homens cobrem-no de um dilúvio de insultos que na verdade são elogios, porque essa é a única maneira que têm de comunicar, além dos elogios que na prática são insultos.

Depois falam da caça ao alce. De carros e espingardas. Do tempo. Benji ainda está meio à espera de que eles o ataquem, mas, quando vê que não acontece, os seus ombros acabam por relaxar e diz baixinho:

– Tenho... tanta pena...

Indica a igreja com a cabeça e o Aranha solta uma gargalhada.

– Vais chorar, é? Achas que a Ramona te deixaria fazer isso? Ela desfazia-te esse rabo escanzelado em lascas e depois jogava-lhes fogo até a cidade inteira tresandar a cu!

Mas há uma perda incalculável nos olhos dele, nos olhos de todos eles. Têm o rosto inchado do álcool, alagados por dentro para não se dissolverem em lágrimas por fora. Eles eram de Ramona, Ramona era deles, a maioria dava-se melhor com a desgraçada da velha do que com os próprios pais. Assim, neste momento, o humor não é uma defesa e sim um ato de desafio; não hás de apanhar-nos, tristeza de um raio! A namorada de um dos homens chama-os de trás dos carros, diz que precisam de ajuda a levar cadeiras porque a igreja vai encher, e os homens voltam para lá, sem parar de falar com Benji, porque é óbvio que ele os acompanhará. E é o que ele faz. Falam sobre hóquei, mas ninguém fala sobre Benji e hóquei, ninguém lhe pergunta se vai voltar a jogar. Alguém menciona que o município quer tentar juntar os clubes, e o Aranha responde: «Estão à vontade para tentar, mas não precisaremos de muitas cadeiras nos funerais deles!» Ao ouvir isso, a namorada de um deles dá um pontapé na canela do namorado para que dê um pontapé no Aranha. Quando o Aranha exclama: «Que é que eu disse *agora?*», a rapariga responde num sussurro furioso: «Lembra-te com quem estás a falar, porque estamos na merda de uma igreja!» E é claro que o Aranha retorque, com um sorriso: «Não se diz asneiras na igreja, Maddy!» Oh, como se riem todos, incluindo Benji. Levam mais cadeiras para dentro e falam de raparigas e motas de neve, e o mais certo é que nenhum dos homens de blusão preto saiba realmente o que está a fazer, mas, naquele momento, deram a Benji o melhor presente que se pode dar a alguém que sempre foi especial: tratam-no como se não fosse nada especial.

Ladrões

No domingo de manhã, bem cedo, um bombeiro telefona a outro bombeiro para pedir um favor. Bengt de um dos lados da linha, Johnny do outro. Este último ainda está enervado por causa da confusão no rinque de gelo, mas o seu chefe, bastante mais velho, aconselha-lhe calma.

– Eles estão de rastos com o funeral dessa tal Ramona. Como te sentirias tu? Deixa as coisas assentarem durante uns dias. Também há pessoas decentes e de bom senso em Björnstad. Dá-lhes uma oportunidade de tentarem meter juízo na cabeça dos mais idiotas e depois veremos como estão as coisas, antes de pegares num taco de basebol e te pores a caminho de lá à procura de sarilhos.

Com relutância, Johnny promete fazer o que ele lhe sugere. Falam sobre a caça ao alce: quase nenhum dos bombeiros conseguirá ir este ano, porque o trabalho de limpeza depois da tempestade não deixa muito tempo livre a ninguém.

– Era mesmo o que precisávamos – diz Bengt com uma risada. – Uma data de idiotas irrequietenos com munições novas e sem nada contra o que disparar!

– Eu volto a falar com os homens, tento acalmá-los o melhor que puder – promete Johnny.

– Ótimo, ótimo. Como estão a Hannah e os miúdos a levar a coisa?

– Os miúdos chegaram a casa furiosos com toda a gente em Björnstad, mas a Hannah estava só furiosa comigo. Sabe Deus que culpa tenho eu, mas é o costume.

Bengt ri-se tanto que tem um ataque de tosse.

– Parece a minha mulher. Todas as manhãs acordo e já estou com pontos negativos nas contas dela. Se fizer tudo bem o dia todo, talvez consiga regressar ao zero, na melhor das hipóteses. E na manhã seguinte acordo na mesma com pontos negativos. Por falar na minha

mulher, posso pedir-te um favor?

– Não foi o que acabaste de fazer? – responde Johnny.

– Sim, sim, mas tenho a perna engessada e não posso conduzir, e os pneus de inverno da minha mulher chegaram. Podes ir buscá-los?

– Claro. Onde?

– Aos bandidos da lixeira.

– Os bandidos da lixeira? – repete Johnny, cético. Não estive no ferro-velho desde que o novo proprietário chegou, mas naturalmente que os colegas no quartel falaram disso. «Se tivesse dentes de ouro nem abriria a boca por lá, porque ficaria sem eles antes de dar por isso», foi como um dos colegas resumiu o que pensava, mas agora Bengt responde calmamente:

– Pneus baratos. Não tem mal nenhum.

– Queres que peça fatura? – brinca Johnny.

– Se calhar é melhor não! – exclama Bengt com uma risada.

Johnny promete passar por lá para trazer os pneus. Conduz a carrinha através de Hed até ao ferro-velho no sopé da montanha. Na verdade, é mais uma colina do que uma montanha, mas, depois de as coisas terem sido batizadas em Hed, é difícil mudá-las. Sai da carrinha sem trancar a porta, deixando o telemóvel no banco do passageiro, e um homem gordo de blusão de cabedal, a alguns metros, sorri-lhe com ar pensativo.

– Não vai trancar o carro?

Johnny ergue as sobrancelhas.

– Porque haveria de o fazer?

O homem não tira os olhos dele, ainda sorridente, quase expectante.

– A maioria das pessoas tranca o carro aqui. Correm boatos de que somos ladrões, não os ouviu? Alguém pode tirar-lhe o telemóvel, sim?

Johnny olha para o carro, depois em volta, por fim vira-se de novo para o homem e responde calmamente:

– Diga a um dos seus homens que experimente, e veremos o que acontece.

O homem ri-se com vontade e estende-lhe a mão.

– Lev.

– Johnny – responde Johnny, apertando-a com vigor.

Lev indica com um aceno a *T-shirt* por baixo do casaco de Johnny, com o emblema da corporação de bombeiros ao peito.

– Bombeiro, sim? Não tem medo de fogo, não tem medo de ladrões, o que posso fazer por si?

– Vim buscar os pneus do meu chefe – responde Johnny.

– Bengt, sim? Muito bem. Vamos buscá-los. Como está a perna dele?

– Obrigado... bem, a recuperar bem – responde Johnny, um pouco surpreendido.

Lev levanta as mãos, com as palmas para cima.

– As pessoas falam, sim? Ouvimos falar do acidente. Espero que ele... como se diz? Se melhora, sim? Mais alguma coisa?

Johnny agita-se, respira fundo e aponta para a carrinha.

– Esta não anda a trabalhar como devia. A mulher queixou-se. Pode dar uma vista de olhos e ver se tem peças de substituição?

Não diz que precisa de ajuda para a reparar, ainda precisa de sentir que é capaz de arranjar qualquer coisa, mas, já que aqui está, mais vale comprar as peças necessárias. Lev parece avaliá-lo, a ele e à carrinha, durante algum tempo, e por fim diz:

– O meu mecânico vai ver. Demora meia hora. Bebe café, sim?

Johnny confirma com um aceno. Toda a gente bebe café, certo? Lev conduz Johnny para fora do ferro-velho, em direção a uma pequena casa ali perto, entra na cozinha e liga a máquina de café. Johnny entra atrás dele, desconfiado. Quase não há mobílias. Lev já ali vive há vários meses, mas a casa ainda parece estar ocupada por alguém pronto a partir de um momento para o outro.

Johnny aceita a caneca que Lev lhe oferece. Sente que devia fazer conversa de circunstância, mas não sabe por onde começar. Assim, faz o que costuma fazer, olha em volta à procura de algo que possa usar para mudar de assunto. Espreita pela janela para o pequeno quintal

nas traseiras e exclama:

– Que aconteceu ali?

Faltam várias secções da cerca e, embora tenha nevado um pouco, o chão do quintal está obviamente revolvido e a lama coberta de marcas de pneus. Lev põe tantos cubos de açúcar no seu café que Johnny pensa que já é mais sobremesa que bebida, e por fim responde:

– O Teemu Rinnius. Da Matilha. Conhece-os, sim?

Johnny confirma com um aceno, desconfiado mas curioso.

– Claro.

– O Teemu quis dar-me um recado. Acho que ele não gosta de telefones. Assim, deixou-me um... como é que se chama? Um carro funerário!

Lev aponta para a destruição no quintal. Johnny olha para ele.

– Um carro funerário? A Matilha fez isso? Que raio é que você lhes fez a eles?

Lev encolhe os ombros, resignado.

– Negócios com a Ramona.

– A mulher que morreu?

– Sim, sim. Ela devia-me dinheiro, sim? Por isso eu disse que ficaria com o Urso Pardo para saldar a dívida. Esta foi a resposta do Teemu.

– Ficar com o Urso Pardo? Disse isso ao Teemu? – Johnny ri-se, porque pagaria bom dinheiro para ver a cara do outro idiota ao ouvir a proposta.

– Não, não. Eu fui... como é que se diz? Diplomata, sim? Fui falar com o Peter Andersson.

– Oh – murmura Johnny, e o seu tom de voz deixa bem claro o que pensa desse nome.

– São amigos? – pergunta Lev, com um sorriso inseguro.

– Jogávamos hóquei em equipas adversárias, quando éramos novos.

– Sim? Antes de ele ir para a NHL?

Johnny bebe o café e humedece os lábios numa tentativa de impedir que o azedume venha ao de cima, mas sem grande êxito.

– Muito antes disso. Éramos adolescentes. Nunca fui tão bom como ele. Já contactou a polícia relativamente ao que o Teemu lhe fez?

Lev abana tristemente a cabeça.

– A polícia? Não, não, polícia e advogados não trabalham para pessoas como eu. Trabalham para pessoas como o Peter Andersson. Fui falar com ele, como um homem. Ele e o Teemu responderam com o carro funerário.

Johnny olha pela janela, com alguma dificuldade em imaginar que Peter Andersson, independentemente do que se possa pensar dele, esteja por detrás de algo assim. Mas as pessoas mudam, e vivem-se tempos estranhos em ambas as cidades.

– Quando jogávamos contra Björnstad, chamávamos «Jesus» ao Peter, porque toda a gente achava que ele era o salvador do mundo. Sempre um bocadinho melhor, um bocadinho mais especial do que os outros. O que é que lhes vai fazer, então, a ele e ao Teemu?

Johnny arrepende-se de tudo o que acabou de dizer, mas em especial da última pergunta. Lev põe mais um cubo de açúcar na boca antes de responder:

– Nada.

Claro que Johnny não acredita nele. Terminam o café em silêncio; Lev precisa de uma colher para apanhar o que fica no fundo da chávena. Um dos homens do ferro-velho bate à porta e explica o problema da carrinha. Johnny não percebe nada, mas não é capaz de o admitir.

– Os pneus do Bengt estão lá atrás. E peças suplentes para si, sim? – traduz Lev.

– Quanto lhe devo? – pergunta Johnny.

– Para um bombeiro? Nada! Nem se deve falar nisso! – responde Lev calmamente com um sorriso, e uma vez mais Johnny fica sem perceber se não se deve falar nas peças suplentes ou no facto de Johnny lhe dever agora um favor.

– Devia ligar à polícia – insiste Johnny, inclinando a cabeça para o quintal, principalmente porque não sabe que mais há de dizer.

– Não se preocupe. Já vivi muitas vezes numa Hed e numa Björnstad, sim? – responde Lev.

Johnny coça a cabeça.

– Como assim?

Lev abre um sorriso benevolente e procura as palavras certas.

– Já vivi em muitas cidades como as vossas. Em muitos países. As pessoas por aqui parecem estar convencidas de que todos os imigrantes nasceram em cidades grandes, sim? Mas eu nasci numa Hed. Sou uma pessoa da floresta, como você. Há um Teemu em todo o lado. Uma Matilha em todo o lado. Querem mostrar-nos: «Nós é que mandamos. Vocês têm de obedecer. Têm de baixar a cabeça.» Sim?

– E é isso que vai fazer? – pergunta Johnny, e não fica muito contente ao perceber a curiosidade na própria voz.

Lev inclina um pouco a cabeça para o lado.

– Vocês aqui têm uma expressão: «Só recuo quando é para ganhar balanço.» Sim?

– «Só recuo quando é para fazer pontaria» – corrige Johnny com um sorriso.

– Exato! Exato! – Lev acena com a cabeça.

Estende a mão. Johnny aperta-a. Lev segura-a alguns momentos mais do que seria necessário e fita-o nos olhos.

– Se houver fogo, eu chamo-o, sim?

– Com certeza. Se houver fogo, chame-me – responde Johnny, a rir.

– E, se precisar de mim, chame-me, está bem? Como é que se diz? Boas relações de vizinhança, sim? – continua Lev, sem quebrar o contacto visual.

Johnny devia ter cuidado, e sabe disso, mas dá por si a concordar com um aceno veemente. Quando se afasta, pensa com os seus botões que espera mesmo, mesmo que Teemu Rinnius e Peter Andersson e todos aqueles cabrões de Björnstad se tenham finalmente metido com

alguém mais perigoso do que eles.

Conduz até casa de Bengt e descarrega os pneus. Depois vai para casa e mente a Hannah sobre a origem das peças suplentes. Caso contrário, também isso seria motivo para estardalhaço.

Fumadores secretos

«Casamento.»

*

Devia haver uma palavra diferente depois de as pessoas estarem casadas há bastantes anos. Quando há muito passámos o ponto em que deixou de nos parecer uma escolha. Já não te escolho todas as manhãs, isso foi uma coisa bonita que dissemos no dia do casamento, agora só não consigo imaginar a vida sem ti. Não somos flores em botão, somos duas árvores com raízes entrelaçadas, envelheceste comigo.

Quando somos jovens, acreditamos que o amor é paixão, mas a paixão é simples: qualquer miúdo se apaixona. Mas amor a sério? O amor é trabalho para adultos. O amor exige uma pessoa toda, tudo o que temos de melhor, tudo o que temos de pior. Nada tem a ver com romance, porque a parte difícil de um casamento não é que eu tenho de viver com os teus defeitos, é que tu tens de viver com o facto de eu ver os teus defeitos. De eu saber tudo sobre ti. A maior parte das pessoas não tem a coragem de viver sem segredos. Todos sonhamos em ser invisíveis, de vez em quando, mas ninguém sonha em ser transparente.

Casamento? Devia haver uma palavra diferente, ao fim de algum tempo. Porque não existe «paixão eterna», apenas amor que dura, e nunca é simples. Exige uma pessoa toda, tudo o que temos. Absolutamente tudo.

*

Os miúdos vão diretamente para o funeral, e por isso os pais ficam

sozinhos em casa com tudo aquilo de que não podem falar. Kira parou à porta do quarto, sem ousar respirar, porque Peter está sentado na cama lá dentro, a tentar fazer o nó da gravata preta e a chorar. Ela recua até às escadas e depois finge ter acabado de subir e grita-lhe:

– Queres café, querido?

Ele tem tempo de limpar as lágrimas e pigarrear e responder:

– Sim, obrigado, querida, desço já!

Desce as escadas, com a gravata um pouco comprida de mais. Kira não está no seu caminho e passa por ela, como é costume, mas de súbito colidem um com o outro mesmo assim. Os dedos dela encontram-no e abotoam-lhe o casaco para fingir que não estão apenas à procura de intimidade. Ele detém-se, quase tonto, e olham para além um do outro, porque se se fitarem nesse momento, provavelmente ambos se irão abaixo. Há tanto tempo que não se tocavam, que os dedos dela são quanto basta, são como choques elétricos para ele. Kira não se atreve a pousar as palmas das mãos no peito dele. Meu Deus, é preciso estarem muito perto de desistirem um do outro para se lembrarem de lutar um pelo outro.

Ela murmura:

– A Ramona estaria orgulhosa de ti.

Ele responde, também num murmúrio:

– E tu, estás?

Ela assente com as pálpebras baixas. O que estará a pensar naquele preciso momento? Talvez nunca mais se lembre, ou o negue sempre, até para si mesma. Devia mesmo haver uma palavra diferente para «casamento», mas talvez também uma palavra diferente para «divórcio». Uma palavra para quando estamos quase lá. Quando queremos murmurar, não sei o que quero, só não quero que seja assim. Uma palavra para dizer simplesmente que não aguento mais. Não aguento se tudo o que vamos fazer um pelo outro é aguentar.

– Eu... Peter, eu... – começa ela, e o oxigénio é sugado da sala.

Diz «Peter» e não «querido», e faz uma pausa suficientemente longa para que ele não a deixe terminar a frase. Assim, ele inclina

rapidamente a testa para a dela e murmura:

– Amo-te!

O sorriso dela é tão repentino, captado pela intensidade nos olhos dele, a respiração de Peter tão próxima da dela, e depois Kira diz a mesma coisa, de maneira tão óbvia, que ambos podem fingir que ela nunca chegou a estar perto de dizer algo diferente.

– Eu também te amo.

Há tanto tempo que não o diziam, mas agora é muito recente. Mais do que todas as outras palavras para amor, devia haver uma para isto: uma palavra que mostrasse quantas vezes estivemos perto de nos perdermos um ao outro, mas voltámos atrás e recomeçámos. Uma palavra para as coisas mais pequenas, os centímetros, quando roçamos um no outro ao cruzarmo-nos na cozinha, em vez de apenas quase nos tocarmos. Algo que diga que não aguento. Não aguento se tu não me aguentares. Não aguento sem ti.

*

Saem juntos para o funeral e ele não larga a mão dela o caminho todo.

*

O pai de Ana está acordado, de ressaca, mas ainda não bêbado, outra vez. Os seus velhos companheiros da caça estão lá fora no pátio, à espera dele para seguirem para a igreja. Também estão sóbrios para o funeral, mas tudo não passa de uma contagem decrescente para a primeira cerveja na cerimónia a seguir.

Ana e Maya vão andando à frente deles, sozinhas, Maya ainda com a guitarra às costas. Foi a casa mudar de roupa e Ana ficou imediatamente irritada porque ela «se embonecou». Maya disse-lhe que é normal uma pessoa vestir-se melhor quando vai a um funeral, e Ana respondeu: «Meu Deus, odeio que sejas gira, é absolutamente a

pior coisa em ti! Preciso de arranjar amigas mais feias!» Cortam caminho pelo bosque atrás das casas na orla dos Montes e deixam as vozes dos homens para trás. Só quando se aproximam mais é que Maya se dá conta de que estão a caminhar pelo trilho de corrida, que foi ali que ela esperou por Kevin, com a espingarda nas mãos. Ana parece aperceber-se disso também e prepara-se para mudar de direção, mas Maya segura-lhe no braço e continuam em frente. Passam pelo sítio onde ela apertou o gatilho, onde Kevin se urinou quando a espingarda soltou um estalido seco e ela atirou para o chão, à frente dele, o cartucho que nunca carregara na arma. As duas jovens espezinham essas memórias e duas meninas invisíveis seguem-lhes os passos. Porque elas vêm sempre atrás de nós: as crianças que fomos antes de ter acontecido o pior que já aconteceu.

– Não sabia que me sentiria assim... – diz Maya, baixinho, quando estão umas centenas de metros mais à frente, quando podem abrandar e olhar na direção do lago e ver a cidade quase toda.

– Assim, como?

– Que ainda estaria tão zangada.

Ana raspa com o sapato a fina camada de neve e confessa:

– Eu ainda sonho em matar o Kevin.

– Quem me dera que não sonhasses. Ele não é digno dos teus sonhos – declara Maya.

Ana raspa com mais força o chão.

– Também sonho com o Vidar. Mas esses agora já são sonhos melhores. Antes só sonhava com a morte dele, mas agora está vivo, às vezes. É um idiota, um perfeito imbecil, mas... enfim... está vivo.

Maya pega-lhe na mão e Ana aperta-a com força. Caminham em silêncio pelo menos um quarto de hora, concordando tacitamente nos caminhos mais longos, mas por fim, inevitavelmente, aproximam-se das primeiras casas. Quando veem o cemitério, à distância, Maya diz:

– Sinto falta desta luz daqui. De como muda quando os dias são mais curtos. É como se conseguíssemos ver o frio no ar.

Ana torce o nariz e comenta, em tom desdenhoso:

– Pareces uma turista.

– E sou.

Ana nem sequer se ri disso, e Maya vê-se obrigada a fazer-lhe cócegas. Depois ri-se sem conseguir parar até estarem perto da igreja e verem um rapaz ali sozinho, a fumar. Passou a manhã a carregar cadeiras de um lado para o outro e veste agora apenas as calças do fato e uma camisola interior de alças suada, apesar do frio. Está muito mais magro do que elas se lembram. Maya e Ana têm de fazer um esforço para não se insultarem uma à outra, ambas demasiado ansiosas por o abraçar, e Maya acaba por lhe dar apenas um meio abraço atrapalhado e Benji olha para ela como se fosse maluca. Teve saudades daquela expressão. Ele tem agora vinte anos e passou por muito, por dentro e por fora, mas, assim que sorri, volta a ser um adolescente que trepa às árvores mais altas e carrega consigo os maiores segredos. Mais perigoso no gelo, mais sozinho na terra.

– Estás com bom ar – elogia ele quando Maya o larga.

– Tu estás horrível – responde Maya com uma risada.

Ele vira-se para Ana e ela abraça-o primeiro como se fosse um parente distante, e depois como se fosse um mastro de navio avistado no meio da tempestade; com ela, não há meios-termos. Ele sorri.

– Andas mesmo desarmada pelas ruas? As minhas irmãs contaram-me que não fazes mais nada a não ser caçar, portanto pensei que trazias a espingarda. E agora quem é que me protege se houver confusão?

– Não te preocupes, eu dou conta seja de quem for se se armarem em parvos contigo – assegura-lhe Ana com um sorriso arreganhado e os punhos no ar.

Maya enfia os seus punhos nos bolsos do casaco. Está a tentar não se preocupar com os amigos, mas eles não lhe facilitam a vida.

– Onde tens andado? Quer dizer... para onde foste? – pergunta, indicando a pele bronzeada de Benji com um aceno, sem mencionar todas as novas cicatrizes.

– Aqui e ali. E agora estou aqui – responde ele com

despreocupação.

– Lamento muito... a Ramona – diz Maya, com tristeza.

Ele acena lentamente com a cabeça, mas não consegue formular uma resposta sem ficar com a voz embargada. Assim, vira-se para o poste onde pendurou a camisa branca e o casaco, e tira uma gravata branca do bolso do casaco, que estende a Maya.

– Para o teu pai.

– Estás a gozar? Só agora consegui fazer o nó da gravata dele! – sorri.

– Devia pôr esta – insiste Benji.

– Mas as gravatas brancas não são só para a família? – pergunta Ana.

– Ele era família – indica Benji.

Maya pega na gravata e aperta-a com tanta força que acaba por a amachucar. Depois vê alguém um pouco mais afastado, ri-se e exclama:

– Desculpem... por acaso aquele é o meu *irmão* ali a fumar às escondidas?

Ana olha para o rapaz de catorze anos, que na realidade não está tão bem escondido entre as árvores nuas por trás das lápides como se calhar julga. Depois solta um assobio impressionado, só para chocar a melhor amiga.

– Aquele é o Leo? A sério? Está a ficar todo jeitoso!

– Cala-te! – exclama Maya, e Ana desata a rir.

– Não me parece que ele seja o teu estilo, Ana. Por outro lado, o *meu*... – começa Benji, com descontracção, e Maya bate-lhe no braço com todas as suas forças.

Não dói, na verdade, mas infelizmente Ana bate-lhe do outro lado em solidariedade e os joelhos de Benji cedem alguns centímetros enquanto murmura:

– Sua psicopata, andas a tomar esteroides?

– Tu é que perdeste os músculos todos nalguma praia de areias macias por aí, seu *hippie* ridículo – sorri Ana.

– Vemo-nos lá dentro, tenho de ir gritar com o meu irmão! – declara Maya, e marcha em direção às árvores.

Ana e Benji ficam onde estão; quando ela lhe dá um empurrão de lado, ele finge-se assustado e implora, em tom de queixume:

– Não, não, não me batas mais! Na cara não!

Ela ri-se,

– E tu? Não vais pôr uma gravata?

Ele franze os lábios.

– Não. Usar gravata é *gay*.

Ana ri-se tanto, que praticamente ronca quando inspira e lhe salta ranho do nariz quando expira, e ele ri-se tanto do riso dela que fica sem ar.

*

Ruth.

*

Ruth. Ruth. Ruth.

*

Ninguém ali sabe sequer o nome dela. Nenhuma daquelas pessoas verá a sua lápide e se lembrará de quem ela era. Ruth. Ruth. Ruth. Ela chamava-se *Ruth* e Matteo odeia todos os que não o sabem. Os que não se lembram. Cada um deles.

Nessa manhã, esconde-se no roupeiro para que os pais não vejam o computador. Liga-se ao *wi-fi* dos vizinhos para ver um vídeo de como dar o nó da gravata. Se Ruth ali estivesse, tê-lo-ia ajudado. Ele nunca teve ninguém a quem pedir ajuda senão a irmã: o pai desapareceu dentro de si próprio e a mãe vive dentro de postais que mais ninguém vê. Nem sequer lhe deram uma gravata para usar, ele é que foi buscar

uma das do pai, e não vão reparar que ele a pôs porque isso implicaria olharem realmente para ele. Ou falarem com ele. A casa estava silenciosa antes de eles chegarem com Ruth, mas agora está ainda mais silenciosa. A ausência de palavras é pior do que a solidão.

Matteo pergunta a si próprio se os pais estarão tão seguros da sua fé que acreditam mesmo que a filha está no Inferno. Questiona se terão a esperança de lá irem parar também, para a poderem ver de novo. Se terão medo. Se terão chorado silenciosamente a noite toda, como ele.

Ruth costumava dizer que Matteo era demasiado suave, e depois arrependia-se de imediato e garantia-lhe que essa era a sua característica mais bonita. Era uma boa irmã mais velha: tê-lo-ia seguido até ao Inferno se fosse ele que estivesse dentro daquela caixa no vestíbulo. Uma vez, disse que odiava o mundo porque obrigava as crianças como ele a endurecerem só para conseguirem sobreviver, mas depois viu que o assustara e despenteou-o e disse-lhe que provavelmente era bom ser suave, porque assim não se partiria quando caísse. Como as pétalas das flores. Talvez tenha sido isso que lhe aconteceu a ela, endureceu e partiu-se, assim como uma rosa congelada pode ser despedaçada com um martelo.

No carro, a caminho do cemitério, a mãe de Matteo olha pela janela e os três membros que restam da família têm a única conversa desse dia.

– Olha, as bandeiras no rinque estão a meia-haste – repara, surpreendida, e quase orgulhosa, e isto fere Matteo, porque era só isso que a irmã queria da mãe enquanto era viva.

– Não é pela Ruth. É pela mulher que era dona do bar – contrapõe, sem pensar.

O medo de que a mãe seja tomada por um dos seus ataques de ansiedade, a tremer e a tapar os ouvidos, apodera-se imediatamente dele. Mas o olhar dela limita-se a desaparecer por trás do véu brilhante das suas fantasias, e ela declara em tom alegre:

– Com certeza é pelas duas.

Não é. Eles nem sequer sabem o nome dela, pensa Matteo. Mas tudo o que murmura do banco de trás é:

– Sim, mãe, com certeza é pelas duas.

Quando chegam ao cemitério, já há pessoas a caminhar em passo rápido pelo parque de estacionamento. Transportam cadeiras e caixotes, como se estivessem a preparar-se para um concerto de *rock* e não para um funeral. Matteo reconhece muitos deles; homens do clube de hóquei, que nem sequer se dão conta de que há dois funerais hoje, e que se estão borrifando para um deles. O padre recebe-os ao portão com ar contrito e pergunta aos pais de Matteo se se importam que a cerimónia seja na capela e não na igreja.

– Como podem ver, a igreja está a ser preparada para um funeral grande, e estão a colocar mais cadeiras, por isso pensei que seria mais tranquilo para nós na capela, uma vez que obviamente não somos tantos para a... sim, para a...

Nem sequer o padre se lembra.

– Ruth. A minha irmã chamava-se Ruth – murmura Matteo, mas o padre não o ouve.

– Tanto faz. Pode ser na capela – responde o pai calmamente, de cabeça baixa.

A mãe parece nem sequer estar a ouvir. Despacham-se num instante. O padre lê excertos da Bíblia e Matteo não precisa de abrir a sua para acompanhar o texto, sabe quase todas as passagens de cor. A única altura em que a mãe mostra alguma emoção é quando o padre, a dada altura, recorre a uma tradução mais moderna de um versículo, que ela não considera tão correta. Franze o nariz e olha para Matteo com uma careta, e ele torce a cara toda para lhe mostrar que também acha aquilo um disparate.

Quando termina, os pais ficam um instante na capela com o padre e Matteo sai de novo para a luz matinal.

«Odeio que estejas morta, porque não posso falar com mais ninguém sobre a morte senão contigo», pensa, olhando diretamente para o céu, e é só então que as lágrimas surgem, todas ao mesmo

tempo. Soluça tanto, que mal consegue respirar, dobrado para a frente, e depois desata a correr, a cambalear e aos tropeções, fugindo de todas as vozes. Deixa-se cair atrás de uma árvore, para lá das lápides, e bate com os punhos nas coxas até estarem cobertas de nódoas negras e perder toda a sensação nelas. Fecha os olhos e chora e só os volta a abrir quando sente o cheiro a fumo.

Um rapaz da mesma idade que Matteo está entre as árvores, mal escondido, a pouca distância. Segura um cigarro como alguém que ainda está a aprender, a ensaiar as várias formas de o prender entre os dedos, inalando o fumo pela boca e expirando-o pelo nariz. Matteo reconhece-o da escola, mas o rapaz não vê Matteo; o nível de competência de um e outro para se esconderem é muito diferente, não passaram o mesmo tempo a praticar.

Alguém chama «Leo?» de mais longe, e o rapaz solta uma imprecação e larga o cigarro sem se dar ao trabalho de o pisar. Sai do meio das árvores e caminha entre as campas. Uma rapariga alguns anos mais velha dirige-se para ele.

– Estavas a *fumar*, Leo? – pergunta ela num sussurro de gozo.

– Chiu! Não sejas chiba, Maya; não vais contar nada à mãe nem ao pai, está bem?

– Vai custar-te dois cigarros, maninho! – ri-se ela, e, com uma imprecação, ele passa-lhe o maço. Desaparecem em direção ao outro lado do cemitério, lado a lado, irmão e irmã. Aos encontrões um ao outro, a rir, a arremetendo-se mutuamente.

Atrás deles, entre as árvores, Matteo baixa-se e apanha o cigarro que Leo deixou cair. Ainda está aceso. Ninguém vê o rapaz solitário fumá-lo.

Famílias

Kira repara que o parque de estacionamento está cheio assim que Peter vira para a igreja. Ele prepara-se para engatar a marcha-atrás e ir procurar um lugar na estrada quando dois adolescentes de blusões pretos assobiam e gesticulam na direção dele. Um deles retira três cones vermelhos de um lugar mesmo ao lado do portão e faz sinal a Peter para estacionar ali.

– O Teemu mandou-nos guardar o melhor lugar para si! – fazem os rapazes questão de explicar a Peter logo que ele sai do carro, ainda surpreendido.

Não querem uma gorjeta, não querem elogios, querem apenas que Teemu saiba que pode contar com eles. Peter procura a mão de Kira quando ela contorna o carro e a mulher demora alguns instantes a pegar na dele. Peter percebe que o faz com relutância.

– Os tipos do Teemu? – indaga ela, e é tanto uma acusação como uma pergunta.

– Não é... não é nada disso... é só que... – começa Peter, mas na verdade não sabe quem quer convencer.

– Pai!

Maya salva-o; ela e Leo vêm do lado oposto na direção deles, e Maya dá-lhe um abraço e uma gravata branca.

– Foi o Benji que mandou.

– Acho que as gravatas brancas são só para a família... – explica Peter gentilmente.

– Tu és família – responde uma voz do portão do cemitério.

É Teemu. Está ao lado do padre. «Só nesta cidade», pensa Kira, «só nesta maldita cidade é que se vê *hooligans* e padres lado a lado.» Mas quando Peter olha para ela, sorri e diz em tom falsamente encorajador:

– Vai andando, querido! Eu vou ver se posso ajudar com alguma

coisa!

Ele assim faz, e ela fica a ver o marido, o padre e o *hooligan*, gelada de abandono. Depois deteta o cheiro de fumo de cigarro num casaco ali perto e sente algo quente na mão. São os dedos de Maya a fecharem-se nos seus.

– Tinha saudades tuas, mãe.

Céus. Kira quase volta para o carro para ficar lá sentada. Os nossos filhos não têm ideia daquilo que nos fazem.

*

Depois de acabarem de falar com o padre, Peter e Teemu ficam na igreja, rodeados por uma barulheira infernal de portas a bater e cadeiras a arrastar ao serem arrumadas ao longo da parede. O eco faz-lhes lembrar um rinque de gelo.

– Que aconteceu com o... o Lev? Chegaram a... falar? – pergunta Peter, tão preocupado em ser ouvido por Teemu além do ruído como em não ser ouvido por terceiros.

Teemu olha para ele, a questionar se Peter quer mesmo saber, e é claro que Peter não quer. No entanto, sente que devia.

– Deixámos uma mensagem – responde por fim Teemu.

– Onde? – pergunta Peter.

Teemu coça o queixo recém-barbeado e ajeita alguns fios no cabelo perfeitamente penteado para trás. Até a sua gravata, branca como a de Peter, tem o nó impecavelmente feito; poderiam ser confundidos com pai e filho.

– No quintal dele.

Naturalmente, Peter arrepende-se de ter perguntado. Lembra-se da sua fúria ao saber o que Lev fizera a Amat no recrutamento da NHL, das ameaças maldisfarçadas quando Lev lhe apareceu em casa, mas também se recorda do que a Matilha lhe fez, há uns anos, quando não estavam satisfeitos com o seu trabalho no clube, quando Kira recebeu um telefonema de uma empresa de mudanças porque a casa deles fora

posta à venda sem que tivessem conhecimento, e quando o Janota os avisou de que alguém mandara publicar o obituário de Peter no jornal. Há uma diferença entre perdoar e esquecer. Talvez Kira pudesse rebaixar-se ao ponto de aceitar uma trégua com alguém como Teemu, mas aquilo que Peter está a fazer agora é muito diferente. Ele transformou Teemu num aliado. Mais cedo ou mais tarde, terá de perguntar a si mesmo: se a pessoa que eu temia agora me protege, qual de nós mudou de lado?

À medida que a congregação começa a encher a igreja, Peter sente-se como uma vespa num copo de cerveja. Está de pé ao lado de Teemu e, um a um, os homens e mulheres vêm apertar-lhe a mão, como faziam quando ele era o diretor-geral do clube. Alguns lançam olhares nervosos para a companhia ao seu lado, mas a maior parte aceita-o com toda a naturalidade. Há quem até aperte também a mão de Teemu. Por respeito a Ramona, talvez, mas também por terem uma boa noção da situação política que se vive na cidade de momento. Toda a gente ouviu falar dos problemas no rinqe, e ninguém imagina que seja o fim; todos sabem que é apenas o princípio. Dentro de uma semana, as equipas principais de Björnstad e de Hed enfrentar-se-ão no primeiro jogo da época. Pode haver alturas em que é melhor guardar distância de homens como Teemu, mas esta não é uma delas.

A igreja leva vinte minutos a encher, e é necessário o dobro do tempo para explicar aos que ficaram de fora que não podem entrar. A cerimónia fúnebre de Ramona tem lugar de portas abertas.

*

Maya senta-se ao lado de Ana, no banco atrás da mãe e do irmão mais novo. Quando veem a lentidão com que Peter se aproxima do microfone, apercebem-se de que ele tem as pernas tão fracas que está com receio de tropeçar. Jogou centenas de jogos de hóquei em frente de milhares de pessoas, mas nada no gelo o poderia assustar tanto como ter de fazer um discurso. Ajeita a gravata branca, tão pouco à

vontade como se fosse uma medalha que não merecera. O silêncio abate-se sobre a igreja. Quando Peter pigarreia, o som é muito mais alto do que ele esperava, sobressaltando-o, e os risos que percorrem a multidão, seguidos imediatamente de novo silêncio, deixam-no paralisado. Mas depois... Por fim, consegue tirar uma folha de papel amachucado do bolso e começa:

– Vou... vou ser breve. Não conseguia decidir o que havia de dizer hoje. Não quero estar aqui a fingir que conhecia a Ramona melhor do que qualquer um de vós. A verdade é que mal a conhecia. No entanto, sentirei a falta dela como se sente... bom, como se sente a falta de uma mãe. Eu... desculpem...

Baixa os olhos para a folha, que treme tanto que o restolhar do papel se ouve até à última fila. Inspira pela boca, expira pelo nariz e tenta lembrar-se do discurso.

– A única coisa de que conseguíamos mesmo falar, sempre, era de hóquei. Uma vez, disse-lhe que este desporto é muito estranho: dedicamos-lhe uma vida inteira e que podemos esperar em troca, na verdade? Alguns momentos... nada mais. Algumas vitórias, alguns segundos em que nos sentimos maiores do que realmente somos, algumas ocasiões isoladas em que nos conseguimos convencer a nós próprios de sermos imortais.

Recompõe-se, dobra a folha e enfia-a no bolso, porque treme de tal maneira que, dá-se conta, até parece uma piada. Não sabe qual será o público pior, o que está na igreja ou o que estará no Céu, mas faz aquilo que sempre fazia no balneário: morde o lábio com tanta força que a dor e o gosto do sangue obrigam a mente a concentrar-se.

– Alguns momentos, disse-lhe eu, é tudo o que este desporto nos dá. E a Ramona serviu um grande copo de uísque, riu-se de mim e disse: «E que raio é a vida, Peter, senão momentos?»

Teemu está sentado na fila da frente, com o rosto inexpressivo, mas os punhos tremem-lhe sobre os joelhos. Benji está sozinho, em pé, ao fundo da igreja, o mais próximo da porta possível, com as lágrimas a caírem silenciosamente no chão de pedra. Peter tenta estabilizar a

voz. Três rapazes sem pais. Se querem saber quem era Ramona, e o que ela realmente significava nesta parte do mundo, basta olhar para o desgosto nas caras deles. Peter levanta a cabeça e conclui, com esforço:

– É isso que nos deixas, Ramona. Momentos. Histórias. Anedotas. Ninguém as contava como tu. Eras esta cidade. Tu *eras* esta cidade. Toda a Björnstad sente a tua falta. Diz olá ao Holger. E a-adeus.

Inclina a cabeça perante o caixão e tenta regressar ao seu lugar sem tropeçar. Quase consegue. Quando se deixa cair ao lado de Kira, ela procura-lhe a mão, muito devagar, mas quando está quase a tocar-lhe nos dedos, o comentário de Teemu, em tom pesaroso, quebra o silêncio:

– Raios me partam! Agora é que a cerveja no Céu vai ficar *mesmo* cara!

O riso que explode então, de centenas de corpos, mas tão subitamente como se de uma só boca, é tão sonoro e comunitário e libertador que eleva o espírito de cada pessoa ali presente. Endireita-lhes as costas, puxa-os de novo para a superfície, como a respiração suspensa antes de um golo e o rugido imediatamente a seguir. Peter ri-se tanto que a mão de Kira falha a dele, a que ele levantou para limpar as lágrimas. Ela fica sentada, imóvel.

*

Depois do funeral, quando centenas de sorrisos saem por entre as lágrimas pela porta da igreja, Maya senta-se no muro com a guitarra no colo, a anotar todos os seus sentimentos no telemóvel. Um dia, talvez venha a ser uma canção, mas nunca conseguirá cantá-la.

*Disseste que a vida era mais simples aqui
Talvez seja, ainda não decidi
Se ao menos não fosse tão isolado
Se ao menos não fosse tão complicado*

*Ou complicado como deve ser
Quem poderá dizer?
Se amarmos com a mesma força
E odiarmos com a mesma força
Se fingirmos que o fardo é aceitável
E vivermos secretamente fora do expectável
Talvez a vida seja mais simples aqui
Talvez seja. Por mim, ainda não decidi.*

Depois vê a mãe sair da igreja, sozinha. O pai ficou lá dentro, rodeado de pessoas que lhe querem apertar a mão. E Maya escreve:

*Sou uma romântica que nunca se apaixonou, porque os filhos se tornam
aquilo que veem depois
Sempre acreditei no amor eterno, que nunca acontece,
mas aconteceu, com vocês os dois
E agora, o que se seguirá?
Tu e ele, resistirá?
Mãe, estão ambos tão cansados, agora
Pai, estão ambos tão tristes, agora
Tantos sonhos frágeis e delicados
É capaz de o vento os destruir, tão desgastados
Quando tudo o que é preciso dizer é:
nunca te esquecerei
Três palavrinhas de salvação:
preciso de ti
Preciso
de
ti*

É interrompida por Ana, que dobra a esquina com uma cerveja em cada mão; Maya não imagina onde ela as foi buscar, mas, se há alguém capaz de encontrar álcool num cemitério, claro que é Ana.

– A quem estás a escrever? À tua melhor amiga? – pergunta Ana com um sorriso.

– Sim, mas essa tua cabeçorra está a bloquear o sinal! – responde Maya, e enfia o telemóvel no bolso.

Depois as duas jovens sentam-se no muro e bebem cerveja e insultam-se uma à outra; e de um dos lados sentam-se as duas meninas invisíveis que elas foram em tempos. E, quase de certeza, do outro lado senta-se Ramona.

Verdades

O conceito de «verdade» é difícil de definir, mas, para um jornal local, é praticamente impossível.

A editora-chefe repara, com alguma relutância, que cada vez pensa mais em algo que o pai lhe ensinou em criança, esse princípio filosófico clássico: «A explicação mais simples é, frequentemente, a verdade.»

Não vai ao funeral, sabe que não seria bem-vinda. Por estes lados, os jornalistas são tolerados, mas não mais do que isso. Em Björnstad, as pessoas queixam-se de que o jornal apoia Hed porque é lá que tem instalações. Em Hed, as pessoas queixam-se de que o jornal não faz mais nada senão adular Björnstad. Não há terreno neutro. Com estas pessoas, ou se é contra ou a favor, é impossível ganhar; portanto recorda a si mesma que não é esse o trabalho de um editor-chefe.

O pai sugeriu ir ele ao funeral, porque ninguém o conhece. Depois de muito hesitar, ela por fim concordou. «Mas não fales com ninguém, tira apenas fotografias!», exigiu, e ele assim prometeu, mas demasiado depressa. Ela fitou-o com desconfiança, porque ele não parecia stressado e zangado como de costume, estava calmo, como ficava sempre quando ela era pequena e ele fizera algum progresso na investigação sobre um político ou celebridade e sabia que «apanhara o filho da mãe». «O que é que encontraste?», perguntou-lhe, curiosa. Só então é que o rosto do pai se abriu num sorriso rejubilante e ele atirou um monte de papéis para cima da secretária: cópias de contratos que ela nunca vira antes. Agora, enquanto ele está no funeral, ela lê-os, atónita, e pensa que podiam fechar o raio do velho numa sala vazia e ele mesmo assim sairia de lá com segredos de Estado.

À primeira vista, os contratos no cimo da pilha parecem perfeitamente inocentes: dizem respeito à venda de uns terrenos, dois anos antes, sendo o município o vendedor e a fábrica local o

comprador. Nada de estranho, a fábrica queria expandir-se e o município queria mais empregos, o preço estava alinhado com os valores de mercado, não se via qualquer motivo para alguém se queixar. Porém, por baixo desses contratos, o pai dela deixou cópias de outros contratos que encontrou: um refere-se à venda dos mesmos terrenos, pouco tempo depois, dessa feita pela fábrica ao Hóquei de Björnstad. O preço de venda fora consideravelmente mais baixo, tão baixo, na verdade, que, se estivesse correto, o mercado teria caído noventa por cento. Parecia ser um negócio péssimo para a fábrica, até que a editora-chefe vê o contrato seguinte: alguns dias depois, a fábrica comprara outro terreno, mesmo ao seu lado, que toda a gente sabia que os proprietários andavam a tentar adquirir há anos. O vendedor? O município. Então fora essa a condição, conclui a editora-chefe: o município não podia vender os terrenos baratos ao clube de hóquei sem dar nas vistas, e assim a fábrica acedeu a servir de intermediário em troca de lhe ser facilitada a compra do terreno que realmente pretendia.

Isso, só por si, já é mau, mas não acaba aí: o contrato seguinte mostra que, algum tempo depois, o município *voltou* a comprar, agora ao Hóquei de Björnstad, o terreno ao lado do rink, o mesmo terreno que vendera antes à fábrica. Mas por muito mais dinheiro. Porque, dessa vez, o contrato não menciona apenas os «terrenos», mas também o «edifício», porque, subitamente, o negócio envolve também as «instalações de treino» do clube de hóquei. O custo está dividido em muitas parcelas reduzidas ao longo de um determinado período, mas o total chega aos milhões. E não é tudo: o contrato que se segue está assinado na mesma data, pelas mesmas pessoas, e compromete o município a permitir ao Hóquei de Björnstad que arrende as instalações de treino que acabou de lhe vender e que continue a usá-las quase de graça.

A editora-chefe suspira amargamente, porque, embora não lhe ocorra maneira mais óbvia de o município canalizar o dinheiro dos contribuintes para o clube de hóquei do que aquela, sabe que não é

um escândalo suficientemente grande para colocar alguém em xeque. É demasiado complicado para que a maioria dos leitores compreenda, não é excitante, não é uma «boa história», como o pai costuma dizer. Então porque parecia ele tão contente quando lhe deu o monte de papéis?

Tem de os folhear até ao fundo para descobrir. Aí não encontra contratos, mas uma fotografia impressa. Está desfocada, mas consegue perceber que mostra o parque de estacionamento do ringue. O pai escreveu a data desse dia em cima e, por trás, as palavras: *Não há instalações de treino nenhuma!*

Ela olha para a fotografia. Milhões de dinheiro dos contribuintes e não há ali nada, nem uma escavadora ou barreira. Nem sequer tentaram dar a aparência de que era real, tão confiantes estavam de que nunca seriam descobertos. Porque haviam de ser? Correu-lhes sempre tudo tão bem, até agora.

A editora-chefe recosta-se na cadeira e tenta utilizar toda a sua formação jornalística para se questionar a si própria. Está a ser objetiva? Está a ser justa? Porque vê a assinatura de Peter Andersson por todo o lado nesta cadeia de documentos. Mas será mesmo ele o cérebro por detrás de tudo isto? Aconteceu depois de ele se ter demitido do cargo de diretor-geral, então por que raio estava sequer a assinar documentos? Talvez os tivesse assinado sem compreender as consequências? Talvez tivesse sido ludibriado?

Não, ela já sabe o que o pai responderia a isso: «O peixe apodrece da cabeça para baixo, miúda. Isto é *doping* financeiro, dura há anos e começou por cima. O Peter provavelmente demitiu-se de diretor-geral, mesmo antes do negócio com as instalações de treino, justamente para encobrir o seu rasto. Que é que eu sempre te ensinei? Quando parece haver várias explicações diferentes, escolhe a mais simples.»

Momentos

Todos precisamos de sentir que fazemos falta. Para algumas pessoas, isso é tão importante como o desejo e a admiração e o amor. Para outras, em particular para aquelas que dedicaram a vida inteira a um desporto de equipa, é mais importante do que qualquer outra coisa.

– Belo discurso! – elogia o homem mais velho, apertando a mão de Peter depois do funeral.

Atrás dele há uma longa fila de outros homens mais velhos que querem dizer o mesmo. Todos querem apertar-lhe a mão, falar um bocadinho de hóquei, vários querem dizer-lhe que sentem a sua falta na direção do Hóquei de Björnstad e que esperam que ele possa ocupar o lugar de Ramona na direção. Peter ri-se sem saber como reagir, é uma ideia tão ridícula; porém, como todas as ideias ridículas, tem a tendência a parecer cada vez menos ridícula quanto mais a ouvimos.

– Hoje em dia é só contabilistas e analistas e cenas dessas no desporto, e, sem pessoas como tu e a Ramona, não resta coração! O hóquei ganha-se no gelo, como no teu tempo, não é a estudar dados como eles fazem agora! – declara um dos últimos velhos, e a seguir, quando o deixam sozinho, Peter tem dificuldade em conter o anseio por voltar a envolver-se.

Não é como ansiar pelo futuro, ou pelo verão, ou por umas férias, mas sim como o anseio de regressarmos a nós próprios. Ao modo como as coisas eram «no nosso tempo», embora esse tempo nunca tenha realmente existido senão nas nossas memórias filtradas. Ansiamos por ser a pessoa que achamos que fomos durante uma juventude em que pensávamos que a vida era simples, ou ser quem imaginamos que poderíamos ter sido se tivéssemos a oportunidade de fazer tudo de novo. A maior parte das pessoas tem dificuldade em

fugir a esse desejo, e, para algumas, é mesmo impossível.

A igreja, entretanto, está quase vazia. Peter arruma as suas poucas coisas e as suas muitas emoções, e toca ao de leve pela última vez na fotografia de Ramona. Foi tirada por alguém sem ela dar conta, porque ninguém se atrevia a tentar fotografá-la com o seu conhecimento. Nesta fotografia, Ramona é jovem e está atrás do balcão do bar com Holger, de braços no ar, portanto é evidente que alguém marcou um golo na televisão. Se calhar o próprio Peter.

– Apenas momentos, não é, Ramona? Foi assim? Olha que podias ter-nos dado mais alguns. Com quem... com quem é que vou falar de hóquei agora?

A voz falha-lhe e os olhos ardem-lhe com a última frase, e pouco depois sente o rosto a arder de embaraço quando se vira e percebe que não está sozinho. Elisabeth Zackell continua sentada no seu lugar, dez filas mais atrás, como se esperasse pela sua vez. A treinadora de hóquei e a proprietária do bar podiam não ter partilhado nada a que se pudesse chamar amizade, mas, para Zackell, era provavelmente o mais parecido com uma amizade de que era capaz. Costumava comer batatas cozidas e beber cerveja morna no Urso Pardo, e, tanto quanto se possa chamar àquilo «conversas», provavelmente conversara mais com Ramona do que com qualquer outra pessoa na cidade. Ramona, claro, achava que Zackell era «um raio de uma mulher, uma vegana, uma abstémia e sabe Deus que mais», e, embora tenha conseguido ensiná-la a beber um pouco de cerveja, nunca a conseguiu curar do resto dos males. Mas Zackell era boa em duas coisas, vencer e manter a boca fechada, o que abonava muito a seu favor. Assim, quando os velhos no bar tentavam instruí-la como treinar a equipa de hóquei, Ramona retorquia sempre: «Querem aprender alguma coisa sobre hóquei? Aprender mesmo? Então não deviam falar com a Zackell, porque são demasiado estúpidos para compreender tudo o que ela sabe!» Ninguém tem noção do que Zackell sente, talvez por ela não ter tantos sentimentos como as outras pessoas, ou talvez por não ver necessidade de os exhibir, mas, quando o Urso Pardo ardeu, há dois

anos, foi ela que lá entrou a correr para salvar Ramona. Daí em diante, comeu sempre as suas batatas de graça, mas continuava a pagar pela cerveja. Afinal de contas, a caridade tem limites.

– Desculpe... deixo-vos sozinhas... – diz Peter, contrito, e começa a percorrer a coxia entre os bancos.

– A quem? – pergunta Zackell, genuinamente surpreendida, olhando em volta quando Peter se aproxima.

– A si e à... pensei que estava à espera para... – começa Peter, mas o rosto da treinadora de hóquei é tão impassível como a superfície do lago.

– Parece que muita gente gostou do seu discurso – nota ela, em vez de lhe responder, com ar de quem está realmente a esforçar-se por encontrar alguma coisa que lhe dizer, como um adulto a falar com uma criança quando esse adulto não gosta nada, nada de crianças.

– Obrigado – agradece Peter, e depois percebe que é a palavra errada, porque Zackell não disse que *ela* tinha gostado de o ouvir.

Nunca conseguiu perceber como havia de falar com a treinadora, nem mesmo quando ainda trabalhava no clube, mas aprendeu a respeitar a determinação dela. Ramona comentou uma vez com Peter que Zackell podia não encaixar bem em Björnstad, mas que era muito provável que não houvesse lugar nenhum à face da Terra onde encaixasse melhor, porque onde mais é que se havia de enfiar uma treinadora como ela? «Numa equipa de uma daquelas cidades onde as pessoas tentam convencer-se a si próprias de que há coisas mais importantes na vida do que o hóquei?»

– Ouvi dizer que se demitiu de diretor-geral – diz Zackell de repente.

Peter não consegue contar uma gargalhada, que ecoa pela igreja.

– Sim, há dois anos.

– Ah, sim? – foi a resposta.

– Está a falar a sério? Só soube agora? Eu era o seu chefe, Elisabeth – lembra ele com um sorriso.

Ela responde, imperturbável:

– Normalmente dou pela saída de alguém porque as pessoas costumam ser substituídas. Mas não o substituíram. Pensei que estivesse de férias.

O riso de Peter morre rapidamente, deixando-o atrapalhado. O clube já não tem diretor-geral, o comitê de chefia e Zackell partilham agora as responsabilidades que eram dele, e, tendo em conta que Zackell ignorou todas as opiniões que Peter alguma vez lhe deu sobre o trabalho dela, presume que terá sido fácil nem dar pela sua ausência. Logo, muda de assunto:

– Ouvi dizer que assinou um prolongamento do seu contrato como treinadora. Parabéns!

– De muito servirá. Todos os treinadores são despedidos – responde Zackell. Se ela fosse o tipo de pessoa que diz piadas, Peter acharia que estava a brincar.

– É uma reação interessante a um novo contrato – comenta ele, com um sorriso.

Alguns jovens de blusão preto começaram a arrumar as cadeiras ao fundo da igreja, mas Zackell não dá sinais de tencionar levantar-se.

– Qual é o melhor emprego que consegue imaginar para um treinador de hóquei? – pergunta ela. Se Zackell fosse o tipo de pessoa que gosta de se meter com os outros, Peter diria que ela estava a meter-se com ele.

– Treinar uma equipa da NHL – responde.

– E qual é a melhor equipa da NHL?

– A equipa que ganha a Taça Stanley – responde ele, um pouco mais desconfiado.

Zackell acena com a cabeça, mostrando um nível de paciência pouco comum.

– Nos últimos vinte anos, dezasseis treinadores diferentes ganharam a Taça Stanley. Desses dezasseis, apenas três ainda tinham o emprego cinco anos depois. Dois saíram por iniciativa própria, um reformou-se, outro adoeceu. Os outros nove foram despedidos, cinco deles em menos de dois anos. Assim, dos melhores treinadores do

mundo, apenas três em dezasseis conseguiram manter o cargo por cinco anos depois de terem vencido o título mais importante do mundo. Sabe há quanto tempo eu estarei em Björnstad se chegar ao fim do contrato que acabo de assinar?

– Cinco anos? – calcula Peter.

– Cinco anos! Portanto é óbvio que vou ser despedida. Ou não venceremos o campeonato este ano e eu serei despedida, ou venceremos e seremos promovidos a uma liga superior, e aí não venceremos nada, e eu serei despedida por causa disso. Há sempre uma razão para despedir o treinador. Devia saber disso; afinal, despediu o Sune para poder contratar-me só porque sou mulher.

– Isso foi... espere lá... Não foi por isso... – começa Peter a protestar, mas ela encolhe os ombros.

– Foi um erro. Porque o problema de contratar uma mulher só porque é politicamente correto é que é muitíssimo politicamente incorreto despedir uma mulher.

– Despedi-la? O clube não tinha tanto sucesso há anos! – exclama Peter atônito, começando a compreender por que razão Ramona estava sempre tão bêbada quando conversava com Zackell no Urso Pardo.

Zackell levanta-se subitamente e prepara-se para sair, dizendo-lhe de passagem:

– Amanhã vou ver um jogador. Quer vir?

Peter tenta digerir toda a informação de uma vez.

– O quê? Amanhã? Não tem treino com a equipa amanhã?

– Passam bem sem mim por um dia. A importância dos treinadores é muito exagerada. Todas as equipas vencerão um terço dos jogos e perderão um terço dos jogos, e é a equipa que vencer o restante terço que ganha o campeonato; e sabe qual é essa equipa?

– Não...

– A que tem os melhores jogadores. Portanto vou ver um jogador. Além disso, de momento estou castigada e não posso estar presente no treino.

– Desculpe? Castigada?

– A direção recebeu uma queixa. Quebrei uma das regras que constam daquela nova declaração de valores. Se os jogadores o fizerem, são castigados por um treino, e portanto eu insisti para que o mesmo se aplicasse a mim. Quer vir comigo amanhã ou não?

– Mas que... espere aí... uma queixa *porquê*?

Zackell suspira, impaciente.

– Uma mulher veio falar comigo para se queixar de que um dos treinadores dos rapazes dissera que todos os jogadores na equipa do filho dela eram uns inúteis e que isso ainda se desculparia se algumas das mães dos miúdos fossem atraentes, mas não, que eram todas feias. E eu respondi que ele não devia de maneira nenhuma ter dito uma coisa dessas, porque nem *todos* os jogadores são uns inúteis!

– E ela não compreendeu isso com a intenção com que foi dito, imagino – conclui Peter, abatido.

– Pois não. Ficou muito zangada. E depois disse que o treinador dos rapazes acrescentara que ela só estava irritada porque não fazia sexo há muito tempo, por ser tão feia, e eu tentei explicar-lhe que talvez não tivesse a ver apenas com a aparência dela, mas também com a sua personalidade. E agora estou sob «investigação» por parte da direção porque, aparentemente, isso contraria os «valores» do clube. Seria diferente se eu fosse homem, claro.

Peter gostaria muito de ter uma aspirina consigo.

– Espere lá... Você acha que não estaria sob investigação se fosse homem?

– Não, acho é que, se fosse homem, já teria sido despedida. O treinador da equipa dos rapazes foi despedido sumariamente.

– Não sei o que dizer.

– Então, é sim?

– Sim, o quê?

– Quer vir comigo amanhã ver o tal jogador?

Olha para o relógio com ar impaciente, como quem tem mais que fazer.

– Porquê eu? Tem o Bobo e... – começa Peter, e depois ela diz algo com que seria difícil argumentar para a maioria das pessoas, e impossível para ele:

– Preciso da sua ajuda.

*

«Se pudesse escolher, preferia ser importante ou amada?», perguntou o psicólogo a Kira não há muito tempo, e a pergunta ainda a incomoda, ainda dá com ela em doida. Está sentada no carro, no parque de estacionamento da igreja, a pensar que devia ter respondido: «Se pudesse escolher, preferia que eu pagasse a sua conta ou a enfiasse onde o sol não alcança?»

Leo vai de bicicleta para casa, Maya vai a pé com Ana, e assim Kira fica ali sentada, sozinha, à espera de Peter, enquanto a cidade inteira quer falar com ele dentro da igreja. Sente-se como se tivesse tropeçado num portal e voltado ao passado, em que ele é novamente alguém e ela é a que se limita a esperar. Esquecera-se de como se odiava a si própria por detestar tanto essa posição.

Vê as pessoas lá fora, alguns figurões do Hóquei de Björnstad, como se isto fosse um congresso e não um funeral, e pensa «campónios estúpidos». Sente-se imediatamente envergonhada, apesar de não o ter dito em voz alta, porque sabe que o pensamento foi motivado por aquilo a que a mãe chamava: «A pior espécie de doença: a inveja. Incurável!» Kira gostava de conseguir ficar feliz num instante, como aquelas pessoas. Explodir de júbilo só porque alguém conseguiu enfiar um disco numa baliza num jogo onde todas as regras são inventadas. Sempre desejou amar algo tão irrefletidamente assim; parece ser uma bolha tão maravilhosa onde viver, essa convicção de fazermos parte de algo muito maior do que nós próprios. Como se o hóquei se importasse. O hóquei está-se a borrifar para nós, para toda a gente, simplesmente *existe*.

Kira inveja os apoiantes do hóquei como inveja as pessoas

profundamente religiosas: pela sua fé cega. Ela nunca será tão importante para nada como essas pessoas são umas para as outras de cada vez que se apertam nas bancadas de um pavilhão.

– Kira?

O homem que chama pelo seu nome do outro lado da janela sobressalta-a de tal maneira que dá um salto e bate com a cabeça no vidro.

– Janota? O que?... – responde, e ele entende que é um convite para se enfiar no banco do passageiro ao lado dela.

– Olá! – cumprimenta-a, como se fosse um encontro perfeitamente normal.

– Olá? – corresponde ela, enquanto ele fecha a porta e olha desconfiado pelo retrovisor para confirmar que ninguém o viu entrar.

– É uma pena – diz ele tristemente, e ela compreende mal e responde, em tom solene:

– Sim... sim, lamento muito... Os meus pêsames, Janota.

Ele fita-a, surpreendido.

– O quê?

Ela pisca os olhos, algo frustrada.

– Lamento... a morte da Ramona. Sei que vocês eram próximos.

O Janota abana a cabeça.

– Oh, não sei, ela provavelmente achava-me um palhaço que nunca está calado.

Kira não consegue disfarçar o sorriso.

– Todos achamos isso, Senhor Janota, mas não significa que não sejamos próximos.

O rosto dele ilumina-se de tal forma que provavelmente conseguiria substituir pelo menos cem das tais turbinas eólicas que o governo quer colocar nas colinas todas aqui à volta. Ninguém o trata pelo verdadeiro nome, todos lhe chamam Janota, mas são poucos os que podem tratá-lo por Senhor Janota. Não há nada de que goste mais. Como se ele fosse o mais digno de todos os Janotas.

– Sim, bom... quero falar contigo! – continua, num tom que oscila

entre o de quem carrega todas as preocupações do mundo e o de quem não tem qualquer tipo de preocupação.

– É por causa da oferta dos novos escritórios? Não me apetece falar disso. Meu Deus... A minha sócia odeia que os nossos escritórios não sejam numa cidade maior, mais longe daqui, e o Peter odeia que não sejam em Björnstad. Ficar em Hed, na verdade, foi um meio-termo, e não quero mesmo...

Mas o Janota já está a abanar a cabeça, num gesto defensivo.

– Não, não, não é por causa dos escritórios. Quer dizer... obviamente que a oferta continua em cima da mesa! Está tudo tratado! Mas não é disso que quero falar. É sobre... bom, é um assunto bastante sensível... e não quero parecer frio. Mas a Ramona estava na direção do Hóquei de Björnstad e... bom.

Kira solta um suspiro tão profundo que parece não ter fim. Claro. Claro! É sempre o clube, até num momento destes. Antes mesmo de ser posta debaixo do chão, Ramona tem de ser substituída.

– Compreendo. Mas se queres que o Peter fique no lugar dela, não é comigo que tens de falar. Tens de falar tu com ele, eu não posso...

Tantas imagens lhe passam pela cabeça enquanto fala, mil instantâneos de pequenos momentos, uma vida inteira com o marido. O *marido*. O marido *dela*. Que parte de Peter sobejará ainda, para partilhar com os outros? Se ela o devolver ao hóquei, restará alguma coisa para ela? Poderá um casamento sobreviver a isso, outra vez? Tem vontade de gritar, de descarregar a frustração, mas o Janota volta a abanar a cabeça.

– Não. Não. Não é isso. Na verdade, sim, talvez seja isso, mas não da maneira que estás a pensar. Bom: há um lugar vago na direção. Mas não queremos oferecê-lo ao Peter. Queremos que fiques tu com ele.

*

Ao princípio, apenas silêncio. Depois o choque atinge Kira com

tanta força que quase dá uma bofetada no Janota. Grita:

– Mas que... a sério que... Que raio... estás para aí a DIZER? Por que diabo havias de me pôr a MIM na direção?

O Janota tenta desesperadamente apaziguá-la, o que só aumenta a desconfiança de Kira, e as palavras seguintes em nada contribuem para a sossegar:

– Porque não? Quem é que conhece esta cidade e este clube melhor do que tu?

Ela fita-o durante muito tempo, confusa, até que finalmente compreende o que se passa e sente-se estúpida.

– Fizeste algum disparate. Precisam de um advogado. Por isso é que vieste falar comigo.

O queixo flácido do Janota baloiça de um lado para o outro e ele responde secamente:

– Não me insultes, e acima de tudo não te insultes a ti própria, Kira. Um advogado? Não achas que eu conseguia arranjar cem advogados, se quisesse? Mas não precisamos deles para nada. Precisamos do *melhor* advogado. E não conheço ninguém melhor do que tu.

É mais difícil resistir à lisonja do que a uma tempestade. Kira enrubesce quando, em vez de o mandar estar calado, dá por si a perguntar:

– Porquê?

– A imprensa anda a meter o nariz nas nossas contas – admite ele em voz baixa, com mais um olhar para o retrovisor.

– A imprensa? Andam à procura de quê?

– Nada, nada! É apenas o jornal local, aquela nova editora-chefe, cheia de ideias da cidade grande. Provavelmente acha que ganhará um prémio qualquer se revelar «os segredos da cidade do hóquei». Sabes como é.

Cala-se com ar embaraçado, por um instante, mas Kira ainda consegue ouvir o que ele quase disse. Ouviu a mesma coisa durante anos, depois de vir viver para aqui com Peter: os velhos da cidade a

queixarem-se de que o jornal local «só escreve artigos negativos sobre o hóquei», quando eram quase sempre artigos de incentivo à equipa. «Porque é que o hóquei é sempre tratado pior do que os outros?», queixavam-se ainda assim, como se fossem uma minoria perseguida. «Há acidentes fatais no hipismo, escândalos de pedofilia na ginástica, clubes de futebol comprados por ditadores... mas, aos olhos da comunicação social, o hóquei é sempre o pior!» São eternas vítimas, esses velhos, sempre perseguidos, sempre objeto de conspirações. Como se não fossem eles próprios a criar as regras do jogo, em todo o lado, permanentemente. O Janota deixou de dizer coisas dessas há dois anos, pelo menos em frente de Kira, mas provavelmente ainda se queixa quando estão apenas velhos na sala e os sócios do clube impedem os patrocinadores de fazerem o que querem. Se calhar preferiam que a tabela classificativa do campeonato fosse decidida no final da época por transações bancárias. «Pessoas como essas, é preciso atingi-las onde lhes dói: na carteira», costumava dizer Ramona. Na verdade, é uma das últimas coisas que Kira se lembra de a ouvir dizer. Assim, devia ser fácil para ela desprezar o Janota. Ignorá-lo. Mas depois ele continua:

– Kira, por favor, ter uma advogada na direção seria bom para nós, é tudo o penso. Não temos problemas, mas agora, que o município está a falar em juntar os clubes, ou em criar um clube novo, os malditos jornalistas começaram a meter o nariz e já sabes como é: basta encontrarem uma pontinha por onde pegar e inventarão um novelo sem fim. Achamos apenas que seria uma boa ideia ter uma advogada na direção. Para dares uma vista de olhos à papelada, pelo sim, pelo não. O clube não pode contratar-te diretamente, não pareceria bem, mas, se o dinheiro for problema, já combinei com os outros patrocinadores que a tua firma ficaria com todo o trabalho jurídico relacionado com a construção do Parque Empresarial de Björnstad nos próximos anos. Será lucrativo, garanto-te! Mas talvez pudéssemos encontrar-nos amanhã, em tua casa? Seria melhor do que no escritório, se eu fosse a tua casa, assim seríamos apenas dois velhos

amigos na conversa, por assim dizer. Caso alguém veja.

Kira não olha para ele, demasiado envergonhada por estar mesmo a tentar convencer-se de que está interessada naquela proposta só por envolver um contrato lucrativo para a firma. Mas não é verdade. O que desperta de facto o seu interesse são as palavras seguintes:

– Naturalmente, isto tem de ficar só entre nós, Kira. Não fales no assunto a ninguém. Nem sequer ao Peter.

Kira está envergonhada, claro, mas não deixa de ser embriagante, a perspectiva de conhecer os meandros mais obscuros do clube de hóquei. Para variar, ficar a saber os segredos da cidade antes de qualquer pessoa. Talvez queira apenas conhecer essa sensação, durante algum tempo. Será assim tão errado? Tão terrível da parte dela? Nem sequer quer pensar nisso. Assim, pergunta apenas:

– «Caso alguém veja»? Como assim? Quem é que nos veria?

Fotografias

O telemóvel na secretária da editora-chefe vibra quando recebe uma mensagem do pai. Inclina-se para a frente e vê que ele não escreveu nada, enviou apenas três fotografias do funeral. A primeira mostra Peter Andersson a entrar na igreja com o *hooligan* mais conhecido do Hóquei de Björnstad. A segunda é de Peter Andersson a sair da igreja com a treinadora do Hóquei de Björnstad. A terceira mostra o Janota a sair do carro de Kira Andersson.

O pai não precisou de escrever nada por baixo de nenhuma das fotografias porque a filha já sabe onde é que ele quer chegar: como pode a família Andersson alegar não ter nada a ver com o Hóquei de Björnstad?

*

A família Andersson é o Hóquei de Björnstad.

Mentiras

– Estás em casa amanhã? – pergunta Kira inocentemente.

Em retrospectiva, pensará depois que o seu maior erro quando discutem, ela e Peter, é sempre o mesmo: afastam-se quando deviam aproximar-se, elevam as vozes em vez de baixarem a guarda, guardam rancores em lugar de ficarem de ouvidos bem abertos. Mas o seu pior pecado, o mais cruel de todos, é quando não dizem toda a verdade e se convencem a si próprios de que isso não é o mesmo que mentir.

– Porquê? Tens alguma coisa planeada? – pergunta Peter, em tom igualmente inocente.

Depois do funeral, fizeram a viagem para casa em silêncio, sem darem as mãos; ele manteve os dez dedos no volante e ela entreteve-se com o telemóvel. Agora ela está na sala, atarefada a mudar as plantas de vaso, e ele está na cozinha a fazer pão, e se contasse isso ao psicólogo, ele teria um ataque com o entusiasmo: Peter obcecado em criar alguma coisa, Kira a tentar desesperadamente não deixar morrer alguma coisa. Quando ela entra na cozinha para ir buscar água, cruzam-se perto do lava-louça, ele com farinha nos dedos, ela com terra nos seus; fazem perguntas inocentes e recebem respostas inocentes. Assim se vê a facilidade com que uma mentira assenta em cima de outra.

– Não, não, estava só a pensar. Se calhar... se calhar fico a trabalhar em casa amanhã. Assim posso levar o Leo à escola, se estiveres ocupado! – explica.

– Sim? Bom, sim, não é má ideia. Na verdade tenho uma coisa para fazer. Ia recusar, mas... bom, é tão estúpido, nada de especial... mas a Elisabeth Zackell perguntou-me se queria ir com ela ver um jogador... – diz, hesitante, lançando-lhe um olhar rápido.

– A sério?

– Sim... É estúpido?

– Não, não, nada disso! Fiquei apenas surpreendida, é só.

Peter espalha mais farinha na bancada.

– Tal como eu disse, é uma parvoíce. Nem sequer foi o clube que pediu, é coisa da Zackell. Até parece que somos... amigos.

Kira segura um vaso por baixo da torneira. É tão boa a fingir indiferença.

– Bom, nesse caso acho que devias ir.

Ele amassa o pão. É quase tão bom como ela a fazer o mesmo.

– Achas?

– Bom, se ela precisa da tua ajuda e tu não te importas de ir...

– Hum, sim, talvez. Vamos e voltamos no mesmo dia, portanto estarei de regresso amanhã ao final da tarde. Pode ser? Ou precisas de mim no escritório?

Está um pouco ansioso de mais por obter a aprovação dela. Ela concede-lha um pouco depressa de mais.

– Não, não, nós damos conta do recado. Vai, não te preocupes.

Ele acena, hesitante.

– Está bem, então.

– Está bem – responde ela com um aceno.

Peter convence-se a si mesmo de que está a dizer a verdade, apesar de não ser *toda* a verdade, porque não partilhou com ela como está esperançoso de que isto seja uma forma de regressar ao clube. Não lhe contou que anda outra vez a sonhar com o hóquei, porque aquilo que têm neste momento, seja lá o que for, não é suficiente para ele. Não admitiu que necessita de se sentir necessário, que é importante para ele ser importante. Assim, amassa o pão em silêncio e enfia os tabuleiros no forno. *Bang, bang, bang*, forno com eles.

Por sua vez, Kira provavelmente sabe que devia contar-lhe tudo o que conversou com o Janota, que lhe ofereceram o lugar vago na direção, mas convence-se de que nesta situação é, acima de tudo, uma advogada. Não uma esposa. Assim, vê a terra escorrer para o ralo, pega noutro vaso, esvazia-o, volta a enchê-lo. Escava. Não diz nada.

Aqui, todos estão ligados, e os elos mais apertados são aqueles que nunca vemos. Quando nos lembrarmos destes dias, mais tarde, talvez nos apercebamos de como é irónico o facto de Ramona, que conheceu e influenciou tantas pessoas enquanto viva, ter tido, por intermédio do seu funeral, um impacto profundo em pessoas que nunca conheceu sequer. Porque hoje, em Björnstad, toda a gente chora a morte dela e por isso ninguém foi trabalhar, o que significa que a fábrica teve de chamar todos os funcionários que residem em Hed para preencher o turno. Um deles, uma mulher ainda jovem que terminara poucas horas antes o seu turno habitual, responde de imediato. A mãe não quer que ela vá, mas o dinheiro extra e o suplemento por trabalhar ao domingo são demasiado bons para recusar.

– Principalmente agora, com as despesas a aumentar – justifica-se a jovem.

– Mas tem cuidado, não te canses demasiado, agora também é mais importante do que nunca cuidares de ti! – insiste a mãe, e a jovem revira os olhos, mas assim promete.

A máquina em que ela ficou a trabalhar hoje na fábrica é velha, o turno anterior registou uma falha no mecanismo nessa manhã, mas ninguém teve tempo de a avisar. Ela está cansada, com muitos enjoos, talvez um pouco tonta. Posteriormente, os investigadores na fábrica farão milhares de perguntas sobre isso, com o intuito de dar a entender que a culpa foi dela. Mas a verdade é que os mecânicos não conseguiram lá ir antes por causa da tempestade e a gerência não quis interromper a produção, e por isso falsificaram o impresso de reparação e deixaram a máquina continuar a trabalhar. Devia haver sempre duas pessoas a operá-la, mas estão com falta de pessoal nesse dia e a jovem acaba por ficar sozinha. O inspetor de saúde e segurança no trabalho já tem tantas outras coisas em discussão com a

gerência da fábrica que ninguém pensou duas vezes no facto de o botão de paragem de emergência estar demasiado longe no caso de a pessoa estar por sua conta e ficar de algum modo presa na máquina. Ninguém que oiça aquele urro alguma vez o esquecerá.

Companheiros de equipa

Depois do funeral, dois jogadores de hóquei que não estiveram presentes na cerimónia aguardam do outro lado da estrada. Ambos queriam prestar homenagem a Ramona de alguma forma, mas um é tímido e o outro está envergonhado, e assim nenhum conseguiu entrar na igreja. Só quando as portas se abrem e as pessoas começam a sair é que o jogador envergonhado repara no jogador tímido parado a vinte metros dele e decide aproximar-se.

– Olá! – cumprimenta Amat.

O Murmúrio acena levemente. Os seus lábios mexem-se para formular uma resposta, mas não sai nada. Ficam parados lado a lado, de mãos nos bolsos, a olhar para a igreja.

– Eu... não consegui entrar. Toda a gente só quer saber se vou voltar a jogar hóquei – diz Amat baixinho, porque, com o Murmúrio sente, de súbito, que pode falar à vontade.

O Murmúrio acena lentamente com a cabeça, mas a expressão dos seus olhos revela que compreende, e por isso Amat ultrapassa a vergonha e pergunta-lhe:

– Talvez pudéssemos treinar juntos, um dia? Como fizemos no ano passado? Preciso de me pôr em forma. Não sei se a Zackell me aceitará de volta na equipa, mas preciso de arranjar um sítio onde jogar. Eu... eu *preciso* de voltar a jogar, percebes?

O Murmúrio faz que sim. Porque percebe, e porque realmente gostaria de voltar a treinar com Amat. Antes, odiava aqueles remates com efeito, os patins capazes de mudar de direção em pleno ar e os discos que pareciam surgir do nada, mas agora sente falta do desafio. O hóquei tem de ser difícil.

– Podíamos pedir ao vigilante que nos deixasse usar o rinkue, uma destas noites, ou então treinar no lago se congelar em breve? – sugere Amat.

Os acenos de concordância do Murmúrio são agora mais enérgicos. Isso também conta como linguagem.

*

Benji toma o caminho por trás da igreja, com o casaco puxado por cima da cabeça, como um gato a esgueirar-se o mais depressa que se atreve para não ser visto, na esperança de que ninguém o detenha para falar de hóquei. No meio dos zunzuns abafados de centenas de pessoas a conversar, é uma sorte que ele reconheça o som dos ténis número quarenta e oito a correr, porque pelo menos isso lhe dá tempo de firmar os joelhos e os calcanhares, salvando assim as costas de se partirem quando Bobo se atira para cima dele, como um cão adulto que ainda pensa que é um cachorrinho.

– BENJI! BENJI! RAIOS, NEM SEQUER SABIA QUE ESTAVAS CÁ! QUE É FEITO DE TI? – consegue bradar o calmeirão, rejubilante, antes mesmo de o abraço terminar.

Benji escapa-se agilmente do torno dos braços do outro rapaz e primeiro manda-o falar mais baixo, depois ri-se.

– A sério, Bobo, fizeste mais alguma coisa além de comer desde que eu me fui embora?

– E tu comeste alguma coisa durante este tempo todo? Não havia comida na Ásia ou lá onde era? – Bobo sorri, tão contente que está aos saltinhos nas pontas dos pés, até que não consegue resistir mais e lhe dá outro abraço.

– Também tive saudades tuas – suspira Benji. Talvez pareça sarcástico, mas é verdade.

Há um tipo de amor especial que não encontramos junto dos amigos, só dos companheiros de equipa.

*

– Amat! Murmúrio! Vejam quem está aqui!

A voz de Bobo ergue-se sobre a multidão quando avista os dois companheiros de equipa do outro lado da estrada, e começa imediatamente a arrastar Benji nessa direção. Benji, Amat e o Murmúrio dizem-lhe «Chiu!» em unísono, uma vez que a última coisa que qualquer um deles quer é atrair as atenções, e a última coisa que uma pessoa deve fazer quando não quer atrair as atenções é estar na companhia de Bobo.

– Raios te partam, Bobo, queres um megafone? Acho que os mortos não te ouviram! – suspira Benji, e Bobo olha para ele como alguém que não percebeu uma única palavra, mas continua esfuziante.

– Se calhar podíamos ir... para outro lado qualquer? – sugere Amat, quando vê algumas pessoas no cemitério começarem a olhar, curiosas, na direção deles.

Benji concorda com um aceno rápido, igualmente ansioso por sair dali. Começam a andar e, ao fim de poucas centenas de metros, tudo volta ao normal. Quatro rapazes mais ou menos da mesma idade a conversarem sobre hóquei. Benji olha para a barriga de Amat e pergunta-lhe se «anda a treinar muito ultimamente». Amat sorri e responde-lhe que «é complicado», e depois pergunta a Benji se ele tem treinado, e Benji diz: «Sabes como é, eu fico em forma a descansar.» Os quatro riem-se e Bobo recebe uma mensagem, e depois mais duas. Quando Benji e Amat começam a meter-se com ele e a perguntar-lhe se tem uma namorada, não estão preparados para descobrir que é exatamente isso que se passa.

Tess escreve que os pais não estão em casa, se Bobo quiser ir vê-la. «Temos de arranjar um plano para distrair os meus irmãos», diz ela, e Bobo vira-se para Amat, Benji e o Murmúrio e pergunta, com os olhos maiores e mais inocentes de toda a floresta:

– Podem fazer-me um favor?

*

Que companheiros de equipa diriam que não?

Quando Bobo anuncia que vai buscar «transporte», Benji, Amat e o Murmúrio estão à espera de qualquer coisa normal, por isso, quando ele aparece para os apanhar, ficam de boca aberta.

– Que é isso? Uma... uma autocaravana?

Bobo confirma com alegria.

– Sim! O meu pai deu-ma! Era do grupo de caça dele. Todos achavam que estava boa para a sucata, mas tenho estado a arranjá-la, aos bocadinhos.

– Aos bocadinhos? Ainda tens bastantes bocadinhos pela frente, parece-me. – Benji sorri ao entrar.

A autocaravana está tão enferrujada e empanada que ele e Amat, para se divertir, passam a viagem a tentar encontrar partes que estejam inteiras. Por um breve instante parece-lhes que a porta do porta-luvas está intacta, mas, segundos depois, Benji tenta abri-la e fica com metade do tabliê no colo.

– O teu pai não tinha nada um pouco mais estável para te dar? Um *skate* com três rodas, por exemplo? – brinca Benji.

– A sério, Bobo, fizeste algum mal ao teu pai? Ele está zangado contigo? – ri-se Amat, e depois conta a Benji e ao Murmúrio da ocasião em que Bobo se pôs a beber a vodca do Javali. Ouvira dizer que devia acrescentar água à garrafa para não se notar. Correu tudo bem até que Bobo voltou a pôr a garrafa no congelador, que era onde o Javali a guardava, e se viu obrigado a explicar ao pai, na manhã seguinte, como é que a vodca tinha congelado.

Todos se riem exceto Bobo, que parece tão pensativo que, por fim, Benji tem de fazer a pergunta para a qual raramente queremos ouvir a resposta:

– Em que estás a pensar, Bobo?

Bobo dá uma resposta honesta, porque não sabe ser de outra maneira.

– Estava a pensar como são esquisitos os congeladores. Imaginem,

se pusermos no congelador um pedaço de carne com o prazo de validade a terminar amanhã, e o deixarmos lá ficar um mês, quando o tirarmos, ainda está bom para comer! É como se parássemos o tempo! Os congeladores são máquinas do tempo!

Benji levanta as sobrancelhas até desaparecerem debaixo do cabelo.

– De todas as coisas em que podias estar a pensar... é disso que te lembras?

– Vocês não? Não percebo como é que as outras pessoas não estão sempre a pensar nestas coisas! – responde Bobo, muito sério.

Benji e Amat riem-se. O Murmúrio fica em silêncio, não por não apreciar o humor, mas porque é o único a pensar no sítio para onde vão. Bobo está apaixonado, Amat provavelmente não tem noção da gravidade do conflito entre as cidades e Benji, claro está, é como sempre foi: não tem medo de ninguém. Mas o Murmúrio está sobrecarregado pela ansiedade, porque vão a caminho de Hed e ele sabe o que vai acontecer quando estes tipos se mostrarem por lá.

*

Vai haver sarilhos.

Infernos diferentes

É uma daquelas raras ocasiões em que Johnny e Hannah saem do trabalho quase ao mesmo tempo. Deviam mesmo comprar um bilhete de lotaria sempre que isso acontece. Ele vai buscá-la ao hospital, beijam-se no carro como dois adolescentes, e Hannah ri-se com vontade quando ele tenta avançar mais, o palerma. Diz-lhe que a leve para casa primeiro, como um raio de um adulto, mas depois a carrinha não pega e Johnny tem sorte que ela o ame tanto, porque, caso contrário, teria sido chamado de algumas coisas consideravelmente piores do que «palerma».

Ele sai para ver o que se passa com o veículo e só então repara que tem quatro chamadas perdidas no telemóvel. Em tão poucos minutos? Quando o leva ao ouvido depois de ligar para o quartel, ouve a porta da carrinha abrir-se e a voz de Hannah:

– Querido? Acabaram de me ligar! Tenho de voltar a entrar!

– Johnny? Precisamos de ti no trabalho! – grita ao mesmo tempo uma voz no telemóvel do bombeiro.

Johnny suspira. Hannah também. Sorriem um ao outro por cima do capô da carrinha. Pelo menos tiveram uns minutos juntos, como adolescentes palermas. Sempre é qualquer coisa.

*

Depois desatam a correr.

*

A linha de produção da fábrica de Björnstad sempre foi dinamite política, capaz de determinar o resultado das eleições para o conselho municipal. Dois anos antes, um político local, Richard Theo, geriu a

sua campanha com base no desemprego, pelo menos à primeira vista, mas a sua intenção era, na verdade, gravar as palavras «Empregos em Björnstad para os trabalhadores de Björnstad» na consciência da população. Obviamente que isso foi quando a fábrica em Björnstad não tinha muitas vagas, e hoje há é falta de operários, mas um bom *slogan* é difícil de apagar. Os funcionários que vêm de Hed ainda desconfiam de favoritismo sempre que um cargo de chefia ou um turno melhor vai para alguém de Björnstad e não para um deles. Nessas circunstâncias, é ainda mais fácil interpretar o que acontece hoje àquela jovem operária como mais do que um mero acidente.

A jovem é de Hed, e a mulher que normalmente trabalha naquela máquina é de Björnstad. Está de licença de maternidade de momento, mas o seu substituto também é de Björnstad e portanto estava no funeral de Ramona. Assim, a jovem de Hed era a substituta de um substituto, e foi reportada uma avaria na máquina, mas um chefe stressado decretou que havia condições para continuar a trabalhar, e esse chefe, por coincidência, é também de Björnstad.

As palavras de Richard Theo vêm facilmente à memória. Empregos em Björnstad. Trabalhadores de Björnstad.

Quando a máquina encrava, a jovem não sabe porquê. Pede ajuda aos colegas para desimpedir o bloqueio, mas nenhum deles tem tempo. Ela está com receio de prejudicar os seus níveis de produtividade no novo sistema de monitorização digital da fábrica se esperar demasiado. Assim, tenta resolver o problema sozinha. A máquina solta, recomeça a trabalhar quando ela não está à espera, e, num instante horrível, a operária é puxada para debaixo de ferro e engrenagens e ouve ossos a serem esmagados. Só então, quando os seus pulmões finalmente encontram algum ar, é que os gritos se escapam dela. E parece que nunca mais vão parar.

*

Mais tarde, falaremos mais sobre os distúrbios posteriores do que

sobre o acidente, mais sobre o que os homens fizeram depois do que sobre o que aconteceu à jovem mulher. Os bombeiros têm de a desencarcerar da máquina. Ela está quase inconsciente com as dores, mas os ferimentos não parecem colocá-la em risco de vida. Só quando os irmãos dela, que também trabalham na fábrica, conseguem abrir caminho à força pelo meio da multidão até chegarem junto de Johnny, é que ele compreende porque é que Hannah voltou a ser chamada para o hospital.

– Ela está grávida! Ela está grávida! – berram os irmãos histericamente.

A ambulância não abranda pelo caminho por nada, com o carro dos bombeiros atrás, a viatura dos irmãos a fechar a retaguarda e as sirenes ensurdecedoras através da floresta. Quando irrompem por Hed, toda a comunidade fica em suspenso.

– Saiam da frente! Saiam da frente! ABRAM ESPAÇO! – grita Hannah quando sai a correr do hospital, a abrir caminho para os socorristas da ambulância. Johnny tem de saltar do carro de bombeiros e literalmente deitar a mão aos dois irmãos para os impedir de se atravessarem à frente deles.

Quando a maca com a jovem é empurrada para dentro e o pessoal médico corre atrás dela, fica uma mancha de sangue no pavimento. Os irmãos, ali parados, fitam-na com um sentimento de impotência. Mais ou menos na mesma altura, dois rapazes entram no parque de estacionamento, num pequeno carro. São pouco mais do que miúdos, com expressões ingénuas e praticamente imberbes, e não fazem a mais pequena ideia do que aconteceu. Nem sequer trabalham no hospital e sim numa obra mesmo ao lado, mas ouvem música um pouco alegre de mais e têm um pequeno urso com uma camisola de hóquei verde pendurado no espelho retrovisor. E é o que basta. Os irmãos consideram-no uma provocação porque precisam desesperadamente de encontrar alguma, seja onde for.

A briga rebenta tão depressa quem nem mesmo Johnny tem tempo para se meter de permeio. Antes que os outros bombeiros lá consigam

chegar, os dois jovens operários da construção de Björnstad estão caídos no chão, ao lado do carro, esmurrados e aterrorizados. Os bombeiros ajudam-nos a levantar-se e a sacudir-se, mas é demasiado tarde para os acalmar; eles entram no carro e aceleram dali para fora, em pânico, e ligam aos amigos a caminho de Björnstad e contam-lhes o que os irmãos da operária fizeram. Dois dos seus amigos trabalham na fábrica. Pouco depois, o carro da namorada de um dos irmãos é vandalizado no parque de estacionamento. Ela tem um pequeno autocolante do Hóquei de Hed no vidro de trás.

*

As coisas acontecem sempre muito depressa quando vai tudo por água abaixo.

*

O mundo nunca parece maior do que quando temos uma pessoa pequenina nas mãos. Nunca nos sentimos mais incompetentes do que quando nos damos subitamente conta de que somos pais de alguém e ninguém tenciona impedir-nos de o ser. «Eu?», perguntamos, aflitos, quando a parteira anuncia que podemos ir para casa. «Mas não sei o que fazer! Vão deixar-me ficar a cuidar de um ser humano?»

Quem tem filhos lembra-se com certeza de como pegava no seu primeiro bebé, ao início. O cuidado com que conduzia com ele no carro. Como tudo parecia incompreensível quando ficava sentado às escuras, em silêncio pela noite dentro, para ter a certeza de que aquela criaturinha minúscula e engelhada continuava a respirar. Um peito tão pequenino a subir e a descer, e de vez em quando um gemido vindo do horizonte dos sonhos, ou apenas um suspiro sibilante que o fazia correr para o berço em bicos de pés. Como o coração lhe apertava os pulmões por reflexo quando cinco dedinhos se fechavam sobre um dos seus e não o queriam largar.

Ser parteira é estranho, porque, se ela fizer o seu trabalho na perfeição, tem de recomençar quase imediatamente, enxotando uma família e recebendo outra, sem nunca chegar a conhecer ninguém. Será essa, porventura, a maior injustiça do trabalho: que as crianças e mães que lhe ocupam mais tempo e que fica a conhecer melhor são as das tragédias.

O que é que Hannah disse a Ana ainda há poucos dias na floresta? «Temos de aproveitar ao máximo os finais felizes quando há oportunidade.» Hannah espera tê-lo feito, ter banhado vezes suficientes a alma em lágrimas de alegria e suspiros de recém-nascidos, porque, caso contrário, não imagina como conseguirá sobreviver ao dia de hoje.

Há duas mulheres deitadas em camas, em lados opostos do hospital. Uma deu à luz na floresta no meio da tempestade e em breve poderá levar o seu bebé, Vidar, para a sua pequena casa em Björnstad. A casa que ele recordará como o lar da sua infância, o relvado onde brincou, os caminhos onde aprendeu a andar de bicicleta. As batalhas de bolas de neve, os jogos de hóquei, o primeiro desgosto amoroso e o primeiro grande amor. Toda a sua vida. A outra mulher será transferida de helicóptero para um hospital maior, onde precisará de cirurgias devido a vários ossos partidos, e, quando finalmente regressar à sua pequena casa em Hed, será sem o filho que esperava. O carrinho de bebé que o seu companheiro achou demasiado caro, mas que ela acreditava que conseguiria pagar com o dinheiro das horas extra do turno de domingo, está no corredor, e, ao vê-lo, ela desabará, em lágrimas de desespero. Dentro de algumas semanas, o companheiro encontrará a caixa com o berço na despensa, o berço com que ela o andava a massacrar para montar, e ele próprio chorará convulsivamente. Para o resto das suas vidas, sempre que passarem em frente da montra da loja de desporto, pensarão que há lá dentro uma bicicleta a mais. Um par de patins a mais. Cem mil aventuras e árvores para trepar e poças em que chapinhar a mais. Um milhão de gelados não comidos. Eles nunca serão acordados demasiado cedo aos

fins de semana, nunca terão de sussurrar: «Pouco barulho!» enquanto estão ao telefone, nunca colocarão pequenas luvas a secar no radiador. O maior medo, o mais pequeno ser humano, nunca será seu.

No jornal do dia seguinte, a fábrica cometerá o erro de considerar todo o episódio um «acidente», mas, em Hed, toda a gente confirmará que isso é o que eles lhe chamam lá. Em Hed, chamam-lhe aquilo que foi: «um acidente *fatal*». Em breve as pessoas dirão à boca pequena, à mesa do pequeno-almoço e em salas de pessoal, que, se tivesse sido a mulher de Björnstad, a que devia estar a trabalhar naquela máquina, a que deu à luz um bebé saudável e feliz e lhe pôs o nome de um dos piores *hooligans* de Björnstad... então os políticos teriam virado a fábrica de pernas para o ar para encontrar os culpados.

Talvez não seja verdade. Mas é tão fácil concordar.

*

Hannah e Johnny ainda estão no trabalho, por isso Tess vai buscar o irmão mais novo, Ture, a casa do amigo. Ao princípio, ele vem a falar sobre as diferenças entre vários super-heróis, mas depressa passa para uma questão mais filosófica: «Porque é que as pessoas dizem que estão nuas se estiverem só de meias, mas já não estão nuas se tiverem as cuecas, quando é a mesma quantidade de tecido no corpo?» Ela está demasiado distraída com o telemóvel para lhe dar atenção. Tobias e Ted encontram-se com eles pelo caminho e os quatro irmãos começam a planear o jantar. O pai disse a Tobias que podiam mandar vir piza, o que lhe custará um ralhete da mulher, uma vez que ela já tinha avisado Tess que não podiam, mas Tess respondeu-lhe que Ted tinha dito que Tobias lhe tinha dito que o pai deixara, e a mãe estava demasiado cansada para discutir fontes em segunda e terceira mão, portanto o jantar será piza. Às vezes é bom serem quatro irmãos, pois podem usar-se uns aos outros em manobras de diversão.

– Estás a ouvir, ou quê? – diz Tobias, ao ver que Tess está a escrever qualquer coisa no telemóvel, mas não parece ser o seu pedido

extremamente específico de base fofa, extra queijo sem azeitonas, pimentos vermelhos mas não amarelos, e por aí fora.

– Hum-hum – murmura ela, mas Ture consegue espreitar para o telemóvel da irmã e exclama:

– Estás a mandar mensagens! A quem é que estás a mandar mensagens? Porque é que estás a mandar corações de amor?

Tobias e Ted arregalam os olhos como se a pele de lagarto da irmã se tivesse revelado acidentalmente por trás do disfarce humano.

– Estás a mandar corações? A quem? – quer saber Ted.

Tess, que não é propriamente conhecida por ser a pessoa da família que manda mensagens mais emotivas, fica vermelha como um tomate, de embaraço e fúria em igual medida.

– Se queres viver até seres velho, mete o nariz na tua vida!

Se Tobias e Ted se atrevessem, tentariam tirar-lhe o telemóvel da mão, mas nem mesmo Tobias é assim tão indiferente ao seu próprio bem-estar. Ture, por outro lado, não tem idade suficiente para compreender como a irmã pode ser quando está mesmo, mesmo zangada. Assim, trepa-lhe pelas pernas acima até ficar encavalitado nela e consegue ver melhor o ecrã, gritando:

– Bobo! Ela está a mandar corações para o BOBO!

Ted consegue salvar o irmão mais novo de ser arremessado para uns arbustos próximos quando Tess o sacode de cima de si, e Tobias salta-lhe da frente quando parece que ela vai começar a distribuir pontapés ao acaso. Tess começa a hiperventilar e os três irmãos recuam de mãos no ar.

– Desculpa, desculpa... – murmura Ture.

– Estávamos só a brincar – concordam Tobias e Ted.

O telemóvel de Tess vibra-lhe na mão. Uma, duas vezes, até que ela olha para o ecrã e vê o que Bobo escreveu. Mesmo assim, apesar de estar tão zangada que até seria capaz de esconder cobras na gaveta das cuecas dos irmãos, não consegue conter um sorriso.

– Conseguem guardar um segredo? – pergunta-lhes.

Claro que não conseguem. Mas prometem esforçar-se mesmo.

Porque, por trás de toda a malandrice e do mau comportamento, adoram a irmã mais velha e é a primeira vez que a veem apaixonada.

Remates

Bobo trava a autocaravana em frente da casa da família de Tess e está tão nervoso que acaba por buzinar quando pretendia desligar o motor.

– Muito bem, Bobo, mesmo discreto! – sorri Benji, e Bobo enrubesce.

A área residencial está invulgarmente sossegada para um domingo. A temperatura é demasiado baixa para haver alguém a cortar a relva, mas também ainda ninguém foi buscar o limpa-neves, e a maioria das pessoas está dentro de casa a preparar-se para a caça ao alce. Até os cães parecem ter tirado o dia de folga.

Ted e Tobias estão no pequeno pátio ao lado da casa, a rematar discos numa rampa de treino que construíram com o pai quando eram pequenos. Ted joga como se fosse a final do Campeonato do Mundo; Tobias joga como se estivesse demasiado cansado para isto, mas se recusasse a deixar o irmão ganhar sem dar luta. Ted nem repara no veículo, mas o irmão mais velho viu-o à distância pelo canto do olho. Quando Benji é o primeiro a sair, Tobias fica tenso e deixa de segurar no *stick* como um instrumento para o passar a empunhar como uma arma.

– Que raio está *ele* a fazer aqui? – cospe, primeiro zangado, depois assustado.

Concordou em deixar a irmã convidar Bobo, mas ela não mencionou mais ninguém, muito menos aquele psicopata do Benjamin Ovich. Tobias está sempre com os apoiantes de Hed em todos os jogos da equipa principal, por isso sabe muito bem quem ele é; era conhecido apenas como «número dezasseis» aqui em Hed, como se fosse uma experiência genética. Todos aqui, incluindo Tobias, ficaram felizes da vida quando, há dois anos, ele abandonou o hóquei e desapareceu, porque o odiavam como os apoiantes de hóquei odeiam

sempre aqueles malucos que adoravam ter a jogar na sua própria equipa. A primeira coisa que passa pela cabeça de Tobias, agora, é que caíam numa armadilha, que Benji está ali para o matar de pancada, em vingança pela luta no ringue de Björnstad no dia anterior.

Benji despiu a camisa branca depois do funeral e a única *T-shirt* que Bobo tinha na caravana para lhe emprestar era verde com um urso, claro, e assim essa é a primeira coisa que Tobias vê. Tem apenas quinze anos, e Benji tem vinte, mas Benji reconhece a linguagem corporal e vê que o outro rapaz está preparado para sarilhos. Durante uns momentos, homem e rapaz avaliam-se mutuamente e, embora Tobias seja alto e musculado para a idade, aperta o *stick* de uma forma que indica saber perfeitamente que as suas hipóteses são reduzidas.

Depois Bobo sai de trás do volante e Tess solta um gritinho de júbilo da janela da cozinha, um som que Tobias nunca ouviu a irmã emitir antes. Os seus dedos relaxam ligeiramente no *stick*. O Murmúrio e Amat saem pela porta lateral da autocaravana e só então é que Ted levanta a cabeça, com um brilho radiante de admiração nos olhos.

– Toby! Toby! Aquele... aquele... estás a ver? É... é o... Amat! É o Amat! – sussurra, alto o bastante para que toda a gente consiga ouvir como está a ser embaraçoso.

Tobias suspira com impaciência para o irmão mais novo e sente o coração abrandar um pouco, mas não tira os olhos de Benji. Benji, com ar divertido, acende um cigarro.

Bobo tira da parte de trás da velha autocaravana um grande cesto de piquenique, e depois não consegue fechar a porta. Isso não parece incomodá-lo. Tess sai de casa como se tivesse de fazer um esforço para manter os pés no chão e não voar até ele. Ambos fazem um enorme sacrifício, a sério, para não se atirarem ao pescoço um do outro em frente dos amigos dele e dos irmãos dela. Ela convida-o a entrar para a cozinha e ele começa imediatamente a fazer mil perguntas, sobre ela e a casa e a família. Tess não está habituada a isso; está habituada a que os rapazes só queiram uma coisa, e assim, por fim, pergunta-lhe o

que traz no cesto. Ele mostra-lhe. Massa e carne e legumes e temperos e natas. Ela ri-se e pensa que, afinal, tinha razão em pensar que os rapazes só querem uma coisa.

*

Querem fazer o jantar.

*

Claro que Amat vê como Ted olha para ele, como uma criança que avistou o seu ídolo. Geralmente Amat detesta isso, ainda há bem pouco tempo teria voltado imediatamente para o carro e exigido que o levassem para casa sem mais delongas, mas já não é uma superestrela. A arrogância é um luxo.

Assim, em vez disso, pergunta:

– Queres jogar?

Dirá a si próprio que o fez pelo rapaz de treze anos, mas, para ser franco, é ele quem quer jogar. Antes disso do que falar.

Ted não consegue responder com mais do que um aceno de cabeça, e assim jogam, ele e o seu ídolo. O Murmúrio ensina silenciosamente ao pequeno Ture como se posicionar entre os postes, porque é uma coisa boa que os miúdos de sete anos têm: não exigem grande diálogo. Ted tenta um remate com efeito do pulso, e Amat corrige-lhe amavelmente o ângulo do joelho e ensina-o a colocar mais força no remate. Quando ele próprio ensaia um remate, Ted, Ture e o Murmúrio ficam parados a olhar para ele.

– Como é que consegues? És rápido como um relâmpago! – exclama Ted, assombrado.

Amat, sem conseguir encará-lo, murmura:

– É uma questão de treino. Tu rematas melhor do que eu rematava com a tua idade.

Santo Deus, é um milagre que o peito de Ted não expluda naquele

instante. Passou tantas horas nesta rampa de treino que, uma vez, uma vizinha intrometida ameaçou denunciar Johnny aos Serviços de Proteção de Crianças, aborrecida com o barulho e por achar que os pais do rapaz o tinham obrigado a ir para a rua rematar discos contra a parede numa noite de junho em que chovia torrencialmente. Hannah teve de lhe explicar que *gostava* que Johnny conseguisse obrigar o miúdo a fazer alguma coisa, como por exemplo a entrar em casa para ir *comer*! Mas a obsessão de Ted vem dele. E não há nada a fazer quanto a isso.

Se essa vizinha espreitasse pela janela agora, talvez mudasse de ideias, porque, um dia, há de vir a vangloriar-se de quem teve como vizinho. Ted e Amat riem alto enquanto se desafiavam um ao outro. Amat vence a maioria dos desafios, mas Ted consegue ganhar-lhe uma vez, e corre pelo quintal com os braços no ar e Ture às cavalitas, como se tivesse conquistado o mundo. Amat bate com a mão na de Ted quando ele volta. Talvez um dia os dois joguem juntos na NHL.

Na cozinha, Tess e Bobo riem-se, e uma história de amor tem início. Aqui fora, outra história de amor começa. Nenhuma delas é má ideia.

*

Enquanto os outros treinam remates, Benji encosta-se à autocaravana e acende o segundo cigarro dos últimos cinco minutos.

– Vais tentar dar-me com esse *stick* ou não? Porque, se não vais, fazias melhor em largá-lo. Estou com receio de que ainda o espetes no olho – diz a Tobias, num tom nada agressivo.

O rapaz de quinze anos apercebe-se de que ainda está a segurar o *stick* como se fosse uma arma e apressa-se a baixá-lo, com uma expressão de arrependimento.

– Desculpa. Desculpa. Mas tem havido tantos problemas com Björnstad ultimamente... Quando saíste do carro com essa camisola pensei... raios, aqui vamos nós...

– Estou demasiado agoniado para brigas – confessa Benji.

– Ressaca? – arrisca Tobias, porque vê Benji a transpirar, apesar de ter apenas uma *T-shirt* vestida, quando a temperatura está abaixo de zero.

– Não tenho problema nenhum em andar à porrada quando estou de ressaca. O pior é quando estou sóbrio – diz Benji com uma risada. Não toca em álcool desde que chegou a Björnstad e começa a sentir-se como se o corpo todo gritasse em protesto.

Mal acaba de falar, o riso de Tess ecoa através da janela da cozinha. Tobias levanta a cabeça, atônito, como um suricata a espreitar da sua toca.

– A minha irmã está a *rir-se*?

– Não é costume? – pergunta Benji.

– Só quando o Ted ou eu nos magoamos.

Quando Tess solta mais uma gargalhadinha, Benji sorri.

– Se calhar o Bobo está a dizer-lhe que passa muito tempo a pensar como os congeladores são máquinas do tempo. Uma pessoa pode escolher entre rir-se dele ou com ele, mas é impossível não rir.

– Máquinas do tempo? – repete Tobias.

Benji abana a cabeça, resignado.

– Esquece. É demasiado complicado. Quantos anos tem o teu irmão?

Indica Ted com um aceno de cabeça.

– É dois anos mais novo do que eu. Tem treze – responde Tobias.

– *Treze*? Que é que lhe dão para comer? *Rottweilers*? É do tamanho de uma casa!

Tobias acena com orgulho.

– É um monstro no hóquei. Vai ser melhor do que o Amat.

– Vai ser melhor do que o irmão mais velho, então? – diz Benji em tom provocatório, e Tobias apanha-o de surpresa quando responde de imediato:

– Já é. Só ainda não sabe.

Benji sacode a cinza do cigarro e quase parece ter vontade de dar

uma palmadinha no ombro do rapaz.

– Devias jogar para a Zackell, a nossa treinadora em Björnstad.

– O Ted é que devia estar a jogar para ela, não eu.

– Não, tu é que devias. Ela gosta de jogadores que conhecem as suas próprias limitações.

Tobias percebe que é um elogio, mas odeia demasiado Björnstad e é um rapaz de quinze anos, portanto custa-lhe aceitá-lo como tal.

– É pena que a vossa equipa seja só filhos da puta e paneleiros! – exclama numa reação puramente instintiva, e depois tem vontade de arrancar todos os dentes da própria boca, presumindo que Benji não trata disso por ele.

Mas a expressão de Benji permanece quase inalterada quando responde:

– Não somos filhos da puta. Mas és capaz de ter razão quanto ao resto.

– Desculpa... não queria dizer isso – murmura Tobias, atrapalhado.

Dois anos antes, quando toda a gente em Björnstad e em Hed descobrira o que Benji era, Tobias encontrava-se entre os apoiantes de Hed quando as duas equipas se defrontaram. Lembra-se do que gritaram a Benji, que atiraram *dildos* para o gelo. Fora tão fácil para Tobias e todos os outros justificarem-se a seguir: o hóquei é mesmo assim, procura-se o ponto fraco do adversário, nunca é nada pessoal. Não é racista, nem sexista, nem homofóbico. É só com o intuito de procurar a vitória. Mas essa explicação parece muito mais fraca agora que o homem que ele insultou aos gritos está aqui à sua frente. O rapaz sente-se encolher de vergonha. Benji, porém, limita-se a sorrir e responde:

– Vocês também são filhos da puta e paneleiros. Só ainda não sabem.

Tobias ri-se, aliviado, grato por ainda ter os dentes todos quando reúne coragem para perguntar:

– É verdade que uma vez deitaste abaixo quatro jogadores da outra equipa?

– Quem te contou isso?

– O meu pai. Acho que és o único jogador de Björnstad de quem ele alguma vez gostou. Mas nunca o admitiria.

Benji acende outro cigarro.

– Acho que foram só três. E nenhum deles sabia lutar no gelo, portanto nem sequer conta.

– Podes ensinar-me a fazer isso? A lutar no gelo?

Benji fuma o seu cigarro e, por breves instantes, odeia-se por ter regressado à floresta, onde isto é tudo o que ele é. Alguém capaz de violência. Alguém a temer.

– Então achas que o teu irmão pode ir tão longe como o Amat? E tu, até onde é que conseguirás ir? – pergunta, para evitar responder a Tobias.

– Não tão longe como ele. Até à equipa principal de Hed, talvez, a menos que subam de liga, porque nesse caso já não haveria lugar para mim. Isto se eles... enfim, se não acabarem de vez com o clube.

– Porque não conseguirás ir além disso?

– Porque não sou como o Ted. Sou como tu.

– Como eu?

O pescoço de Tobias fica vermelho quando o sangue lhe sobe à cabeça.

– Não quero dizer... *gay*, eu... eu não sou... *desses*. Não tem mal nenhum, mas... queria dizer como... como jogador. Não adoro o hóquei ao ponto de ser tão bom como o desporto exige. Não vivo para o rink. Como o Ted.

Benji ri-se e engasga-se com o fumo.

– Achas que era assim para mim?

Tobias assente, ainda constrangido, mas plenamente convicto.

– Caso contrário, ainda estarias a jogar. Sem quereses saber do que te chamassem das bancadas. Se adorasses mesmo o hóquei, nada te teria impedido de continuar.

Benji revira os olhos, apaga o cigarro e começa a apalpar os bolsos à procura de mais.

– Raios me partam, a Zackell havia de gostar *mesmo* de ti...

Tobias tenta aceitar o comentário como um elogio, tenta mesmo.

Na cozinha, Bobo está a preparar o jantar e a fazer perguntas, porque a mãe lhe ensinou que são as duas melhores formas de conquistar uma rapariga: «Porque as raparigas não estão habituadas a nenhuma das coisas.» Bobo sabe que não tem muito mais para oferecer a Tess. Espera que isso seja suficiente. E é.

Quando a gargalhada de Tess se faz novamente ouvir no quintal, Tobias olha para a cara de Benji durante muito tempo e com uma certa desconfiança, até que pergunta muito sério:

– Ele é bom tipo? Aquele Bobo? Sei que é teu amigo. Mas é... bom tipo?

Benji também tem irmãs, portanto compreende a pergunta. Assim, responde:

– Talvez ela encontrasse melhor, mas de certeza absoluta que encontraria muito pior. O Bobo é o tipo mais bondoso e leal que conheço. Mas a sério? O que a tua irmã vê nele, só Deus sabe!

Tobias pensa durante muito tempo antes de baixar os olhos e responder:

– Provavelmente vê que ele é boa pessoa.

– E isso chega? – pergunta Benji, sem brincadeiras.

Tobias funga e raspa o *stick* nos atacadores.

– Ela não quer uma vida extraordinária, apenas uma... uma vida normal. O nosso pai é bombeiro e a nossa mãe é parteira, por isso passámos a infância a ouvir que estávamos a ser criados por heróis. O tipo de pessoas que correm para o fogo. Mas o Bobo não é um herói e a minha irmã deve ver isso. Ele não correria para o fogo, correria para ela.

Tobias cala-se, morto de embaraço ao perceber como o que disse soou lamechas. Benji passa os dedos pelo cabelo comprido e desgrenhado e sorri, pouco à vontade. Nenhum deles consegue relaxar na ausência de palavras que se segue, por isso Benji olha em volta e vê que um cano de água com uma fuga criou um metro quadrado de

gelo no caminho de acesso à casa. Aproxima-se, seguido por Tobias, e, quando lá chegam, vindo do nada, Benji agarra na camisola de Tobias e puxa com tanta força que o rapaz mais novo se desequilibra e cai. Benji segura-o no último instante e diz:

– Tens de pensar onde vais pôr os pés. Depois usas o meu próprio peso contra mim.

E a seguir Benji ensina-o a lutar no gelo. Tobias não poderia ter encontrado melhor professor.

*

Na rampa de treino, Ted finalmente reúne coragem para perguntar a Amat:

– Como foi o recrutamento da NHL?

O Murmúrio está a ensinar a Ture como deve movimentar-se se quer ser guarda-redes, mas lança um olhar ansioso a Amat ao ouvir a pergunta. Tem quase a certeza de que mais ninguém teve coragem de fazer essa pergunta assim de chofre, como um rapaz de treze anos com sonhos demasiado grandes para lhe caberem no peito. Amat dispara outro remate e responde, pensativo:

– Todos eram os melhores. Encontramos bons jogadores aqui, no campeonato, em campos de treino, e por aí fora. Mas, lá, todos os jogadores que vemos são os *melhores* do sítio de onde vieram. Estiveram a vida toda a preparar-se para o recrutamento. Há... pressão... uma pressão infernal. É a única maneira que tenho de a descrever. Nunca tinha sentido tal peso em cima de mim. Como se estivesse a ser sufocado.

Ted remata um disco. Apoia-se no *stick*.

– O meu pai diz que a pressão é um privilégio. Se não sentirmos pressão, é porque nunca fizemos nada de valor e ninguém espera nada de nós.

– Posso contratar-te como agente se conseguir entrar no próximo recrutamento? – sugere Amat com um sorriso.

– Daqui a uns anos, podes ser tu o meu agente! – riposta Ted, e nunca em toda a sua vida dissera nada assim tão arrogante a outra pessoa.

Sente-se estupidamente envergonhado, mas Amat não deixa de o admirar por isso, porque consegue ouvir-se a si próprio no rapaz. Lembra-se de como costumava jogar hóquei antes de só jogar hóquei pelos outros. No remate seguinte, o disco assobia pelo ar e quase rebenta com a rede.

– Nunca conseguirei rematar com essa força por mais que treine – murmura Ted, impressionado.

– Não precisas de treinar mais, só precisas de pensar menos – responde Amat.

*

Os companheiros de equipa de Björnstad estão bem-dispostos quando deixam a casa em Hed. Bobo beija Tess na face com tanto cuidado que Benji murmura:

– Já vi pessoas serem mais sensuais a selarem um envelope, Bobo.

Bobo fica vermelho como um tomate, e até o Murmúrio se ri alto. Nunca teve um grupo de amigos, nunca viveu um dia como este, em convívio e sem se fazer nada de especial durante horas. Esta ausência de expectativas é novidade para ele, tal como os risos, e é por isso que baixa a guarda o suficiente para fazer um aceno de concordância quando Bobo se oferece para o levar a casa.

– Vemo-nos no treino amanhã! – grita-lhe Bobo ao arrancar, infelizmente tão alto que as luzes se acendem em todas as casas da rua.

A autocaravana dirige-se para Björnstad e o Murmúrio entra em casa, mas é demasiado tarde, já alguém viu quem o veio trazer. Pouco depois, alguém atira uma pedra através da janela do apartamento onde ele vive com a mãe. Nela, uma mensagem escrita a tinta vermelha pelos adeptos de hóquei da área, tão pouco imaginativa

quanto eficaz.

*

«Judas! Morre!»

Juventude

Uma criança morreu no hospital hoje. Há sempre quem afirme que uma criança só o é depois de nascer, mas Hannah nunca conseguiu aceitar esse raciocínio. O desgosto é o mesmo, bem como o sentimento de culpa; e se todos os bebés são dela, então a culpa também lhe pertence sempre.

Nessa noite, já tarde, está sentada à mesa da cozinha, na sua casa em Hed, exausta e estafada de chorar, até que por fim se sente apenas vazia. Uma das colegas deu-lhe boleia do hospital até casa e não disseram uma palavra o caminho todo. Hannah só conseguia pensar em algo que Ture lhe perguntara quando tinha quatro ou cinco anos: «No Céu, as pessoas crescem, mamã?» Hannah não compreendeu a pergunta e o filho mais novo reformulou-a, frustrado: «Continuamos a fazer anos depois de mortos?» Quando Hannah admitiu que não sabia, ele murmurou, desconsolado: «Então o que acontece aos bebés que morrem nas barrigas das mães se nunca crescem? Não podem brincar? Nem sequer no Céu?»

Foi um daqueles momentos que a afetou particularmente porque, com Ture, era tudo a última vez. O último filho. É mãe de quatro e chega muito bem, oh, céus, se chega, mas, ainda assim... acontece-nos algo quando nos damos conta de que ter filhos já não é uma opção. Os filhos nunca nos deixam esquecer de que estamos a envelhecer. Ture já tem sete anos, Tess dezassete, e enquanto com ele é só coisas que Hannah não voltará a fazer como mãe, com a filha é só coisas que nunca fez como mãe antes. «Filhos pequenos, pequenos problemas; filhos grandes, grandes problemas», comentou uma das colegas de Hannah quando Tess nasceu, mas é claro que não é verdade. Os erros é que se vão tornando maiores. Os erros de Hannah.

Apoia a testa na mesa. Teve um dia tão longo, mas infelizmente isso não é desculpa porque, como está sempre a dizer aos filhos:

«Nesta família não arranjamos desculpas para o nosso comportamento.» Os nossos próprios ditames são sempre os mais difíceis de seguir. Passaram-se várias horas desde que Tess bateu com a porta atrás de si e desapareceu. A discussão foi tão repentina, e a culpa é toda de Hannah, sabe-o bem. Chegou a casa do hospital, exausta, com os pés e os pulmões doridos, até a pele lhe ardia, portanto já estava à beira de rebentar. Tudo começou quando encontrou um pedaço de borracha na entrada que parecia ter caído de um carro. Mas talvez nem pensasse mais no assunto se uma das vizinhas, aquela vaca intrometida que está sempre a queixar-se quando Ted treina os remates, não tivesse saído de casa em passo de marcha para a vir informar de que os filhos tinham dado uma «festa» a tarde toda. E Hannah até podia ter ignorado isso também, porque claro que Ted e Tobias negaram tudo, mas Ture, embora já tenha idade para saber que não deve ser queixinhas, ainda é novo o suficiente ser subornado com chocolate. Quando Hannah descobriu, por intermédio do filho mais novo, exatamente quem lá tinha estado e porquê, que Tess tinha um namorado e tinham ficado sozinhos em casa enquanto os irmãos jogavam hóquei no quintal, subiu as escadas a correr, cega pela raiva e pelo medo, e pela ilusão de ter sido atraída.

Um dia longo não é desculpa, mas uma das coisas mais injustas de se ter três irmãos mais novos é que somos sempre quem cria as expectativas nos pais. Assim, Tess é castigada porque habituou os pais a esperarem que ela seja a filha mais sensata e de confiança, aquela com que a mãe nunca tem de se preocupar. E Hannah irrompeu pelo quarto dela com a pior de todas as coisas que uma mãe pode dizer: «Esperava mais de ti, Tess!»

Na realidade, é quase como dizer a uma adolescente que, para a próxima, deve esforçar-se por baixar as expectativas dos pais. Hannah sabe disso, no fundo, mas foi uma daquelas ocasiões por que quase todos os pais passam mais cedo ou mais tarde, em que começamos a gritar e não conseguimos parar. A decepção com os filhos é sempre

uma decepção connosco próprios, e nada custa mais a travar do que isso. Portanto Hannah gritou com a filha sem estar minimamente à espera de que ela respondesse da mesma maneira. «Nem sequer perguntaste o que aconteceu!», gritou a filha, e arrependeu-se logo de não dizer o que queria realmente: que a mãe não lhe perguntara como se *sentia*.

Porque a mãe devia saber. Tudo o que a filha sabe sobre amor verdadeiro foi aprendido ali, em casa.

«Não devia ter de perguntar! Ficaste de tomar conta dos teus irmãos e em vez disso trouxeste um rapaz para casa! E um rapaz de *Björnstad*, ainda por cima! Fazes sequer alguma ideia do que aconteceu hoje? Houve pancadaria no hospital, e tu podias ter...», gritou a mãe, e a filha cortou-lhe de imediato a palavra.

«SE O TED E O TOBIAS TROUXESSEM RAPARIGAS PARA CASA FICARIAS TODA CONTENTE, MAS ESTÁS A GRITAR COMIGO? ACHAS QUE MANDAS EM MIM OU QUÊ?»

Hannah dirá depois que estava demasiado cansada para ceder e pedir desculpa, mas, infelizmente, a triste verdade é que foi demasiado orgulhosa. Mães e filhas têm um jeito particular para se magoarem umas às outras, talvez porque as filhas carregam amiúde com as culpas que pesam na consciência das mães, acabando por discutir sobre pecados que nem sequer cometeram.

«O Tobias e o Ted não podem engravidar!», retorquiui Hannah. Por aqui se pode ver o pouco tempo que é preciso para criar um daqueles momentos que as mães colecionam e de que se arrependem quando acordam a meio da noite.

Os gritos dos filhos não são a sua melhor arma. O silêncio é que é. A única vantagem que os pais têm é que os filhos demoram anos a chegar a essa conclusão.

«São mesmo assim tão baixas, as expectativas que tens quanto a mim?» murmurou Tess.

Depois passou pela mãe e desceu as escadas, e a mãe está tão habituada a que esta seja a filha com quem não tem de se preocupar,

que a princípio nem reagiu quando a porta da rua se fechou com estrondo. Não compreendeu o que acabara de acontecer. Mas a porta não voltou a abrir-se e a filha não entrou de novo. Quando Hannah desceu a correr e saiu para a rua, Tess já desaparecera.

E agora Hannah está sentada na cozinha, sozinha com os seus remorsos. Johnny ainda não chegou, Ted e Ture nem se atreveram a sair dos quartos, e acaba por ser Tobias a fazê-lo. Claro. O filho com quem ela mais se preocupa, mas de quem sempre esperou menos.

– Já ligaste ao pai, para lhe dizer que não sabes da Tess?

Com a testa ainda encostada à mesa, Hannah murmura:

– Não, não, estás doido? Se ela estiver com o Bobo, o teu pai é bem capaz de lá ir e...

Interrompe-se antes de proferir alguma asneira, mas o filho sabe exatamente o que ela está a pensar. Fica calado durante muito tempo e depois, com um suspiro, continua:

– O Bobo não é mau tipo, mãe. É simpático. Adora a Tess.

– Não é *essa* a questão... – interrompe a mãe em tom defensivo, mas as palavras secam-se-lhe na garganta quando se dá conta de que parece a sua própria mãe a falar.

Tobias não se senta à mesa da cozinha, limita-se a tocar-lhe no ombro com as pontas dos dedos e indaga:

– O que é que o pai está sempre a dizer dos jogadores de hóquei? Aquela coisa da trela?

Hannah morde o interior da bochecha e murmura:

– «Temos de confiar nos melhores e soltá-los, porque, se resistirmos, eles roem a trela e desaparecem para sempre.»

– E com a Tess também é assim – conclui o filho.

Hannah pousa a mão sobre os dedos dele e aperta-os ao de leve antes de sussurrar:

– Estás a dizer que chegou a altura em que eu perco a minha filha?

Tobias não tem esperteza suficiente para saber a resposta, mas tem quanto baste para não mentir, portanto a única resposta que a mãe recebe é silêncio e o nariz do filho encostado ao seu pescoço.

*

Não há vida como a da juventude. Não há amor como o primeiro.

*

A autocaravana entra no Covão e Bobo e Benji deixam Amat à porta do seu prédio. Em todos os balneários em que cresceram, sempre lhes foi dito como é importante «jogar o próprio jogo» e «controlar a partida». Não ficar à espera de que as coisas aconteçam, mas sim pegar nas rédeas e fazê-las acontecer.

Amat tem perfeita consciência de que devia aplicar esses conselhos ao seu próprio orgulho. Fica ali parado no parque de estacionamento, à espera, com esperança de que Bobo lhe pergunte se gostaria de vir treinar com a equipa, em vez de ser ele próprio a oferecer-se. É tão fugaz como o primeiro beijo ou o primeiro «desculpa» dito a quem estamos prestes a perder, e, se não aproveitarmos a oportunidade, talvez passemos o resto da vida a pensar no que poderia ter sido.

Mas Amat não consegue formar as palavras e Bobo fita-o com olhos cada vez mais nostálgicos e menos esperançosos. Em breve serão homens adultos, e, com o passar dos anos, falarão cada vez mais de memórias e menos de sonhos. É o fim da era em que tudo ainda é possível.

Bobo levanta a mão num triste aceno de despedida, Benji leva dois dedos à testa numa saudação. Amat responde com um aceno seco. Foi um dia divertido, realmente divertido, um dos últimos dias verdadeiramente despreocupados da juventude.

*

A autocaravana dá meia-volta e afasta-se. Há uns miúdos a correr pela rua, a jogar com *sticks* e uma bola de ténis. Quando Bobo passa, eles acenam e chamam-no:

- Estás a vender gelados?
- Arranja um carro a sério, miserável!
- Nem os pedófilos têm carrinhas tão feias!

Bobo ri-se – os miúdos no Covão sempre tiveram mais lata do que nos outros lados –, mas Benji abre a janela do seu lado e mete a cabeça de fora e isso cala-os de repente. Finge puxar a maçaneta, como se fosse saltar em andamento, e as crianças dão um salto para trás. Os seus coraçõezinhos param de bater por um instante, e Benji e Bobo riem-se enquanto se afastam. Os miúdos recomeçam de imediato aos gritos atrás deles, desta vez a discutirem entre si: «Eu não tive medo, *tu* é que tiveste!»

– Lembras-te de quando éramos assim pequenos? – indaga Bobo com um sorriso.

- Tu nunca foste tão pequeno! – exclama Benji a sorrir também.

Bobo tem de admitir que não é completamente mentira. Quando vira para a estrada principal, o telemóvel dele toca e, mesmo que tente disfarçar, o seu rosto ilumina-se de tal maneira ao ver o nome no ecrã que quase conduz para a valeta.

– Olá! Olá! Não, nada! Agora? A minha casa? Sim, claro, mas... e os teus pais? Não, eu vou, estou a caminho! – diz.

Benji suspira quando ele desliga.

– Se vais buscar a Tess, eu vou contigo. Provavelmente não devias andar sozinho em Hed se tencionas ir para a cama com uma rapariga de lá...

– Como sabias que era ela? – pergunta Bobo, e Benji ri-se tanto que todo o carro abana.

- É bom ver-te apaixonado, Bobo. Mesmo bom. Tu mereces.
- A sério? – murmura Bobo, inseguro.
- A sério – assegura-lhe Benji.

Percorrem a estrada que une as duas cidades e apanham Tess, que está à espera onde a floresta termina e as casas ainda não começaram, ansiosa por sair de Hed. Diz apenas que discutiu com a mãe, e Bobo não faz perguntas e ela ama-o por isso: por a deixar sempre explicar

apenas o que quer, nem mais, nem menos. Benji conduz a autocaravana na viagem de regresso, e Bobo senta-se atrás com a cabeça de Tess no ombro, o esqueleto a ranger com o esforço de tentar conter sentimentos demasiado grandes para ele.

– Estamos a andar depressa de mais para ti? – murmura ela.

– Tudo é sempre depressa de mais para mim, sou um bocado lento – murmura ele.

– Serás capaz de me perdoar quando eu me zangar a sério contigo? – pergunta ela.

– Que é que eu fiz? – pergunta ele, aflito.

– Nada. Ainda. Mas, mais cedo ou mais tarde, farás alguma coisa, se vamos ficar juntos a partir de agora.

Tess sente o coração dele bater como um tambor desgovernado por baixo da face dela.

– Podes zangar-te à vontade, desde que não me deixes.

– Combinado – murmura ela.

Depois perdem-se naquele primeiro e melhor silêncio de uma relação. Quando tudo é seguro. Quando eles são tudo. Um dia, casar-se-ão e terão os seus próprios filhos, e Tess dirá a Bobo a mesma coisa que ouviu a mãe dizer uma vez ao pai: «Se nos divorciarmos, espero que não nos separemos amigos. Odeio quando as pessoas dizem isso. Se nos divorciarmos como amigos, isso significa que já não nos amamos o suficiente para conseguirmos magoar-nos um ao outro. Portanto se me amas, se me amas mesmo, tens de me amar ao ponto de perder a cabeça.» Ele nunca deixará de o fazer.

– Bobo? – pergunta Benji do banco da frente quando passam pela placa de Björnstad.

– Sim?

– Queres vender-me esta caravana?

– Não.

– Porquê? Está nas últimas, mas, raios, é como eu, e começo a sentir-me em casa nela!

Tess ri-se. Bobo sorri e responde:

- Não posso vender-ta, Benji. Mas posso oferecer-ta.
- A sério?
- A sério.

*

Não há vida como a da juventude, não há amor como o primeiro, não há amigos como os companheiros de equipa.

Talento

Zackell vai buscar Peter bem cedo, na segunda-feira de manhã. O *Jeep* dela está enferrujado, o casaco de fato de treino dele fica-lhe apertado e o mundo inteiro envelheceu desde que ele saiu de casa para ir ver hóquei da última vez.

– Que é isso? – pergunta Zackell, indicando o saco que ele traz na mão.

– Pão!

– Pão? – repete ela, como se fosse uma palavra particularmente exótica.

Peter pergunta-lhe se quer um pouco, mas ela prefere acender um charuto. Ele espera que ela explique onde vão, mas é evidente que Zackell não vê qualquer motivo para o elucidar. Conduz em silêncio durante um charuto e meio, até que ele finalmente perde a paciência.

– A sério, Elisabeth? Quer que eu fique aqui sentado sem sequer saber que jogador é que vamos ver? Se quer que eu lhe sirva de alguma coisa, tenho de me preparar!

– Não se preocupe, não vai servir-me de grande coisa – responde ela sem rodeios, entre duas baforadas.

Ele franze a testa.

– Não disse que precisava da minha ajuda?

– Disse? Se calhar disse. Mas não preciso. A sua presença é suficiente. Pode dormir um bocado, se quiser, a viagem vai demorar seis horas.

– SEIS HORAS?

– Para cada lado.

– Mas tenho pressa para chegar a casa! – mente Peter, e fica envergonhado, porque se tivesse mesmo pressa nem sequer teria vindo.

– Os papéis estão no banco de trás, se quiser dar uma vista de

olhos – oferece Zackell, sem dar a mínima indicação de que a opinião dele fará qualquer diferença.

Peter pensa em tentar fingir que ainda lhe resta autoestima suficiente para lhe pedir que dê meia-volta ao carro, mas não serviria de nada. Assim, com um suspiro, pega na pasta que está no banco de trás, abre-a, vê uma fotografia e levanta as sobrancelhas.

– Espere aí, eu reconheço este tipo. Fui vê-lo jogar há uns anos, ele era... não, espere lá... Este chama-se «Aleksandr», portanto não pode ser ele. O outro tipo chamava-se...

– É o mesmo. Mudou de nome – informa Zackell.

Peter folheia os papéis na pasta. Ela tem razão, é o mesmo. Cinco anos antes, quando tinha quinze anos, ele era um dos talentos mais brilhantes a nível nacional. Era da idade da geração de ouro de Björnstad, liderada por Kevin, portanto Peter estava atento à concorrência nessa altura. Ele e o Janota até tinham esboçado um plano grandioso para persuadir o miúdo e o pai a mudarem-se para Björnstad, e por isso foram vê-lo jogar num torneio. Acabou por ser uma perda de tempo, porque o rapaz não apareceu. A equipa alegou que ele estava lesionado, mas Peter soube, através do diretor-geral de outro clube, que era mentira. «Deixaram-no em casa. Um talento divino, forte que nem um touro, capaz de levar porrada como ninguém! Mas é impossível treiná-lo, o raio do rapaz. Atitudes de diva, problemas disciplinares. Falta aos treinos, discute com os treinadores, recusa-se a passar o disco, não aceita instruções, não sabe jogar em equipa. Uma pena, vai deitar fora uma grande carreira!» Provou-se que esse diretor-geral tinha razão; nos anos que se seguiram, o rapaz foi corrido de três equipas de juvenis e estragou todas as oportunidades com discussões e queixumes, até que o telemóvel deixou de tocar. Agora tem vinte anos e já está em fase descendente. Infelizmente há vários jogadores assim em todas as gerações, Peter sabe-o por experiência própria. Jogadores que vivem do seu talento inato até chegarem ao final da adolescência e que, assim que lhes começam a ser feitas exigências, barafustam e resistem.

– Lembro-me de que ele era... problemático, por assim dizer – comenta cautelosamente Peter com Zackell.

– A época começa daqui a uma semana. Se ele não fosse problemático, já não estaria disponível por esta altura – responde ela.

Zackell nunca constrói equipas, constrói gangues. Peter reconhece os primeiros sinais da enxaqueca, porque é a mesma que o massacrou todos os dias enquanto foi diretor-geral.

– Eu não a aconselharia a recrutá-lo, mas não ligará nenhuma à minha opinião, portanto talvez possa dizer-me o que vê nele? – pergunta, resignado. Espera que Zackell dê uma resposta torta como de costume, pelo que as palavras dela o surpreendem:

– Há um equívoco comum no hóquei: que os jogadores seguem líderes. Não é verdade. Seguem vencedores.

– E este... Aleksandr... é um vencedor? Alguma vez esteve sequer num clube tempo suficiente para ganhar alguma coisa? Parece que foi expulso de todos os clubes onde esteve, e acha que conseguimos mudá-lo?

Peter tem vergonha de falar no plural, porque se dá conta da esperança na sua voz.

– Não. Os jogadores não mudam. Mas o Aleksandr não tem problema nenhum, é somente mal compreendido – responde Zackell.

– Como assim?

– Todos os seus treinadores tentaram enganá-lo e fazê-lo pensar que o hóquei é um desporto de equipa.

*

O Janota tem muito cuidado para se certificar de que todos os empregados o veem chegar ao trabalho todas as manhãs. Entra pelo armazém, fazendo perguntas e piadas, apertando mãos e dando palmadas nas costas, falando bem alto e rindo mais alto ainda. Pode ser o patrão, mas nunca foi o tipo de homem que as pessoas seguem naturalmente – o hóquei, desporto implacável, ensinou-lhe essa lição.

Foi o melhor amigo do capitão de equipa, mas nunca ele próprio o capitão. Assim, tem de lutar pela sua autoridade, tem de ser visto e ouvido e recordar a toda a gente quem é, mesmo que alguns dos empregados fiquem a rir-se dele pelas costas depois de sair. O que importa é que saibam quem ele é.

Vai para o escritório e espera uma hora. Quando finalmente sai para a reunião, esgueira-se pela porta das traseiras. Deixa a luz do gabinete acesa, o casaco pendurado no cabide, o telemóvel ainda em cima da secretária, como se tivesse ido apenas à casa de banho. O seu carro continua no parque de estacionamento, o vidro permanece partido por cima do autocolante do Hóquei de Björnstad. Ainda espera, cada vez com mais desespero, que isso dê motivo de conversa aos locais, bem como uma distração ao jornal. Se conseguir pôr toda a gente a falar dos *hooligans* de Hed em vez das contas de Björnstad, talvez tenha uma oportunidade de resolver todos os seus problemas.

Arregaça as mangas da camisa e, na sua velha bicicleta, pedala na direção das casas elegantes. O supermercado e o armazém cresceram de tal maneira nos últimos anos, que demora alguns minutos a escapar à sua sombra. Antes, era algo que o enchia de satisfação, mas há já algum tempo que não consegue ver o trabalho da sua vida por aquilo que é, apenas por aquilo que pode vir a ser. E, principalmente, pela rapidez com que pode perder tudo. O único segredo que sempre teve para singrar no mundo dos negócios é o seu otimismo, mas este começa a vacilar seriamente. Um dos seus contactos no município ligou-lhe para lhe dizer a que documentos o pai da editora-chefe conseguiu aceder. O Janota não é parvo, sabia que isto podia acontecer, mas não esperava que uma repórter local fosse tão inteligente. Ou persistente.

Quase ninguém sabe realmente o que significa a palavra «corrupção», mas o Janota foi à procura do significado: «Abuso de influência pública para obtenção de ganhos privados.» Repetiu-o muitas vezes para si próprio. As pessoas costumam acusá-lo de não ter consciência, mas ele não consegue deixar de pensar que não tem outra

coisa. Sim, talvez tenha abusado de «influência pública» e dobrado ligeiramente algumas regras, mas terá obtido algum ganho privado com isso? Não. Pelo contrário. Perde dinheiro todos os dias com o patrocínio ao Hóquei de Björnstad. Tudo o que faz é pelo bem do clube e da comunidade. O seu veredicto moral é tão simples e eficaz como isto.

Também quase ninguém sabe o que significa a palavra «sucesso». Aham que é alcançar o cume de uma montanha, mas o Janota sabe que não é verdade; não há cume nenhum, é apenas uma escalada sem fim. Ou um tipo continua a arrastar-se por ali acima, ou é puxado e empurrado encosta abaixo. Se parar por um momento que seja para ver as vistas, alguém mais forte e mais sôfrego aparecerá, vindo de baixo, para ocupar o seu lugar. É assim que funciona o mundo dos negócios, é assim que funcionam as comunidades e é assim que funciona o hóquei. Uma nova partida, uma nova época, uma nova batalha pela promoção ou despromoção. A luta nunca acaba. Tem de estar sempre à procura de mil maneiras para se manter na dianteira.

Então quando é que é suficiente? Quando é que termina? Porque há de continuar? Possivelmente nunca: talvez apenas no dia do seu funeral, porque quer que a sua vida tenha significado alguma coisa, e esta é a única coisa no mundo que alguma vez sentiu poder influenciar.

«Aqueles cabrões, nunca gostaram a sério de nada», notou Ramona uma vez, enquanto viam os apoiantes das equipas da cidade grande na televisão, claramente mais interessados em comer cachorros-quentes e pipocas do que no jogo de hóquei que se desenrolava no gelo. «Não querem saber, nunca perdem o controlo, porque nada é assim tão importante para eles, não há nada que considerem sagrado a não ser o seu próprio reflexo», acrescentou ela, e obviamente que o Janota sabe que muitas pessoas em Björnstad o veem precisamente dessa maneira. Talvez Ramona fosse uma delas. Na maior parte dos dias, resigna-se; alguém tem de assumir o papel do mau da fita, como quando ele jogava hóquei e andava sempre rente às tábuas para que Peter e as

outras estrelas pudessem brilhar no centro do rinque. Porém, certos dias, quando sente que tudo o que recebe em troca do seu trabalho é ingratidão, gostava que alguém lhe perguntasse o que é que ele, pessoalmente, arriscou para salvar o Hóquei de Björnstad. Para poder responder-lhes: «Tudo.»

Tem dois conjuntos de livros de contas do clube na parte de trás da bicicleta, o que entregou à Autoridade Tributária e o outro, o que apenas ele próprio e umas poucas pessoas sabem que existe. E agora, pela primeira vez, vai mostrá-los a alguém de fora, e, quando ela tiver visto tudo, terá informações suficientes para pôr todos os políticos no desemprego, deixar o clube à beira da falência e mandar homens poderosos para a prisão.

Logo à cabeça, o próprio marido.

*

– Muito bem, já que temos tanto tempo, explique-me lá porque é que o hóquei *não* é um desporto de equipa – pede Peter, com uma risada.

Zackell acende outro charuto e responde, como que incrédula por ele não o saber já:

– Só é um desporto de equipa quando os jogadores são adultos e jogam na equipa principal. Porque é só aí que os jogos significam alguma coisa. Mas até lá? Nos juniores? Quem é que se interessa por quem ganha esses jogos? A única coisa que importa, nessa idade, é que os melhores jogadores se tornem tão bons quanto podem ser. O Aleksandr teve treinadores que gritaram com ele para não ser egoísta, para passar o disco, mas para quê? Para um companheiro de equipa medíocre poder marcar um golo? Para um treinador medíocre vencer um torneio qualquer que não interessa para nada?

Peter tem de admitir que nunca pensou no hóquei dessa maneira.

– Quer então dizer que, se houver uma estrela numa equipa de juniores, o treinador e todos os outros jogadores deviam existir apenas

para o servir, para que ele possa tornar-se tão bom quanto possível? Mesmo que isso signifique perder jogos?

– Claro!

Peter ri-se. Não sabe como lhe dizer que ela é, ao mesmo tempo, a treinadora com menos e mais empatia que ele já conheceu.

– Porque é que o miúdo mudou de nome para Aleksandr? Nem sabia que ele era russo.

– Meio russo. Isso significa que um dos pais é... – começa Zackell, como se Peter fosse uma criança muito nova e burra.

– Obrigado! Eu sei! – suspira Peter.

– Primeiro quer que eu explique tudo, agora não quer que eu explique nada... – resmunga Zackell, surpreendida.

Peter esfrega a testa.

– Então se o Aleksandr não quer jogar para ninguém, o que a leva a pensar que ele vai querer jogar para Björnstad?

– O Peter.

– Eu? Pensei que que não precisava da minha ajuda.

– Não disse isso, pois não? Não preciso é dos seus conselhos.

Peter geme tão alto que salpica saliva para o vidro do carro.

– É como se a minha mãe tivesse reencarnado na pele de uma treinadora de hóquei...

– Que quer isso dizer? – questiona ela.

Ele revira os olhos.

– Oh, nada...

– Parece que fala por enigmas às vezes, já alguém lhe tinha dito? – indaga ela.

– *Eu* é que falo por enigmas? Raios me partam! Está a falar a sério?... Então o que acha que eu posso argumentar para fazer com que esse tipo queira jogar em Björnstad?

Em vez de responder, Zackell limita-se a dizer:

– As coisas devem estar muito más entre si e a sua mulher.

– Desculpe?

Ela acena com a cabeça.

– O facto de não me ter feito essa pergunta antes sugere que, na realidade, andava à procura de uma razão para sair de casa.

Peter perde a calma e pergunta com maus modos:

– Por que raio me pediu que viesse consigo, afinal?

Ela responde, como se fosse óbvio:

– Porque você não é um vencedor.

Peter fita-a em silêncio durante meio charuto.

– Então porque é que estou aqui?

Com toda a sua paciência, Zackell responde:

– Preciso de recrutar um vencedor, porque os jogadores de hóquei seguem vencedores. Mas sabe o que fazem os vencedores?

– Não?

– Os vencedores seguem líderes. E é por isso que o Peter aqui está.

*

Kira tem estrume nos dedos quando abre a porta do terraço. Peter saiu com Zackell, Leo está na escola, Maya tem evidentemente mais uns dias de dispensa para o funeral – o diretor da escola de música acha, ao que parece, que Björnstad fica noutra país – e por isso anda algures com Ana. A casa está vazia. Ainda assim, o Janota atravessa o quintal em vez de entrar pela porta da frente, e comem o pão que Peter deixou feito na cozinha com as persianas corridas.

– Como estão as coisas, de resto? Os miúdos? – começa o Janota, e Kira revira os olhos.

– Por favor, Janota, entraste aqui sorrateiramente como um espião, e já nos conhecemos há tempo suficiente para não teres de começar a conversa a mentir e a fingir que te preocupas com os meus filhos.

– Mentir? Quando é que alguma vez te menti? – exclama ele, horrorizado.

– Só constantemente, a toda a hora, desde o momento em que nos conhecemos há uns vinte anos... – Ela sorri e ele desata a rir.

Este é o seu grande trunfo: ri-se com facilidade, um riso alto,

contagioso, sempre a levar para a frente.

– Está bem, está bem, Kira. Sem tretas! Como te disse, precisamos de um advogado na direção. Temos alguns problemas com o jornal local. Não sei o que já terão descoberto até agora, mas preciso... bom, *tu* precisas... temos de nos preparar para o pior. Preciso de saber o grau de sarilhos em que estaremos metidos se certas coisas... vierem ao de cima.

Ela abana a cabeça, desanimada, e serve café.

– Queres uma resposta honesta, Janota? Tu não representas o clube, não pertences à direção, és apenas um patrocinador. Não podes contratar-me em nome deles.

Ele agita os dedos com indiferença, quase derrubando a chávena sem se dar conta.

– Eu logo me preocupo com isso. Agora peço-te só que dês uma olhadela ao que te quero mostrar, está bem?

Atira os livros de contas para cima da mesa e Kira não consegue evitar uma pontada de preocupação. No princípio da conversa, irrita-se por ser grande a diferença no modo como veem o mundo, mas, no final, vai odiar-se quando perceber como é pequena a diferença entre os dois.

A editora-chefe e o pai estão a tremer quando se sentam em cadeiras de abrir baratas no terraço sujo no cimo do edifício onde ficam os escritórios do jornal. O prédio não é muito alto, mas fica numa colina e por isso tem-se uma vista inesperadamente boa da cidade. O dia mal vai a meio, porém a luz já começa a desaparecer e o frio ataca com determinação qualquer calor que alguém pudesse ter absorvido do sol.

– De que estás a rir? – pergunta a editora-chefe.

– Quando eras pequena e te perguntei onde querias viver, respondeste Nova Iorque. Isto não é propriamente a Grande Maçã, miúda – responde o pai.

As luzes começam a acender-se nos edifícios, alguns carros passam pela rua, ainda se ouvem as serras elétricas, em memória da tempestade. Todavia a natureza está a recuperar, as pessoas também, e a editora-chefe tem dificuldade em reprimir a curiosidade que lhe desperta a resiliência de ambas. Olha de relance para o pai, que fuma o seu cachimbo, e lembra-se do cheiro, de quando era pequena – sempre um sinal de ser um dia bom. Ele só fumava o cachimbo quando não planeava beber.

– Obrigada por não beberes, pai – diz, baixinho.

Os cantos da boca dele estremecem num leve sorriso, que ainda requer algum esforço.

– Já não consigo beber e trabalhar. Pelo menos, em condições. Sou velho de mais para me meter em brigas se estiver bêbado, sabes.

Ela sorri.

– Sei que pensas que herdei as minhas piores características de ti...

– Pelo menos é o que a tua mãe pensa – resmunga ele.

– Não. Ela sabe que também herdei algumas das boas.

O pai solta uma risada rouca.

– És o raio de uma boa editora-chefe, miúda. Eu nunca teria sido tão bom. É preciso ter interesse pelas pessoas para fazer esse trabalho. Foste buscar esse lado à tua mãe.

Ela fecha os olhos e inspira o cheiro do cachimbo. O pai perdeu grandes partes da infância dela. Na altura, não conseguiam compreender-se um ao outro, mas agora conseguem. Em criança, sentiu falta do pai, mas ganhou um amigo em adulta. Um camarada. Pergunta a si própria se teria trocado uma coisa pela outra, caso pudesse voltar atrás.

Ele agita-se com irritação na cadeira de abrir.

– Que barulho é este, estas pancadas? Parece uma gaivota presa numa conduta de ar... – resmunga, e faz menção de se levantar para ir ver, mas a cadeira é demasiado instável, e o seu corpo demasiado velho para tais disparates, pelo que volta a afundar-se no assento com resignação.

– São os miúdos na rua a rematarem bolas contra o portão da garagem – responde a filha, já habituada.

Ele arrebita as orelhas e escuta, calculando que serão miúdos de onze ou doze anos. Um deles grita:

– Está quatro-quatro!

Outro responde furiosamente:

– Não está nada! Não sejas batoteiro! Está quatro-três!

Os próximos sons que se ouvem são quando eles começam à bulha e os seus corpos colidem com o portão da garagem.

– Este lugar... Não sei se alguma vez estive noutro sítio onde as pessoas sejam tão competitivas como aqui... – declara, com um gemido.

A filha sorri.

– Foi o que eu disse. As pessoas por aqui são como tu. Tu também não sabes viver sem uma boa luta.

Ele tosse para esconder uma risada de concordância.

– Não percebo o que queres dizer. Eu sou o retrato da paz e da tranquilidade.

Ela inclina-se e dá-lhe uma palmadinha no braço. É um gesto muito breve, mas significa tudo para quem pensava ter arruinado todas as suas possibilidades de voltar a ser um pai. Depois, com um gesto largo, ela indica a comunidade lá em baixo e explica tristemente:

– Foste tu que me ensinaste isto, lembras-te? A procurar o ponto mais alto em cada cidade, porque se aprende sempre alguma coisa quando vemos tudo de uma vez.

– E o que aprendeste sobre Hed?

Ela aponta.

– Ali há uma escola. Passo por ela todas as manhãs. Faz-me lembrar a escola onde andei, lembras-te? No centro da cidade. Crianças ricas misturadas com as dos bairros sociais. Uns chegam em bicicletas desconjuntadas e outros são trazidos pelos pais em automóveis caros.

– Estás a tentar dizer que eras pobre por ir de bicicleta para a escola? Vivíamos a cinco minutos da...

– Não, não, cala-te! Percebeste mal. Estou a tentar dizer que tu e a mãe fizeram bem: os meus amigos eram de todos os estratos sociais. Agora já não é assim, os pais ricos certificaram-se disso; agora a minha antiga escola está cheia de miúdos com roupas de marca que vão fazer esqui nas férias. E estão a tentar fazer o mesmo aqui. Em Björnstad, há uma zona residencial fina a que chamam «os Montes», onde ficam as casas mais caras da região, e os pais estão a tentar lá criar uma escola nova para que os filhos não tenham de conviver com os miúdos pobres. Se conseguirem levar a sua avante, não tardará a acontecer o mesmo aqui em Hed.

– Onde é que queres chegar?

– Perguntaste-me o que tinha aprendido sobre Hed. Li, há pouco tempo, que os grandes clubes de hóquei estão a tentar fechar as portas da primeira liga nacional. Os direitos de transmissão televisiva valem imenso e não podem correr o risco de serem despromovidos. Assim, querem impedir todos os clubes mais pequenos, os de locais como Hed

e Björnstad, de chegarem lá acima. Os ricos querem excluir os pobres; é a mesma coisa em todo o lado, sempre. Não serve de desculpa, mas... bom, às vezes não consigo deixar de pensar que é por isso que as pessoas são como são nestas cidadezinhas. Têm de lutar constantemente. Talvez até fazer batota. Caso contrário, não têm qualquer hipótese.

O fumo do cachimbo forma espirais em torno do pai.

– A vista é bonita, mas não deixes que a consciência te atrapalhe o intelecto, miúda. Quando publicarmos tudo o que descobrimos sobre as instalações de treino de Björnstad, alguém do lado de lá há de desenterrar alguma cena parecida sobre Hed. Quando isto chegar ao fim, o mais certo é que tenhas acabado com os dois clubes. Mas é esse o teu trabalho.

A filha não abre os olhos. Faz a pergunta apesar de não querer saber a resposta.

– Porque é que achas que Hed manipulou as contas tanto como Björnstad?

A resposta dele é num tom mais triste do que cínico.

– Toda a gente manipula as contas hoje em dia, miúda. Já viste os salários atuais dos jogadores? E as leis fiscais neste país? Se as coisas fossem feitas como deve ser, ninguém teria qualquer hipótese. Quando um clube de hóquei no Sul esteve perto da falência, o município adquiriu «o inventário» do pavilhão por uns milhões, para injetar capital e equilibrar as contas. O inventário de um pavilhão que *já pertencia* ao município. Se esses políticos tivessem nove rabos cada um, mesmo assim não chegariam para todas as cadeiras que querem ocupar. Um dos maiores clubes a nível nacional designa a companhia de autocarros local de «o banco», porque o clube nunca paga pelo transporte quando os jogos são fora, mas a companhia de autocarros nunca exige pagamento porque sabe que, no final do ano, o município intervém e paga tudo, para que o clube não abra falência. Há clubes de elite em situação financeira tão precária que estão tecnicamente na bancarrota, e todos os salários são pagos pelo fundo de garantia

salarial do Estado, mas continuam a recrutar jogadores porque vão arranjando patrocinadores para os pagar e assinar a papelada. E podem continuar em competição! Como esperas que alguém que siga as regras consiga competir com isso?

Ela inspira lentamente o último aroma do cachimbo.

– Até parece que estás do lado deles, pai...

Ele suspira.

– Podes ter a certeza de que estou. Sou velho e sentimental e já não bebo tanto como queria, por isso deixei de ser mauzinho. Mas *tu* não podes recuar agora! Temos de expor a verdade sobre o Hóquei de Björnstad, mesmo que isso arrase com tudo e com todos.

A filha enche os pulmões de ar, como quem se prepara para saltar de um penhasco.

– Achas que a minha consciência faz de mim uma má jornalista?

O pai levanta-se da cadeira com dificuldade.

– Não. A tua consciência é o que faz de ti uma jornalista da melhor espécie, miúda. Muito bem! Vamos para dentro, está um frio de rachar aqui fora e o raio do barulho está a dar comigo em doido! Para a próxima, vê lá se encontras um clube de hóquei no gelo para liquidarmos no Havai!

Idiotas

Qual é a coisa mais difícil no hóquei? Se perguntarmos a cem treinadores, ouviremos cem respostas diferentes, e todos serão igualmente confiantes e igualmente incapazes de ponderar a possibilidade de estarem errados. E todos estarão errados.

Porque a coisa mais difícil no hóquei, a mais difícil de todas, é mudar de ideias.

*

A camisa cara do Janota está encharcada em suor, e o seu relógio, do tamanho de uma chávena de chá, tamborila na beira da mesa. Os sapatos foram tão caros que teria saído mais barato comprar o crocodilo inteiro. Kira sabe disso porque a única coisa que o Janota recicla são as suas piadas. Em cada churrasco que Peter organizou nos últimos vinte anos, sempre que perguntou ao Janota como queria o seu bife, este respondeu: «Assusta-o só um bocadinho com os faróis e pode seguir para o prato!» E Peter ri-se *sempre*. Não deve haver um padrão mais baixo em amizade nenhuma. Um dos sapatos de crocodilo do Janota não tem atacador, porque ficou preso na corrente da bicicleta no caminho até aqui, e ele tem os dedos encardidos e feridos de quando o tentou libertar. Sempre foi muito apatetado. Quando Kira era pequena, ria-se sempre que a mãe usava essa palavra como insulto, mas, quando cresceu e conheceu o Janota, apercebeu-se exatamente do que ela queria dizer: ele é um perfeito e genuíno pateta.

Mas não é por ser estúpido. Infelizmente. Assim, depois de beber o seu café e de Kira lhe pedir que explicasse porque tinham de se encontrar em segredo, ele tira o portátil da mala e mostra-lhe um vídeo. Filmou-o ele próprio no pavilhão. Mostra crianças do jardim de

infância a serem entrevistadas após o treino. A voz do Janota vem de fora do ecrã e Kira, impressionada, tem de admitir que ele tem jeito com os miúdos. Os adultos consideram-no sempre agressivo e insistente, mas as crianças interpretam essas características como sendo naturais de alguém que é honesto e direto.

«Do que é que gostas mais no hóquei?», pergunta ele a um bando de meninos, e todos oferecem versões diferentes do mesmo: marcar golos. Estar com os amigos. Patinar muito depressa. Vencer. Mas, depois, uma menina de seis ou sete anos aparece no ecrã. É mais delgada do que todos os outros, mas a expressão nos seus olhos é maior, e, quando o Janota lhe faz a mesma pergunta, ela parece totalmente confusa. «Como assim, o que gostas mais?», indaga, com a camisola de treino tão comprida que lhe dá pelos joelhos. O Janota põe o vídeo em pausa e sorri a Kira, orgulhoso.

– Essa miúda é tão boa que a deixávamos jogar com os rapazes, sabes, mas tivemos de acabar com isso porque os pais ficaram furiosos por ela lhes destruir os filhos. *Destruí-los*, Kira. Ela é um fenómeno. Uma cerejeira. Sabes que é isso que costumamos chamar aos maiores talentos por estes lados? Como o Peter, com a idade dela!

Retoma o vídeo. A sua voz pergunta: «Podes dizer como te chamas para a câmara?» A menina no gelo responde como se estivesse a montar cerco a uma fortaleza inimiga: «Alicia!» A voz do Janota responde: «Muito bem, Alicia, estava a perguntar-te do que gostas mais no hóquei. Pode ser qualquer coisa. Do que é que gostas mais?» A menina olha para a câmara durante muito, muito tempo, antes de responder, num fio de voz e com uma honestidade contundente: «Tudo. Gosto mais de tudo.»

Kira não consegue imaginar que uma mãe possa olhar para aquela menina sem querer saltar para dentro do ecrã e abraçá-la e prometer-lhe que vai correr tudo bem. Especialmente quando o Janota lhe pergunta: «Então e do que é que gostas *menos* no hóquei?» E a menina responde, de súbito com lágrimas nos olhos: «Quando tenho de ir para casa.»

O Janota desliga o vídeo. Kira baloiça-se na cadeira da cozinha ao lado dele e ralha-lhe:

– Tenho dois filhos adolescentes e vou a caminho do raio da menopausa, Janota! Não achas que já estou emocional quanto baste?

O Janota murmura um pedido de desculpas e, para surpresa de Kira, parece realmente sincero quando fala:

– Desculpa. Só queria... antes de te mostrar todos os problemas do clube... recordar-nos a ambos daquilo por que estamos a lutar. O que está em risco.

É pateta. Mas não é estúpido.

*

É um pequeno rink de gelo ao lado de um parque de estacionamento vazio. Peter nunca ali esteve, mas não importa, sente-se em casa ainda assim. Reconhece todos os sons, cada eco e cada cheiro, até a própria luz. Porém, acima de tudo, reconhece a sensação do... agora. Em todas as partes da vida lá fora, no mundo real, ele está sempre consciente do passado e do futuro, mas os rinks de gelo não deixam espaço para tal. Aqui, é tudo agora, agora, agora.

– Está pronto? – pergunta Zackell.

– Para quê? – pergunta Peter, e depressa se arrepende de ter perguntado.

Lá em baixo, no gelo, vê Aleksandr. Tem a constituição de um jogador de hóquei, como se tivesse sido construído propositadamente em laboratório: alto, ombros largos, claramente muitíssimo forte e, ao mesmo tempo, com uma extraordinária agilidade de movimentos. Cada músculo se mexe como é suposto, a sua técnica de patinagem é impecável, até o cabelo ondulado pelos ombros é tão perfeito que irrita. Contudo há alguma coisa errada. Parece mais velho do que os seus vinte anos, tanto no olhar como nos movimentos. Está a patinar em oitos e cada passagem é ensaiada e perfeita, no entanto falta-lhe a sofreguidão da juventude. É como um cavalo de circo a galopar em

círculos, preso por uma corda. O pai está no meio do gelo a gritar-lhe instruções. Aleksandr mal parece ouvi-lo. Quando Peter se aproxima das tábuas laterais, o pai grita mais alto e com mais intensidade, mas o rapaz de vinte anos não altera minimamente o seu ritmo.

– Ficou nervoso quando o viu, o Peter é o ídolo dele – informa Zackell.

– Deixe-se de coisas, Elisabeth, o rapaz não tem idade suficiente para saber quem eu sou. – Peter sorri com modéstia.

As pálpebras dela estremecem, como se o facto de ele ser tão burro a magoasse fisicamente.

– Não é ele. O pai!

Só então é que Peter compreende, porque na verdade não é muito inteligente nestas coisas. A sua presença aqui não é porque Zackell precise de ajuda para convencer Aleksandr a mudar-se para Björnstad, é porque precisa de ajuda a convencer o pai dele. Peter reconhece o outro homem, embora nunca o tenha visto, porque há um assim em todos os rinqes: não conseguiu ter êxito como jogador, mas todos os dias se convence a si próprio de que isso só não aconteceu porque nunca teve o treinador certo. Assim, vive agora através do filho, um rapaz talentoso, mas mimado e enfadado, a quem tudo sempre foi apresentado numa bandeja de prata e que nem consegue dar-se ao trabalho de levantar a mão para se servir. Aleksandr provavelmente tem treinos particulares desde a escola primária, o pai quase de certeza patrocinou a equipa de juniores e correu o país de lés a lés para o levar a campos de treino caros e a torneios prestigiados, mas o que aconteceu? O rapaz não tinha a vontade necessária. Todos os adolescentes têm uma janela temporal em que há a oportunidade de concretizarem o seu potencial, mas ninguém está preparado para a rapidez com que essa janela se fecha.

– Calculo que Björnstad não tenha sido a primeira escolha deles. Quantos clubes aqui estiveram antes de nós? – pergunta Peter em voz baixa.

– Pelo menos dez – responde Zackell despreocupadamente.

– E nenhum quis contratá-lo? E isso não é um sinal de aviso para si?

– Quem disse que não quiseram? Se calhar foi ele que não os quis.

– Porque havia de não querer?

– Nenhum dos outros clubes lhe ofereceu a oportunidade de jogar contra um profissional da NHL.

– O quê?

Zackell tem um saco ao ombro. Abre-o e tira um par de luvas e uns patins do tamanho de Peter.

– Está a brincar? – pergunta ele.

– Não sou pessoa de brincadeiras – informa-o Zackell, e aproxima-se das tábuas.

O pai de Aleksandr acerca-se de imediato, de olhos muito abertos e cheio de entusiasmo, mas Aleksandr nem se dá ao trabalho de os vir cumprimentar.

– Olá! Olá! Sou um grande, grande, grande fã seu! – diz o pai a Peter, que retribui com um aceno, sentindo-se terrivelmente pouco à vontade.

– O Peter quer juntar-se ao treino – anuncia Zackell.

– Uau! Que honra! Ouviste? – Vira-se para o filho, que não podia parecer menos honrado.

– Talvez o senhor possa fazer uma pequena pausa, então? – sugere Zackell.

Primeiro o pai parece não compreender, depois parece ultrajado e, por fim, resignado.

– Normalmente estou sempre no gelo, sou...

– Mas pode abrir uma exceção para um velho profissional da NHL – declara Zackell, sem qualquer indício interrogativo.

O pai olha timidamente para Peter, ainda sem querer ceder. Tenta parecer aborrecido, quando na realidade se sente apenas humilhado.

– Claro, claro... mas o jogo *físico* do meu filho é o seu ponto forte! Já viu como ele é grande e robusto? É fantástico em frente da baliza, não tem medo de nada! E eu ensinei-o a jogar como jogam nos clubes

de elite. Tenho todo um sistema para posicionar os cones e como é que o conseguirá ver se eu não estiver lá para demonstrar? Acho que...

Tal como todos os pais, não está nada preparado para a pouca importância que Zackell dá àquilo que ele acha.

– Um sistema? Não estou aqui para ver sistema nenhum.

O pai abre a boca para protestar, mas ela já lhe virou costas. Por fim, ele lá se dirige, com grande relutância, para as bancadas. Entretanto, Peter calça os patins com igual relutância, tão devagar que, se Zackell não gostasse tão pouco de tocar noutras pessoas, provavelmente ela própria o empurraria para o gelo ao pontapé.

– Aleksandr? Este é o Peter Andersson. Jogou na NHL e é o ídolo do teu pai! Se conseguires passar por ele, podes ficar com o meu carro! – diz ela ao jovem jogador.

Peter e o pai riem-se. Mas Aleksandr vira-se pela primeira vez, parecendo interessado.

– Está a brincar?

– Quase nunca brinco – assegura-lhe ela, e põe as chaves do carro em cima das tábuas laterais.

O jovem jogador já teve cem treinadores. É muito raro que algum ainda o surpreenda.

– Que acontece se eu não conseguir? – pergunta, desconfiado.

– Porque não havias de conseguir? – responde Zackell, com genuína estupefação.

Aleksandr sorri cautelosamente, como se fosse uma expressão quase esquecida. O pai está sentado nas bancadas, de ombros abatidos, e parece dez anos mais velho do que parecia no gelo. Quando os olhos de pai e filho se cruzam, não há amor algum nos do jovem, como se o cavalo de circo se tivesse dado conta de que a corda foi cortada. Peter desce para o gelo com hesitação e percebe imediatamente que vai sair daqui com uma distensão na virilha e algumas visitas muito dolorosas à casa de banho no dia seguinte. Aleksandr vai buscar um *stick* para ele. Quando vê o homem mais

velho dar algumas voltas inseguras para aquecer, como se isso pudesse ajudar, pergunta:

– Há quanto tempo é que jogou na NHL?

Não está a troçar, pergunta-o com uma curiosidade genuína, mas a situação desperta algo dentro de Peter. Algo de que não se orgulha. Assim, responde secamente:

– Se conseguires passar por mim, eu digo-te!

Os cantos da boca do jovem estremecem. Depois vira-se sem qualquer esforço, como se manobrasse os patins com a mera força do pensamento, enquanto Peter ouve as suas costas estalarem como pipocas quando se inclina para a frente. O antigo jogador da NHL não parece preparado quando o jovem de vinte anos parte do círculo central, a disputa devia ter acabado rapidamente e de uma única maneira, mas, quando Aleksandr chega à linha azul, Peter parece ganhar vida, tão depressa, que ele próprio fica surpreendido quando lhe tira o disco. Pode ser velho e desajeitado, mas há instintos que nunca desaparecem. Aleksandr estaca abruptamente, atónito, e os seus olhos ensombram-se, bem como os de Peter. Aleksandr vai buscar o disco e arranca de novo, com a mesma arrogância, mas, agora, consideravelmente mais irritado. Desta vez, aproxima-se com tanta força e velocidade que está convencido de já ter passado quando o *stick* de Peter aparece do nada e lhe rouba novamente o disco. Volta atrás e recomeça, mas Peter lê-lhe os movimentos. Quando Aleksandr se aproxima, sente-o encolher-se ligeiramente. O rapaz de vinte anos tem a técnica toda, o treino todo, mas tem também medo de ser atingido. Quando a voz do pai ruge da bancada, é algo que Peter já ouviu mil vezes, em mil outros rinques:

– NÃO TE ENCOLHAS! IMPÕE-TE! ENFRENTA A COLISÃO COMO UM HOMEM, POR AMOR DE DEUS!

Aleksandr ajusta o capacete e arranca de novo, mas Peter avança e, com facilidade, afasta o disco. Isto repete-se mais três vezes, até que Zackell grita das laterais:

– ALEKSANDR! Sabias que és estúpido?

O rapaz trava abruptamente. Isso dá oportunidade a Peter para recuperar o fôlego, com as mãos nos joelhos e o suor a escorrer-lhe para os olhos, convencido de que só pode estar a ter um ataque cardíaco. Aleksandr patina até Zackell.

– Que raio é que disse?

– Sabes o que é um mangusto? – pergunta ela.

– Que raio é que me chamou?

Zackell suspira como se lhe tivesse mostrado uma biblioteca e ele estivesse a tentar comer os livros.

– É um animal. Caça cobras. Estás a ver a estupidez? A cobra é muito mais rápida e o seu veneno consegue matar qualquer animal, mas o mangusto continua a atacar a cobra porque é um autêntico idiota. E sabes o que acontece? O mangusto leva a melhor. Sabes porquê?

– Mas é professora de biologia ou treinadora de hóquei? – pergunta Aleksandr com desdém.

– Isto não é biologia. É física – corrige Zackell.

Aleksandr ajeita o capacete, esforçando-se por não abrir mão da sua arrogância, mas não lhe corre muito bem. Olha rapidamente para o pai, mas Zackell continua:

– Não olhes para o teu pai, ele não está aqui. Este é o nosso mundo, agora, teu e meu.

O rapaz de vinte anos respira fundo e, ainda que mal se note, o seu maxilar relaxa ligeiramente.

– Muito bem... diga lá... porque é que o mangusso ou lá o que é leva a melhor?

Zackell toca com o dedo na têmpora.

– O mangusto leva a melhor porque se adapta. A cobra ataca sempre da mesma maneira, sem pensar, sem aprender nada, mas o mangusto baseia o seu ataque em todos os ataques anteriores. Testa e avalia, recua, provoca a cobra e leva-a a atacar cada vez mais e mais longe. Porque é quando está completamente esticada que a cobra fica mais lenta e indefesa. Assim, o mangusto leva o seu tempo, simula,

depois contraria o arremesso da cobra com uma única dentada mesmo através do cérebro dela. Parece sempre sorte, mas *não* é sorte. Compreendes?

– Bom... não... – começa Aleksandr, coçando a testa.

Zackell dobra a mão como se fosse uma boca a abrir e a fechar no ar.

– Tu jogas como uma cobra: és previsível e todos os teus treinadores te fizeram crer que és fiável. Mas ninguém pode contar contigo. Eu não te deixaria guardar a minha cerveja, nem que o copo estivesse vazio. Portanto não adianta pôr-te num «sistema» e falar contigo sobre «posição», porque és demasiado estúpido para isso. É por isso que te desentendes com todos os teus treinadores e és corrido de todas as equipas. Mas também é isso que te torna brilhante, porque és tão estúpido que ninguém consegue realmente imaginar aquilo de que és capaz. Se jogares como uma cobra, o Peter tira-te sempre o disco. Portanto tens de jogar como um mangusto. Jogar como um perfeito idiota.

Aleksandr não está totalmente convencido; houve alturas, durante a explicação de Zackell, em que olhou para ela como se a treinadora estivesse a tentar convencê-lo a cheirar um peido de que se orgulhava particularmente. No entanto volta para o meio do gelo, pega no disco e patina até ao círculo central, desta vez mais devagar, pensativo. O mais difícil no hóquei é alterar a maneira de vermos as coisas. E nada é mais difícil do que mudar a maneira como nos vemos a nós próprios.

Arranca e Peter espera-o junto da linha azul. Mais tarde, o ex-diretor-geral dirá que foi como se Zackell tivesse trazido ao de cima um jogador diferente. Quando se encontram e Peter se prepara para a colisão, Aleksandr evapora-se. É como se tropeçasse e levasse o disco consigo. Parece uma jogada de sorte.

Peter cambaleia e cai de rabo no gelo, soltando um grito de dor, e acaba embrulhado em si mesmo durante alguns minutos embaraçosos. Depois de disparar o disco contra a baliza, Aleksandr vira-se e ouve algo a tilintar no gelo. As chaves do carro. Zackell já vai a caminho da

porta do ringue.

Pela primeira vez em muito tempo, Aleksandr gosta outra vez de alguma coisa no hóquei.

Matadouros

O Janota empurra os dois conjuntos de livros de contas sobre a mesa da cozinha e diz, com uma insegurança que normalmente tenta esconder com piadas parvas:

– Estou a confiar em ti, Kira. Se vais fazer parte da direção...

– Não és tu que nomeias a direção, Janota, são os sócios do clube... – interrompe ela.

– Não te preocupes com os sócios, eu trato disso! – interrompe ele, por sua vez.

– É por isso que aqui estás, todo suado e assustado? Porque conseguiste tratar de tudo tão bem até aqui? – pergunta ela, com ironia, abalando de tal forma a autoconfiança dele que até o candeeiro do teto baloiça com a deslocação do ar.

– Só preciso de saber que, neste momento, és, acima de tudo, uma advogada. Que é tudo... confidencial.

Kira fita-o durante muito tempo.

– Estás com receio de que eu fale sobre o que vir nestes livros com alguém fora desta casa ou com alguém cá dentro?

– As duas coisas.

– Está bem. Então deixa-me perguntar, como advogada: depois de me mostrares todos os problemas e eu começar a trabalhar, o que pretendes que aconteça?

O Janota dá instantaneamente uma resposta ensaiada:

– Quero fazer do Hóquei de Björnstad novamente um clube de elite! A forma mais lógica de isso acontecer é convencer o município a encerrar o Hóquei de Hed. Demolir aquele pavilhão velho e investir apenas em Björnstad. Vamos construir aqui umas instalações de treino ultramodernas, incluídas no Parque Empresarial de Björnstad! O dobro do rendimento e metade dos custos: o município fica com uma equipa principal em vez de duas, uma equipa de juniores, uma equipa

administrativa...

Kira acena lentamente e pensa, com amargura: «E um diretor-geral em vez de dois. E um vigilante. E uma empregada de limpeza.» Porque isso é típico de homens como o Janota, capazes de trocar tudo pelo crescimento, sem perderem tempo a pensar no que acontece se os seus sonhos se realizarem. Despedir funcionários, se for preciso, recrutar estrelas de fora até não haver lugar na equipa para os rapazes locais, aumentar os preços dos bilhetes para que os apoiantes mais fiéis deixem de conseguir ir aos jogos. Sem se aperceber de que, um dia, o clube será tão bem-sucedido que ele próprio será deixado de fora.

Não obstante, Kira responde como uma advogada:

– E para alcançar esse objetivo precisas de provar ao município que Björnstad é superior, tanto em termos desportivos como financeiros, é isso? Que a marca é de tal maneira forte que seria uma loucura tentar fundar um clube novo, com um novo nome?

O Janota sorri e exclama:

– Estás a ver, eu não disse? Podia ter arranjado outros advogados, mas preciso da *melhor*!

O elogio passa-lhe ao lado. Kira inclina-se para a frente e fixa os olhos nele.

– Que é que fizeste, Janota?

O sorriso dele está agora a trabalhar em piloto automático.

– Bom, não... não assassinei ninguém! Mas já sabes como são os jornalistas, andaram a mexer nas nossas contas, e quem é que tem uma contabilidade imaculada? Aposto que nem sequer tu!

Isso magoa-a, ainda que ele não se dê conta. Kira não falou a ninguém dos problemas financeiros do seu próprio negócio. Nem sequer a Peter. Pisca os olhos e repete:

– Que é que *fizeste*, Janota?

O sorriso evapora-se. Ele indica os livros de contas com um aceno de cabeça. Ela abre o de cima e basta-lhe ler algumas páginas para levantar os olhos e abanar a cabeça, num misto de compreensão e

acusação.

– Valha-me Deus... Isto é mesmo verdade? Estão à beira do colapso? Quer dizer, eu sabia que as coisas eram complicadas a nível financeiro quando o Peter foi diretor-geral, mas a fábrica não se chegou à frente como patrocinadora para resolver estes problemas?

O Janota abana a cabeça, desconsolado.

– Sim, mas o dinheiro trazia condições. Tínhamos de ser bons para a marca deles. E sabes quanto custa gerir um clube de hóquei? Principalmente um clube de hóquei como o nosso?

– Que significa isso?

Ele abre os braços, enervado.

– A equipa de raparigas, como viste no vídeo. A amplitude de investimentos e o programa de igualdade de oportunidades para jovens. A nova declaração de valores e o custo de desenvolver tudo isso. Todos os nossos projetos sociais. As pessoas veem só a equipa principal, mas temos um jardim de infância no pavilhão, Kira! As crianças de todo o distrito aprendem a patinar connosco! A comunicação social que nos investiga agora é a mesma que nos pressionou para desenvolver todo esse castelo no ar do politicamente correto, e agora a única coisa que fazem é acusar-nos de não sermos suficientemente «inclusivos», mas quem é que paga para toda a gente ter acesso a tudo? Ninguém quer admitir que tudo o que fazemos para além da equipa principal é um luxo! E se queremos ter uma equipa de raparigas, a equipa principal precisa de ganhar jogos primeiro. Temos de atrair dinheiro dos patrocinadores. É isso que faz toda a máquina funcionar. O meu pai costumava dizer: toda a gente quer comer carne, mas ninguém quer trabalhar no matadouro.

Kira olha para a pasta mais próxima do Janota.

– Que é que tens aí?

Ele pigarreia.

– As coisas que mais ninguém pode ver.

– O matadouro?

– Sim.

– Mostra-me. Mostra-me tudo.

E ele assim faz.

*

Peter só vê a mulher quando se arrasta para fora do gelo. Está sentada, sozinha, ao cimo da bancada. Aleksandr também a vê e, de súbito, abre um sorriso que provavelmente mais ninguém vê senão ela.

– Mãe? – murmura o rapaz, surpreendido.

Ela faz-lhe um aceno tímido com a mão e ele acena de volta como se fosse invulgar estarem a acenar um ao outro neste cenário. Quanto ao pai, fulmina-a com um olhar simultaneamente de choque e fúria. Peter também já viu isto antes; o ringue depressa se torna a coutada de apenas um dos pais, sendo o outro relegado para pouco mais do que um espectador no melhor dos casos e, no pior, um intruso. Peter, na verdade, demora mais do que devia a perceber que, se tanto o pai como Aleksandr estão surpreendidos por a ver ali, ela só pode ter sido convidada por uma outra pessoa.

A mãe indica ao filho, por gestos, que espera por ele lá fora. Aleksandr acena afirmativamente e dirige-se de imediato para o balneário. O pai chama por ele, mas, na ânsia de recuperar a autoridade, grita o nome errado, o seu nome antigo, e o filho finge não ouvir. O pai grita mais alto e prepara-se para o seguir, mas Peter agarra-lhe no braço.

– Deixe-me... desculpe... Posso falar eu com ele?

O pai responde, meio irritado, meio desesperado:

– Claro, claro, pode tentar! Mas ninguém consegue fazê-lo ver a razão! Ninguém! Principalmente com a mãe aqui!

E marcha na direção das bancadas com o passo intempestivo de uma criança rabugenta.

– Aleksandr? – chama Peter quando se vê a sós com o jovem no corredor dos jogadores.

Ele vira-se com movimentos suaves, quase frágeis.

– Sim?

– Bom treino – diz Peter, estendendo-lhe o punho enluvado.

Aleksandr fecha a mão e bate na de Peter.

– Obrigado. Igualmente.

– Já estou velho de mais para estas coisas. Vou ficar semanas sem conseguir andar... – lamenta-se Peter com um sorriso.

Aleksandr morde o interior da bochecha, nervoso.

– Não sabia que era tão previsível. Tirou-me o disco com tanta facilidade!

– Exceto da última vez; aí não me deste hipótese!

Aleksandr parece quase embaraçado.

– Estava a... experimentar uma coisa nova. Não sabia se ia resultar. O meu antigo treinador detestava quando eu tentava coisas diferentes, mas aquela treinadora que veio consigo fartou-se de falar do raio dos mangustos. Nem sequer sei o que é isso...

– Acho que é um animal parecido com um suricata.

– Que raio é um suricata?

Peter desata a rir. Olha para trás, na direção do gelo e das bancadas.

– Quantos clubes vieram ver-te treinar?

– Uns quinze, se calhar.

– Então porque não estás a jogar para nenhum deles?

– Eles não me querem – murmura Aleksandr, constrangido.

Peter sorri.

– Estás a ser outra vez previsível. Eu acho que tu é que os recusaste. Ou a tua mãe rejeitou-os.

O jovem agita-se, atrapalhado.

– Está bem, quer que seja franco? Só aceitei fazer estes treinos porque ela quer! Eu queria desistir do hóquei! Mas o meu pai sempre decidiu tudo o que fiz na minha vida e a minha mãe pediu-me que lhe desse a oportunidade de ser ela a decidir, por uma vez...

– E farias tudo pela tua mãe, não é?

Aleksandr faz que sim com a cabeça.

– Ela fez tudo por mim.

– Mas ela não costuma vir ao ringue, pois não?

O rapaz de vinte anos abana a cabeça e olha para o chão.

– Não. Este é o nosso mundo, meu e do meu pai. Ou era.

– É a tua mãe que é russa? Foi por isso que mudaste de nome?

A resposta é desafiadora, mas emotiva.

– Sempre me chamei Aleksandr, mas o meu pai só deixou que fosse o meu segundo nome. Não queria que as pessoas pensassem que eu era estrangeiro.

Peter apoia-se no *stick*, ansioso por descalçar os patins.

– Que é que ele fez à tua mãe? – pergunta, baixinho.

– Arranjou uma amante! – responde Aleksandr, tão depressa que ele próprio parece chocado.

Peter acena, compreensivo.

– Assim sendo, compreendo porque estás zangado...

– Zangado? *Zangado*? Ele meteu-se com uma maluca sete anos mais velha do que eu. Podia ser minha irmã. Partiu o coração da minha mãe!

Peter acena de novo, mais com tristeza do que com confiança.

– Sabes que mais, Aleksandr? Eu acho que gostavas de jogar hóquei quando eras pequeno porque deixavas o teu pai orgulhoso. E acho que gostaste de me humilhar hoje, no gelo, porque estavas a humilhá-lo a ele ao mesmo tempo. No entanto acredito que devias encontrar outra razão para jogar.

Aleksandr está ofegante, apesar de já estarem ali parados há vários minutos.

– Acha que devia jogar para si, é? Em Björnstad?

Peter ri-se.

– Para mim? Não. Eu já nem sequer trabalho no Hóquei de Björnstad.

– Então o que faz aqui?

Peter responde antes de ter tempo para pensar em como parece

estúpido o que vai dizer.

– Vim porque queria ter alguma importância, suponho. Queria ser uma boa pessoa. Fazer coisas boas. E o hóquei é a única coisa que sei fazer e pela qual posso tornar o mundo um pouco melhor. É por isso que não consigo largá-lo. Talvez a tua mãe veja que tu és assim, também, e por isso não é capaz de te deixar desistir.

Aleksandr aperta o *stick* como se estivesse a pensar parti-lo contra a parede, mas em vez disso respira fundo, olha para Peter e pergunta em voz baixa:

– Ela é boa? Aquela treinadora?

– A Zackell? É completamente louca em todos os outros aspetos – responde Peter com franqueza.

Aleksandr desata a rir.

– Bom, não está a vender muito bem esse peixe!

– Mas ela conseguirá tirar o melhor de ti – continua Peter, com a mesma franqueza.

O rapaz desvia rapidamente os olhos.

– Acha que sim?

Peter acena.

– É a única treinadora que aqui esteve que percebeu que não é o teu pai que decide onde tu jogas. Nem tu.

Pela primeira vez, Aleksandr parece mais jovem do que os seus vinte anos, muito mais jovem. Sorri cautelosamente, quase expectante.

Lá fora, no parque de estacionamento, a mãe dele, que rejeitou todos os outros treinadores que por ali passaram, aperta a mão a Elisabeth Zackell, não porque esta tenha prometido fazer do seu filho um vencedor, como todos os outros, mas porque prometeu libertá-lo.

*

Kira não está preocupada com o significado da palavra «corrupção», não lhe cabe a si, mas está a pensar muito na expressão

«desvio de fundos». É um conceito traiçoeiro, tal como as pessoas que o praticam, porque começa sempre por pequenas coisas. Alguns cortes de caminho transformam-se em atalhos, uma pequena brecha torna-se um poço sem fundo, desonestidade dá lugar a criminalidade. As primeiras coisas nem sequer são ilegais, regra geral, apenas favores e retribuições, amigos a ajudarem amigos. O treinador da equipa de juniores de Björnstad, por exemplo, tem um salário miserável, porque o clube quer fugir ao pagamento de impostos e segurança social, e assim parte do seu pagamento assume a forma de renovação da casa de férias do filho, levada a cabo por um dos patrocinadores. Será ilegal? Talvez não. Mas é uma porta que fica entreaberta. Na equipa principal, o clube assina todos os contratos com os novos jogadores em abril, mas só entram oficialmente em vigor a partir de agosto, para que o jogador possa solicitar subsídio de desemprego durante o verão todo e o clube não tenha de lhe pagar ordenado. Alguns jogadores conduzem carros sobre os quais nunca se pagaram impostos, porque o *stand* local os tem registados como «modelos para demonstração» e cede-os como tal para «testes de condução» que duram toda a época de hóquei. Outros jogadores vivem sem pagar renda em apartamentos da associação de habitação social da autarquia, e, embora o clube «pague» oficialmente a renda, nunca há qualquer dinheiro transferido. Em troca, os diretores da associação de habitação têm os melhores lugares em todos os jogos de hóquei. Será desvio de fundos? Uma linha que foi cruzada? Talvez não. Mas a tal porta já está mais do que entreaberta.

No final de todas as épocas, o clube organiza um jantar para «os amigos do Hóquei de Björnstad», no qual jogadores e direção festejam com patrocinadores e políticos locais e respetivas famílias, as crianças brincam num castelo insuflável e toda a gente vai para casa a falar sobre «um sentimento de coesão local». Pouco depois, os políticos locais decidem que todas as associações desportivas locais deviam poder arrendar o rink de gelo por uma «tarifa zero» no ano seguinte. A decisão é oficialmente descrita como «um vasto subsídio

para promover a saúde pública», mas, por mera coincidência, verifica-se que apenas uma associação beneficia dessa benesse. O clube de hóquei reserva todas as vagas, descobre de repente que não precisa de tantas e vende as excedentes a negócios locais que queiram arrendar o rink para «eventos». Em conjunto com esses «eventos», os negócios contratam também «pessoal», na forma de um vigilante e uma empregada de limpeza, a uma companhia de responsabilidade limitada cujo proprietário é o clube. Esses «eventos» quase nunca têm lugar, mas as faturas parecem genuínas e os negócios podem usar os rendimentos que nem sempre querem declarar e canalizar o dinheiro para um clube de hóquei cujas contas nunca ninguém questiona. Os mesmos patrocinadores podem, ocasionalmente, enquanto bebem uma cerveja numa cabana de caça, sugerir que, em vez de patrocínios diretos, talvez fosse possível adquirir «materiais» para o clube, materiais esses que os negócios podem descontar das suas próprias atividades. É um truque de prestidigitação: peças suplentes para um negócio industrial transformam-se em equipamento para um clube de hóquei; números vermelhos tornam-se uma área cinzenta; dinheiro sujo é lavado. Nada é efetivamente ilegal, ou pelo menos não se tem a *sensação* de ser ilegal; num clube de hóquei cheio de indivíduos sensíveis, isso é tudo o que conta.

Mas depois cada decisão, cada contrato vai resvalando cada vez mais para as imediações de atos criminosos: o clube tem dívidas e pede mais dinheiro ao município, mas o município está preocupado com o que os eleitores pensarão. Assim, em vez disso, o clube arranja um novo patrocinador, uma empresa de consultoria registada no estrangeiro, que por algum motivo misterioso acede a pagar todas as suas dívidas. A proprietária da empresa de consultoria é uma companhia de construção de Björnstad, cujo maior cliente é de longe o município, por acaso. No ano seguinte, a empresa adiciona mais alguns «custos não especificados» a todas as suas faturas de projetos de construção municipais, e eis que o município patrocinou o Hóquei de Björnstad com o dinheiro dos contribuintes sem que tal fosse

visível. O administrador municipal que autoriza o pagamento de todas as faturas da empresa de construção, sem as questionar, também recebe um bónus: graças à sua «vasta experiência em questões de sustentabilidade», foi contratado como «conselheiro de questões ambientais» pela direção de uma empresa de eletrodomésticos de grande porte cujo proprietário é, por mero acaso, primo do proprietário da empresa de construção.

Kira analisa os documentos, linha após linha, parando apenas para esfregar os olhos.

– Deixa-me adivinhar, Janota. Esta empresa de construção é a mesma que vai construir o tal «Parque Empresarial de Björnstad» de que andas a falar? Os piratas todos no mesmo barco?

Ele pigarreia.

– Sabes como é: somos uma cidade pequena, temos de nos unir, isso não é...

Ela levanta a cabeça e ele cala-se, envergonhado. O pior naqueles documentos todos é que Kira vê o engenho que esteve por detrás de tudo aquilo: os velhos rapazes do clube de hóquei e da companhia de construção e do município sabem perfeitamente que nunca conseguiriam esconder completamente a marosca, pelo que nem sequer tentaram. Simplesmente tornaram tudo tão difícil de explicar e tão fácil de justificar que ninguém se daria ao trabalho de ouvir os jornalistas, mesmo que eles tentassem falar. Não é um grande crime, apenas milhares de crimezinhos, e, enquanto toda a gente puder pôr as culpas em outrem, ninguém será castigado.

Mas depois Kira vira uma página e a explosão irada é tão súbita que o Janota bate com a chávina na cana do nariz.

– Espera lá, porque é que a MINHA firma está aqui na lista de patrocinadores?

– Antes de ficares aborrecida... – começa o Janota, mas é claro que é tarde de mais.

– Estás doido? Nós respondemos expressamente *não* ao convite para patrocinar o clube!

– Sim, sim, mas estás a perceber mal, não precisas de pagar nada, é só porque fica bem estares na lista. Percebes, *tu*, pessoalmente...

Então a razão é essa, compreende finalmente Kira. O Janota nunca precisou de um advogado, só precisa de uma santa para purificar a marca maculada. Kira é a mulher do ex-diretor-geral, mas, acima de tudo, é a mãe da filha que foi violada pela estrela de hóquei. Se *ela* pode patrocinar o clube, se *ela* pode sentar-se na direção, como podem os jornalistas acusar o clube de falta de ética?

– É assim que me vês, a mim e à minha família? Como algo que podes explorar? – pergunta ela, mais magoada do que está disposta a admitir.

O Janota está muito corado, com ar culpado.

– O teu negócio é respeitado, um grande escritório de advogados, e isso atrai outros patrocinadores. E nem sequer precisas de pagar nada, só de...

– Então estás a construir um esquema em pirâmide?

– Não... não, com certeza isso é ir longe de mais, não achas? Eu não lhe chamaria...

Ela sacode os papéis na cara dele.

– É *precisamente* o que isto é! Mostras «patrocinadores» com muita credibilidade, mas que não pagam nada, apenas para atrair outros patrocinadores que têm de pagar por todos. E agora queres pôr-me na direção, como uma figura de proa, para que toda a gente pense que tens tudo em ordem, porque agora são um clube politicamente correto, com «valores» e «igualdade»!

O Janota está todo encolhido do outro lado da mesa, a arranhar com ar infeliz a chávena de porcelana. Depois murmura, em tom sinistro:

– Não. Não, não é isso. Pelo menos, não é *apenas* isso. Eu... eu de facto preciso da tua ajuda como advogada. E não só eu mas também... o Peter.

– De que é que estás para aí a falar? – rosna Kira.

É então que o Janota tira da mala o último conjunto de

documentos e o coloca em cima da mesa.

– Aqui tens. Vamos construir umas instalações de treino. O Hóquei de Björnstad, em conjunto com o município. Faz parte dos planos do Parque Empresarial de Björnstad. Mas tivemos problemas com o financiamento, por isso vendemo-lo...

– Como assim, venderam-no? Como é que o venderam se ainda nem o construíram?

– Pois não, a questão é essa. O município, por assim dizer, comprou as instalações ao clube... adiantadamente...

Kira analisa os documentos, primeiro com frustração, depois com horror crescente. Segue cada fio daquele novelo emaranhado: o município vende os terrenos à fábrica, que os vende muito mais baratos ao clube de hóquei, que os volta a vender ao município por milhões, só que agora em vez de terrenos são designados por «instalações de treino». Ao mesmo tempo, a fábrica consegue comprar ao município outro lote de terreno que há muito tempo pretende, sem qualquer dificuldade. Favores e mais favores.

– Isto é... nem sei o que dizer... Talvez pudesse salvar-te de tudo o que me mostraste antes, mas isto? Alguém vai acabar na cadeia por causa disto – consegue dizer.

O Janota abre um sorriso tenso e depois endireita as costas como se estivesse a preparar-se para tentar uma última vez ser otimista.

– Sim, mas ouve, Kira: só é ilegal se formos expostos *agora!* Porque nós vamos construir as instalações de treino *em breve!* Lembras-te da Alicia, no vídeo que te mostrei? Sabes que ela não tem conseguido treinar desde a tempestade, porque temos agora tantas equipas no rink que não há espaço para os mais novos? Portanto só precisamos de algum tempo! Só temos de esconder isto dos jornalistas mais um pouco! Assim que as instalações de treino estiverem construídas, e o Hóquei de Hed tiver sido fechado e só restar o Hóquei de Björnstad, já ninguém vai querer saber como é que lá chegámos!

Acima de tudo, Kira odeia-o porque sabe que ele tem razão. Mas os seus olhos percorrem os documentos até que chegam ao fundo da

folha e o seu coração deixa de bater.

– Espera, porque é que... o Peter... porque é que o Peter assinou isto? – balbucia.

O sorriso do Janota é agora tão aflito que tem de alargar o colarinho para conseguir respirar.

– Ele era o diretor-geral, por isso...

Kira fecha o punho e desfere um murro na mesa, com tanta força que ele dá um salto.

– Não era diretor-geral quando *isto* foi assinado, seu filho da mãe! Nessa altura ele já tinha saído! Que diabo *fizeste*?

Agora já não é só o suor que escorre pelas faces do Janota. Pisca os olhos com força.

– O Peter assinou porque eu lhe pedi. Eu... Era preciso alguém como ele. A direção da companhia de construção e o tipo do município e os proprietários da fábrica, todos ficaram com medo de avançar quando nos preparávamos para vender as instalações de treino, por isso exigiram a assinatura de alguém em quem confiassem. E toda a gente confia no Peter. Ele já estava a trabalhar para ti, na altura, mas ainda não tínhamos nomeado outro diretor-geral e eu... eu sabia que ele se sentia culpado... Achava ter deixado o clube desamparado. Sabes como ele é. Quer salvar o mundo inteiro.

Kira sente as faces a latejar.

– Então pediste-lhe para assinar uma coisa que sabias ser ilegal e ele foi estúpido ao ponto de o fazer?

O Janota olha para o colo.

– Ele assinou porque eu lhe pedi. Porque confiou em mim.

– Então usaste-o!

– Por favor, Kira, estava apenas a tentar fazer o melhor pela cidade. Mas se isto correr mal, o clube inteiro...

Ela debruça-se sobre a mesa, tão furiosamente que ele quase cai para trás com a cadeira.

– O clube? Estou-me borrifando para o *clube*! Não percebes que o Peter pode acabar *preso*?

– Eu... – é tudo o que o Janota consegue dizer antes de ela o agarrar pelo colarinho, fazendo ranger as costuras.

– Se o meu marido for parar à cadeia por tua causa, eu vou presa também, por *homicídio*! Preciso que estejas perfeitamente ciente disso!

Depois larga-lhe o colarinho e sai da cozinha sem esperar por resposta. Instantes depois, a porta da rua fecha-se com estrondo e a casa mergulha no silêncio. O Janota não sabe o que fazer, portanto faz mais café e espera.

Pancadas

Na segunda-feira, Amat passa horas a correr sozinho pela floresta. Quando volta ao pátio entre os prédios, ao princípio da tarde, os primeiros miúdos já chegaram da escola e estão na rua a jogar com *sticks* e bolas de ténis, tal como no dia anterior. Amat enfia as mãos nos bolsos do casaco e puxa o capuz para a cabeça, por hábito, antes que o reconheçam e comecem a chamar por ele. Vai para casa e fecha a porta e as suas mãos procuram automaticamente uma garrafa no saco antes de se dar conta de algo muito estranho: não se sente ansioso. Pelo menos não tanto como o habitual. Há tanto tempo que sente o peito oprimido que quase se esqueceu desta sensação, seja lá o que for – «calma», talvez? É como ter um osso partido a doer terrivelmente durante meses e depois, uma manhã, aperceber-se de que dói um bocadinho menos. Parece-lhe conseguir respirar melhor. A janela está fechada, mas ouve os gritos e risos lá em baixo, no pátio, e o som não o irrita, como é costume. Pelo contrário, abafa algumas vozes na sua cabeça, extingue algumas dúvidas, incute-lhe uma certa esperança. Só um bocadinho. Não há felicidade mais contagiosa do que a alegria de jogar hóquei.

– Posso jogar com vocês? – pergunta, quando sai do prédio com um *stick* velho na mão.

– Co-connosco? – gaguejam as crianças.

Ele acena afirmativamente.

– Claro. Vamos lá. Eu e vocês os dois contra os outros.

As crianças reagem com gritos entusiásticos que ecoam por todo o Covão, os *sticks* batem no pavimento por baixo da fina camada de neve, alguém grita: «BATOTA!», e outra voz brada: «BOA!», e mãos batem umas nas outras em celebração até que a mãe de alguém grita de uma varanda que está na hora de ir para casa comer. Depois uma das crianças vira-se para Amat e grita:

– Podemos jogar outra vez amanhã?

Amat puxa o capuz para cima, enfia as mãos nos bolsos e sorri debilmente:

– Espero não ter tempo.

Não compreendem o que ele quer dizer e correm para casa com todos os seus sonhos. Amat fica onde está e deixa os seus velhos sonhos saírem de onde os enterrou, dentro de si.

Depois aperta muito bem os atacadores dos ténis e corre através da cidade, só parando à porta de Zackell.

*

Bang bang bang.

*

Bate à porta, em sintonia com o bater do coração. Mas ninguém responde. Contorna a casa, mas não vê luzes e está tudo silencioso. Corre até ao rínque, mas o carro dela não está no parque de estacionamento. Fica ali parado, sem fôlego, com os pensamentos a nadarem contra a corrente, cem vozes na sua cabeça aos gritos: «Desiste!» Mas, desta vez, não lhes dá ouvidos. Em vez disso, dá meia-volta e corre em direção oposta, para junto da única pessoa a quem se imagina a confessar tudo, a única pessoa cujos conselhos pode pedir agora. A única pessoa, além da mãe, que sempre acreditou no potencial dele, independentemente de tudo o que fez.

*

Maya vai para casa depois de almoço. Ana está com ela porque não tem comida em casa e soube que o pai de Maya aprendeu a fazer pão. Ana adora pão. Quando passam pelo trilho de corrida nos Montes, a amiga acena com a cabeça e pergunta:

– Aquela não é a tua mãe?

Maya desata a rir.

– A minha mãe? Estás a gozar? A minha mãe não se daria ao trabalho de correr nem que fosse para fugir de um vulcão em erupção!

Mas espreita por entre as árvores e, na verdade, parece-lhe ver a mãe. Maya esfrega os olhos, mas a pessoa já desapareceu. Ela e Ana continuam a caminho de casa, onde encontram a porta destrancada. Não está lá ninguém da família, mas deparam-se com o Janota na cozinha, sentado sozinho a beber café.

– Olá! – cumprimenta ele, animadamente.

Maya acena com a cabeça, resignada, pega no pão e tira os acompanhamentos do frigorífico. Ana murmura:

– O que... o que é que o Janota está aqui a fazer sozinho?

Maya suspira com toda a profundidade de uma coleção de poesia épica.

– Já decidi deixar de fazer perguntas sobre o que acontece nesta casa. É garantido que fico com dores de cabeça se tentar compreender.

*

Amat fecha a mão, levanta o punho, prepara-se.

*

Bang bang bang.

*

Pancadas. Batimentos do coração. Assim que a porta se abrir, Amat vai preparado para confessar imediatamente: «Desculpe, Peter, perdoe-me! Fiz porcaria! Ajude-me!» A sua infância inteira passa-lhe pelos olhos: a primeira vez que calçou uns patins, o seu primeiro golo,

a primeira derrota, e sempre a voz de Peter algures no gelo ou nas bancadas. Uma mão gentil no ombro, um rápido «vai correr tudo bem» ou «bem jogado». É disso que precisa agora. Veio a ensaiar o que quer dizer ao longo de todo o caminho.

Porém, quando a porta se abre, a sua boca fica paralisada, porque não é Peter que está do outro lado e sim Maya.

– Olá, Amat! – exclama ela, num misto de alegria e surpresa.

– Olá... desculpa... – murmura ele, num misto de confusão e decepção.

– Há tanto tempo! Como estás? – pergunta ela, alegremente.

– O quê? – murmura ele, distraído.

Tem vergonha do aspeto desmazelado que deve ter, enquanto ela está perfeita, como sempre.

– Sentes-te bem? – pergunta ela, um pouco preocupada.

Ele assente com alguns acenos lentos, depois repete o movimento mais depressa para se convencer a si próprio, tenta inspirar pelo nariz e expirar pela boca. Recompõe-se, de novo disposto a assumir o controlo da sua vida.

– O... o teu pai está?

Maya abana a cabeça.

– Não, saiu com a Zackell. Acho que foram ver um jogador novo!

Amat olha para ela. Tem os ouvidos a zumbir, as têmporas a latejar, o coração a bater descompassadamente. «Um jogador novo.» Já o substituíram. Cai desamparado no abismo das oportunidades perdidas que só os jovens de dezoito anos têm dentro de si.

– Oh... está bem. Eu... não faz mal... Não era nada de especial – murmura, com um soluço entalado na garganta.

– Tens a certeza de que está tudo bem? Não queres entrar? – pergunta Maya.

Mas Amat já deu meia-volta para regressar a casa.

Tipos da capital

Aleksandr estaciona o seu novo *Jeep* numa estação de serviço. Enquanto ele se dirige para a casa de banho, Peter vira-se para Zackell, que está no banco de trás.

– Posso perguntar-lhe uma coisa?

– Conseguirei impedi-lo?

Ele suspira.

– Já falou com o Amat?

Ela parece surpreendida.

– Desde quando?

– Desde... o verão. Quando ele não foi recrutado.

– Não.

– Porque não?

Ela abana a cabeça, como que estupefacta com essa ideia tão disparatada.

– Ele não apareceu nos treinos. Como havia de falar com ele?

– Ligar-lhe, talvez?

– Ligar-lhe? Para quê?

– Para saber se ele está a pensar em jogar.

– Se quisesse jogar, viria aos treinos, não acha?

Peter estala o pescoço, com frustração.

– Então em vez de *perguntar* ao Amat, arrastou-me até aqui para recrutar o Aleksandr para o substituir?

Zackell inclina então a cabeça para o lado e esforça-se arduamente por não dizer a Peter que é completamente idiota.

– Você é um bocadinho idiota. O Aleksandr não vai substituir o Amat.

– Então o que é que vai fazer?

– Vai irritar o Amat.

E, dito isto, Zackell deita-se no banco de trás e adormece, e dorme

tão profundamente o caminho todo até Björnstad, que Peter não consegue evitar pensar que o verdadeiro motivo pelo qual deu o carro a Aleksandr foi para não ter de conduzir até casa.

Peter e Aleksandr falam de hóquei o caminho todo. Nada mais a não ser hóquei. O *Jeep* entra em Björnstad ao final da tarde. O rapaz de vinte anos respondia por um nome em criança e escolheu um nome diferente em adolescente, mas, nesta cidade, vai adquirir um terceiro nome. Inesperadamente, é Peter quem lho dá, quando Aleksandr pergunta de repente:

– Este sítio é mesmo como as pessoas imaginam? Uma típica cidadezinha rural?

– O que é uma típica cidade rural? – pergunta Peter.

– Sabe, aquele tipo de lugar onde as pessoas odeiam tudo. Odeiam lobos, odeiam as autoridades, odeiam pessoas de fora...

Peter apercebe-se nesse momento de como se sente incrivelmente nativo, porque as palavras do rapaz o ofendem mesmo. Porém, em vez de responder mal, sorri.

– Hum... Sabes o que as pessoas por aqui odeiam mais do que tudo?

– Não.

– Cabrões da capital, armados em bons.

As ocasiões em que alguém ouviu Elisabeth Zackell rir com vontade contam-se pelos dedos, e esta é uma delas. Daí em diante, ninguém em Björnstad chamará outra coisa a Aleksandr a não ser «Capital». Curiosamente, ele aprenderá a não se deixar afetar demasiado pela alcunha.

Zackell salta do *Jeep* em frente de sua casa e despede-se secamente:

– Amanhã há treino, Capital! Não te atrases!

O rapaz fica onde está, mas Peter sai e vai atrás da treinadora. Zackell parece ficar surpreendida, e Peter também está surpreendido, na verdade, como se os seus pés se mexessem mais depressa do que o seu cérebro.

– Oiça, Elisabeth... queria só dizer-lhe... obrigado.

– Porquê?

– Por me ter levado consigo hoje. Foi muito importante para mim... bom, sentir-me novamente parte do clube.

– A bem da verdade, eu nem sequer sabia que você já não estava no clube – recorda-lhe Zackell, e Peter solta uma gargalhada.

– Claro que não. Mas obrigado na mesma. Foi um dia divertido. E estava enganada, já agora!

– Em relação a quê?

– Quando disse que a equipa com os melhores jogadores ganha sempre. Isso não chega. Eles também precisam de alguém que os compreenda. Alguém que consiga ver o melhor neles.

Dá um pontapé na neve. Ela enfia a chave de casa na fechadura. Ele volta para o carro e ela nem sequer se vira para trás quando diz:

– A Ramona não gostava de quase ninguém, mas gostava de si, Peter. Eu também não gosto de quase ninguém.

Já entrou e fechou a porta quando ele assimila o significado das palavras. Só quando está de novo no *Jeep* e o Capital lhe pergunta para onde vão agora é que Peter se dá conta de que Zackell nem sequer pensou onde é que o jogador vai ficar a morar.

Não precisava de se ter preocupado com isso. Claro que Zackell tem um plano. Claro que o Capital vai ficar em casa de Peter.

*

Kira regressa a casa com uma decisão. Quando o Janota sai da casa da família Andersson, ela e ele concordaram em duas coisas: o Janota tem de começar a fazer telefonemas e Kira fará algo terrível. Assim, entra no quarto da filha, senta-se na cama e olha muito séria para Maya e Ana.

– Preciso de vos pedir uma coisa.

– O quê? – perguntam elas.

– Não podem contar a ninguém que o Janota aqui esteve hoje. Nem sequer... ao teu pai, Maya. Tenho de ser eu a falar com ele...

A atmosfera no quarto torna-se opressiva, para dizer o mínimo. Maya fica em silêncio tanto tempo que, por fim, Ana se sente na obrigação de dizer em voz alta o que ambas estão a pensar.

– Desculpe, Kira, mas tenho de dizer isto: se tenciono arranjar um amante, acho que conseguiria muito melhor do que o Janota. É uma mulher atraente! Com certeza há montes de homens que...

Ao princípio, Kira não percebe, e depois percebe tudo de repente. Olha para Ana com uma expressão de tanto horror e repulsa, que Maya se ri mais do que se lembra de rir naquela casa desde que o irmão tinha seis anos e conseguiu arranjar maneira de ficar fechado dentro do frigorífico.

*

Peter chega a casa e entra para o vestíbulo. Kira sai da cozinha. Perguntará muitas vezes a si própria por que razão não lhe contou a verdade ali mesmo, naquele momento: que o Janota lá esteve e que ela já sabe tudo sobre os contratos e as instalações de treino, mas Peter tem uma expressão no rosto que ela tinha saudades de ver, sem sequer se ter apercebido. Ele está entusiasmado. É irresistível.

– Querida! A Zackell e eu recrutámos um jogador! Bom, quer dizer... a Zackell é que o recrutou, mas eu... ambos ajudámos! Ele é especial! Especial no bom sentido! Pode mesmo vir a ser... incrível!

Kira mal consegue acreditar quando ouve o som que lhe sai da própria garganta, mas está a rir-se. Podia ter feito muita coisa, mas ri-se. Ri-se e ri-se e ri-se, porque o marido irradia uma tal felicidade infantil, e ela tinha-se esquecido daquele rapaz por quem se apaixonou. Assim, não lhe diz nada sobre o que aconteceu nesse dia; pensa apenas que tem de proteger o marido, tem de se certificar de que ele não vai parar à cadeia porque não conseguiria respirar sem ele.

– Deixa-me adivinhar: ele não tem onde ficar, por isso vai ficar aqui? – Sorri, e Peter arregala os olhos.

– Como sabias?

– Porque era o que acontecia sempre quando eras o diretor-geral. Vou fazer a cama no quarto de hóspedes.

Sobe as escadas para ir buscar lençóis, mas ri-se tanto, que tem de parar várias vezes para recuperar o fôlego.

– São só algumas noites! – diz Peter atrás dela.

Mas depois o Capital entra pela porta da rua e detém-se no vestíbulo, precisamente quando Maya sai do quarto para ver que confusão é aquela. Os olhos do Capital e os de Maya cruzam-se, e nenhum dos dois diz nada, mas a cor esvai-se do rosto de Peter num segundo. Olha de um para o outro e dá-se conta de que cometeu um grande, grande erro. De súbito, Kira ouve-o gritar lá de baixo:

– UMA NOITE, KIRA! Uma noite, no máximo!

Ana também fica lá a dormir nessa noite. A última coisa que murmura antes de adormecer é:

– Correu bem! Primeiro a tua mãe pediu-te para guardares um segredo, e depois o teu pai perdeu a cabeça quando percebeu que tu queres ir para a cama com aquele tipo. Por outro lado, há que tempos que não via os teus pais serem tão normais.

– Não quero ir para a cama com aquele tipo! – responde Maya um pouco depressa de mais, e Ana revira os olhos com tanta força que a sua cabeça quase gira como a de um mocho.

– Não, não, claro que não queres. Obviamente. Estavas só a comê-lo com os olhos...

– NÃO ESTAVA NADA!

Ana aconchega-se, vira as costas para Maya e murmura:

– Fico contente por queres ir para a cama com rapazes outra vez.

– Vai-te lixar... – murmura Maya; e pega na mão de Ana e adormece com ela apertada na sua.

Desilusões

Segunda-feira é um dos dias mais longos das vidas de Hannah e Johnny. Tess está a desempenhar na perfeição o papel de filha magoada; ignorou-os o tempo suficiente para eles começarem a entrar em pânico, mas não o bastante para se poderem armar em mártires. Passa a noite na cama de Bobo, sendo que ele dorme ao lado dela no chão, com os irmãos mais novos amontoados aos pés da cama, como cachorrinhos. O Javali não entende o que raio se passa; nunca houve uma namorada naquela casa antes, portanto pergunta a Tess, sem jeito, o que é que ela quer ao pequeno-almoço no dia seguinte, e depois obriga-a a prometer que, se Bobo alguma vez se portar mal com ela, lhe dirá logo para ele o poder matar. Tess sorri e promete. Dorme com a mão pendurada de fora da cama para sentir a respiração de Bobo na pele. No dia seguinte, acorda com o cheiro a chá, torradas e ovos mexidos.

Apanha o autocarro de regresso a Hed e vai para a escola como se nada tivesse acontecido, porque sabe que os pais vão telefonar para lá, para saber se ela apareceu, e esse é um castigo muito pior para eles do que se continuasse em parte incerta. Assim, eles têm de passar o dia à espera que as aulas acabem, sem poderem fazer nada e sem saberem se ela voltará para casa ou não, e não há nada mais cruel que lhes pudesse fazer.

Quando chega a hora de jantar, Tess enfia a chave na fechadura e os pais saltam das cadeiras da cozinha e correm para a entrada, divididos entre abraçá-la e ralhar com ela, mas Tess não lhes dá tempo para decidir. Bobo vem com ela, de cesto na mão, e parece pelo menos tão atrapalhado como Hannah e Johnny, mas talvez Tess esteja apenas a pô-lo à prova. Se fizer isto por ela, fará tudo.

– O Bobo trouxe comida e vai cozinhar! Daqui a vinte minutos vamos sentar-nos à mesa e jantar juntos como uma família normal –

anuncia ela, sem deixar margem para negociações.

Dito e feito. Os irmãos descem e a família come a massa como se fossem reféns. Johnny não diz uma palavra, mas Hannah não tem essa possibilidade porque Bobo passa o jantar a fazer-lhe perguntas. Sobre o trabalho dela, onde cresceu, a casa. Quando terminam de comer, Tobias e Ted fogem desesperados para os seus quartos, escapando-se ao constrangimento sufocante da conversa. Johnny, por sua vez, finge que tem de ir à casa de banho e depois lembra-se de algo muito importante que precisa de fazer na garagem. Está furioso, Tess sabe disso, mas o pai não sabe como se expressar da melhor maneira e a filha não sabe como pedir desculpa sem usar essa palavra. Não sabe como explicar-lhe que lamenta estar a afligi-lo, mas não lamenta tê-lo desiludido. Porque a desilusão é culpa dele.

Bobo levanta a mesa e lava a louça sem ninguém lhe pedir. Ture entra na cozinha e ajuda-o de livre e espontânea vontade. Hannah fica sentada à mesa em silêncio, à procura de palavras, e olha de relance para a filha. Por fim, opta pela saída mais fácil e fala antes com Bobo.

– És o irmão mais velho na tua família, Bobo?

– Sim – confirma ele com um aceno, enquanto ensina a Ture a maneira mais eficiente de arrumar a louça na máquina.

– Vê-se. Tens muito jeito com crianças. Quem te ensinou a cozinhar tão bem? – pergunta Hannah.

– A minha mãe – responde ele.

– Diz-lhe que fez um bom trabalho. Não só com a cozinha, mas... contigo em geral.

Hannah olha de soslaio para a filha, confirmando que o seu pedido de desculpa chegou ao destino, que pode finalmente ser perdoada, mas Tess levanta a cabeça e fita Bobo com lágrimas nos olhos. O jovem sorri com tristeza e diz:

– A minha mãe morreu. Mas era fantástica. Tudo o que sei, foi ela que me ensinou.

A casa provavelmente nunca esteve mais silenciosa, e Hannah provavelmente nunca se sentiu mais estúpida. Tem um nó na garganta

e todo o seu corpo se contrai, como se já estivesse à espera da raiva da filha. Mas não acontece nada. Tess parece apenas também triste.

– Desculpa, Bobo, eu devia ter avisado a minha mãe... – murmura. A mãe fica corada.

– Não, não, a culpa é minha, Bobo! Nem sequer pensei...

Mas Bobo abana a cabeça e olha para Hannah de modo tranquilizador, quase despreocupado.

– Não, não, não se sinta mal. Ela teria gostado muito de si! Ficaria furiosa comigo por a ter deixado triste!

Hannah sente que precisa de nove copos de vinho para lidar com aquilo, mas em vez disso pede licença e mente, dizendo que tem de ir à casa de banho. Aí, lava a cara e ralha consigo própria durante dez minutos; depois vai à garagem e ralha com o marido.

– Saíste-me cá um *cobarde*, aqui escondido quando a tua filha está sentada na cozinha com o seu...

– Nem digas essa palavra! – rosna Johnny em tom de aviso, mas já está a olhar em volta para ver se ela não tem nada à mão que possa atirar-lhe à cabeça.

– *Namorado!* É o *namorado* dela! E é um bom rapaz! Vais ter de o aceitar! – declara, esforçando-se por falar com firmeza, mas sem grande êxito.

Johnny podia ter optado por mil respostas diferentes e, por algum milagre, consegue escolher a pior de todas:

– Um badocha ignorante de Björnstad é o melhor que a Tess consegue arranjar? E agora quer obrigar-nos a aceitá-lo? Eu já...

Hannah tem as costas direitas como um fuso. Nunca é bom sinal.

– A Tess escolheu-o. Em tempos, se bem te lembras, escolheste-me a mim e nem toda a gente ficou muito contente com isso, pois não?

Ele protesta, mas agora com mais cautela:

– Eles mal se conhecem, Hannah...

Ela riposta, com sarcasmo:

– E nós conhecíamos-nos muito bem da primeira vez que?...

Ele interrompe-a.

– É muito diferente! Eu... tu eras... É completamente diferente!

– Como?

Johnny comete então o seu pior erro: avalia as intenções de um rapaz que não conhece por aquilo que conhece das piores intenções da sua própria juventude.

– Fazes alguma ideia do tipo de homem que ele é? Achas que não sei como são esses tipos? Só quer ir para a cama com uma rapariga de Hed para se vangloriar junto dos amigos de ter estado com uma puta de Hed...

Hannah comprime os lábios e os seus dedos estalam quando os fecha.

– Porque era assim que tu e os teus amigos falavam das raparigas de Björnstad quando eram da idade deles? Por acaso já te ocorreu que nem todos os rapazes são uns porcos como vocês eram?

Os ombros de Johnny afundam de tal forma que as clavículas quase não aguentam o peso.

– Não era isso que eu queria...

Ela não o deixa pedir desculpa e interrompe-o com uma fúria gelada:

– Sabes o que é que a Tess tem? Tem algo maravilhoso. Algo que eu invejo. Algo que mais ninguém nesta família possui. Ela tem *bom senso*!

Bate a porta da garagem com tanta força que o estrondo ecoa pela casa toda. Frustrado, Johnny atira ao chão um frasco com chaves, aquelas chaves que ninguém sabe de onde são e que todos os pais têm às centenas. Algures no mundo existem todas as fechaduras que elas abrem, e talvez do outro lado dessas fechaduras estejam as respostas que explicam como é que eles acabam sempre com pontos negativos na tabela classificativa da família, façam o que fizerem.

Quando Bobo finalmente sai da casa, Tess fica. Ainda não foi declarada a paz entre ela e a mãe, apenas uma trégua, mas Hannah agarra-se ao que pode. Tess sobe para o quarto e não bate com a porta. Quando Bobo se dirige para o carro, um pequeno *Peugeot* verde

enferrujado, Johnny sai da garagem. Bobo é um dos poucos homens na região fisicamente maior do que Johnny, mas, apesar disso, detém-se como se esperasse levar uma carga de pancada.

– Esse carro é teu? – pergunta Johnny, depois de um silêncio que parece interminável.

Não é fácil tornar-se adulto, mas é muito mais difícil admitir que outra pessoa o é.

– Sim... sim, foi o meu pai que mo deu! Bom, na verdade ele deu-me uma autocaravana, mas eu dei-a a um amigo. Tínhamos um cliente que queria mandá-la para a sucata, mas eu arranjei-a. Não é muito bonita, mas não está mal por dentro! – diz Bobo, tentando não parecer demasiado entusiástico, demasiado arrogante ou demasiado subserviente.

Johnny coça a barba e indica a sua carrinha com um aceno de cabeça.

– Tenho andado com problemas no motor – admite, o que, para ele, é praticamente o mesmo que agitar uma bandeira branca.

Bobo acena, empolgado.

– Já tivemos uma igual na oficina! Se calhar consigo arranjá-la!

– Achas que vou deixar-te andar com a minha filha só porque me vais arranjar o carro? – pergunta Johnny, desconfiado.

Bobo choca-o com a sua honestidade.

– Acho que não é o senhor que decide se eu ando com a Tess ou não. Penso que essa decisão é dela.

– Boa resposta – admite o bombeiro, de má vontade.

– Desculpe – pede Bobo, porque usa a palavra tão amiúde que, por vezes, lhe escapa por hábito.

Johnny coça a barba durante muito tempo.

– Achas mesmo que és capaz de arranjar a carrinha?

Bobo acena afirmativamente.

– Sim. Arranjar carros é a única coisa em que sou mesmo bom.

– Foi o teu pai que te ensinou? És o filho do Javali, não és?

– Sim! Conhece o meu pai?

– Joguei hóquei contra ele. Ele partiu o nariz numa colisão comigo, quando éramos juniores.

Só quando Johnny sorri é que Bobo faz o mesmo, e diz:

– Provavelmente foi contra si por engano. O meu pai só sabe patinar numa direção.

Johnny ri-se alto pela primeira vez ao ouvir isso, e apercebe-se da aspereza do som: é o riso de um homem velho. Depois diz, vergado sob o peso do tempo que passa demasiado depressa:

– A Tess é inteligente, Bobo, mesmo inteligente. Tem as melhores notas da escola...

– Eu sei – murmura Bobo, já desconfiado do rumo da conversa.

– Se ela quiser continuar com os estudos, terá de sair daqui, porque não há oportunidades para ela na região.

– Eu percebo.

– Não é nada pessoal, Bobo. Tenho a certeza de que és bom rapaz. Mas não quero que a prendas. Para ser franco, acho que a mãe, no fundo, tem esperança de que ela fique e leve uma vida comum, porque a Hannah não sabe viver sem a Tess, mas... raios, Bobo. Ela pode ser aquilo que quiser. Pode vir a ser alguém, a nossa filha. Compreendes? Ela não é como...

Bobo acena com a cabeça, de costas dobradas. Pisca os olhos rapidamente, tentando não mostrar que está a ir-se abaixo, e depressa.

– Acha que não sei que a Tess é boa de mais para mim? Que ela é especial e eu sou vulgar? Não sou tão inteligente como ela, mas também não sou assim *tão* burro! Não percebo de mais nada senão de carros e um pouco de hóquei e sei que não posso *dar-lhe* nada, mas nunca... nunca... nunca farei nada para a limitar... Eu... eu nunca farei nada para a prejudicar. E talvez não possa estudar na universidade como ela, mas sou bom a arranjar coisas e bastante forte e os meus amigos gostam de mim e a Tess gosta de mim. Tento ser um homem bom e acho que posso vir a ser um bom pai, um dia. E *não* vou impedi-la de evoluir. Se ela quiser sair daqui, irei com ela. Posso viver em qualquer lado, desde que esteja com ela. Há carros avariados

para arranjar em todo o lado. E, se quer tentar fazer com que ela deixe de gostar de mim, pode tentar, mas eu não vou desistir... não posso...

Johnny olha fixamente para a neve durante tanto tempo que Bobo por fim se cala sem perceber se o homem mais velho o estava a ouvir ou não.

– Pois. Como disseste, não tomo as decisões da Tess por ela – conclui Johnny, após uma eternidade.

Não consegue deixar de perguntar a si mesmo porque é que está realmente zangado, e a resposta não é bonita. Nem sequer está mesmo zangado, apenas vazio. A filha saiu de casa ontem sem falar com ele primeiro. Arranjou um namorado em segredo. Tem toda uma vida da qual nunca falou com ele, e que tipo de pai é que tudo isto faz dele?

A voz de Bobo mal se ouve quando responde:

– A Tess chora quando falamos de si, e eu não quero que ela chore. Portanto, ou ela tem de deixar de gostar de mim, ou o senhor tem de começar a gostar de mim.

Johnny levanta a cabeça, exausto.

– Sabes que mais? Não é só com carros que és bom, Bobo.

– Não? – murmura Bobo.

Johnny abana a cabeça e sorri tristemente.

– Não. A comida também não estava má de todo.

Histórias de amor

Nevou toda a noite, e na terça-feira de manhã faz tanto frio que, quando o Capital sai de casa com o cabelo molhado do duche para ir buscar umas coisas ao carro, tem de separar o cabelo como se fosse peças de lego quando volta a entrar. Peter é forçado a emprestar-lhe um casaco de inverno, uma vez que aquilo que o Capital pensava ser um casaco de inverno é, afinal de contas, apenas um casaco.

– Mas ainda é outono; como será em dezembro? – pergunta ele, ansioso.

Saem juntos para o ringue. É claro que Peter devia ir trabalhar, mas finge que precisa de orientar o rapaz primeiro. Qualquer desculpa é boa para agarrar a oportunidade de assistir ao seu primeiro treino. Ana e Leo têm de ir para a escola, portanto Maya decide ir até ao ringue, principalmente para atormentar o pai, no que tem um sucesso extraordinário. Ele faz questão de se posicionar entre ela e o Capital durante todo o caminho; e Maya faz questão de elogiar o Capital pelo cabelo, e de lhe dizer como lhe fica bem o casaco novo, até o pai resmungar de desconforto, como só os pais conseguem fazer. Quando chegam ao ringue, o Capital é recebido pelo vigilante, que quer discutir com ele a lista de equipamento necessário. Os dois desaparecem, mas Peter passa o resto do dia a agarrar na manga do casaco de Maya como se ela tivesse quatro anos e estivesse com medo de que ela caísse numa piscina. Maya não reclama. Só quando estão sentados sozinhos na bancada é que diz:

– Fico contente por estares outra vez a preocupar-te com coisas normais, pai.

Ele não percebe o que ela quer dizer, e nada é mais normal para um pai do que isso. Depois vão ao bar comprar bolas de chocolate.

Kira vai para o escritório, fecha-se com a colega e passa o dia a rever casos antigos e contas recentes e a preparar-se para o pior. «Ter esperança na paz, mas estar sempre preparado para a guerra», dizia um dos professores de Kira na universidade. Essas palavras acarretam agora um peso maior. Fazem-lhe doer o corpo todo.

– Obrigada por fazeres isto – diz, exausta.

– Ficaria insultada se tivesses alguma dúvida de que o faria – responde a colega.

Kira força um sorriso.

– Sei que farias qualquer coisa por mim, mas pelo Peter...

– Estou a fazê-lo por ti.

– Sabes o que quero dizer.

A colega ergue os olhos atrás da franja e suspira.

– Que se lixe. Queres saber a verdade? Estou a fazê-lo por vocês os dois. Nunca pensei que o Peter te merecesse, mas sabes que mais? Tu também nem sempre o mereces. Houve muitas ocasiões em que pensei que, com certeza, era *deixa* que vocês se iam divorciar, mas não conseguem. É impossível viverem um sem o outro. Portanto não podem divorciar-se. Não o permitirei. Já passaram por demasiado. E se vocês não conseguirem continuar com a vossa história de amor, então não há esperança nenhuma para mais ninguém!

Kira limpa as faces com a manga.

– Da maneira como falas, parece que é uma batalha sem fim.

– E não é isso o amor? Amar alguém é uma coisa, mas quem é que aguenta ser *amado* durante vinte anos?

– Eu amo-o mesmo...

A colega sorri.

– Eu sei. Toda a gente sabe. Raios me partam, *toda a gente* sabe, Kira. Tu e ele são lutadores. Encontram sempre alguma coisa, algures, pela qual lutar até à morte. Provavelmente é por isso que eu ainda trabalho para ti. Fazes-me sentir que estou do lado dos bons.

Kira funga.

– Não trabalhas para mim, trabalhas comigo...

A colega dá-lhe uma palmadinha na cabeça.

– Não. Adoro-te, a sério, mas toda a gente trabalha para ti. Até o teu marido.

Kira fecha os olhos com tanta força que lhe faz doer as têmporas.

– Eu... eu sei que o Peter é ingénuo e crédulo, mas... ele nunca faria nada ilegal de propósito. Nunca nos colocaria em risco, a mim e aos miúdos. Meu Deus, ele nem sequer arrisca uma multa por estacionamento indevido! Ainda assim...

A colega aperta-lhe o braço e murmura:

– A sério, Kira, que graça tem defender um inocente? Isso nem sequer dá luta!

*

Todos os desportos assentam em margens mínimas. Milésimos, centímetros, gramas. Por detrás das mais famosas proezas na história do desporto há milhares de momentos invisíveis de «e se», «e se não tivesse» e «tão perto».

Benji conduz a autocaravana através de Björnstad, soprando fumo pela janela aberta. Abranda ao chegar ao rinque. Tem de ali ficar muito tempo, com erva nos pulmões e a infância no coração, só para confirmar se quer realmente voltar, mas não acontece nada. Pergunta-se se teria continuado a amar o hóquei caso tivesse ficado, dois anos antes, em vez de partir. Dá por si a questionar cada vez mais quem poderia ter sido se a sua vida não fosse governada pelas decisões de terceiros: se o pai não tivesse feito o que fez, se Kevin não tivesse feito o que fez, se todos os outros não tivessem feito o que fizeram, se ninguém tivesse descoberto a verdade sobre si... como seria a sua vida? Se tivesse uma máquina do tempo, voltaria atrás?

Inala o fumo, pega no telemóvel e liga para o mesmo número três vezes sem obter resposta. Todos os desportos assentam em margens minúsculas, e às vezes essa margem é apenas um amigo que nunca perdeu a esperança em nós.

Arranca com a autocaravana e conduz até ao Covão. Entra no parque de estacionamento atrás dos prédios e vê as horas. Não há crianças na rua, e dias assim são a exceção todos os anos: de repente há demasiada neve no chão para que possam pegar nos *sticks* e jogar no pátio, mas o gelo no lago ainda não tem a espessura suficiente para calçarem os patins e jogarem lá. A caravana passa lentamente em frente de um dos prédios, até que se detém à porta de uma cave. Aí, Benji liga para o mesmo número outra vez e ouve um telemóvel a ecoar nas sombras.

O desporto e as margens: uma linha de cinco centímetros à entrada da baliza pode determinar como uma vida inteira é recordada. Uma final pode ser decidida no último segundo, levando a que uma cidade perdida na floresta, mais de vinte anos depois, ainda se defina pela palavra «quase». Um rapaz pode nascer a milhares de quilómetros dali e ainda assim acabar por ser quem, um dia, os fará sentirem-se especiais.

Amat está encolhido à sombra da parede com o saco de hóquei às costas. Benji trava ao lado dele na sua máquina do tempo.

– O treino começa daqui a pouco. Queres boleia?

Amat tenta sorrir, mas o queixo treme demasiado, de frio e de medo.

– Não sei – admite.

Benji apoia-se no volante e sopra o fumo pelo nariz.

– Há quanto tempo estás aí especado?

– Não... não sei.

Tem os lábios azuis e os olhos exaustos, com medo de voltar a dececionar toda a gente.

– Porque é que não apareces no treino e falas com a Zackell? – sugere Benji.

– Porque não sei se serei bem recebido – responde Amat, a tremer.

Benji fuma e passa a mão descuidadamente pelo cabelo, quase queimando a sobrancelha ao fazê-lo. Isso faz rir Amat e provavelmente aquece-os a ambos. Benji sacode as faíscas das calças e

resmungar:

– Não vou fazer-te nenhum discurso de motivação, se é disso que estás à espera...

Amat consegue soltar um suspiro sarcástico entre o bater dos dentes.

– Não? Pensei que ias gritar «a dor é só a fraqueza a deixar o corpo» ou «os vencedores não sonham com o sucesso, criam-no»!

Benji sorri. Enrola outro cigarro entre as pontas dos dedos, enchendo-o cuidadosamente, e procura o isqueiro.

– Não. Não estou aqui por ti, mas sim por mim.

Amat bate com os pés na neve, para fazer circular o sangue.

– Ah, é?

Benji acena com ar sério.

– Nunca vi ninguém jogar como tu, meu amigo. Não aguento ter de viver o resto da minha vida a pensar em como podias ter chegado longe se não tivesses desistido.

Tendo em conta que não se trata de um discurso de motivação, não é um discurso de motivação mau de todo. Amat sustém a respiração. Nunca esquecerá a imagem de Benji naquele momento: olhos penetrantes e cabelo revoltado naquela velha autocaravana. Um bom coração. Uma mão estendida. Um estalido quando se inclina sobre o banco do passageiro para abrir a porta. Amat enfia o saco dentro da viatura, hesitante, mas não entra. Depois diz:

– Está bem. Leva o meu saco e eu vou a correr. Já será difícil convencer a Zackell a aceitar-me, não posso aparecer lá a feder a fábrica de haxixe, ainda por cima...

Benji ri-se tanto que se engasga e tosse até alguém gritar «pouco barulho» de uma varanda. Gosta disso no Covão: nunca é preciso esperar muito para ficar a saber o que as pessoas pensam. Puxa o saco para cima do banco e dá a volta à caravana numa curva larga.

Amat já vai a correr na berma da estrada principal quando Benji o apanha e ultrapassa, com uma buzínadela alegre. Amat vê as luzes traseiras desaparecerem em direção à cidade. É um dos primeiros dias

mesmo gelados do ano e um dos últimos verdadeiramente felizes. Amat volta a jogar hóquei nessa tarde; não desistirá, mas Benji nunca ficará a saber até onde ele pôde chegar.

Inimigos

O Janota está habituado a transações complicadas. Construiu grande parte do que tem graças a negócios invulgares com parceiros suspeitos, atolados em lealdades duvidosas. Todavia, essa terça-feira é estranha até mesmo para ele. Há meses que anda a tentar persuadir homens poderosos a encerrarem o clube de hóquei de Hed, mas agora dá por si a tentar salvá-lo. Para começar a guerra, tenta encontrar a paz. Precisa de amigos, por isso liga a inimigos.

O primeiro telefonema é para um político; o segundo, para um apoiante de hóquei. Têm muito pouco em comum, exceto que quase ninguém os conhece por essas designações. A maior parte das pessoas chama a Richard Theo e a Teemu Rinnius coisas muito, muito piores.

– Porque é que me está a ligar? – perguntam ambos os homens, desconfiados, quando descobrem o motivo do telefonema do Janota.

– Porque queremos a mesma coisa – responde o Janota a ambos.

– E o que é que queremos? – perguntam-lhe os dois homens, e o Janota responde-lhes:

– Vencer.

*

Richard Theo está sentado no seu gabinete, no edifício municipal, a rir à gargalhada.

– Ouvi dizer que não gosta das minhas políticas, Janota; porque é que quer ajudar-me?

– Acho que nem o Richard gosta das suas próprias políticas, apenas faz o que é preciso para derrotar os adversários – responde o Janota ao telefone, do seu gabinete no supermercado.

Richard Theo franze os lábios.

– Se quer algum favor, devia pedir aos seus amigos que têm a

maioria no conselho municipal. Afinal de contas, aparentemente o meu é apenas um pequeno partido de protesto nas franjas do espectro partidário. Se calhar seria melhor falar com alguém que tenha realmente poder, não?

O Janota suspira do outro lado da linha.

– Você e eu sabemos muito bem que, depois das próximas eleições, estarão à frente do conselho municipal.

O político sorri com satisfação.

– Não diga isso! Acho que tenho mais jeito para ser oposição, porque as pessoas por estes lados adoram queixar-se.

– Os outros políticos não me podem ajudar com aquilo de que preciso – admite o Janota.

– Não me diga? Já tem a minha atenção. De que é que precisa?

O leve tom de troça na voz de Theo esconde como está intrigado. Assim, o Janota explica. Diz que mudou de ideias em relação à fusão dos dois clubes de hóquei. De súbito, apercebeu-se de que as cidades precisam de ter cada uma o seu próprio clube, por uma questão de saúde pública, mas principalmente pelo bem das crianças.

– Com certeza, com certeza... As «crianças», claro – ri-se o político, com sarcasmo, mas o Janota finge não reparar.

– Estou a criar um grupo de pressão formado por homens de negócios locais para apoiar a reconstrução do rink de Hed, como parte do mesmo orçamento que a construção do Parque Empresarial de Björnstad! Para demonstrar que os investimentos do município beneficiarão *todo* o distrito!

Richard Theo reflete por um momento.

– Presumo que vai explicar-me em breve de que modo é que isso me beneficiará *a mim*?

O Janota respira fundo.

– Quase todos os políticos do município decidiram que querem apenas um clube de hóquei, não dois...

– Porque foi disso que você e os seus «grupos de pressão» os persuadiram, sim. Tem estado a insistir para que se encerre o Hóquei

de Hed, com a desculpa de que pouparia muito dinheiro dos contribuintes! – O político ri-se, mas parece verdadeiramente curioso quanto ao destino da conversa.

– Se todos os políticos estiverem de um lado, você pode angariar muitos votos colocando-se do lado oposto – sugere o Janota enigmaticamente.

O político suspira e finge-se desapontado.

– Toda a minha política económica se baseia no corte das despesas desnecessárias no município, e agora quer que eu apoie um plano que enterraria milhões na renovação do ringue para salvar o Hóquei de Hed? Por que raio faria eu uma coisa dessas?

O Janota solta um suspiro tão profundo que os ossos do peito estalam, e dá-se conta de que não vale a pena tentar mentir a Theo, que ele é uma serpente demasiado inteligente. Assim, admite:

– Sei que você ajudou a conduzir a compra da fábrica pelos proprietários estrangeiros, aqui há uns anos. Convenceu-os a patrocinar o Hóquei de Björnstad e salvou assim as finanças do clube. Portanto sabe muitíssimo bem o valor de ter contactos e capital. Mas sabe também que, se os clubes se fundirem, virão auditores externos examinar todas as contas e há lá coisas que seriam inadequadas para... bom, para «consumo público», chamemos-lhe assim.

O político baloiça-se para trás e para a frente na cadeira, segurando o telemóvel entre o ombro e o queixo, e começa a escrever no teclado do computador. Não tem lido o jornal local com muita atenção nos últimos dias, e agora encontra o artigo sobre o carro vandalizado do Janota. Depois sorri. Não é dos auditores que o Janota tem medo, mas sim dos jornalistas.

– Posso fazer-lhe uma pergunta, Janota? Parece que tem estado a fazer tudo o que pode, ultimamente, para apresentar o Hóquei de Hed como um clube à beira da falência, cheio de *hooligans* que vandalizam carros... e agora, de repente, quer salvá-los?

O Janota tenta controlar a pulsação.

– As circunstâncias mudaram, suponho. Gosto de acreditar que sou

capaz de mudar de opinião.

Richard Theo escreve mais qualquer coisa no teclado.

– Hum... Deixe-me adivinhar: a sua mudança de opinião tem alguma coisa a ver com o facto de precisar de esconder as evidências daquele negócio das «instalações de treino» que o município comprou e que todos vocês pensam que eu desconheço?

O Janota está a ficar com falta de ar do seu lado da linha.

– Há muita coisa que eu espero que desconheça, Richard, mas não acredito que haja muito que lhe passe despercebido.

O político tenta resistir à lisonja.

– Então agora quer criar outra narrativa? Enterrar o escândalo de Björnstad por detrás das notícias de que o município vai investir dinheiro em Hed? Porque tem esperança de que, se o entusiasmo em relação ao clube se intensificar, os repórteres deixarão de remexer na porcaria? Isso não resultará para sempre, Janota. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai investigar na mesma.

O Janota alarga a gravata; transpira tanto que tem de ir trocando o telemóvel de uma orelha para a outra.

– Não preciso de «para sempre», só preciso de mais algum tempo. Para conseguir pôr a papelada toda em ordem. Já sabe como é: os escândalos perdem o interesse quando estão ultrapassados. Assim que as instalações de treino estiverem construídas, ninguém vai querer saber como é que isso aconteceu. E, nessa altura, os repórteres terão avançado para a caça a outros escândalos. É como no hóquei: só é batota se formos apanhados.

Richard Theo não se ri do último comentário, nunca ligou muito a desporto, mas percebe a lógica do Janota. Theo sabe que tudo e todos estão ligados entre si, aqui na floresta, e há pouco quem seja melhor do que ele a explorar esse facto, porque ninguém é independente numa pequena comunidade. Nem mesmo os jornalistas.

– Então o que quer de mim? – insiste.

É evidente que a resposta do Janota está bem ensaiada.

– Deixe-me ser franco: preciso do seu apoio político, mas o Hóquei

de Hed não precisa só do dinheiro do município, precisa também de patrocinadores. Como Björnstad tem a fábrica. Seria demasiado suspeito se *eu* tentasse arranjar patrocinadores para um clube que odeio, mas acho que *você* podia fazê-lo. Assim... bom... se me ajudar a salvar Hed, eu posso salvar Björnstad.

– E o que ganho eu com isso?

O Janota fecha os olhos, envergonhado do que vai propor a seguir.

– Eu certificar-me-ei de que toda a gente sabe que foi o Richard que salvou ambos os clubes.

Theo solta uma fungadela desdenhosa.

– Isso não chega, sabe muito bem.

O Janota inspira e solta o ar lentamente.

– Que quer mais?

– Quero estar envolvido nesse «Parque Empresarial de Björnstad» que está a construir.

– Pensei que não estava interessado em fazer dinheiro... – diz o Janota, cometendo o erro de soar esperançoso, porque de súbito acredita que Theo pode ser comprado.

A resposta é quase divertida.

– Não, já tenho dinheiro suficiente, Janota. O único capital que me interessa é o capital político. Mas este distrito precisa de crescer para sobreviver, e é preciso construir para crescer. E são homens como você que constroem, mas são homens como eu que decidem onde e como.

– Então quer ficar com todo o crédito público pelo Parque Empresarial de Björnstad? – arrisca o Janota.

– Não, não, meu amigo, não *todo* o crédito. Apenas um bocadinho, aqui e ali. Algumas fotografias no jornal local. E, com o tempo, apresentarei mais uma condição.

– Qual é?

O político escreve no computador e admite:

– Ainda não sei. Mas voltaremos a falar. E, agora, deixe-me deitar mãos ao trabalho.

Teemu parou o carro depois de penetrar um pouco na floresta e está de pé sobre a neve, a fumar e a ouvir as tretas do Janota com a paciência a chegar depressa ao limite.

– ... por isso como vê, Teemu, nós os dois queremos a mesma coisa! O melhor para o nosso clube! Preciso...

– O clube não é seu – corrige Teemu com um timbre sombrio que deixa o Janota sem fôlego no seu gabinete, embora estejam separados por vários quilómetros.

– Claro. Sim, claro, desculpe, eu... Posso ser franco, Teemu?

– Por favor.

– Sei que o clube não teria sobrevivido sem os apoiantes da bancada em pé. Mas sem alguns de nós, os dos lugares sentados, não teria...

– Refere-se à bajulação do conselho municipal? Ouvi dizer que a ideia de juntar Hed e Björnstad foi *sua*! Porque é que mudou de ideia tão de repente?

O Janota engole em seco e escolhe cuidadosamente as palavras.

– Os políticos que estão à frente do município não querem fundir os clubes. Querem fechar os dois e criar um novo. Acham que o hóquei é um «produto», Teemu. Não querem pessoas como vocês nas bancadas, e dentro em pouco também não vão querer pessoas como eu, os verdadeiros apoiantes. Apenas consumidores. Acham que podem eliminar-nos das bancadas se apagarem a nossa história. Nem Hed, nem Björnstad; apenas um clube novo qualquer inventado por alguma empresa de relações públicas...

– Se calhar não devia estar a fazer comparações entre nós os dois – aconselha Teemu, mas já não parece tão ameaçador, e o Janota sente-se encorajado a continuar.

– Há jornalistas a escarafuncharem nas contas de Björnstad. Já sabe como são os jornalistas: vão à procura de escândalos, e os escândalos precisam sempre de um bode expiatório. E o bode

expiatório que eles escolheram é o Peter.

Tudo o que ouve do outro lado da linha, durante quase um minuto, é o crepitar longínquo do cigarro de Teemu. Depois o outro homem diz em voz baixa:

– Está bem. De que precisa?

O Janota solta a respiração e limpa o suor da testa.

– Não preciso que faça nada, aliás, quero apenas que não faça nada: você e os seus amigos não podem causar problemas neste momento. Se houver mais violência, o município verá isso como mais uma boa razão para encerrar ambos os clubes. E será o fim para nós. E não quero mesmo dar mais razões àqueles repórteres para meterem o nariz no Hóquei de Björnstad...

– O que o preocupa que eles encontrem exatamente?

– Não precisa de se preocupar com isso.

O tom de Teemu não é ameaçador, mas quase.

– Não estou preocupado. Estou apenas interessado.

Assim, o Janota não partilha com ele aquilo que realmente pretende, mas quase.

– A editora-chefe anda a farejar nas contas do clube.

– Quer que eu fique de olho nela?

– O quê? Não, não, não faça nenhum disparate!

Teemu compreende do que é que estão a falar. Ao longo dos anos, tornou-se muito bom a perceber quando alguém não lhe pode pedir exatamente aquilo que lhe quer pedir.

– Não farei nenhum disparate. Mas também preciso de algo seu, Janota. Tem de nos ajudar a salvar o Urso Pardo.

– O Urso Pardo? Salvá-lo do quê?

– Sabe quem é o Lev?

O Janota sabe, claro. Tudo está ligado, no fundo, cada vez mais intimamente. Teemu explica a história das dívidas de Ramona e das ameaças de Lev. O Janota promete falar com os seus contactos políticos e ver o que pode fazer. Antes de porem fim ao telefonema, ele diz, cautelosamente:

– Obrigado, Teemu. Sei que preferia ver o Hóquei de Hed na falência. Tenho a sensação de que sonha com o fim daquele clube quase há tanto tempo como eu...

Teemu solta uma risada seca. Por vezes, esquece-se de que o Janota também alberga ódio; isso quase que o torna simpático.

– Bom, que hei de fazer? Se não pudermos jogar contra Hed, não podemos humilhá-los. E se eles não tiverem o seu próprio clube, ainda começam a apoiar o nosso, e acha que quero aqueles filhos da mãe na *minha* bancada? Nem pensar!

Desligam. É assim que se mede a corrupção de uma comunidade. Não é batota se não formos apanhados, e não é um escândalo se nunca for revelado. Até lá, são apenas segredos. Todas as florestas estão cheias deles.

*

Nessa tarde, a editora-chefe do jornal local passa pelo supermercado para fazer umas compras. Quer cozinhar o prato preferido do pai e fazer-lhe uma surpresa. Enquanto procura os ingredientes, não consegue evitar reparar em dois homens ainda jovens, que vê várias vezes. Nunca estão mesmo encostados a ela, mas sempre por perto. Quando vai pagar, vê-os na fila para a mesma caixa, mais atrás. Quando atravessa o parque de estacionamento, parece-lhe avistá-los pelo canto do olho. Quando se vira, já desapareceram. Depois de entrar no carro, passa por ela outra viatura, um pouco perto de mais e depressa de mais, assustando-a. Não tem tempo de ver a matrícula, mas podia jurar que o condutor vestia um blusão preto.

Quando chega a casa, já anoiteceu e ela vê sombras por todo o lado. Nessa noite, acorda: parece-lhe que alguém está a testar o puxador da porta da rua, para ver se ficou fechada à chave. Na manhã seguinte, um rapaz de lambreta segue-a até ao trabalho. Ao princípio, ela pensa que está a imaginar coisas. Não demora muito a desejar que assim fosse.

Líderes

Zackell está sentada na bancada, no rinque, com o vigilante sentado ao seu lado. Ele olha para o relógio e sorri.

– Pôr a equipa principal a treinar a esta hora é uma boa maneira de lhes dar gás.

Ela não responde. O vigilante emite um som que está algures entre uma tosse e uma fungadela. Depois de Hed começar a usar o rinque de Björnstad, a equipa principal de Björnstad passou a treinar em último lugar, a seguir a todas as outras. Todos interpretaram essa decisão como uma coisa positiva, como se ela quisesse dar um bom exemplo e mostrar que todas as equipas têm o mesmo valor, mas o vigilante percebeu o que Zackell estava realmente a fazer. O mesmo de sempre. A pôr a equipa à prova.

– Já decidiu quem vai ser o capitão esta época? – pergunta ele, e, claro, ela também não responde a isso, mas ele imagina ver a sombra de um sorriso, uma vez que lhe tem feito a mesma pergunta desde o primeiro dia da pré-época.

Há muitas palavras pesadas que se repetem numa equipa de hóquei, mas talvez nenhuma tanto como «liderança». O problema é que significa coisas diferentes em sítios diferentes, porque nem todos os líderes conseguem liderar todas as equipas: há tantas maneiras diferentes de conduzir uma equipa, e a maior parte dos líderes só conhece uma. «Como se chama quando alguém entra pela floresta e os outros o seguem? Liderança. Como se chama se o mesmo homem entra pela floresta sozinho? Um passeio.» Foi ele que contou essa piada a Zackell uma vez, e ela também sorriu nessa altura, mas não como se tivesse achado graça. O vigilante nunca chegou a perceber se era por não ter compreendido a piada ou por achar que ele é que não a compreendera.

– Fecho as portas? – pergunta. Ela tem-lhe pedido que o faça,

ultimamente, para ensinar aos jogadores que têm de chegar a horas.

Mas Zackell abana a cabeça.

– Não. Estamos à espera de mais um.

Depois levanta-se e desce até ao balneário. A equipa principal está apenas meio preparada, e ouvem-se muitos queixumes e lamentos por causa da hora tardia do treino. É ridiculamente fácil desequilibrar um grupo de homens feitos, basta alterar-lhes as rotinas. Zackell nunca teve dificuldade em compreender que todas as guerras sejam iniciadas por homens, mas que algum consiga vencer uma não passa de um milagre.

Bobo grita aos jogadores para se calarem quando a treinadora entra, e o burburinho acalma o suficiente para ela não precisar de erguer a voz quando anuncia:

– Hoje vamos partilhar o gelo com os juniores.

– Mas que?... – protestam os jogadores, e tem início a cacofonia de uma data de homens feitos cheios de pena de si próprios.

A equipa habituou-se gradualmente à visão peculiar que Zackell tem sobre os treinos, ou pelo menos aceitou-a. Todos os jogadores o fazem quando algo resulta. A vitória cura todos os males. Mas esta história de só treinar em metade do rinkue ainda os deixa em polvorosa. Há pouco tempo, Zackell leu um artigo de jornal sobre um pequeno clube de hóquei numa das cidades grandes que, apesar de pouco tempo no gelo e de uma escassez geral de recursos, ano após ano formou jogadores recrutados para a NHL. Quando perguntaram ao presidente do clube porque achava que isso acontecia, ele respondeu que talvez fosse por causa da falta de tempo no gelo, e não apesar dela. Duas ou três equipas de juvenis tinham sempre de treinar ao mesmo tempo, e assim todos estavam habituados a jogar numa área reduzida, o que pelos vistos fazia deles melhores jogadores. «O hóquei no gelo não se joga cinco contra cinco, na verdade», dizia o presidente, e Bobo nunca pensara no hóquei dessa forma antes de Zackell lhe mostrar o artigo. Há dez jogadores no gelo durante um jogo, mas, momento a momento, o hóquei joga-se no metro quadrado

onde o disco se encontra. Ter de treinar em espaços limitados revelara-se uma vantagem, e o hóquei não é mais do que isso: uma série de pequenas vantagens. Uma margem de poucos centímetros.

Assim, Zackell ignora os queixumes e sai do balneário. Bobo deixa toda a gente protestar e a lamentar-se alguns minutos mais e depois sorri com ar misterioso.

– Sei que detestam partilhar o tempo no gelo. Mas hoje não vamos só partilhar tempo com os juniores. Vamos jogar... uma partida de treino!

A atmosfera muda numa fração de segundo e ergue-se um coro ensurdecidor de vivas, porque há coisas que nunca mudam: todos os que ali estão foram, em tempos, juniores escanzelados que tiveram de jogar uma partida de treino contra os homens da equipa principal, e a recompensa é que, se treinarem durante anos suficientes, serão um dia eles próprios jogadores da equipa principal e terão a oportunidade de esmagar a geração seguinte.

– Podemos jogar com o equipamento antigo? – pergunta um jogador, entusiasmado.

Bobo abana a cabeça.

– Não, desculpem. Terão de usar o equipamento branco com os vossos nomes – responde, e os jogadores resmungam, descontentes, como de costume.

No inverno anterior, os patrocinadores mandaram fazer equipamentos de treino novos para cada jogador, um branco e um verde. O clube nunca tinha tido números e nomes nas camisolas de treino, mas agora, de repente, isso era importante. Ninguém percebeu porquê, até o Janota aparecer num dos treinos com um fotógrafo, que se posicionou no círculo central e começou a tirar fotografias no meio do treino. O Janota queria fotos para a brochura publicitária e queria que fossem tiradas do gelo, mas, como não o podia fazer durante um jogo a sério, essa foi a solução que encontrou. Os outros depressa se deram conta de que o fotógrafo estava concentrado apenas num jogador, e um deles perguntou ao Janota, com maus modos: «Não

teria sido mais fácil mandar pôr o nome do Amat em todas as camisolas? Assim o fotógrafo podia apanhar um qualquer.»

O Janota nem pareceu dar pela alfinetada, mas foi assim que arranjou maneira de todos detestarem essas camisolas, e é por isso que Zackell os vai obrigar a jogar com elas hoje. Quer que estejam irritados. Bobo olha para o relógio na parede, sai para o corredor, volta a entrar, olha de novo para o relógio, e está prestes a perder a esperança quando ouve a porta do exterior ranger e Amat entra de rompante, ofegante e corado. O coração de Bobo esquece-se do ritmo habitual e os seus pés tropeçam um no outro; e só com grande esforço consegue conter-se para não correr a abraçar o amigo. Porque também isso é um teste.

Amat gostava que fosse tudo assim tão fácil, que um abraço bastasse para resolver as coisas. Aproxima-se de Zackell, que está junto às tábuas laterais. Ela finge não o ver e ele fica ali parado, com excesso de peso e pálido, e nem consegue arranjar coragem para a olhar nos olhos. Ela não diz nada, obrigando-o a falar primeiro.

– Posso... posso treinar hoje? – consegue ele perguntar.

– Estamos cheios – responde ela com frieza, indicando o gelo, onde Aleksandr acaba de entrar.

Amat olha para ele. É grande e forte, no mínimo uma cabeça mais alto que Amat, e move-se com a confiança natural e a arrogância do privilégio que sempre faltaram a Amat. «O pacote completo», como os velhos da cidade chamam a esse tipo de talento. Era o que costumavam dizer em relação a Kevin.

– Está bem... Então posso... bom, posso usar o ginásio? Se não incomodar ninguém? – pede Amat, e repara, para seu aborrecimento, que está a tentar conter as lágrimas.

Zackell nem sequer olha para ele quando responde:

– Vamos jogar uma partida de treino contra os juniores. Há lugar na equipa deles, se quiseres jogar.

Amat olha para o chão, com a cabeça tão pesada que é um milagre ter-se de pé.

– Ótimo, obrigado – murmura.

– Podes ir buscar a tua camisola de treino verde ao nosso balneário e equipar-te com os juniores – são as instruções inexpressivas de Zackell.

Assim, primeiro, para ir buscar a camisola verde, Amat tem de ir ao balneário da equipa principal, que fica em absoluto silêncio quando ele entra, uma vez que ninguém lhe punha a vista em cima desde a primavera. Depois tem de atravessar o corredor e entrar no balneário dos juniores, que também fica em silêncio, embora por razões completamente diferentes. Os juniores são poucos anos mais novos do que ele, mas isso não importa – neste contexto são apenas miúdos e ele é um ídolo. Um dos rapazes levanta-se de um salto e oferece-lhe o seu lugar no melhor banco, com mais espaço, mas Amat abana a cabeça tristemente e senta-se no canto, mesmo encostado à casa de banho. É onde põem sempre «a minhoca», o jogador mais novo, o pior da equipa. Era onde ele se sentava da última vez que jogou com os juniores.

– Vais jogar *connosco*? – pergunta finalmente um dos jogadores, quando arranja coragem.

Amat confirma com um aceno, e um murmúrio de alegria percorre o balneário. Depois calam-se outra vez, e Amat sente o medo subir-lhe da barriga para a garganta quando percebe que estão todos a olhar para ele. Não quer despir-se, não quer decididamente falar, mas é evidente que os outros rapazes esperam que ele diga alguma coisa. De súbito, deseja que Benji ali estivesse, porque ele ter-se-ia levantado e berrado: «Vamos embora dar cabo deles!» ou coisa parecida, e todos teriam saltado dos bancos com entusiasmo para o seguir. Mas Benji é Benji e, infelizmente, Amat é Amat.

– Desculpa! – pede-lhe o jogador ao seu lado, precisamente quando ele pensa isto, porque lhe escorregou a mão ao puxar os atacadores e bateu sem querer na perna de Amat.

Amat vê que o rapaz tem as mãos a tremer.

– Nervoso? – pergunta em voz baixa.

O outro rapaz faz que sim com a cabeça.

– Vamos jogar contra a equipa principal! Vão dar cabo de nós!

Amat não tem resposta, e por isso não diz nada. Despe-se, e o silêncio que o rodeia é como insetos debaixo da sua pele. Quando pega na camisola do equipamento de treino vê que o rapaz ao seu lado o fita com inveja. Os juniores têm camisolas parecidas, mas sem os nomes nas costas. Para a equipa principal, esses nomes podem ter sido uma manobra publicitária, mas, para os juniores, são um símbolo de estatuto. Ter o nome numa camisola de treino significa que o clube não pensa dispensar o jogador.

– Alguém tem uma faca? – pergunta Amat calmamente.

Os outros entreolham-se, confusos.

– Uma faca? – repete um deles.

– Eu tenho – diz um rapaz mais pequeno, no canto oposto, porque é garantido que, num balneário em Björnstad, há sempre pelo menos um caçador, e ele terá sempre uma faca.

Passam-na de mão em mão pelos bancos até chegar a Amat, que a agarra e começa a arrancar o nome da camisola. Letra a letra, até a dele ser igual às outras. Depois levanta-se, devolve a faca e fala:

– Não tenho jeito nenhum para discursos e assim. E têm razão, a equipa principal vai dar cabo de vocês hoje. São maiores e mais fortes.

Pigarreia e depois cala-se, por tempo suficiente para alguém comentar:

– Muito animador!

Todo o balneário rebenta em gargalhadas, incluindo Amat, e algo se solta dentro dele. Algo que lá está há muito tempo. Assim, continua a falar sem saber onde quer chegar.

– Eu... bom, li um artigo sobre uma patinadora artística. Não me lembro do nome dela. Mas estava nos campeonatos mundiais e era a grande favorita, por isso a treinadora disse-lhe para retirar todos os saltos difíceis da primeira apresentação, para fazer apenas as coisas simples, mas para as fazer com perfeição: que, assim, venceria. E ela

saiu para o gelo... e só fez porcaria. Caiu em sítios onde nunca tinha caído. Não conseguia fazer nada bem. Quando acabou, estava em último lugar. O pior momento da sua vida. Assim, foi para o balneário, sentou-se sozinha e pensou, basicamente... «que se lixe». E, quando voltou a sair, na segunda ronda, fez os saltos mais difíceis de todos, aqueles que mais ninguém conseguia fazer. Subiu do último lugar até ao bronze. Estão a ver? Porque... bom... Não sei que raio estou a tentar dizer, não tenho jeito para estas coisas, mas...

O balneário está em silêncio e todos estão à espera de alguma conclusão. Mas ele não tem nenhuma. É como estar a apresentar um trabalho na escola e dar-se conta de que percebeu mal o que o professor queria. Amat está capaz de se enfiar pelo chão abaixo quando o rapaz ao seu lado se interpõe:

– Também li sobre ela. A patinadora. Acho que ela disse, depois, que não conseguia seguir os esquemas mais simples porque ficava com muito tempo para pensar. Só era boa quando se desafiava a si própria...

Um dos outros tipos exclama:

– Tal como a minha mãe me dizia sempre quando eu era pequeno e me queixava de ter de jogar contra equipas boas: «É *suposto* ser difícil!»

Vários outros jogadores desatam a rir.

– A minha mãe também! É mesmo coisa das mães de Björnstad!

Amat senta-se e junta-se aos risos, ata os patins e levanta-se de novo sem pensar nas consequências. Depois os outros levantam-se também. Quando ele sai para o corredor, todos o seguem. E quando irrompem pelo gelo adentro, é um momento que todos os juniores atrás dele recordarão e do qual se vão vangloriar pelo resto da vida: o dia em que jogaram com Amat.

As letras do seu nome ficam no banco do balneário, para que toda a gente saiba que, desta vez, não é por si que ele vai jogar.

A equipa principal do Hóquei de Björnstad nunca foi propriamente composta por meninos do coro, mas há muito tempo que não se ouvia tanta blasfémia num jogo de treino. Têm de suar e sangrar para aguentarem o ritmo: cada júnior dá o melhor de si e mais ainda em cada passagem de linha, e entregam-se todos a Amat, que parece estar em todo o lado. Pode ter peso a mais e estar mais lento do que nunca, mas, ainda assim, não há ninguém na equipa principal que o consiga acompanhar. Portanto fazem a única coisa lógica: passam-lhe rasteiras e empurram-no e caem-lhe em cima com toda a força. Uma ou duas vezes, sofre pancadas tão violentas que voa pelos ares, mas quando Bobo olha para Zackell, para ver se quer marcar falta, ela abana a cabeça. Quer enfurecê-lo, quer saber o que ele consegue fazer com a sua fúria. Por duas vezes, Amat levanta-se de um salto e parece prestes a ripostar, mas consegue sempre controlar-se, mesmo quando ouve os jogadores da equipa principal a rir e a troçar dele. Tem um *stick* nas costas, mas adivinha-o e consegue desviar-se, libertar-se e recuperar o disco. Passa por dois adversários como um relâmpago, com um frenesim que não se via naquele rinkue desde que ele foi o melhor jogador, na época anterior. A camisola fica-lhe um pouco mais justa na barriga, mas, quanto mais o jogo avança, mais começa a parecer-se com o velho Amat. O Amat imparável. A única razão pela qual não marca dez golos é que Zackell insiste em pô-lo em confronto direto com Aleksandr, que pode ser mais lento, mas joga com muito mais inteligência. Por mais que Amat tente, Aleksandr consegue sempre esticar o *stick* e desviar o disco. Por fim, os dois estão praticamente só a jogar um contra o outro, perseguindo-se de um lado para o outro como sombras. Por várias vezes Aleksandr apoia as mãos nos joelhos nas pausas, sem fôlego, e Amat vomita pelo menos duas vezes junto ao banco. É um jogo diabólico, um verdadeiro inferno, e Bobo tem pena de todos os que ali não estão a assistir. Os juniores marcam quatro golos, três deles de Amat. Aleksandr marca apenas dois, mas a equipa principal marca seis no total e vence o jogo. Não importa. Quando Bobo finalmente sopra no apito para terminar a

partida, os jogadores da equipa principal ficam no gelo e aplaudem os juniores. Apenas brevemente, com algumas pancadas dos *sticks* no gelo, porém significa tudo para os adolescentes.

Recolhem aos respetivos balneários, mas Amat não consegue sequer arrastar-se até lá e deixa-se cair no chão do corredor. Aleksandr é o último jogador a passar por ele. Detém-se um instante, toca no patim de Amat com o *stick* e diz:

– Mal posso esperar por jogar contra ti quando estiveres em forma.

Amat sorri.

– Igualmente.

É um pequeno desafio, mas ambos precisam dele. Não é nada estúpida, a Zackell. Aleksandr entra no balneário da equipa principal e Amat lá se levanta e coxeia até ao dos juniores. Ouve uma risada ribombante atrás de si e sabe quem é sem precisar de se virar.

– Cala-te, Bobo. Sei que pareço uma velha a andar...

– Eu nem sequer falei!

– Não, mas eu *sei* o que vais dizer, portanto cala-te! E não me toques! Já me dói tudo em todo o lado...

Bobo, perdido de riso, aperta-o sem misericórdia nos braços enormes.

– Eu não disse? És como aqueles tremoceiros!

– Obrigadinho – geme Amat.

Raramente pensa nisso, mas naquele instante ocorre-lhe que a maioria das pessoas nunca muda na verdade; no entanto algumas mudam completamente. Bobo era o que mais o atormentava e massacrava quando jogavam na equipa de juniores, mas quem os visse agora nunca acreditaria em tal coisa. Tal como, se calhar, não acreditariam que Amat já foi um desportista de elite.

– O que achas que ela diria de ti hoje? – ri-se Bobo, indicando a fotografia de Ramona na parede com um aceno.

– Provavelmente chamar-me-ia um badocha. – Amat sorri também.

Bobo dá uma palmadinha na própria barriga, satisfeito.

– Nã... Olharia para mim e diria que o badocha grande cagou um

badocha mais pequeno!

Amat ri-se tanto que lhe dói o corpo todo. Depois arrasta-se na direção do som dos juniores rejubilantes ao fundo do corredor.

– Não é para esse lado! – chama-o Bobo, não como amigo, mas como assistente da treinadora.

Amat vira-se como se temesse ser vítima de uma piada cruel.

– A sério? – tartamudeia.

– A sério! A Zackell conta contigo para o primeiro jogo contra Hed no fim de semana. Portanto corre, badocha, corre!

Amat tenta conter as lágrimas. Bobo já transferiu as coisas dele para o balneário da equipa principal. Desta vez ninguém fica em silêncio quando Amat entra, ninguém olha sequer para cima, nem faz qualquer esforço para se desviar – continuam apenas a conversar como se estivesse tudo normal. Como se aquele fosse o lugar dele. O seu antigo lugar está livre, Aleksandr está sentado no sítio onde costumava sentar-se o tipo que fez aquela piada sobre Lev, porque esse tipo já não joga nesta equipa. Se foi por causa da piada, ou apenas por não ter qualidade para a equipa principal, é algo que Amat nunca saberá.

Despe-se, consciente dos olhares de relance dos outros, e dirige-se sozinho para o duche. Ninguém vai atrás dele. Fica debaixo do jorro de água quente muito tempo, com os músculos doridos e o ego ainda mais.

Quando volta a sair, tem uma faca em cima do seu lugar no banco. Todos os companheiros de equipa arrancaram os nomes das camisolas de treino. Ninguém diz uma palavra, simplesmente atiram os nomes para o caixote do lixo e vão tomar banho, um a um, até que Amat fica sozinho com o som da sua própria respiração, no banco do canto. E foi assim que ele perdeu um jogo e reconquistou um balneário.

*

Os treinos da equipa principal não costumam atrair muito público,

mas hoje há vários rostos familiares nas bancadas. Maya e Peter estão lá sentados, a comer as suas bolas de chocolate, o vigilante faz-lhes companhia e, passado algum tempo, o ex-treinador da equipa principal, Sune, aparece com o seu cão. A meio do treino, ouvem passos leves nas escadas e um murmúrio:

– Sentem-se à minha frente! Não quero que ele me veja!

É Fatima. Estava morta por ver Amat voltar aos treinos, mas está cheia de medo de que ele a veja e sinta a pressão da presença da mãe. Teme quebrar a magia, de alguma maneira. Peter e Sune riem-se e comentam que vai acabar por se tornar uma daquelas mães supersticiosas que colecionam mais rituais bizarros do que os filhos para os dias de jogo.

– Não tarda nada, estará aí sentada com incenso, a falar em expulsar os fantasmas se ele não marcar golos suficientes... – brinca Sune.

Pode dizer o que quiser, claro, porque ela não o ouve. O filho está a jogar hóquei lá em baixo e mais nada existe nesse momento. Maya está sentada à frente dela e, quando Amat marca, Fatima aperta-lhe o ombro com tanta força que até fica envergonhada. Maya ri-se e assegura-lhe que não faz mal, mas depois vira-se, vê qualquer coisa, e isso faz com que aperte ela a mão de Fatima com demasiada força: a porta do ringue abre-se e uma figura solitária entra sorrateiramente e senta-se lá em baixo, no canto mais distante.

– Por falar em fantasmas... – O vigilante sorri quando vê que é Benji.

Sune e Peter viram-se como se fosse um filho a regressar a casa. Nenhum deles consegue dizer uma palavra; os latidos entusiásticos do cão de Sune terão de ser suficientes. Zackell está de pé junto do banco e também o vê. Ela não tem muito jeito para emoções, porque não tem jeito para pessoas, mas ainda não deixou ninguém usar o número dezasseis desde que ele partiu. Guardará esse número em todas as equipas que alguma vez treinar, porque, no fundo, nunca perderá a esperança de que aconteça precisamente isto: do nada, a porta abrir-

se-á e ele entrará no rinké como se nada tivesse acontecido. Zackell virá a treinar talentos muito superiores, jogadores mais velozes e mais hábeis tecnicamente, mas nunca terá uma equipa em que não trocasse qualquer um deles, se pudesse, por aquele idiota de cabelo comprido. Ele olha para ela do outro lado do gelo e cumprimenta-a com um breve aceno de cabeça, e ela responde da mesma maneira. Mais nada. Benji tem medo que ela lhe pergunte se quer voltar a jogar hóquei, e não suporta a ideia de a desiludir, por isso mantém a distância. Zackell não se arrepende de muita coisa, mas arrepender-se-á de não ter ido imediatamente ter com ele, de não lhe ter dito que sentira a sua falta. Tal como se arrependerá sempre de nunca o ter dito a Ramona.

O treino continua; os jogadores no gelo estão demasiado ocupados para ver o que se passa nas bancadas, por isso Benji senta-se mesmo no cimo, entre as sombras, a ouvir os sons. O deslizar dos patins, os ecos, as respirações ofegantes. *Bang bang bang*. Deu o saco a Amat do lado de fora do rinké há um bom bocado, e fez pouco dele por estar tão nervoso, mas depois, claro, foi a vez de Benji ficar lá fora parado ao frio, a tremer tanto que o treino já ia a meio quando teve coragem de abrir a porta e passar por cima de todos os fantasmas do seu passado. Um deles levanta-se agora, contorna lentamente o gelo e senta-se ao seu lado sem pedir permissão, enfia o braço no dele e encosta a cara ao seu ombro.

– A Maya Andersson num treino de hóquei? Aquele tipo novo de que o Bobo estava a falar deve ser podre de bom! – exclama Benji, e ela dá-lhe uma palmada no braço com toda a força e ri-se.

– És mesmo totó! Vocês saíram-me todos cá uns patetas!

Benji ri-se e inclina a cabeça para o gelo.

– É aquele?

Maya responde com maus modos:

– Sim. Chama-se Aleksandr, mas a Zackell chama-lhe «Capital», porque vocês são todos uns patetas que não se aguenta!

Benji franze a testa.

– Ele é *mesmo* giro, Maya...

– Eu *seiii*... – suspira ela, resignada.

Benji desata a rir. Ela tem bolas de chocolate no bolso e ele esteve o dia todo a fumar erva, portanto devora-as uma a uma.

– É bom ver que não mudaste assim tanto – diz ela com um sorriso.

Benji fecha rapidamente os olhos e abre-os devagar. Olha para o telhado, como se tentasse ver através dele.

– É estranho para ti, estar de volta? Tem sido muito estranho para mim. Até este rinque agora me parece acanhado, mas, quando éramos miúdos, parecia... enorme.

– Sim. É tudo estranho. Já nem sequer me sinto em casa na minha própria casa. Quando venho para cá, nem sequer digo que «vou a casa»... – admite ela.

Benji não diz nada durante muito tempo. Depois pergunta:

– Alguma vez pensas em como teria sido a tua vida se o Kevin não tivesse existido?

Ela murmura, quase tão chocada com a pergunta como com a rapidez da sua própria resposta:

– Constantemente. E tu?

Ele inclina ligeiramente o queixo em sinal de assentimento.

– Achas que terias ficado a viver aqui?

Após uma eternidade de reflexão, ela responde:

– Sim. Provavelmente teria continuado a ser uma rapariguinha ingénua e feliz. Iria a festas e beberia *shots* nojentos e coscuvilhava na escola sobre quem foi para a cama com quem. Ficaria acordada a noite toda a ouvir a Ana falar de como era *sexy* aquele Benji...

– Ainda sou *sexy*! – interrompe Benji com firmeza.

– Sim, sim, desgraçado, claro que és. Mas saberes que o és torna-te um bocadinho mais feio. – Maya sorri.

Ele parece hesitar antes de perguntar:

– E depois? Quando acabasses o liceu aqui em Björnstad? Terias ficado? Se não fosse o Kevin?

Ela pensa durante algum tempo.

– Sim... talvez. Talvez me tivesse juntado com algum maluco do hóquei e arranjado uma casinha com um pequeno quintal e tivesse dois filhos e um gato chamado *Simba* e uma cadela chamada *Molly*...

– Adoro que tenhas dado nomes aos teus futuros animais, mas não aos teus futuros filhos – ri-se Benji.

– Por enquanto estou mais interessada em animais – responde ela também com um sorriso.

– És feliz, então? Nessa casinha?

– Sim. Sim, provavelmente sou. Mas componho canções mesmo más.

Ele ri-se.

– Eu viveria lá contigo se o teu marido te deixasse.

– Se o meu marido me deixasse, provavelmente seria porque tu tinhas ido para a cama com ele, meu filho da mãe.

– É verdade – admite Benji.

– Estou orgulhosa de ti – murmura ela com o rosto escondido na camisola dele.

– Eu também estou orgulhoso de ti – responde ele com a boca no cabelo dela.

Alguém grita, sem fôlego, algumas filas mais abaixo.

– E de mim? Ninguém está orgulhoso de mim? São uns amigos merdosos, vocês os dois, do pior! Acreditas que tive de usar a aplicação de *stalker* que instalei no teu telemóvel para saber onde estavas?

Ana trepa alegremente por cima dos bancos em direção a eles. Maya tem nove chamadas não atendidas no telemóvel, apercebe-se, embaraçada.

– Espera aí... instalaste uma aplicação de *stalker* no meu telemóvel? Para saberes onde eu estou? Porquê? – pergunta, em tom acusador, e Ana levanta os braços num gesto de incompreensão total.

– Precisamente por causa de situações como *esta*!

Jogadores

Depois de todos os outros jogadores da equipa principal terem tomado duche e saído, Amat, o Murmúrio e o Capital ficam sentados sozinhos no balneário. Estão quase prontos para sair também quando Amat encontra coragem para perguntar:

– Queres treinar um bocado amanhã cedo, Murmúrio? Como costumávamos fazer? Vir treinar uns remates... Posso pedir ao vigilante que nos abra a porta.

O Murmúrio concorda com um aceno entusiástico. O Capital ergue uma sobrancelha e pergunta, com hesitação:

– Posso juntar-me a vocês?

Amat assente alegremente. Depois levanta-se e fica parado ao lado do saco alguns segundos antes de se encher novamente de coragem e sugerir:

– Só se quiserem... talvez... treinar agora?

Nem sequer há discussão. Despem-se e vestem de novo o equipamento de treino. Nas bancadas, o pouco público começou a dirigir-se para a porta, mas, quando os jogadores aparecem outra vez, viram-se todos: o vigilante, Fatima, Sune, Peter, Benji, Maya e Ana. O ringue devia já estar fechado e às escuras a esta hora, mas ninguém vai dizer nada. Amat remata o disco para o lado direito da baliza do Murmúrio e o som da rede a abanar eleva o espírito de todos os presentes no ringue; e quando ele se ri e festeja, é a primeira vez que Fatima vê o filho tão feliz em vários meses.

– Risos num ringue de gelo; parece que o mundo afinal ainda não está completamente perdido... – murmura o vigilante, e afasta-se na direção do armazém, para ficar sozinho com os seus sentimentos.

Sune ri-se e o cão lambe-lhe o rosto.

Peter nunca se sentiu mais em casa do que naquele momento. Nas bancadas, do outro lado do gelo, estão sentados Benji, Maya e Ana.

Amat trava por baixo deles e diz ao Capital, em tom trocista:

– Eh, já conheces o Benjamin Ovich? É uma lenda nesta cidade! Por acaso até jogava bem! Não tão bem como *tu*, claro, mas não era *mau* de todo...

Benji resiste o máximo que pode. Mais tempo do que alguém julgaria possível. Mas depois solta uma imprecação e levanta-se, murmurando:

– Raios, arranjem-me lá um par de patins para eu ir partir as pernas àquele idiota...

Maya e Ana riem-se tanto que o som ecoa no telhado do pavilhão, e Amat ri-se também, mas o Capital detém-se ao lado dele e murmura:

– Ele está a falar de ti, certo? Quer partir as *tuas* pernas, não é?

Benji marcha até ao armazém do vigilante e sai de lá com um par de patins nos pés. O vigilante passou a vida inteira neste ringue e já viu mais pessoas do que alguém pode imaginar, mas não se lembra de um momento melhor do que este. Zackell e Bobo estão no escritório a planear o próximo treino, mas, quando ouvem o barulho e os gritos alegres no gelo, voltam a sair para as bancadas. Bobo vê Benji e parece um *Labrador* que ouviu o dono meter as chaves à porta. Zackell acena com a cabeça, aparentemente impassível, e diz:

– Eu posso acabar o trabalho no escritório. Vai jogar com os teus amigos.

Bobo desce a bancada, eufórico, mas Zackell não volta para o escritório, fica onde está. Vê Benji perseguir Amat pelo gelo, Amat esquivar-se a rir e Bobo enfiar um par de patins e atirar-se para a refrega. Acontece então uma das melhores coisas do mundo: quase-adultos esquecem-se de que são adultos.

Dividem-se em equipas: Benji, Bobo e o Murmúrio de um lado, Amat e o Capital do outro. Não é equilibrado, por isso gritam a chamar Peter das bancadas, e são tão insistentes que ele acaba por ir buscar um par de patins. Maya não quer crer nos seus olhos, mas o pai sai para o gelo e até parece estar a... a divertir-se.

O Capital encontra Amat com passes que devia ser impossível

conseguir fazer. Parece sempre uma jogada de sorte. Amat enfia o disco na baliza e, ao passar por Bobo, sopra-lhe, ofegante:

– Viste aquele passe? Coitados dos tipos de Hed no primeiro jogo. Coitados. É como se ele me lesse os pensamentos...

Na verdade, o Capital só comete um erro: desvia o disco e acelera para passar por Benji, e Benji desequilibra-se e todos se riem. Depois disso, não consegue ter um centímetro de gelo sem Benji estar em cima dele como um texugo raivoso.

– Acha que é para rir? Ele vai matar-me! – segreda o Capital a Peter quando trava junto da baliza, mas Peter ri-se.

– Não, não, não te preocupes, o Benji não vai matar-te aqui. Demasiadas testemunhas. Vais simplesmente «desaparecer» quando menos esperarmos. Há muita floresta aqui à volta, sabes, para enterrar o que for preciso!

O Capital olha para ele como se estivesse mesmo, mesmo a tentar perceber se Peter está a falar a sério ou se as pessoas da região têm um sentido de humor retorcido. Atrás dele, Benji persegue Amat de uma ponta à outra do rinque. Quando chegam ao lado oposto, estão ambos vermelhos como tomates do esforço. Bobo aproxima-se para ver se estão bem, mas no momento em que se prepara para sugerir uma pequena pausa, Benji dobra-se pela cintura e vomita, sobre a linha de golo e os patins de Bobo, todas as bolas de chocolate que comeu.

– OH, MEU DEUS... RAIOS TE PARTAM... POR AMOR DE... NÃO! NÃO! QUE NOJO, PISEI ESSA PORCARIA! – grita Bobo em pânico, tentando afastar-se de um salto, com o previsível resultado de escorregar e aterrar de rabo no meio da poça.

Ninguém naquele rinque consegue respirar como deve ser durante vários minutos, e o som das gargalhadas deve ter chegado a Hed. Fatima aparece a correr com um balde e alguns panos, mas Amat patina até junto das tábuas e tira-lhos da mão, começando ele a limpar. Benji sente-se tão culpado que quase lhe dá um sopapo.

– Já limpei a porcaria de porcos piores que tu – ri-se Amat.

– Não muito piores! – comenta Bobo, repugnado, e, quando vê o vomitado congelado no gelo, quase vomita também.

– É o cheiro que está a incomodar-te, Bobo? – pergunta Amat, para se meter com o amigo, e ele e Benji riem-se até estarem roucos.

O corpo enorme de Bobo é sacudido por vômitos, e Benji tem de se agachar porque lhe dói a barriga de tanto rir. Bobo, incrivelmente indignado, apoia-se nas tábuas e pragueja contra Amat, ameaçando-o de pedir a Zackell que reconsidere a constituição da equipa, o que faz Benji guinchar de riso e implorar a Bobo que pare, porque não aguenta mais.

Para poupar Bobo, mudam-se para o outro lado do gelo e assinalam uma área mais pequena com caricas e garrafas de água a marcar os postes das balizas. Depois jogam de novo, como costumavam jogar no lago quando eram miúdos: a toda a brida, sem regras. Simples, sem complicações. Uns contra os outros.

Amat lembrar-se-á desta noite como o princípio de algo. Bobo como o fim de algo. Para Peter, a sensação é a de pertencer uma vez mais a alguma coisa. Para o Murmúrio, é como pertencer a alguma coisa pela primeira vez. Para o Capital, é como ter uma segunda oportunidade de ser criança e de se voltar a apaixonar perdidamente pelo hóquei. Ninguém sabe como é para Benji; é a última vez que o verão jogar.

*

Um dia, Maya escreverá sobre essa noite, num bloco ensopado de lágrimas:

*Lembro-me dessa noite, num tempo ido
Uma das últimas antes do golpe sofrido
Por uma noite conseguimos finalmente ver
O homem que sempre sonhámos que ias ser
Veloz o teu corpo e a tua mão*

*Sereno o teu coração
Foste tudo o que querias ser
Feliz e seguro e livre para viver
Onde estás agora, meu amigo? Noutra vida
Mas lembro-me dessa noite, daquela partida.*

Assassinos

Todas as crianças são vítimas da infância dos pais, porque todos os adultos tentam dar aos filhos aquilo que eles tiveram de bom ou aquilo que lhes faltou. No fundo, tudo não passa de uma revolta contra os adultos que encontrámos ou uma tentativa de os copiar. É por isso que as pessoas que odiaram a infância são frequentemente dotadas de maior empatia do que aquelas que a adoraram. Porque quem passou um mau bocado sonhava com outras realidades, mas quem teve uma vida fácil nem imagina que as coisas podiam ser muito diferentes. É tão fácil tomarmos a felicidade como garantida se sempre a tivemos desde o princípio.

Se calhar é por isso que se torna tão difícil explicar o que é o hóquei a quem não o compreende. Porque o hóquei ou é algo que sempre tivemos ou que nunca esteve ao nosso alcance. Quem não se apaixona por ele a tempo, será demasiado crescido e irá vê-lo como um desporto. É preciso ser-se criança da primeira vez que o corpo joga e o coração relaxa para saber que é apenas um jogo. E se tivermos muita, muita sorte, é isso que será sempre.

Flocos de neve do tamanho de luvas caem sobre Björnstad, e os risos dentro do pavilhão ouvem-se cá fora, no parque de estacionamento. O som deve parecer perfeitamente lógico ou totalmente demente, conforme quem o escuta, mas há sítios em que um jogo pode salvar toda uma infância. Se estivermos sempre envolvidos nele, não há espaço para ansiedade ou medo. Tudo o que o jogo contém são gritos de entusiasmo e risos descontrolados, e quando todos os nossos amigos são companheiros de equipa, nunca estamos verdadeiramente sós. Não adormecemos à noite – caímos para o lado de exaustão, e os pais têm de nos despir cuidadosamente a camisola de hóquei na cama. Na manhã seguinte acordamos esfaimados, devoramos o pequeno-almoço e corremos para a rua, porque já há

miúdos a jogar lá fora. Há sempre uma nova partida, sempre um derradeiro golo que decide tudo. Quem ama um jogo, quem o ama realmente, não se lembra de quase mais nada dos seus anos de infância. Todos os momentos mais felizes foram com um *stick* na mão, ombro a ombro com os melhores amigos; aqueles metros quadrados entre balizas eram o mundo inteiro e nós éramos os melhores do mundo. A coisa mais importante que se pode dar a uma criança é um lugar de pertença. O melhor que podemos ter é fazer parte de algo.

É por isso que magoa tanto ser uma criança diferente. Aquele de cujo nome ninguém se lembra quando vimos as fotografias da escola, um dia mais tarde, porque essa criança nunca fez parte da infância de mais ninguém exceto da sua. Faz tanto frio quando somos excluídos pelos outros, que acabamos por morrer enregelados, sozinhos.

Matteo está entre as sombras no meio das árvores, na periferia do parque de estacionamento do pavilhão. Apoia cuidadosamente o pé numa poça congelada e ouve o estalido quando o gelo se parte. Pergunta-se se o lago já terá começado a congelar. Quando isso acontece, é um dia mais importante do que o Natal para os tipos do hóquei na cidade. Houve invernos em que até Matteo ficou contente com isso, porque a partir daí ficam tão absortos no seu jogo que até se esquecem de o atormentar durante uns tempos. Infelizmente, nunca dura muito, essa trégua.

Ruth dizia sempre: «Só tens de aguentar estes anos! Sobreviver a esta cidade! Depois serás livre. Partiremos pelo mundo fora, tu e eu, está bem? Faz-te invisível na escola e não te aproximes dos tipos do hóquei.» Mas não é assim tão fácil quando a cidade está cheia deles. Nesta mesma época, há cerca de três anos, quando Matteo tinha apenas onze, estava a andar de bicicleta perto do lago e foi apanhado por alguns rapazes da escola. Inicialmente, fingiram que queriam que se juntasse a eles – é sempre tão fácil e tão cruel –, e depois convenceram-no a andar sobre o gelo para ver se estava forte o suficiente. «Mais longe! Mais longe!», gritaram, encorajando-o ao princípio, mas pouco depois já eram ameaças: «Continua a andar ou

partimos-te as pernas quando voltares!»

Por fim, Matteo estava tão longe da margem que, quando o gelo começou a estalar, soube que seria uma sentença de morte tentar correr; o seu peso todo concentrado só num pé faria com que se afundasse nas profundezas escuras e geladas e não sairia mais de lá. Desde então, teve centenas de pesadelos a esse respeito: ver a luz, mas estar encurralado, bater na parte inferior do gelo com os pequenos punhos, tentar em vão encontrar o buraco, afogar-se aos poucos. Na altura, fez a única coisa que ocorreria a uma criança de onze anos: deitou-se de barriga para baixo e tentou dispersar o peso o melhor que conseguia. Planeava rastejar de volta para terra, mas não teve coragem. Ficou ali deitado, a chorar.

Não sabe se os rapazes na margem se arrependeram então do que tinham feito. Afinal de contas, para aqueles filhos da mãe tudo não passava de uma brincadeira ao início, era a desculpa que os pais deles davam sempre a seguir. Uma partida de miúdos. *Já sabe como são as crianças. Estavam só a brincar.* Matteo não conseguia ouvir se eles estavam a rir ou a gritar porque ele próprio chorava que nem um perdido, com os lábios encostados ao gelo. Foi preciso um rugido para o fazer reagir: «QUE DIABO ESTÃO A FAZER?»

Com muito, muito cuidado, Matteo levantou o queixo trémulo e olhou para a margem. Dois adolescentes da idade da irmã tinham parado uma lambreta na estrada e desciam agora o talude. Os outros rapazes fugiram em todas as direções, assustados. Um dos adolescentes fez menção de os seguir, de punhos no ar, mas o outro deteve-o e apontou para Matteo. O gelo estalou e Matteo gritou pela primeira vez. Os adolescentes olharam em volta, desesperados, em busca de algo que pudessem usar como corda, e, quando não encontraram nada, despiram os casacos e as camisolas e amarraram as roupas umas às outras. O mais leve dos dois rastejou até tão perto de Matteo quanto se atreveu, depois atirou-lhe a corda improvisada e devagar, muito devagar, puxou o miúdo para a segurança.

Matteo mal se lembra do que eles lhe disseram; estava a bater os

dentes com demasiada força, e o sangue rugia-lhe nos ouvidos. Mas perguntaram-lhe onde morava e ele conseguiu apontar. Um dos adolescentes levou a bicicleta de Matteo e o outro sentou-o atrás de si na lambreta. Os pais dele estavam fora, nas suas intermináveis missões de caridade com a igreja, e só Ruth estava em casa. Ela saiu a correr assim que os viu e esmagou Matteo com abraços antes de perguntar aos adolescentes o que acontecera e eles lhe contarem. Matteo não sabia que os adolescentes eram de Hed, nem que os blusões vermelhos que envergavam eram da equipa de hóquei. Um deles estendeu a mão a Ruth e apresentou-se.

*

E foi assim que ela conheceu os seus assassinos.

Campistas

Os adultos vão para casa primeiro. Sabem que a magia num rinque de gelo cheio de jovens risonhos pode perder-se se outra geração se aproximar demasiado, como um tesouro que se transforma em cinzas quando abrimos o baú. Maya, Ana e Bobo ficam no parque de estacionamento à espera que Benji, Amat, o Murmúrio e o Capital mudem de roupa e se juntem a eles. O cão de Sune anda a cheirar-lhes os pés, habituado desde pequeno a pensar que este é o seu território. Desde que Sune está reformado, o cão passa tanto tempo no rinque que até apareceu na última fotografia oficial da equipa principal. O Murmúrio brinca com ele; todos os animais o adoram, possivelmente por reconhecerem que ele também não consegue fazer-se entender, por mais que queira.

– Queres boleia para casa? – oferece Bobo, mas o Murmúrio abana a cabeça e dirige-se para a paragem de autocarro.

– Treinamos amanhã? Cedo! – grita-lhe Amat.

O Murmúrio acena silenciosamente, mas com um sorriso que tornaria redundantes quaisquer palavras. Seguem caminhos separados. Bobo leva o saco de Amat até ao Covão e depois segue para casa, para ligar a Tess. Amat corre até casa. Dormirá bem esta noite e acordará esfaimado de manhã.

– E tu? Precisas de boleia? – pergunta Benji com naturalidade ao Capital.

– Não... não... – responde o outro rapaz de forma evasiva.

– Precisas de mais alguma coisa? Posso ajudar com todo o tipo de problemas! – Benji sorri, com uma piscadela de olho atrevida.

O Capital olha de soslaio para Maya e diz, embaraçado:

– Eu... se calhar preciso de um sítio para morar. Acho que o Peter não quer que eu fique em casa dele mais tempo. Quer dizer, foi simpático ter-me dado abrigo, mas não me sinto à vontade. Acho que

ontem à noite ele fechou a porta do meu quarto à chave pelo lado de fora...

Tem as bochechas vermelhas. Podia ser constrangedor discutir a questão com Maya ao lado. Felizmente, Ana está ali para garantir que é, sem margem para dúvidas, completamente constrangedor.

– Ele está só com receio de que a Maya entre às escondidas no teu quarto e te salte para cima!

– Ana, és *tão*... – sussurra Maya, e Ana esquiva-se alegremente às suas tentativas de lhe bater.

– A sério? A Maya Andersson quer lutar? Foi a tua nova melhor amiga que te ensinou isso, ou quê? Anda lá, então! Dá-me com todas as tuas forças! – provoca-a, com a confiança serena de uma lutadora de artes marciais, e é óbvio que Maya poderia ter passado dez anos a tentar atingi-la sem chegar sequer perto.

O Capital olha para elas, ligeiramente chocado, e Benji observa-o com interesse.

– Tenho uma autocaravana – diz.

– Desculpa? – pergunta o Capital.

– Uma autocaravana. Se precisares de sítio para morar.

– Mas... a sério?

– Maaas... a sério... – repete Benji, imitando o sotaque dele.

O Capital raspa com o sapato na neve e aperta mais à volta do corpo o casaco emprestado por Peter.

– Queres dizer que tens uma autocaravana como as que... as pessoas usam para acampar?

O riso sacode o corpo de Benji.

– Vou arriscar então concluir que nunca foste acampar, pois não, Capital?

– VÃO ACAMPAR? NÓS TAMBÉM VAMOS! – grita Ana a alguns metros de distância, onde agarra Maya com facilidade apenas com uma mão, como se ela fosse uma criança.

– Mas a temperatura está abaixo de zero – comenta o Capital.

– E depois? – pergunta Ana, sem perceber.

– Também tenho erva e cerveja – informa Benji.

*

E, assim, vão acampar.

*

Benji conduz a autocaravana por trilhos quase intransponíveis na floresta e, miraculosamente, consegue levá-la mesmo até à beira de água sem que ela tombe, embora por pouco, e estaciona num sítio de onde conseguem ver até à ilha de Maya e Ana. Antes, foi a ilha de Kevin e Benji, o sítio mais secreto do universo dos dois rapazes e o seu refúgio todos os verões, mas esses verões há muito ficaram no passado e, quando Kevin deixou Björnstad, Benji passou a ilha às raparigas. Que agora são mulheres. Maya pousa a ponta dos dedos nos ombros de Benji, muito ao de leve, e murmura:

– É um sítio muito romântico, portanto aviso-te desde já que, se alguma vez trouxeres o meu futuro marido até aqui e tentares ir para a cama com ele, eu mato-te.

Benji ri-se perdidamente. Ele e Ana tentam acender uma fogueira, até que Ana ameaça Benji com um pau por estar a fazer tudo mal e acaba por fazê-lo sozinha. Há árvores caídas aqui e ali, vítimas da tempestade que passou como um bandido em fuga, mas as feridas e golpes na paisagem começam a ser lentamente cobertos pela neve e pelo esquecimento. Quando chegar a primavera, a natureza já terá suprimido o impacto dos ventos que rugiram na semana anterior, e as pessoas também. Os jovens sentam-se em frente da fogueira, enroscados em sacos-cama, a beber cerveja e a fumar erva, a olhar para as estrelas e a perder-se na bruma. É uma noite boa, uma das melhores, daquelas em que ficamos acordados quase até de manhã por querermos guardar essa sensação de paz. Como se tivéssemos encontrado as respostas para quase tudo. Amanhã, tudo voltará a

desaparecer, claro, e sabemos-lo. É por isso que não queremos ir dormir. Por fim, ainda que contra vontade, Maya começa a bocejar, levanta-se da cadeira de armaz, enrolada no saco-cama, e diz com a voz entaramelada:

– Raios me partam. Há muito tempo que não apanhava uma pele destas. Tenho de dro... Não, tenho de *drom*... Não, tenho de drooo... MERDA, VOCÊS SABEM O QUE QUERO DIZER!

Os outros riem-se até lhes doer as bochechas.

– Vai lá *dormir*, sua bêbada. Meu Deus, essa tua nova melhor amiga da escola de música deve ser muito fraquinha com a bebida, para teres perdido a resistência dessa maneira! – ri-se Ana.

– Qual nova melhor amiga? – pergunta Benji.

– Aquela por quem a Maya me trocou! – responde Ana com um aceno, ela própria tão embriagada que tem um olho em cada código postal.

– Bom, só por causa disso vou seduzir o futuro marido dela! – garante Benji, e ele e Ana tentam bater com as palmas das mãos e falham de forma espetacular.

Maya promete que os mandará a ambos devidamente para o inferno de manhã, quando estiver sóbria e conseguir proferir as palavras. Adormece antes de a sua cabeça tocar na almofada dentro da autocaravana. Ana fica mais algum tempo lá fora, para poder dizer que Maya aguentou menos do que ela, e depois manda, educada mas solenemente, os dois rapazes para o diabo que os carregue, entra e adormece, costas com costas com a melhor amiga.

Benji e o Capital ficam onde estão. Benji olha para ele e o outro rapaz contempla o céu.

– Vais dizer o mesmo que todos os turistas, que nunca viste tantas estrelas na vida? – provoca Benji.

– Também temos estrelas de onde eu venho – responde o Capital com um sorriso.

Benji parece quase insultado.

– Não tão boas como as nossas! E o mesmo se aplica aos jogadores

de hóquei.

É mentira, claro. Nessa noite reparou nos movimentos de pulso e nos passes do outro rapaz e sabe exatamente como ele é bom. O Capital fita-o nos olhos e vê que ele sabe, portanto não sente necessidade de dizer mais nada. Em vez disso, pergunta com ar pensativo:

– Pesquisei o Peter *online*. Ele foi capitão da equipa de Björnstad há vinte anos, não foi? Quase ganharam o campeonato com ele?

Benji dá algumas passas no cigarro, de olhos fechados.

– E aí tens tudo o que precisas de saber sobre Björnstad. *Quase* os melhores, *quase* sempre.

O Capital esfrega os dedos como se estivesse a rodar alianças invisíveis.

– Ele disse uma coisa, o Peter, quando ele e a Zackell me foram ver treinar. Perguntei-lhe porque é que ali estava, se já nem trabalha para o clube, e ele respondeu qualquer coisa como... que queria ser bom. Que o hóquei era a sua maneira de melhorar o mundo.

– Ele é especial – diz Benji, e a forma como fala contém o melhor e o pior de uma pessoa.

O Capital fuma devagar e responde:

– Deve ser muito especial... enfim... fazer parte de uma equipa dessas. Uma equipa que choca toda a gente. Uma autêntica irmandade, não achas? O tipo de relação que torna todos os envolvidos ainda melhores do que o seu melhor individual. Como aquelas dinastias na NHL... Nunca duram muito tempo... São invencíveis apenas durante poucos anos, até que todos ficam demasiado velhos e a equipa é vendida. Será que temos noção do quão especial é quando o estamos a viver?

Benji entreabre os olhos e fita-o, iluminado apenas pelas chamas no seu bailado.

– É por isso que aqui estás? Para te tornares especial?

O Capital sorri, tímido.

– Talvez.

Benji observa-o durante muito tempo, e depois a pergunta surge tão rápida e inesperadamente que o outro rapaz é apanhado de surpresa e se engasga com o fumo.

– Quantos traumatismos já sofreste?

– Po-porque perguntas? – gagueja ele.

Benji encolhe calmamente os ombros.

– Hoje, quando jogámos, foste brilhante. Sempre que me fiz ao disco, não me deste hipótese. Mas encolhias-te de cada vez que eu me fazia ao teu corpo. Joguei com um tipo uma vez, que também era brilhante, mas andou assim uns tempos, quando tínhamos catorze anos, depois de sofrer um traumatismo. Durante meses, fugia a todas as colisões.

O Capital consegue por fim parar de tossir e põe mais alguns paus na fogueira, queimando-se ao fazê-lo, claro está. Depois murmura:

– Foi o Kevin Erdahl?

Benji fica surpreso, pela primeira vez nessa noite.

– Como sabias?

É a vez de o Capital encolher os ombros.

– O meu pai acompanhava todos os melhores jogadores do país quando eu era dessa idade. Tinha uma lista na parede do meu quarto. Por acaso vi-vos jogar uma vez. O meu pai conduziu quatro horas até ao local do jogo só para me mostrar com quem ia competir. Lembro-me de ter uma inveja louca do Kevin.

– Ele era extremamente bom.

– Sim, mas não foi por isso. Invejei-o porque te tinha a ti. Ninguém se atrevia a tocar-lhe.

Benji não diz nada durante alguns minutos. Depois insiste:

– Quantos traumatismos?

O Capital suspira.

– Seis. O primeiro quando tinha doze anos, o mais recente no ano passado. Fui empurrado por trás e projetado contra as tábuas. O tipo levou uma penalização de dois minutos, eu estive fora de jogo nove semanas. Passei os primeiros três dias a vomitar, não conseguia

pensar, só queria matar-me. Nem conseguia sair de casa porque o sol parecia que me cortava a cabeça. Nunca passei por nada assim, não tenho memórias nenhuma desse fim de semana. Ainda tenho enxaquecas, de vez em quando. Oiço um zumbido constante nos ouvidos. Às vezes parece estar tudo completamente às escuras aqui dentro. Vi um tipo num jogo na televisão sofrer uma pancada parecida e sabes o que o comentador disse? «A responsabilidade é de quem leva: tem de ter sempre a cabeça levantada!»

Leva os dedos à têmpora. Benji vê a dor nos olhos dele e acena.

– Sim. Li sobre aquele jogador da NHL que mudou de personalidade, teve uma série de problemas. Danos cerebrais permanentes... mas só souberam quando ele morreu e lhe fizeram uma autópsia...

O Capital fecha os olhos.

– Quando voltei à equipa, o treinador queria que eu jogasse mais com o corpo, à frente da baliza; era tudo «lutar» para aqui e «lutar» para ali. Estava obcecado em vencer o jogo físico, sabes, «comer as tábuas» e essa cena toda...

– «Mastigar o disco! Roer arame farpado!» – imita Benji, porque já encontrou treinadores assim mil vezes.

– Exato – confirma o Capital com um riso amargo.

– Que aconteceu depois?

– Não tive coragem. E ele percebeu. Eu já não tinha lugar no sistema dele. Assim, pôs-me no banco por não ter uma «cabeça dura» e, quando me irritei, foi falar com a direção do clube e disse que eu tinha «problemas disciplinares».

– E tinhas?

– Provavelmente foi o único clube em que *não* tive problemas disciplinares. Fui muito imaturo, durante anos, um cagãozinho arrogante, mas por acaso gostava desse clube... e queria que funcionasse. Mas já não consigo jogar como esses treinadores querem...

– E aqui?

O Capital solta lentamente o ar pelo nariz.

– A Zackell parece... diferente.

– Isso é dizer pouco. – Benji sorri.

– Por isso, talvez me deixe jogar de maneira diferente?...

– Tudo o que te posso dizer sobre ela é que provavelmente já sabe coisas a teu respeito que nem tu próprio descobriste ainda. Às vezes, isso é bom – declara Benji.

– E quando é que não é bom?

– A maioria das pessoas não quer saber a verdade sobre si própria.

O Capital demora algum tempo a digerir isto. Abre uma última cerveja.

– Gosto do Peter. Esperava que fosse um cabrão com a mania que é bom, como todos os profissionais da velha guarda, mas ele é...

– Especial?

– Esta cidade toda é especial. É da consanguinidade, ou quê? – O Capital ri-se.

– E da erva. – Benji tosse.

Riem-se os dois durante muito tempo, sozinhos sob as estrelas. Uma noite fantástica.

– E ele era mesmo bom? O Peter? – pergunta o Capital ao fim de um bocado.

Benji responde de imediato:

– Era o melhor. A sério... mas era obcecado. As histórias de como ele costumava treinar são de loucos. Quando somos miúdos, achamos que essas conversas são mitos, sabes, mas eu vi gravações antigas e nunca vi nada igual. Ele parecia tão lento, mas ninguém passava por ele. Ninguém!

– Como se conseguisse abrandar o tempo. Reparei nisso quando a Zackell me pôs a jogar contra ele.

Benji acena com seriedade.

– Toda a gente pensa que era talento, mas era apenas treino. E obsessão. Era a única coisa que ele tinha na vida. Imagina como poderias ser bom, por esta altura, se fosses como ele.

– Quem te diz que não sou? – O Capital sorri.

– Tens um jogo este fim de semana e estás aqui sentado a fumar erva e a beber cerveja numa autocaravana no meio da floresta – recorda-lhe Benji.

O Capital ri-se, simultaneamente aliviado e vergado sob um grande peso.

– Nunca teria sido tão bom como o Amat, isso é certo. Ele é radical. Acho que nunca vi ninguém tão rápido. Ele pode chegar à NHL. Mas eu? Não. O meu pai sempre achou que sim, mas ele não compreende o que é preciso. Temos de ter um qualquer aspeto em que somos verdadeiramente excecionais, e eu sou apenas... *bom*. O meu pai via que eu era o melhor na minha pequena bolha, sabes, há alguém como o Amat em cada cidadezinha. E na NHL jogam cem partidas por ano... o sacrifício que isso requer! Nada a não ser hóquei, todo o dia, o ano inteiro. Acho que não conseguia lidar com isso. O meu pai é doido; seria capaz de cortar o próprio braço se isso me desse uma época na NHL. Ele tinha o desejo, mas não o talento, e se calhar eu tenho o talento, mas não o desejo...

– O desejo é um talento – diz Benji.

O coração do Capital quase se parte ao ouvir aquilo.

– Então e tu? Porque é que deixaste de jogar? – pergunta em voz baixa.

– Deixei de estar apaixonado – responde Benji.

O Capital não diz nada durante muito tempo, e por fim ousa perguntar:

– E achas que conseguirias voltar? A apaixonar-te?

Benji fita-o diretamente nos olhos e como esta é uma daquelas noites em que nada parece impossível, responde-lhe:

– Talvez.

Vão deitar-se dentro da autocaravana, virados para o lado oposto de Maya e Ana, e está um frio impossível, mas o Capital consegue dormir a noite inteira sem acordar uma só vez. Há muito tempo que tal não acontecia. Na manhã seguinte, acorda cedo, sai para a floresta,

senta-se sozinho e ouve algo que nunca ouvira antes, pelo menos de forma tão completa e avassaladora.

*

Silêncio.

Arranhões

A noite apoderou-se de Björnstad, mas já está escuro há tantas horas que mal se dá por isso. Um portão range na igreja e um vulto solitário esgueira-se cuidadosamente entre as sombras, pisando a neve com tanta leveza como se fosse vidro e ele estivesse descalço. Algumas velas tremeluzentes junto das campas é tudo o que tem para se orientar; no entanto, parece saber para onde vai.

Os cemitérios são, supostamente, destinos finais, mas, para muitos de nós, as lápides são pontos de interrogação. Porquê? Porquê tu? Porquê tão cedo? Onde estás agora? Quem poderias ter sido se tudo tivesse sido diferente? Ou se apenas uma pequena coisa tivesse sido diferente? Se tivesses tido outros pais, outro nome, se tivesses vivido noutro sítio?

Quase ninguém se lembrará do nome dela. Dirão: «Oh, sim, ela foi da minha turma um ano; foi a que desapareceu aqui há uns tempos, não foi? Ouvi dizer que fugiu de casa. Os pais são uns fanáticos religiosos quaisquer, não é? Daquela igreja esquisita, não me lembro do nome. Acho que era drogada. Contaram-me foi para o estrangeiro e morreu de uma *overdose*. Meu Deus, como é que ela se chamava mesmo? Não me lembro!»

Ruth. Chamava-se Ruth. Está escrito na lápide. Apenas as datas por baixo, nada mais: nenhum poema, nenhuma breve descrição de quem ela era. Mas em cima, num dos cantos da pedra, alguém gravou com cuidado e carinho um pequeno padrão de arranhões. É preciso aproximarmo-nos muito para perceber que é uma borboleta.

O vulto olha em volta na escuridão. Um dia, o seu nome estará também numa lápide e muitas pessoas dirão: «Quem? Não me lembro dele...» Depois alguém terá de lhes recordar o nome que todos lhe chamam, aquele que lhe deram porque quase nunca fala: «Murmúrio».

Aproxima-se da campa de Ruth, cai de joelhos e passa os dedos

pelas letras. Depois, a tremer de desespero, repete a mesma palavra uma e outra vez, na noite:

– Desculpa... Desculpa, desculpa, desculpa.

Oportunidades

Quando Maya, Benji, o Murmúrio e os outros estavam em frente do pavilhão, a brincar com o cão de Sune, como se tudo estivesse bem e o mundo fosse bom, Matteo escondia-se nas trevas, a observá-los. Viu Amat e Bobo despedirem-se dos outros. Bobo levou a mãe de Amat a casa, e Amat foi a correr. Benji, Maya, Ana e aquele novo jogador cujo nome Matteo não sabe entraram numa velha autocaravana. O Murmúrio caminhou na direção da paragem como se fosse apanhar o autocarro para Hed, mas, assim que achou que ninguém estava a vê-lo, desviou-se para o cemitério. Matteo seguiu-o, pé ante pé. Agora está sentado entre as lápides, escondido, a ouvir o Murmúrio chorar em frente da campa de Ruth.

Matteo não sabe se isso o faz odiá-lo menos, ou ainda mais. Sempre pensou que os tipos que tinham assassinado a irmã não queriam saber, não lamentavam a morte dela, nem sequer a viam como um ser humano. Mas isto se calhar ainda é pior, conclui. É pior que o Murmúrio a visse como um ser humano, porque, se ela fosse outra coisa, apenas um objeto para usar e deitar fora, então pelo menos faria sentido. Mas fazer o que eles fizeram a um ser humano? A uma pessoa real? Então, são apenas perversos. Não merecem nada senão o Inferno.

Se Matteo tivesse uma arma, teria enviado o Murmúrio diretamente para o Inferno, ali mesmo. Assim, terá de esperar alguns dias pela oportunidade.

Pão com compota

Bang!

*

Bang!

*

Bang!

*

Quando Sune se reformou, muitas pessoas na cidade se preocuparam, com receio de que ele fosse passar o dia inteiro sentado, sozinho, sem nada que fazer, mas o que ele não percebe agora é como é que tinha tempo para trabalhar antes. Tem um cão que o ignora quando lhe berra para não roer as mobílias e uma menina de quase sete anos no quintal a atirar discos de hóquei contra a parede.

«Trabalham bem juntos, aqueles dois, cada um a demolir a casa por seu lado», resmunga Sune às vezes, enquanto está na cozinha a preparar pão com pasta de fígado para o *hooligan* cá dentro e pão com compota para a *hooligan* lá fora. A última vez que foi ao médico, ele perguntou-lhe se andava mais cansado do que o costume e Sune respondeu: «Como quer que saiba?» Não avançaram mais do que isso porque ouviu-se uma confusão: Alicia, que ficara a tomar conta do cão, enfiou a cabeça no consultório e perguntou se os vasos de plantas eram caros. «Neta?», perguntou o médico com um sorriso, e Sune não soube mesmo como explicar que nem sequer eram da mesma família. Uma vez, trinta e cinco anos antes, acontecera a mesma coisa num

supermercado, só que dessa vez era um rapazinho que seguia Sune impacientemente, com um *stick* de hóquei na mão, e alguém comentou: «O seu filho é muito bonito.» Sune ficou também sem saber o que dizer nessa altura. O rapaz chamava-se Peter Andersson; como ninguém o ensinara a rematar como deve ser e o miúdo nunca tinha comido um bom pão com compota, Sune decidira remediar ambas as situações. E aquilo tornou-se uma amizade para a vida toda. Peter é a cerejeira mais bonita que Sune jamais viu em Björnstad – era assim que ele pensava sempre nos melhores talentos: botões cor-de-rosa a florir contra todas as probabilidades num jardim gelado.

Sune nunca teve filhos, e no final da carreira só treinava homens feitos e nunca crianças. Já deixara de pensar em cerejeiras quando Alicia treinara pela primeira vez, aos quatro anos e meio. A mais nova do grupo, a mais pequena no gelo e nitidamente a melhor, desde o primeiro instante. Tem agora quase sete anos e é tão boa que causa revolta entre os pais quando o clube a deixa jogar com os rapazes. «Alguns adultos são estúpidos», afirmou Sune tristemente quando ela lhe perguntou porque não podia continuar a treinar com eles, mas nem precisava de lho ter dito. Ela já sabia tudo sobre adultos. Passou a ter muito menos nódoas negras desde que Teemu fez uma visita a sua casa e informou todos os presentes de que a menina estava agora sob a sua proteção, mas continuava a ter o tipo de ambiente doméstico em que ninguém reparava se ela vinha ou não jantar, e em muitos dias se calhar até preferiam que não aparecesse. Assim, depois da escola, vai diretamente para o ringue de gelo se tem treino, e para casa de Sune quando não tem. Outras crianças talvez lhe tivessem oferecido desenhos para ele prender no frigorífico, mas Alicia não gosta de desenhar, por isso as marcas dos discos no estuque da parede tornaram-se mais ou menos a mesma coisa: pequenos sinais que indicam que ali cresceu alguém que amámos.

Começou com Sune a ensiná-la a jogar hóquei, mas evoluiu para Sune a ensinar-lhe tudo o que é preciso saber na vida: a atar os atacadores e a memorizar a tabuada e a ouvir Elvis Presley. Ela

começou a segui-lo, e ao cão, pela floresta, e o velho ensinou-lhe tudo o que sabe sobre árvores e plantas, com uma pausa ocasional quando lhe diz: «Leva o cão e vão correndo à frente que eu já vos apanho» sempre que ficava sem fôlego e com um aperto no peito. Era algo que acontecia cada vez mais amiúde ultimamente, de tal forma, na verdade, que foi assim que a ensinou a andar de bicicleta: começou a correr atrás dela na rua a segurar na traseira da bicicleta, e, quando não conseguiu correr mais, murmurou: «Pedala agora sozinha», e ela assim fez.

Quando Alicia começou a escola, apareceu em casa dele logo nos primeiros dias e avisou-o de que tinha de preparar um almoço para levar, porque ele ia com a turma dela numa excursão. Quando Sune não a percebeu, a menina suspirou, irritada, e disse-lhe que ele era «mais um adulto». Quando Sune continuou sem perceber, Alicia pegou no *stick* de hóquei e declarou que não tinha tempo para essas coisas: se não percebia nada à primeira, ele que ligasse para a professora dela. Assim, com o som de *BANG BANG BANG* proveniente do quintal em fundo, Sune fez precisamente isso e a professora explicou-lhe que tinha dito à turma que precisavam «de mais um adulto para a excursão», e Alicia levantara a mão e respondera que tinha um.

Assim, agora Sune e o cão vão em todas as excursões da escola. Quando Sune a ouviu apresentar o animal aos colegas como «o cão do Sune», sentiu-se na obrigação de a corrigir: «Também é teu.» Nessa tarde, quando ela foi treinar os remates, quase precisou de um *stick* maior, porque parecia ter crescido pelo menos dez centímetros.

Hoje, Alicia bate à porta de Sune mais cedo, antes de ir para a escola. É quarta-feira de manhã, meio da semana, meio do mês, e nem sempre há comida em casa dela nessas alturas. Assim, ela e Sune vão à loja comprar leite, pão, compota e paté de fígado. Sune caminha devagar no regresso a casa. Alicia pergunta-lhe quantos anos é preciso ter para jogar na seleção nacional, e ele responde que não tem a ver com a idade e sim com a qualidade do jogador.

– Quantos anos é que achas que terás quando eu puder jogar na

seleção nacional?

Sune sorri.

– Quantos anos achas que eu tenho agora?

– Cem? – é o palpite de Alicia.

– Sim, às vezes é o que parece – suspira Sune.

– Posso levar o saco? – pergunta ela.

Ele dá-lhe uma palmadinha na cabeça.

– Não, não, deixa lá. Leva o cão e vão correndo à frente que eu já vos apanho.

Ela obedece. Tira a trela ao cão no quintal e depois lança discos contra a parede durante mais um bocadinho antes das aulas.

*

Bang. Bang. Bang.

Desvios

Benji liga às irmãs bem cedo na quarta-feira de manhã e Adri pragueja o caminho todo até ao lago. Alguém deu uma autocaravana àquele asno e, pelos vistos, ele conduziu até à beira do lago e ficou atolado na neve durante a noite.

– É uma autocaravana, não é um todo-o-terreno! Claro que ias ficar atolado, meu asno! – informa-o Adri ao saltar do carro, mas naturalmente que isso não adianta de nada com este asno em particular.

– Já não é uma autocaravana, agora é uma casa de férias. Genial, se queres saber a minha opinião! – Benji sorri.

Ele e o Capital e Maya e Ana enfiam-se no carro de Adri, que tem de abrir as janelas todas porque eles cheiram tanto a adolescentes e a ressaca que espantariam uma matilha de raposas. Quando chegam ao canil, o riso de Benji enche a cozinha de uma forma que a mãe e as irmãs não ouviam há anos. Se Adri não soubesse que não é possível, diria que ele parece um rapaz apaixonado. Quase não consegue zangar-se com ele. Mas só quase.

Ana falta às aulas e Maya não mostra ter a intenção de voltar em breve à escola de música, portanto tomam o pequeno-almoço e metem-se de novo pela floresta. Não sabem bem para onde vão, mas, se são os últimos dias em que poderão fingir que são crianças e que a vida é simples, podem ter a certeza de que tencionam aproveitá-los ao máximo.

Adri e Benji levam o Capital até ao rinque. Quando ele acena e entra, Benji fica a observá-lo e a irmã observa Benji.

– Cheiras tão mal – diz, afetuosamente.

– Eu posso tomar banho; e tu, o que vais fazer em relação a essa cara feia? – riposta ele com o mesmo afeto, e ela dá-lhe um soco no peito tão rápido que ele fica sem ar.

Fazem um desvio pelo caminho mais longo em torno da cidade, nas calmas, a ouvir música e a falar sem dizer grande coisa. Quando o pai deles pegou na espingarda e se embrenhou pela floresta, Adri, a irmã mais velha, foi obrigada a assumir muitos dos deveres que presumia serem os de um pai. Ensinou Benji a lutar, mas talvez devesse ter-lhe ensinado um pouco mais sobre como não lutar. Quer dizer-lhe que ele pode optar por não ser violento, mas ele fingirá pensar que ela está a falar de lutar com outras pessoas. O que Adri gostava de lhe explicar é que ele não precisa de ser tão violento consigo próprio. Todavia, hoje, Benji ri-se de uma maneira que a leva a pensar que talvez tenha começado a fazer isso mesmo.

– Amo-te, meu grande asno – diz, puxando-lhe a orelha até ele começar aos gritos no meio do riso.

– Amo-te, mana. Obrigado por me vires sempre buscar quando eu fico atolado – acrescenta, com um sorriso.

Ela nunca se esquecerá disso.

Pelas costas

Quando a editora-chefe chega aos escritórios do jornal na quarta-feira de manhã, todo o edifício parece contorcer-se de embaraço. Metade dos funcionários nem levanta os olhos das secretárias quando ela passa. Só quando chega à sua mesa e vê quem está sentado do outro lado é que ela percebe o motivo.

– Olá! Não nos conhecemos pessoalmente, mas já ouvi falar muito em si! Chamo-me Richard Theo! – diz o político enquanto se levanta, com a consciência confiante de quem sabe que as apresentações, no seu caso, são totalmente supérfluas.

– Vem à procura de emprego? – pergunta ela secamente.

Ele não o revela, mas fica impressionado com a rapidez com que ela se adapta à situação; a maioria das pessoas só ousaria mostrar-se tão condescendente com Richard Theo pelas suas costas. De preferência a uma boa distância delas.

– Já tenho emprego, obrigado. Mas veremos o que acontece nas próximas eleições. Talvez volte a contactá-la! – exclama Theo, com um sorriso. Ela concede-lhe um sorriso em troca, ainda que muito leve.

– Então presumo que aqui está para elogiar o trabalho extraordinário que fazemos no jornal local, sim?

– Mais ou menos isso. Sabe qual é a pior coisa que as pessoas dizem nas minhas costas?

– Desculpe? – responde ela, sem conseguir esconder a confusão, o que foi, obviamente, a intenção dele.

Theo parece quase magoado quando explica:

– Citam o primeiro-ministro, que disse que «a política é querer», e depois, com desdém, acusam-me de ter adaptado esse lema para «a política é vencer». Naturalmente que discordo, com toda a humildade. Para mim, a política é agir. Fazer o que há a fazer. Não é só palavras

vazias. Está a compreender-me?

– Não creio que esteja – responde ela, desconfiada, e ele abre um sorriso rasgado, como se tudo o que acabou de dizer não passasse de disparates espontâneos quando, na realidade, cada palavra foi muito bem medida.

– Qual acha que é a pior coisa que as pessoas dizem nas suas costas? – interroga-se ele.

Ela observa-o e deseja por um instante que o pai estivesse presente, mas ele ainda dorme, em casa, depois de ter passado a noite a pé, a examinar as contas do Hóquei de Björnstad. Que diria ele sobre Richard Theo? Que há dois tipos de políticos, conclui a editora-chefe: o provocador e o manipulador. Um espicaça e sonda ao acaso para ver onde estão os pontos sensíveis, enquanto o outro sabe exatamente aquilo que procura.

– Não teço especulações sobre a opinião dos outros acerca de mim – responde ela, secamente.

– Não? Pensava que interpretar a opinião pública era a função dos jornalistas...

Theo sorri e ela tenta retribuir, mas não é tão boa mentirosa como ele. Repara que ele tem o jornal desse dia aberto no colo. A página das cartas ao editor. A editora-chefe está plenamente ciente do que contém, porque foi ela que tomou a decisão de a publicar. A mãe de um jovem jogador escreveu uma crítica anónima fulminante à «cultura machista» do Hóquei de Björnstad. Tudo indica que já tinha apresentado queixa de um dos treinadores da equipa de juvenis e da treinadora da equipa principal. A mãe obtivera do clube a promessa de que o treinador dos rapazes seria despedido e a treinadora da equipa principal suspensa. Em vez disso, veio a saber que a treinadora da equipa principal fora castigada apenas com um treino e que o treinador dos rapazes fora somente «suspense» durante um mês, e em breve assumiria a liderança de uma nova equipa. A mãe escreve que isso é uma prova clara da «cultura patriarcal» do clube.

– Se é disso que quer falar, essa carta foi recebida anonimamente –

diz a editora-chefe.

Richard Theo levanta os olhos, divertido.

– Isto? Não, não, isto não é nada da minha conta. Acho bem que as pessoas se sintam livres para dar voz às suas opiniões sobre o clube nos dias que correm.

– De forma anónima, sim – ressalva a editora-chefe.

O político ergue as mãos.

– A confidencialidade das fontes é uma das peças basilares da democracia, sempre o disse! Mas não acha curiosa a expressão «cultura patriarcal»? Quando a treinadora da equipa principal é uma mulher?

A editora-chefe suspira, como é natural quando alguém que não sabe decididamente o significado de «confidencialidade das fontes» atira com a expressão como acessório retórico, e diz:

– Neste caso específico, creio que «patriarcal» descreve mais uma mentalidade do que um género.

– Sim? Que moderno! – exclama o político alegremente.

– Mas não é por isso que está aqui? – insiste a editora-chefe, com um tremor na voz que revela a sua impaciência.

Então Richard Theo demora o seu tempo a pôr-se confortável e a fazer conversa de circunstância sobre a decoração e a vista antes de chegar onde quer chegar.

– Estou aqui na minha capacidade de cidadão preocupado. Ouvi muitos boatos, nos últimos dias, sobre uma tensão entre Hed e Björnstad que começa a gerar uma certa... como havemos de lhe chamar? «Frustração»? Gostaria de falar consigo sobre aquilo que nós os dois podemos fazer para impedir uma escalada desnecessária da situação.

A editora-chefe fita-o durante muito tempo sem conseguir determinar precisamente quais são as intenções dele. Assim, decide fazer-se de parva para ganhar tempo.

– Oh? Como assim?

Theo compreende perfeitamente o que ela está a fazer, mas, tal

como a maioria dos homens em posições de poder, não resiste à oportunidade de dar um sermão a uma mulher. Por isso diz:

– Houve pancadaria entre os jogadores das equipas dos rapazes no ringue de Björnstad. Depois um dos patrocinadores viu o seu carro vandalizado aqui em Hed. E houve ainda o trágico acidente na fábrica, que gerou mais violência, primeiro no parque de estacionamento do hospital, e depois em mais um carro vandalizado em Björnstad. Estou com receio de que isto possa ser apenas o princípio se não fizermos alguma coisa para deitar água na fervura antes que venha por fora.

– E está aqui com a água, presumo? – pergunta a editora-chefe, cética.

Ele suspira exageradamente.

– Chegou-me aos ouvidos que um dos seus repórteres anda a examinar as contas de um dos clubes. O seu pai, ao que sei? Naturalmente, ele é bem conhecido entre nós, que vivemos da política. Uma lenda, quase! Quero que saiba que tenho o máximo respeito pelo direito da imprensa de pedir justificações aos poderosos. De facto, até gostava que os poderosos fossem *mais* colocados em xeque neste distrito, porque, a bem da verdade, há uma ou duas pedras que deviam ser levantadas...

– Quando quiser, pode ir direto ao assunto – interrompe-o a editora-chefe.

– Quero apenas ter a certeza de que não vão dar início a uma caça às bruxas sem necessidade. Espicaçar os sentimentos das pessoas até as levar a fazer alguma coisa violenta. Com certeza que a comunicação social tem aqui um grau de responsabilidade, não acha?

A editora-chefe recosta-se na cadeira. Sentir-se-ia mais confiante se esta conversa tivesse tido lugar alguns dias antes, mas agora parece-lhe ver fantasmas a meio do dia e blusões pretos por todo o lado ao cair da noite, e isso acaba por afetar até a mais corajosa das pessoas.

– Não faço comentários sobre as investigações em que os meus repórteres estão a trabalhar, mas garanto-lhe que, seja o meu pai ou

outra pessoa qualquer, todos serão corretos e justos...

O político quase salta da cadeira, fingindo-se desesperado por estar a ser mal-entendido.

– Claro! Claro! Nem sonharia em sugerir o que podem ou não publicar! Não, nunca! Só estou aqui para ressaltar a importância do... do momento! Numa altura em que há tantas pessoas preocupadas com o que vai acontecer aos seus clubes de hóquei, com certeza que nem vocês nem os proprietários do jornal querem correr o risco de dar a aparência de... de terem tomado partido.

Ela repara que ele dá mais ênfase às palavras «proprietários do jornal», numa ameaça subtil, mas não faz comentários.

– Façamos o que fizermos, alguém achará que estamos a tomar partido. Se escrevemos alguma coisa positiva sobre Hed, recebemos cem telefonemas furiosos de Björnstad, e vice-versa. Mas, tal como eu disse, tudo o que fizermos será correto e justo. E não quero fazer mais comentários sobre quaisquer possíveis investigações, em particular a um político, porque isso seria de certeza visto como tomar partido, não acha?

Richard Theo sorri, satisfeito, como se ainda não tivesse decidido se vão ser os melhores amigos ou os piores inimigos.

– Não é daqui, pois não?

– Não. Como sabe muito bem.

– Já eu cresci em Björnstad. Ninguém diria, pois não? Perdi o sotaque enquanto vivi no estrangeiro. Suponho que, quando voltei, aprendi a ver as situações tanto da perspectiva de um forasteiro como da perspectiva de um nativo. Posso dar-lhe um conselho?

– Conseguirei impedi-lo? – pergunta ela, fingindo-se dura, apesar de ficar um pouco abalada pela severidade da expressão dele quando remata:

– Nenhum de nós deve acreditar que consegue lidar com tudo sozinho. Aqui, vivemos perto da natureza. Na floresta e no lago, precisamos de amigos. Podem acontecer muitas coisas para as quais não estamos preparados. Como ainda agora, com a tempestade...

Ninguém gostaria de ser apanhado sozinho lá fora. Seria insensato, para não dizer perigoso.

Levanta-se antes de ela ter tempo de responder. Estende a mão tão depressa que ela nem tem tempo de pensar em não a apertar.

– Obrigada pela visita! – exclama a editora-chefe bem alto, tentando parecer confiante.

Ele aperta-lhe a mão com firmeza durante muito tempo, antes de indicar com um aceno a página das cartas do jornal que tinha no colo e declarar com um sorriso:

– Isso nunca teria acontecido quando o Peter Andersson era o diretor-geral do Hóquei de Björnstad, tenho a certeza. Ele é um homem honesto. Um homem por quem eu e muitos outros temos grande respeito. *O maior* respeito.

A editora-chefe odeia não conseguir esconder como isso a deixa perplexa, e odeia como ele gosta de o ver nos olhos dela. Estava preparada para que a notícia da investigação ao Hóquei de Björnstad se viesse a saber, mas não faz ideia de como é que Richard Theo descobriu que o alvo era Peter Andersson. Talvez alguém no município tenha reparado nos documentos que o pai requisitou, mas pode igualmente ter sido alguém da redação que deu com a língua nos dentes; todos são repórteres, mas alguns são, acima de tudo, pessoas de Björnstad. Ela nunca compreenderá exatamente como é que tudo e todos estão ligados. Nesse aspeto, infelizmente, Richard Theo tem razão.

É preciso ser-se dali para o compreender.

Cão da equipa

Adri e Benji passam por casa de Sune. Adri quer ir buscar umas camisolas de treino antigas para experimentar na equipa das raparigas. Nunca planeou ser treinadora, mas, ao fim e ao cabo, muito pouca coisa na vida é planeada. Também nunca planeou ser criadora de cães, simplesmente aconteceu porque era boa nisso. O cachorro de Sune veio do canil dela, alguns anos antes, quando ele se reformou; foi Benji que o escolheu para o antigo treinador de hóquei, dizendo: «Aquele. Porque é um desafio.» E era mesmo, por isso agora Adri está a treinar Sune para treinar o cão, e ele está a treiná-la a treinar jogadoras de hóquei com menos de sete anos. Foi de ambos a ideia de criar uma equipa de meninas, e foi assim que encontraram Alicia, quando andaram de porta em porta pela cidade a perguntar se havia alguma que quisesse jogar. E nunca houve ninguém que quisesse jogar hóquei mais do que Alicia. Secretamente, Adri nunca se orgulhou tanto de nada.

– Café? – pergunta Sune, como se houvesse dúvidas.

– Está queimado, como de costume? – pergunta Adri.

– As minhas desculpas, majestade, não sabia que ia ter a visita de gente tão fina; caso contrário, obviamente, teria posto o champanhe a refrescar! – responde Sune.

Adri dá-lhe um abraço, e ela quase nunca abraça ninguém. Ele já não tem família nenhuma, mas tem tantos familiares nesta cidade, hoje em dia, que mal lhe sobra tempo para gritar com todos.

– Viste o jornal? – pergunta ele, indicando o jornal aberto sobre a mesa da cozinha. Ele e Adri devem ser as últimas duas pessoas do planeta que ainda se recusam a ler as notícias em *tablets* e geringonças modernas semelhantes.

– As cartas? Anónimos cobardes, como de costume – responde Adri com desdém.

Sim, claro que viu.

– Como é que costumas dizer? «Lá por serem idiotas, não significa que estejam errados.» – Sune sorri.

Adri sorri também, sem grande vontade. Tudo o que a carta anónima diz é verdade: as discussões intermináveis sobre recursos, pais a tentarem influenciar a seleção de jogadores, treinadores que se expressam como se fossem homens das cavernas. Adri sabe, porque sabe o que toda a gente diz do investimento na equipa das raparigas, embora ninguém ouse fazê-lo à frente dela. Quando ela e Sune criaram a equipa, sabiam que estava fora de questão conseguirem patrocínios para o equipamento delas, e tiveram de lutar contra o resto do clube para conseguirem tempo no gelo, mas, quando chegou a altura de publicitar o Hóquei de Björnstad, de repente convinha a toda a gente ter as raparigas em todas as brochuras reluzentes de publicidade. A hipocrisia agonia-a, mas diz:

– Não gosto da expressão «cultura patriarcal».

Porque há muitos homens como Sune, e as pessoas que escrevem aquelas cartas esquecem-se disso, de quem esteve por detrás da criação de clubes como estes.

– Lá porque se é velho, não significa que não se seja um idiota. – Sune sorri.

A casa está surpreendentemente silenciosa. Adri espreita para o corredor e percebe que é porque o cão está lá fora e Benji já se instalou numa poltrona e adormeceu. As paredes à volta dele estão cobertas de fotografias. As mais antigas, de antigos jogadores de hóquei, tiveram de dar lugar às fotografias de Alicia e do cão. Até há um recorte do jornal local, emoldurado, que noticia o «cão da equipa», depois de ter sido incluído na fotografia oficial da equipa principal.

– Açúcar? – pergunta Sune da cozinha.

– Não – recusa ela.

– Soubeste que o carro do Janota foi vandalizado em Hed?

– Sim. E também da luta no ringue. Jogadores dos juvenis. Não sei

o que esperavam ao deixarem as equipas de Hed treinar aqui.

– Também houve chatices na fábrica, depois daquele acidente.

– Sim. Sim.

– E os miúdos de treze anos de Hed jogam com os de Björnstad amanhã.

– Já soube.

A seguir, Sune fala como se tal só então lhe ocorresse, mas Adri conhece-o bem o suficiente para saber que era ali que pretendia chegar com a conversa.

– Ouvi dizer que os tipos do Teemu são capazes de aparecer. As coisas estão tensas entre eles e os de Hed, depois de tudo o que aconteceu.

Adri ergue as sobranceiras por cima da chávena de café.

– Esses idiotas estão mesmo a pensar em levar a guerra para um jogo entre miúdos de treze anos?

Sune encolhe os ombros com resignação.

– É o mesmo de sempre, suponho: os jovens e os seus territórios. Oh, talvez eu esteja apenas a ser um velho ansioso. Mas queria mencionar o assunto, no caso de conseguires meter algum juízo na cabeça de alguns deles. Ou no caso de queres... manter alguém afastado dali.

Adri acena com firmeza. Conhece Teemu Rinnius desde que eram pequenos e sabe que ninguém consegue meter-lhe juízo na cabeça. Mas não é a ele que Sune se refere. Ele quer que ela se certifique de que Benji não é apanhado no meio da confusão. Porque tem tendência para isso, aquele asno.

*

– *Bang.*

*

– *Bang?*

*

– *Bang? Bang?*

*

Sune sempre escreveu tudo. Durante muitos anos, o que escrevia tinha maioritariamente a ver com hóquei, claro: frases curtas misturadas com círculos e triângulos e linhas a apontar para um lado e para outro. Só depois de envelhecer é que começou a escrever outras coisas. O que sente e como se sente. Começou por aspetos físicos, porque o médico lhe pediu que fizesse um diário das suas dores e indisposições, mas as palavras cresceram para dentro. Recentemente, tem andado a escrever muito sobre morte. Chegou àquela idade em que isso se torna inevitável; não é como na juventude, em que se pode negá-la, ou na meia-idade, em que a reprimimos. Sune escreve sobretudo listas. Instruções de como as coisas funcionam lá em casa, quais as janelas que emperram quando está mau tempo e quais as tomadas que é melhor evitar se não se quiser uma experiência inesquecível. Qual o lado do quintal que fica alagado na primavera e quais as plantas do terraço que foram mudadas de vaso, e quando. E o cão, claro. Sune tem um caderno inteiro cheio com o seu historial veterinário, as suas marcas preferidas de paté de fígado e instruções muito claras para o que se deve fazer com ele no dia em que Sune morrer. Tentou dá-lo a Adri há pouco tempo, mas ela perdeu a cabeça. «Não vais morrer, meu velho jarreta!», rugiu ela, e recusou-se a perder um único segundo que fosse com o assunto.

Foi uma declaração de amor, a maior de que ela é capaz.

*

– *Bang?*

*

Sune nunca tentou escrever sobre amor. Talvez devesse tê-lo feito. Qualquer coisa sobre como se pode sentir tanto amor mesmo sem nunca se ter casado nem tido filhos. Que muito do amor que viveu foi sem palavras, oferecido e retribuído sem uma única palavra a reconhecê-lo. O hóquei não fala, claro está, simplesmente existe. Os cães também não falam. Só amam.

*

– *Bang?*

*

O raio do animal. Impossível de controlar e de aturar, selvagem e doido, nunca lhe dá um momento de sossego, e não há nada por que Sune seja mais grato do que isso. Não estava nada preparado para o amor que ia sentir pelo seu cão. É assim que o trata – «o meu cão» –, embora toda a base daquilo que sente quando o animal olha para ele seja precisamente o oposto: é Sune que pertence ao animal. Ele é o humano do cão. O cão confia tanto nele que, às vezes, é de mais para Sune, porque não sabe se consegue lidar com tamanha responsabilidade, com o facto de precisarem tanto dele. De ser tão amado. Por mais manhãs que seja acordado por aquelas patas ansiosas na beira da cama e por aquela língua áspera no rosto, ainda fica chocado ao se dar conta de como o cão o aceitou. Os cães são como o hóquei, uma nova oportunidade todas as manhãs, um constante recomeço.

«Que nome lhe vais dar?», perguntou Adri da primeira vez que ele pegou no cachorro, e Sune refletiu durante muito tempo. Não tinha

pensado nisso. De súbito, pareceu-lhe uma responsabilidade imensa, e o cachorrinho também não podia propriamente dizer-lhe o que achava. Assim, por fim, Sune não escolheu um nome, porque todos os seus amores tinham sido sem palavras. Escolheu um som. O som de que mais gosta. O som que ouviu no rinque a vida toda, e que ouve agora todas as tardes contra a parede de casa. O som que lhe mostra que ainda há vida, que ele ainda aqui está, que ainda faz falta.

«*Bang*», respondeu. «Se calhar vou chamar-lhe *Bang*.»

*

– *Bang*?

*

Dá a volta à casa a chamá-lo agora, ofegante e com uma mão no peito. Ultimamente sente-se sempre como se estivesse com indigestão. Mas o cão não aparece. Passado algum tempo, Adri pressente que se passa alguma coisa e sai de casa atrás de Sune, a chamar também pelo cão, tão alto que Benji acorda e sai a correr. *Bang* pode ser uma criatura teimosa, mas está na hora de comer e o comilão do bicho nunca perde uma refeição.

*

– *BANG? BANG? BANG?*

*

Está enfiado no meio dos arbustos, atrás da sua árvore preferida. Parece dormir. Mas as suas orelhinhas não reagem quando Sune pisa a relva, as patinhas não se mexem, o coraçãozinho não bate. Não lhe rói os chinelos. Não ladra para Sune o poder mandar calar. Não lhe lambe

a cara. Já cá não está.

Lágrimas

O veterinário senta-se em silêncio ao lado de Sune, à mesa da cozinha, durante mais de uma hora. Adri lava cada prato e copo que existem na casa apesar de não ser preciso, só para manter as mãos ocupadas e não partir tudo o que vê. Benji sai para a floresta de olhar ensombrado e regressa com os nós dos dedos ensanguentados e uma pedra de tamanho suficiente para uma pequena sepultura. Um dos vizinhos vai buscar ferramentas para gravar o nome e as datas do cão. Por baixo, Sune pede-lhe que escreva a única mensagem que consegue dizer:

Vai correndo à frente.

Adri e Benji estão à espera no recreio quando Alicia sai da escola. Ela chora durante horas, tanto que não é possível alguém acreditar haver aquela quantidade de lágrimas dentro daquele corpinho; chora até a luz do dia desaparecer e estar sentada enroscada junto da árvore de *Bang*, às escuras, recusando-se a sair dali, digam o que disserem. Chora até ficar deitada, exausta, na neve, e Benji ter de ir lá fora buscá-la antes que morra congelada. Ele sabe como a morte é para uma criança, sabe como é estar assoberbado pelo vazio, portanto não tenta consolá-la. Não faz qualquer promessa sobre o Céu nem lhe conta nenhuma mentira sobre o Paraíso. Faz apenas a única coisa que pode fazer para ajudar. Põe-lhe um *stick* na mão e murmura:

– Anda lá. Vamos jogar.

Chegam ao rink de gelo a meio da noite. Adri ligara antes, para o vigilante lhes deixar uma janela aberta por onde eles possam entrar. Benji e Alicia jogam até mal conseguirem respirar. Depois deitam-se de costas no círculo central, por cima da imagem pintada do urso, e a menina, que tem quase sete anos, pergunta ao rapaz que mal fez os

vinte:

- Odeias Deus?
- Sim – responde Benji, com franqueza.
- Eu também – murmura ela.

Benji pondera sobre a irresponsabilidade que seria dizer à menina que vai ser muito mais fácil lidar com esses sentimentos quando ela tiver idade para fumar uma boa ganza, mas imagina que Adri lhe partiria todos os dedos muito devagarinho se o fizesse, portanto refreia-se. Diz antes:

– Vai doer como o raio, durante muito tempo, Alicia. Alguns adultos dir-te-ão que o tempo cura todas as feridas, mas a porra é que cura. Merda, nós é que vamos ficando mais resistentes! E por isso custa-nos um cagagésimo menos.

– Dizes muitas asneiras – comenta ela com um sorriso, e é a primeira vez, em todo o dia, que os cantos da sua boca se movem nessa direção.

– Merda, não digo nada, porra! – responde ele com um sorriso malicioso.

Ela ri-se tanto que o som ecoa pelo rinque, e então ainda há esperança de vida. Ficam deitados no gelo – Benji conta-lhe que Adri tem uma cadela no canil que acabou de ter cachorrinhos, mas, em vez de oferecer um a Alicia, pergunta-lhe apenas que nomes acha que devem dar-lhes. Assim, em vez de ficar furiosa e berrar que não quer mais cão nenhum a não ser *Bang*, ela começa a pensar. Arranjam uma centena de nomes, cada vez mais disparatados, perdidos de riso ao ponto de mal conseguirem respirar. Os últimos cinquenta nomes têm todos alguma coisa a ver com «merda», e o preferido de Alicia é «Sanduíche de Merda», porque é ao mesmo tempo a coisa mais nojenta e mais engraçada que já ouviu. Benji mal pode esperar pelo raspanete que vai ouvir de Adri quando a miúda gritar aquilo no próximo treino.

– Ficavas assustado quando jogavas? – pergunta Alicia passado algum tempo.

– Sempre – admite Benji.

– Às vezes, fico tão nervosa que vomito – confessa ela.

Ele estica cuidadosamente a grande mão sobre o urso pintado no gelo e pega na pequena mão dela.

– Queres que te ensine um truque? Quando eu era pequeno, costumava deitar-me assim como estamos agora. Entrava pela janela, na noite antes dos jogos... mas não podes dizer nada ao vigilante!

Alicia acena e promete.

– E depois? – pergunta.

– Depois deitava-me aqui a olhar para o telhado e pensava: «Agora estou sozinho no mundo.» Memorizava o silêncio. Porque nunca tenho medo quando estou sozinho, só quando estou no meio de pessoas.

– Eu também.

Benji odeia que aquela criança conheça perfeitamente essa sensação. É demasiado pequena para isso. Mas diz-lhe as coisas como elas são.

– Ninguém nos pode fazer mal quando estamos sozinhos.

Ela aperta-lhe um pouco mais os dedos, com o urso debaixo deles, a eternidade por cima. Num fio de voz, pergunta-lhe, exausta:

– E depois?

Ele responde lentamente:

– Depois, quando estava a jogar uma partida e ficava nervoso, olhava para o teto e imaginava que estava outra vez sozinho no rinque. E ficava tudo muito silencioso dentro da minha cabeça. De súbito, conseguia deixar de ouvir todos os outros sons. Sentia-me completamente sozinho e nada era perigoso. Estava tudo bem.

Alicia fica ali deitada sem falar durante alguns minutos. Tem tantas mágoas em tantos sítios diferentes dentro de si; mas ali, naquele momento, não sente nada, porque Benji está deitado ao seu lado e é outono, e uma nova época de hóquei está prestes a começar e ainda pode correr tudo bem. O telhado por cima dela parece não ter fim e nada é perigoso. Só quando sente os dedos dela relaxarem nos seus é que Benji se dá conta de que a menina adormeceu. Leva-a ao

colo até casa de Sune. Deita-a no sofá e adormece no chão ao lado dela.

Na manhã seguinte, Adri diz-lhe que encontraram veneno para ratos envolto em paté de fígado espalhado pelo quintal de Sune. Em mais lado nenhum da vizinhança, só ali. Nenhum dos irmãos Ovich consegue pôr em palavras os seus pensamentos mais sombrios, mas não precisam de princípios filosóficos, precisam apenas de instinto para saberem que a explicação mais simples é, regra geral, a verdade: os apoiantes de Björnstad e de Hed entraram em guerra, tudo é vingança da vingança anterior, e toda a gente sabe que *Bang* era a mascote do clube verde. O retrato dele até apareceu no jornal, com a legenda «o cão da equipa». Se alguém quisesse realmente ferir Björnstad, e fosse demasiado cobarde para atacar um ser humano, era assim que o faria.

A voz de Benji não é agitada nem ameaçadora, o que diz é meramente uma afirmação factual.

– Vou matá-los. Do primeiro ao último.

Noutras ocasiões, Adri protestaria, mas não agora. Quando os irmãos Ovich entram no carro para regressar a casa, Sune fica de pé do outro lado da janela da cozinha e pensa que alguém acabou de transformar aqueles dois em inimigos mortais, e seria difícil pensar numa decisão mais perigosa a tomar nesta floresta.

Sente algo mexer-se junto da perna das calças e quase se baixa para fazer uma festa na cabeça de *Bang* antes de uma vaga de perda e desespero se abater sobre ele e quase desatar a chorar. Depois Alicia puxa-lhe outra vez as calças e enfia a pequena mão na sua grande mão e pede:

– Podes dar-me pão com compota?

Claro que pode.

Todo o que ela quiser.

Quando o Murmúrio deixa a campa de Ruth no cemitério de Björnstad, na terça-feira à noite, apanha o autocarro para Hed como se nada tivesse acontecido. Matteo fica onde está, escondido na escuridão, a desejar poder fingir o mesmo. Gostava desesperadamente de ser capaz de matar o Murmúrio com as próprias mãos, mas Matteo tem apenas catorze anos e o Murmúrio é um homem. Não teria a menor hipótese. Em retrospectiva, diremos que rapazes como ele cometem crimes porque querem sentir-se poderosos, mas não é verdade. Ele quer apenas deixar de se sentir impotente.

Começa a pedalar pela cidade, em direção a casa, mas os pneus derrapam na neve e cai várias vezes. A corrente salta de novo e ele corta-se quando a tenta encaixar. O sangue escorre-lhe pelas costas da mão, mas está tão molhado e tem tanto frio que, ao início, nem se dá conta. Choraminga com fúria e frustração, mas de que adianta? Arrasta a bicicleta até casa, tão cansado, que nem sequer repara no caminho. Quando chega à fileira de casas mais à frente ouve um velho chamar pelo cão. Saíram para o seu passeio ao final do dia, habituados a terem as ruas só para si; Matteo não se dá ao trabalho de tentar esconder-se, mas mesmo assim não reparam nele.

– *Bang!* Anda cá! Isso mesmo, anda cá! Lindo menino! Vamos lá para casa e eu dou-te um bocadinho de paté de fígado! – declara o velho alegremente.

Matteo sabe quem ele é. Chama-se Sune e era o treinador da equipa principal de Björnstad. E também sabe quem é o cão, apareceu no jornal, e toda a gente em Björnstad o adora.

Matteo não se sente poderoso, só quer deixar de se sentir impotente, por um instante que seja. Pensa no blusão verde que o Murmúrio envergava no cemitério. Sune tem um igual. Queria poder tirar-lhes alguma coisa, para que saibam qual é a sensação. Porque

tem a certeza de que lamentariam mais a morte do cão do que alguma vez lamentaram a de Ruth. Na Cidade do Urso, as raparigas valem menos do que animais.

Matteo arrasta a bicicleta até casa e esgueira-se para a casa vizinha, a do casal idoso. Pensa em tentar abrir novamente o armário das armas, mas põe a ideia de lado e entra antes na despensa deles. Não sabe o que procura até ver os sinais de aviso em duas pequenas caixas numa prateleira de cima.

É já madrugada de quarta-feira quando regressa à fila de casas e identifica o quintal de Sune. No caminho de regresso, passa por Alicia, que bate à porta de Sune e o acorda porque quer tomar o pequeno-almoço. Vão à loja e, quando voltam, ela abraça *Bang* com o corpo todo e solta-o da trela no quintal, e é a última vez que o vê.

A manhã de quinta-feira chega a Björnstad e a Hed e toda a gente acorda zangada. Faz exatamente uma semana desde a tempestade, mas parecem ter sido meses. Passaram dois anos desde o último surto de violência entre as cidades, que acabou com uma morte, mas dentro em breve já nem isso poderemos dizer. Como habitualmente, teremos muito desculpas: consideraremos que o conflito entre as cidades é complicado e que nada é preto no branco em situações como esta. Suspiraremos de forma condescendente e explicaremos que o ódio entre duas comunidades e dois clubes de hóquei não é nada de novo, que remonta a gerações atrás. Diremos que não é por causa do hóquei, mas de diferenças culturais, de tradições, diferenças na forma como as duas cidades funcionaram desde o início. Falaremos sobre as prioridades do município e sobre recursos financeiros, e discutiremos que indústrias podiam realmente sustentar o distrito. Mencionaremos empregos e o modo como as autoridades não compreendem que a única coisa que as pessoas vulgares querem realmente, em sítios como estes, é que as deixem em paz. Querem autogovernar-se, viver em liberdade, caçar nas suas florestas, pescar nos seus lagos, e guardar para si aquilo que produzem em vez de o despacharem para sul. Faremos relatos meticulosos de quantas disputas locais são efetivamente o resultado de decisões políticas tomadas nas cidades grandes, por pessoas que nunca puseram os pés no distrito. Em Björnstad, dir-se-á que aqueles filhos da mãe no outro extremo da estrada principal têm inveja. Em Hed, que aqueles filhos da mãe do outro lado das árvores são uns hipócritas presumidos que se consideram melhores do que os outros. Alguém mencionará a luta entre os rapazes no ringue, outra pessoa falará de carros vandalizados em Hed, depois virá à baila o acidente da fábrica, e nessa altura até as vozes mais ponderadas se erguerão para além dos limites da razão.

Aquilo que começa como uma discussão sobre ambiente de trabalho e segurança na fábrica depressa descambará em *slogans* políticos e, quando um lado se afirmar vítima de discriminação, o outro lado bradará: «Então não venham trabalhar para cá! Vão roubar empregos no raio da vossa cidade!» Toda a gente conhece alguém que conhece alguém que conhece a jovem que foi apanhada pela maquinaria, ou a jovem a quem esse turno pertencia originalmente e que está de licença de maternidade. Toda a gente conhece ou os irmãos que bateram nos outros rapazes no parque de estacionamento do hospital ou os rapazes que foram agredidos. Toda a gente em Hed já conheceu um cabrão de Björnstad num casamento ou num jogo de hóquei qualquer, e toda a gente em Björnstad já conheceu um filho da mãe de Hed num rinque de gelo ou no trabalho. Todas as piores coisas que acreditamos em relação aos outros podem sempre provar-se com uma história que ouvimos de alguém que a ouviu de alguém.

Diremos que isto tem raízes históricas. Profundas causas culturais. Que o antagonismo tem sido passado de geração em geração. Que quem não é daqui não consegue compreender. Concordaremos que é complicado, oh, tão complicado, mas é claro que, na realidade, não é. Porque, se Ramona aqui estivesse, diria o seguinte: «Não é nada complicado, raios vos partam! É só pararem de se matar uns aos outros, seus energúmenos!»

*

A questão é que já não sabemos como parar.

*

«Mas era só um cão.»

*

É evidente que ninguém o diz diretamente, mas Sune tem a sensação de que é o que os vizinhos estão a pensar. Todos os dias a vida continua lá fora enquanto ele está sentado na cozinha, feito em mil cacos. Quando vai buscar o correio, alguém passa e diz: «Lamento a sua perda», mas não é disso que ele quer que tenham pena. Quer que tenham pena dele, que agora terá de viver o resto da sua vida sem aquele monstinho desobediente e malcomportado. Sem patas na beira da cama e marcas de dentes nos pulsos. Como é que isso funcionará? Quem é que vai comer todo o paté de fígado que tem no frigorífico? Recebe algumas mensagens e telefonemas da direção do clube de hóquei e de um ou dois treinadores das equipas de juvenis, todos muito pesarosos, mas não tanto como se tivesse sido uma pessoa. Estão tristes por Sune estar triste, claro, mas não compreendem realmente a perda que ele sofreu. Porque era só um cão. É tão difícil explicar que é muito mais do que um animal para quem é o humano desse animal. Talvez seja necessária mais empatia do que a maioria das pessoas possui. Ou mais imaginação.

Por esse motivo, é ao mesmo tempo inesperado mas também totalmente lógico que, quando a campainha da porta toca e está alguém do outro lado com lágrimas nos olhos, essa pessoa seja Teemu. Atrás dele, uma dúzia de homens de blusões pretos. Entregam-lhe uma enorme coroa de flores, como as que se põem nos caixões em funerais, e Teemu diz:

– Os rapazes querem dar-lhe os pêames. Podemos fazer alguma coisa para ajudar?

– É muito amável da vossa parte. Mas era só um cão.

Teemu dá-lhe uma forte palmada no ombro.

– Nunca é só um cão. É família. Toda a gente sabe como você gostava dele. E nós também gostávamos. Raios, era o cão da equipa de Björnstad...

Um dos homens atrás dele, com tatuagens no pescoço e nas mãos e provavelmente na maior parte da pele entre uma coisa e outra, acrescenta com um tremor na voz:

– Sei que não o conhecia muito bem, mas vou mesmo sentir a falta dele. Fazia parte do clube!

Sune fica ali parado com a coroa de flores nas mãos e a perda a molhar-lhe as faces, sem saber o que dizer. Mas se há alguém capaz de compreender o amor desenfreado e irracional que se pode ter por um animal, provavelmente são os homens que toda a vida foram acusados de amarem algo com mais intensidade do que deviam: «Mas é só hóquei.»

A Matilha sente rigorosamente tudo, rigorosamente sempre. Eles sabem que a magnitude da dor não se mede por aquilo que perdemos, mas por quem somos. Têm imaginação. Tanta imaginação, na verdade, que lhes basta a perspectiva de perder algo sem o qual não podem viver para se tornarem letais.

– Café – diz Sune, sem ponto de interrogação, e convida-os a entrar.

Os blusões pretos seguem-no e bebem café. Um dos homens repara que a torneira da casa de banho está a pingar, por isso arranja-a. Outro lava as canecas. Quando se preparam para sair, Teemu deixa um envelope com dinheiro na bancada da cozinha.

– Não é muito... – diz em voz baixa.

– Guarda o teu dinheiro, eu... – começa Sune, mas Teemu levanta a mão.

– Não é para si. Para a Alicia. Sabemos que o cão também era dela. Antes de ele sair, Sune diz:

– Teemu... não nos conhecemos muito bem, nós os dois, e sei que estão zangados... acreditem, eu próprio estou fora de mim... mas não se vinguem por causa do cão, está bem? Ele não gostava nada de ver pessoas à bulha. E eu não quero que a Alicia goste.

– Vingança? Contra quem? – pergunta Teemu, como quem não está mesmo a perceber.

É nesse momento que Sune fica a saber, com certeza absoluta, que alguém em Hed vai pagar bem caro por isto.

No canil, Benji e Adri Ovich dão comida aos cães, depois comem eles em silêncio, em pé, encostados à bancada da cozinha. A seguir, treinam com os pesos durante o resto do dia, no ginásio que Adri montou no celeiro. Benji está mais fraco do que outrora, nota a irmã mais velha, mas repara também noutras coisas: quando chegou a casa das suas viagens tinha os olhos mais luminosos, como se tivessem aclarado sob o sol em praias de areia, mas agora ensombraram-se de novo. Ele parece mais duro, também. Antes de terem ido buscar Alicia à escola para lhe contar o que acontecera ao seu adorado cão, Benji moveu-se pela casa de uma forma que fez lembrar à irmã um pássaro ferido. Hoje, move-se como um urso ferido. Ontem estava vulnerável, hoje, explosivo.

Peter passa a manhã a fazer pão e na esperança de ouvir o telefone. Verifica-o de cinco em cinco minutos para se certificar de que a bateria não morreu, mas o aparelho permanece obstinadamente silencioso. Kira nem sequer parece ter reparado que ele não está no escritório. Por aqui se vê a importância que ele tem para a firma. Está a ter alguma dificuldade em encontrar as palavras certas para exprimir como isso o faz sentir. Magoado? Zangado? Inútil?

Faz tanto pão, tanto pão, que, quando termina, a bancada da cozinha está coberta. Depois pega no seu blusão verde e dirige-se para o ringue de gelo. Mais vale, já que mais ninguém precisa dele. As equipas de juvenis vão disputar uma partida e Peter acha que os treze anos são, sem dúvida, a idade em que o hóquei é mais divertido. Nessa idade, é só talento em bruto e potencial. Todos os sonhos permanecem intactos.

É cedo quando chega ao ringue e não estão muitas pessoas ainda, apenas alguns tipos mais velhos a deambular por ali. Levantam a cabeça quando ele entra e dizem:

– Olá, Peter! Ouvimos falar do novo jogador... Aleksandr? É assim que se chama? Presta para alguma coisa?

Peter sorri.

– Chamamos-lhe «Capital». E sim, é bom. Vão ver.

Os velhotes gostam da resposta, claro.

– «Capital»? Bom, é fácil de recordar. E o Amat está de volta? Farão um bom par?

Peter acena alegremente.

– A Zackell sabe o que faz.

Por momentos é quase como se tivessem regressado aos bons velhos tempos. Os velhotes dão-lhe palmadas nas costas e declaram:

– Não sejas tão humilde, Peter, toda a gente sabe que foste com a

Zackell recrutar o tipo novo! E, se o Amat voltou, de certeza que também tiveste alguma coisa a ver com isso! Toda a gente te quer de novo como diretor-geral, espero que saibas, assim que te fartares de fazer café para a tua mulher ou lá o que é que fazes nessa firma de advogados em Hed...

Peter esforça-se por rir e fingir que achou graça à piada. Esforça-se mesmo.

Quando se senta na bancada, o vigilante vem sentar-se ao seu lado. Só então é que Peter fica a saber o que aconteceu ao cão de Sune, e que os blusões pretos vêm a caminho para assistir ao jogo.

– Se calhar é melhor estarmos preparados para sarilhos – murmura o vigilante, ansioso, e é mesmo como se tivessem voltado aos bons velhos tempos.

Demasiado, até.

*

Kira e a colega estão sentadas no escritório, entre pilhas periclitantes de pastas abertas em cima de pastas abertas.

– Que achas? – pergunta Kira, exausta.

– Acho que funciona a nosso favor o facto de isto ser tão complicado que nenhuma pessoa normal conseguirá compreender que raio é que o Peter fez de errado – responde a colega numa tentativa de ser positiva, o que não resulta muito bem porque Kira compreende exatamente o que Peter fez.

– Fechar os olhos à prática de um crime é tão mau como cometê-lo – lembra.

A colega tem razão: muito do que o clube fez pode ser reduzido a bagatelas legais por um bom advogado, e é por isso que Kira está tão zangada com Peter por ter assinado aqueles documentos relativos às instalações de treino. São como impressões digitais na arma do crime. Porque há uma coisa que toda a gente compreenderá: não se pode roubar milhões do dinheiro dos contribuintes, vender ar e deixar o

município comprar um edifício que não existe. Isso é simultaneamente imoral e criminoso.

– Já falaste com o Peter sobre tudo isto? – pergunta-lhe a colega.

Kira abana a cabeça.

– Não. Ele dirá apenas que não percebeu o que estava a assinar. E eu acreditarei. Eu... optarei por acreditar nele.

A colega sorri debilmente.

– Eu também. Ele pode ser um bocado parvo, o teu marido, mas não é assim tão estúpido.

Kira suspira.

– Estupidez é não ler as coisas antes de as assinarmos. Não te parece? Não sei se posso alegar que ele não cometeu um crime com a justificação de ser assim tão ingénuo...

A colega acena lentamente com a cabeça.

– Queres saber o que eu acho? Acho que o jornal não se atreverá a publicar isto. As pessoas perderiam a cabeça, veriam o Peter como uma espécie de mártir... e, se publicarem, talvez não precisem de um bode expiatório. Talvez concentrem todas as críticas na direção e nos políticos e não numa pessoa específica...

Sem querer saber a resposta, Kira pergunta:

– E se precisarem de um bode expiatório?

A colega parece infeliz.

– Nesse caso, o Peter seria perfeito. Absolutamente perfeito.

Kira tenta responder, mas tem um soluço entalado na garganta. Espera que o Janota arranje maneira de salvar o Hóquei de Hed, que consiga encontrar aliados suficientes para travar o jornal local, e espera que tudo isso seja suficiente para ocultar o que Peter fez. Porque nem mesmo ela, provavelmente, conseguirá enterrar isto.

*

Uma equipa de miúdos muito novos treina no gelo. O vigilante tem de ir substituir umas lâmpadas e verificar as janelas e saídas de

emergência antes do jogo da equipa dos treze anos e Peter vai ajudá-lo. Quando era o diretor-geral, orgulhava-se não só de saber tudo sobre a equipa mas também sobre o pavilhão: o que precisava de manutenção ou de óleo, de ser substituído ou reparado. Num pequeno clube de hóquei, ninguém tem apenas um emprego, toda a gente tem pelo menos três.

– Raios... – enerva-se Peter quando vai despir o blusão e o fecho se parte.

– Foi o blusão que encolheu ou a barriga que aumentou? – pergunta o vigilante com um sorriso.

– Um bocadinho das duas coisas – admite Peter.

– Tenho um alicate no armazém. Eu arranjo-te esse fecho. Não podes andar assim, rapaz – resmunga o vigilante, porque, mesmo que Peter tivesse oitenta anos, será sempre um «rapaz» para aquele homem.

Quando chegam ao armazém, encontram Amat à porta, de patins na mão. Parece ficar extremamente constrangido ao pôr os olhos em Peter, e tal é a sua atrapalhação que deixa cair um patim.

– Precisam de ser afiados? – pergunta o vigilante, com aquela voz alegre especial que reserva para os seus jogadores preferidos.

– Só se... se tiver tempo... não é preciso... – consegue Amat dizer. Havia tanto que queria dizer a Peter, quando lhe foi bater à porta no outro dia, mas não teve essa oportunidade e foi como se as palavras ganhassem raízes dentro dele.

– Primeiro tenho só de arranjar o fecho de um blusão – informa o vigilante.

Mas Peter baixa-se, apanha o patim e oferece-se:

– Eu posso afiá-los, Amat. Anda lá, diz-me como é que os queres.

Os três homens de diferentes gerações sentam-se lado a lado entre as fagulhas e o barulho da roda de amolar, a discutir a inclinação da lâmina. O vigilante recorda-lhes que os patins não precisam de estar tão afiados agora que Amat ganhou dez quilos, e Peter pisca o olho a Amat e diz:

– Ele finge que é esperto, mas a verdade é que não sabe mudar as definições da máquina, porque afia todos os patins que lhe aparecem exatamente da mesma maneira há cem anos.

– Tu até podias ter os patins embotados, de qualquer maneira nunca patinaste mais do que cinco metros em jogo nenhum... – responde o vigilante, e vai à procura de um alicate melhor.

Peter e Amat ficam sozinhos e, por cima do barulho da máquina, Peter pergunta:

– Vais ficar para ver o jogo dos treze anos? Parece que ainda ontem eras dessa idade. Bom, quer dizer, sei que já foi há muito tempo, mas às vezes não parece...

Amat está de olhos postos nos patins.

– Percebo-o. Às vezes também me sinto assim.

Peter passa o dedo ao de leve pelas lâminas dos patins.

– É por isso que toda a cidade gosta de ver os jogos dos miúdos. Nessa idade, não há mais nada a não ser esperança.

Com a voz embargada, Amat responde:

– Devia ter-lhe dado ouvidos quando falou comigo na primavera.

Peter abana a cabeça com bonomia.

– Não, não, tinhas razão. És um homem feito. Eu não tinha o direito de te dar sermões sobre o que devias ou não fazer...

– Se lhe tivesse dado ouvidos, podia estar a jogar na NHL neste momento – declara Amat, com esforço.

Peter vira-se para ele e obriga-o a fazer contacto visual.

– Jogarás na NHL um dia. Não graças a mim, ou seja a quem for, mas porque és um raio de um jogador de hóquei fora de série.

Entrega-lhe os patins. Amat pega-lhes e diz, de cabeça baixa:

– É graças a si que estou onde estou.

– Deixa-te disso. Tens um talento divino, e foi isso que... – protesta Peter, mas Amat interrompe-o, em voz calma mas firme.

– O talento não chega. Pelo menos para mim, não seria suficiente. É preciso ter também alguém que acredite em nós. E não falo apenas de mim... O Peter fez o mesmo pelo Benji e pelo Bobo, e agora está a

fazê-lo pelo Aleksandr... Não somos seus filhos, mas sempre nos fez sentir como se fôssemos. Sempre acreditou em nós mais do que nós próprios.

O vigilante volta a entrar. A porta fecha-se. A máquina guincha. Amat faz um aceno de cabeça atrapalhado, murmura «obrigado» e sai. Peter fica ali parado, sem coragem de vestir o blusão porque decerto agora não lhe servirá no peito. O vigilante lança-lhe um olhar irritado e resmunga:

– Vais ficar aí parado? É porque tenho vinte pares de patins para afiar...

Assim, Peter fica várias horas. Há muito tempo que não se sentia tão útil.

*

As bancadas do rink já começaram a encher-se quando Amat sai do armazém. A multidão deixa-o nervoso, por isso não fica para assistir ao jogo. No parque de estacionamento, vê o Murmúrio, com o saco de equipamento ao ombro e a mesma expressão tensa ao enfrentar a multidão. Recomeçou a nevar.

– Murmúrio! Queres ir jogar para qualquer lado? Podemos ir ver se o lago já congelou – sugere Amat, e é claro que o Murmúrio concorda com um aceno mudo.

*

Matteo está entre as árvores, a pouca distância, e vê-os afastarem-se.

Provocações

É quinta-feira à tarde e a casa em Hed vibra com os passos que sobem e descem as escadas, que rangem. Ted está a preparar o saco porque hoje tem jogo contra a equipa dos treze anos de Björnstad. Tobias continua suspenso da equipa e assim, para variar, pode ir ver o jogo de Ted, o que não tem sido possível nos últimos anos pois é comum as suas equipas jogarem ao mesmo tempo. Tess foi deixar Ture com os vizinhos. É óbvio que Ture está furioso com isso, mas, embora ainda ninguém saiba exatamente a gravidade que as coisas atingirão hoje, nessa manhã Johnny sentiu instintivamente que o filho mais novo não devia ir com eles ao rinque. Johnny e Hannah estão ambos a tentar conter as emoções o melhor que podem, com diferentes graus de sucesso. O acidente na fábrica afetou-os bastante, mas ainda mal tiveram tempo para falar como deve ser um com o outro sobre o assunto; talvez estejam até a evitá-lo. Johnny ajudou a desencarcerar a jovem da máquina e Hannah cuidou dela no hospital. Agora Hannah está emotiva e Johnny, sensível. Ela expressa os seus sentimentos, ele engole-os. Ela liberta o vapor, ele está a pontos de explodir.

– Vou arrumar as coisas na carrinha – diz ele, embora não haja coisas nenhuma para arrumar. Simplesmente senta-se atrás do volante com Springsteen a tocar baixinho.

Hannah deixa-o ir e dirige-se para o quarto de Ted. O filho já tem a camisola vermelha de treino vestida e, como de costume, está pronto para sair antes de todos os outros. Ao contrário de Tobias, o irmão mais velho, que, como de costume, acabou de acordar e anda à procura de um par de meias que combinem. Hannah ajuda-o e murmura distraidamente:

– Estas meias são tuas? Parecem as do teu pai! Os teus pés já são deste tamanho? Ainda ontem tinha de ser eu a atar-te os atacadores

quando ias patinar...

– Mãe, há uns dez anos que não nos atas os atacadores – lembram Tobias e Ted com sorrisos idênticos.

– Nem pensar, foi há cinco minutos! A semana passada, no máximo! – responde a mãe em tom de desafio.

Não foram vocês que cresceram, o resto do meu mundo é que encolheu à vossa volta, pensa ela, abraçando os rapazes. Agora só tem um filho que ainda precisa de ajuda com os atacadores, e mesmo Ture já raramente a deixa fazer isso. É algo terrível de perder, porque aquele momento em que um dos filhos entra no gelo, dá o primeiro passo durante o treino ou um jogo, foi, ao longo das vidas deles, um dos poucos momentos em que ela se sentiu uma boa mãe. Uma mãe que sabe o que se passa. Apenas por um momento. Agora eles fazem tudo sozinhos, tal como ela sempre quis quando eram pequenos e chatos, e gostava de poder voltar atrás porque agora são grandes e independentes.

Ted e Tobias discutem sobre a música que querem ouvir o caminho todo até Björnstad. Tess põe Springsteen só para os aborrecer, mas é claro que Johnny pensa que é por ele e sorri, cheio de si, até saírem da floresta e verem a fila de trânsito em direção ao pavilhão.

– Tanta gente! Que se passa? – pergunta Tobias.

– Esta gente veio toda ver o *nosso* jogo? – indaga Ted, atónito.

Johnny e Hannah ficam em silêncio e estudam o parque de estacionamento repleto. Aqui e ali, veem-se pequenos grupos de homens de blusões pretos; não é habitual irem aos jogos dos miúdos de treze anos, mas hoje as coisas são diferentes. A violência que aí vem torna-se uma profecia que se cumpre por si mesma. A Matilha ouviu boatos de que vêm homens de Hed para provocar um confronto, e por isso pensam que têm de proteger os seus rapazes em Björnstad, e os homens de Hed, por sua vez, pensam que, assim sendo, têm de ir para proteger também os seus rapazes. E não é preciso qualquer provocação. Este ódio desenvolve-se como se tivesse vontade própria.

Isto não pode acabar bem, pensa Hannah, mas o que diz é:

– Será fantástico ter uma atmosfera destas no jogo, não acham? Vê só, tantas pessoas de Hed! É quase como um jogo em casa!

– E é *mesmo* um jogo em casa – resmunga Johnny, infeliz.

Devia ser, pelo menos. Devia ter sido jogado no pavilhão de Hed nesse fim de semana se o telhado não tivesse abatido. Assim, foi transferido para aqui e decorrerá a uma quinta-feira, porque não havia outro horário disponível, e alguém em Björnstad fez obviamente questão de colocar o nome de Björnstad primeiro na lista de partidas afixada à entrada. Como se fosse um jogo em casa para *elas*.

– Talvez isso não seja assim tão importante, querido – diz Hannah em tom contundente, e ele cala-se com ar amuado.

Seguem os outros carros por entre os mastros com as bandeiras verdes hasteadas. O novo e moderno telhado do pavilhão está coberto de neve, a cintilar ao sol. Todos os lugares de estacionamento mais perto do ringue estão ocupados pelos SUV caros de pais dos jogadores de hóquei, todos iguais. Têm todos autocolantes do Hóquei de Björnstad nos vidros traseiros. A carrinha de Johnny passa por eles. O chassi chocalha, Springsteen toca em altos berros e a pouca distância um bando de adolescentes grita:

– SOMOS OS URSOS! SOMOS OS URSOS! SOMOS OS URSOS! OS URSOS DE BJÖRNSTAD!

Noutro sítio, um grupo de miúdos de Hed responde:

– HED! HED! HED!

Segue-se um coro de vaias proveniente de várias direções do parque de estacionamento, concluído pelos gritos dos adolescentes:

– CABRÕES DE HED! CABRÕES DE HED! CABRÕES DE HED!

– Encantadora Björnstad, com os seus encantadores «valores» – resmunga Johnny entre dentes, e Hannah não se dá ao trabalho de o mandar calar.

Tobias e Ted saltam do carro e, sem uma palavra, Tobias pega no saco do irmão mais novo e leva-o, para que não fique preso na multidão se houver problemas. Veem o treinador de Ted e o resto da equipa perto da entrada e dirigem-se para eles, com as palavras de

Hannah a ecoar-lhes nos ouvidos:

– Concentrem-se no hóquei! Não arranjam problemas! Estão a ouvir?

Tess está ao lado dela, a espreitar um pouco mais para além da porta. Hannah olha para ela, olha para a entrada e suspira.

– Estás à procura do Bobo, é?

Tess acena alegremente.

– Posso?...

A mãe consente.

– Sim, sim, podes ir. Mas não te afastes dele! Se houver sarilhos, pelo menos podes esconder-te atrás desse matulão e ele é que leva. Tem tamanho para ser um bom alvo...

Tess corre para ele, tão despreocupada como se estivesse numa feira; a bem da verdade, é o que parece pelo ambiente, para já. A filha ri-se tão alegremente que Hannah quase relaxa, porque, além de alguns cânticos exagerados, tem de admitir que as pessoas parecem todas bem-dispostas: há uma antecipação no ar, crianças com sacos pesados, porta-bagagens abertos com sacolas de bolos e garrafas-termos de café. As cidades nutriram um imenso ódio uma pela outra ao longo da última semana, mas, agora que ali estão, é como se todos esfregassem as mãos por causa do frio e se recordassem do calor do desporto. Abraçam velhos amigos que não viam desde a primavera: passou-se entretanto um longo verão em que todos foram acampar ou para casas de férias, e agora a vida a sério recomeça. Agora a vida quotidiana será dominada uma vez mais pelos horários das largadas e recolhas dos miúdos, e, todas as noites, centenas de famílias terão uma vez mais algo de que falar, porque, se estas crianças todas não jogassem hóquei, os pais nunca teriam uma participação tão ativa nas vidas deles. Quantos anos restarão a Hannah, na melhor das hipóteses? Essa fase não tardará a chegar ao fim. Em breve eles serão adultos. As mães não têm uma armadura que as proteja ao longo da vida, porque deram tudo o que tinham aos filhos; quando estes chegam ao fim da adolescência, as mães quase não têm sequer pele, e

assim cada sentimento de perda é uma ferida em carne viva.

– Vou buscar um cachorro-quente; ficas aqui? – pergunta Johnny ao lado dela, completamente calmo, e Hannah não consegue deixar de desejar que um relâmpago lhe caísse em cima, sem ser fatal, mas quase.

– Um cachorro-quente? Agora? – questiona, com ironia, mas não devia ter ficado surpreendida: o marido é uma enfardadeira humana. Ela passa metade do tempo a tentar «esconder» o chocolate barato na parte de cima das gavetas, onde ele o possa encontrar facilmente quando estiver a beber cerveja, travando-o assim de continuar à procura e de descobrir os chocolates caros que ela esconde mais abaixo.

Vê as famílias de dois colegas de Ted um pouco afastadas e aproxima-se delas. Johnny vai buscar um cachorro-quente. E é assim que, num instante, a família se separa no meio da multidão.

Advogadas

Toda a família Andersson vai parar ao rinque nessa tarde, mas nenhum deles conseguiria realmente explicar porquê. Maya e Ana passam por casa para comer pão e encontram o Capital que foi buscar as suas coisas, porque vai mudar-se de forma permanente para a casa de férias que antes era uma autocaravana. Dormiu lá sozinho na última noite. Benji mudou-se para a casa da irmã por motivos que o Capital ainda não consegue compreender, mas sentiu-se tão feliz entre as árvores, ao pé da água, que decidiu ficar.

– Vais ver o jogo hoje? – pergunta Maya inocentemente quando se cruzam na cozinha.

– Que jogo? – pergunta o Capital.

– As equipas dos treze anos de Hed e Björnstad vão defrontar-se.

– Treze anos? E isso é importante por estes lados? – pergunta ele, surpreendido.

– É Björnstad contra Hed. Isso faz de qualquer coisa um acontecimento importante por estes lados – responde Maya.

– Tu... tu vais? – indaga ele.

– *Agora* vamos, de certeza! – declara Ana.

Convencem Leo a ir também, e, embora ele se finja relutante, pelo caminho partilha um cigarro com Maya e Ana, e nunca se sentiu mais crescido. Quando chegam ao rinque, Maya envia uma mensagem à mãe: «Vamos ver o jogo. Queres vir?»

Kira está sentada no escritório, atolada em papelada, e responde, surpreendida: «Dos treze anos? Não sabia que te interessavas por isso.»

Recebe em resposta: «Não interessa quem vai jogar, mãe, anda lá ter connosco.»

Experimentem ser mães de adolescentes e conseguirem resistir a um convite desses.

Johnny não quer um cachorro-quente, simplesmente viu a banca dos cachorros-quentes da estrada, quando entrou no parque de estacionamento, e reconheceu o homem por detrás. Um tipo ainda novo, magro, de barba mal semeada. Johnny viu-o no ferro-velho: é um dos homens de Lev. Está rodeado por quatro homens de meia-idade, com blusões verdes. Um deles está demasiado perto da sua cara, a discutir alto. Outro abana a banca de cachorros-quentes com ar furioso. O homem de Lev resiste, mas não dá luta, embora aparente ser capaz disso. Está em inferioridade numérica, apesar de os homens dos blusões verdes serem mais gordos do que fortes e terem todos o mesmo penteado: uma luta desesperada contra o rápido recuar da linha do cabelo.

Johnny abre o blusão quando se aproxima, detém-se a poucos metros e pergunta de modo a fazer-se ouvir:

– Há algum problema?

Os homens dos blusões verdes viram-se rapidamente, numa fúria que depressa se dissipa. Em parte por causa do tamanho de Johnny, claro, mas também pela *T-shirt* com o logótipo dos bombeiros que veem por baixo do blusão aberto. Não é que aqueles homens respeitem os bombeiros – são o tipo de pessoa que não respeita ninguém –, mas sabem: se lutarem contra um bombeiro, estão a lutar contra todos. Johnny pode estar sozinho aqui, mas é como se trouxesse um gangue atrás.

– Não é permitido vender cachorros-quentes aqui! – exclama por fim um dos homens, soando mais duro do que provavelmente é.

– Não é permitido? Vender cachorros-quentes? Está a falar a sério? – ri-se Johnny.

– A equipa dos rapazes está a vender cachorros-quentes lá dentro, no bar do pavilhão! Este cabrão pôs-se aqui fora a vendê-los por metade do preço! Como é que os miúdos hão de fazer algum dinheiro assim?

O homem de Lev vira-se para Johnny e pergunta, com fúria mal contida:

– Não estamos num país livre? Numa cidade livre?

– Bom, mas não é a *tua* cidade, meu filho da mãe, portanto podes pôr-te a andar e voltar para a tua terra. Que carne é que tens nessas salsichas, afinal? Ratazanas e morcegos? – rosna um dos homens.

Johnny lança-lhe um olhar tão fulminante que ele se encolhe, como acontece sempre com os homens de muita garganta e punhos pequenos. Um dos outros homens pega no amigo pelo braço e murmura um pedido de desculpas a Johnny:

– Ele estava a... desculpe... Vamos lá ver se não deixamos as coisas descontrolarem-se. Os nossos miúdos estão só a tentar vender cachorros-quentes lá dentro para fazerem uns trocos para o fundo da equipa. Os pais estão aborrecidos...

Johnny solta uma fungadela desdenhosa e indica o homem de Lev com um aceno.

– Aborrecidos com o quê? Achem que o parque de estacionamento é vosso? O parque de estacionamento é do município! Este homem pertence à comunidade local, tanto como vocês!

– Está bem, está bem, desculpe... – diz o outro homem, levantando as mãos.

– Não me peça desculpa a mim, seu idiota! Peça-lhe a ele! – riposta Johnny secamente, indicando de novo o homem de Lev.

Os outros olham para Johnny como se ele não estivesse decerto a falar a sério. Então um agarra os outros e resmunga:

– Vamos para dentro. O jogo vai começar. Podemos resolver isto depois.

Johnny e o homem de Lev ficam onde estão e veem os outros afastarem-se. Johnny tem a pulsação acelerada. Nenhum daqueles homens era Peter Andersson, mas dá-se agora conta de que cada um deles lhe fazia lembrar Peter Andersson. E isso ficou bem evidente.

– Obrigado! – agradece o homem de Lev.

Johnny vira-se e inclina ligeiramente a cabeça.

– Avise-me se o vierem incomodar outra vez. O parque de estacionamento não lhes pertence. O Hóquei de Björnstad não manda no distrito todo, ainda que eles achem que sim.

O homem de Lev coloca a mão sobre o coração e inclina-se numa leve mesura de agradecimento. Johnny não faz a menor ideia de como responder, por isso atrapalha-se com o fecho do blusão e levanta a mão num aceno que se transforma em continência. O homem de Lev prepara um cachorro-quente e dá-lho. Johnny procura algumas moedas no bolso das calças de ganga, mas o outro homem recusa.

– Para bombeiros, é de graça!

Johnny agradece com um aceno. Come enquanto caminha. É um belo cachorro-quente, decide, muito melhor do que aquela porcaria que servem no bar do pavilhão de Björnstad.

*

Ana, Maya, Leo e o Capital deambulam pelo pavilhão, saltitando de grupo em grupo. Ana desaparece por um instante e regressa um minuto depois com oito latas de cerveja num saco de plástico.

– Como... como é que fizeste isso? – pergunta Leo, estupefacto.

– Pedi a um tipo – responde Ana, como se fosse óbvio.

– Ela consegue encontrar cerveja em qualquer lado, até num funeral – confirma Maya.

– Com certeza que esse é o sítio onde é mais *fácil* encontrar cerveja! – exclama Ana.

Sentam-se numas pedras ao fundo do parque de estacionamento, a beber. Maya deixa Leo beber uma, ela bebe duas, Ana, três. O Capital recusa, pois tem treino nessa noite.

– Estás com medo de que a treinadora grite contigo? – brinca Ana.

– Não. Só não quero desiludi-la – admite ele por fim, quando não lhe ocorre nenhuma boa mentira.

Maya dá-lhe uma palmadinha encorajadora no ombro e diz, carregando ao máximo no sotaque da floresta:

– Se não queres desiludir as pessoas, vieste para a cidade errada. Aqui, só estamos contentes quando estamos um bocadinho desiludidos, sabes.

O Capital sorri, atrapalhado. Maya nunca viu ninguém com tão poucas razões para modéstias ser assim tão tímido.

– Eu sou bom a desiludir as pessoas. Estou a tentar deixar de ser.

A cerveja era mais forte do que Maya esperava e bebeu as suas bastante depressa, pelo que está prestes a lançar-lhe uma réplica muito inapropriada, mas não tem tempo, porque Leo murmura:

– Não me sinto bem...

– BEBESTE O RESTO DAS CERVEJAS TODAS, SEU IDIOTA? – ruge Ana, virando o saco ao contrário.

Leo tem a cabeça a andar à roda e não consegue responder.

*

Para variar, Kira dá graças por a temperatura estar abaixo de zero, já que lhe dá uma desculpa para se esconder por trás de um casaco grosso com a gola levantada e um gorro de lã enfiado até aos olhos. Esgueira-se sem dar nas vistas entre a multidão, no exterior do ringue, enquanto manda uma mensagem à filha a perguntar-lhe onde está. É um pequeno choque dar com Maya e Ana atrás do balcão no bar, a venderem cachorros-quentes e bolas de chocolate com um grupo de jogadores das equipas juvenis vestidos de blusões verdes.

– Olá, mãe! – exclama Maya, surpreendida, como se se tivesse esquecido de a ter convidado.

– Somos estagiárias! – informa Ana alegremente.

Kira inclina-se sobre o balcão e pergunta num sussurro:

– Estiveste a... a beber?

– Um bocadinho, só! – brada Ana num tom que está convencida de ser um murmúrio.

– Onde está o Leo? – pergunta Kira.

– Na casa de banho! – Ana ri-se de modo consideravelmente

comedido, e Maya ri-se histericamente. Kira tenta ficar zangada com elas. Tenta *mesmo*. Mas as raparigas estão demasiado contentes e ela está demasiado cansada, e a precisar de ter alguns membros da família com quem não tenha de se preocupar. Assim, vai para trás do balcão, obriga as duas amigas a beberem água e, quando dá por si, está também a vender cachorros-quentes e bolas de chocolate. Tal e qual como nos bons velhos tempos.

*

Tess e Bobo entram no bar, não de mãos dadas, mas o mais próximo um do outro que conseguem. Tanto, que os seus dedos e mãos de vez em quando colidem e ficam enrolados uns nos outros. Olhares fugazes, sorrisos passageiros, minúsculos choques elétricos por todo o lado.

O Capital está a um canto, a comer bolas de chocolate, e Bobo detém-se a falar com ele. Tess vira-se e faz uma expressão que lembra a do irmão mais novo quando avistou Amat no outro dia.

– Aquela é... é a Kira Andersson? A advogada? – sussurra ela a Bobo, puxando-lhe o braço.

– Sim... Kira! OLÁ, KIRA! – grita Bobo, com um aceno, e Tess adota uma expressão que virá a usar, até serem velhos, sempre que ele a embaraça em público. Kira levanta a cabeça e acena também. Quando olha para Tess, a jovem fica tão corada que Bobo pensa que ela ficou com alguma coisa entalada na garganta e prepara-se para executar a manobra de Heimlich antes que a namorada lhe dê um raspanete – que seria o primeiro mas não o último, certamente. Kira aproxima-se e dá um abraço a Bobo, estendendo a mão a Tess.

– Olá, chamo-me Kira...

– Eu sei, eu sei; é a advogada! – balbucia Tess.

– Pois sou. Como sabes? – Kira ri-se, surpreendida.

– Passo pelo seu escritório quando vou buscar o meu irmão à escola. Vi o cartaz. E... pesquisei-a *online*... – confessa Tess, de novo

enrubescida.

– A Tess também quer ser advogada! – acrescenta Bobo, porque ainda não aprendeu a ficar calado em situações como esta.

Acabará por aprender. Vai ter muitos anos para tal.

– Eu... ainda não está decidido... mas quero estudar Direito, sim. É só que toda a gente diz que é muito difícil – explica Tess, embaraçada.

– É suposto ser difícil. Por isso é que vale a pena fazê-lo – responde Kira com um sorriso amável, vendo em Tess todas as suas próprias inseguranças quando tinha aquela idade, quando lavava louça no restaurante dos pais todas as noites e perguntava a si mesma se teria alguma hipótese no meio dos outros meninos ricos da universidade.

– Acha que eu serei capaz? – pergunta Tess, tão bruscamente que se surpreende a si própria e a Kira.

Começa a gaguejar um pedido de desculpas por fazer uma pergunta tão parva, mas Kira pega-lhe no braço com carinho e responde:

– Vou dizer-te aquilo que a minha mãe me dizia a mim: só há uma forma de descobrir.

Os olhos de Tess estão radiantes e responde sem pensar:

– Quero ajudar as outras raparigas. Raparigas que foram violadas ou agredidas ou... quer dizer, não que isso me tenha acontecido! Mas sei que aconteceu à sua filha! E quero ser uma das pessoas que... ajudam. Como a Kira!

Kira não tinha entrado no bar preparada para ficar sem ar, e demora um instante a recuperar o fôlego.

– Por vezes, é um trabalho difícil – admite em voz baixa.

– Na minha família, toda a gente tem trabalhos difíceis – responde Tess também num murmúrio.

Kira vê o fogo nos olhos da jovem e pensa que devia ser a isso que Peter se referia ao longo de todos estes anos: é isto uma cerejeira em flor. Assim, sorri, acena lentamente e procura a carteira no bolso de dentro.

– Aqui tens o meu cartão, e o meu número de telemóvel está atrás.

Liga-me quando quiseres. Passa pelo escritório quando quiseres. Se queres mesmo fazer isto... *mesmo*... prometo ajudar-te.

Tess segura no cartão como se fosse o bilhete dourado para uma fábrica de chocolate. Tarde de mais, percebe que parece uma doidinha obcecada quando diz:

– Ouvi dizer que a sua filha tinha saído de casa e ido estudar noutra cidade. Ficou muito triste com isso?

Os cantos da boca de Kira estremecem.

– Sim. Mas também muito orgulhosa.

As palavras derramam-se de Tess como se alguém a tivesse virado de cabeça para baixo.

– Todos os cursos de Direito ficam muito longe e a minha mãe não quer que eu saia de casa.

– As mães nunca querem – admite Kira.

Tess tem mais mil coisas que quer perguntar, mas não tem oportunidade, porque de repente alguém grita nas escadas que descem para o ringue:

– LUTA! ESTÃO A LUTAR!

Ouvem então a gritaria lá em baixo. Homens a gritarem com os filhos, em pânico; outros homens a gritarem uns com os outros, enfurecidos. Depois o tropel de passos quando toda a gente começa a tentar escapar a algo muito pior.

Corações

Os jogadores do escalão dos treze anos do Hóquei de Hed entram no balneário da equipa visitante e voltam imediatamente a sair, agoniados. Lá dentro tresanda, um cheiro nauseabundo, corrosivo e repugnante que lhes entra pelas narinas tão depressa que nem conseguem conter os vômitos. Um bando de rapazes adolescentes, de camisolas verdes e bonés virados para trás, riem-se histericamente até o vigilante perceber o que aconteceu e correr com eles para o parque de estacionamento, de martelo em punho. Os jovens jogadores de Hed ficam, ali, aos arrancos. O cheiro pode ser ácido butírico, ou cascas de camarão velhas, ou carne podre; é o truque mais batido em Björnstad para enervar a equipa adversária. O encantador Hóquei de Björnstad, com as suas brochuras que anunciam que patrociná-lo é a coisa certa a fazer, e depois agem desta forma tão imatura. Em Hed, todos estão habituados a isso, mas normalmente é o tipo de coisa que fazem à equipa dos adultos. Não a miúdos de treze anos. Este jogo é diferente.

– SOMOS OS URSOS! – ruge a multidão nas bancadas. – SOMOS OS URSOS! – responde um mar de blusões pretos, fazendo vibrar as paredes no corredor onde se encontram Ted e os companheiros de equipa. O treinador está a tentar dar-lhes instruções sobre onde devem ir mudar de roupa, mas não se consegue fazer ouvir acima do barulho. – CABRÕES DE HED, CABRÕES DE HED, VAMOS MATÁ-LOS, CABRÕES DE HED! – ruge a multidão, e Tobias, ali perto, vê o terror nos rostos dos jovens jogadores. Não são mais do que crianças, e mandá-los para o gelo esta noite seria como mandá-los para a guerra. Tobias puxa o irmão mais novo.

– Ted!

– Sim?

Tobias agarra no braço do irmão mais novo e grita:

– Pensa em bolo!

Ted solta uma risada surpreendida e todo o seu corpo relaxa sob as mãos do irmão mais velho.

– O quê?

– Tu adoras bolo! Pensa em bolo e conseguirás relaxar!

– És tão estúpido...

Tobias acena com ar sério.

– Não te assustes com aquela gritaria lá fora, está bem? Agradece! Não queres jogar na NHL? Então tens de conseguir jogar em frente de multidões loucas, e não há nenhuma mais louca do que este bando de psicopatas. Se conseguires sobreviver a isto, serás capaz de lidar com qualquer coisa no futuro. Vai jogar como sabes e obriga-os a parar de gritar. De cada vez que eles gritarem, marca um golo. Deita-os abaixo. Tira-lhes tudo o que amam.

O irmão mais novo aproxima a cabeça do mais velho e diz:

– Obrigado, Toby.

O irmão, responde-lhe, num sussurro furioso:

– Não me agradeças. Vai lá para fora e ganha o jogo. Esmaga-lhes os corações.

Os seus olhos cruzam-se brevemente. O mais velho sempre foi duro como tudo fora do gelo, embora no gelo por vezes fraquejasse. O mais novo é o oposto. Desde que Tobias proteja Ted do lado de cá das tábuas laterais, ninguém conseguirá travá-lo do lado de lá. Têm quinze e treze anos, mas a carreira de jogador de um deles está quase terminada e a do outro ainda mal começou. Quando Ted segue a equipa na direção das portas que dão para o parque de estacionamento, para se irem equipar nos carros dos pais, Tobias fica no corredor com as mãos nos bolsos. Enquanto o irmão mais novo se prepara para o jogo, o mais velho dá meia-volta e vai colocar-se entre os apoiantes de Hed na bancada em pé. Alguns dos rapazes mais velhos reconhecem-no, lembram-se dele da escola, e agora gritam-lhe e acenam-lhe e chamam-no para junto deles.

– Foste tu que andaste à porrada com aqueles paneleiros de Björnstad no outro dia e foste suspenso da equipa, não foste?

Tobias assente, com uma certa relutância. Eles dão-lhe palmadas nas costas.

– Nunca devias ter sido suspenso! Deviam era ter-te dado uma medalha! – Tobias sabe quem eles são, claro, o pai sempre o avisou para não se misturar com eles: «Esses idiotas andam sempre à procura de problemas, Toby, e, quando fores mais velho, perceberás que já há problemas que cheguem na vida sem termos de ir à caça de mais...» Mas quando os outros cantam e saltam nas bancadas, o coração de Tobias bate com mais força. O sangue ruge-lhe nos ouvidos, a adrenalina dispara. Portanto ele canta e salta também.

Quando a equipa de Ted volta a entrar no rinque, depois de se terem equipado, vários dos pais vêm atrás deles mesmo até à entrada dos jogadores, furiosos por causa do fedor no balneário que obrigou os rapazes a mudarem de roupa em circunstâncias tão humilhantes, no parque de estacionamento. Estão aos gritos sobre «comportamento antidesportivo» e alguém agarra num dos rapazes de treze anos de Björnstad, que grita algo inaudível em resposta, o que obviamente faz com que todos os pais de Björnstad acorram em defesa dos seus rapazes para o túnel dos jogadores. Por aqui se vê como é fácil começar. A rapidez com que tudo acontece.

*

Benji e Adri chegam ao rinque mesmo antes do início do jogo. Sune estava demasiado abalado para vir com eles. Foi fazer a mesma caminhada que costumava fazer com o cão, à mesma hora, e continuará a fazê-lo ainda durante muito tempo. Quando fica sem fôlego e tem de parar com a mão no peito, ainda murmura: «Vai correndo à frente», por uma questão de hábito.

Benji e Adri sobem para a bancada em pé da claque de Björnstad. Os blusões pretos cerram fileiras em torno deles, por todos os lados, sem uma palavra. Adri sabe que muitos deles têm estado fora, na caça ao alce; interromperam-na para virem assistir a um jogo de miúdos de

treze anos, o que não é um bom sinal. Para ninguém.

Teemu é o que está mais perto dela e de Benji. «PANELEIROS DE BJÖRNSTAD», rugem os apoiantes de Hed, «CABRÕES DE HED», respondem as claques de Björnstad. São apenas palavras, até ver, mas Teemu relanceia para Benji e Adri para avaliar a reação deles. De Benji, não tem reação alguma, apenas uma respiração calma e um olhar neutro, como se estivesse a recuperar de alguma coisa ou a preparar-se para algo. De Adri, Teemu recebe um breve olhar de soslaio e um comentário surpreendido:

– Não acredito que estás tão calmo.

Teemu acena com ar misterioso.

– Prometi que estaríamos calmos, hoje.

– Prometeste a quem? – pergunta ela.

– Ao clube – responde Teemu.

Não disse nem sequer aos mais próximos que falou com o Janota. Simplesmente avisou-os de que tinham de permanecer calmos a menos que ele desse um sinal direto, e eles obedecem, não por medo, mas porque gostam dele. É uma irmandade que ninguém nesta cidade compreende, Teemu sabe disso, mas se há alguém que faz uma pequena ideia, provavelmente é Adri. Ele ainda está com dificuldade em interpretar a expressão no rosto dela agora, talvez porque ela própria não sabe ao certo o que sente: está dividida entre o orgulho por Teemu e os seus homens ainda não terem criado confusão e o desejo de que o fizessem. Ao longo da vida, Adri viu tantas pessoas fazerem mal aos outros que se tornou dura, mas quando alguém faz mal a um animal, perde todas as inibições. A sua mente turva-se. É em momentos como esse que compreende Teemu melhor do que nunca.

– PANELEIROS DE BJÖRNSTAD – grita uma bancada.

– CABRÕES DE HED – responde a outra.

Os cânticos erguem-se acima do gelo. Normalmente as bancadas estariam quase vazias num jogo dos miúdos de treze anos, mas esta não é uma semana normal. No sábado, as equipas principais de ambas as cidades defrontar-se-ão no primeiro jogo da época, e Adri dá por si

a perguntar-se o que é que estes tipos levarão para o pavilhão nesse dia. Tanques?

– MORRAM, ASSASSINOS, LADRÕES, VIOLADORES! JÁ COMEMOS AS VOSSAS IRMÃS! – entoam alguns dos apoiantes de Hed.

– VENHAM CÁ SE TIVEREM COLHÕES! OS COBARDES DE HED NUNCA LUTAM! – gritam os homens de Teemu em volta de Adri.

O número de apoiantes de vermelho na bancada de Hed está muito longe do número de adeptos de verde, em grande medida por não estarem tão bem organizados, e quando cantam fazem-no com cem vozes distintas, mas, quando os rapazes de Teemu erguem as vozes, fazem-no como um só homem. Um homem terrível e capaz de tudo. Na bancada de Hed toda a gente sabe disso, claro, sabem que são a minoria, portanto fazem o que todas as claques fazem nessas circunstâncias: procuram o ponto mais fraco do adversário. Qualquer coisa que possam gritar-lhes para os magoar, para os ferir no seu orgulho. Decidem-se pela coisa mais simples, e a pior possível.

Enquanto Ted e os outros rapazes abrem caminho pelo meio da confusão de empurrões entre os pais das duas equipas no túnel dos jogadores e pisam o gelo para fazer o aquecimento, começa a correr um rumor pela bancada de Hed: qualquer coisa em relação a Sune, o antigo treinador da equipa principal. Qualquer coisa sobre um cão que apareceu na fotografia da equipa de Björnstad. Que até os membros mais temidos da Matilha choram a morte do animal.

O que acontece a seguir é simples e eficaz, espontâneo e óbvio, incrivelmente estúpido e instantaneamente destrutivo: um rapaz ao lado de Tobias começa a ladrar.

– *Äo äo äo* – e ao princípio alguns dos outros à sua volta riem-se.

Depois outro imita-o, mais alto:

– *Äo! Äo! Äo!*

De súbito, toda a bancada está a ladrar. Começa por ser uma piada, mas depressa se torna ameaçador. Sal em feridas abertas. Uma provocação direta. Os apoiantes de Björnstad não respondem com

cânticos, nem *slogans*. Fazem algo muito pior: caem num silêncio absoluto. E depois o silêncio espalha-se.

É difícil explicar o ruído de um rinque de gelo apinhado de gente, para quem nunca passou por isso, mas até as criancinhas que comem as suas pipocas e os velhos reformados a mastigar cachorros-quentes conseguem ignorar a muralha de som ao fim de algum tempo. Especialmente em Björnstad. Estão todos tão habituados a ouvir os apoiantes nas duas bancadas em pé gritarem «CABRÕES» e «PANELEIROS» uns aos outros, que é como se o fizessem numa língua estrangeira. Os comedores de pipocas e os apreciadores de cachorros-quentes nem sequer os ouvem, recostam-se nas cadeiras e conversam entre si sobre hipotecas e netos e o tempo. Talvez se tenham tornado também um pouco complacentes, porque há mais de dois anos que não há uma luta a sério por aqui. Já todos esqueceram o som da Matilha a atacar; as pessoas sentem-se seguras, como crianças com o nariz encostado ao vidro do recinto do leão. Os gritos dos blusões pretos são como o barulho do exaustor na cozinha, pelo qual só damos quando alguém o desliga.

Mas agora, no silêncio total que se abate subitamente sobre toda a gente, não há senão medo e terror. Há mais de dois anos que isso não acontecia, mas está a acontecer agora.

– ÆO! – grita uma voz isolada algures na bancada de Hed, algum tipo demasiado apanhado pela adrenalina para se dar conta de que toda a gente estava de boca fechada. Alguém sussurra «está calado», outro começa a entoar um cântico diferente, mas é tarde de mais.

– Que queres fazer? – pergunta um dos tipos atrás de Teemu.

Teemu está em pé, de olhos fixos na bancada de Hed do outro lado do rinque. Não tem nada nos olhos. Nem empatia, nem perdão, nem misericórdia. Talvez esteja a pensar na promessa que fez ao Janota, de não provocar confusão esta semana, mas na verdade não foi ele que começou isto. Os homens de Hed entraram no rinque dele, na sua casa, e vangloriaram-se de ter matado o cão de Sune, e ele não pode fazer nada quanto a isso? O diabo é que não pode! A sua voz é gelada.

– Que se lixe. Partam-lhes o pescoço a todos.

Os blusões pretos saltam sobre a barreira e começam a correr como um só organismo. Toda a área de lugares sentados parece sustentar a respiração, e depois famílias com crianças e reformados tropeçam uns nos outros no afã de sair do caminho. Os blusões pretos movem-se como uma vaga de trevas, espezinhando cachorros-quentes e pipocas por todo o lado.

Adri pega no braço de Teemu e grita:

– NÃO DISSESTE QUE TINHAS PROMETIDO AO CLUBE QUE IAM MANTER A CALMA?

Teemu olha para ela, não com pesar, mas talvez com simpatia.

– O clube? O clube somos nós.

E corre também, com Benji ao seu lado. Adri tenta deter o irmão, mas não tem a menor hipótese. Os latidos vindos da outra bancada já foram engolidos num rugido agitado, mas as palmas das mãos de Adri ainda sentem o peso do pequeno animal que depositou na sua campã. Pode não querer violência, mas já não consegue criticar aqueles que a querem.

Os pais na zona do túnel dos jogadores reconhecem o perigo, como quem ouve o ribombar de um *tsunami* à distância, e gritam aos miúdos de treze anos que estão no gelo para saírem. O pânico instala-se e o caos apodera-se do ringue todo num instante.

*

Tobias vê os blusões pretos aproximarem-se do outro lado do ringue, e vê a bancada onde se encontra dividir-se em dois grupos: aqueles que começam a recuar e os que avançam ao encontro da ameaça. Tobias tem dois pais que sempre o ensinaram a correr para o fogo, portanto nem pensa, salta por cima de uma barreira e aterra no cimento alguns metros mais abaixo, e depois corre o mais depressa que pode para o gelo. Só consegue pensar que tem de tirar o irmão mais novo dali.

Hannah e Johnny descem a bancada a correr, consumidos pelo mesmo pensamento, mas a multidão é demasiado densa e o caos demasiado descontrolado. São apanhados na maré e arrastados na direção do canto mais próximo dos balneários, e é aí que Bobo consegue esticar a mão e agarrar no ombro de Johnny. Johnny vira-se e sente-se desfazer por dentro quando ouve Bobo gritar:

– A TESS ESTÁ COMIGO! NÃO SE PREOCUPEM! VÁ BUSCAR O TOBY E O TED E ENCONTRAMO-NOS NO PARQUE DE ESTACIONAMENTO!

Na outra direção, Hannah larga os dedos de Johnny por um instante e é como se fossem afastados por correntes implacáveis; num piscar de olhos, estão a dez metros um do outro. Tobias e Ted aparecem do nada, Ted ainda de patins e equipado para jogar, Tobias a debater-se desvairadamente para abrir caminho. Atrás deles, Teemu e os primeiros blusões pretos chegam à bancada de Hed, alguns dos homens de vermelho que ficaram para trás para a defender arrancaram tábuas do chão e brandem essas armas improvisadas contra os blusões pretos enquanto tentam subir até ao alto da bancada. Há narizes partidos, maxilares fraturados, mas os blusões pretos continuam a avançar. Johnny tem tempo de pensar que alguém vai acabar morto, mas Hannah força caminho pelo meio da multidão e agarra-se a ele antes que o marido consiga concluir o pensamento.

– OS RAPAZES! TIRA OS RAPAZES DAQUI!

Atrás de Hannah, o pai de um dos companheiros de equipa de Ted está metido numa cena de pancadaria com dois pais da equipa de Björnstad; alguém lhe dá uma cotovelada na cabeça e ela quase perde o equilíbrio. Johnny vê e arremessa pelos ares todas as pessoas entre ele e a mulher. Quando está a alcançá-la, Tobias aparece da direção oposta. Johnny mal o reconhece, o filho de quinze anos parece um adulto, totalmente desprovido de medo. Puxa Ted atrás de si e ajuda a mãe com a outra mão. Abre-se um pequeno espaço entre a multidão e a família toda vê-o ao mesmo tempo e precipita-se para a saída. Os rapazes primeiro, depois Hannah, e Johnny na retaguarda. É então

que ele comete o erro de olhar para trás por cima do ombro enquanto correm. Não vê o homem que contorna a esquina a correr, vindo do armazém a seguir aos balneários, e colidem de cabeça com toda a força por acidente. Por uns segundos, o silêncio impera na cabeça de Johnny. Depois sente a testa peganhenta, mas sem qualquer dor. Pestaneja, confuso, por entre os olhos cheios de lágrimas, e vê o homem à sua frente cair de joelhos, com o sangue a jorrar da sobancelha aberta. É Peter Andersson.

Sangue

O bar enche-se rapidamente de famílias em pânico, que fogem da violência com os filhos. Kira não pensa muito no que será a melhor coisa a fazer. Posiciona-se de pernas afastadas à entrada, com a ideia ingênua de proteger o espaço caso os homens lá em baixo decidam invadir o bar, embora esteja ao mesmo tempo já a pensar: *Como, Kira? Como é que os vais impedir de entrar?*

Depois sente alguém do lado esquerdo, e alguém do lado direito. Maya e Ana. Maya está ali para proteger a mãe, Ana para proteger o mundo inteiro. Só por uma vez dois homens ainda jovens aparecem a correr pelas escadas acima. Kira nem tem tempo para ver se são de Hed ou de Björnstad, mas trazem canos de metal nas mãos e é o que basta para Ana. Espera que o primeiro se aproxime o suficiente e dê-lhe um pontapé no peito que ele nunca esquecerá. É projetado pelos ares e o amigo detém-se a meio das escadas com os olhos esbugalhados. Depois toma a melhor decisão da sua vida e foge.

– MERDA! – grita Ana, a saltar ao pé coxinho, com a sensação de ter partido outra vez o raio do pé; por que raio os homens têm de ser tão *rijos*?

Kira puxa-a a ela e a Maya para dentro do bar e fecha a porta. Passam alguns minutos, e depois é como se o inferno lá fora cessasse de súbito, como se alguém desligasse uma coluna de som da ficha. Quando voltam a abrir a porta, o rinque está praticamente vazio.

*

Peter está de joelhos, a gemer de dor, com o sangue a escorrer-lhe para os olhos. Johnny inclina-se sobre ele, não para o atacar e sim para o ajudar, mas não é isso que parece. Teemu vê-os das bancadas. E é então que vai tudo por água abaixo.

Adri ainda não se mexeu na bancada de Björnstad. Nem sequer lhe passa pela cabeça correr seja em que direção for. Não quer lutar, mas também não quer fugir. Não está cheia de ódio nem de medo, sente-se apenas vazia. Só quando ouve alguém chamar o seu nome é que é arrastada de volta para a realidade e se vira. É Benji. Tem Alicia ao colo. Adri nunca saberá como é que ele a conseguiu apanhar, mas algures entre a bancada de Björnstad e a de Hed, Benji ouviu a voz da menina e, enquanto os blusões pretos continuavam a carga, ele desviou-se.

«Que estás a fazer AQUI, minha doida?», gritou.

«Queria ver o jogo, mas o Sune não quis vir, por isso vim *sozinha!*», respondeu Alicia, tentando soar zangada apesar de estar aterrorizada.

Benji baixou-se e tirou-a do meio do caos, e trá-la agora ao colo como se fosse sua filha. A menina tem os braços apertados à volta dele como se sempre o tivesse sido, colada a ele como algas a um corpo ao sair do mar. A fúria de Adri dissipa-se instantaneamente, deixando apenas o cansaço. Endireita as costas como se precisasse de recuperar a sensação em todos os membros, e depois conduz rapidamente o irmão e a menina para uma das saídas de emergência. Quando saem no parque de estacionamento, a tensão evapora-se e Alicia desata a chorar. Os irmãos Ovich nem sequer olham para trás, para o caos no pavilhão, e simplesmente continuam em direção às árvores. Caminham até casa de Sune, virando costas aos sarilhos em vez de correrem para eles, cuidando de alguém em vez de descarregarem nos outros. Alicia não larga Benji durante o caminho todo. Nessa noite, dorme no sofá ao lado de Adri. Podem nunca ter sido considerados uma família pelas autoridades, mas um dia, daqui a muitos anos, a menina jogará o seu primeiro jogo pela seleção nacional. Quando lhe perguntarem que apelido quer nas costas da camisola, responderá o deles.

Peter levanta a cabeça e pestaneja. Através do sangue, vê a mão estendida de Johnny e Teemu saltar das bancadas com um cano de metal na mão, mas as suas forças não lhe permitem mais do que uma exclamação débil e titubeante:

– Cuidado! – Não é para Teemu, mas para Johnny. O bombeiro dá-se conta do perigo e consegue desviar o cano no último instante. Teemu escorrega e cai sobre Peter, o que dá a Johnny uns segundos para se afastar. Quando Teemu se endireita e se prepara para carregar sobre ele, tem outra pessoa no caminho. É baixo e gordo, mas tem o fecho de correr do blusão aberto, e Teemu vê a pistola enfiada no cinto muito antes de ver a cara de Lev, um pouco mais acima.

– Vamos! – diz Lev secamente, conduzindo Johnny atrás de si.

Tem agora a pistola na mão, meio escondida pela palma e apontada para o chão, mas os seus olhos estão postos em Teemu.

Hannah, Tobias e Ted estão a alguns metros. Recuam atrás de Lev. Teemu fica parado, tão imóvel que tudo à sua volta parece abrandar também. Talvez seja uma reação em cadeia: quando alguns membros da Matilha veem o que se passa com o seu líder, param instantaneamente, depois mais alguns, e mais alguns, e quando quase todos os blusões pretos param de lutar, todas as outras pessoas o fazem também. A multidão continua densa, mas torna-se menos agressiva. As pessoas saem para o parque de estacionamento, o nível de pânico baixa. As últimas saem praticamente em modo de passeio, como quem sai de um cinema. Quase ninguém viu a pistola, exceto os que estavam mais perto de Lev. Aconteceu tudo tão depressa e, do nada, terminou.

– Espírito comunitário, sim? – diz Lev a Johnny com um sorriso quase divertido ao saírem para a neve.

Johnny está demasiado chocado para responder, tão cego pelo medo de que algo pudesse ter acontecido aos filhos, e tão grato por Lev os ter conseguido tirar dali, que nem sequer pensa na pistola, que

volta a desaparecer no cinto do outro homem. Separam-se com um aceno seco e Lev parece desvanecer-se em pleno ar, por entre as viaturas estacionadas.

*

Teemu não parece assustado, apenas surpreendido. Quase fascinado, na verdade. Assim que Lev desaparece, tenta minimizar o sucedido, como se tivesse sido apenas uma brincadeira de crianças onde seria de se esperar tudo isto. Inclina-se e pergunta:

– Estás bem?

– Não sei – responde Peter, com franqueza.

– PETER!! – grita uma voz, ferindo-lhe os ouvidos.

– Oh, raios, agora é que vamos ouvir das boas – diz Teemu com um sorriso.

Peter nunca deixará de se surpreender com a calma de Teemu. Parece ter-se tornado imune à adrenalina.

– PAI! – grita Maya, aparecendo a correr ao lado da mãe, e atrás delas vem Leo, cambaleante, com ar de quem acabou de vomitar, mas essa é uma história demasiado longa e nenhum deles tem vontade de a explicar a Peter.

– O QUE ACONTECEU? – grita Kira, tão agitada que até Teemu lhe salta da frente, mas depois não consegue conter-se e diz:

– Oh, sabem como é, o típico comportamento de *hooligan*! É mesmo coisa do Peter, meter-se em pancadaria! Tentámos impedi-lo, mas já sabem como ele fica quando se enerva...

Teemu tem quase a certeza de que Kira o teria matado ali mesmo se Peter não se tivesse colocado entre eles. A mentira sai-lhe tão facilmente que fica surpreendido consigo próprio:

– Fui contra um poste, querida, só isso. Não passou de um acidente estúpido.

Lucros

De todos os homens que se encontram no ringue nessa noite, apenas dois vestem fato e gravata. Estão sentados muito longe um do outro, possivelmente nem sequer têm noção da respetiva presença. Um é o Janota, o outro é Richard Theo, o dono do supermercado e o político, ambos com má reputação nas respetivas áreas, ao ponto de todos os adversários estarem convencidos de que eles não seguem as regras. Ambos alegam que é precisamente isso que fazem, são apenas melhores no jogo do que os restantes. Vieram ao ringue por motivos distintos, hoje. O Janota, na esperança de conseguir controlar os acontecimentos; Theo, apenas na esperança de os poder analisar. O Janota vê os miúdos de treze anos no gelo, Theo observa apenas a multidão. Um olha para jogadores, o outro olha para eleitores.

O Janota passou o dia todo a desejar desesperadamente ser capaz de instigar uma trégua entre Björnstad e Hed por tempo suficiente para salvar ambos os clubes, mas quando vê o tamanho da multidão e ouve o primeiro latido vindo da bancada de Hed, sabe que é o fim. Não importa que Teemu tenha prometido manter a calma. Não há qualquer hipótese.

Já Richard Theo fica sentado onde está, aparentemente impassível, a assistir ao desenrolar dos distúrbios. O proprietário do supermercado corre para o gelo como um homem possuído, para tentar impedir as pessoas de se matarem umas às outras, mas o político pensa que talvez seja precisamente isto que faz falta: talvez os dois clubes possam ser salvos não pela paz, mas pela guerra. Só tem de perceber como pode usá-lo em seu proveito.

E a resposta acaba por ser Peter Andersson, como acontece amiúde nesta cidade de uma forma ou de outra, pensa Theo com um sorrisinho. Está sentado tão no cimo da bancada que, no fim, é a única pessoa a ter uma visão completa do caos lá em baixo. Costuma dizer

que alcançou os seus sucessos políticos porque, quando toda a gente corria num sentido, ele correu no outro, mas desta vez tudo o que precisa de fazer é ficar sentado onde está. Vê Peter Andersson sair a correr do armazém e colidir com um homem corpulento mais ou menos da mesma idade, com uma camisola dos bombeiros. Vê a sobrancelha de Peter desatar a jorrar sangue, mas vê também Teemu reagir instantaneamente, como se o seu dever fosse proteger Peter, precipitando-se para junto dele, e vê Lev aparecer para defender o bombeiro. As alianças podem ser inesperadas, mas não são ilógicas, pelo menos aos olhos do político que construiu toda a sua carreira com base em ligações invulgares.

Logo a seguir, quando tudo acalma subitamente, quando a confusão passa e as pessoas escoam do ringue como água de um lavatório, o Janota está encharcado em suor, mas Theo está calmo e fresco. Um deles só consegue pensar em tudo o que pode perder, o outro já tem uma estratégia para obter tudo aquilo que deseja.

Enquanto o Janota deambula pelo parque de estacionamento, para verificar se há alguém gravemente ferido, Richard Theo caminha calmamente até ao seu escritório. Está uma bela noite, as estrelas brilham e a neve cai, sente o gelo nas narinas e ouve-o ranger sob os sapatos. Adora este lugar; ninguém acreditaria se o ouvisse, claro, mas ele viajou por meio mundo e nunca viu nada assim. A floresta e o lago, os ermos e a neve, não há igual.

Não o surpreende que a cidade leve as pessoas à violência, facilmente o levaria também à violência se achasse que alguém o queria privar disto. E é essa noção que o vai ajudar a resolver os problemas de toda a gente. É assim que vai vencer.

Hooligans

Bobo e Tess estão à espera junto da carrinha. Johnny e Hannah deixam os filhos com eles e regressam para ir ver se há alguém ferido ou que precise de ajuda. Surpreendentemente, não há. Os rapazes de treze anos que deviam estar a jogar estão incólumes, claro, porque tiveram sempre a proteção do equipamento de hóquei, e entre os pais e outros espectadores há apenas algumas nódoas negras e arranhões resultantes do aperto e não propriamente de lutas. Os homens das bancadas em pé atacaram-se somente uns aos outros. Johnny sabe que alguns dos bombeiros mais jovens chamam a isso «honra entre *hooligans*». Vários têm tatuagens com o touro vermelho, muito maiores do que a de Johnny. São bombeiros, mas são acima de tudo de Hed, e são diferentes dele. Mais revoltados. A menos que Johnny esteja só a envelhecer. Às vezes, pensa que os rapazes que crescem hoje na sua cidade natal têm menos com que se identificar do que ele tinha, no seu tempo. Cada indivíduo precisa de se sentir importante, procura onde se encaixar, mas, em Hed, há cada vez menos coisas a que possam agarrar-se. «Lutamos apenas contra a Matilha, nunca tocamos em civis», disse-lhe um deles uma vez, e Johnny não pode deixar de pensar que o problema é esse, usarem a palavra «civis» como se fossem soldados.

De todas as direções se ouvem motores dos carros a iniciar e o parque de estacionamento esvazia-se num instante. Noutras cidades, e com outras pessoas, o pânico teria sido provavelmente maior, mas aqui parecem ultrapassar o sucedido numa questão de minutos. Quase todos já assistiram a pancadaria entre *hooligans* antes; assim que o drama termina, volta tudo ao normal, e amanhã estará praticamente esquecido.

Johnny apercebe-se de que a única coisa que pareceu diferente, desta vez, foi ter passado tanto tempo desde a última vez que

acontecera. Dois anos desde a última luta a sério, que terminou com um gangue de Hed a incendiar o Urso Pardo e a Matilha de Björnstad a caçá-los pela floresta, culminando num acidente de automóvel que causou a morte a um adolescente de Björnstad. Depois disso, foi como se todos tivessem percebido que as coisas tinham ido longe de mais e que, se o conflito continuasse, levaria a uma guerra declarada. Mesmo os piores de Hed caíram em si, o suficiente para se levantarem nas bancadas e se juntarem ao cântico de Björnstad na partida seguinte: «Somos os ursos.» Foi uma bandeira branca, e Teemu e os seus homens aceitaram-na. Toda a gente acalmou. Durante dois anos. Mas agora? Ainda que os distúrbios de hoje tenham terminado depressa, Johnny sabe que isto pode ser o fim de um pequeno conflito ou o princípio de outro muito, muito maior.

Ouvem-se sirenes na estrada, aqui e ali o som de uma criança a chorar, mas também conversas descontraídas e até uma risada de vez em quando. Johnny regressa para a carrinha adiante de Hannah. Tobias, que não os viu aproximar-se, vira-se para os irmãos e pergunta, excitado:

– Viram a pistola? Viram a cara daqueles cabrões de Björnstad nessa altura? Cagaram-se todos! Agora sabem que não podem meter-se connosco!

Mas Tess, a um metro dele, ao lado de Bobo, abana tristemente a cabeça e murmura:

– Não. Agora ficaram foi a pensar que também têm de arranjar pistolas.

Hannah não a ouve. Johnny finge não a ter ouvido. Mas espera que Tess esteja enganada. Deus do Céu, espera mesmo.

Honestidade

Nessa noite de quinta-feira, todos os blusões pretos de Björnstad estão sentados nas urgências do hospital em Hed. Teemu partiu dois dedos contra o maxilar de alguém, e dois dos seus homens ficaram com narizes partidos por outros punhos ou cotovelos. Estão ridiculamente bem-dispostos, apesar disso ou talvez por causa disso, fazendo piadas e entoando cânticos inapropriados. Acima de tudo, estão a meter-se com Peter, uma vez que o ex-diretor-geral teve de vir também tratar da sobrançelha aberta, e as enfermeiras decidiram rapidamente colocar todas as pessoas de Björnstad numa sala à parte para não haver mais sarilhos com ninguém de Hed. De cada vez que uma enfermeira vem chamar o próximo, todos os membros da Matilha lhe imploram: «Chame primeiro o patrão!» Depois indicam Peter, de olhos muito abertos, e sussurram: «Por favor, não nos trate a nós primeiro, os meros peões, ajude o Padrinho! Ele é que dá as ordens!» Peter implora a Teemu que os mande calar, mas Teemu está perdido de riso.

– Vocês nunca levam nada a sério, não levam mesmo nada a sério na vida... – resmunga Peter.

– Bom, não fomos nós que arranjámos pancadaria com um bombeiro e fomos ameaçados por pistolas, portanto se calhar tu é que devias tentar levar a vida menos a sério? – riposta Teemu com um sorriso irónico.

Não é fácil para Peter argumentar contra isso, não é mesmo. Um dos homens da Matilha recebe um telefonema e faz sinal a Teemu, que se levanta de imediato e se afasta com ele para um canto resguardado, onde falam em voz baixa. Talvez seja sobre os homens da bancada de Hed, talvez seja sobre Lev; Peter nunca saberá, porque é nessa altura que uma enfermeira chama o seu nome e o leva para coser a sobrançelha. O médico pergunta-lhe o que aconteceu e Peter

diz que ia a correr e colidiu «com um poste». Tendo em conta como aquele bombeiro era sólido, não sente que esteja a fugir muito à verdade. O médico manda-o para casa sem cerimónias depois de terminar de o tratar, pois há uma longa fila nessa noite e pouco tempo para conversa fiada.

Quando Peter reaparece na sala de espera, Teemu sorri.

– Bem-vindo, Padrinho! Como te sentes?

– Como quem foi contra um poste – responde Peter também com um sorriso.

Teemu põe a mão no ombro dele e pede, em voz baixa:

– Ouve... Gostava de abrir o Urso Pardo para os rapazes, esta noite. Só para os mais chegados. Para bebermos umas cervejas e... bom, tu percebes... como nos velhos tempos. Pode ser? Prometo que deixamos tudo limpo!

– Bom, és tu que tens as chaves, não és? – pergunta Peter, sem compreender completamente e sem saber bem como responder a Teemu.

– Sim, eu sei. Mas não quero fazê-lo se tu não concordares. Não... não posso pedir autorização a mais ninguém.

Assim, Peter assente com um aceno. Teemu responde também com um aceno de cabeça lento. Depois um dos tipos atrás dele passa-lhe um ramo de flores, que Teemu entrega a Peter.

– Para mim? Uau... Não era preciso... – começa Peter, mas Teemu impede-o de fazer figuras tristes quando lhe murmura:

– Não são para ti. São para a tua mulher.

– Para a... Kira?

Teemu faz que sim.

– Os rapazes ouviram dizer que ela está a ajudar o clube, na capacidade de advogada. Que houve uma confusão qualquer com uns repórteres e a Kira concordou em dar uma mãozinha. Os rapazes quiseram agradecer-lhe.

Peter pisca os olhos, confuso.

– A Kira? A ajudar o clube? Onde é que ouviram isso?

Não precisava de perguntar, claro está, pois a resposta é óbvia:

– Sabes como é. As pessoas falam.

*

Kira está sentada no carro, no parque de estacionamento do hospital, à espera de Peter. Deixaram Maya, Ana e Leo em casa antes de virem, em parte porque Leo vomitou no carro e em parte porque Ana estava a dar tantos conselhos a Peter sobre o que fazer «da próxima vez que andar à porrada» que seria insuportável vir a ouvi-la o caminho todo até Hed. E Kira dá graças por isso agora, porque vários homens de blusão preto estacionaram os carros em torno do dela, para os proteger contra algum eventual ataque dos apoiantes de Hed, e Kira está contente por não ter de explicar isso aos filhos. A Matilha, que ameaçara a vida de Peter quando ele era o diretor-geral, e com que Kira lutara com unhas e dentes para arrancar de lá o filho – Leo queria pertencer aos blusões pretos –, protegia-os agora? Nem a si própria consegue explicá-lo. Mas são tempos estranhos, estes que vivem. Tempos terríveis.

O telemóvel toca e ela atende, quase aliviada ao ver o nome da colega.

– Já soube da confusão! Estavas no rínque? Estás bem? – exclama a colega, que parece ter já bebido uma dúzia de copos de vinho.

– Sim, estou. O Peter é que abriu a sobrançelha, por isso estamos no hospital.

– Abriu a sobrançelha?

– Ele diz que foi contra um poste.

A colega fica em silêncio alguns instantes.

– Parece que está sempre a acontecer-vos cenas que não lembram ao menino Jesus.

Kira suspira.

– Nem me digas nada. Como estás?

– Boa! Estou em casa! Bêbada! Pensei numa coisa que podemos

usar se o Peter for acusado!

Kira endireita-se no banco.

– O quê?

– Argumentamos que alguém falsificou a assinatura dele! A sério, já viste bem a assinatura do teu marido? Parece a letra de uma criança.

Tem razão. Antes de Peter ir para a NHL, teve de dar tantos autógrafos que aprendeu a fazer uma assinatura muito simples para ser rápida. Qualquer pessoa a conseguiria imitar depois de uns minutos de treino.

– És um génio!

A colega suspira.

– Sou, não sou? Mas... bom... sabes, seria fortemente contra a lei mentir em relação a uma coisa dessas, claro está. Tu e eu podíamos acabar as duas na prisão se tentássemos. Mas... em último recurso... se tudo o resto correr mal.

Kira acena, com lágrimas nos olhos.

– Obrigada.

– Faço qualquer coisa por ti, sabes muito bem.

Kira solta um suspiro trémulo.

– Achas que estou a fazer mal? Em termos puramente morais? Por estar a defender o Peter desta maneira?

A colega respira suavemente do outro lado da linha, não como se hesitasse, mas como se estivesse a tentar encontrar as palavras certas.

– Sabes, Kira, todos os meus pensamentos sobre moral e ética se resumem a uma coisa: não se aplicam quando diz respeito à família. Podemos ter mil princípios, mas não no que respeita à família. É quem protegemos em primeiro lugar e acima de tudo o resto, seja a moralidade, seja a lei. A família primeiro. Tu és muitas coisas, mas és mãe em primeiro lugar. És esposa em primeiro lugar.

Kira encosta a cabeça ao volante.

– Obrigada. Mais uma vez. Sei que já agradeci, mas obrigada outra vez.

A colega parece quase ofendida.

– Tu também és família.

*

Peter sai do hospital meio esgazeado e passa pelo carro de Kira duas vezes antes de o reconhecer. Depois tenta sentar-se no lugar do condutor e Kira ri-se.

– Nem penses que te vou deixar conduzir! Tens mais ligaduras que uma múmia!

Assim, ele contorna o carro e entra para o banco do passageiro. Kira está furiosa, claro, como é natural. Enfurece-se quando tem medo. É o tipo de pessoa que grita com os filhos quando se magoam, e é assim que eles sabem que a mãe os ama.

– Era um poste dos rijos – tenta Peter brincar, levando a mão à sobrelanceira.

Kira olha para ele de viés sem ligar o carro. O seu tom de voz é gentil, mas as palavras trespassam Peter.

– Não me importo se não me contares sempre a verdade. Mas não tentes mentir. És mau mentiroso porque nunca tiveste muita prática, e ainda bem. É por isso que és a única pessoa em quem posso confiar à face da Terra.

O rosto de Peter dói-lhe quando fecha os olhos com força.

– Foi... um acidente. Ia a correr e fui contra um tipo de Hed. Não quis dizer nada porque não queria que percebesse mal e achasses que eu...

A raiva dela vem ao de cima do nada, como o gás de uma bebida agitada.

– Que percebesse *mal*? Olha em volta! Os nossos amigos são *estes*, agora?

Indica com um gesto os blusões pretos nos carros de ambos os lados. Para ser franca, a pergunta é dirigida tanto a si própria como a ele. Odeia aqueles *hooligans* há muito tempo, mas neste momento está

contente por os ver do lado de Peter, porque talvez isso espante os repórteres, e como é que uma advogada pode conformar-se com tais sentimentos?

Peter parece ao mesmo tempo embaraçado e focado. Quando lhe entrega as flores, diz num tom que é em simultâneo uma acusação e um pedido de desculpas:

– Enviadas pelo Teemu e pelos homens dele. Dizem que estás a trabalhar como advogada para ajudar o Hóquei de Björnstad e queriam agradecer-te. Se calhar podias dizer-me o que se passa, não?

Só então é que Kira percebe. Os homens dos blusões pretos não estão ali para proteger Peter, mas sim para a proteger a ela.

– Eu... – começa, plenamente preparada para arranjar uma desculpa qualquer, porque, se há coisa de que se envergonha em relação a si própria, é de ser tão boa mentirosa.

Mas depois fita o marido nos olhos e ele traz-lhe à memória o rapaz que era quando entrou pela primeira vez no restaurante dos pais dela, mais de vinte anos antes, depois de ter perdido um estúpido jogo de hóquei que era o mais importante da sua vida. Lembra-se de tudo aquilo por que se apaixonou: um rapaz à procura de algo, um bom pai, um homem decente. Assim, diz-lhe a verdade. Toda. De supetão.

– O Janota passou lá por casa no outro dia, quando tinhas ido com a Zackell ver o Aleksandr. Acho até que isso deve ter sido ideia dele. Precisava de te afastar para conseguir falar comigo...

Depois enche de tal maneira o peito de ar que até fica tonta, e conta-lhe que ele lhe ofereceu um lugar na direção. Conta-lhe que a sua firma ficaria com todo o trabalho do Parque Empresarial de Björnstad, e que essa é a forma que o Janota e os outros patrocinadores encontraram para a subornar e a prender ao clube. Deixá-la tão dependente como todos os outros da rede interligada de favores e favorzinhos, para que ela tivesse de salvar o clube ao mesmo tempo que tenta salvar Peter.

– Salvar-me?... – murmura Peter, num fio de voz, com uma

expressão tão chocada e patética, que as palavras mal lhe saem dos lábios.

Kira explica-lhe calma e factualmente tudo sobre os contratos que viu, as lacunas nas contas, as instalações de treino que não existem e todos os documentos com isso relacionados que têm a assinatura de Peter em baixo.

– Aquilo que vocês têm estado a fazer no clube, nos últimos anos, é... nem sei que palavras usar... é basicamente lavagem de dinheiro, querido. Corrupção. Em termos legais, cai sem dúvida na categoria de crimes contabilísticos e desrespeito para com a hierarquia. O jornal local chamou um repórter de fora para escarafunchar tudo até ao tutano, e mais cedo ou mais tarde ele vai descobrir todas as coisas que esconderam. Tendo em conta a quantidade de dinheiro público do município que está envolvido... raios, querido... podes acabar preso!

Fica sem ar antes de ficar sem palavras. Tem os dedos a vibrar sobre o volante, mesmo com o motor desligado. Peter fica sentado ao lado dela, mortalmente pálido, caindo desamparado num buraco negro com mil quilómetros de fundura. Toda a sua identidade se desfaz. Está a suar, a hiperventilar, quer abrir a janela, mas teme que todos os segredos fujam de dentro do carro. Por fim, sente-se tão mal que tem de encostar a cabeça ao tabliê. Só após alguns minutos consegue dizer:

– As instalações de treino? Eu... eu não sabia o que estava a assinar, querida. Sei que parece mentira, agora, mas, se soubesse que era ilegal, nunca teria... nunca! Pensava que estava apenas a fazer um favor ao Janota... Assinei centenas de documentos enquanto trabalhava para o clube, e quando ele me ligou depois de eu já ter saído, senti-me culpado e pensei... Oh, meu Deus, querida, a verdade é que nem pensei. Sou tão estúpido. Sou tão *estúpido*! Ele disse que estava tudo bem com o município, que precisavam apenas de um «nome de peso». Confiei que ele...

– Eu sei – murmura Kira, mas ele não está a ouvir, demasiado ocupado a pôr em questão todas as decisões que alguma vez tomou.

Ela pensa que o mais incompreensível em relação a ele e ao Janota é que ficaram realmente surpreendidos por haver repórteres a meterem o nariz no assunto; como se fossem crianças no meio de um jogo que se viram e descobrem, em choque, que alguém esteve sempre a vigiá-las. Quem é que eles julgam que são? O que acham que os jornalistas fazem? Ninguém naquele clube teria um plano caso tudo fosse descoberto?

Peter continua, ofegante:

– Não acredito que fui tão estúpido. Não *acredito*. Eu só... quer dizer, sabia que alguns aspetos dos contratos dos jogadores eram, de certa forma, duvidosos. Que a direção e os patrocinadores podiam estar a manipular algumas coisas. Mas sempre fingi não saber. Disse a mim mesmo que não percebia nada de finanças, que tinha era de me concentrar no hóquei. Mas... querida, eu... eu *nunca* faria nada ilegal...

– Eu sei! Eu sei! Sei que és inocente! – interrompe Kira, de súbito em tom mais duro.

A voz dele é pouco mais do que um murmúrio.

– Como? Como é que sabes? Eu próprio não sei!

Ela tem os olhos exaustos, as faces molhadas, os lábios secos.

– Porque te conheço. Eu guardo muitos segredos de ti, mas tu praticamente não tens segredos de mim. Voltei ao psicólogo, nunca te disse nada porque achava que conseguia resolver tudo sozinha. Aqui há uns tempos, o psicólogo perguntou-me como me sinto e eu disse que era como se estivesse a afogar-me, e ele perguntou o que me impedia de ir ao fundo e eu respondi: «O meu marido.» Tu. Porque, em ti, vejo terra firme, meu amor. De ti, recebo ar. E és o pior mentiroso que conheço. É por isso que sei que não cometeste crime nenhum de propósito.

– Amo-te, tu és a única coisa... tu e os miúdos... são tudo...

– Eu sei.

Agora mal se conseguem ver um ao outro através das lágrimas, por mais que pestanejem.

– O que vamos fazer? Tenho de ir à polícia e confessar tudo. Tenho de... – começa ele, desesperado, mas ela abana a cabeça.

– Não. Falei com o Janota. Ele vai falar com todos os seus contactos, todos os patrocinadores e políticos. Vamos resolver o assunto.

– Como? – soluça Peter.

O olhar dela pode estar em cacos, mas a sua voz não vacila de todo quando responde:

– Ainda não sei, mas tens de confiar em mim. Hei de encontrar uma solução.

– Não és capaz de impedir os repórteres se eles... – murmura Peter.

Kira olha pela janela, para os homens de blusões pretos, e pergunta-se silenciosamente do que será de facto capaz. Até onde estará disposta a ir. Depois ouve-se responder:

– Vamos convencer o jornal a não escrever sobre o assunto. Ou então criaremos uma situação que os leve a já não quererem fazê-lo.

– O jornal *devia* escrever sobre isto, eu cometi erros... quer dizer, eles têm *razão*... – responde Peter.

– Não se trata de quem tem ou não razão – interrompe Kira.

– Então de quê? – pergunta ele com uma fungadela.

Kira não tem resposta para isso. De que se trata, afinal? De estar do lado certo? De se convencer a si própria de que está a lutar pelas coisas certas? Ou trata-se apenas de sobrevivência? Ao fim e ao cabo, será apenas disso que somos capazes? De tentar vencer a qualquer custo? Ela não sabe, passará o resto da vida a refletir sobre isso, mas, para já, diz apenas:

– De proteger a nossa família. Acima de qualquer coisa. Tu e eu e os nossos filhos. Agora é tudo o que importa. Vou arranjar maneira de resolver isto, tens de confiar em mim.

– Confio em ti – murmura ele.

Ela move a mão muito, muito devagar, como se o movimento pudesse partir-lhe o braço, e estende os dedos até encontrarem os dele. Sorri, um sorriso tão frágil como desafiador, um pequeno sinal

de resistência contra o caos.

– E quando isto estiver tudo terminado, querido... então podes ter a certeza de que quero ir de férias. Quero uma manhã em que ninguém me peça ajuda para nada. Quero um pequeno-almoço de hotel, e aqueles copinhos ridículos de sumo de fruta, e *croissants*. Raios, quero *croissants*! Está bem?

Ele consegue sorrir, com esforço, mas promete de todo o coração. Ela conduz de volta a Björnstad, sem largar a mão dele durante o caminho.

Herança

A caravana de viaturas cheias de apoiantes de Hed chega a casa depois de atravessar a floresta. As famílias dos lugares sentados seguem para as suas áreas residenciais, mas os jovens da bancada em pé seguem na direção oposta, para o Celeiro. Têm algumas nódoas negras e narizes partidos que terão de ser tratados no hospital, mas a maior parte dos estragos é superficial e pode ser resolvida com uns copos. O bar que eles conhecem apenas como Celeiro sobreviveu surpreendentemente bem à tempestade, em comparação com o que aconteceu ao telhado do rinque de gelo, como se Deus tivesse sido forçado a escolher entre deixar as pessoas verem hóquei ou embebedarem-se a seguir. Esta noite, se alguém obrigasse a clientela do bar a fazer essa mesma escolha, também não teria sido nada fácil.

*

Hannah já não bebe no Celeiro – é adulta e portanto bebe em casa, na cozinha. Johnny está sentado à frente dela. Ela tem vinho na sua caneca de café, ele tem uísque num copo que ela não teve coragem de lhe dizer que é, na verdade, um castiçal para velinhas. Tess subiu para deitar Ture e adormeceu ao lado dele. Tobias apagou no seu quarto, ainda vestido, como se o seu corpo dormisse melhor quanto maior o *stress* a que é sujeito. Está a ficar tarde, lá fora há uma escuridão de breu, mas ainda se ouve o som de pancadas provenientes do quintal. Ted está lá, a rematar discos à luz de todas as lanternas que encontrou. Os vizinhos devem ouvi-lo a quilómetros dali, mas esta noite nem os menos tolerantes aparecem para se queixar. Talvez tenham coisas mais importantes com que se preocupar, talvez estejam apenas com pena de um miúdo de treze anos cuja partida foi cancelada e que agora tem de descarregar a adrenalina de outra

maneira qualquer.

– Eu devia ter calculado. Nunca devíamos ter ido ao jogo – diz Johnny, aborrecido consigo mesmo.

– Ninguém podia ter adivinhado que as coisas se iam descontrolar desta maneira – contrapõe Hannah, secamente, mas ele ouve-a ranger os dentes, como o pequeno crepitar quando se pega fogo a um rastilho.

– Não conheço o Lev, se é isso que vais perguntar. Fui lá buscar os pneus do Bengt e conversámos um pouco, nada mais. O Teemu anda a ameaçá-lo por causa de uma dívida qualquer. Foi por isso que o Lev veio em nossa defesa.

– Defesa? Foi assim que viste as coisas? – riposta ela.

– Como é que tu as vês? – contrapõe ele, embora saiba que é uma armadilha.

– Ele piorou tudo! Era um jogo de hóquei entre miúdos e ele trazia uma pistola! Onde é que achas que vivemos? Nalguma zona de guerra?

Johnny suspira. Roda o copo. Já se deu conta de que é um castiçal para velinhas, mas ela pode esquecer a ideia de ele o admitir. De qualquer maneira, o uísque é barato e um bocadinho de cera não fará grande diferença.

– Posso falar com ele...

– A pessoa com quem tens de falar é com o Tobias! Viste os olhos dele? Parecia... – Hannah interrompe-se antes de dizer «parecias tu».

Porque essa é a verdade em relação ao filho mais velho. Parece-se com o pai quando está zangado. Johnny olha para o copo e deixa o uísque baloiçar de um lado para o outro.

– Ele portou-se bem. A primeira coisa que fez foi ir buscar o irmão mais novo. Não foi isso que lhe ensinámos?

Hannah suspira enquanto leva o vinho à boca. Sim, foi. Foi exatamente isso que lhe ensinaram. Então porque é que está tão zangada? Saberá, sequer? Exausta e resignada, as palavras escapam-lhe como se estivesse apenas a testar o pensamento em voz alta:

– Durante tanto tempo odiei a ideia de a Tess querer ir estudar para fora. Hoje é a primeira vez que espero que ela o faça. Que vá viver para muito longe disto tudo. Quero que o mundo dela seja... maior.

– Também há muita violência pelo mundo fora. Em todo o lado há idiotas que gostam de lutar – lembra Johnny, com desdém.

– Sim, mas, lá fora, ela pode pelo menos escapar ao tipo de violência que é transmitida de geração em geração – responde Hannah. Ao ouvir isso, Johnny levanta o queixo e murmura, magoado:

– Porque eu sou o tipo de pessoa que quer matar os outros à porrada?

Hannah abana a cabeça.

– Não. Porque houve momentos, nesta última semana, em que eu tive vontade disso.

O silêncio expande-se na cozinha, consumindo todo o oxigénio. Johnny pensa em fazer uma piada parva – que Tess nunca poderia ter herdado a tendência da mãe para a violência, porque Hannah é uma lutadora muito fraquinha –, mas não é altura para isso. Compreende o que a mulher quer dizer. Bebe o seu uísque, dá um beijo na cabeça de Hannah, sobe e tapa melhor Tess e Ture, e depois senta-se no chão ao lado da cama de Tobias. O filho ressona alto, mas o seu coração bate calmamente. Há neve fresca no parapeito da janela, e Johnny sente-se muito velho. Tal como todos os pais, sonha apenas que os filhos tenham uma vida um bocadinho melhor do que a dele, um bocadinho mais fácil, mas é impossível protegê-los do mundo. Nem sequer os conseguimos proteger de si próprios. Assim, fecha os olhos e pensa que, se Hannah tiver razão, se o rapaz deitado naquela cama vai mesmo ser como o pai, então, para Johnny, só resta uma coisa a fazer.

*

Tem de se tornar melhor.

Ted remata disco após disco, cada vez com mais força, e algures dentro de si está tão surpreendido por ainda ninguém ter vindo gritar-lhe que acabe com aquilo, que, quando vê a mãe pelo canto do olho, larga logo o *stick* sem discussão. Está encharcado em suor, embora a noite esteja tremendamente fria. A mãe veste o blusão de Tobias e tem na cabeça o gorro de lã de Tess, e Ted tem quase a certeza de que calça uns ténis velhos que eram dele. Está prestes a dizer que sim, que vai parar e ir para a cama, quando ela olha para ele, pisca os olhos com força e pergunta:

– Posso juntar-me a ti?

E ele acede.

Vestígios

Quando contarmos esta história mais tarde, provavelmente será óbvio que se trata de uma lenta reação em cadeia, em que tudo acontece gradualmente, uma coisa de cada vez. Porém, para algumas das pessoas envolvidas, será sempre como se quase todas as coisas importantes tivessem acontecido de uma vez, do nada, no espaço de poucas horas.

A noite foi extremamente fria e, quando a manhã de sexta-feira nasce, a editora-chefe está fora de casa antes mesmo dos limpa-neves. Dirige-se para o escritório às escuras. Ao princípio, olha por cima do ombro, ainda um pouco paranoica e convencida de andar a ver blusões pretos por todo o lado nos últimos dias, mas está sozinha na rua. Não há ninguém acordado a não ser jornalistas. É o dia depois da confusão no ringue e ela sabe que dois dos seus repórteres já estão no escritório a escrever sobre o assunto. Quando aceitou este emprego e os conheceu, ambos se apresentaram como repórteres desportivos, mas, na verdade, um deles trabalha na secção de atualidades e o outro é responsável pelas páginas de família. A piada às custas dela era simples: aqui, toda a gente trabalha em desporto, portanto mais vale habituar-se desde já. Ela ainda não se habituou completamente, se calhar.

Quando se levantou, nessa manhã, o pai ainda não se deitara. Revezaram-se como operários fabris. Ele passou a noite acordado, debruçado sobre a mesa da cozinha, rodeado de papéis e pastas, a maioria dos quais ela nem tinha visto antes.

«Que é isto? Pensei que ias tentar perceber os pormenores da confusão que houve no jogo de ontem?», perguntou-lhe, mas o pai enxotou-a com um gesto, como se ela fosse outra vez uma criança.

«Isto é mais importante. Olha aqui! Todos estes documentos mostram como o dinheiro dos contribuintes tem sido usado para

pagar subsídios falsos e empréstimos ilegais relacionados com vários projetos de construção municipais nos últimos dez anos. Lembra-te de quando o município se encheu de delírios de grandeza e se candidatou à organização do campeonato mundial de esqui? Olha para todos os pagamentos que os empresários poderosos aqui da zona fizeram a esta empresa de construção. Acho que são subornos de políticos. Especialmente a esta mulher, a líder do maior partido com representação no conselho municipal! E vê aqui: quem é que achas que trabalha para a empresa de construção? O marido e o irmão dela!»

A editora-chefe fez café e tentou perceber os papéis que o pai lhe mostrava.

«Pai... talvez tenhas razão, talvez isto seja um grande escândalo... mas o que tem a ver com a nossa investigação sobre as instalações de treino e o Hóquei de Björnstad?»

«Isto é muito mais importante do que o Hóquei de Björnstad! Essa investigação não é *nada* em comparação com isto!»

Ela fitou-o com surpresa.

«Posso saber onde foste buscar esses documentos?»

«Fiz o meu trabalho e arranjei uma fonte; não te preocupes...»

Ele mal conseguia ter os olhos abertos. Foi impossível arrancar-lhe mais alguma coisa com sentido. Portanto mandou-o ir dormir um pouco.

Agora abre caminho sobre a neve, sem conseguir tirar da cabeça uma das frases dele: «Isto é muito mais importante do que o Hóquei de Björnstad.» Passaram a semana toda a investigar o clube e Peter Andersson, e de repente ele muda de rumo, de um dia para o outro? Está tão preocupada, que se distrai e caminha de olhos postos no chão em vez de olhar para cima. Quando chega ao edifício do jornal, só vê os dois homens que tem à sua frente quando está demasiado perto para fugir. Tenta ainda assim virar-se, quase por instinto, mas depois dá-se conta de que não trazem blusões pretos e sim vermelhos.

– Olá! – cumprimenta-a um deles, estendendo-lhe uma grande

mão, e ela tem um vislumbre de uma tatuagem de um touro no seu antebraço, por baixo da manga do blusão.

Não lhe aperta a mão, mas também não a afasta. O outro homem sorri amistosamente. Tem um olho negro, presumivelmente uma recordação da pancadaria no ringue de gelo.

– Estamos aqui só para dar um olhinho! Ouvimos dizer que aqueles cabrões da Matilha de Björnstad a têm andado a ameaçar, a si e aos seus repórteres. Não se preocupe, não tem motivos para receios; estamos aqui para cuidar das coisas a partir de agora.

A editora-chefe olha de um para o outro, confusa, e responde:

– Não faço ideia do que estão para aí a falar. Que ameaças?

O primeiro homem pisca o olho como se partilhassem um grande segredo.

– Percebemos que não possa contar-nos. Mas chegou-nos aos ouvidos que está a investigar o Hóquei de Björnstad e que aqueles loucos da Matilha estão a tentar impedi-la. Não os deixe! Toda a gente sabe que são todos uns vigaristas, e espero que lhes caia em cima com tudo o que puder! Vamos deixar sempre aqui um ou dois homens para se certificarem de que não lhe acontece nada.

A editora-chefe não sabe o que dizer. Por amor de Deus, mal acabou de acordar. O sol ainda nem nasceu, e ela pensa que o dia não podia começar de maneira mais estranha. Afinal, está enganada.

– Só posso estar a sonhar... – murmura quando entra no escritório e vê quem está sentado à secretária dela, reclinado e parecendo estar confortável.

– Bom dia! – cumprimenta-a Richard Theo, bem-disposto.

A editora-chefe suspira.

– Não me diga que mudou de ideias quanto à oferta de emprego? Talvez possa contratá-lo como cartoonista?

Theo sorri, impressionado com os instintos imediatos dela para o conflito. Muitas pessoas são assim quando o conhecem, mas têm tendência para ser mais ponderadas à segunda vez.

– Não lhe venho tomar muito tempo, prometo. Estou certo de que

tem muito que fazer, depois do incidente de ontem.

Ela sorri.

– O «incidente»? Uma escolha de palavras interessante. Foi uma rixa entre *hooligans*.

Ele parece surpreendido.

– Oh, não, não o despreveria dessa maneira, de todo. Eu estava lá. Não temi pela minha segurança, nem pela de mais ninguém, em momento algum. Uns jovens de ambos os lados deixaram que as suas frustrações levassem a melhor, nada mais. São coisas que acontecem em todo o lado. Até nas cidades grandes, acho eu!

O último comentário é tão incisivo que a editora-chefe relaxa ligeiramente.

– Da última vez que aqui estive, mencionou estar preocupado com a violência entre as claques dos dois clubes. E agora acha que são todos bons amigos?

Theo abre os braços, como quem pede desculpa.

– Não quero é que as coisas sejam mal interpretadas. Que as pessoas leiam uma coisa no jornal e a compreendam mal. Porque isso é que podia *causar* violência, não acha?

– Vamos apenas relatar o que aconteceu... – começa ela.

– O Peter Andersson ficou com uma sobrancelha aberta ontem, sabia? – interrompe ele rapidamente.

– Não... não, não sabia – admite ela.

– Foi um mero acidente, garanto-lhe! Colidiu com outro homem no meio da confusão. Mas, naturalmente, há pessoas em Björnstad que preferem pensar que ele foi atacado. Sabe como o Peter Andersson é popular em Björnstad. Há muita gente que o quer proteger. Sim... ah, e por falar nisso... obviamente também há muitas pessoas que querem protegê-la a si, não é? Vi os seus amigos lá fora!

Ajeita a gravata sobre a camisa perfeitamente engomada. A elegância dele a uma hora tão madrugadora é muito irritante.

– Se está a referir-se aos homens à entrada, na verdade não sei... – começa ela.

– Claro que não. Mas eles parecem ter a impressão de que você precisa de proteção. Também não gostaria nada que isso fosse mal interpretado. – Acena com a cabeça.

A editora-chefe sente um arrepio na espinha quando começa a perceber o que se passa e quem tem andado a espalhar os boatos que fizeram aparecer aqueles homens à sua porta.

– O que quer dizer? – sussurra entre dentes, revoltada com o sorriso relaxado do seu interlocutor.

– Se escrever sobre o Peter Andersson logo depois de ele ter, segundo alguns boatos, sido atacado e agredido por apoiantes de Hed, os mesmos apoiantes de Hed que estão de guarda à sua porta, não acha que dará ideia de que... está a tomar partido?

– Não me ameaça, Richard. Sou jornalista. Isso é má ideia.

– Ameaçá-la! Não foi a minha intenção! Oh, terá de me desculpar! – exclama ele, com uma expressão de tal desespero que parece quase genuíno.

Levanta-se. Ela inclina a cabeça.

– Era tudo? Veio aqui tão cedo só para me dizer isso?

Ele finge pensar, como se estivesse a esquecer-se de alguma coisa, depois dá uma palmada na testa de modo teatral e acrescenta:

– Agora que me fala nisso, tenho mesmo uma dica para si! Já ouviu dizer que o Hóquei de Hed tem um novo patrocinador? Talvez saiba que os proprietários da fábrica patrocinam o Hóquei de Björnstad, sim? Pois, agora, outro proprietário investiu em Hed!

A curiosidade da editora-chefe leva a melhor sobre a cautela.

– Que outro proprietário?

– O vosso.

Di-lo com um ar tão satisfeito, como um pai que leva o banco à falência num jogo de *Monopólio*. Menciona o nome da firma, e é claro que a editora-chefe sabe perfeitamente de quem se trata. São os donos da empresa que é proprietária do jornal.

– Por que raio haviam de querer patrocinar um clube de hóquei aqui? – pergunta, ajustando as roupas, atrapalhada, para disfarçar um

arrepio gelado.

– Um velho amigo meu, dos tempos de estudante, pertence à direção. Liguei-lhe e contei-lhe que o Hóquei de Hed estava com problemas financeiros e que seria uma boa ação se o proprietário do jornal local os patrocinasse. Porque é isso que fazemos por estes lados. Ajudamo-nos uns aos outros. Não é assim?

Ela responde por entre os dentes cerrados.

– O seu amigo sabe que metade dos assinantes do jornal vive em Björnstad?

Theo abana a cabeça.

– Não, não, ele não percebe nada de hóquei. Acha que é apenas um desporto.

Ela aperta os lábios numa linha fina, num misto de raiva e resignação.

– Então julga que eu agora não terei coragem de investigar o Hóquei de Björnstad, porque parecerá que só o faço por o jornal patrocinar o clube de Hed?

A confiança dele é repugnante.

– Não, não, percebeu mal. Julgo que não investigará o Hóquei de Björnstad porque acaba de lhe ser oferecida uma história muito melhor para publicar.

– E qual é?

Theo põe o casaco elegante pelos ombros e ergue uma sobancelha.

– O seu pai não lhe disse?

Sai porta fora e desaparece antes que ela tenha tempo de responder. Os homens com as tatuagens de touros ainda lá estão quando ela corre para casa. Por altura em que o pai acorda, ela já imaginou a discussão com ele tantas vezes na sua mente que nem se dá ao trabalho de passar por isso na vida real.

– Então vendeste a nossa investigação sobre o Peter Andersson em troca de outra história? – diz apenas, desconsolada.

– Uma história... muito melhor – responde ele, ainda meio a dormir, mas a filha vê que está envergonhado.

– Não pensava isso de ti, pai. Não julguei que desistisses de uma luta.

O pai fita-a durante muito, muito tempo. Os seus olhos enchem-se de lágrimas e, quando a filha o vê, fica tão chocada, que tem de se sentar. Ele diz:

– Escolhi uma luta que temos hipóteses de ganhar, miúda. Liguei a um velho colega do Richard Theo e... ele é perigoso. Perigoso a sério. Destruíu várias carreiras só pela piada. Não me assusto facilmente, mas, raios, o que achas que te vai acontecer quando eu me for embora e te deixar com um homem desses como inimigo? Ele não é como os outros homens da região. É mais inteligente. Tem uma rede de contactos completamente diferente. Não enviará *hooligans* para te assustar, enviará advogados que arrasarão completamente a tua vida. Pessoas como ele caem-te em cima com tudo o que têm e não param enquanto não te tirarem tudo e todos os que amas...

– Quando eu era pequena, sempre disseste que um jornalista sem inimigos é um jornalista que não está a fazer o seu trabalho, pai.

A voz dela treme com a decepção, e ele nunca ultrapassará este momento.

– Mas tu és nova de mais para ter inimigos, miúda. Pelo menos, és nova de mais para ter inimigos *destes*. Tens ainda muito caminho pela frente. E eu... raios... estou velho para guerras. Pelo menos, contra homens como o Richard Theo. Os documentos que ele me mandou, miúda, não são irrelevantes. Ele consegue o que quer, seja onde for. Sabes quanto dinheiro já conseguiu arrecadar para o Hóquei de Hed, com um mero estalar de dedos? Pensa no que poderia fazer-te a ti... Não deixes que a tua carreira morra aqui, no meio do nada, por uma questão de orgulho. Por favor. Não sejas como eu, não tentes lutar contra o mundo todo ao mesmo tempo. Espera até estares numa redação maior, com mais apoio, e então vai atrás dele, se quiseres. Mas eu vim aqui para te ajudar, e esta é a melhor maneira que tenho de o fazer. Portanto, queres o meu conselho? Aceita a história que ele te ofereceu. É melhor que a história do Peter Andersson. O Peter é

apenas um homem, sem muito poder, mas o que o Richard Theo nos deu diz respeito a uma vasta rede de corrupção que atinge as mais altas instâncias no município...

– E se chegarmos à conclusão de que não passa de mentiras?

– Então continuamos a investigar o Hóquei de Björnstad, podemos...

A filha esconde o rosto nas mãos.

– Não. Não, não podemos, pai. Por essa altura eles já terão encoberto o seu rasto. Será demasiado tarde.

A energia abandona-a. Deita a cabeça na mesa. É esta a sensação de ser derrotada.

A escuridão cai e o dia de sexta-feira aproxima-se do fim. Benji mal deixa pegadas na neve quando se move por entre as árvores. Era algo que surpreendia sempre aqueles que com ele se cruzavam no gelo, essa combinação de agilidade e força. Adri costuma dizer que é incrível que alguém tão ágil como ele dance tão mal, e ele responde sempre que é incrível que alguém que cozinha tão mal como ela seja tão gorda. Depois ela dá-lhe um sopapo com toda a força, e talvez seja disso que sentirá mais falta. Ela e Alicia e Sune estão no canil, a ver os cachorrinhos bebês. Benji saiu de casa sem pensar para onde ia, e caminha em direção ao lago. Não tem grandes sonhos que pretenda realizar, e assim contenta-se em procurar companhia. O Capital está sentado numa cadeira de armar em frente da autocaravana, enrolado num saco-cama. Aprendeu a fazer fogo e fica contente quando Benji aparece, porque assim tem alguém a quem se gabar disso.

– Estás a fazer como a Ana fez – observa Benji, contrariado.

– A maneira dela funcionou, ao contrário da tua – sorri o Capital.

Não parece nada surpreendido por Benji ali estar. É essa a relação que se formou entre eles: pressentem aquilo que o outro vai fazer. Se alguma vez tivessem jogado hóquei juntos, teriam sido imbatíveis. Benji deixa-se cair na mais frágil das cadeiras sem se preocupar com um saco-cama e acena, impressionado.

– Não pensei que sobrevivesses a uma noite sozinho aqui. Mas agora já és um tipo da floresta.

– Nunca tinha visto uma floresta na minha vida até há dois dias – responde o Capital.

– Ser ou não ser um tipo da floresta não tem nada a ver com a floresta – responde Benji.

Erguem os olhos para o céu noturno. Benji pensa em algo que Ramona disse em tempos: «Os homens têm medo de telescópios, não

conseguem olhar para as estrelas sem se cagarem todos, porque não são capazes de pensar na imensidão do universo sem verem como são minúsculos em comparação. E nada assusta mais um homem do que pensar que tudo aquilo que faz pode não ter qualquer significado.» O lago começou a congelar, a ilha, um pouco mais ao largo, está isolada pelo inverno que aí vem; não parece nada de especial, vista da margem, mas foi onde Benji passou os mais felizes dos seus verões, quando ele e Kevin se mudavam para lá, assim que terminavam os treinos de hóquei, e viviam como náufragos durante semanas. Ali, tudo era implícito e nada era secreto. Benji nunca sentiu o mesmo com mais ninguém.

O Capital olha para as estrelas durante muito tempo antes de dizer:

– Tinhas razão. As vossas estrelas são melhores que as estrelas de onde eu venho. Aqui há menos poluição.

Benji concorda com um aceno lento.

– Mas há mais turbinas eólicas. Também são uma bela porcaria. Assustam a caça.

O Capital ri-se e troça do sotaque dele.

– Isso é conversa de caçador?

Benji abre aquele seu sorriso, como se conseguisse ver dentro de tudo e todos.

– Se queres que te diga, prefiro a pesca.

– Quando é que têm oportunidade de ir à pesca aqui? Durante um quarto de hora em agosto? – pergunta o Capital, indicando a água que já se transformou em gelo, enquanto no mundo dele o outono está apenas a começar.

– O ano todo. No verão, sentamo-nos num barco, contamos patranhas durante nove horas e não apanhamos peixe nenhum. No inverno, fazemos um buraco no gelo, sentamo-nos numa cadeira, contamos patranhas durante nove horas e não apanhamos peixe nenhum.

– Isso são muitas patranhas – comenta o Capital.

– Nem imaginas. Às vezes torna-se tão penoso que somos forçados

a dizer a verdade – responde Benji.

Vai buscar uma cerveja à autocaravana e pergunta ao Capital se quer uma. Ele recusa.

– Tenho jogo amanhã.

Benji faz um aceno compreensivo, e o Capital quase podia jurar que ele parece um bocadinho invejoso.

– Contra Hed, não é? Não sabes o que isso significa por estes lados. Ainda bem. Joga como se não significasse nada.

O Capital passa as costas da mão pela barba por fazer. Normalmente, barbeia-se todas as manhãs, é parte de uma rotina rigorosa de hábitos e pormenores que moldaram toda a sua vida; mas, aqui, não quer saber. Vira-se para Benji e pergunta, não em tom condescendente, apenas curioso:

– Ouvi dizer que Hed canta «painheiros de Björnstad» nos jogos. Isso incomoda-te?

– Onde é que ouviste isso?

O Capital pigarreia.

– Um dos tipos da equipa comentou qualquer coisa no balneário.

Benji acena devagar.

– Porque havia de me incomodar?

O Capital procura as palavras bem fundo dentro de si. Saem-lhe roucas e tensas.

– Estava só a pensar em como lidarias com o facto de seres... diferente.

Benji fuma em silêncio durante tanto tempo, que o Capital fica convencido de que não ouviu a pergunta, mas por fim responde:

– Pessoalmente, costumo apanhar uma moca e partir os dentes às pessoas. Mas acredito que haja outras formas. Meditação, talvez? Ouvi falar muito bem da meditação, mas é difícil como o raio fumar ao mesmo tempo...

O Capital ignora o sarcasmo com um sorriso.

– Era mais fácil ou mais difícil seres tu próprio enquanto andaste por fora?

Benji ri-se.

– É sempre mais fácil sermos seja o que for quando ninguém nos conhece. E, quanto mais longe estamos daqui, mais fácil é ser de Björnstad.

O Capital recosta-se na cadeira. Gostava de lhe fazer mais perguntas, mas não se atreve, portanto põe o assunto de lado e admite:

– São um povo complicado. Mas reconheço que têm uns belos pores do sol. Nunca tinha visto um pôr do sol como os daqui.

– Isso é porque nunca tinhas visto o sol a pôr-se logo a seguir ao almoço.

– Pois, também é verdade – responde o Capital, com uma risada. De súbito, Benji diz, em voz baixa, mas clara:

– Vais integrar-te bem aqui. Melhor do que julgas.

Isso significa mais para o Capital do que está disposto a demonstrar. Nunca se integrou bem em lado nenhum.

– Não tenho muita escolha. Não posso continuar a seguir para norte à espera de encontrar gente ainda mais doida que vocês.

– Para norte, a única pessoa mais doida do que nós é o Pai Natal.

Riem-se perdidamente. Benji bebe a sua cerveja e fuma a sua erva, e o Capital fecha os olhos e ouve o nada absoluto.

– Há quanto tempo não jogas hóquei? – pergunta, passado algum tempo.

– Pouco mais de dois anos – responde Benji.

– Que é que tens andado a fazer?

– A viajar. A fumar. A dançar.

– Onde?

– Na Ásia, maioritariamente.

– Porquê na Ásia, em particular?

– Porque lá quase ninguém sabe o que é hóquei.

– Encontraste o que procuravas?

– Como assim?

O tom de voz do Capital é gentil, mas firme:

– Ninguém viaja para tão longe a menos que ande à procura de alguma coisa.

Benji sopra o fumo pelo nariz.

– Se o tivesse encontrado, se calhar não me tinha dado ao trabalho de voltar. E tu, já encontraste o que procuravas?

– Onde?

– Aqui.

A confiança evapora-se da voz do Capital.

– Para ser franco, não sei o que é.

Benji abre outra cerveja.

– Por isso é que temos de procurar, não é?

O Capital não diz nada durante muito tempo. Por fim, murmura:

– Eu... gostava de pagar renda por estar a viver na autocaravana.

– Esquece. Isso faria de mim teu senhorio.

– E o que és agora?

Benji olha para ele.

– Teu amigo.

Reconhece a expressão de quem nunca teve um amigo. O Capital passou uma parte tão grande da vida a mentir, que agora lhe custa, e a verdade escapa-lhe sem querer:

– Se eu gostasse de homens, porra, era bem capaz de me apaixonar por ti. Sabes disso, certo?

Claro que sabe. Mas Benji sorri, aquele maldito sorriso que tanto pode ser de uma ave como de um urso. E diz:

– Já estás apaixonado por mim. Só não percebeste ainda.

O Capital ri-se. Benji ri-se também. O som das suas gargalhadas canta pela floresta, sobre o lago, até chegar à ilha.

Bodes expiatórios

O Janota está sentado no escritório, no supermercado. Atende o telefone antes de o eco do primeiro toque se dissipar.

– Resolvi o seu problema – informa Richard Theo sem rodeios.

– O quê?... Já? Mas como?... – começa o Janota, e quando o político lhe explica, deixa-o em simultâneo impressionado e um pouco assustado.

O novo patrocinador do Hóquei de Hed é uma solução tão simples. Um alívio para o Janota, devastador para o jornal local.

– Aqueles jornalistas não causarão mais problemas. Mas ainda é preciso convencer o município a manter os dois clubes de hóquei. Portanto vamos precisar de mais um favor da sua amiga Kira Andersson – continua o político.

– A Kira? Que quer que ela faça? – pergunta o Janota, com um mau pressentimento a apertar-lhe o estômago.

– Aquilo que ela faz melhor, pelo que sei: persuadir pessoas. Só tem de a persuadir primeiro.

– Em relação a quê?

– Uma marcha à luz de tochas.

O Janota prepara-se para começar a fazer perguntas parvas, mas o político não tem tempo nem paciência para tal e assim, para variar, explica-lhe o seu plano. Quando ele termina, o Janota exclama:

– Isso é... inteligente. É capaz de resultar. Mas, se a Kira o fizer em Björnstad, presumo que alguém terá de fazer o mesmo em Hed, não?

– Tenho um nome e uma morada para si, tome nota... – responde o político.

– Está bem, está bem, qual é o número da porta? – murmura o Janota enquanto escreve no antebraço com a caneta.

– E, se bem se lembra, eu tinha mais uma condição para fazer tudo isto – recorda-lhe Theo quando termina.

– O que pretende, afinal? – pergunta o Janota, ansioso.

– Dentro de pouco tempo será publicada no jornal uma outra investigação, sobre uma espécie diferente de corrupção, e todas as boas histórias precisam de alguns bodes expiatórios.

O Janota tenta engolir, mas tem a boca demasiado seca.

– Sim?

– Quero escolher os bodes expiatórios. E quero que me ajude a fazê-lo.

*

Quando Kira chega ao escritório, o Janota já está sentado no banco do lado de fora da porta. Alargou a gravata e tem o primeiro botão da camisa desabotoado, por baixo do casaco.

– O jornal vai abandonar a investigação sobre o Peter e o Hóquei de Bjørnstad – comunica-lhe, sem preâmbulos.

Ela fica a olhar para ele. As palavras deixam-na meio atordoada. Poderá mesmo ser verdade? Não sabe se deve saltar de alegria ou atirar-se para o chão e fazer anjos de neve, e por um instante até tem vontade de o abraçar, mas felizmente isso passa depressa.

– Janota! Oh, Senhor Janota, estás a falar a sério? Estamos... estou... que raio é que fizeste? – pergunta, sem fôlego.

– Cobrei uma data de favores. E ofereci uma data de favores em troca – confessa o Janota, sem orgulho.

Aliviada, ela deixa-se cair ao lado dele no banco.

– Mas tens a certeza de que o Peter está... seguro? Que não lhe vai acontecer nada?

O Janota faz que sim com a cabeça.

– A certeza absoluta. Mas preciso de te pedir um favor.

– O que quiseres!

– Não digas isso antes de ouvires o que é.

Ela fita-o de olhos semicerrados.

– É alguma coisa ilegal?

Ele desata a rir. É uma gargalhada ribombante que lhe começa no estômago e ecoa sobre o parque de estacionamento.

– Não, não, não; mas não sei se não ias preferir que fosse ilegal quando souberes o que é...

Explica-lhe aquilo de que precisa. O que Richard Theo lhe pediu. Ela empalidece.

– Uma marcha à luz de tochas? Esse é o teu grandioso plano para salvar os dois clubes de hóquei? *Uma marcha à luz de tochas?*

O Janota abana lentamente a cabeça e levanta dois dedos à frente da cara dela.

– Duas. Não é uma marcha à luz de tochas, mas sim duas.

Depois estende-lhe um pedaço de papel.

– Quem é?

– Alguém que tens de persuadir a ficar do nosso lado se queremos que isto resulte.

*

«A Kira é uma pessoa desesperadamente simples e horivelmente complicada», disse-lhe uma vez o psicólogo. Era uma citação de um livro que lera, e seguiu-se uma longa explicação de uma teoria de que ele gostava muito sobre as funções do cérebro, mas Kira já não ouviu nada disso. Ficou presa nessas palavras: simplesmente complicada. Complicadamente simples. Haverá outro tipo de pessoa?

Depois do encontro com o Janota, sai do escritório e conduz diretamente para casa. Senta-se em frente a Peter, com a mesa da cozinha preenchida pelos seus dedos à procura uns dos outros. Conta-lhe tudo o que o Janota disse e Peter respira fundo, tão fundo como ela nunca o ouvira respirar. Só nesse momento se dão conta de como estão cansados. Destroçados. Quando finalmente relaxam, começam-lhes a doer os músculos e, à medida que o *stress* alivia, os seus olhos enchem-se de lágrimas.

Nenhum deles diz nada, mas ambos estão a pensar em Isak. Em

como aprenderam a chorar para dentro depois de ele morrer. Em silêncio, sempre em silêncio, durante anos, para que os outros filhos não os ouvissem. Pensam agora naquilo em que tanto se esforçam por não pensar habitualmente, quando o próprio ar magoa: como quiseram deitar-se com o rosto no solo e falar em murmúrios para a relva, para ele, lá em baixo. Como quiseram atirar-se para dentro da campa, ir com ele para onde quer que fosse. Era tão, tão pequenino; como podiam deixar alguém tão indefeso partir sozinho na sua jornada pelas trevas? Nem sequer tinha ainda idade para ficar sozinho na cozinha, e de repente toda a gente esperava que eles o deixassem num cemitério? Durante a noite? Quem é que Isak chamaria se tivesse pesadelos? Em que cama se enfiaria? Em que ombro adormeceria? Odiam-se tanto, os seus pais, porque não podiam morrer com ele. Porque continuaram a viver.

Quanto de tudo o que fizeram desde então não passou de tentativas de fazer algo importante, algo de monta, algo que justificasse o seu atraso? Para poderem murmurar «a mamã e o papá tiveram de ficar a salvar o mundo» quando o voltassem a ver no Céu? Quase tudo.

Estaria o filho orgulhoso deles agora? Teriam levado vidas valorosas? Teriam sido pessoas suficientemente boas?

Choram para dentro. Em silêncio, sempre em silêncio. Depois Peter levanta-se e lava as mãos e liga o forno e começa a preparar *croissants*. Kira beija o marido e pega no casaco e mete-se no carro e conduz até Hed.

São simples pessoas complicadas. «Vocês encontram sempre alguma coisa, algures, pela qual lutar até à morte», disse-lhe a colega. E é isso que Kira faz agora.

Mulheres

Hannah está a tirar a neve do caminho de acesso e a limpar o quintal. Johnny foi trabalhar, os miúdos estão na escola e as coisas deles estão por todo o lado. Geralmente, é Johnny que anda de um lado para o outro a resmungar enquanto arruma, claro, é picuinhas por natureza, mas hoje é ela que trata disso. Aquilo de que sentimos mais falta quando temos uma família é da sensação de tédio. Nunca mais estamos entediados. Há pouco tempo, Hannah ouviu umas enfermeiras mais novas no hospital a falarem de uma colega que tinha arranjado um amante, e tudo o que conseguiu pensar foi: *Mas quem é que tem tempo para isso? Esta gente não dorme?*

Apanha discos de hóquei dos canteiros e pendura luvas perdidas a secar e reúne todos os *sticks* e encosta-os à casa. Vê o carro pelo canto do olho, à distância; é um pouco melhor do que os carros conduzidos por quem mora nesta rua: aquele tipo de carro que só quem se considera especial acredita poder conduzir. A mulher atrás do volante trava e sai, consulta uma morada num pedaço de papel e olha para as casas. Por fim vê Hannah, por cima da cerca baixa, e mostra-se subitamente insegura.

– Desculpe... por acaso é a Hannah?

Hannah ainda tem na mão um *stick* do Hóquei de Hed quando se aproxima dos limites da propriedade. Sabe quem é Kira Andersson, mas Kira ainda não tem conhecimento disso, portanto Hannah decide fazer-se de parva.

– Quem quer saber?

Kira quase sorri. Em Hed, até as mulheres falam como se estivessem prestes a começar à bulha a qualquer momento.

– Chamo-me Kira. Sou casada com o Peter Andersson. Creio que ele e o seu marido foram um contra o outro no rinque, ontem; o Peter abriu a sobrancelha...

– Foi um acidente! – responde Hannah, em tom tão cortante que Kira se interrompe.

– Eu sei, eu sei! Desculpe, não me expliquei bem. Eu sei que foi um acidente, não é por isso que aqui estou. Bom, é por isso que aqui estou, mas... é uma longa história. Posso... posso recomeçar?

Sorri, atrapalhada, e esfrega as palmas das mãos suadas. Hannah apoia-se no *stick* de hóquei do filho com cara de quem pensa que Kira tenciona convencê-la a mudar de religião.

– Faça favor.

Kira respira fundo algumas vezes e tenta de novo:

– Muito bem. Bom, então o meu marido e o seu colidiram ontem... Antes de mais, o seu marido está bem?

Hannah não consegue disfarçar um sorriso.

– Da cabeça? A cabeça dele já não estava boa muito antes da colisão de ontem. E o seu?

Kira devolve o sorriso hesitante de Hannah.

– O Peter? Quando jogava hóquei, o treinador costumava dizer que era a sua cabeça dura que protegia o capacete e não o contrário. Há de sobreviver.

– Ótimo. Tenho umas coisas para fazer, portanto, se não se importa... – diz Hannah, com uma tossidela.

Kira acena com ar compreensivo e olha para a rampa de hóquei de Ted.

– Sim, sim, claro. Estou a ver. Quantos filhos tem?

– Quatro. Já conheceu um deles – diz Hannah, ligeiramente irritada, porque agora começa a pensar que Kira está a fazer pouco dela.

– Não compreendo... – consegue Kira dizer.

Hannah inclina a cabeça para o lado.

– Porque está aqui? O que quer de mim?

– Eu... desculpe... se calhar houve algum mal-entendido. Qual dos seus filhos é que eu... conheço?

– A minha filha. Encontrei o seu cartão de visita no bolso do

casaco dela, esta manhã.

Hannah arrepende-se de o ter dito, não quer dar a ideia de ser o tipo de mãe que remexe nos bolsos da filha, mas Kira não parece julgá-la por isso.

– A Tess? É sua filha? Não sabia. Peço desculpa. Ela fez-me umas perguntas sobre o meu trabalho. Eu...

– E hoje veio aqui para falar sobre o meu marido?

Kira enfia as mãos nos bolsos e acena afirmativamente.

– Sei que deve parecer uma estranha coincidência.

Hannah fita-a durante muito tempo, à procura de algo em que não possa confiar. Não encontra grande coisa. Assim, diz:

– A minha filha quer ser advogada. Não conhece ninguém que o seja por aqui. Presumo que foi por isso que quis falar consigo.

Kira ouve a pontada de ciúmes na voz da mãe. Reconhece-a, pois ela é igual sempre que Maya menciona alguma das professoras da escola de música. Sabe qual é a sensação de ter uma filha que vive num mundo que a mãe não compreende.

– Ela só queria uns conselhos sobre os estudos...

– Eu sou parteira. Também temos de estudar para isso – observa Hannah.

Kira enrubesce.

– Eu sei. Não era o que queria dizer. A Tess é muito inteligente e bem-educada. Vejo a quem sai.

Hannah solta uma fungadela desdenhosa.

– Não precisa de me dar graxa. Fiquei zangada quando encontrei o seu cartão, mas o Johnny diz que tenho de abrir mão dos miúdos. Portanto, estou a tentar. Tem escritório em Hed, não é? Se a Tess for estudar para fora, pode ir trabalhar para si quando voltar?

A pergunta é tão inesperada, que Kira fica sem resposta. Não foi exatamente assim que imaginou o desenrolar da conversa.

– Claro. Claro que sim... se ela for boa.

Hannah responde no tom de alguém que não sabe nada sobre leis, mas sabe tudo sobre a filha.

– Será a melhor.

Kira solta uma risada. Meu Deus, concede-me a autoconfiança de uma mãe de Hed, pensa, mas no fundo sabe que é igual. Ela e Hannah têm muito pouco em comum e, ao mesmo tempo, quase tudo.

– Ela é bem-vinda no escritório sempre que quiser, se tiver mais alguma dúvida.

Hannah assente, ciumenta mas grata. Depois diz, sem parecer mal-educada, mas também não propriamente o oposto:

– Quer um café ou tenciona ir direta ao assunto? O que a traz aqui, afinal?

Kira quase aceita o café, mas não quer correr o risco de ser desnecessariamente provocadora. Assim, explica da forma mais simples que é capaz:

– Uns amigos meus viram os nossos maridos colidirem no ringue, ontem, e isso deixou-os... ansiosos. O Peter é, de certa forma, um símbolo do hóquei em Björnstad, e creio que o seu marido é a mesma coisa por aqui. Os meus amigos receiam que as pessoas pensem que eles estavam a lutar. Isso pode desencadear ainda mais problemas. Mas, depois, um deles teve a ideia de que os nossos maridos talvez preferissem, na verdade, promover... a paz. Decerto ouviu os boatos de que o município quer encerrar ambos os clubes de hóquei?

Hannah crava o *stick* do filho na neve, como se tentasse plantá-lo.

– Tudo o que ouvi foi que o município quer fechar o Hóquei de Hed. Não querem gastar dinheiro com a reconstrução do nosso ringue.

– Os meus amigos estão convencidos de que o verdadeiro plano é fechar tanto Björnstad como Hed e criar um clube desportivo novo de raiz. Queremos convencer os políticos a mudar de ideias. Para salvarmos ambos os clubes.

Hannah solta uma exclamação duvidosa.

– Porque haviam vocês de querer salvar Hed?

Kira solta um suspiro tão profundo que se inclina para a frente, com as mãos nos joelhos e sem olhar para Hannah.

– Posso ser franca? Eu nem sequer quero salvar Björnstad! Mas as

coisas são o que são. Estou apenas a tentar deixar toda a gente contente, raios!

Não quer mostrar-se zangada, mas está tão, tão cansada. Hannah sorri, porque nunca ouviu ninguém falar mais como uma mãe.

– Você é do Sul, não é? – pergunta.

– Hum-hum – responde Kira distraidamente, com as mãos nos joelhos e os olhos na neve.

– Só se nota quando está zangada, de resto fala tal e qual como nós – diz Hannah.

É um grande elogio. Enorme. Kira ergue os olhos para ela.

– Tenha cuidado. Um dia a sua filha voltará da universidade com outro sotaque.

– Desde que não apareça num desses carros disparatados – responde Hannah, com um olhar trocista para o carro de Kira.

– Para a próxima, parto uma janela antes de vir, para me integrar melhor – responde Kira.

Hannah solta uma gargalhada sonora e desarmante. Apoia-se na cerca. Hesita muito tempo antes de perguntar:

– Conhece uma rapariga de Björnstad chamada Ana?

Kira desata a rir.

– Está a brincar? É a melhor amiga da minha filha!

Os olhos de Hannah turvam-se e ela tenta não revelar a extensão das suas emoções.

– Eu sou a parteira que ela ajudou no parto do bebé que nasceu no meio da floresta, durante a tempestade. Gostava de lhe voltar a agradecer.

– Qual bebé? – pergunta Kira.

– Ela não... não falou nisso?

– Não, claro que não, o que é exatamente o tipo de coisa que se esperaria da Ana. – Kira sorri.

– Ajudar com partos no meio da floresta ou nem se lembrar de mencionar o assunto?

– As duas coisas.

As mulheres riem-se baixinho. Kira endireita-se e as suas costas recordam-na da idade que tem. Hannah baixa os olhos para os dedos.

– A Ana é bem-vinda no hospital sempre que quiser. Se tiver alguma pergunta sobre... o meu trabalho.

Kira acena com ar agradecido.

– Prometo que lhe direi. Ela seria uma parteira maravilhosa. E... e precisa de mulheres fortes que lhe sirvam de modelo. Quantas mais, melhor.

O olhar das duas mulheres cruza-se, numa trégua, por fim.

– Bom, então em que é que precisa da ajuda do meu marido? – pergunta Hannah.

– Não são os nossos maridos que fazem falta, desta vez. Somos nós as duas – responde Kira.

Canções

As chamas da fogueira ao lado da autocaravana saltitam na escuridão, tão obstinadas como uma criança de três anos que se recusa a ir para a cama. O telemóvel de Benji vibra e ele pega-lhe. São Ana e Maya. Estão aborrecidas. Querem saber onde ele está. Ele responde que está na autocaravana e elas dizem simplesmente: «Vamos a caminho!» Embora Benji preferisse ficar sozinho um pouco mais com o Capital, se é obrigado a aceitar companhia, haveria sem dúvida piores opções. Teve saudades daquelas duas palermas. São como dois esquilos loucos a correr de um lado para o outro pelo mundo; parecem estar sempre a viver o momento presente e ele espera que nunca deixem de o fazer. Que nunca deixem de se rir e de se abraçar, que nunca deixem de dormir costas com costas. Elas aparecem na carrinha do pai de Ana, com Ana a praguejar o tempo todo porque o pai se embebedou e voltou a deixar a espingarda lá dentro. Maya ligou a Amat e a Bobo e ordenou-lhes que viessem também, e é claro que eles não desobedecem, apesar de haver jogo no dia seguinte. Assim, Bobo estaciona na berma da estrada e atravessa a floresta com Amat e o Murmúrio atrás de si, porque não iam deixar escapar o Murmúrio se o pudessem evitar, e passaram por Hed primeiro para o apanhar. Têm uma última noite, o gangue todo. Fartam-se de rir, e darão graças por isso mais tarde. Rir-se-ão sempre que se lembrarem das gargalhadas de Benji e de Ana quando a erva começou a bater, quando começaram a contar piadas parvas. Mais tarde, Benji e Amat afastam-se para urinar e, enquanto estão apoiados cada um a sua árvore, Benji diz ao amigo:

- Ouve, nunca te esqueças de que és do Covão.
- Estás bêbado e mocado, não te vou dar ouvidos – ri-se Amat, mas Benji agarra-lhe no ombro e quase o faz cair para a neve.
- Eu disse para nunca te esqueceres de que és do Covão. Porque

aqueles filhos da mãe da cidade nunca te deixaram esquecer disso, portanto não os deixes tu esquecer agora. Quando jogares na NHL e alguém te perguntar de onde és, diz: «Sou do Covão, raios!» Percebeste? Isso significará tudo para aqueles miúdos que jogam hóquei no pátio atrás do teu prédio.

Amat promete. Abraçam-se ao lado da árvore contra a qual um deles acabou de urinar. Amat nunca quebrará essa promessa. Quando ele volta para a autocaravana, Benji deixa-se ficar para trás a contemplar o lago. Após algum tempo, Bobo vai também esvaziar a bexiga e Benji faz-lhe companhia.

– Se conseguisses não transformar o Aleksandr num alcoólico, era fantástico. A Zackell e eu vamos precisar dele esta época! – exige Bobo, no tom mais severo que consegue.

– Não posso prometer nada. Quem sabe, talvez a bebida o salve do desporto – responde Benji.

Bobo solta a sua risada ribombante e se, contra todas as probabilidades, ainda restasse algum animal naquela floresta, desapareceu depois disso.

– Senti tanto a tua falta, companheiro. Espero que fiques, desta vez. Sabes, um dia, tu e eu e o Amat seremos como o Peter e o Janota e os tipos da equipa de há vinte anos. Estaremos sentados no Urso Pardo, ricos e anafados, e seremos donos da cidade inteira e falaremos dos bons velhos tempos.

Benji engasga-se com o fumo.

– O tempo é relativo, Bobo. Isto é agora, mas também são os bons velhos tempos... *agora!* É como disseste: já somos velhos.

Confuso, Bobo coça a cabeça.

– Quanto é que já fumaste?

– O suficiente! – declara Benji.

– Promete-me só que desta vez ficas por cá – insiste Bobo.

Benji abana a cabeça.

– Não, não, não vou fazer isso. Mas tentarei não me esquecer de voltar.

– Gosto tanto de ti, raios – murmura Bobo, e o que ele tem de melhor é que nem sequer tenta aligeirar o momento com um «mas não *dessa* maneira». É perfeitamente capaz de simplesmente gostar de alguém, aquele bom gigante.

Benji sorri.

– Eu também gosto de ti. Mas não *dessa* maneira, portanto nem tenhas ideias.

Bobo ri-se de novo. Regressam à autocaravana. Benji pega numa cerveja e Bobo também – tem de haver alguma vantagem em ser agora treinador e não jogador. Brindam e olham-se nos olhos. É tudo perfeito.

*

Ana mete na cabeça que quer ir ao lago «ver se o gelo se aguenta». Incapaz de sossegar, como sempre. Os outros vão com ela, claro, que mais podem fazer? Benji e Maya deixam-se ficar um pouco para trás, partilhando um cigarro. Ela enfia o braço no dele.

– Pareces feliz. Isso deixa-me feliz.

– Tu também – diz ele.

Maya respira fundo algumas vezes, de olhos fechados, confiando que ele não a deixará cair.

– Achas que conseguiremos fazer as pazes com esta cidade, um dia? Simplesmente voltar e viver aqui como se nada tivesse acontecido?

– Talvez – responde ele.

– Não sei qual é o meu lugar.

Ele beija-lhe o cabelo com ternura.

– O teu lugar é num grande palco em frente de cem mil pessoas, pelo mundo todo.

Ela aperta-lhe o braço como se temesse ser a última vez que o faz.

– Tu podes fazer o que quiseres, desde que nunca faças mal a ti mesmo. Promete-me isso.

O coração dele bate agora mais devagar, o sangue corre calmamente, como se fosse mesmo possível encontrar paz, apesar de tudo.

– Se gostasse de miúdas, era bem capaz de me ter apaixonado por ti – diz.

– Se gostasse de asnos, era bem capaz de me ter apaixonado por ti! – responde Maya, e um riso efervescente transborda de Benji.

– Quando voltas para a escola? – pergunta ele, momentos depois. Ela suspira.

– Não sei. Na verdade, chateei-me com quase toda a gente antes de vir.

– Ótimo! – declara Benji.

– Ótimo?

– Sim. Quando estás zangada e sozinha é quando escreves as melhores canções.

– Nunca ouvi um elogio tão mau!

– Sabes bem que tenho razão. Canta-me qualquer coisa – pede.

– Não trouxe a guitarra.

– Parece-me que não sabes o significado de «cantar» – observa Benji, e Maya dá-lhe uma cotovelada nas costelas.

– Não sejas tão pateta! Sabes bem o que quero dizer! Não consigo cantar se não tocar ao mesmo tempo. Não funciona. Não é... natural.

– Nada em ti é natural.

– Hum-hum... Diz a pessoa mais normal do universo, claro.

Ele sorri, aquele sorriso. Despreocupados, caminham até à margem. Ana e os outros rapazes estão a competir para ver quem se atreve a avançar mais sobre o gelo. Ela vence, claro, por uma grande distância. Maya encosta a cabeça ao ombro de Benji e promete:

– Canto-te qualquer coisa amanhã.

*

Cantará para ele todas as noites, dali para a frente.

*

Na escuridão, mais além, há um rapaz solitário no gelo. Ouve os risos de Ana e dos outros enquanto se desafiam a ir mais e mais longe, um passo de cada vez. Quando o Murmúrio escorrega e se ri, é óbvio que está contente. Matteo, sozinho, deixa a raiva percorrê-lo. Quase a aprecia. Quando os jovens à distância regressam à autocaravana, Matteo avança tanto sobre o gelo que, no fim, quase parece estar a caminhar sobre papel vegetal. Aí, imobiliza-se, com os pés firmemente apoiados. Faz-se o mais pesado que consegue. Pensa calmamente para si próprio: «Se o gelo ceder, eu morro. Se o gelo aguentar, morres tu.»

*

O gelo aguenta.

*

Regressa para casa e entra pela janela dos vizinhos. A casa está vazia e às escuras nessa noite, talvez o velho casal tenha ido a algum lado, por isso Matteo deambula pela casa toda, observando as vidas deles. Imagina quem poderia ter sido se tivesse crescido com pessoas como estas. Numa cómoda, no quarto, há uma fila de fotografias do único neto do casal: um menino loiro, aparentemente sempre a rebentar de felicidade. A fotografia mais recente mostra-o vestido com equipamento de hóquei, a camisola verde um pouco larga de mais, uma expressão eufórica nos olhos. A fotografia mais antiga mostra-o acabado de nascer. A data está gravada na moldura. Matteo olha para ela durante muito tempo. Memoriza-a. Depois vai à cave e introduz o código na fechadura, e o armário das armas abre-se.

Tochas

A ideia de Richard Theo é simples, mas não simplista. Kira e Hannah apertam as mãos por cima da cerca, a advogada e a parteira, cada uma da sua cidade. Depois Kira volta para casa e Hannah vai falar com os vizinhos. Começa com os que são mais mexeriqueiros, sem mencionar de quem é a ideia, que assim em breve parecerá ter sido espontânea.

Os telemóveis começam a vibrar em Hed. Quando Kira chega a casa e começa a falar com os seus vizinhos, acontece a mesma coisa. As palavras que dão início a tudo são tão simples, mas não têm nada de simplista:

O município quer fechar os dois clubes de hóquei. Quer gostemos de hóquei ou não, temos de resistir. Porque os clubes são apenas o primeiro passo. A seguir, os políticos virão buscar tudo o resto. Começarão por demolir o pavilhão desportivo em Hed e substituí-lo por casas demasiado caras para qualquer pessoa que tenha crescido aqui. Em menos de nada, terão construído pela floresta toda e nem daremos conta de as nossas duas cidades se juntarem numa só. No fim, já nem haverá Hed ou Björnstad – primeiro criarão um único clube de hóquei, depois criarão uma nova cidade. Se deixarmos os políticos decidir a maneira como vemos o hóquei, não tardarão a decidir também como vivemos as nossas vidas. Eles não têm qualquer respeito por nós ou pela nossa história, só querem transformar toda a região numa máquina de fazer dinheiro para seu uso pessoal. Não podemos deixá-los levar a sua avante!

Ninguém se lembra se foi Hannah que o disse primeiro, ou Kira, ou outra pessoa qualquer. Mas a mensagem repete-se até toda a gente a ter ouvido. Richard Theo, sentado no seu escritório, limita-se a esperar. Todos os outros políticos já foram para casa, mas ele sabe que

em breve aparecerão a correr, em pânico. Nessa altura será demasiado tarde, a oportunidade estará perdida. Teria bastado que umas dezenas de pessoas saíssem à rua, mas juntam-se-lhes muitas mais. É uma daquelas raras ocasiões em que a combinação dos acontecimentos da última semana, cada pequeno elo da reação em cadeia, afetou toda a gente, de uma maneira ou de outra.

O Janota hasteia as bandeiras em frente ao ringue de Björnstad e a caravana de carros parte pela estrada entre as árvores. Fila após fila de colegas de trabalho, companheiros de equipa, amigos de infância e famílias. No espaço de poucas horas, a mensagem parece ter chegado a toda a gente: os mais velhos são pensionistas, os mais novos vão ainda em carrinhos de bebé. Até Teemu e os seus homens aparecem, e é a primeira vez que alguém os vê com blusões que não são pretos. Podiam ser qualquer pessoa, no meio da multidão. Adeptos de hóquei. Cidadãos. Eleitores. Na orla da floresta, os carros param e toda a gente sai e forma uma linha. Demoraram algumas horas a arranjar as tochas todas, e as últimas foram improvisadas com ramos e arame. Então, as chamas erguem-se na floresta.

A editora-chefe vê tudo do terraço do edifício do jornal, com o pai. Richard Theo está à janela do seu gabinete, sozinho. Nunca ninguém lhe perguntará exatamente como conseguiu encaixar todas as peças do *puzzle*, mas, se lhe tivessem perguntado, ele responderia: «Na minha experiência, a maioria das pessoas só consegue ter um inimigo de cada vez.» Assim, em vez de deixar as cidades combaterem entre si, ele deu-lhes um adversário partilhado. Os políticos. «Porque toda a gente odeia políticos, até os próprios políticos», responderia ele se alguém lhe tivesse perguntado. Mas ninguém perguntará, porque tudo isto parece absolutamente espontâneo. Como um movimento popular. Das bases. Todas essas palavras que fazem com que pareça que a mudança cresce naturalmente.

A marcha à luz das tochas proveniente de Björnstad dirige-se para o edifício municipal como uma serpente em chamas, sem fim à vista. A segunda marcha, com tantas famílias e vizinhos e apoiantes de

hóquei como a primeira, mas proveniente de Hed, deteve-se a poucas centenas de metros, à espera. Encontram-se mesmo por baixo da janela de Richard Theo, o único político que ainda está a trabalhar e, portanto, o primeiro que consegue sair ao encontro deles.

– Compreendo as vossas frustrações. Acreditem, partilho as mesmas preocupações! – garante às pessoas na vanguarda da marcha, antes mesmo que lhe apresentem quaisquer exigências.

A maioria nem sequer se dá conta de que não chegaram a formular quaisquer reivindicações, mas não importa. Richard Theo já o fez por eles. Sobe para um muro e faz um discurso. Palavras simples:

– Eu ouço-vos! E prometo que todos os outros políticos serão obrigados a ouvir-vos também! Eles querem uma só equipa, uma única cidade e, no fim, um só partido também! Querem que toda a gente pense da mesma maneira sobre tudo. Mas eu apoio a vossa reivindicação de dois clubes de hóquei em duas cidades, não por ser apoiante de hóquei, mas porque sou apoiante da democracia! É um direito humano podermos escolher quem amamos, mas também é um direito humano escolhermos quem odiamos! O povo pode ser amedrontado e intimidado e até aprisionado, mas nunca ninguém poderá forçar-nos a amar seja o que for. Temos direito ao ódio por aqueles que são diferentes. Temos o direito a definir-nos a nós próprios. Assim, os nossos sentimentos e os nossos limites não estão à venda. Estas são as nossas cidades e este é o nosso modo de vida. E estes... são... os nossos clubes de hóquei.

As últimas palavras são ditas mais lentamente, como se acabassem de lhe ocorrer. Quando diz «clubes de hóquei», uma voz isolada ergue-se ao fundo, entre as fileiras de Björnstad, e está demasiado escuro para alguém ver quem é, mas grita:

– QUEREM APANHAR-NOS? VENHAM TENTAR!

Pouco depois, até a multidão de Hed grita o mesmo. É um grito de guerra clássico entre as cidades, mas agora é lançado noutra direção. Porque a maioria das pessoas só consegue lidar com um inimigo de cada vez. Naturalmente, o resto dos membros do conselho municipal

acaba por se dar conta da seriedade da marcha à luz de tochas, mas agora é tarde de mais: alguns nem sequer mostraram a cara e outros cometeram o erro de se misturar com a multidão, numa tentativa de parecerem pessoas comuns. Em vez disso, parecem apenas fracos. É o fim do seu poder e o princípio do poder de Richard Theo. Ele tem o seu discurso escrito numa folha de papel no bolso e agora amachuca-a, pois nem sequer precisou de ler tudo. Planeara dizer que cada clube de hóquei era como uma barca de Teseu, do mito grego, onde cada tábuia foi sendo substituída ao apodrecer, até não sobrar nada da barca original, levando os filósofos a questionar: «Será ainda a mesma barca?» Os rinques de gelo também são substituídos, tábuia a tábuia, até ser tudo novo: patrocinadores desaparecem, treinadores são despedidos, todos os jogadores envelhecem e são substituídos por nomes mais jovens. Tudo muda. A única coisa que realmente nunca muda num clube de hóquei são os seus apoiantes. «Vocês são essa barca», estava Richard Theo a pensar usar para concluir o seu discurso, mas depois alguém começou a gritar: «Querem apanhar-nos?», e é claro que isso foi muito melhor. Muito, muito melhor. No fim, as duas cidades estão ali reunidas, em duas marchas à luz de tochas, a gritar a mesma coisa sobre o ódio que nutrem uma pela outra. Revelando unanimidade total pelo direito à fragmentação absoluta. Nem mesmo um político poderia ter congeminado tal solução.

*

Na redação do jornal local, a editora-chefe e o pai bebem cerveja. Estão a planear publicar, dentro de dois dias, as suas revelações sobre a corrupção entre políticos e empresários no distrito. Expor a líder do maior partido, que por acaso é o principal adversário do partido de Richard Theo, e revelar que o seu marido e o seu irmão trabalham ambos numa empresa de construção envolvida em práticas duvidosas. O jornal escreverá sobre suspeitas de corrupção disseminada na

candidatura para a organização do campeonato mundial de esqui e na proposta de construção de um hotel para conferências que é discutida há anos. Porém não sairá uma palavra sobre as instalações de treino. Pessoas poderosas darão subitamente por si sem poder nenhum e algumas irão parar à prisão – mas não as que a editora-chefe tinha inicialmente pensado.

Todavia a série de artigos acabará por ter de ser adiada. Nem ela nem o pai nem mais ninguém sabem disso ainda. Primeiro, será preciso dar outras notícias.

*

Um telemóvel vibra algures na floresta, perto da autocaravana.

– É o teu? – pergunta Maya.

– Desliguei-o quando tu e a Ana chegaram – responde Benji, porque não haveria ninguém mais divertido do que elas que lhe pudesse mandar alguma mensagem.

Vibra de novo e Maya ri-se.

– Bom, não é o meu! Todas as pessoas que conheço estão aqui!

– «Uma marcha à luz de tochas»? – ouvem Bobo exclaimar.

Ana inclina-se para ver o ecrã do telemóvel dele e desata-se a rir.

– Algum de vocês sabe alguma coisa sobre a porra de uma marcha à luz de tochas? Por favor, uma pessoa sai da cidade *uma* noite e acontece logo alguma coisa?

O telemóvel de Amat também vibra, com uma mensagem da mãe. Depois o de Maya. É Leo: «A mãe perdeu o juízo e organizou uma manifestação gigante aqui. Têm todos tochas! Queres vir?»

Assim, Maya e Ana arrancam na carrinha do pai de Ana. Maya tem de segurar na espingarda dele. Bobo segue-as, com Benji, Amat, o Capital e o Murmúrio apertados dentro do carro. Björnstad está deserta quando chegam, mas conseguem chegar a Hed mesmo a tempo de se juntarem à marcha. Ao princípio, não percebem nada do que se passa, mas depois veem, à luz das centenas de tochas, faixas

com *slogans* escritos à pressa: «Duas cidades, duas equipas!» Veem camisolas verdes por todo o lado e avistam a marcha vermelha à distância. Maya caminha entre os seus amigos de infância e sente que lhe é permitido não ser ainda uma adulta durante mais algum tempo. Uns últimos minutos. Por uma noite, sente-se de novo completamente em casa. Sabe que nenhum dos seus colegas da escola de música compreenderia isto, mas, para as pessoas que ali marcham, uma cidade não é apenas o sítio onde vivem, é onde pertencem. Um clube de hóquei não é um clube de hóquei, é todas as pessoas que conhecem. É o clube dos seus avós e pais. Há um bar na cidade que pertencia a uma velhota doida e um velhote simpático, e o clube também era deles. É dos seus vizinhos e amigos, e da caixa do supermercado e do mecânico que repara os seus carros e do professor que educa os seus filhos. É de advogadas e diretores-gerais e bombeiros e parteiras. Um clube de hóquei é a rapariga com quem brincou na floresta e com quem dormiu costas com costas ao longo de toda a infância, apesar de ela não gostar de hóquei. É o rapaz mais bonito e selvagem, com um sorriso tão grande, que o deixa conter dentro de si tudo o que é sombrio e belo. O clube de hóquei não joga por si mesmo, joga por nós. Quem aqui vem enfrentar o Hóquei de Björnstad não joga contra um guarda-redes e cinco jogadores no gelo, enfrenta toda a cidade. É por isso que há tantas tochas. Toda a gente está aqui.

Quando chegam ao edifício municipal, um político qualquer faz um discurso sonoro sobre o direito ao ódio recíproco, mas para o final da noite a atmosfera é, na verdade, quase esfuziante. Ana encontra cerveja, algures, e Amat tem de conduzir a carrinha do pai dela para que a amiga possa beber em paz e sossego. Quando tenta explicar-lhe que não tem carta de condução, Ana responde com maus modos:

– Então também precisas de um distintivo policial para beber leite estragado? São três pedais e um volante! Sei que és um *rapaz*, mas não pode ser assim tão difícil para ti!

A cerveja não traz ao de cima o lado mais diplomático de Ana, de

maneira nenhuma, mas Amat faz o que ela lhe pede. Bobo segue-os com o resto do grupo. Deixam o Murmúrio em frente à sua casa e quase gritam «BJÖRNSTAD SEMPRE!» pelo bairro fora, só pela piada, mas Maya consegue impedi-los. A ela também já lhe atiraram pedras pela janela do quarto e sabe o que isso faz a uma pessoa. O Murmúrio desce para o passeio, olha para Maya, e de súbito os seus olhos enchem-se de um sofrimento que ela não compreende, talvez seja vergonha.

– Estás bem? – pergunta-lhe ela.

O Murmúrio faz que sim com a cabeça, de olhos postos na neve. Maya tem o gorro de lã verde do pai puxado por cima das orelhas e os olhos a brilhar quando estica o braço de fora da janela.

– Não deixes entrar golo nenhum amanhã, está bem? Nem um, percebeste?

Ele acena de novo. Ela sorri. Depois os carros dão meia-volta e seguem para casa, e o Murmúrio fica a vê-los desaparecer, sem ter dito uma única palavra de tudo que lhes quer dizer.

*

Quando todos os carros estão de regresso a Björnstad, após a marcha, Kira vira-se para Peter, que vai no lugar do passageiro, e sugere:

– Devias abrir o Urso Pardo esta noite, tu e o Teemu. Aberto a toda a gente. As pessoas precisam.

E é verdade. Forma-se uma longa fila pelo passeio fora. Até Kira vai beber uma cerveja, apenas uma, sentada ao lado do Janota. Peter bebe café queimado e Teemu dança em cima da mesa em tronco nu, com um cachecol verde atado à cabeça. Os irmãos Ovich estão todos atrás do balcão. Benji lava copos e passa-os à irmã Katia, que trabalhou tantos anos no Celeiro, em Hed, a servir bebidas desde que ela própria mal tinha idade para beber. A outra irmã, Gaby, recebe o dinheiro enquanto os filhos pequenos jogam no telemóvel dela,

sentados no chão, e Adri anda pelo bar a fazer aquilo que melhor faz: mandar os homens mais ruidosos fecharem a boca antes que ela o faça à força.

Para o fim da noite, o Janota está sentado sozinho ao fundo do balcão. Falta-lhe cumprir uma promessa, a que fez a Teemu. Kira deu-lhe os documentos de que precisa e ele vendeu os seus relógios caros e tem o dinheiro num envelope. Espera que todos os outros vão para casa, que Benji acabe de lavar a louça e saia para fumar, e por fim aproxima-se das três irmãs e diz:

– Tenho uma proposta de negócios para vos fazer.

*

O ferro-velho em Hed pode ser isolado, mas tem muitos olhos e ouvidos. Uma luz fraca brilha por detrás das cortinas de algumas das caravanas, e um cão preto e branco solitário dirige-se para a pequena casa no exterior, a alguma distância, mas é tão velho que parece perder-se a meio e tem de voltar para trás e começar de novo. Um carro trava em frente da casa e Adri sai e bate à porta até Lev abrir.

– Sim?

– É o Lev?

Ele veste calças de fato de treino e uma camisa de flanela mal abotoada. Parece que acabou de acordar, mas ainda assim fita-a com curiosidade.

– Sim?

– Venho pagar a dívida da Ramona – anuncia Adri, e entrega-lhe o envelope de dinheiro que o Janota lhe deu.

Nunca, em toda a sua vida, sonhou que acabaria por ser sócia daquele snobe de fato, ou que compraria o bar mais ranhoso a sul do Polo Norte a meias com ele, mas a vida nunca cessa de nos surpreender. Ramona não deixou testamento, mas, com a ajuda de Kira, o Janota conseguiu tratar de todas as questões legais, tanto junto do senhorio como do banco. A única coisa que lhes falta é chegar a

acordo com Lev. Infelizmente, ele não está interessado.

– Não quero dinheiro, sim? Quero um bar.

Adri fita-o nos olhos. Parece louca. Lev gosta muito disso, ela faz-lhe lembrar as sobrinhas, que também são psicopatas, da primeira à última.

– Se quer assim tanto o nosso bar, o que realmente quer não é um bar, é uma carga de trabalhos – pressupõe ela.

A ponta do queixo de Lev move-se pensativamente de um lado para o outro, como um antigo metrônomo. Parece ponderar muito bem sobre a ameaça dela antes de puxar as calças de fato de treino mais para cima e oferecer:

– Uma bebida, sim?

Ela sustenta-lhe o olhar durante longos momentos, desconfiada. Está desarmada, e sabe que ele não. Ainda assim, entra na casa com ele. Lev serve-lhes bebidas de garrafas sem rótulo. Ela olha para ele e pergunta:

– Não tem copos maiores?

Ele simpatiza de imediato com ela. Muito, mesmo muito. Mulheres loucas.

– Canecas de café, sim?

– Pode ser. Qualquer coisa maior que estes suportes de ovos – resmunga Adri, olhando para os pequenos copos de *shot*.

Bebem. Bebem muito. Fazem conversa de circunstância, contornando o verdadeiro tema, como dois lutadores campeões a testarem os limites um do outro. Lev faz perguntas sobre a floresta e a cidade, e Adri faz perguntas sobre o ferro-velho e a maquinaria. Falam sobre os gangues de criminosos que aqui passam a intervalos regulares, roubando tudo, desde combustível e ferramentas a barracões de trabalho inteiros, que levam em caminhões pela calada da noite. Têm muito em comum, ambos odeiam ladrões, mas muitas vezes foram eles próprios acusados de o ser. Não são pessoas a preto e branco; para eles tudo é cinzento, já aceitaram que é essa a sua natureza. Lev pergunta-lhe se é caçadora e Adri olha para ele como se

lhe tivesse perguntado se precisa de comer para viver. Claro que é caçadora. Levantou-se e diz que já caçou em todo o mundo, exceto neste país.

– Aqui é só regras, sim? Só podemos caçar nestas alturas, apenas estes animais, só com esta arma; regras, regras, regras...

Adri solta uma risada amarga. A burocracia para obter uma licença de porte de arma é de dar com qualquer um em doido, mas uma pessoa não pode dar sinais de loucura, porque então é que não conseguirá mesmo a licença de porte de arma.

– Sabe como é. De cada vez que os gangues nas cidades grandes andam aos tiros, um político qualquer decide que está na altura de proibir as caçadeiras. Como se esses gangues usassem as nossas caçadeiras. O que eles usam é pistolas de contrabando, por amor de Deus... – suspira ela.

O homem do outro lado da mesa responde, com um sorriso indulgente:

– O caçador é o gângster mais perigoso deste país, sim?

Serve mais bebida. Ela recosta-se na cadeira.

– Se perguntar às autoridades, é o que parece. Queixam-se de que a polícia não tem recursos quando miúdos de dezassete anos andam a brincar às guerras nas cidades, mas quando as pessoas aqui em cima, no seu tempo livre, deixam blocos de sal para os alces, aparece logo um pelotão de polícia armada até aos dentes nas nossas cabanas de caça para verificar se não deixámos algum armário de armas destrancado ou, Deus nos livre e guarde, se não violámos os direitos dos lobos...

Ele solta uma gargalhada rouca. Ela cala-se e esvazia o copo, pousando-o com força na mesa e com uma expressão que indica que a conversa fiada acabou. Ele aceita e diz:

– A Ramona devia-me dinheiro. Esta dívida pertence-me, sim? Quero o bar.

Adri baixa os olhos para o copo vazio, dividida entre a diplomacia e uma explosão de raiva. Mais perto da segunda hipótese. Porém,

quando levanta a cabeça, o cão preto e branco entra pela porta do terraço, aproxima-se e deita a cabeça no colo de Lev. Ele faz-lhe festas, carinhosamente. Adri ouviu todos os boatos que correm sobre ele, sobre as drogas e armas que estarão escondidas no ferro-velho, mas o homem trata aquele cão como se fosse o último lírio do vale à face da Terra.

– De que raça é? – pergunta.

– É uma... como é que se diz? Uma «rafeira de raça pura»! – ri-se Lev.

A cadela parece adormecer com a cabeça nas palmas das mãos dele.

– Trata-a bem? – pergunta Adri.

– Melhor do que trato as pessoas. Você é igual, sim?

– Sim.

Ele dá uma palmadinha carinhosa na cadela.

– Era um bom cão de guarda. Quando era nova. Mas agora? Quase cega. Quase surda. Só quer mimo. Mas que se há de fazer? Nunca tive um amigo melhor. Compreende?

Adri acena, compreensiva.

– Tenho uma cadela que é excelente cão de guarda. A melhor que jamais encontrará. E teve agora cachorrinhos. Vou trazer-lhe dois. E também lhos treino. Mas você aceita o dinheiro e deixa a porra do nosso bar em paz de uma vez por todas e ficamos quites. Entendido?

Lev sorri enquanto reflete no assunto durante muito tempo.

– E o Teemu? – pergunta, por fim.

– O Teemu não fará nada contra si se eu lhe disser para não fazer – responde ela.

Lev ri-se. Bebem mais. Apertam as mãos. Depois o Urso Pardo pertence às irmãs Ovich e a primeira coisa que Adri faz é ir lá e aumentar o preço da cerveja. Se Ramona a estiver a ver do Céu, a velhota há de estar a dançar.

Criminosos

As histórias de Björnstad e Hed podiam ter terminado aqui, mas as histórias das cidades nunca terminam realmente. As únicas histórias que acabam são as das pessoas.

Passaram dois anos e meio desde que Maya foi violada por Kevin. Dois anos desde que deixou Björnstad. Foi a história dela que deu início a tudo isto, que mudou os clubes de hóquei e influenciou políticas e abalou toda uma cidade e meia floresta até aos alicerces. Maya não tinha uma borboleta tatuada no ombro, mas era como se tivesse, porque podia facilmente ter sido Ruth. Eram tão parecidas, em tantos aspetos.

*

A única coisa que as separava era tudo.

*

Ruth está morta, Maya está viva. Ruth deixou Björnstad seis meses antes de Maya o fazer. Ruth fugiu, Maya mudou-se. Ruth nunca tocará guitarra perante milhares de pessoas, nem dormirá costas com costas com a sua melhor amiga numa autocaravana, nem se rirá tanto que o som ecoará entre as árvores na madrugada de um dos primeiros dias de inverno do ano. Ruth foi esquecida, como se nunca tivesse existido, como se aquilo a que foi sujeita não tivesse qualquer importância.

«Há sempre dois de tudo, um que vemos e um que não vemos», segundo Ramona. Ela nunca soube quem era Ruth, quase ninguém sabia quem ela era. A sua história não foi o princípio de nada. Mas será o fim de algo.

Porque uma das piores coisas que alguma vez faremos nesta

floresta é tentar dizer às nossas filhas que raparigas como Ruth são a exceção. Não é verdade, claro. Maya é que é a exceção. É por isso que aqueles que conseguem a mais ínfima vingança ou um grama de justiça se autointitulam de «sobreviventes». Porque sabem a verdade sobre raparigas como Ruth.

*

Há muitos anos, dois rapazinhos cresceram em Hed e tornaram-se amigos únicos um do outro, porque não tinham mais nada como termo de comparação. Um era bastante grande e o outro bastante pequeno, um não tinha medo de nada e o outro tinha medo de tudo. O mais pequeno era atormentado pelos outros rapazes da sua rua porque foi o último a aprender a andar de bicicleta, o último a aprender a patinar. O maior afugentava-os, não por ser mais forte ou mais perigoso, mas porque era imprevisível. Os rapazes da rua chamavam «mongas» ao pequeno, mas chamavam ao grande de «psicopata». Ele não tinha limites, toda a gente sabia disso já na altura.

Os rapazes começaram a brincar juntos na floresta durante o dia, e à noite viam filmes na casa do mais pequeno. Vivia sozinho com a mãe e o rapaz maior gostava disso, porque tinha quatro irmãos e pais agressivos e na sua casa nem sequer se conseguia ouvir a televisão. O mais pequeno gostaria muito de ter quatro irmãos, pai e mãe. A inveja é a sorte de quase todas as crianças.

Quando se conheceram, o rapaz maior estendeu a mão e disse: «Chamo-me Rodri.» O mais pequeno apertou-lhe a mão, mas não sabia que mais se esperava dele, porque nunca outra criança lhe pergantara o nome. Rodri sorriu. «Vou chamar-te Murmúrio, porque falas sempre baixinho! Não faz mal! Eu gosto de falar!»

Foi Rodri que ensinou o Murmúrio a patinar. Foram juntos ao seu primeiro treino de hóquei em Hed, e foi Rodri que sugeriu que o Murmúrio fosse para a baliza. «Não precisas de ser bom patinador

para estar à baliza, e nunca terás de ter medo de levar pancada porque ninguém pode tocar no guarda-redes, e toda a equipa te defenderá! É uma espécie de regra secreta: mesmo que achem que és um mongas, no gelo és apenas o guarda-redes!» Era a coisa mais simpática que alguém fizera pelo Murmúrio, dar-lhe a oportunidade de se esconder atrás de equipamento acolchoado e um capacete e poder assim participar. Jogaram juntos vários anos. Rodri tinha grandes sonhos, mas pouco talento; com o Murmúrio, acontecia o oposto.

Todos os dias se encontravam depois da escola. Nas férias de verão, passavam o tempo todo juntos. Era sempre Rodri que decidia o que faziam. Ele sonhava em ser um herói e era capaz de passar horas a congelar cenários em que salvava crianças de uma casa em chamas ou mulheres indefesas de assassinos sanguinários. Costumavam sentar-se na cave da casa do Murmúrio a estudar o livro de curso da escola e a discutir que raparigas gostariam de salvar e como elas demonstrariam a sua gratidão. Naturalmente as raparigas nem sequer sabiam quem eram Rodri e o Murmúrio, mas depressa se dariam conta do que tinham andado a perder, Rodri estava convencido disso.

Se Rodri fosse melhor jogador de hóquei, talvez o desporto tivesse feito dele um herói, mas achava que o treinador nunca lhe dava a oportunidade de mostrar aquilo de que era capaz. Havia sempre um dos rapazes ricos, populares e bem-parecidos que jogava em seu lugar. Era uma injustiça intolerável que Rodri nunca aceitaria: que os rapazes com quem as raparigas todas queriam ir para a cama eram também os melhores no hóquei. Por fim, num treino, Rodri envolveu-se numa luta com dois companheiros de equipa e, quando o treinador interveio, virou-se contra ele e acertou-lhe com tanta força que lhe fraturou o maxilar. «Aquele rapaz não tem limites, nunca teve, sempre foi um pequeno psicopata!», declarou um dos outros treinadores, que vivia na mesma rua que Rodri, e assim Rodri foi expulso do clube. O Murmúrio ficou. Era tão calado e ocupava tão pouco espaço, que foi como se não ocorresse a ninguém que ele continuava a ser o melhor

amigo do psicopata. O Murmúrio era o guarda-redes, afinal de contas, e não se pode tocar no guarda-redes.

Rodri continuou a ir a casa do Murmúrio todas as tardes. Esperava por ele no ringue à saída do treino. O Murmúrio foi ficando cada vez melhor no hóquei, mas quase ninguém reparou. Rodri foi ficando cada vez mais perigoso, mas também quase ninguém reparou. Tornaram-se adolescentes e, um dia, Rodri apareceu no ringue com uma lambreta. Fora um dos irmãos que lha dera. Trazia também cigarros. Não demorou muito a ensinar tudo sobre drogas ao Murmúrio, embora este nunca as consumisse. Rodri costumava sentar-se na cama dele e falar como um maníaco, durante horas, sobre coisas que vira *online*: política, teorias da conspiração, pornografia, armas, química. Sonhava em produzir a sua própria metanfetamina. Ficaria rico e não era preciso muito equipamento, dizia ele. Podiam fabricá-la na casa do Murmúrio. A casa de Rodri não servia porque os irmãos dele consumiriam tudo o que produzissem. Depois falava sobre raparigas, como sempre falara, desde que os dois rapazes andavam na escola primária. Rodri ainda não fizera sexo com ninguém, mas faria em breve, jurou. As palavras que usava para falar das raparigas mudaram a pouco e pouco, tão gradualmente que quase passou despercebido. «Aquela bonita» passou a ser «aquela jeitosa» e depois «aquela boazona»; e «a dos olhos bonitos» tornou-se «a das mamas grandes»; e «aquela mazinha» evoluiu para «aquela puta de merda». Depressa começou a identificar no livro de curso, sentado na cama do Murmúrio, as piores rameiras da escola, uma após outra. Sabia precisamente quem é que fora para a cama com quem em todas as festas para as quais nem ele nem o Murmúrio eram convidados. As piores eram, obviamente, as putas do hóquei, segundo Rodri, porque só iam para a cama com jogadores de hóquei. O que era injusto. Porque eles já eram os maiores e os mais fortes e os mais populares. Já tinham tudo. Uma noite, pôs-se a discorrer sobre o assunto na cama do Murmúrio: «O feminismo estragou tudo para os homens! É biológico, sabias? As mulheres devem ficar em casa e ter bebés e

cuidar do lar, e os homens devem construir a sociedade e proteger a família! As mulheres acham que querem igualdade, mas o que querem mesmo é tirania, estás a perceber? Nunca olham para tipos como nós. Porque acham que somos uns falhados. Só querem os maus. Porque acham que querem liberdade, mas, biologicamente, querem ser dominadas. É da natureza delas. Querem que um homem as force, contra a parede. Sabes quantas raparigas têm fantasias com ladrões? Com homens de máscara a atacarem-nas? Não sonham com heróis. Isso é só nos filmes. Os heróis nunca ficam com as miúdas na vida real!»

O Murmúrio não o levou a sério. Ou então não compreendeu. Tentou apenas fazer que sim com a cabeça para o amigo ficar contente. Quando as drogas começaram a deixar o corpo de Rodri, ele ficou todo suado, depois gelado, e pediu emprestada ao Murmúrio uma das camisolas vermelhas dos treinos de hóquei. Adormeceu no chão ao lado da cama do Murmúrio. E dormiu lá também na noite seguinte porque o irmão se desentendera com uns tipos quaisquer da cidade e era capaz de haver problemas em casa. Antes de adormecer, nessa segunda noite, contou-lhe uma nova fantasia que tinha: que ele e o Murmúrio podiam enfrentar esses tipos e matá-los e ser heróis.

*

No dia seguinte, tornaram-se heróis a sério.

*

Ruth deixou o país exatamente há dois anos e meio, logo depois do que aconteceu com Maya e Kevin se tornar do conhecimento público. Maya fora à polícia e a cidade inteira virara-se contra ela. Com o tempo, tudo isso mudaria, mas ninguém o sabia na altura. Ruth não quis ficar para ver o que aconteceria. Ela própria passara por tudo aquilo alguns meses antes, e sabia o que esta floresta fazia a raparigas

como ela e Maya.

*

Disparar. Enterrar. Silenciar.

*

Durante os últimos dois anos e meio da sua vida, longe dali, Ruth odiou-se a si própria principalmente por dois motivos: por ter deixado o irmão mais novo, Matteo, sozinho naquela casa horrível com os seus pais horríveis, e por se ter esquecido de levar o diário consigo. Não tinha coragem de contactar Matteo porque temia que os pais descobrissem onde ela estava. Escrevera nesse diário mesmo até ao dia em que partiu, e, assim que partiu, era já demasiado tarde para o ir buscar. Não sabia se alguém o encontraria, mas esperava que não fosse o irmão. Desejava-lhe uma infância a sério, a andar de bicicleta e a jogar computador, e que só encontrasse o mal nos livros de banda desenhada. Todos os dias contava as semanas e os meses que faltavam para Matteo fazer dezoito anos, para poder ir buscá-lo. Não teve tempo. O intervalo de seis anos era demasiado grande. E talvez ele nem tivesse querido ir com ela, mesmo que o tivesse conseguido ir buscar.

Os dois irmãos amavam-se muito desde pequenos, mas nunca haviam tido muito em comum. Além disso Matteo tinha algo que faltava a Ruth: o amor da mãe. A mãe acompanhava sempre o filho mais novo; Ruth não a suportava, por isso mantinha a distância tanto quanto podia. A mãe, com todas as suas neuroses. A fobia de casas abafadas, que a fazia arejar o apartamento todo até ficar gelado; a sua convicção de que os vizinhos os espiavam; o medo de que os cães da área fossem o Diabo em forma de animal. Não tinham fim. O pai limitava-se a ficar sentado noutra divisão com os seus livros, fisicamente presente, mas cada vez mais distante em espírito. Como se

estivesse a conjurar uma doença mental enquanto forma de escapar. Ruth detestava-o e, ao mesmo tempo, invejava-lhe essa capacidade.

Todos os fins de semana iam à sua igreja, cheia de outras famílias que eram diferentes da mesma forma que a de Ruth era. Tinham as mesmas regras, as mesmas proibições: todos falavam com os filhos sobre o temor a Deus, mas nunca mencionavam o amor. Um dia, Ruth gritou à mãe: «Dizem que temos de ser servos de Deus, mas isso significa sermos escravos!» A mãe teve um dos seus colapsos histéricos. Mesmo ao fim de tantos anos, Ruth ainda não conseguia precisar com certeza se os ataques eram reais ou se a mãe estava apenas a fingir. Não se arrependeu do que disse, mas ficou zangada consigo própria por ter deixado Matteo tão aflito.

Saiu intempestivamente de casa, batendo com a porta, mas foi obrigada a regressar nessa noite. Na altura, não tinha para onde fugir. Não tinha amigas na escola; todas as outras raparigas eram bonequinhas perfeitas, com roupas perfeitas, pais perfeitos e vidas perfeitas. Riam-se e falavam nas costas de Ruth, comentando que ela pertencia a um culto e que a sua família era louca. Por fim, isto tornou-se tão normal que já nem a magoava. Ruth aprendeu a passar despercebida, a fazer-se invisível, e pensava apenas em sobreviver à escola até fazer dezoito anos e poder ir para algum sítio distante e escolher uma vida diferente. Pelo menos assim foi até um dia encontrar a sua primeira verdadeira amiga, e aí tudo mudou. Ironicamente, aconteceu na igreja. Apareceu uma família que acabara de se mudar para Hed e a filha tinha a mesma idade que Ruth. Chamava-se Beatrice. Ficaram logo amigas. Partilhavam o mesmo ódio pelas regras e proibições, e ambas tinham a sensação de viver no planeta errado. Assim que Ruth teve oportunidade, começou a apanhar o autocarro para Hed e, quando os pais de Beatrice não estavam em casa, as duas raparigas ouviam música e maquilhavam-se e viam filmes que normalmente nunca as deixariam ver. Foi a melhor fase da vida de Ruth. Nunca voltamos a ter amigos tão bons como aqueles que temos na adolescência. Nem mesmo se os mantivermos

pela vida toda. Nunca mais será o mesmo como foi nessa altura.

Quando tinham dezasseis anos, Beatrice conseguiu arranjar-lhes convites para uma festa em Hed. Beberam e fumaram como todos os outros jovens e, pela primeira vez, Ruth sentiu-se quase normal. Até beijou um rapaz e acabaram os dois num sofá, numa sala escura, onde ele tentou fazer sexo com ela, mas não conseguiu levantar aquilo que precisava de ser levantado. Ruth riu-se, nervosa, e ele ficou furioso. Saiu e correu para casa. No dia seguinte, Ruth soube, por intermédio de Beatrice, que ele contara a toda a gente na escola que tinham feito sexo e que ela era horrível na cama. E foi assim que Ruth descobriu que a verdade não interessa aos rapazes. O boato de que ela estivera numa festa em Hed chegou à escola em Björnstad e, durante algum tempo, as raparigas perfeitas ficaram indecisas entre chamar-lhe «puta de Hed» ou «vaca do culto». Quando ela fez dezassete anos, Beatrice ofereceu-lhe um par de auscultadores bons para que não tivesse de as ouvir. Nessa noite, beberam álcool contrafeito, sozinhas na floresta, e Beatrice sussurrou-lhe alegremente ao ouvido: «Caraças, adoro estar bêbada! Raios, agora tenho de ir fazer chichi! Vou mijar como um camelo!» Ruth riu-se tanto que rebolou pelo chão. Nunca mais teve uma amiga como Beatrice, ninguém tem.

A mensagem chegou tão repentinamente no dia seguinte, quando Ruth ia a caminho de casa depois da escola, e tão carregada de pânico, que lhe gelou o sangue: «Os meus pais descobriram o meu esconderijo! Ligaram para os teus!» Ruth correu o resto do caminho, mas era tarde de mais. A mãe virara o seu quarto de pernas para o ar e encontrara tudo. As cuecas de fio dental, cigarros, pílula anticoncepcional. Ruth não fazia ideia do que a mãe acharia pior. Mas para Beatrice foi ainda mais grave, porque o pai encontrou o telemóvel dela e todas as mensagens dos rapazes. Uma semana depois, tiraram Beatrice de Hed e mandaram-na para uma localidade ainda mais pequena, a quase mil quilómetros dali, para viver com uma parente. Ruth não pôde deixar de pensar que as raparigas da escola tinham razão: elas estavam mesmo metidas na porra de um culto.

Foi ideia de Rodri, como de costume. «Vamos pegar na lambreta e vamos a Björnstad! Encontrar umas putas de Björnstad! Sabes que todas as raparigas de Björnstad gostam dos tipos de Hed, não sabes? É porque os homens em Björnstad têm todos pilas pequenas. É genético!»

O Murmúrio não queria ir, mas também não queria recusar. Não queria desiludir o amigo quando ele estava tão bem-disposto. Assim, vestiram os blusões vermelhos, para que as raparigas vissem logo que eles eram de Hed, e foram. Não encontraram raparigas nenhuma, claro, estava demasiado frio, e portanto pararam à beira da estrada na floresta, perto do lago, e Rodri bebeu cerveja e falou sobre coisas que lera. Nessa altura andava interessado em religião e falou, falou e falou. Muito mais tarde, o Murmúrio pensaria que isso talvez fosse o pior em relação a Rodri, o facto de ser tão inteligente. Que, apesar de assim ser, fosse capaz de cometer os atos terríveis que estava prestes a concretizar.

Fazia-se tarde e, com a escuridão, o frio intensificou-se. Preparavam-se para dar a volta à lambreta e regressar a Hed quando o Murmúrio olhou para o lago e viu o miúdo no gelo. Não estava em pé, estava deitado, todo esticado, em pânico, tentando fazer-se o mais leve possível. Na margem, estavam várias outras crianças, a gritar e a gozar com ele. O Murmúrio começou a correr e Rodri ao início não percebeu porquê, mas, assim que se deu conta do que estava a acontecer, viu a sua oportunidade de ser um herói. «QUE DIABO ESTÃO A FAZER?», gritou. Quando os miúdos fugiram, queria ir atrás deles e matá-los, mas o Murmúrio impediu-o e apontou para o miúdo no gelo.

Foi ideia de Rodri despirem os blusões e as camisolas e atarem-nos para formar uma corda. O Murmúrio era o mais leve dos dois, por isso rastejou, de barriga para baixo, até estar perto o suficiente para a atirar ao rapaz. Depois puxaram Matteo até estarem em segurança. O

miúdo estava tão gelado e assustado, a bater os dentes de tal maneira, que mal conseguiu proferir uma palavra, mas lá conseguiram arrancar-lhe o nome e a direção da sua casa. O Murmúrio levou a bicicleta do rapaz e Rodri seguiu-o devagar, na lambreta, com o rapaz à pendura.

A irmã de Matteo era a única pessoa que estava em casa. Saiu a correr e abraçou o irmão com tanta força que ele nem conseguia respirar. Depois agradeceu aos rapazes de blusões vermelhos, do fundo do coração.

– Ruth! – apresentou-se, estendendo a mão.

– Rodri! – sorriu Rodri.

Três anos mais tarde, ela morre num país a milhares de quilómetros. Ele nunca lá esteve. Mas Matteo sabe que foi ele que a matou.

Pedras

Todas as comunidades têm locais com nomes estranhos cujas origens todos esqueceram. Björnstad tem «o Covão» e «os Montes», que ao princípio seriam, presumivelmente, apenas descrições baseadas na geografia, mas que a dada altura se tornaram nomes próprios usados em placas de sinalização. No fim, ninguém se lembra realmente como é que isso aconteceu. Nem de quem foi a ideia.

Na manhã de sábado, bem cedo, batem à porta da família Andersson, com força, mas não de modo agressivo. O punho cerrado que bate na madeira pertence a alguém que perdeu, a alguém que quase venceu, mas que ainda tem orgulho suficiente para caminhar de costas direitas.

Peter abre a porta e o cheiro a *croissants* acabados de fazer atinge a editora-chefe. Tem uma caixa de cartão nos braços e parece tão surpreendida com o cheiro como ele fica ao vê-la.

– Olá... eu... – começa Peter.

Nunca se conheceram pessoalmente, mas é óbvio que ele sabe quem ela é. A floresta não é assim tão grande.

– Queria dar-lhe isto – indica ela em tom cerimonioso, encostando a caixa ao peito dele.

É mais leve do que Peter esperava. Espreita entre as abas e vê que está cheia de documentos.

– Não compreendo...

Ela respira fundo lentamente, para não começar aos gritos.

– Tem bons amigos, Peter. Amigos poderosos. Odeio a corrupção nestas malditas cidades, mas suponho que agora também faço parte dela. O Richard Theo quer que eu lhe dê isto, para que fique com a certeza de que não vamos escrever nenhum artigo sobre si. Isto é tudo o que conseguimos desenterrar sobre o Peter e o Hóquei de Björnstad.

Ele olha para a caixa. Ela espera que ele se faça de parvo, ou talvez

que fique furioso, e quase deseja que assim seja; seria bom para o seu amor-próprio. Ao invés, ele pisca os olhos húmidos e pergunta:

– Então isto é tudo culpa minha?

A editora-chefe agita-se involuntariamente nos degraus.

– Sim... sim, é uma forma de ver as coisas. Se quer que lhe diga, por um lado estou contente por não termos sido obrigados a arruinar-lhe a vida. Sei que a sua filha passou um mau bocado. Você parece ser bom pai, portanto presumo que também passou um mau bocado. Ouvi dizer que tem feito muita coisa boa pelos jovens nesta cidade. Talvez isso... equilibre a balança.

Peter vê nos olhos dela que não é verdade. Ela ainda tem pena de não o ter desmascarado. De não o ter posto na prisão. Ele fez batota, e ela é o tipo de pessoa que nunca conseguirá viver bem com isso. A editora-chefe vira-se e vai a caminho do carro quando ele a chama de súbito.

– Posso perguntar-lhe se... acha que é possível uma pessoa redimir-se de um crime sem cumprir a sua pena?

Ela olha para trás, por cima do ombro.

– Como assim?

Peter pigarreia, claramente perturbado.

– Sei qual foi o meu crime. Fechei os olhos. Não fiz perguntas. Fingi que não me apercebia de haver alguma coisa errada. Não me envolvi. Eu... não disse nada.

A editora-chefe respira uma golfada de ar frio e sente-se quase calma. É uma espécie de justiça, aquela confissão; talvez consiga contentar-se com essa vitória.

– Como é que costumam dizer lá no seu clube? «Tetos altos e paredes grossas», não é? – pergunta.

– Sim. Será essa a minha maneira de me redimir? Tornar as paredes mais finas? – pergunta ele, com franqueza.

A editora-chefe nunca esperou que a conversa fosse nesta direção. Tem de se esforçar por organizar pensamentos e argumentos, e por fim responde:

– O meu pai adora História. Medieval, essencialmente. Sempre que íamos de férias, quando eu era pequena, tínhamos de andar a ver igrejas e ele falava sobre cada pedra. Lembro-me de ele dizer que, quando um homem rico cometia pecados horríveis, os padres lhe asseguravam que podia conseguir o perdão de Deus se construísse uma catedral. Obviamente, era apenas uma forma de os padres enganarem alguém e arranjam quem pagasse pelos seus projetos de construção ridiculamente faustosos. Não é muito diferente da forma como os clubes de hóquei exploram os municípios para construírem riques de gelo hoje em dia. Mas, quando eu era pequena, achava... bom... não sei... parecia-me que isso tinha algo de positivo. Que os homens poderosos, no final da vida, fossem obrigados a ser humildes e a transformar o seu dinheiro em pedras.

Peter olha para a caixa, com as lágrimas a pingarem sobre o conteúdo.

– Obrigado.

A editora-chefe morde o lábio e depois murmura:

– Agora mereça-o.

Mete-se no carro e afasta-se com lágrimas de raiva nos olhos e um saco de *croissants* acabados de fazer no banco do passageiro.

Vítimas

Depois de Beatrice desaparecer, Ruth ficou novamente sozinha. Dessa vez era ainda pior, porque já sabia como era ter alguém. Os pais ficaram tão envergonhados que nem sequer a obrigavam a ir à igreja, talvez por quererem fingir que também eles tinham mandado a filha para longe, já que, evidentemente, era o que se esperava deles. Sempre que iam a algum dos eventos de caridade da sua congregação, deixavam também Matteo em casa, porque havia sempre pessoas de igrejas de outras cidades e os pais receavam que ele contasse a alguém a verdade sobre a irmã. Num desses dias, quando estavam os dois sozinhos em casa, Ruth usou o computador que o irmão tinha escondido, para mandar uma mensagem a Beatrice. Matteo tinha apenas onze anos, mas já ligara o computador ao *wi-fi* dos vizinhos. Ruth ficou estupefacta por ele ter conseguido descobrir a *password*, mas Matteo encolheu os ombros e disse que quase toda a gente usa os nomes dos filhos ou netos, por isso ele tinha procurado os nomes dos vizinhos *online* e testado todas as combinações de que se lembrara até uma delas funcionar. «És um génio!», elogiou-o Ruth, fazendo-o corar. Depois ele saiu na sua bicicleta para ela poder falar com Beatrice à vontade. Pensava que era isso que ela queria porque partia sempre do princípio de estar a atrapalhar. A irmã nem deu por ele sair.

Assim, horas depois, quando o viu chegar a casa, gelado e apavorado, à pendura na lambreta de um rapaz desconhecido, saiu a correr de casa, em pânico, e abraçou-o com todas as suas forças. Os rapazes de blusões vermelhos contaram-lhe o que tinha acontecido. Pareciam simpáticos, mas um pouco estranhos; um deles não se calava e o outro não abriu a boca. Um disse que se chamava Rodri e que o amigo se chamava Murmúrio, porque nunca falava.

- São do hóquei? – perguntou Ruth, olhando para os blusões deles.
- Sim! – respondeu Rodri, como um relâmpago.

– É pena. Estou tão farta dos tipos do hóquei. – Ruth sorriu. Rodri ficou imediatamente obcecado por ela.

Nos dias que se seguiram, começou a vir de Hed na motorizada e a passar pela casa dela. Ouvira dizer que os pais eram uns maluquinhos religiosos e por isso não se atrevia a ir bater à porta, mas andava rua abaixo, rua acima, na esperança de que ela estivesse em casa e o visse. Um dia, Ruth parou de fingir que não o via e saiu às escondidas para ir ter com ele. Rodri levou-a na motorizada até uma zona da floresta nos arredores de Hed, onde ele e o Murmúrio tinham encontrado um barracão abandonado que haviam transformado no seu covil. Enquanto o Murmúrio lia livros de banda desenhada, Rodri iniciou-a em drogas que ela nunca tinha experimentado. Quando ela vomitou, ele e o Murmúrio cuidaram dela. «Estás só a ter uma má moca, não te preocupes, já passa», sussurrou-lhe Rodri, segurando-lhe o cabelo para ela não o sujar. A seguir levou-a a casa e, quando ela saltou da lambreta, tentou beijá-la. Ruth resistiu e ele apertou-lhe o pulso com tanta força que ela gritou. «Estás a fazer-te de difícil, gosto disso», disse ele. Ela nem soube o que fazer. Estava tão cheia de repulsa, e ainda tão zonha, que entrou em casa e adormeceu.

Rodri começou a mandar-lhe mensagens, por vezes cinquenta no mesmo dia, e Ruth não sabia o que fazer. Escreveu a Beatrice e perguntou-lhe, mas Beatrice respondeu apenas que os rapazes às vezes eram assim. Um bocadinho tarados de mais. Não era assim tão estranho, pois não? E ele parecia simpático, portanto se calhar só não sabia como se portar com as raparigas?

Ruth não tinha a certeza. Alguns dias mais tarde, estava tanto frio quando saiu da escola que foi para a paragem de autocarro em vez de seguir a pé para casa. Algumas das raparigas perfeitas também lá estavam e começaram a rir quando a viram. «Bonitas roupas, é o uniforme do culto?», perguntou uma delas, e as outras explodiram em gargalhadas. «Vestem-se assim porque os pais não querem que os outros homens sejam tentados, só eles é que podem ir para a cama com as filhas!», declarou outra, e riram-se mais baixo, mas cada vez

mais histericamente. Ruth só queria que se abrisse um buraco no chão para a engolir, e ao mesmo tempo queria esmagar-lhes as caras contra o vidro da paragem de autocarro. Depois alguém a chamou da estrada e, quando levantou a cabeça, viu que era Rodri. Trocara a lambreta por uma mota de crosse, ou pelo menos era como Ruth achava que se chamavam. Disse que a conseguira através de um dos irmãos. «Queres vir a uma festa em Hed?», perguntou ele. Ruth olhou para as raparigas perfeitas e viu que estavam assustadas, que achavam que Rodri era perigoso, e assim, só para ver as caras daquelas estúpidas, montou-se na mota e arrancaram.

Ele não fora convidado para a festa, mas toda a gente da equipa de hóquei de Hed estava lá e, como o Murmúrio foi com eles, ninguém os interpelou quando apareceram. Era a festa de um miúdo rico, numa grande casa, e tão apinhada de gente embriagada que depois de estarem lá dentro já ninguém queria saber quem eram. Rodri ia trazendo bebidas a Ruth, e ela nunca viu o que ele lhe punha nos copos. Começou a sentir-se estranha. Ele murmurou-lhe ao ouvido que era bonita. Que estava apaixonado por ela. Que queria fazer com que ela se sentisse bem. Ruth nem sabia como tinham ido parar àquele quarto, nem sequer sabia se ainda estavam na mesma casa, na mesma festa. Ele começou a despi-la e ela gritou «não». Implorou-lhe que parasse. Mas a música estava muito alta e ele era tão pesado. Perdeu os sentidos, não soube durante quanto tempo, e, quando acordou, estava nua. Não conseguia ver bem, com clarões nos olhos. Sentia-se muito mal, mas, assim que tentou afastar-se de Rodri, ele prendeu-a pelo pescoço e sussurrou-lhe que a mataria, a ela e ao irmão. Apavorada, ficou como que congelada. Para ela, a violação durou uma eternidade, mas, para ele, nem sequer aconteceu. Até ao fim da sua vida, nunca conseguiria perceber que era um violador. Considerava-se um herói.

Quando finalmente ele soltou a respiração, gemeu e relaxou, ela viu a sua oportunidade; contraiu o corpo, empurrou-o aos pontapés e levantou-se, mas ainda estava tão drogada que mal se tinha de pé.

Cambaleou na direção da porta enquanto tentava abotoar a blusa e puxar as cuecas para cima. Ouvia-o atrás de si, não sabia bem se estava a rir ou outra coisa qualquer. Mais tarde, não conseguiria descrever o quarto nem quanto tempo lá estivera, mas nunca se esqueceu de que, quando saiu para o corredor estreito, perto das escadas, o Murmúrio estava lá. Ruth viu claramente o horror e a vergonha nos olhos dele. Ouvira-a gritar, ela tinha a certeza, mas não tivera coragem de fazer nada. Ficara simplesmente paralisado ali fora, tal como ela ficara paralisada lá dentro enquanto Rodri fazia o que queria.

Ruth correu. Tinha a cabeça a andar à roda e o coração aos saltos e as pernas mal conseguiam sustentá-la. Quando chegou ao fundo das escadas, a festa ainda decorria. Alguém assobiou, outra pessoa gritou: «Acabadinha de foder? Boa! Queres mais uma dose?» Ela abriu desesperadamente caminho à cotovelada entre a multidão de adolescentes bêbados, e só quando chegou à rua é que se deu conta de estar meio despida, mas o frio era quase libertador. Protegia-a. Nem conseguiu chorar, porque foi o caminho todo até casa a tiritar e a bater os dentes.

*

No seu diário, Ruth escreveu:

Quando as meninas vão para a escola primária, e os rapazes nos batem e nos puxam o cabelo no recreio, e vamos pedir ajuda a um adulto, dizem-nos: «Os rapazes só fazem essas coisas porque gostam de ti!» E é assim que ensinam aos rapazes que têm direitos sobre nós. Depois crescemos e eles violam-nos, mas nós somos apenas umas putéfiás estúpidas porque não o vemos como um ELOGIO? Batem-nos e matam-nos, mas é só porque gostam de nós. Porque é que não compreendemos isso?

Na página seguinte está escrito:

Nem sequer fodi com o outro rapaz em Hed, mas ele disse a toda a gente que sim, e isso significava que eu já era uma puta. E as putas não podem ser violadas.

Numa das últimas páginas, escreveu:

Não tenho qualquer hipótese se nem os meus próprios pais acreditam em mim. Porque é que a polícia acreditaria? Ou outra pessoa qualquer? Só acreditarão em mim quando o Rodri me matar.

Na última página, em caligrafia tremida, ela escreveu:

Os pais acham sempre que têm de prevenir as filhas sobre os rapazes. Dizem-nos que não devemos usar saias curtas, nem andar sozinhas, nem beber álcool, que não podemos deixar que os rapazes gostem demasiado de nós. Mas não precisam de nos prevenir em relação aos rapazes, porque nós já sabemos isso tudo, foda-se, porque é a nós que eles violam! Falem é com os merdas dos vossos filhos! Ensinem-nos a conversar decentemente e a controlarem-se uns aos outros. Criem a porra de um rapaz, algures, que possa vir a ser o diretor de uma escola e que compreenda que, quando os rapazes puxam o cabelo às raparigas, são os cabrões dos rapazes que estão a agir mal. Digam aos vossos filhos que, se têm de PENSAR se fizeram ou não fizeram sexo com uma rapariga que não queria, é porque FIZERAM! Se não conseguem perceber se a rapariga com quem estão a fazer sexo quer ou não quer estar ali, é porque nunca fizeram sexo com uma rapariga que o queira. Parem de falar com as vossas filhas. Nós já sabemos.

*

Na manhã seguinte, Ruth estava tão maldisposta que julgou que morria. Quase desejou a morte. Desejou poder despejar ácido corrosivo no cérebro e livrar-se de todas as suas memórias da noite anterior. O hálito dele, as mãos em todo o lado, senti-lo dentro de si.

«Amo-te», murmurara ele. «Não te faças de difícil! Eu sei que tu queres! Sei que já fodeste outros tipos!», sussurrou. Depois disso vieram as ameaças de morte contra ela e Matteo. E depois ela ficou ali parada. A tentar sobreviver.

Mesmo antes de almoço, no dia seguinte, recebeu a primeira mensagem: «Obrigado pela noite de ontem, linda!», escreveu ele. Ela não percebeu. Estaria a fazer pouco dela? A ameaçá-la? A mensagem seguinte dizia: «Amo-te! Vemo-nos logo? Beijos.» Isto prolongou-se ao longo de várias horas, até que Ruth pegou no telemóvel e escreveu, ainda tonta e ressacada: «Eu não queria. Estava bêbada. Não queria!» Ele respondeu: «Deixa-te de coisas! Claro que querias! Não gostaste? Posso praticar para ser melhor! Vem ter ao barracão e podemos repetir.» Ela escreveu: «Esquece, tarado de merda. Vou dar queixa de ti à polícia.»

O telemóvel ficou em silêncio por alguns minutos. Depois chegou uma fotografia. E outra. Ela ainda estava vestida nestas, mas sabia que pouco depois de terem sido tiradas já estava despida. Um minuto depois de mandar as fotografias, Rodri ligou. Primeiro, Ruth não teve coragem de atender, mas ele continuou a ligar até que, por fim, ela não teve coragem de não atender. A voz dele era completamente inexpressiva, como aquelas vozes computadorizadas: «Se fizeres isso, publico *online* as tuas fotografias nua, para que todos vejam a puta que és.» Eram esses os clarões que vira ao acordar na cama. Ele tirara-lhe fotografias enquanto ela estava inconsciente.

Ruth ficou sem ar. Não conseguia pensar. Desligou o telemóvel e escondeu-o debaixo da cama, como se isso pudesse ajudar. Não se atreveu a sair de casa, com medo de o encontrar à sua espera. Não conseguiu dormir. Não conseguiu comer. Ficou deitada no chão, a chorar compulsivamente.

Nessa noite, ele começou a enviar mensagens. Exigiu que ela se encontrasse com ele. «Podes ficar com as fotografias, eu não as mostro a ninguém, mas vem cá ter!», escreveu. Ela não ousou recusar. Encontraram-se no barracão na floresta, nos arrabaldes de Hed, e o

pior de tudo foi a súbita gentileza dele. Quase como se tivesse medo. Pediu-lhe desculpa num murmúrio, disse-lhe que a amava e que não se apercebera de que ela não queria. Ele também estava bêbado, disse. Não sabia o que fazia, desculpou-se. Mas a culpa também era dela, continuou. Porque é que concordara em ir à festa com ele se não gostava dele? Estaria apenas a usá-lo? Se calhar só queria ir para a cama com outro tipo qualquer na festa? Porque é que ele não chegava para ela? Não era suficientemente bom?

Tocou-lhe na face e ela estremeceu de medo, e ele interpretou a reação como um sinal de amor.

«Podemos divertir-nos. Eu faço com que seja bom. Prometo.» E começou a beijar-lhe o pescoço. «Só quero as fotografias», murmurou ela. E ele prometeu. Prometeu, e prometeu, e prometeu. Se ela fizesse sexo com ele mais uma vez, de livre vontade, ele apagaria todas as fotografias. E ela podia ver enquanto ele o fazia.

Assim, Ruth acedeu e fez sexo com ele. Ele apagou algumas fotografias. Mas não todas. Ao longo dos dias seguintes, mandava-lhe mensagens à noite, e ela tinha de ir ter com ele e fazê-lo uma e outra vez. Ele tinha drogas e ela tomou-as, para conseguir aguentar e esquecer, e corria para casa logo a seguir. Ele interpretou isso como amor.

Por fim, ele foi-se abaixo e chorou em frente dela, dizendo que não tinha culpa de estar a fazer aquilo. Ela é que o forçara a isso. A culpa era dela. Quando lhe pegou no pulso, ela puxou a mão e fugiu. Ele perseguiu-a pela floresta, mas ela era mais rápida. Quando chegou a casa, Matteo dormia na sua cama e tudo o que Ruth conseguiu pensar foi que não queria saber se as fotografias eram ou não publicadas; tinha de afastar Rodri deles, tinha de proteger o irmão. Assim, na manhã seguinte, foi à polícia.

Sentaram-na numa salinha com um copo de água que ela nem conseguia beber por ter as mãos a tremer tanto. Tinha dezassete anos de idade. Os polícias sugeriram-lhe que ligasse aos pais. Ela não quis. Os polícias falaram e falaram, e várias pessoas diferentes entraram e

saíram da salinha. Ruth sentia-se como se flutuasse num vácuo. Alguém lhe perguntou se consumira drogas. Prometeram-lhe que, se contasse a verdade, a ajudariam, que nada de mau lhe aconteceria. Ela cometeu o erro de acreditar neles. Admitiu ter consumido drogas. Admitiu ter feito sexo com Rodri várias vezes. Até admitiu que quase fora para a cama com outro tipo noutra festa, mas que ele não o conseguira pôr de pé. Mostrou-lhes as mensagens de Rodri, mostrou-lhes as fotografias que ele lhe mandara, mas tudo o que a polícia viu foi uma rapariga de dezassete anos, vestida, que parecia bêbada e contente. Que parecia estar a gostar. Nada do que Rodri escrevera era ameaçador. Ele parecia até quase arrependido? Talvez tivesse sido apenas algum mal-entendido?

Ruth protestou e protestou, mas já não sabia como havia de explicar. Afinal de contas, nem se lembrava de tudo! Nem sequer sabia o que ele lhe pusera na bebida! Perguntaram-lhe porque não fizera queixa mais cedo. Ela não tinha resposta, a não ser que tivera medo. Os polícias disseram que compreendiam e convenceram-na a ligar aos pais. Prometeram que falariam com eles. Que ia correr tudo bem. Uma vez mais, ela cometeu o erro de acreditar.

Lembrava-se da expressão da mãe naquela salinha. Ferida. Como se Ruth a tivesse magoado. Lembrava-se do pai, desconfortável e ansioso, como se só quisesse sair dali, a qualquer custo. «Não estamos a dizer que é mentira, minha menina, mas decerto vêes o mau aspeto que isto tem?», disse uma voz, e Ruth demorou alguns minutos a compreender que era a mãe. Obviamente sabia que a mãe a odiava, mas assim tanto? As lágrimas deslizaram-lhe pelas faces e respondeu com voz embargada: «Ele violou-me, mãe!» A mãe suspirou e olhou para os polícias com uma expressão austera. «Infelizmente, creio que temos de falar com a nossa filha em casa. Talvez possamos voltar amanhã? Ela é um pouco fantasiosa. E uma drogada, como já perceberam. Tem uma gaveta cheia de cuecas indecentes e pílulas anticoncecionais, portanto este não é de certeza o primeiro rapaz! Se calhar ele não quis continuar a sair com ela, e ela arrependeu-se e

inventou isto tudo. Já se sabe como são as raparigas nestas idades!»

A mente de Ruth era um turbilhão descontrolado. Vomitou no meio do chão. Lembra-se de um dos polícias, um homem mais jovem que pareceu aperceber-se de haver ali algo errado, pousar-lhe uma mão fresca na testa, dar-lhe água e sugerir: «Tenta voltar amanhã, quando te sentires melhor, para nos voltares a contar o que aconteceu, está bem? Parece tudo muito complicado. Mas talvez se consiga perceber melhor amanhã, quando estiveres um pouco mais... recomposta?»

Ruth não se lembrava de como saíra da esquadra. Não se lembrava de grande parte do trajeto até casa. Tudo o que recordava, depois, era de o pai dizer ao virar para a rua deles: «Lembra-te de que esse rapaz pode processar-te por difamação. O que estás a fazer é perigoso. Podes arruinar-lhe a vida toda.» Quando saíram do carro, a mãe de Ruth fez algo que quase nunca fizera: pegou na mão da filha, com carinho, quase como uma mãe normal. «Anda lá, minha menina, vamos entrar e comer qualquer coisa. Pediremos a Deus que te guie. Deus ajudar-nos-á. E depois esqueceremos tudo isto. No fim de semana, acho que deves vir connosco à igreja outra vez. Tudo ficará melhor depois.»

Ruth não voltou à esquadra. O jovem polícia esperou. Talvez se tenha revoltado consigo próprio mais tarde, por não ter feito mais. Talvez tenha conseguido pôr o assunto para trás das costas. As pessoas como ele estão apenas a tentar fazer o seu trabalho. Todos afirmam que se limitam a seguir a lei. O problema é que as leis não são escritas para raparigas como Ruth. São feitas contra ela.

Nas semanas que se seguiram, Ruth foi-se fazendo cada vez mais pequena quando estava no meio de outras pessoas. E cada vez fazia mais mal a si mesma quando estava sozinha. Estranhamente, a mãe parecia mais carinhosa com ela do que o costume, como se quisesse comprá-la com o seu amor; se a filha estivesse calada com aqueles disparates, talvez pudessem voltar a ser uma família perfeita. Como se alguma vez o tivessem sido. O pai de Ruth mal falou com ela, exceto para dizer: «Só podemos rezar para que a polícia não entre em

contacto com o rapaz. Caso contrário é bem capaz de nos meter em tribunal. Como havíamos de pagar essa despesa?»

Se tivessem mais família, tê-la-iam mandado para longe, como Beatrice, mas haviam cortado todo o contacto com os outros familiares quando se juntaram à igreja. Agora, estavam aprisionados uns com os outros. À noite, Rodri mandava-lhe mais mensagens. Sempre a insistir que a amava. Que tinha saudades. Passado algum tempo, começou a escrever como tinham sido bons os momentos na «cabana», como chamava agora ao barracão na floresta, e Ruth começou a perceber que ele fantasiara todo um universo paralelo no qual tudo o que acontecera fora uma história de amor. Uma noite, viu-o na rua em frente da casa dela. De outra vez, viu-o passar pela escola. Começou a receber mensagens de contas anónimas nas redes sociais em que a chamavam «puta convencida, com a mania que és melhor do que os outros». Sabia que era ele, claro, mas como poderia prová-lo? Quem acreditaria nela?

Alguns meses depois, começou a correr pela escola um rumor sobre o que Kevin fizera a Maya. Ou melhor, o que Maya fizera a Kevin. Ruth ouviu-o no refeitório, onde não se falava de outra coisa. Maya era alguns anos mais nova e Ruth não a conhecia, mas ela apresentara queixa de Kevin, depois de uma festa, e, em consequência disso, Kevin fora impedido de disputar um jogo de hóquei muito importante. Toda a gente estava revoltada.

Ruth não ousou olhar em volta, morta de medo de que alguém percebesse aquilo que lhe acontecera. Revivera tantas vezes na sua cabeça as acusações da polícia e dos pais, de que era apenas uma mentirosa, que já começava a acreditar que talvez fosse verdade. Se calhar o sucedido não fora realmente tão mau como pensava? Se calhar até fora mesmo culpa dela?

Nessa noite, leu todos os comentários *online* sobre Maya. Toda a gente achava que ela era uma rameira. Que estava a mentir. Que esperavam que alguém a matasse.

Ruth faria dezoito anos nessa primavera, e percebeu que tinha de

desaparecer para muito, muito longe dali, o mais depressa que pudesse. E foi o que fez.

Copos de sumo

É sábado de manhã. Kira foi ao escritório para poder sentar-se a olhar pela janela e Maya quase a mata de susto quando a chama subitamente da receção. Kira sai a correr e a filha exclama, com irritação:

– Precisas mesmo de um escritório deste tamanho? Que exagero. Podias organizar concertos de *rock* aqui dentro!

Kira fica tão contente por a filha a ter surpreendido e depois declarado que ela é uma exagerada, especialmente nesse dia, que lhe dá um abraço atrapalhado, e, em resultado disso, Maya fica aborrecida porque a mãe quase a faz deixar cair o piquenique. Ana teve de lhe dar boleia para ela conseguir trazer a garrafa-termo de café, os *croissants* acabados de fazer por Peter e, o mais importante de tudo: copinhos minúsculos para o sumo de laranja. Senta-se no chão, de pernas cruzadas, e come com a mãe, como faziam quando ela era pequena e Kira acedia a acampar dentro de casa porque se sentia culpada por trabalhar demasiado. Maya sabia exatamente como se aproveitar desse sentimento de culpa.

– Tenho de voltar para casa depois deste fim de semana... quer dizer... tenho de voltar para a escola – diz Maya, furiosa por se ter enganado e dito «casa».

A mãe sorri, compreensiva.

– Custa-te muito?

Maya acena, com ar ligeiramente patético, como só fazemos em frente da nossa mãe.

– Sim. Não vai ser fácil. Deixei toda a gente chateada comigo quando vim. Mas acho que devia voltar e enfrentá-los. Se calhar o Benji tem razão: as minhas canções não são tão boas quando ando sempre feliz.

– Lamento muito que seja tão difícil, filha – murmura Kira.

- É suposto ser difícil, mãe – lembra Maya com um sorriso.
- Eu sei, eu sei, mas... só queria que andasses sempre feliz!
- Não te preocupes.
- Sou tua mãe, não podes impedir-me!

Maya abre um sorriso que não deixa perceber se está prestes a fazer uma piada ou se vai desatar a chorar.

– Lamento muito que aquilo que o Kevin me fez quase vos tenha destruído, a ti e ao pai.

É a vez de Kira parecer à beira das lágrimas.

– Querida, isso não é...

Maya acena com a cabeça e interrompe-a, tão crescida e tão forte, tão honesta e vulnerável.

– É verdade, sim, mãe. O vosso amor foi como uma doação de órgãos. Tu e o pai e o Leo deram-me pedaços dos vossos corações e pulmões e esqueletos para que eu conseguisse reconstruir-me. E agora mal têm forças para se aguentarem em pé e respirarem. Penso nisso muitas vezes, e penso em todas as raparigas que não têm uma família como vocês. Sinto que eu mal consegui sobreviver. Que hipóteses terá quem não te tem como mãe?

*

Experimentem ter uma filha e não se desfazerem em cacos ao ouvirem uma coisa dessas.

O Murmúrio ouviu tudo. Lembra-se de tudo. Ficou parado do lado de fora do quarto, naquela festa, enquanto Ruth gritava e implorava a Rodri que parasse, mas não entrou. A última coisa que Rodri fez, antes de tudo acontecer, foi perguntar ao Murmúrio se queria juntar-se a ele. «Anda lá! Podemos partilhá-la!», declarou, exultante, mas o Murmúrio abanou a cabeça, em pânico, e Rodri viu-lhe nos olhos que estava prestes a fugir a sete pés. Assim, os seus olhos ensombraram-se por uma fração de segundo, levantou a mão e fechou-a sobre o pescoço do Murmúrio, enquanto rosnava: «Fica aqui de vigia. Se te fores embora, mato-te.»

O Murmúrio ficou ali e não disse nada, mas ouviu tudo. Quando Ruth saiu do quarto, desviou-se, e ela passou por ele e saiu a correr da casa. Quando Rodri apareceu atrás dela, aproximou-se do Murmúrio, quase encostando a testa à dele, e jurou: «Se contares a alguém, eu digo que tu também participaste!»

A vida do Murmúrio continuou, numa espécie de neblina, durante os meses seguintes. Treinava tanto que caía para o lado de exaustão todas as noites. Era a única maneira de se impedir de pensar, a única maneira que tinha de conseguir dormir. Sempre que acordava, odiava a luz. Odiava todas as imagens que lhe vinham à cabeça. Odiava a sua laringe fraca e o seu coração débil.

Rodri estava sempre a ligar-lhe e a mandar-lhe mensagens. Quando o Murmúrio não respondeu, Rodri enviou-lhe as fotografias que tinha tirado a Ruth. O Murmúrio apagou-as todas, mas sabia o que significavam. Era a forma que Rodri tinha de fazer dele seu cúmplice.

Por vezes, o Murmúrio ia até ao lago, à noite, e rezava para que o gelo se partisse debaixo de si. Quase se enforcou por duas vezes, mas faltou-lhe a coragem. A única coisa que o ajudava a esquecer era o hóquei, e por isso passou a ser a única coisa que fazia. Foi assim que

se tornou tão bom jogador.

Quando se deu a situação entre Kevin Erdahl e Maya Andersson, obviamente que ouviu os boatos, como toda a gente. Soube que Kevin fora suspenso e que toda a cidade de Björnstad protestara contra essa decisão. O Murmúrio era alguns anos mais novo, mas a sua equipa em Hed tinha um jogo programado contra a mesma faixa etária de Björnstad, que acabou por ser cancelado porque os treinadores temiam que houvesse problemas. Toda a gente se esqueceu de avisar o Murmúrio, como de costume. Estava sozinho na paragem de autocarro, para regressar a Hed, quando Ruth apareceu do outro lado da estrada. Ficaram ambos igualmente chocados. Nenhum deles conseguia respirar.

*

Ruth tinha ido aos correios, no centro da cidade. Encontrara *online* uma igreja que acolhia «jovens com problemas» e precisava de enviar uma candidatura para lá ficar. Ia a passar em frente ao rinquê e, ao chegar à paragem, estacou, paralisada, como na noite da festa. Não via o Murmúrio desde essa noite. Não sabia o que lhe queria dizer. Não sabia sequer se ele pensava que Rodri fizera alguma coisa de mal. Talvez o Murmúrio achasse que ela merecia ser violada, como toda a gente.

Assim, reuniu toda a sua coragem e gritou-lhe, do outro lado da estrada: «Podes dizer ao Rodri que me deixe em paz? Ele venceu! Ninguém acreditou em mim! Não pode deixar-me sossegada?»

O Murmúrio não respondeu. Desintegrou-se por dentro. Ruth foi para casa e trancou-se. Dois dias depois recebeu o contacto de uma mulher da igreja. Ruth recitou uma litania tão magnífica dos seus «problemas» que a mulher desatou a chorar. Era tudo inventado, porque nunca teriam acreditado na verdade.

Assim, Ruth partiu, mas é claro que nunca apareceu nessa tal igreja. As pessoas perceberam, passado algum tempo, que ela tinha

saído do país, mas então tudo o que tinha de fazer era manter a distância até fazer dezoito anos, e depois seria livre. Roubara todo o dinheiro dos pais antes de sair de casa: uma das vantagens de ter uma mãe que acreditava que os bancos eram uma conspiração congeminada por ateus e adoradores do Diabo. Não era nenhuma fortuna, mas bastou para bilhetes de comboio e de *ferry* e para os seus primeiros passos hesitantes no mundo. Ruth chegou a um país diferente e as primeiras noites foram caóticas, mas conseguiu fazer novos amigos e percebeu que, afinal, não era uma pessoa assim tão diferente ali como fora em casa. A menos que agora fosse apenas diferente da maneira certa. Queria muito poder contactar Matteo e contar-lhe, mas não se atreveu, e foi contando os meses que faltavam para também ele fazer dezoito anos e ela poder ir buscá-lo. Conheceu duas raparigas que trabalhavam num café e pediu-lhes para usar o computador delas. Encheu-se de coragem e aceitou às suas contas, descobrindo que tinha uma mensagem de Beatrice. A amiga dizia que tinha feito as pazes com a família, mas deixara a igreja, conhecera um rapaz e estava noiva. Iam comprar uma casinha. Ela conseguira vir à tona do outro lado das trevas e era feliz, e Ruth pensou então que talvez tudo tivesse valido a pena, se pelo menos uma delas tivesse alcançado a felicidade. Desligou o computador e nunca mais voltou a ligar-se. As raparigas do café levaram-na a uma festa. Dançaram. Ela divertiu-se, uma diversão simples e despreocupada, pela primeira vez em muito tempo. O mundo abriu-se. Tudo era possível. Durante dois anos e meio, Ruth riu-se muito, substituindo cada pedacinho apodrecido de si mesma, como uma barca mítica, até se ter tornado uma pessoa nova. O seu universo era tão vasto, que a infância começou a parecer-lhe inventada. Pensou mil vezes em escrever ao irmão, mas nunca o fez. Foi a festas e dançou e, uma noite, as drogas levaram-na. Aconteceu tão depressa, no meio de tudo: o seu coração simplesmente parou de bater sob as luzes da pista de dança. Estava morta antes de tocar no chão. Os socorristas disseram aos amigos que aconteceu tão depressa que ela provavelmente nem sentira qualquer

dor.

*

Matteo nunca pensará que a irmã morreu. Pensa sempre que ela foi morta. Quando encontrou o diário dela e compreendeu aquilo que a fizera fugir dali, quando tomou conhecimento da dor que ela queria entorpecer com as drogas que a tinham levado à *overdose*, a decisão estava tomada. Ouvira uma vez uma mulher na igreja dos pais dizer: «Quem planeia vingança, tem de abrir duas campas.» A mãe de Matteo repreendera essa mulher por esta achar que era uma citação da Bíblia, mas não era. Talvez seja por isso que Matteo se lembra.

Não se prepara para abrir duas campas, mas sim três. Uma para Rodri, pelos seus crimes. Outra para o Murmúrio, por não ter ajudado Ruth quando podia tê-lo feito. E a terceira para si próprio.

*

A história de Maya podia facilmente ter acabado como a de Ruth. Foram apenas pormenores que a levaram num rumo completamente diferente. Uma mãe que lutou por ela, um pai que a amou, um irmão que estava lá, uma melhor amiga capaz de enfrentar o mundo inteiro. Uma velha bruxa que tinha um bar, que entrou numa reunião do clube de hóquei e falou em defesa de Maya. E, por último, uma testemunha que assistira a tudo e que, por fim, teve coragem de contar a verdade.

*

Apenas isso. Nada mais.

*

Amat contou aquilo que vira, e, embora Kevin nunca tenha sido condenado nem preso pelos seus crimes, a cidade já não podia fechar-lhes os olhos.

Porém, de cada vez que contamos a história agora, cometemos novos pecados, porque fingimos que aquilo que Amat fez é normal. Não é, claro. Quase ninguém faria o que ele fez. O Murmúrio é que é o normal. Ele é que é igual à maioria de nós.

Uma manhã, bateram-lhe à porta em Hed. Era Rodri. Não tinha nada senão temeridade nos olhos quando encostou uma faca ao pescoço do Murmúrio e lhe rosou, em voz baixa: «Se contares a alguém o que aconteceu, volto e mato-te a ti e à tua mãe. Percebeste?»

O Murmúrio fez que sim com a cabeça, sem ousar sequer respirar. A mãe estava a fazer as palavras cruzadas na divisão contígua. Rodri pestanejou e correu para uma mota que deixara na berma da estrada, e desapareceu. O Murmúrio só voltou a ouvir falar dele quando alguém lhe disse que o irmão de Rodri fora parar à cadeia e que este se mudara para outra cidade, a algumas horas dali, onde ocupara o apartamento vazio do irmão.

Na última mensagem que mandou ao Murmúrio, Rodri escreveu: «Pensa no que aconteceu ao Kevin. Ninguém acreditará em ti. És tão culpado como eu. Acabaríamos os dois presos e nunca mais poderias jogar hóquei.»

Na época seguinte, o Murmúrio teve a oportunidade de trocar de clube, de Hed para Björnstad, quando o guarda-redes de Björnstad, Vidar, morreu. O primeiro treino com Zackell foi o melhor momento da sua vida, uma vida que o Murmúrio mal sentia estar a viver. Zackell parecia compreendê-lo. Viu o que ele podia ser, mais do que aquilo que era. O Murmúrio nem sequer sabia que tinha algum talento a sério, mas ela transformou-o numa estrela. Começou a ser o primeiro a chegar ao ringue de manhã, o último a sair todas as noites. Treinou e treinou. Fez amigos verdadeiros, pela primeira vez na vida. Ganhou uma vida completa.

*

Será que o merece? Se aquilo que fez não tem perdão, será que pode... ter isto? A oportunidade de viver a sua vida? Jogar hóquei. Rir. Talvez até ser feliz, ainda que por breves momentos. Poderá ser poupado? Será justo? Estará certo?

*

Não sabe. Nunca o saberá.

*

Durante a noite de sexta-feira para sábado, depois de as marchas das tochas terminarem e toda a gente ter ido para casa e as cidades estarem a dormir, Matteo encontra três caçadeiras no armário de armas dos vizinhos. Procura em todo o lado pelos cartuchos, mas não os encontra. Assim, fecha o armário, volta a sair pela janela e corre para casa, onde enrola as caçadeiras nas camisolas velhas da irmã e as esconde no seu roupeiro. Depois pesquisa *online* onde pode arranjar munições. Em vez disso, encontra um fórum onde alguém faz a pergunta que lhe passou pela cabeça: «É possível matar alguém com uma caçadeira?» Uma das respostas mais rápidas vem de uma conta anónima: «Claro que sim, se tiveres boa pontaria. Mas é muito melhor arranjar uma pistola, qualquer idiota consegue matar alguém com uma pistola. E também é muito mais eficaz se estiveres a pensar matar-te a seguir. Se é isso que queres, não sei.» Matteo também não sabe. Não sabe mesmo. É isso que quer?

Após muito hesitar, sai de casa com o seu tesouro enrolado em camisolas debaixo do braço e pedala pela floresta, até Hed, escorregando uma centena de vezes, mas contendo-se para não praguejar. Já não sente dor. Nem sequer está zangado. O vazio consome-o e isso é uma bênção.

Tem as pernas exaustas quando chega a Hed, mas há tochas apagadas caídas aqui e ali, e a neve foi tão espezinhada e compactada que consegue pedalar sem cair e tudo se torna um pouco mais fácil. Quando se aproxima do ferro-velho, vê que ainda há luzes acesas nas caravanas, portanto desmonta e bate. Um homem de barba, com vinte e tal anos, vem ao portão, mas não tem tempo de lhe perguntar nada antes de uma voz atrás de Matteo avisar:

– Estamos fechados, sim?

Matteo gira sobre si próprio e encara Lev. O homem tem um cão preto e branco ao lado que olha para Matteo de olhos franzidos e fareja o ar. Matteo esforça-se por não deixar tremer a voz.

– Tenho três caçadeiras. Gostava de saber se as aceita em troca de uma pistola.

Lev carrega mais o sobrolho, aperta os lábios, contrai o maxilar.

– Pistola? Aqui não há pistolas.

Matteo não arreda pé, com a incapacidade infantil de reconhecer o perigo que corre.

– Eu estava no jogo! Vi-o no rинque! Vi que tinha uma! Só quero... comprar uma também! Vá lá! São boas caçadeiras!

Lev ajeita a corrente de ouro ao pescoço e fita-o com ar pensativo.

– E queres a pistola para quê? Para fazer mal a alguém, sim? Má ideia, meu amigo. Muito má, está bem, criancinha? Pedala para casa. Dorme. Vai à escola. Vive uma vida boa.

Matteo perde as estribeiras de repente.

– NÃO SOU NENHUMA CRIANCINHA! QUER FAZER NEGÓCIO OU NÃO?

Lev continua parado à frente dele, perfeitamente calmo, mas a expressão nos seus olhos faz o rapaz de catorze anos recuar e cair em cima da bicicleta.

– Não há negócio. Estamos fechados, sim? – repete Lev, apontando com firmeza para o portão, e depois levanta a mão aberta como quem diz que o próximo aviso será uma bofetada.

Matteo choraminga, desesperado. Levanta a bicicleta da neve e sai

à pressa, mas escorrega num pedaço de gelo e deixa cair as espingardas. Só com grande esforço se contém para não gritar e chorar bem alto. Está a pensar que, se não tivesse já outra missão, mataria também Lev. Porque ele não é nenhuma criancinha, raios os partam. Hão de ver, todos. Ouve então outra voz, mais jovem do que a de Lev, um pouco mais ao fundo da cerca.

– Pssst... Amigo? Anda cá.

Lev pode recusar-se a vender uma pistola a um miúdo de catorze anos, mas nem todos os seus empregados possuem os mesmos escrúpulos. Matteo tem de ir a Björnstad outra vez buscar todo o dinheiro que os pais têm em casa e o seu computador, que troca, juntamente com as três velhas caçadeiras, por uma pistola que consiga usar.

No sábado de madrugada encontra uma lambreta no quintal de uma grande casa, que algum adolescente mimado não se deu ao trabalho de guardar na garagem como os pais o fizeram prometer que faria. Matteo parte uma janela da cave, entra, percorre o corredor pé ante pé e encontra a chave num gancho. Conduz muito para além de Hed, até à cidade seguinte, a derrapar no gelo, na escuridão. Por várias vezes quase tem um acidente. Esteve muito perto de morrer.

O dia está a despontar quando chega aos arrabaldes de uma cidade maior. Espera em frente de um prédio cinzento, ao frio, até não sentir os dedos e quase não conseguir sentir o gatilho. Quando Rodri sai, ensonado e despenteado, Matteo aguarda que ele se sente no carro. Por um momento, pensa em segui-lo, só para ver onde ele vai. Terá um emprego? Amigos? Alguém na sua vida que o ame? Matteo nunca saberá. Esfrega as mãos com todas as forças para estimular a circulação, depois atravessa o parque de estacionamento e espera que Rodri o veja pelo para-brisas. Matteo quer ter a certeza de que o assassino da irmã o reconhece. Depois dispara três tiros através do vidro. Espera que Rodri tombe para a frente, para se assegurar de que está morto. Então sobe para a lambreta e regressa a Björnstad. A motorizada avaria-se a meio do caminho. Matteo acena da berma da

estrada aos carros que passam, pedindo ajuda, mas aqueles que o veem não param e os que podiam ter parado não o veem. Um dos veículos que passa em sentido contrário é um carro da polícia. Oh, como esta história podia ter acabado de forma diferente se esse carro não tivesse passado sem parar por ir em modo de emergência responder a um incidente com tiros num parque de estacionamento na cidade. Porque então Rodri teria sido a única pessoa a morrer.

Um camião abranda, faz sinal de luzes e trava um pouco mais à frente, e Matteo corre para ele. O condutor fica tão chocado por o rapaz ter apenas catorze anos e estar ali sozinho, que faz um grande desvio do seu trajeto para o deixar onde ele quer, por pura bondade. Leva-o quase até Björnstad. Nunca vem a saber aquilo que causou.

Matteo chega a casa pouco antes do início do jogo. Pega no diário da irmã e atravessa a cidade de bicicleta. Passa pela casa da família Andersson. Aí, detém-se durante muito tempo, debatendo consigo próprio se há de deixar o diário na caixa de correio deles. Sabe o que aconteceu a Maya, sabe que a mãe dela é advogada, talvez eles possam contar a história de Ruth. Assim ela teria alguma justiça. Mas Matteo não se atreve a fazê-lo, receia que alguém encontre o diário cedo de mais, adivinhe o que ele está prestes a fazer e tente impedi-lo.

Além do mais, apercebe-se, desesperado, de que não é capaz de fazer uma coisa dessas à mãe. Depois de ter perdido ambos os filhos, ela precisará de criar algumas fantasias extremas para conseguir sobreviver. Não pode negar-lhe isso, forçando-a a enfrentar o que realmente aconteceu.

Então, encontra um telheiro aberto mais abaixo na mesma rua, rouba um serrote e pedala até ao lago. Aí, faz um buraco no gelo e deixa cair o diário nele. Quando regressa à cidade, abandona a bicicleta e segue a maré de pessoas, dirigindo-se para o rink de gelo com milhares de outros, apenas mais um na multidão. Invisível.

Sábado de manhã, primeiro jogo da época. As cidades esperaram tanto tempo, e a atmosfera na floresta é estranhamente animada. Não há violência no ar, ninguém tem os ombros tensos, porque, depois da marcha das tochas, instalou-se de novo a paz. Pode ser uma paz frágil, mas é uma pausa breve para toda a gente. Hoje estamos todos do mesmo lado, de certa forma. Hoje o que interessa é o hóquei.

Amat sai de casa com o saco ao ombro. A mãe dá-lhe um beijo na cabeça. Atravessa o parque de estacionamento e começa a dirigir-se do Covão para o rink de gelo na cidade, como fez já um milhão de vezes. Quantos passos no total? Quantos quilómetros? Conseguirá medir a distância até ao sonho quando por fim o alcançar?

Ouve a voz chamar o seu nome, mas de início fica de tal forma surpreendido que nem a consegue localizar. Gira sobre si próprio tão depressa que o peso do saco quase o faz tombar.

– Olá! O que faz aqui? – pergunta a Peter.

Peter está parado com as mãos nos bolsos, a olhar para a distância.

– Estava à tua espera. Tens tempo para ir ver uma coisa?

– Agora? Tenho de ir para o jogo...

– Eu sei. Desculpa. Mas depois posso dar-te boleia. Não demora muito tempo! Chegaremos muito a horas!

Algo no entusiasmo luminoso e puro no rosto de Peter deixa Amat curioso. O antigo diretor-geral conduz o jovem na direção oposta dos prédios, para a floresta a seguir à velha pedreira, e só abranda o passo quando chegam a um grande espaço aberto onde se falou, em tempos, que ia ser construído um supermercado. Depois disseram que ia ser um centro médico. A dada altura, alguém até sonhou com um pequeno parque empresarial. Nenhuma dessas coisas se concretizou, claro, porque esta não é a parte de Björnstad onde se constroem coisas. A cidade pode estar a ficar maior, mas nada cresce no Covão.

– Ali! – exclama Peter, apontando para absolutamente nada.

– Eu... não estou a perceber... – diz Amat, que só vê neve e cascalho.

Peter vê algo mais. Vê redenção.

– Tenho estado a pensar muito em como foi difícil para ti chegares à equipa principal, Amat. Quase impossível. Seria natural que não conseguisses, mas és... único. O motor que tens dentro de ti, esse teu coração, nunca vi nada assim. E não quero que todos os miúdos que venham a seguir precisem de ser iguais a ti para terem uma oportunidade. Quero que o próximo miúdo do Covão tenha as coisas... um pouco facilitadas. Só um pouco.

– Que é que isso tem a ver com o cascalho? – pergunta Amat, sensibilizado mas confuso.

Peter sorri.

– Quero construir aqui um rink de gelo. Nada muito grande, só um sítio para treinarem, para... para estarem. Um espaço onde possa haver uma escola de patinagem, uma equipa infantil, onde as pessoas possam fazer uns treinos extra, se quiserem. O município vai construir umas instalações de treino novas e modernas ao lado do pavilhão, mas acho que podemos construir também alguma coisa aqui. Muito mais pequeno, claro, apenas um... um caixote de gelo clássico. Mas, desta vez, vou certificar-me de que a papelada está toda certinha. Pedirei ajuda aos meus amigos. Suponho que tu também tens muitos amigos. Há muitos trabalhadores que moram nestes prédios, não? Eu próprio conheço alguns. Penso que ajudarão, se lhes pedirmos. Julgo que conseguimos levar isto avante, eu e tu e mais alguns. Não sei, talvez um dia o Covão possa ter a sua própria equipa? Talvez possamos sonhar? Achas que é estúpido? Parece-te... ridículo?

O peito de Amat sobe e desce pelo menos vinte vezes antes de tirar o telemóvel do bolso e o apontar para o cascalho.

– Não. Não me parece nada ridículo.

– Que estás a fazer?

– A tirar uma fotografia. Para poder mostrar àqueles miúdos mimados do meu bairro, quando tiverem o seu próprio rink e acharem que é tudo garantido daqui a uns anos, como é que era quando eu comecei.

Amat parece subitamente tão alto, como se, de um dia para o

outro, tivesse ficado mais alto do que Peter. Peter ri-se. É tudo apenas um sonho, por enquanto. Não sabe se ousa acreditar que conseguirá mesmo concretizá-lo. Mas Björnstad é um sítio especial. Que raio de cidade. Há tantos locais e coisas com nomes estranhos aqui, cujas origens toda a gente esqueceu.

Dentro de alguns anos, quase ninguém se lembrará porque é que o rink de gelo atrás dos prédios e da pedreira, na parte mais pobre da cidade, sempre foi conhecido como «a Catedral». Mas o homem que o sonhou sabe, e o rapaz que um dia marcará o seu primeiro golo na NHL sabe. Depois desse jogo, ele será entrevistado para a televisão.

– Quer dizer alguma coisa para quem o está a ver na sua cidade? Como é que se pronuncia o nome? O Amat é de Björnstad, não é? – perguntará o repórter do outro lado do Atlântico.

Amat fitará diretamente a câmara e responderá:

– Não. Sou do Covão.

Melhores amigos

O piquenique de Kira e Maya no escritório é maravilhoso, cheio de piadas estúpidas e risos descomplicados, até ser subitamente interrompido pelo barulho de algo a estilhaçar-se no rés do chão, junto à entrada, seguido do som de alguém a praguejar tão alto que se ouve no prédio todo. Saltam e correm nessa direção. A colega de Kira está à porta, no meio de uma poça de líquido vermelho, a resmungar entre dentes:

– Era o meu *melhor* vinho! Por que diabo as portas são tão traiçoeiras neste prédio?!

A voz de Kira é um misto de preocupação e confusão:

– Que fazes aqui? Não tínhamos combinado vir trabalhar hoje, pois não?

A colega levanta orgulhosamente o saco com três garrafas de vinho ainda intactas.

– Não venho trabalhar. Costumo vir até cá quando preciso de um bocadinho de tempo para mim.

– Mas não mora sozinha? – arrisca Maya.

– Isso não significa que não possa ter um bocadinho de tempo para mim *aqui*! – declara a colega da mãe.

Maya ri-se.

– Posso beber também, então?

Pode. Kira não bebe porque vai conduzir, e é bem feito, troça a colega. Depois de ela e Maya acabarem a primeira garrafa, Kira pergunta-lhes, em voz baixa:

– Posso falar-vos de uma coisa? Tenho estado a... a pensar.

Elas viram-se para ela, com olhos de quem já bebeu meia garrafa, e dizem:

– Sim?

Kira fala devagar, como se as palavras estivessem a tentar libertar-

se.

– Estive a falar com uma rapariga. Uns anos mais nova do que tu, Maya. Chama-se Tess. Quer estudar Direito e a mãe perguntou-me se ela pode vir trabalhar aqui connosco quando terminar os estudos. Eu disse-lhe que pode, mas é mentira, claro. Porque a Tess quer ajudar mulheres que foram atacadas e violadas. Quer defendê-las quando mais ninguém as ajudar. Quer lutar por... por...

Maya estende a mão, toca-lhe no braço e termina a frase:

– Pela próxima rapariga como eu.

Kira assente, olhando para a mão da filha.

– E não é isso que nós fazemos aqui. Já não. Agora trabalhamos por dinheiro, para grandes negócios e empresários. E eu... eu já não quero fazer isso.

– Que estás para aí a dizer? – exclama a colega, subitamente horrorizada.

Kira fita-a nos olhos.

– Adoro-te. Não sei como serei capaz de ir trabalhar todos os dias sem ti. Mas preciso de fazer algo... diferente. Podes ficar com o negócio, eu passo a minha quota para o teu nome. O Janota acaba de nos dar todo o trabalho jurídico relacionado com a construção do Parque Empresarial de Björnstad... e isso é... Não terás problemas financeiros, garanto-te.

– E o que é que *tu* vais fazer? – pergunta a colega, chocada.

Kira despeja tudo de uma vez:

– Fundar uma firma mais pequena. Onde pessoas como a Tess possam vir trabalhar, lutar pela próxima Maya. Para que as pessoas não ajam como se a Maya tivesse sido... a última. Para que aqueles velhos todos não possam agir como se tivessem resolvido tudo com uma nova «declaração de valores», algumas acusações de assédio, brochuras publicitárias e declarações na imprensa... como se isso fosse suficiente. Quero que as raparigas como a Tess possam vir trabalhar comigo e lutar para que os velhos nunca se esqueçam de que o trabalho continua. Não tem fim. Quero que alguém se erga e grite:

«Justiça? Mas que justiça?», quando eles declararem: «É preciso deixar a justiça trabalhar» para protegerem os seus filhos. Quero que alguém grite: «Até onde? Até ONDE é que isto pode ir?», quando eles disserem: «Temos de proteger também os rapazes, isto também não pode ir demasiado longe no sentido oposto.» Não quero que eles... raios... alguém tem de se erguer e recordar-lhes que o problema não são as raparigas! Que esta não foi a última vez! Que o Kevin não foi o último homem!

Maya e a colega da mãe acenam com a cabeça e Kira, por mais que tente, não percebe como é que elas não parecem surpreendidas.

– Está bem, eu estou contigo – declara a colega, sem rodeios.

Kira abana a cabeça, frustrada.

– Não, não, não estás a perceber. Não vou ganhar dinheiro nenhum. Podes ficar com a firma toda; os contratos do Parque Empresarial de Björnstad darão...

A colega parece divertida e perplexa.

– Que esperas que eu faça? Que fique aqui a enriquecer? Nem sequer gosto de vinho caro. Vou contigo. Para onde quer que vás.

Maya vê as duas mulheres de meia-idade abraçarem-se e pensa que, quando for velha, mesmo, mesmo velha, espera ser tão doida como elas. Kira começa a beber vinho sem pensar nas consequências e, por fim, Maya tem de ligar a Ana para as vir buscar às três. Ana vem logo, sem perguntas. Nenhuma das quatro mulheres gosta de hóquei, mas decidem ir ver um jogo de hóquei, de qualquer maneira.

Kira fecha a porta do escritório. Dentro de poucos meses entregará as chaves e todo o negócio a alguns dos funcionários e venderá o seu carro caro. O primeiro escritório da nova firma de advogados será na sua cozinha. Um dia, as mulheres de todo o país saberão quem elas são. Também isso é uma espécie de catedral.

*

Em Hed, Johnny está a limpar a carrinha. Nunca consegue

perceber quem é que deixa mais lixo lá dentro, se os filhos, se Hannah. Todas as manhãs com eles é como acordar numa lixeira depois de um tornado. Mas Hannah sai, belisca-lhe o traseiro quando ele está debruçado para dentro do carro com o aspirador, e murmura-lhe ao ouvido:

– Tem cuidado hoje. Não te metas em sarilhos e não te aleijes, porque, quando chegares a casa e os miúdos estiverem a dormir, vou fazer sexo contigo, e a única pessoa que pode aleijar-te é a tua mulher! Estás a ouvir?

Ele ri-se. Hannah é uma mulher loucamente bela. Uma mulher bela e louca. Ela entra em casa com uma dança provocante, para ir despachar os miúdos que vão ver o jogo com o pai. Hannah tem de ir trabalhar. Quando Tess sai de casa, a mãe detém-na e dá-lhe o cartão de visita de Kira Andersson.

– Deixaste cair isto do casaco.

Tess sorri, perdoando a mentira da mãe.

– Ah, «caiu»?

Hannah sopra entre os dentes cerrados.

– Eu... Custa-me admitir que possas admirar outras mulheres que não eu. Custa-me... como o raio. Mas a Kira disse que podias passar pelo escritório dela. Um dia, talvez possas lá trabalhar. Eu...

Não diz mais nada, porque é difícil falar quando a filha a abraça com tanta força que lhe tira o ar.

*

Adri conduz através da floresta e imobiliza o carro na ladeira acima da autocaravana. Tem Alicia consigo, e a menina desce a correr pelo meio das árvores e atira-se para os braços de Benji.

– Olá, melhor amiga – murmura Benji.

– Olá, melhor amigo – responde ela entre risos.

Vão juntos ao jogo. O Capital aproveita a boleia, mas quase se arrepende porque Alicia já lhe fez um milhão de perguntas e ainda

nem saíram da floresta.

– És bom jogador? Muito ou pouco? Rematas com muita força? És mais rápido do que um gato? Um gato normal, claro, não um gato tipo super-herói, só um bicho vulgar! A que velocidade consegues ir? Benji, a que velocidade corre um gato? Podemos treinar juntos qualquer dia? Hoje, talvez? Quantos anos tens? Cinquenta? Benji, a equipa de Hed é boa? Vamos ganhar-lhes? Por quantos? Como assim, não sabes? Dá um *palpite*!

É incessante. O Capital está com dores de cabeça quando chegam. Benji ri-se e diz a Alicia:

– Queres vir ao balneário dizer olá ao Amat e aos outros?

Alicia fita-o de boca aberta, como se ele tivesse acabado de lhe perguntar se quer ir cumprimentar o Homem Aranha e a Mulher Maravilha. Benji dá-lhe a mão e entram no pavilhão. Ao princípio ela vai cheia de si, mas as bancadas já estão apinhadas e o barulho é como um rugido nos seus jovens ouvidos. À porta do balneário da equipa principal, os nervos de Alicia levam a melhor e ela murmura:

– Não, não vamos entrar, não quero, não é preciso!

Benji aperta-lhe um pouco mais a mão. E diz, calmamente:

– Olha para o teto. Somos só nós os dois no planeta. Estamos sozinhos. Ninguém vai fazer-nos mal.

Ficam ali parados até ela deixar de ouvir a multidão. Tudo se silencia. Não há nada de que ter medo. Ainda está de mão dada com Benji quando entram no balneário, e aperta-a com força, como se fosse a última vez.

*

Zackell está sentada no seu gabinete a fazer os últimos preparativos antes do jogo. Ouve bater à porta, levemente, levanta a cabeça e vê o Capital.

– Sim?

Ele debate-se com as palavras.

– Queria apenas... agradecer-lhe. Obrigado por ter acreditado em mim e por me dar uma oportunidade. Eu... bom, acho que nunca pensei que poderia ser feliz num lugar destes. Mas já me sinto mais em casa do que na minha própria casa.

– Sim? – repete Zackell, com a habitual falta de sensibilidade para demonstrações de emoção.

O Capital pigarreia.

– Quer que eu jogue de alguma maneira especial esta noite? Em termos de tática?

Ela parece refletir por um momento. Depois responde:

– Surpreende-me.

Nunca lho dirá, porque não é dessas coisas, mas poucos jogadores lhe darão tanta alegria como este ao longo dos anos. Poucos jogadores farão tão frequentemente o inesperado. Poucos serão tão diferentes como ele.

O Capital entra no balneário. Tudo lhe é ainda pouco familiar, mas ficará muitos anos nesta cidade. Comprará uma pequena casa não muito longe de onde está a autocaravana de Benji, e passará muito tempo sentado num barco sem apanhar peixe nenhum. Aprenderá a dizer patranhas, mas nunca mais mentirá sobre si próprio. A mãe acabará por se mudar também para cá. Bom, não oficialmente, mas virá visitá-lo e nunca mais voltará para casa. Afinal ela também pertence à gente da floresta. Nem sempre sabemos disso, até termos uma floresta na qual somos gente.

*

Bobo está no corredor, do lado de fora do balneário. Tess dá-lhe um beijo rápido antes de o deixar ir trabalhar. Ela mudar-se-á e estudará numa cidade muito distante, mas voltará depois de concluir os estudos para trabalhar com Kira. Hannah tem razão, ela será a melhor. Bobo ficará a cuidar da oficina de mecânico com o pai. Será ainda assistente de Zackell mais alguns anos, mas depois de ele e Tess

se casarem e terem o primeiro filho, Bobo deixará de treinar a equipa principal e começará a treinar a equipa infantil. Porque os treinos são mais cedo e assim está sempre em casa a horas de ter o jantar pronto para a mulher quando ela chega do trabalho. Um dia, treinará os seus próprios filhos, todos.

*

Nas bancadas, o Javali ocupa o seu lugar, inchado de orgulho. Está sentado do lado de Björnstad, mas um homem de Hed consegue ainda assim chegar junto dele. Johnny estende-lhe a grande mão, e o Javali aperta-a após uma breve hesitação.

– É bom rapaz, o seu Bobo – diz Johnny.

O Javali acena com a cabeça, primeiro surpreendido, depois grato.

– Mesmo assim, não merece a sua Tess.

Johnny sorri sem grande vontade.

– Pois não, não a merece. Mas nenhum de nós merece as mulheres que tem.

O Javali chega-se para o lado. Os dois homens são tão corpulentos que três lugares mal chegam para eles. Há meia vida, tentaram tudo por tudo para acabarem um com o outro no gelo, mas agora vão ser família e têm de se tornar amigos, seja como for. Por vezes dá jeito ter uma ajudinha com essas coisas. Felizmente, Ana e Maya estão sentadas a poucos lugares deles, e assim o Javali inclina-se para a frente e pergunta a Ana se tem cerveja. Ela tem. Obviamente que não se pode trazer cerveja para o ringue, mas, se Ana só fizesse as coisas que se podem fazer, nunca sairia de casa. Na verdade, nem em casa poderia estar. O Javali e Johnny bebem disfarçadamente, em copos descartáveis, não por Johnny ter medo dos seguranças, mas porque tem medo de Hannah.

– Têm de vir todos lá a casa jantar connosco – declara, entre dentes cerrados.

– O Bobo gostaria muito – responde o Javali, secamente.

– Espero bem que sim, porque ele é que vai cozinhar – acrescenta Johnny com um sorriso.

O Javali solta uma gargalhada. Brindam. Ficam ali sentados lado a lado e até conseguem falar de hóquei durante dez minutos sem se desentenderem. Um dia, serão avôs das mesmas crianças. E aí desses netos se tiverem a ousadia de ter uma equipa preferida.

*

Lá em baixo, no corredor, Amat dirige-se para o balneário com o saco ao ombro. Detém-se quando chega junto de Bobo e os dois jovens abraçam-se.

– É a nossa última época juntos, e depois vais jogar como profissional – declara Bobo, com voz embargada.

– Vais dizer o mesmo todas as épocas – ri-se Amat.

Mas Bobo tem razão. O resto da equipa já está no balneário. Amat senta-se entre o Capital e o Murmúrio. Enquanto se equipam, Amat pergunta-lhes:

– Querem fazer um treino extra amanhã?

Os outros dois acenam afirmativamente. Depois o Capital pergunta:

– E se for esta noite? Estão ocupados depois do jogo?

Não estão. Nas bancadas, mil vozes rugem em uníssono:

– QUEREM APANHAR-NOS? VENHAM TENTAR!

Ambas as bancadas em pé gritam o mesmo, uma floresta inteira em tumulto. O rosto do Murmúrio está impassível, mas os seus joelhos saltitam sem parar.

– Nervoso? – pergunta o Capital.

O Murmúrio faz que sim com a cabeça, embaraçado.

– Não estejas. Nem sequer vamos deixar os tipos de Hed tocarem no disco – sorri o Capital, como se a arrogância da gente da floresta estivesse já a contagiá-lo.

– LUTAR! LUTAR! NÃO TÊM CORAGEM DE NOS ENFRENTAR! –

gritam as bancadas em pé lá fora, para os políticos e os que detêm posições de poder, e para o mundo inteiro ao mesmo tempo.

– Já me tinha esquecido de como eles gritam – comenta Amat.

– Nunca ouvi nada assim – admite o Capital.

– Espera só pelo fim do jogo. É como um furacão – declara Amat.

– Alguma dica sobre a melhor forma de lidar com isso? – pergunta o Capital.

E o Murmúrio surpreende-os a todos, inclusive a si mesmo, quando de súbito sorri e responde:

– Vencer.

Riem-se como perdidos. E, nesse preciso momento, Benji entra no balneário com Alicia pela mão. Ela tem perguntas.

*

Muitas, muitas perguntas.

*

Zackell desce do seu gabinete e anda de um lado para o outro em frente ao balneário. Está nervosa, o que não acontece muito. Assim, fuma mais charutos do que o habitual. O vigilante pragueja e vai abrir a saída de emergência para o alarme de incêndio não disparar. Esquece-se de a voltar a fechar.

*

O pai de Ana está sentado uma fila abaixo da filha. Está sóbrio. Ela ligou aos amigos da caça e eles disseram-lhe que ele não bebera nada no dia anterior porque sabia que ia ao jogo com a filha nesse dia. «Só espero que beba um copo antes da próxima caçada, porque é o melhor caçador de Björnstad quando está sóbrio, e não é justo para os outros», resmungaram os outros velhos. Ana inclina-se para a frente e

pergunta:

– Pai, trouxeste a carrinha?

Ele assente com um aceno, mas apressa-se a garantir-lhe:

– Sim, sim, mas não bebi nada! Juro!

Tem tanto medo de a embarçar, pavor de que ela tenha vergonha dele. Mas Ana sorri e ele sorri também, o sorriso que guarda apenas para a filha. Então ela pergunta, com ar pensativo:

– Pai... lembraste-te de não deixar a caçadeira na carrinha?

Ele arregala os olhos.

– Não foi por... não estava bêbado... foi só por causa do *stress*!

Ela abana a cabeça, dececionada.

– Ao menos trancaste a carrinha?

Ele levanta-se de imediato e abre caminho ao longo da bancada, para ir ao parque de estacionamento verificar. Ela chama-o. Quando ele se vira, pronto para a ouvir ralhar-lhe sobre mais qualquer coisa, Ana grita bem alto, fazendo-se ouvir em toda a bancada:

– Amo-te, pai!

Não é perfeito, o pai. Mas é dela. E Ana nunca se envergonhará disso.

Perguntas

O jogo está prestes a começar, mas não chegará a ser jogado. Em vez disso, tem início tudo aquilo que nunca deixaremos de lamentar. Cada pessoa presente naquele ringue reviverá os próximos minutos vezes sem conta, pela vida fora, perguntando silenciosamente a si própria: «Podia ter feito alguma coisa diferente? Algum pequeno gesto, uma ação microscópica, por pouco que fosse? Teria conseguido travá-lo?»

Estamos a caminho de uma noite em que questionaremos tudo o que já fizemos, tudo o que somos e toda a sociedade que construímos. Porque, afinal, o que é tudo isso? Apenas a soma das nossas escolhas. Apenas o resultado de quem somos. Seremos capazes de lidar com esse resultado?

Esta partida de hóquei nunca será disputada e, para muitos de nós, será como se nunca tivéssemos realmente saído daquele ringue de gelo. Ficaremos presos no pesadelo para sempre. Somos um povo que conta histórias, que tenta usá-las para colocar em contexto aquilo que vivemos, para explicar aquilo por que lutámos, na esperança de assim justificar o que fizemos. Mas as histórias revelam tanto o melhor como o pior de nós, e qual dos dois lados dominará o outro? Os nossos triunfos serão maiores do que os nossos erros? De que somos responsáveis? De que somos culpados? Conseguiremos encarar-nos no espelho amanhã? Conseguiremos olhar nos olhos uns dos outros?

*

Não.

*

Depois disto, nunca.

Arrependimentos

Lev está sentado no terraço em frente da pequena casa ao lado do ferro-velho em Hed. O cão preto e branco dorme aos seus pés. A noite está fria, o ar fresco, e o peito arde-lhe com a solidão. É mestre em não o revelar aos tipos que para ele trabalham, caso contrário não os conseguiria controlar. Sempre o espantaram: os homens feitos que mostram o medo. É um luxo. São como coelhos que não sabem nada de predadores porque nunca viram nenhum. No sítio onde Lev cresceu, um homem não mostrava o seu medo nem que estivesse de coração partido. Foi por isso que escolheu Hed. Já viveu em muitos lugares, mas decidiu assentar nesta floresta porque as pessoas aqui também são sobreviventes, e não muito menos perigosas do que ele. Pensou que talvez não se sentisse tão diferente aqui como noutros sítios de onde foi escorraçado, talvez aqui o deixassem levar uma vida tranquila entre eles. Talvez aqui tivesse tempo para construir algo.

É um homem violento, mas, se lhe perguntarem o motivo, responderá que é porque odeia a violência. Tem uma pistola para não ter de matar ninguém. Assusta as pessoas e espanta-as, em vez de correr o risco de deixar alguém chegar-se demasiado perto. Foi assim que sobreviveu, mas isso tornou-o também solitário. Nem sempre se entrega a esses sentimentos, mas aquela mulher, Adri, que ali esteve e lhe comprou o Urso Pardo, libertou algo dentro dele, deitou abaixo uma porta qualquer dentro do seu peito. Fê-lo lembrar-se das sobrinhas. É por elas que quer construir algo. Pelos filhos delas. Lev nunca teve filhos, quase toda a sua família morreu numa guerra a que o resto do mundo nem sequer chama isso. Viu pessoas boas capazes de grandes crueldades, mas também pessoas terríveis capazes de enorme bondade. É o mesmo em todo o lado: quase toda a gente ama demasiado, odeia com demasiada facilidade, perdoa pouco. Mas a maioria das pessoas quer o mesmo que ele: viver em paz, deixar o

coração abrandar um pouco ao cair da noite, ganhar um dinheirinho para ajudar aqueles que ama.

Construiu o negócio no ferro-velho para poder mandar dinheiro para as sobrinhas e os filhos delas. Um dia, talvez construa uma casa grande aqui, na qual possam vir morar com ele. Se é um homem bom? Não. Sabe-o bem. Fez muitas coisas de que devia arrepender-se, mas não se arrepende de quase nenhuma, e não é essa a definição do mal? Um homem pode fazer muitas coisas más para proteger a família, pode estar disposto a defender tudo o que construiu por meios violentos, se o construiu por aqueles que ama. Um dia, talvez as filhas e os filhos das sobrinhas de Lev possam vir a ser advogados e patrões, e ele espera que sim. Um dia, talvez possam pertencer a um sítio de forma tão evidente como Peter Andersson, sem precisarem de pedir desculpa nem de estar sempre a agradecer, sem terem de roubar nem de pedir esmola. Mas até lá? Até lá, Lev tem de fazer aquilo que tem de fazer.

Arrependimentos? Sim, há uma coisa de que se arrepende. O rapaz. Amat. Tudo o que aconteceu no recrutamento da NHL. Amat fazia lembrar a Lev o seu irmão mais novo, em pequeno, noutra floresta e noutra época; jogavam hóquei da mesma maneira. Assim, independentemente do que Peter Andersson e outros homens possam achar, não foi a cobiça que levou Lev a ajudar Amat. Pelo menos não mais do que a cobiça que motivou o próprio Peter Andersson. Lev ajudou-o porque viu no rapaz alguém que amara, e agora arrepende-se de não o ter visto precisamente dessa forma: como um rapaz. Onde Lev cresceu, não havia rapazes da idade de Amat, eram já considerados homens, porque, num lugar violento, a infância acaba num abrir e fechar de olhos. Ou nem isso. Lev não é um homem que tenha facilidade em admitir os seus erros, mas sabe agora que devia ter perguntado a Amat o que desejava mais: louvores ou dinheiro. Era muito óbvio para Lev que só as pessoas que já são ricas se interessam por louvores, mas talvez fosse diferente para o rapaz. Talvez ele quisesse algo que Lev nem consegue compreender.

Arrependimentos? Sim, Lev é capaz de ter alguns, apesar de tudo. Arrepende-se de não ouvir. Arrepende-se de não estar no jogo nesse momento. Gostaria de ter visto Amat jogar mais uma vez. Voar pelo gelo, como o irmão de Lev voava, outrora. É um jogo maravilhoso. Um jogo maravilhoso.

*

Fecha os olhos. Ouve passos no cascalho lá fora. Uma respiração pesada.

*

Um dos homens que trabalha no ferro-velho sai de uma das caravanas, de olhos arregalados. Corre o mais depressa que consegue, sai pelo portão e sobe a estrada até casa de Lev. Bate loucamente à porta até Lev abrir, com má cara e um pequeno copo de uma bebida forte na mão.

É assim que descobre o que outro dos seus empregados fez. O que ele vendeu àquele miúdo de catorze anos que ali esteve à procura de uma pistola. Um dos outros homens do ferro-velho viu Matteo em Björnstad nessa tarde, a caminho do jogo, quando se preparava para ir vender cachorros-quentes em frente ao ringue. «Levava as trevas consigo», diz o homem. Provavelmente nunca ninguém conduziu mais depressa do que Lev através da floresta, antes ou depois.

*

O parque de estacionamento está deserto quando o pai de Ana chega junto da carrinha. O jogo está quase a começar dentro do pavilhão e, algures na estrada, um velho carro americano conduz demasiado depressa, talvez alguém à pressa para ver o início da partida. O pai de Ana tenta abrir a porta da carrinha e quase morre de

vergonha ao ver que a deixou destrancada. A espingarda está lá dentro, claro, esqueceu-se dela tal como Ana calculara, não por causa da bebida, mas da idade. É ainda pior.

Quando se prepara para a esconder debaixo do banco e trancar a carrinha para voltar a entrar, vê uma figura solitária a andar encostada à lateral do edifício. Ao princípio, é apenas um movimento no canto do olho, como quando avista algo na floresta e não percebe de imediato se é um animal ou uma pessoa, mas sabe que pode sempre confiar nos seus instintos. Sabe quando algo não está bem, quando alguma coisa se desloca com movimentos que não são naturais. Uma vida inteira na floresta ensinou-o a saber identificar o medo, a fuga, o caçador.

Dá alguns passos entre os carros e vê a pessoa, um rapaz ainda novo, espreitar por todas as janelas e tentar abrir todas as portas. Depois ele repara numa que ficou aberta, uma saída de emergência ao fundo do corredor dos balneários. Devia estar fechada, e só se abre pelo lado de dentro, mas o vigilante deixou-a assim para deixar sair o fumo de charuto.

De súbito, o rapaz corre para a porta e é então que o pai de Ana vê que ele tem uma pistola na mão. Não tem tempo de gritar e avisar alguém antes de o rapaz entrar. Acontece tudo tão depressa, com uma velocidade tão incrível e cruel e horrenda.

O carro americano guina para o parque de estacionamento. O pai de Ana pega na caçadeira e corre para o rинque.

*

O Murmúrio está sentado no banco, no balneário. Matteo entra. Ao princípio ninguém vê a pistola, mas depois é como se todos a vissem ao mesmo tempo. Primeiro alguém pensa que é uma brincadeira, o objeto parece tão pouco natural na mão do rapaz de catorze anos, mas então veem os olhos dele. Não há lá nada. Se alguma vez ali existiu um ser humano, já desapareceu. Depois soa o primeiro tiro.

*

BANG!

*

O segundo e o terceiro.

*

BANG BANG!

*

E toda a gente grita. E desatam a correr. Fogem para os duches e casas de banho. Em todas as direções. Agacham-se por baixo de lavatórios e atrás das portas. Nenhuma das pessoas ali presentes se esquecerá de como é quando deixamos de acreditar que vamos morrer um dia e sabemos que está a acontecer naquele preciso momento. Acabou-se. Dizem que a vida nos passa à frente dos olhos, mas a maior parte de nós só tem tempo de pensar em coisas insignificantes. Uma mão pequenina na nossa. Um risinho. Uma respiração contra a palma da nossa mão.

*

BANG!

*

O Murmúrio sabe que vai morrer. É para ele que Matteo está a apontar. O Murmúrio apercebe-se de que acabou tudo assim que o rapaz entra, por isso fecha os olhos com força e reza para que seja

rápido. Para que que não doa muito. Mas não dói nada. Espera que o seu peito expluda e que o seu corpo caia desamparado, mas não acontece nada. Quando abre os olhos, há sangue por todo o lado e dois corpos caídos no chão.

*

Alicia anda de um lado para o outro no balneário, como um odor leve mas persistente. Perguntas, perguntas, perguntas. Uma camisola que quer assinada, um tipo de patins sobre os quais quer saber mais, uma maneira de enrolar a fita no *stick* cujo segredo exige aprender. Amat dá-lhe um abraço e ela parece prestes a desmaiar. Benji está sentado num banco do outro lado do balneário, descontraído, recostado, quase a dormir. Não vê Matteo entrar. Não vê Alicia no meio do espaço. Mesmo em frente do Murmúrio.

*

BANG!

*

Hannah está no hospital. Não ouve os gritos no corredor, não sabe que o alarme tem origem no pavilhão onde a sua família se encontra, não ouve algo a estilhaçar-se nas vozes dos colegas. Uma farpa de gelo na alma de cada enfermeiro e médico que passa a informação. Hannah nem sequer sabe o que se passa porque está a fazer o seu trabalho. Um trabalho duplo, na verdade.

Parece uma piada cruel, como se Deus quisesse mostrar que pode fazer o que quiser connosco. A menos que seja o oposto: esta é a Sua penitência.

Enquanto duas vidas de valor chegam ao fim no ringue, os corações dos gémeos começam a bater nos braços de Hannah. Duas

infâncias começam. *Cu-cu*. Cócegas e risos incontroláveis. Tregar às árvores. Poças e botas demasiado grandes. Gelo no lago. Um milhão de gelados. Os pais a mandá-los fazer menos barulho quando estão a jogar à bola dentro de casa. Baloços. Melhores amigos. O primeiro amor.

*

Este dia traz uma violência incompreensível e uma misericórdia extraordinária. O maior dos medos, as pessoas mais pequenas. Tudo nos pertence.

*

Como havemos de falar sobre Alicia?

*

Todas as nossas histórias são sobre ela, claro. Todas as que terminam aqui, todas as que começam aqui, ela tem sido a razão para todas.

*

BANG!

*

Matteo está parado à porta e ela não percebe o que ele tem na mão. Vê apenas a escuridão, que se ergue como fumo e a envolve, ouve apenas o som de gritos e o barulho de coisas a caírem. Todos os homens à sua volta correm.

*

BANG BANG!

*

O primeiro tiro sai alto de mais. O coice da arma é forte e as mãos de Matteo tremem demasiado, portanto baixa a arma e aperta de novo o gatilho. O segundo e terceiro tiros atingem o alvo. Mesmo no peito. O corpo está morto antes de tocar no chão.

*

BANG!

*

Todos os homens no balneário correm: alguns para as casas de banho, outros para os duches, outros ainda tentam sair pela janela. Todos, exceto Benji. Porque ele é o tipo de pessoa que corre para o fogo.

*

Sempre foi.

*

O pai de Ana corre pelo parque de estacionamento na direção da saída de emergência e espregueada, ofegante, para a obscuridade no interior. De fora, vê Matteo, a disparar o primeiro tiro para dentro do balneário, e vê-o entrar, a preparar-se para voltar a disparar, mas depois alguém vindo de dentro colide com ele com todas as suas forças. Matteo cai para trás no corredor, com um corpo muito maior em cima de si.

*

BANG BANG!

*

São esses os dois tiros que tiram a vida a Benji. Ambos no coração. Que mais poderiam ter atingido, naquele peito? Ele era todo coração. Matteo empurra o corpo dele para o lado e levanta-se de um salto, apontando desvairadamente a arma à sua volta para continuar a matar.

*

Diremos que nunca poderia ter acontecido como a polícia e a comunicação social descrevem: ninguém conseguiria acertar àquela distância, naquelas circunstâncias, nem sequer o mais excecional dos atiradores seria capaz de tal. Nem sequer o melhor caçador de Björnstad, seremos capazes de jurar. Mas não é verdade.

*

Ana está de pé na bancada e ouve o primeiro tiro. Tal como toda a gente, pensa que são miúdos a largar foguetes. Depois ouve os gritos e, do ângulo que tem quando se põe em pé no banco, consegue vislumbrar o corredor junto das tábuas laterais e entrever a porta do balneário. Vê quando Benji se atira através da porta, diretamente contra a pistola, atirando Matteo ao chão. Os dois tiros seguintes atravessam-lhe o coração, atravessam-lhe o corpo, atravessam o teto. Quando Matteo se levanta, o tiro seguinte atinge-o na cabeça. Ana nem precisa de ver quem disparou para saber. Mais ninguém seria capaz de tal.

*

Corre para a saída de emergência onde sabe que encontrará o pai com a caçadeira nas mãos. Matteo morre antes de o seu corpo tocar no chão.

*

Benji também.

*

Todos os que conheciam Benjamin Ovich, em especial aqueles de nós que o conhecíamos suficientemente bem para o tratar por Benji, lhe desejariam uma história bem longa. Uma vida segura. Um final feliz. Esperávamos que assim fosse – oh, como o esperávamos! –, mas no fundo se calhar já sabíamos que ele não era o tipo de pessoa que o teria. Porque sempre foi daqueles que se atravessam à frente, que protegem, que correm para o fogo. Sempre achou que era o vilão em todas as histórias, como todos os verdadeiros heróis pensam sempre, e é por isso que as histórias sobre rapazes como ele nunca acabam com eles a chegarem a velhos. As histórias sobre rapazes como ele acabam sempre connosco a deixar de sonhar com máquinas do tempo, porque, se tivessem sido inventadas no futuro distante, já teriam sido usadas para voltar atrás, a este momento, por alguém que o amava.

*

E somos tantos.

*

Não podemos lutar contra o mal. É a coisa mais insuportável no

mundo que construímos. É impossível erradicar o mal, fechá-lo; quanto mais violência usamos contra ele, mais forte se torna quando se escapa por baixo das portas e pelos buracos das fechaduras. Nunca pode desaparecer porque cresce dentro de nós, às vezes até nos melhores de nós, às vezes até em rapazes de catorze anos. Não dispomos de armas contra o mal. Possuímos apenas a dádiva do amor para lidar com isso.

Toda a gente corre em diferentes direções, à procura de uma saída. Mas Ana e Maya descem as bancadas e abrem caminho à força por entre a multidão. Quando Maya fica com o pé preso e grita, Ana afasta tudo e todos do caminho até a amiga estar livre, e correm ambas para o balneário. As primeiras pessoas que veem no corredor são Amat e Bobo, cobertos do sangue de Benji. Bobo tem o amigo nos braços e embala-o como se estivesse apenas a dormir. Mas ele partiu. Já não existe.

Há mil coisas que os instintos de Maya lhe gritam que faça naquele momento, mas tudo o que ouve é o grito. Não o seu, mas o de uma menina pequena. Está três metros atrás do corpo de Benji a gritar, e a gritar, e a gritar. Ninguém parece ouvi-la. Estão todos tão paralisados, a olhar para o sangue e para os corpos, que ninguém vê a criança. Talvez Maya se reveja em Alicia. Talvez seja esse o momento em que se torna adulta. Não sabe. Porém, em vez de se ajoelhar ao lado de Benji como todos os outros, pega em Alicia, no meio do caos, e corre, saindo pela porta de emergência, passando pelo pai de Ana, através do parque de estacionamento, até à floresta. Aí, senta-se com a criança escondida nos seus braços, para que ela possa chorar e gritar sem ter de ver o que se passa no rinque. Maya só quer protegê-la do sangue e das imagens e das memórias; é só nisso que pensa, sem deixar o próprio cérebro assimilar a morte de Benji. É impossível. *Proteger a criança, proteger a criança*, é tudo o que pensa. Talvez haja mais homens com armas lá dentro, talvez haja mais disparos, portanto é fundamental proteger a criança. Saem pessoas a correr para o parque de estacionamento. Gritos e sirenes estilhaçam os últimos raios

de luz do dia. Maya gostava de conseguir parar de tremer, apertar mais a menina, abraçá-la até fazer desaparecer todo o choque e o desespero e as trevas terríveis que nunca abandonarão nenhuma delas. Mas não sabe como, não é grande o suficiente, não é forte que baste. Não consegue respirar e arqueja, a tentar afastar da mente o sangue e a morte no chão lá dentro, e tem de ser forte pela criança. Mas como? Onde há de ir buscar essa força? Não a tem. Está convencida de que vai cair por terra, sobre a neve, quando sente dois braços à volta dos ombros. É a mãe. Kira não correu para o fogo, correu atrás da filha. Com ela, vem Tess, e depressa se juntam a elas outras mulheres, vindas de todas as direções, com blusões verdes e vermelhos, alguns até pretos. Apertam os braços à volta umas das outras, em círculos concêntricos, formando uma muralha em torno de Alicia.

Nada do que acontecerá àquela menina pelo resto da sua vida será tão mau como isto. Mas, no pior momento, no meio do maior terror que pode haver, mães e irmãs de toda a floresta acorreram a protegê-la.

*

Ninguém consegue combater o mal. Mas, se o mal quiser levar Alicia, terá de passar primeiro por cada uma delas.

*

Quase toda a gente corre sem saber o que se passa. Adri Ovich corre como se já soubesse.

*

Palavras? Não há palavras para isto.

*

Tudo é apenas choque.

Tudo é apenas escuridão.

Tudo é apenas vazio.

*

Habituámo-nos a tantos tipos de violência, mas nunca poderíamos ter previsto esta. Esta, nunca conseguiremos compreender. Esta, nunca conseguiremos ultrapassar. Adri pega no irmão, e Benji parece tão pequeno nos seus braços. Leva-o para fora do ringue e toda a cidade sustém a respiração. Um buraco em cada coração.

*

Como nascerá o sol amanhã? Como existirá ainda luz? Para quê?

*

Lev salta do carro antes de este se imobilizar completamente. O pai de Ana está parado sozinho, junto da saída de emergência, com a caçadeira nas mãos. Lá dentro, toda a gente grita. Lev não precisa de muitos segundos para compreender o que aconteceu, mal vê o sangue e os corpos caídos. Vê a pistola, e podia ter corrido a arrebatá-la, porque é a única coisa que pode ser associada ao ferro-velho e a ele. Mas tem demasiado de que se arrepender agora, demasiadas noites em claro pela frente, com o rosto de Matteo na escuridão. Pessoas boas podem ser capazes de grande males, e pessoas más podem ser capazes de um grande bem. Assim, em vez de pensar em salvar-se, Lev dá meia-volta e salva outra pessoa. Vê Ana aproximar-se a correr, por isso agarra no caçador ao seu lado e pergunta:

– É a sua filha?

O pai de Ana assente, confuso, como se tivesse perdido a consciência, mas o corpo ainda não se tivesse apercebido. Lev agita freneticamente os braços a chamá-la, e Ana corre, saltando por cima do sangue. Nunca se esquecerá disso, nunca se perdoará por isso. Apesar de Benji estar morto, apesar de o ter feito para proteger os vivos, apesar de saber que era o que ele a aconselharia a fazer.

Nem ela nem o pai sabem bem quem é Lev. Ouviram os boatos, como toda a gente, mas nada mais. Ele não parece estar em estado de choque, é talvez a única pessoa que não está, pois já viu muita coisa noutras florestas.

– O SEU CARRO? QUAL É O SEU CARRO, SIM? – grita.

Só então é que Ana compreende o que ele está a pensar e o que tem de fazer para o ajudar e como as coisas podem acabar mal para o pai. Agarra no pai e arrasta-o como uma criança grande através do parque de estacionamento. Ele já chora, mas ela não pode ainda dar-se a esse luxo. Conduz, com o pai ao lado, e Lev segue-os no seu carro. Param na floresta, junto ao lago, onde ninguém os vê da estrada. Ana vai buscar as ferramentas à carrinha e trabalham juntos para abrir buracos no gelo. Muitos buracos, dispersos. Depois desmontam a caçadeira e espalham as peças por vários locais do lago.

A seguir regressam à casa do pai de Ana, onde Lev entra diretamente na cozinha sem pedir autorização. Os cães farejam-no, curiosos, mas não o impedem. Procura nos armários até encontrar as garrafas de álcool que o pai de Ana escondera para ela não as despejar, guardando assim munições suficientes para uma recaída.

– Bebam, sim? – diz Lev, e enche três copos.

– Está doido de todo? Vai começar a *beber* agora, quando está tudo fo... – começa Ana, mas Lev estende-lhe o copo e responde:

– Como é que a polícia lhe chama? «Álibi», sim? Álibi. Não estivemos no rinque. Estivemos aqui, sim? Bêbados. O seu pai nunca poderia atingir ninguém bêbado, sim? Álibi.

Ana e o pai soltam um longo suspiro melancólico em uníssono, aceitando o raciocínio dele. Não têm escolha. Esvaziam os copos. Lev

serve-lhes mais álibi. Não dizem nada e pouco depois estão a beber sozinhos, cada um para seu lado: Lev sentado no chão do corredor, o pai no seu cadeirão junto da lareira, Ana na cozinha. Chora e chora e chora, e é a última vez que se embebeda.

Nunca soubera ao certo o que queria fazer, mas agora passará o resto da sua vida a tentar salvar as vidas dos outros. Ainda não o sabe, mas é aqui que começa, porque não conseguiu salvar a vida de Benji. Assim, não pode dar-se ao luxo de beber mais, daí em diante. Ama o pai, mas não pode correr o risco de se tornar o tipo de pessoa que adormeceu num cadeirão em frente à lareira da próxima vez que alguém lhe bater à porta no meio de uma tempestade. Da próxima vez que alguém gritar por socorro. Da próxima vez que tiver a oportunidade de salvar o mundo.

*

«Que sítio incrível, este, apesar de tudo», disse a mãe de Maya, uma vez. O pai dela respondeu: «O que é incrível é que ainda exista. Que ainda vivam aqui pessoas.»

Maya lembrar-se-á de como foi incompreensível que o sol sequer nascesse no dia depois de Benji morrer. Que ela continuasse viva. Que ela continuasse em frente. Mas compreende os pais pela primeira vez, compreende-os realmente. Como aprenderam a chorar para dentro depois da morte de Isak. Em silêncio, sempre em silêncio, choraram assim durante anos, para que ela e Leo não ouvissem. Como o próprio ar lhes devia magoar a pele. Como deviam ter vontade de se deitar com a cara na terra e murmurar para a relva e para a criança ali sepultada. Como deviam ter-se odiado a si próprios por não terem morrido com ele.

Quantas, de todas as coisas que fizeram desde então, foram tentativas de alcançar algo importante, algo grandioso, algo que justificasse chegarem tão tarde ao Céu? Quase tudo.

É insuportável que o sol volte a nascer, que Maya esteja aqui e não

Benji, e, pelo resto da vida, ela pensará quase todos os dias: «Ele orgulhar-se-ia de mim? Terei levado uma vida digna? Terei sido uma pessoa boa?» Porque é claro que é tudo o que ela é, o que todas as pessoas com quem cresceu em Björnstad são: desesperadamente simples, mas horrivelmente complicadas. Pessoas comuns e invulgares. Pessoas invulgarmente comuns. Tentamos apenas viver as nossas vidas, viver uns com os outros, viver connosco próprios. Aceitar a alegria onde a encontramos, suportar a dor quando nos encontra, e assombrarmo-nos com a felicidade dos nossos filhos sem nos fragmentarmos quando pensamos que nunca os poderemos realmente proteger.

Maya nunca sentiu integrar-se aqui, mas finalmente sente-se como se este sítio lhe pertencesse, mais do que a qualquer outra pessoa. A pequena cidade na floresta grande. Falará sobre as pessoas daqui, de costas direitas e voz firme, afirmando que a maior parte de nós não quer nada de especial: um emprego, uma casa, boas escolas. Longos passeios com o cão. A caça ao alce. Um café no princípio do dia e uma cerveja fresca no fim. Uma boa gargalhada. Vizinhos simpáticos. Ruas onde seja seguro andar de bicicleta. Um lago onde possamos aprender a patinar no inverno e ficar sentados num barco durante nove horas, sem apanhar peixe nenhum, no verão. Batalhas de bolas de neve. Árvores para trepar. Uma nova época de hóquei. Só isso. É tudo o que pedimos.

Ela dirá que as pessoas por aqui amam um jogo simples, mesmo aqueles de nós que não o amam. Um *stick* para cada um, duas balizas, nós contra os outros. *Bang bang bang*. Dirá que estamos apenas a tentar viver, raios. Apesar dos outros. Uns para os outros.

*

Continuar a viver.

*

Em breve, milhões de pessoas conhecerão o nome de Maya, mas, todas as noites, ela cantará apenas para Benji. Nem todas as suas canções serão sobre ele, mas todas serão dele, de alguma forma, mesmo as que são de Ana. Uma noite, daqui a vários anos, Maya será tão famosa que tocará num dos maiores recintos de espetáculos do país. Estará esgotado. Da primeira vez que lá entrar, ela perceberá que recinto é aquele quando não há concertos. É um ringue de gelo. É o maior momento da sua carreira, e chora ao longo de todas as canções.

Árvores

Quando Benji é sepultado, a cerimónia não é numa igreja com portas abertas, mas sob o céu. Duas cidades inteiras comparecem. O anúncio no jornal é supérfluo, toda a gente sabe a hora e o local, até a fábrica fecha, mas, por baixo do nome de Benji, está impresso aquilo que todos sentem:

A dor é demasiada para que as palavras lhe toquem.

Foi o homem da agência funerária que mostrou a citação às irmãs Ovich. «Da minha poeta preferida, Bodil Malmsten», justifica-se, um pouco embaraçado pela sua própria declaração de amor. Agora é também a poeta preferida das irmãs Ovich.

O irmão é sepultado ao lado do pai, não muito longe de Ramona e Vidar. Por aqui costumamos dizer que sepultamos os nossos filhos sob as árvores mais belas, mas nem os melhores de nós conseguiriam encontrar uma árvore bela o suficiente para velar por Benjamin Ovich. Assim, plantamos árvores novas em volta da lápide com o seu nome, deixamos Alicia e as outras crianças plantarem-nas na terra para que cresçam em redor dele. Até Benji já não estar a dormir num cemitério, mas onde sempre se sentiu mais seguro e mais feliz. Numa floresta.

*

Palavras?

*

A dor é demasiada.

Alicia vem ao funeral de mãos dadas com Adri e Sune. Quando vê Maya, larga-os e corre, não por si, mas por Maya.

– Estás assustada? – pergunta a menina.

– Muito assustada. E muito triste – responde Maya, com o rosto escondido no cabelo de Alicia.

– E o Benji, achas que ele está assustado? Estará frio e escuro debaixo do chão? – pergunta Alicia.

– Não, não, o Benji não está assustado. Ele nem sequer está aqui – responde Maya.

– Não? – pergunta Alicia, com o primeiro sorriso das últimas mil respirações.

Maya pisca os olhos um milhão de vezes.

– Neste momento está no gelo, algures, a rir. Está a jogar hóquei com os melhores amigos. Está deitado de costas a olhar para as estrelas. Não está assustado. Daqui a cem anos voltarás a vê-lo e contar-lhe-ás todas as coisas que fizeste. A vida fantástica que viveste. Todas as tuas aventuras. Ele estará desejoso de as ouvir.

Quando Alicia corre de novo para Adri, Maya senta-se num canto da igreja e escreve no antebraço com uma caneta. Preenche a pele. Depois pede à mãe e às irmãs de Benji se pode cantar no funeral. Sobe para os degraus da igreja. A floresta nunca esteve tão silenciosa como nesse momento. Devagar, muito devagar, tudo o que quer dizer brota dela:

*Estás assustado? Quis saber alguém que te ama.
Eu disse: Oh, não – ele está numa outra forma
Porque a campa é apenas um lugar para a memória
A terra em torno do caixão é uma morada ilusória.
Não sei dizer onde estarás
Partiste e algures voarás.
Há uma cadeira velha à beira de água e nela*

*Vejo-te sentado, a rir, cheio de ternura tão bela.
Há gelo em torno da tua ilha, e nele patina
Um rapaz cuja beleza é eterna, na bruma vespertina.
Jogas um jogo, o frio nunca te arrefecerá.
Um rapaz que nunca envelhecerá.
És tudo o que quiseste ser na tua viagem
Estás seguro e feliz, livre e selvagem.
Não sei onde estás agora, amigo do coração
Mas daqui a cem anos voltarei a dar-te a mão.*

*

Há muitos tipos de liderança. A que achamos mais fácil de admirar é, claro, sempre a de quem tem a coragem de conduzir os seus seguidores para o desconhecido, indo corajosamente onde nunca ninguém foi, para cima, para diante. Mas o que ajuda Björnstad, mais do que tudo, a regressar às manhãs em que é possível respirar, depois do que aconteceu, é algo muito menos avassalador. Bobo e Amat levam todos os jogadores da equipa principal para a cidade e reúnem as crianças. Jogam e jogam e jogam. No rínque, no lago, em pátios no meio dos prédios. Jogam e jogam e jogam. É a única cura que conhecem, a única forma que têm de tornar o mundo um pouco melhor.

O Capital vai com eles, silencioso ao início, mas não tarda a ficar diferente, algo que é novidade até mesmo para si: torna-se o tipo de pessoa que fala. Põe a mão num ombro, apanha alguém que caiu, ajuda alguém que se magoou. Com o passar do tempo, começa a perceber que, quando caminha, os outros o seguem, em vez de ser ao contrário. Noutras equipas, sempre foi conhecido por ser complicado, peculiar e desleal. Aqui, torna-se o oposto.

Uma noite, enquanto estão a jogar com as crianças, os pais ficam a ver. No dia seguinte, um dos pais pergunta se pode juntar-se a eles. Em breve toda a gente joga, por todo o lado.

É esse tipo de cidade, onde tudo pode mudar e as pessoas podem transformar-se. Onde encontramos forças para jogar apesar de os nossos pulmões gritarem. Possivelmente porque estamos habituados a aguentar a escuridão, tanto por dentro como por fora. Possivelmente porque vivemos perto de ermos desolados. Mas talvez, acima de tudo, porque, à semelhança de todas as pessoas em qualquer lugar, se não tivermos o dia de amanhã, que alternativa temos?

Há muitos tipos de liderança, e aquela que o Capital, Amat e Bobo demonstram nesse ano não é a que avança, mas sim a que recua. De volta a tudo o que somos. Por vezes, a maior demonstração de liderança é saber o caminho de regresso a casa.

*

Daqui a alguns meses, Hannah terá um recém-nascido nas mãos uma vez mais. É um dia bom, e é incrível que dias assim possam voltar a acontecer, pois acontecem. Ela vai para casa e prepara um piquenique com a ajuda de Tess. Johnny está a arranjar a carrinha no quartel dos bombeiros, com as peças sobresselentes que Lev lhe arranjou e a ajuda de Bobo. Quando terminam, saem para o pátio em frente do quartel com os outros bombeiros e fazem uma batalha de bolas de neve com os filhos e os irmãos e irmãs mais novos.

Tobias está lá, e parece já um bombeiro; vai ser exatamente como o pai, por isso o pai começou a esforçar-se por ser o melhor que consegue ser. Tess partirá em poucos anos, mas acabará por regressar. Também ela pertence demasiado à floresta para viver noutro lugar, mas só o saberá quando puder ver o mundo.

Uma noite, o treinador de Ted liga a Johnny e Hannah para lhes contar que tem recebido contactos de treinadores de clubes maiores, homens de academias de hóquei e até alguns agentes, a fazerem perguntas sobre Ted. O treinador acha que os pais «devem preparar-se, porque a vida do rapaz vai mudar». Ted é um dos maiores talentos que Hed já viu. Um dia, será o melhor.

Depois disso, Johnny passa horas na cozinha, a olhar para o uísque num copo que é, na verdade, um castiçal para velinhas. Não lhe toca. Mete-se no carro e conduz até Björnstad. Bate a uma porta. Come *croissants* na cozinha de Peter e confessa em voz baixa:

– Andam a dizer que o meu rapaz é capaz de chegar longe. Talvez até ao topo. Estava a pensar se por acaso tem algum... algum conselho.

Peter abana a cabeça, como quem pede desculpa.

– Acho que não posso dar-lhe conselhos sobre a carreira dele. Não percebo nada de dinheiro e contratos e essas coisas. Mas posso dar-lhe o número de telefone de alguns velhos amigos que podem...

O bombeiro do outro lado da mesa levanta a cabeça, com um brilho de incerteza nos olhos. Num fio de voz, murmura:

– Não... não... não me refiro a isso. Não queria dizer conselhos para ele. É para mim. Preciso de saber o que fazer para ser um bom pai. Quero saber o que você gostaria de ter tido quando era da idade dele, quando o seu telefone começou a tocar...

Peter fica em silêncio muito tempo. Depois fala mais sobre a sua infância do que alguma vez falou com outro homem. Alguns anos mais tarde, Ted torna-se o mais jovem capitão de equipa da história de Hed. Alguns anos depois disso, será capitão de equipa na NHL. Quando um repórter lhe pergunta onde pensa ter ido buscar as suas capacidades de liderança, ele responderá simplesmente:

*

«A casa.»

*

Teemu e os outros blusões pretos voltaram a ir aos jogos de hóquei. Voltaram a cantar. Sempre com vozes ligeiramente mais pesadas e um maior sentimento de perda, sempre com uma cerveja na

mão depois do jogo, quando se dirigem ao cemitério. Aí, sentam-se e falam com Vidar e Benji e Ramona e Holger e todos os outros que não puderam ir, para que saibam como correu. Cada pormenor. Cada remate. Cada gol e cada decisão errada do árbitro. A cerveja no Céu é cara e as lamúrias são as mesmas de sempre, quase nada muda, mas, um dia, Teemu leva o seu filho recém-nascido e apresenta-o.

O filho crescerá e decidirá que não gosta de hóquei e sim de futebol, e haverá muita galhofa no Céu nessa altura. Oh, que grande galhofa!

*

Elisabeth Zackell torna-se uma treinadora famosa. Ganha centenas de jogos. Vence campeonatos, títulos e troféus. A única coisa que nunca volta a ganhar é aquela primeira alegria descomplicada. O hóquei nunca voltará a ser um jogo para ela. Porém, um dia, daqui a muitos anos, será treinadora de uma seleção nacional na qual joga Alicia, e então Zackell abrirá uma exceção à sua regra mais rígida.

Deixará alguém voltar a jogar com o número dezasseis. Por um único jogo.

Alicia levanta-se do banco, no balneário, lidera a equipa e irrompe pelo gelo, e Zackell olha para ela e, por um mero instante, esquece-se de que não é ele.

*

Leo passa vários dias sentado no quarto, depois do funeral de Benji, de auscultadores nos ouvidos, perdido no seu jogo. Joga e joga e espera, como sempre fez, noite após noite, que um determinado nome apareça no ecrã. Um jogador que nunca conheceu na vida real, mas que encontrou ali tantas vezes, nos últimos meses, que quase parece que já se conhecem. Esse desconhecido conseguiu matar Leo de todas as vezes, quase como se o procurasse e perseguisse dia após dia.

Leo não consegue livrar-se da vontade de se vingar. Se estiver um pouco mais calmo, um pouco mais concentrado, tem a certeza de que consegue apanhar aquele filho da mãe. Quem quer que ele seja.

Mas o seu adversário não aparece. Nunca mais. Leo nunca saberá porquê mas, durante anos, muito depois de ter deixado de jogar aquele jogo, entrará de vez em quando só para procurar esse nome de utilizador. Se o tivesse pesquisado *online*, talvez tivesse encontrado uma página em língua estrangeira que explicava que o nome de utilizador era o significado literal de «Matteo». Mas nunca o faz.

Batem à porta do seu quarto. Do outro lado, está Maya, com a guitarra na mão.

– Posso entrar? – pergunta ela em voz baixa, como ele fazia sempre quando se escapulia para o quarto dela depois de ter um pesadelo, quando era mais pequeno.

Ele faz que sim, claro. Ela senta-se na cama e toca guitarra, e ele senta-se em frente ao computador e joga o seu jogo. É a última noite antes de ela voltar para a escola de música. Durante algum tempo andará sozinha por lá, zangada, e escreverá algumas das melhores canções da sua vida.

– Tenho orgulho de ti – murmura ao irmão.

– Também tenho orgulho de ti – murmura ele.

Leo fará grandes coisas na vida, irá longe e dar-lhe-á muitos motivos para se orgulhar mesmo dele. Ela está apenas a orgulhar-se antecipadamente. É o trabalho das irmãs mais velhas.

Uma noite, quando os dois irmãos Andersson tiverem as suas próprias famílias e filhos, sentar-se-ão numa casa muito parecida com esta numa véspera de Natal, depois de as gerações acima e abaixo se terem ido deitar, e falarão sobre as pessoas em que se poderiam ter tornado se as circunstâncias tivessem sido piores. Apenas um pouco piores. Se tivessem nascido um pouco mais pobres. Se tivessem sido atingidos com mais força, um pouco mais cedo, pela violência possível nas pessoas. Se não tivessem tido pais capazes de lutar com qualquer um por eles. Capazes de atravessar a floresta e enfrentar *hooligans*,

uma cidade inteira se necessário. Que nunca desistiam, que só recuavam quando se preparavam para atacar, que não tinham limites quanto ao que estavam dispostos a fazer para proteger os filhos. Mesmo quando sabiam que não era possível.

Leo sorrirá e fará uma festa no cabelo da irmã.

– Sem a mãe e o pai? Tu terias ficado bem. És uma sobrevivente. Mas eu... eu não teria a menor hipótese.

*

A polícia nunca encontrará a espingarda que matou Matteo. Também ninguém conseguirá provar de onde veio a pistola que matou Benji. A polícia vai de porta em porta, de uma ponta de Björnstad ao lado mais distante de Hed, mas ninguém diz nada. Depois do sucedido, haverá por aqui uma ou duas pessoas mais do que capazes de fazer notar à polícia que se estão a esforçar mais por encontrar essa espingarda do que outra coisa qualquer. Como se o homem que matou um assassino com uma caçadeira fosse um criminoso maior do que o homem que deu ao assassino uma pistola ilegal.

Os problemas entre nós e aqueles que não são de cá nunca cessam. Também somos esse tipo de cidade.

*

Lev continua a viver em Hed. A gerir o seu ferro-velho. Todos os invernos, viaja até outra floresta distante, com malas cheias de brinquedos e bonecos de peluche. Lá, bebe bebidas fortes em pequenos copos com as sobrinhas, e joga hóquei com os filhos delas.

Tudo o que dizem sobre ele é verdade. Esta parte também. É por isso que encaixa tão bem em cidades aninhadas por entre as árvores. Onde as pessoas também são capazes de ser o melhor e o pior ao mesmo tempo.

Talvez seja a tristeza que derruba o Janota. Ou talvez a sua consciência o tenha finalmente apanhado. Richard Theo vai visitá-lo, uma semana depois do funeral, e fala-lhe de uma série de artigos que o jornal local se prepara para publicar. Revelarão um escândalo de corrupção que esmagará os adversários políticos de Theo, mas poupará os clubes de hóquei e Peter Andersson. Theo construiu uma aliança de empresários que o consideram útil e de políticos que o temem. É intocável. Mas, infelizmente, explica, de um modo que parece ser de genuíno pesar, nem todos os seus aliados políticos aceitam que os clubes de hóquei escapem totalmente incólumes. Toda a gente precisa de uma pequena vitória. Toda a gente precisa de sentir que venceu alguma coisa. Assim, Theo sugere a solução mais simples: dar-lhes alguns dos contratos que Peter assinou. Não os que são relativos às instalações de treino, não os piores de todos, apenas a fraude mais básica, para acharem que descobriram alguma coisa. No entanto, claro está, será preciso um bode expiatório, e, se não pode ser Peter, então a história tem de ser contada de modo que se revele que alguém o enganou. Theo abre os braços num gesto amistoso.

– Sugiro a Ramona. Ela já cá não está, de qualquer modo. E por aquilo que sei dela, imagino que não se importaria nada de ser usada para salvar o Peter Andersson. Se lhe pusermos as culpas em cima, o escândalo será esquecido em poucas semanas e toda a gente pode continuar como se nada tivesse acontecido.

O Janota, sentado à secretária, olha para as mãos durante muito tempo. Depois sussurra:

– O Peter foi o meu melhor amigo ao longo de toda a infância, sabia? Já era tão bom, mesmo antes de ir para a NHL, que os jogadores das equipas adversárias que vinham cá jogar às vezes pediam o autógrafo dele para os irmãos mais novos. Assim, aprendi a imitar a assinatura dele, para poder vender fotografias «autografadas» sem ele saber. Ainda consigo imitar a caligrafia dele quase na

perfeição.

Theo fita-o de sobranças levantadas e uma expressão confusa que é extremamente invulgar nele.

– Que quer dizer?

O Janota responde calmamente:

– Vamos fazer aquilo que sugere. Oferecemos uma pequena vitória ao jornal e aos seus aliados políticos. Entregamos-lhes alguns dos contratos e declaramos que o Peter foi enganado. Mas não pela Ramona. Vou dizer que fui eu que assinei aqueles contratos com o nome dele.

Richard Theo parece simultaneamente chocado e impressionado. Quando a história chega ao jornal local, já é do conhecimento da polícia. O Janota é acusado de fraude e condenado a uns meses na prisão. Não deixa que ninguém além dele fique sequer com uma fração da culpa. Quando sai, regressa de imediato a Björnstad e começa a construir, mas não o Parque Empresarial de Björnstad ou as instalações de treino sofisticadas ao lado do pavilhão, como planeava. Em vez disso, ajuda o seu melhor amigo de infância a construir uma catedral. O Janota paga o telhado com o seu próprio dinheiro, trabalha na construção com as próprias mãos e, a seguir, ele e Peter bebem cerveja sentados lá em cima, enquanto uma centena de miúdos joga hóquei lá em baixo. É um caixote de gelo simples, não um rinque luxuoso, e faz lembrar aquele que os trabalhadores da fábrica construíram em Björnstad há três quartos de século, quando fundaram o clube. Quando não havia aqui mais nada senão tempestades e melancolia, amor e sonhos, esperança e dificuldades. A Catedral não é nenhuma beleza, não é mesmo, mas é o começo de algo.

Não teria sido concluída sem a ajuda do Janota, mas ninguém, além de Peter, sabe realmente a dimensão da sua contribuição. O Janota nunca o diz a ninguém. É essa a sua redenção.

A editora-chefe e o pai vão de férias. Ela leva-o consigo para um lugar ao sol. Comem bem e dão longos passeios, visitam igrejas e adormecem em terraços à sombra. É a última viagem que fazem juntos. O pai morre não muito tempo depois. A editora-chefe volta para Björnstad e Hed, mas não tarda a progredir para cargos em jornais mais importantes, em sítios maiores. Alcança mais poder. Demora algum tempo, mais do que ela gostaria, mas, um dia, surge-lhe a oportunidade de derrubar Richard Theo. E ela agarra-a com unhas e dentes.

Também ele vive numa cidade maior nessa altura, instalado em pedestais mais altos, o que faz com que a queda seja ainda pior. No fim, ela desencanta tantos escândalos em que ele está envolvido, que o arruína e destrói toda a sua carreira.

Não o faz por justiça. Nem sequer por satisfação pessoal. Fá-lo porque pode. Fá-lo porque pessoas como ele não deviam poder vencer.

*

Amat consegue chegar à NHL. Na noite em que marca o seu primeiro golo, toda a cidade de Björnstad está acordada, apesar da diferença horária. Na verdade, em Hed também devem estar todos a pé. Se não estão, provavelmente acordarão quando Amat marca e o Covão explode.

*

Daqui a alguns anos, muito longe daqui, um jovem estará sentado num sofá, numa festa. À sua volta, toda a gente dança e bebe, mas ele tem os olhos colados à televisão. É apenas um pequeno vídeo de um concerto dado por uma das cantoras mais famosas do país. Chama-se Maya Andersson, e o jovem sempre adorou esse nome. É tão simples. Nunca pensou muito no sotaque dela, nunca lhe ocorreu por que

razão lhe parece tão familiar. Mas agora vê-a na televisão e ela está a cantar uma canção sobre alguém que amou, por ser o seu aniversário, e no ecrã gigante, atrás dela, surge por breves instantes uma fotografia dele. Maya sabe que ninguém dará por ela, no meio de milhares de outras imagens rápidas, mas incluiu aquela fotografia em particular apenas por si mesma.

Porém o homem no sofá reconhece-o. Porque se lembra do toque dos dedos e dos olhares. Garrafas de cerveja num balcão de bar e fumo numa floresta silenciosa. Da sensação da neve a cair sobre a pele, enquanto um rapaz de olhos tristes e coração selvagem o ensinava a patinar.

O homem no sofá não arruma praticamente nada. Leva apenas um saco e o estojo com a sua guitarra baixo, e viaja até à próxima cidade da digressão de Maya. Consegue passar à força pelo segurança e, quando está prestes a ser derrubado, grita:

– Eu conhecia-o! O Benji! Eu também o amava!

Maya estaca abruptamente. Fitam-se nos olhos e ambos o veem apenas a ele, ao rapaz na floresta, triste e selvagem.

– Tocas? – pergunta Maya.

– Sou baixista – responde ele.

Daí para a frente, torna-se o baixista da banda dela. Ninguém toca as canções de Maya como ele. Ninguém chora tanto, todas as noites.

*

O Murmúrio joga hóquei. É tudo o que as pessoas recordarão dele. Ou está no ringue, ou está em casa, com a mãe. Nunca conta a ninguém a quem as balas de Matteo se destinavam realmente. Como conseguiria explicar? Quem o deixaria? Tem demasiado medo. É demasiado pequeno. Assim, não diz nada, não angustia ninguém, leva a sua vida discretamente e tenta defender todos os remates de cada vez que o Hóquei de Björnstad o põe à baliza. O público adora-o, tanto as pessoas dos lugares sentados como as da bancada em pé, e,

em muitos aspetos, ele acaba por ser uma das verdadeiras lendas do clube. Nunca joga por mais nenhum clube, apenas aqui, e torna-se um urso, mais do que qualquer outro. Nasceu em Hed, mas Björnstad passou a ser o seu lugar no mundo. Quando finalmente é obrigado a abandonar o hóquei, em resultado de uma lesão, tem pouco mais de trinta anos e já lá vai meia vida desde o acontecimento que passou todos os dias a tentar esquecer. Jogou cada minuto como se tentasse ser perdoado. A tentar ser suficientemente bom e valioso, e talvez até um bocadinho amado, a tentar de alguma forma viver sem sentir constantemente que não merece a vida que tem. Joga como se o gelo fosse uma máquina do tempo. Mas nunca é. O clube iça a sua camisola para o teto do rink e agradece-lhe com uma grandiosa cerimónia depois do seu último jogo. No dia seguinte, ele entra num autocarro com um grande saco de hóquei ao ombro. Viaja muitos quilómetros, até outra cidade, atravessa-a até chegar a um pequeno cemitério, e depois serpenteia entre as campas até encontrar uma pequena lápide ignorada, a um canto. Está por baixo de uma bonita árvore, daquelas que oferecem proteção no inverno e sombra no verão. O Murmúrio limpa-a de ervas daninhas e coloca flores por baixo do nome «Matteo». Sem apelido, porque os pais rezearam que as pessoas que nunca deixaram de o odiar viessem vandalizar a sepultura, apesar de estar muito longe de Björnstad. O Murmúrio passa o dedo pelas letras e murmura:

– Perdoa-me. Devias ter vivido a minha vida. Perdoa-me...

Depois abre o saco de hóquei e carrega a espingarda que traz lá dentro. Limpa as lágrimas, pega na arma e embrenha-se pela floresta.

*

Será castigo suficiente? Ninguém pode responder a isso. Ninguém saberá.

*

O que é a vida, senão momentos? O que é o riso, senão uma pequena vitória sobre a tristeza? Um momento isolado, apenas um, em que nem tudo dentro de nós está em cacos.

Alguém bate à porta da casa onde Ruth e Matteo cresceram. Quando os pais deles abrem, deparam-se com o casal que mora na casa do lado. A mulher traz uma tarte de maçã; o homem, uma garrafa de bebida. Ele diz, com hesitação, talvez embaraçado pelo pouco que sabe das pessoas que vivem do outro lado da cerca:

– Podemos falar, se quiserem. Ou ficar sentados em silêncio, se preferirem. Mas achámos que seria bom não estarem sozinhos.

Sentam-se na pequena sala de estar.

– Tantos livros, tão bonitos – diz a senhora de idade da casa do lado.

– Sou melhor a ler do que a viver – murmura o pai de Ruth e Matteo.

Um pouco mais tarde, recebem outra visita. É o padre que celebrou o funeral da filha deles. Não tiveram a coragem de enterrar Matteo no mesmo cemitério. O padre vem, de qualquer maneira. É um trabalho especial, o seu, mas ele também é uma pessoa especial. Sentam-se na sala de estar e os olhos do padre percorrem lentamente as lombadas dos livros.

– Vejo uma Bíblia. Posso ler um excerto?

A mãe de Ruth e Matteo levanta-se e vai buscar a Bíblia, e todo o seu corpo treme. O padre segura-lhe na mão e lê, do quinto capítulo do Evangelho de Mateus:

Felizes os que choram, porque serão consolados.

Felizes os mansos, porque possuirão a Terra.

Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

Mais abaixo, na mesma página, o padre lê:

Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte;

*nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire,
mas sim em cima do candelabro,
e assim alumia a todos os que estão em casa.
Assim brilhe a vossa luz diante dos homens,
de modo que vejam as vossas boas obras.*

Os pais de Ruth e Matteo dedicam o resto das suas vidas a obras de caridade. Mudam-se para o outro lado do mundo, trabalham arduamente em aldeias pobres e constroem coisas para os outros. A maior de todas é um lar para crianças. Todas as manhãs, quando acordam, parece-lhes ouvir o riso dos filhos. Por breves instantes.

*

A pequena casa onde Ruth e Matteo cresceram fica vazia por vários anos. Porém, a seu tempo, volta a encher-se de pessoas. Um jovem casal remodela-a, tábua a tábua, até ser quase tudo novo. Os seus filhos gémeos brincam no quintal. Os vizinhos fazem conversa de circunstância sobre a cerca. Discos de hóquei são rematados contra a parede.

*

A vida da mãe de Benji avança, difícil mas inexoravelmente. Tem de ser, os dias não esperam por nós. Ela tem netos e é isso que a salva, porque os netos também não esperam. Aniversários e férias de verão e noites de Natal e arranhões e picadas de mosquito e risos. Gelados para comer; patins para patinar; aventuras mágicas e maravilhosas para viver. E, por fim, com o passar do tempo, a dor já é apenas quase constante. Ela resistiu. Consegue ter saudades dele sem gritar sempre. Abraçar sem chorar sempre. Rir-se sem se sentir sempre culpada.

A vida continua. Não nos dá outra hipótese.

Alicia tem uma cama onde dorme, um sítio onde mora, mas quase nunca lá está. Ou está em casa de Sune ou em casa de Adri. Cresce em três casas, uma muito má e duas muito boas. Além disso, tem o rинque de gelo, pessoas que a amam e um desporto que a venera. A mãe e as irmãs de Benji colocam toda a dor por ele em abraços, até se transformar apenas em sussurros de amor por ela. Como pequenos diamantes feitos de carvão.

Um dia, Alicia aparece em casa de Sune com um cachorrinho que Adri lhe deu. A menina explica, com toda a firmeza, que o cão é dela, de mais ninguém, mas que tem de ficar a viver com Sune.

– Eu tenho de ir à escola e tenho de treinar! E não posso deixar o cão sempre sozinho! Portanto tens de me ajudar! – declara.

– Estou a perceber. Sim, estou a perceber. Bom, suponho que é assim que tem de ser – concede o velho homem, com um aceno.

– Posso comer pão com compota? – pergunta Alicia.

Claro que pode. Todo o que quiser.

As irmãs Ovich visitam a campa de Benji todos os dias. Se pudesse, o irmão diria que elas falam mais com ele agora do que quando era vivo. Sempre que pensam nisso, as irmãs querem bater-lhe e é nessas alturas que sentem mais saudades.

Continuam a gerir o Urso Pardo, embora, agora, toda a gente conheça o estabelecimento como «Benji's». Não tem nenhum cartaz do lado de fora, mas não é preciso. Continuam a honrar a tradição de Ramona, de cerveja simples e comida má, pelo menos ao princípio. Depois, gradualmente, a qualidade da comida vai melhorando, porque Katia, ao contrário de Ramona, sabe usar um livro de culinária. Os filhos de Gaby fazem os trabalhos de casa no bar e ela passa metade do tempo ralada por ser uma má mãe, mas, quando crescerem, eles

dir-lhe-ão que não trocariam por nada a forma como foram criados. A tia Adri é responsável, acima de tudo, por ameaçar dar um murro na cara dos homens ou dar-lhes mesmo um murro na cara, conforme a hora do dia. Teemu e alguns dos outros blusões pretos aparecem um dia, e oferecem às irmãs uma nova mesa de bilhar que «caiu de um camião». Trazem-na para dentro e alguns dos maiores idiotas da Matilha tentam jogar umas vezes, mas, claro, são tão imprestáveis que Adri ainda pensa em queimar o raio da mesa para pôr fim ao sofrimento deles. Depois, certa tarde, enquanto ela está sozinha a limpar o bar, batem à porta. Lá fora está um grupo de rapazes, ansiosos e inocentes, a perguntar se podem jogar bilhar. Ela deixa-os entrar. Só vão para casa quando ela corre com eles. Voltam assim que a porta abre, no dia seguinte. Ela aquece-lhes piza no micro-ondas, e eles jogam e jogam e tornam-se cada vez melhores. Adri não ficaria surpreendida se um deles ainda viesse a ser campeão do mundo.

*

É esse tipo de cidade, é mesmo.

*

É o aniversário de Ana. Ela não espera que alguém se lembre, mas o pai está sóbrio e passou a noite toda a decorar a parte de baixo da casa com balões. Os cães rebentaram-nos todos. Ana nunca se sentiu tão amada.

A campainha da porta toca e é Hannah. Tess aguarda, envergonhada, um pouco mais atrás. A carrinha está estacionada junto da cerca.

– Isto é para ti – diz Hannah, e tem de piscar os olhos para afastar as lágrimas de ternura.

É um *voucher* para aulas de condução. Ana ri-se durante muito tempo. Depois Hannah pergunta se Ana e o pai gostariam de ir com

elas numa «viagem de pesquisa», e eles acedem. O pai nem sequer se esqueceu de tirar a espingarda da carrinha. Conduzem várias horas, até uma cidade maior. Suficientemente longe para ter uma universidade, mas ainda perto quanto baste para Ana, se tirar a carta de condução, poder viver em casa e frequentar as aulas. Hannah pigarreia e diz:

– É... bom... é uma escola pequena. Possivelmente não é aquilo com que toda a gente sonha. A Tess não quis vir para cá porque o curso de Direito não é o melhor, mas talvez para ti... bom... o que quero dizer é que têm um curso de *parteira*. Primeiro tens de ser enfermeira, claro. Mas eu posso ajudar. Posso... Eu *quero* ajudar-te. Se tu quiseres.

Tess, ao lado delas, revira os olhos. Ana não sabe bem o que responder. Ela não é como Maya, não sabe usar as palavras para transmitir o que quer. Assim, vai ao carro, pega num envelope grande e entrega-o a Hannah, atrapalhada, olhando para todos os lados menos para ela.

– É só uma coisa estúpida. Todos os anos fiz um postal para o Dia da Mãe na escola, depois de a minha mãe se ir embora, porque os outros miúdos todos faziam, e nunca tive a quem dar os meus. Mas pensei, como você ajuda todas as mães... Oh, raios. Parece-lhe estúpido, ou esquisito?

Hannah não consegue proferir uma palavra, pelo que Tess tem de interferir e dizer:

– Não, Ana. Não é nada estúpido. É muito querido. Tu és muito querida!

Ana olha numa direção e Hannah noutra, e nenhuma delas sabe o que fazer com todas aquelas coisas que carregamos connosco a vida toda sem que ninguém as veja. Há um hospital ao lado da universidade e ambas ficam muito aliviadas quando alguém à entrada começa subitamente a gritar:

– Têm de tirar isto daqui! Está a tapar a entrada das ambulâncias!

É uma enfermeira, de certo modo parecida com Hannah, e furiosa

como um enxame de abelhas. Mesmo em frente da entrada está um caminhão com reboque. Ao que parece, o camionista veio a conduzir com uma apendicite aguda. Apanhar um táxi estava fora de questão, ou achavam que ele era feito de dinheiro? Mas não conseguiu estacionar melhor quando chegou e caiu de trás do volante, exausto e cheio de dores. Assim, o caminhão ali ficou. A enfermeira está a gritar com um segurança, que responde:

– Acha que eu consigo conduzir um caminhão deste tamanho? Está doida? Quem é que é capaz de tal coisa?

Ana dá um passo em frente e declara:

– Eu sou.

O guarda, um homem nos melhores anos da sua vida e a ficar rapidamente calvo, vira-se para ela com desdém.

– *Tu?* Um caminhão deste tamanho? És capaz de conduzir isto?

Ana encolhe os ombros, mas o pai, atrás dela, diz com firmeza:

– A minha filha é capaz de conduzir qualquer coisa. Deem-lhe as chaves.

O guarda coça o queixo, mas depois assiste de boca aberta. Hannah e Tess nunca viram ninguém estacionar um caminhão com reboque de marcha atrás. Quando Ana salta da cabina, o guarda grita-lhe um elogio que ninguém ouve porque é abafado por um ronco poderoso. Um som seco, ribombante e ritmado enche o ar e espalha ondas de choque pela relva. Ana inclina a cabeça para olhar para cima, depois corre para Hannah, puxa-lhe o braço e grita:

– Hannah? O que é que tenho de estudar para poder conduzir uma coisa DESTAS?

Hannah olha para o céu e sorri enquanto segue com os olhos o helicóptero-ambulância. Voa ao encontro daqueles que precisam, os que estão feridos e os que pedem socorro, e aqueles que mais ninguém consegue alcançar. Voa para onde mais ninguém se atreve a ir. Mesmo para o fogo, se for preciso.

Maya canta para milhares de pessoas em centenas de recintos ao longo dos anos de adulta, mas essencialmente canta para si própria e para os amigos que tinha em criança. Um dia, Ana leva-a no seu helicóptero e sobem até ao céu. Levam com elas as raparigas que foram. Elas gostariam tanto de poder voltar atrás no tempo para proteger essas duas miúdas risonhas. Apanham-nas do chão da floresta e escondem-nas dentro dos casacos; as pás do helicóptero giram e elas voam muito acima do chão. Bem alto, livres.

Uma única vez, dez anos após a violação, Maya volta a ver Kevin. Está a sair do autocarro da digressão, no parque de estacionamento do recinto onde vai tocar, e ele esteve às compras com a mulher num centro comercial próximo. Kevin está a fazer marcha atrás com o pequeno carro enferrujado e, quando se vira, depara-se-lhe Maya, do outro lado do para-brisas. Ele ganhou peso; parece diferente, mais mole, mais inseguro. A mulher está grávida. Tem a mão na dele e parece feliz. Ele construiu toda uma outra vida. Poderá tal coisa ser-lhe permitida?

Maya fixa-o com o olhar. Ele fica tão chocado, que deixa o carro ir abaixo. Para Maya, o incidente dura poucos segundos; para ele, nunca acaba. Depois, ela vira-se e caminha na direção do recinto onde vai cantar nessa noite. O baixista espera-a um pouco mais à frente.

– Quem era? – perguntará ele.

– Ninguém – responderá ela, com toda a honestidade.

Não perdoa, não esquece, mas também não usa a violência só porque pode. Não destrói a vida de Kevin, apesar de ele o merecer. Poupa-o.

Mas a mulher de Kevin pergunta-lhe quem era aquela rapariga. Kevin respira fundo várias vezes, aterrado, mas, por fim, o peso das mentiras é demasiado para o continuar a carregar, e conta-lhe a verdade num murmúrio. Toda a verdade. A realidade que construiu, desde aquela noite em Björnstad, desmorona-se à sua volta dentro daquele carro. Perde tudo.

Poderá ser perdoado? Poderá ser poupado? Ser-lhe-á permitido ter

uma vida?

*

Caberá a outras pessoas ter essa discussão. Maya já voa muito acima de tudo isso.

*

Chega a primavera, o verão. É quase insuportável. Mas depois começa o outono, breve como um piscar de olhos, até o inverno se abater finalmente sobre nós uma vez mais. A vida não continua, recomeça, e tudo é novamente possível. Tudo pode acontecer, todas as maiores e mais belas e melhores aventuras do mundo.

Muito cedo, de manhã, o vigilante abre a porta do ringue de gelo e acende as luzes. Alicia parece tão solitária e tão pequena quando sai para o gelo, mas não é, é maior do que toda a gente e nunca mais estará sozinha. Deita-se no círculo central a olhar para o teto. Quando fecha os olhos e estica os dedos, doem-lhe muitos sítios por dentro, mas naquele instante não sente nada, porque Benji está deitado ao seu lado e em breve terá início uma nova época de hóquei e ainda pode ficar tudo bem. Durante toda a sua longa carreira, em cada ringue e em cada jogo da seleção nacional, ela fará o mesmo sempre que se sente nervosa ou assustada: olhar para o teto, estender a mão, sentir que ele está ali. Porque Benjamin Ovich não está numa campa. Benjamin Ovich está no gelo com a sua melhor amiga.

Nas bancadas, sentam-se o vigilante, Sune e Adri, e todo o ringue cheira a flor de cerejeira. É fácil amar o hóquei nesse momento, porque o hóquei não está no passado, não foi ontem, é sempre a próxima coisa. A próxima troca de posições, o próximo jogo, a próxima época, a geração seguinte, o próximo momento mágico em que algo que não julgávamos possível se torna um milagre. A nova oportunidade de saltarmos do assento e gritarmos de alegria. A

próxima coisa.

Um dia, Alicia será a melhor do mundo. Ela vem de uma cidade com dor no coração e violência no ar, tem o nome «Ovich» nas costas, e não patina no gelo, toma-o de assalto. Boa sorte para quem a tentar travar. De cada vez que marca, todas as pessoas que a têm amado elevam-se do chão e, por alguns instantes ditosos, parece que todos os sacrifícios valeram a pena. A vida é isto. Um dia, ela regressará e ensinará outras crianças a patinar. Um dia, será ela o Homem Aranha e a Mulher Maravilha.

Os seus cem anos serão a nossa melhor história, a mais amada, a mais contada. E isso é dizer muito, porque somos uma cidade de hóquei. Aqui, não temos mais nada a não ser histórias. Mas todas as nossas histórias sempre foram, na realidade, sobre apenas uma coisa: desde a primeira, a história de um rapaz que foi daqui até à NHL e voltou com a família, a da sua filha que aqui encontrou a melhor amiga no mundo inteiro, a de um crime terrível e a do amor que era como uma doação de órgãos. Uma história de lágrimas e dificuldades, de abraços e risos, de um palco, uma guitarra e milhares de pessoas no público. De um rapaz que nasceu num sítio que nunca viu gelo, mas que um dia seria capaz de voar sobre os patins mais depressa do que qualquer outro; de outras crianças que se tornaram as melhores de outras maneiras; do rapaz que se tornou treinador; daqueles que foram pais; e da rapariga que pilota um helicóptero para salvar o mundo. A história de um jovem que nunca se viu a si próprio como um herói, mas que morreu como tal, que correu para o fogo para salvar uma criança. De famílias e amigos. De trepar às árvores e aventuras. De uma vasta floresta e duas pequenas cidades, e de todas as pessoas que ali tentam simplesmente viver a sua vida. Sentar-se num barco. Contar patranhas. Não apanhar peixe nenhum.

Tudo isto foi sobre o mesmo: Alicia. Cada pessoa de quem falámos, cada história que nos foi contada, todas conduzem até ela. É aqui que terminam todas as outras. É aqui que começa a dela.

*

Um dia, ela fará com que voltemos a sentir-nos vencedores.

*

Porque ela é o urso.

*

O urso de Björnstad.

Agradecimentos do autor

À minha mulher e aos nossos filhos. São a minha equipa, sempre, em todo o lado. Somos nós contra os outros. Amo-vos. (Um agradecimento extra para o doido do nosso pastor-alemão, que nos meus momentos mais sombrios, durante a edição final, me recordou que nada é mais importante do que ir ao parque jogar à bola com ele.) À minha editora, Helena Ljungström, que guiou a minha autoconfiança vacilante ao longo do trabalho com olho de lince e uma calma imensa; caso contrário, provavelmente nunca o teria terminado. Ao meu colega de escritório, Niklas Natt och Dag, por estar sempre, sempre presente; a tua amizade tem sido o maior privilégio da minha vida. À minha outra editora, Vanja Vinter, que me acompanhou do princípio ao fim, em raciocínios e ideias e, acima de tudo, com paixão: espero que saibas que foste de um valor incalculável. Ao meu agente, Tor Jonasson, que luta sempre para me dar espaço suficiente para ser eu próprio. À minha relações-públicas, Marie Gyllenhammar, que compreende que a minha família e eu somos vulneráveis e humanos, cuidando sempre de nós.

Gostaria de deixar um agradecimento sentido a todos os que, por variados motivos, pediram para não ser identificados aqui. Obrigado por terem tido a força de partilhar comigo as vossas histórias mais sombrias. Espero não vos ter desiludido.

Por tudo o que tem a ver com hóquei, quero agradecer em primeiro lugar a John Lind. Sem a generosidade que demonstrou com o seu tempo, pensamentos e contactos, isto não teria sido mesmo possível. A Claes Elefalk, que não só respondeu a perguntas mas reviu também longas secções de texto. A Tobias Stark, por todos aqueles longos telefonemas. A Anders Kallur e Johan Hemlin, por responderem pacientemente às minhas muitas perguntas estúpidas.

Obrigado ainda a Petter Carnbro, Erika Holst, Andreas Haara, Ulf Engman, Fredrik Glader, Johan Forsberg e todas as outras pessoas envolvidas no hóquei sueco que esclareceram, encorajaram e ajudaram este projeto ao longo do percurso. Quero que saibam que foi, do princípio ao fim, uma declaração de amor ao desporto.

Obrigado a A., que foi o modelo para Hannah, e a M., que teve o mesmo papel em relação a Johnny. Obrigado a todos na Salomonsson Agency, por levarem as minhas pequenas ideias para o mundo. A todos na Atria e na Simon & Schuster nos Estados Unidos e no Canadá, que, desde o primeiro dia, acreditaram tanto nestes livros (principalmente Peter Borland, Libby McGuire, Kevin Hanson, Ariele Fredman Stewart, Laurie Grassi e Rita Sheridan, que fizeram da América do Norte um segundo lar para mim e para a minha família.) A Alex Schulman, por longos, longos almoços e por novas ideias constantemente assombrosas sobre o que se pode fazer com as palavras. A Marcus Leifby, por generosos batidos de leite e conversas animadas. A Isabel Boltensern e Jonatan Lindquist, duas das primeiras pessoas com quem falei sobre Björnstad. A Philip de Giorgio, por bolos açucarados e boa conversa. E a Jakob Kakembo Andersson, por aquelas longas caminhadas à beira dos lagos.

A Negar e Daniel, pela vossa amizade e por intervirem sem pensar duas vezes quando as coisas estavam na fase mais complicada. A Marysia, que está sempre apenas a um telefonema de distância quando precisamos de ajuda. E a Amad, por toda a ajuda com tecnologias que não compreendo.

A todos na Forum, Bonnier e Piratförlaget, que estiveram envolvidos nesta série de livros de variadas formas (e um agradecimento muito especial a Håkan Rudels, Adam Dahlin, John Häggblom e Sofia Brattselius-Thunfors).

A todas as pessoas fantásticas que trabalharam na série televisiva de *Björnstad*, mas em especial a Bonnie Skoog e Mattias Arehn, que lutaram apaixonadamente por esta história quando ela vivia sob outra forma; e a Peter Grönlund – foi uma aventura maravilhosa vê-lo

construir todo um universo a partir da cidade que eu imaginei. (E um reconhecimento extra também para Adam Torbjörnsson, Alexia af Kleen, Sophie Smirnakos e Cecilia Imberg Karabollaj, que juntaram todas as peças.)

Um obrigado muito caloroso a Linda Hedenljung, que disponibilizou tempo para responder a perguntas e cujo trabalho foi um imenso contributo para estes livros. A Joakim Zander e Johan Zillén, que leram e sentiram e me ajudaram a pensar um pouco mais além. A Johan Szymanski, que me deu tanto do seu tempo e me explicou tanta coisa que eu não compreendia sobre fogo e floresta e vida. A Anders Dalenius, a melhor companhia para almoçar que alguém poderia desejar, e o melhor professor sobre cães, espingardas e comida. A Ivar Arpi, que explicou o que motiva muitas pessoas de uma forma que eu, de outra maneira, não teria compreendido. A Eric Thunfors, que desenhou tão perfeitamente o emblema de Björnstad. A Riad, Junes e Erik – somos amigos há vinte e cinco anos, mas este foi o ano em que mais valor dei à vossa lealdade. Aos meus pais, que me levaram a tantas bibliotecas e treinos quando eu era pequeno, e agora encorajam os sonhos dos netos, todos os dias. À minha irmã, ao P. e aos miúdos deles, que me incentivam sempre. A Parham, M. e K., que se riem sempre connosco. Aos meus sogros, que são os melhores avós maternos do mundo.

Por último, um grande obrigado às seguintes pessoas, pela inspiração, ajuda e, por vezes, simples companhia neste último ano: Sofia Lundberg. Christoffer Carlsson. A família Tedestedt. Kajsa Kalméus. Max Bergander. Fredrik Wikingsson. Miguel Guerrero. Anders Jansson. Klas Ekman. Stina Jackson. Marjan Svab. Pascal Engman. Attila Terek. Jay Smith. Nabila Abdul Fattah. Isobel Hadley-Kamptz. Daniel e Freja L. Johan Brennmo. Björn e Lennart Nilsson. E a todos aqueles que não mencionei, mas que não ficaram esquecidos. Obrigado!

E por fim: a todos os que leram esta saga, quero apenas dizer que espero que ela vos tenha dado alguma coisa, porque eu dei-lhe absolutamente tudo o que tinha. Obrigado por me acompanharem na viagem.